HISTORIA

DA

LITTERATURA BRAZILEIRA

MELLO MORAES FILHO.—Cancioneiro dos Ciganos, poesia popular dos Ciganos da Cidade Nova, 1 vol. in-8.° enc. 3$000, br. ... 2$000
— **Parnaso Brasileiro,** comprehendendo toda a evolução da poesia nacional desde 1556 até 1880,2 vol. in-8.° br. 8$000 enc. ... 10$000
— **Festas populares do Brazil,** 1 vol. enc. 3$000, br. ... 2$000
— **Os ciganos no Brazil,** 1 vol. enc. 3$000, br. ... 2$000
PORTO ALEGRE (Manuel de Araujo).—**Colombo,** poema, 2 vol. in-4.° enc. ... 8$000
MAGALHÃES (Dr. J. G. de) Visconde de Araguaya.—**Poesias avulsas,** 1 vol. enc. ... 6$000
— **Suspiros Poeticos e Saudades,** 1 vol. in-8.° enc. ... 6$000
— **A Confederação dos Tamoyos,** 1 vol. enc. ... 6$000
— **Cantigos Funebres,** 1 vol. enc. ... 6$000
— **Urania,** collecção de 100 poesias, 1 vol. enc. ... 4$000
PEREIRA DA SILVA (J. M.).—**Aspasia,** 1 vol. in-8.° enc. 3$000, br ... 2$000
— **Discursos parlamentares,** 1 vol. in-4.° enc. 4$000, br. 3$000
— **Jeronymo Côrte Real,** chronica do seculo XVI, 1 vol. in-8 ... 3$000
— **La Littérature Portugaise,** son passé, son état actuel, 1 vol. in-8 enc. 3$000, br. ... 2$000
— **Manoel de Moraes,** chronica do seculo XVI, 1 vol. in 8 3$000
— **Obras Litterarias e Politicas,** recordações de viagens e esboços historicos, 2 vol. in 4 ... 10$000
— **Os Varões Illustres do Brazil,** durante os tempos coloniaes, 2 vol. in-8 enc ... 8$000
— **Historia da fundação do Imperio Brazileiro,** 2.ª edição, 3 vol. in 4 ... 20$000
— **Segundo periodo de reinado de D. Pedro I do Brazil,** narrativa historica, 1 vol. in 4 br., 5$000, enc. ... 6$000
ALENCAR (Jose de).—**Alfarrabios,** chronicas coloniaes, contendo:
— **O Garatuja,** 1 vol. in-8 enc. 3$000, br. ... 2$000
— **O Ermitão da Gloria,** a alma de Lazaro, 1 vol. in-8 enc. 3$000, br. ... 2$000
— **Azas de um anjo,** comedia, 1 vol. in-8.° br. ... 2$000
— **Ao correr da penna,** escriptos politicos, 1 vol. in-8 br. 2$000, enc. ... 3$000
— **Cinco minutos, A viuvinha,** romances, 1 vol. in-8 enc. 3$000, br. ... 2$000
— **O Demonio Familiar,** comedia, 1 vol. in-8 br. ... 1$500
— **Diva,** perfil de mulher, 1 vol. in-8 enc. 3$000, br. ... 2$000
— **O Gaucho** (Senio), 2 vol in-8 enc. 6$000, br. ... 4$000
— **Guerra dos mascates** (Senio) chronica dos tempos coloniaes, 2 vol. in-8 enc. 6$000, br. ... 4$000
— **O Guarany,** episodios dos tempos coloniaes, 2 vol. in-8 enc. 6$000, br. ... 4$000
— **Iracema,** lenda do Ceará, 1 vol. in-8.° enc. 3$000 br. ... 2$000
— **O Jesuita,** drama em 4 actos, 1 vol. in-8.° enc. 3$000, br. 2$000
— **Luciola,** perfil de mulher, 1 vol. in-8.° enc. 3$000, br. ... 2$000
— **Mãi,** drama em 4 actos, 1 vol. in-8.° br. ... 2$000
— **As Minas de Prata,** complemento do **Guarany.** Episodios dos tempos coloniaes, 3 vol. in-8.° enc. 12$000, br. ... 9$000
— **A pata da Gazella** (Senio), 1 vol. in-8.° enc. 3$000, br. ... 2$000
— **O Sertanejo,** romance, 2 vol. in-8.° enc. 6$000, br. ... 4$000
— **Senhora** (G. M.), perfil de mulher, 2 vol. in-8.° enc. 6$000, br. ... 4$000
— **Systema representativo,** 1 vol. in-4.° ... 4$000
— **Til,** romance, 4 vol. in-12 enc. 6$000, br. ... 4$000
— **O Tronco do Ipé** (Senio), 2 vol. in-8.° enc. 6$000, br. ... 4$000

HISTORIA
DA
LITTERATURA
BRAZILEIRA

POR

SYLVIO ROMÉRO

TOMO SEGUNDO

(1830-1877)

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER — Livreiro Editor
71, Rua do Ouvidor, 71

1888

LIVRO IV.

Terceira epoca ou periodo de transformação romantica.

(1830—1870)

CAPITULO I.

Poesia.

O momento historico aberto agora diante de nossos olhos, —o romantismo, representa só por si quasi toda a litteratura do seculo XIX, e, todavia, ainda não ha sido bem apreciado. Distendido entre dois inimigos, dois rivaes poderosos, tem levado golpes á direita e á esquerda. Nós os homens da geração actual não assistimos a sua lucta com o classismo, pugna brilhante de que sahiu victorioso; presenciamos em compensação seu pelejar ultimo com o naturalismo e dez outras theorias, que o pretendem definitivamente enterrar.

Estas em seu enthusiasmo juvenil acreditam nada dever ao velho systema... Pernicioso erro historico. Deviam reparar que a litteratura rege-se pela lei da evolução, é uma verdadeira organisação de phylogenesis das ideias. Nada existe sem antecedentes, mesmo na evolução cenogenetica, e os antecedentes das doutrinas de hoje são justa-

mente o proprio romantismo... Mas que é, que foi o romantismo? Ha vinte respostas a esta pergunta. Apreciemos algumas d'ellas.

O romantismo foi uma reacção religiosa contra a philosophia do seculo passado. Assim pensam alguns, illudidos pelo primeiro momento da romantica franceza, a phase tolamente denominada *emanuelica*. Não póde haver maior engano em historia litteraria.

A par de alguns poetas catholicos, o systema deu-nos, por exemplo, poetas de um materialismo sem mescla. O mesmo na critica, na philosophia e no resto. Byron, Edgar Pöe, Balzac, Sainte-Beuve, Baudelaire, para não falar em Gœthe, não foram catholicos. Vamos a outra.

O romantismo, si não foi uma volta ao christianismo puro, foi certamente uma reacção contra a Renascença, um retorno ás scenas e á vida da edade media... Existe ahi muito escrevinhador de momento, especialmente em Portugal, que possue da litteratura d'este seculo essa misera noção e traça-lhe tão acanhada caracteristica. Um erro, uma triste vista superficialissima dos factos intellectuaes.

Que têm que ver Leorpadi, Musset, Shelley com a edade media?

Os movimentos de reacção e retorno em litteratura e em politica são sempre movimentos negativos, e seria um desproposito que o nosso seculo, o grande creador dos estudos historicos, o introductor em todas as sciencias do principio da historicidade, viesse alentar-se de uma poesia anachronica, emperrada, reaccionaria contra as leis do desenvolvimento progressivo das ideias. Impossivel.

Não podendo as duas fórmulas lembradas conter e explicar todos os phenomenos litterarios do tempo, imaginaram-se outras. O romantismo era o scepticismo, a duvida philosophica e religiosa levada para a poesia. Byron, injustamente, foi inventado para symbolisar esta tendencia.

Digo inventado; porque o grande Byron, ao menos cá pelo nosso mundo latino, é menos o valente poeta inglez do

que um certo typo convencional crêado pela critica franceza. Este modo de explicar o romantismo é graciosamente esteril. Schiller e Victor Hugo, Tennyson e Wordsworth ficariam fóra do quadro.

Houve recurso a outros expedientes: o romantismo é o sentimentalismo na litteratura, é a continuação da melancholia de Rousseau, distendida por todo o seculo XIX. São bem conhecidos os typos de *Werther*, *Corina*, *Adolpho*, *Olympio*, *René*, *Jocelyn*, *Lelia* e muitos outros chamados para justificar a theoria. Esta explicação é até a predominante geralmente no grande publico.

Um homem *romantico* é um typo pallido e tristonho, exhibindo magoas e desconsolos.

Uma moça *romantica* é uma creaturinha meio phantastica, de olhos langues, descoradas faces, um todo feito de sonhos e chymeras.....

Quem não vê que os delirios passageiros de um tempo não podem constituir a força, a substancia activa de uma litteratura? Não é o bom ou o máo humor dos poetas que marca a indole das doutrinas e dos systemas litterarios. O romantismo não possuio sómente chorões reaes ou affectados; teve tambem para ahi muitos espiritos equilibrados e expansivos a communicarem enthusiasmos e alegrias.

Foi preciso á critica inventar outra medida, outra toêza para marcar os poetas, romancistas e dramaturgos.

O romantismo foi o predominio da imaginação, o principado da phantasia.

Que é um livro *romantico*? E' um livro phantastico, eivado de miragens, de encantamentos, como o *Ahsavérus* de Quinet. Que é um heróe *romantico*? E' um ente raro, miraculoso, uma especie de archetypus em contraste com o mundo positivo, vivendo d'uma vida ideial.

Victor Hugo crêou uma galeria d'elles: *Bug-Jargal* *Jean Valgean*, *Quasimodo*, *Hernani*, *Cimourdin*, *Vantenac*, *Angelo*, e trinta outros.

Por menos que se deseje uma litteratura que seja uma expressão da realidade, uma notação da vida mundana,

não é possivel desconhecer a falsidade das crêações dos romances e dramas do grande lyrista francez.

Si o romantismo tivesse ficado n'aquillo, teria sido um movimento insignificante, despresivel, e o proprio Hugo, si tivesse produsido só esses disparates, seria hoje um nome esquecido, justamente esquecido.

Houve, porém, momentos em que os romanticos deixavam os sonhos e approximavam-se da realidade. Balzac foi um d'elles. Para esses o romantismo era a ultima palavra das crêações litterarias ; tinha uma base scientifica, e seu fim era representar a vida das almas humanas, a historia natural dos caracteres, como a biologia é a historia natural da vida organica nos seus dominios inferiores.

Era esta uma pretenção exagerada, em desacordo com as maiores invenções do systema.

Não estavam esgotadas as doutrinas e as explicações.

Aprendamos a natureza da theoria feita pelos seus grandes representantes. Em 1830, em artigo consagrado ás poesias de André Dovale, artigo reproduzido no prologo de *Hernani*, Victor Hugo definia a nova escola—*o dominio dq liberalismo na arte*. Si bem entendemos o poeta espiritualista, o romantismo não era uma questão de ideias philosophicas, sinão uma certa franquia na escolha dos assumptos e no modo de os tratar. Os classicos tinham assumptos, ideias e linguagem consagrados; labutavam n'um circulo estreito a remexer velhos manequins d'uma rhetorica estafada. O classismo era uma especie de pagem da velha realeza. As ideias revolucionarias abalaram os thronos, entraram pela litteratura a dentro e desconcertaram as poentas cabelleiras classicas.

Houve um grande acordar para a vida, a liberdade penetrou em todos os recessos do pensamento. Este ó grande feito do romantismo.

E' verdade em parte ; não dá, porém, toda a medida das novas tendencias. Bem cedo o novo systema teve tambem sua rhetorica vasia e retumbante, inanida e futil.

Victor Hugo bem contribuio para formal-a e diffundil-a pelo mundo latino. Ao lado e ao tempo do cantor das *Contemplações*, Alf. Musset, depois dos desvarios de 1830, ridicularisava a grande escola de que era elle um dos mais prestimosos ornamentos.

Em 1836, em artigo inserto na *Revue des deux Mondes*, satyrisava a litteratura corrente, mostrando não ter ella nada avançado além da que a precedera a não ser o emprego abusivo de adjectivos... O primeiro poeta francez d'este seculo poz o dedo em cima de uma das chagas da romantica. Espiritos de segunda e terceira classe, rabulas e mezinheiros das letras, immiscuiram-se no meio dos grandes mestres e deitaram a perder o trabalho dos progonos.

Sem ideias e sem *vis* creadora, apegaram-se ás franjas da linguagem e esvasiaram a litteratura do seculo.

A satyra do auctor de *Don Paez* e de *Porcia* attinge perfeitamente o alvo; tem a sensatez da justiça.

Comprehende-se, entretanto, não ser sufficiente o gracejo humoristico do poeta de *Rolla* para definir e differenciar um movimento litterario, que protrahiu-se por mais de setenta annos.

Mais profundo, ou antes, profundamente serio, foi o programma traçado á nova escola por Frederico Schlegel em 1794. Sabe-se que os criticos allemães excluem da escola romantica Lessing, Klopstock, Herder, Gœthe e Schiller.

O movimento romantico allemão é para elles posterior ao grande periodo classico em que floresceram aquelles grandes genios, e começou com Schlegel no anno pre-citado.

Ainda fazendo tão grande desconto, o romantismo germanico é bem anterior ao seu pretencioso irmão francez.

O manifesto litterario de Schlegel consigna como ideia capital da doutrina o approveitar-se dos ensinamentos da sciencia, da historia e da critica. E' evidentemente um prenuncio, uma antecipação ao *savantismo* ou *scientificismo* doidamente defendido por alguns máos poetas de nossos dias, especialmente em Portugal. Schlegel queria apenas fornecer á poesia armas novas; approximal-a das grandes

luctas modernas, sem despil-a, porém, de seu caracter especifico. Mal comprehendida a ideia do romantico tedesco, pode-se tombar nas mais grosseiras extravagancias. Em todo caso, seu programma não foi seguido; a poesia caminhou por um lado e a sciencia por outro.

A doutrina de Schlegel, incompleta e inefficaz para explicar a indole da poesia e da litteratura d'este seculo, foi adoptada e desenvolvida por aquelles moços, que tomaram a Heine e Bœrne por chefes, e são conhecidos na historia com o nome de *Joven Allemanha*.

Para elles o grande disideratum da litteratura do nosso tempo é luctar, pugnar pela liberdade politica, social e religiosa. Deve para tanto lançar de preferencia mão da prosa.

Será isto muito bom nos pamphletos politicos, nos escriptos de polemica, nas obras de critica. Na poesia o eterno e sediço badalar contra Deus e o Christo, contra o papa e os reis, será de muito alcance nas mãos ou na bocca dos enthusiastas e propagandistas; mas como arte, como poesia, é preferivel ir alli a um canto qualquer ouvir uma matuta cantar algumas trovas populares.

O que alguns sonhadores nossos, tomados de ancias demagogicas ou de religiophobia, julgam conquista novissima de suas cabeças, é em verdade cousa bem velha no seio do velho romantismo. Não o explica, entretanto.

Mais alentada é a ideia de quem, como Grimm, julga ser a notação fundamental da litteratura de nosso seculo— a volta de todas e de cada uma das nações ás suas creações populares.

Foi esta certamente uma das grandes obras do romantismo.

Ajudado pela critica, pela linguistica e pela mythographia, elle penetrou na região encantada das lendas, dos contos, das canções, das crenças populares. A nativisação, a nacionalisação da poesia e da litteratura em geral foi, talvez, o maior feito do romantismo. Não o explica de todo.

Tão pouco o exclarece dizer, com Zola, que sua funcção historica foi preparar a lingua para ser empregada pelo naturalismo hodierno. Rezultado inconsciente este, não constituiu jamais o programma de uma escola.

Que foi então o romantismo?

Tentemos explical-o. A differença existente entre a litteratura do seculo XIX e a litteratura dos outros tempos é a mesma que existe entre a sciencia e a philosophia do seculo XIX e a sciencia e philosophia dos outros tempos.

A evolução intellectual obedece á lei do *consensus* em todas as suas faces. Philosophia nova, litteratura nova.

Ora, a philosophia dos outros seculos estava no absoluto e a nossa está no relativo; a antiga era *apriori* e a nossa é *apostriori*. Aquella tinha um direito universal, uma grammatica universal, uma arte universal, um modelo universal para tudo; esta ensina ser o direito uma funcção da vida nacional, a lingua uma formação nacional, a poesia uma ideialisação nacional. Ha tantos direitos, grammaticas e artes originaes, quantas são as raças que dividem a humanidade.

A poesia classica tinha ideias, linguagem, forma predeterminadas; a poesia nova quebrou o molde antigo e vasou-se em tantos moldes novos, quantos povos e até quantos individuos de genio poetaram.

O romantismo foi, pois, uma mudança de methodo na litteratura; foi a introducção do principio da relatividade nas producções mentaes; foi o constante appello para o regimen da historicidade na evolução da vida poetica e artistica.

D'ahi a liberdade, a generalidade de suas crêações; elle descentralisou a litteratura; nacionalisou-a n'uns pontos, provincialisou-a n'outros, individualisou-a quasi por toda a parte.

N'este sentido largo o romantismo é a litteratura do presente e póde-se dizer que será a do futuro, não passando os systemas de hoje de resultados necessarios seus.

Foi a reforma nas sciencias do espirito, a reforma dos methodos historicos, que influio immediatamente na litteratura.

Os seus iniciadores partiram da analyse dos factos, da relatividade das cousas; sahiram do absoluto e procederam por via de inducção. Lessing reformou a critica litteraria, Winckelmann a critica artistica, Kant a critica do conhecimento, Herder a critica historica, Wolf, Heyne, Hermann, Lobeck, Kreuzer a critica mythologica. Göthe e Schiller surgiram e a poesia nova estava crêada. Movimento analogo dava-se entre os inglezes, influenciados pela philosophia de Hume.

A historia litteraria, como se escreve em Brazil e Portugal, faz partir a nova litteratura de Montesquieu, de Voltaire e nomeadamente de Rousseau. E' esquecer que o melhor das ideias de Montesquieu e Voltaire, em quem todos falam e que ninguem lê, é proveniente da Inglaterra, habitada e estudada por elles.

Rousseau, que inspirou-se na Suissa, exerceu duas influencias perniciosissimas. A politica do *Contrato Social*, abstracta, ideologica, absoluta, cujos máos effeitos a Revolução patenteou. Nada mais contrario á intuição politica de nosso tempo. A litteraria da *Nova Heloisa* e do *Emilio*, anti-humana, doentia, anti-cultural, cujos desatinos cobriram de descredito uma parte dos seus adeptos.

Rousseau não é o pae da litteratura do seculo XIX nas suas culminações. Maior influencia teve Diderot, sem comtudo ser o chefe da intuição litteraria de nossa epoca.

A teima de fazer do amigo de Madame D'Epinay o supremo inspirador das ideias do mundo hodierno é alguma cousa de analogo á mania de fazer de Carlos Magno um francez, da arte gothica um producto da Gallia, da Renascença e da Reforma umas afilhadas do espirito parisiense.

A litteratura do seculo XIX, a despeito de sua grande variedade, obedece a um principio commum; n'ella o espirito percuciente vae descobrir os fios directores de uma grande unidade de methodo e de intuitos geraes.

Na Europa atravessou periodos diversos em seu dessenvolvimento phylogenetico, e mesmo na formação ontogenica de cada um de seus grandes representantes.

Göthe e Victor Hugo, por exemplo, podem servir de bellos *especimina* de ontogenesis litterario. Atravessaram phazes diversas e são como uma especie de resumo da evolução cultural de allemães e francezes.

Volvamos as vistas para o nosso paiz.

A primeira irrupção do romantismo no Brazil, é costume dizer-se, foi o presente feito de Paris por Domingos de Magalhães de seus *Suspiros Poeticos e Saudades* em 1836, justamente no anno em que o bom Musset ridicularisava os excessos dos ultra-romanticos.

Ja provei anteriormente a falsidade d'esse boato historico. E' preciso recuar dez annos para pegar nas mãos as primeiras manifestações brazileiras da escola.

Ja as indiquei; e é inutil repetir-me agora (1).

Partamos, entretanto, de Magalhães e do anno de 1836.

Os phenomenos historicos na vida positiva das nações não se produzem em globo, nem se produzem isoladamente, como as abstracções de um quadro logico. Manisfestam-se organica e gradativamente.

O primeiro trabalho a fazer-se agora aqui, antes da caracterisação detalhada dos typos litterarios, é a notação precisa das phases da evolução.

A litteratura rege-se pela lei do desenvolvimento á maneira das formações biologicas. Ainda como ás creações biologicas, ella tem a sua lucta pela existencia, onde as ideias mais fracas são devoradas pelas mais fortes. As ideias têm todas um elemento hereditario e tradicional e um elemento novo de adaptação a novas necessidades e a novos meios.

Cada nação tem seu patrimonio de ideias representativas do seu desenvolvimento natural: é a phylogenia lit-

---

(1) Vide pag. 435 e seguintes d'esta obra.

teraria, repetindo a linguagem de Häckel. Cada grande typo tem forças e impulsos proprios, alem d'aquelles que recebe por herança : é a ontogenia litteraria, para falar ainda como o celebre naturalista.

A ideia de força e de lucta domina sempre as grandes e até as pequenas litteraturas; é o pugnar das ideias, das theorias, das opiniões; são as polemicas, a guerra intestina dos systemas. Uma litteratura pacifica é uma litteratura morta.

As letras seguem a marcha da civilisação, porque ellas são um producto da cultura e não da natureza.

Entre nós, como por toda a parte, o romantismo passou por momentos diversos. Cada momento teve seus progonos e seus epigonos.

O primeiro momento da romantica brazileira foi aberto sob a influencia de Lamartine ; é a phase religiosa, emanuelica. Domingos de Magalhães foi o progono, o chefe.

Porto Alegre, Teixeira e Sousa, Norberto Silva, João Cardoso, foram os continuadores, os epigonos.

A esta phase seguiu-se muito de perto, e póde-se dizer quasi simultaneamente, o momento do indianismo, do americanismo, inspirado por Chateaubriand e Cooper.

Gonçalves Dias foi o propulsor nunca excedido do genero.

Viu-se o curioso phenomeno de constituirem-se satelites do grande poeta maranhense todos aquelles, mais velhos, que tinham aberto a phase proximamente anterior. Foram-no durante algum tempo, deixando-o mais tarde. Alem destes, o indianismo na poesia teve muitos cultores, todos pequenos e hoje anonymos.

Não falamos no romance e no drama que serão vistos dentro em pouco.

Falamos da poesia, cujo desenvolvimento foi mais normal.

Depois do indianismo rasgou outras perspectivas ao romantismo brazileiro o genial espirito de um rapaz de vinte annos.

Vinha imbuido de ideias mais geraes, mais universaes. A poesia não era d'aqui nem d'ali. Pallida e melancholica peregrina, era a hospeda das almas ardentes em todos os tempos, sob todos os ceus, ao calor de todos os sóes, ao susurrar de todas as brisas.

Byron e Musset eram os deuzes instigadores d'esses enthusiasmos juvenis. Alvares de Azevedo foi o progono de uma immensa geração. Laurindo Rabello, Junqueira Freire, Bernardo Guimarães, Aureliano Lessa, José Bonifacio, Teixeira de Mello, Casimiro de Abreu, Bittencourt Sampaio, Franklim Doria, Bruno Seabra, Gomes de Souza, Pedro Luiz, Fagundes Varella, e trinta outros formaram em grupo em torno da figura do poeta da *Lyra dos Vinte Annos.*

O romantismo não podia esquecer-se, deixar-se morrer n'essa poesia de muitas magoas e poucas alegrias.

Novos talentos forcejaram por arrancar-nos áquelle torpor. Como acontecera nos anteriores movimentos, pediram um chefe á litteratura da velha Europa.

D'esta vez foi Victor Hugo, com o seu lyrismo ardente, arrebatador, e com seu humanitarismo sympathico, o mestre consagrado. Tobias Barreto foi o provocador do movimento. Cercaram-no em ruidoso alvoroço, n'uma especie de naturalismo lyrico e socialista, as bellas figuras de Castro Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Junior, Altino de Araujo, Castro Rebello, ao do norte do imperio; e ao sul, sob a influencia directa de Castro Alves, Carlos Ferreira, Mello Moraes Filho e alguns outros, que se abrigam no anonymato.

Foi em rigor o ultimo instante do romantismo conscientemente praticado como tal.

Depois principiaram a surgir tentativas de refórma. Sylvio Roméro (1) atacou violentamente o velho systema em repetidos artigos de critica, apresentando a fórmula de

(1) Peço licença para, como tantos outros, falar no meu nome em 3ª. pessoa.

uma poesia nova, inspirada na sciencia e na philosophia do dia. Adoptada, n'aquelle tempo, a mesma intuição pelo moço Teixeira de Souza, tem sido exagerada, especialmonte por Martins Junior e Mathias Carvalho.

Ao lado d'esse *savantismo* ou *scientificismo*, ergueu-se o lyrismo despreoccupado, visando fazer a poesia pela poesia, cultivando de preferencia a forma. Eram os seguidores de Leconte de Lisle.

E' o grupo a que se deu o nome de *parnasianos*. Inclinam-se já para um naturalismo selecto, já para os puros dominios da phantasia. Quasi toda a moderna poesia brazileira veio postar-se d'este lado da montanha. Seu representante maximo é o Dr. Luiz Delfino dos Santos.

Com ser já homem velho em idade e velho nas letras, antigo poeta *condoreiro*, nunca havia tomado parte activa em nossas luctas. Recentemente, porém, tem desenvolvido uma tal actividade e chegado a um grão tal de renome que será preciso d'ora em diante contar com elle.

Em deredor d'esse decantado poeta luctam quasi todos os moços, disse eu, e, entre outros, devo lembrar os nomes de Theophilo Dias, Raymundo Correia, Alberto de Oliveira e vinte outros com quem se hão de occupar provavelmente futuros historiadores.

Taes as principaes phases do romantismo brazileiro na poesia. No romance e no theatro a evolução não se fez tão normalmente, tão logicamente.

O romance e o theatro hão tido entre nós uma especie de desenvolvimento episodico e esporadico.

O romance teve uma phase embryonaria no velho Teixeira e Souza; assumiu as proporções de estudo social em Joaquim Manoel de Macêdo; multiplicou-se, para attender a todas as cambiantes da nossa população, em José de Alencar; adstringui-se ás populações campesinas em Franklim Tavora; tomou feições naturalistas em Aluizio Azevedo. Em torno d'estes têm gyrado, em suas respectivas epocas, Manoel de Almeida, Machado de Assis, Escragnolle Taunay, Inglez de Souza, Bernardo Guimarães, Carneiro Vilella e Araripe Junior.

O theatro mostra um desenvolvimento ainda inferior ao do romance.

Penna, Macêdo, Alencar e Agrario iniciaram a comedia, e balbuciaram o drama nacional. Não lembro agora as producções dramaticas de Magalhães, Norberto Silva, Porto Alegre e Ernesto França; porque não tiveram grande influencia.

Vel-o-emos adiante.

Os epigonos do theatro foram Quintino Bocayuva, Castro Lopes, Pinheiro Guimarães, Sizenando Nabuco, Achilles Varejão, sem falar em Machado de Assis e Franklim Tavora, mais illustres no romance e no conto.

E' este o romantimo brazileiro. (1)

Vel-o-emos especialmente na poesia, na critica, na historia, na philosophia, nas sciencias, nas artes, em todas as manifestações em summa da intelligencia d'esta nação.

O romantismo brazileiro, em seu acanhado circulo, asylou os mesmos debates que o seu congenere europeu. Seu maior titulo, a meu vêr, foi arrancar-nos em parte da imitação portugueza, approximar-nos de nós mesmos e do grande mundo.

Seu maior desenvolvimento, como se vê, é em tempos chegados a nós.

Era nos primeiros annos do reinado do actual imperador ; os dias difficeis da Regencia tinham passado ; abria-se uma epoca de grandes esperanças.

Com a inauguração do imperio, a existencia da côrte, e das sessões da camara dos deputados e do senado no Rio de Janeiro, os melhores talentos das provincias affluiram a esta cidade para onde deslocou-se o centro do pensamento brazileiro. O decennio de 1840 a 50 foi o de maior effervecencia litteraria havida no Brazil.

O estudo das revistas do tempo, nomeadamente a *Revista do Instituto*, a *Minerva Braziliense* e a *Guanabara*,

---

(1) A determinação das phases do romantismo brazileiro foi já por nós feita na *Litteratura Brazileira e a Critica Moderna*, no *Epilogo*.

facilita-nos a reconstrucção historica do romantismo brazileiro. Foi o tempo em que Magalhães, Porto Alegre, Varnhagen, Torres Homem, Penna, Macedo, Gonçalves Dias, Nunes Ribeiro, Adet, Bourgain, Noberto Silva, Mello Moraes, Pereira da Silva, Ignacio Accioli, Abreu e Lima, Joaquim Caetano, e vinte outros conheciam-se, relacionavam-se, encontravam-se no Instituto Historico, em casa de Paula Brito, ou na *Petalogica* do Largo do Rocio.

Monte Alverne ainda vivia e era uma força attractiva para essa gente. Não existia n'aquelle grupo nenhum genio de primeira grandeza; mas achavam-se ali alguns dos mais valorosos talentos que este paiz tem produzido.

O decennio anterior (1830-40) foi dos primeiros ensaios d'aquella pleiada d'escriptores. E' o que se poderia chamar a escola fluminense na litteratura brazileira.

O Rio de Janeiro é uma lindissima cidade, capaz de ser uma terra de poetas e pensadores. O homem, em lucta com a vida do espirito, precisa de procurar descanço e alentos no mundo exterior, e aqui elle os poderá achar e variadissimos.

É uma cidade de pedra como Paris, e não de tijolos como Londres. De um lado é cercada pelo mar, que lhe proporciona o bellissimo porto, semeado de ilhas e circulado de morros; de outro lado estende-se pela planicie a dentro a encontrar outras montanhas, que a fecham como em circulo. Tudo isto adereçado de viçosa e pujante vegetação; grandes pedaços de matta virgem dão-nos em muitos arrabaldes ainda hoje o espectaculo das florestas do interior.

A principio a população era séria e modesta. Depois, nos quarenta e seis annos do reinado do segundo imperador, mudou ella inteiramente de aspecto e de indole. O commercio cresceu muito; os interesses multiplicaram-se; uma enorme immigração das provincias e do estrangeiro invadiu a cidade, onde tudo tomou um aspecto transitorio e fluctuante.

Dizem que só por si este famoso Rio vale todo o Brazil... Não duvido que assim seja; porém não conheço

outra cidade no paiz menos nacional do que esta. É sem duvida a primeira na riqueza material, nos interesses de momento, nos prazeres faceis, nos arranjos politicos. Não é a primeira no amor e nas tradições da patria. Um não sei que de sceptico, material e frivolo invadiu o geral dos espiritos; o amor do dinheiro sem trabalho, o favoritismo politico e o goso mercenario das mulheres tomaram proporções assustadoras n'uma terra deposta em leito de granito, cercada de montanhas de granito, onde parece que os caracteres deviam ser de bronze e as intelligencias de ouro... A frivolidade é hoje a regra geral. Estudemos, portanto, a primeira phase do romantismo, que nos mostra ainda algumas intelligencias sérias.

Domingos José Gonçalves de Magalhães. (1811-1882).

Não darei detalhadamente a biographia d'este escriptor.

Basta-me referir que nasceu no Rio de Janeiro em 1811; formou-se em medicina em sua cidade natal, onde em 1832 publicou seu primeiro volume de poesias. Em 1833 partiu para a Europa, cujos principaes paizes visitou, tendo por companheiros, Salles Torres Homem e Araujo Porto Alegre. De volta ao Brazil em fins de 1836, anno em que publicou em Pariz os celebrados *Suspiros Poeticos*, serviu de secretario do governo nas provincias do Maranhão e Rio-Grande do Sul.

Foi deputado geral. Continuou a escrever, publicando —*Antonio José ou o Poeta e a Inquisição* em 1839; *Olgiato* em 1841; *Amancia* em 1844; *Memoria historica e documentada da revolução do Maranhão* em 1848; a *Confederação dos Tamoyos* em 1856. Abraçou a carreira diplomatica, representando o Brazil em diversos paizes da Europa e da America. Falleceu em Roma em 1882, deixando ainda publicadas outras obras.

Nenhum escriptor brazileiro fez tão rapida e tão bri-

lhante carreira; nenhum teve tanta fama, tão facil nomeada e nenhum cahio tão depressa e tão profundamente. Hoje é preciso rehabilital-o, fixando-o n'um logar definitivo.

Quando appareceram as primeiras obras de Magalhães, a imprensa desencadeou-se em louvaminhas formidolosas. Cada um queria ser ainda mais exagerado do que o seu antecessor em balançar o thuribulo e incensar o idolo. Salles Torres Homem, Norberto Silva, Manuel de Macedo, Fernandes Pinheiro, Nunes Ribeiro e Araujo Porto Alegre foram os mais empenhados n'aquelle doce lidar.

Tudo isto passou; o poeta deixou de ser lido, seu nome velou-se de esquecimento, e quando, morto o illustre brazileiro, seu cadaver aportou a esta cidade,apenas um ou dois velhos amigos se apresentaram para o levar ao descanço do tumulo...

Que lição a futuros escriptores! Houve injustiça em tanto esquecimento; houvéra antes excesso em tantos louvores. Este homem deve entrar para a historia, levando comsigo o valor exacto dos seus trabalhos. Algumas notas capitaes lhe descubro: era activo e tinha desejos de influir; por isso tentou diversos generos; o lyrismo impessoal nos *Suspiros Poeticos*, a elegia nos *Mysterios*, a epopéa na *Confederação dos Tamoyos*, o theatro no *Antonio José* e no *Olgiato*, o lyrismo subjectivista na *Urania*, a philosophia nos *Factos do Espirito Humano* e na *Alma e o Cerebro*. Era um talento serio, encarava tudo com um certo ar de solemnidade, prestes a descombar em dureza.

Era tambem grave na escolha dos assumptos. Percorram-se, por exemplo, as paginas de seus *Suspiros Poeticos*; tudo são assumptos elevados, grandiosos. A execução, porém, ficava sempre abaixo do objecto. Nenhum poeta n'este seculo se occupou de cousas tão remontadas, e tambem nenhum accumulou tanta prosa metrificada. Era um talento objectivista, nutrido de uma philosophia palavrosa e vaga, d'um pantheismo abstracto. Espirito capaz de interessar-se por grandes factos da historia e grandes

scenas da natureza, não possuia o dom de identificar-se com a grande vida do universo, e trazer-nos de lá alguma cousa da poesia eterna, que circula e se expande por toda a immensa cadeia dos seres. A natureza lhe apparecia como um organismo abstracto e prosaicamente finalistico.

Devemos estudal-o com amor e interesse, porque foi um trabalhador e porque amou este paiz. Vejamos o poeta e ouçamos o philosopho. Felizmente elle não pertence a certo grupo de charlatães, tão communs em nosso seculo, que julgam estar a grandeza intellectual em multipicar livros e livros para tormento do publico e especialmente da critica.

Magalhães não escreveu muito; suas obras completas em primorosa edição de luxo não passam de dez volumes, perfeitamente portateis. (1)

Possúe quatro producções capitaes por onde foi conhecido pelo publico brazileiro. Dão a medida dos seus talentos e dos seus defeitos. O poeta lyrico está nos *Suspiros*; o poeta epico acha-se na *Confederação;* o dramatista encerra-se no *Antonio José*; o philosopho nos *Factos do Espirito Humano.*

Definir estes livros é determinar a natureza, a indole do talento do escriptor; é desenhar-lhe a alma.

Como pensava em poesia? Elle mesmo vae nos dizer. Educado em pleno classicismo, nunca foi mais do que um classico entre os romanticos. A forma e o fundo de sua poesia são de um classismo pouco variado e pouco vigoroso.

Ha uma certa nota dura e aspera que nos fica a vibrar perpetuamente ao ouvido. Do romantismo elle tomou apenas tres sestros capitaes: fazer da poesia uma succursal da religião, maldizer systematicamente do presente, divinisar o poeta e a sua missão.

O nosso auctor é typico em cada uma d'essas manifestações morbidas da romantica.

---

(1) Refiro-me á edição Garnier das obras completas de Magalhães.

As provas são faceis ; eil-o que nos fala do caracter e da natureza de sua poesia :

« O fim deste livro, ao menos aquelle a que nos propuzemos, que ignoramos si o attingimos, é o de elevar a poesia á sublime fonte donde ella emana, como o effluvio d'agua, que da rocha se precipita, e ao seu cume remonta, ou como a reflexão da luz ao corpo luminoso; vingar ao mesmo tempo a poesia das profanações do vulgo, indicando apenas no Brazil uma nova estrada aos futuros engenhos.

A poesia, este aroma d'alma, deve de continuo subir ao Senhor; som acorde da intelligencia, deve santificar as virtudes e amaldiçoar os vicios. O poeta, empunhando a lyra da Razão, cumpre-lhe vibrar as cordas eternas do Santo, do Justo e do Bello...

O poeta sem religião, e sem moral, é como o veneno derramado na fonte, onde morrem quantos ahi procuram aplacar a sêde. Ora, nossa religião, nossa moral é aquella que nos ensinou o Filho de Deus, aquella que civilisou o mundo moderno, aquella que illumina a Europa e a America: e só este balsamo sagrado devem verter os cantos dos poetas brazileiros. » (1)

Por mais respeitaveis que hajam sido os sentimentos religiosos do nosso romantico, é dubitavel que andasse bem avisado em confundir a poesia com a religião. Emquanto a critica moderna não se convencer que existem no espirito humano tendencias diversas e irreductiveis, creadoras de outras tantas manifestações tambem diversas e irreductiveis, havemos de apreciar os terriveis desmantelos de que o nosso seculo tem sido por demais abundante. Poesia religiosa e religião poetica, arte scientifica e sciencia artistica e outras tantas antinomias grotescas, são o ridiculo de nossos dias. Todas as creações intellectuaes e emocionaes da humanidade entram n'um schema especial : religião, arte, sciencia e moral são as quatro grandes instituições da humanidade.

---

(1) *Suspiros Poeticos*, prefacio, sob o titulo—*Lêde*.

Não ha outras. A sciencia alli abrange a philosophia, e a moral encerra a politica.

E' isto, pois; existem as formações religiosas, as artisticas, as philosophico-scientificas, e as ethico-politicas. Em o espirito humano deve reinar a paz, e por isso cumpre que suas creações fundamentaes não andem em lucta; o conflicto entre ellas, conflicto muitas vezes crudelissimo, deve cessar; convem que marchem o mais possivel de accordo.

São, porém, distinctas; confundil-as é prova de estreiteza intellectual. O espirito religioso pode não ter nada de poetico; o poeta pode nada ter de religioso.

A confusão das duas cousas foi um erro passageiro do romantismo. E nosso poeta partilhou d'esse erro.

Outro abuso em que tropeçou foi a mania, igualmente romantica, de maldizer de seu tempo, sem razão para o fazer. Era uma das formas do pathos rhetorico. « Tu vais, oh livro, ao meio do turbilhão em que se debate nossa patria; onde a trombeta da mediocridade abala todos os ossos e desperta todas as ambições; onde tudo está gelado, excepto o egoismo...» (1)

Era uma das formas da vaidade do poeta. Podemos dizel-o sem receio; porque, feitas as reducções que praticamos no seu talento, ainda fica elle sendo um homem grandemente apreciavel. Aquellas palavras e outras semelhantes foram preparando a crescente indisposição do publico diante de Magalhães. Refere a tradição que, de volta de sua primeira viagem á Europa, ao avistar elle a cidade do Rio de Janeiro, saudara-a com esta imprecação: « Oh! terra de ignorantes!... » Avalie-se do encommodo causado por taes palavras no centro do chauvinismo brazileiro.

O poeta dizia a verdade; a occasião é que foi impropria. Como lyrico o livro capital de Magalhães, disse eu, são os *Suspiros Poeticos*. E' uma collecção de poesias enormes, massudas, eriçadas de prosaismos capazes de desorientar o mais

(1) *Suspiros Poeticos*, Lêde, *in fine*.

contentavel dos leitores. Foi um dos grandes defeitos do romantismo francez passados para o Brazil: o desmedido comprimento das poesias.

Quando se tem, por exemplo, contado a fortuna de haver lido um *Lied* allemão, delicioso pela forma e pelo fundo, comprimido em duas ou tres estrophes, e que se nos deparam, a *Invocação ao anjo da poesia*, *O Vate*, *A Poesia*, o *Deos e o Homem* de Domingos de Magalhães, é para deveras irritar.

São peças trotadas n'um diapasão monotono, n'uma rhetorica subalterna d'uma longura de estafar.

O fundo das ideias é um espiritualismo a Cousin com laivos de pantheismo.

Não existem galas nem effusões lyricas; o estylo é pesado, a metrica indisciplinada.

Um pedaço ao acaso:

«Quando se arrouba o pensamento humano,
E todo no infinito se concentra,
De milhões de prodigios povoado;
Quando sobre o fastigio de alto monte,
Como um colibre sobre altivo robre,
Na vastidão sidérea a vista espraia;
E vê o sol, que no Oriente assoma,
Como n'um lago em propria luz nadando,
E a noite, que se abysma no occidente,
Arrastando seu manto tenebroso,
De pallidas estrellas semeado;
Quando dos gelos, que alcantis corôam,
Vê a enchente rolar em cataractas,
Por cem partes abrindo largo leito,
Fragas e pinheiraes desmoronando;
Qando vê as cidades enterradas
A seus pés na planicie, e negros pontos
Aqui e alli m ov erem-se sem ordem
Como abelhas em torno da colmeia;
O homem então se abate; um suor frio,
Qual o suor que o moribundo côa,
Rega-lhe o corpo extactico; sua alma,
Como um subtil vapor que o lyrio exhala,

Ferido pelo raio matutino,
Da terra se levanta; e o corpo algente
Qual um combro de pó morto parece....»

E este o estylo: periodos taludos, ideias de pouca monta.

Não tem a profundeza da poesia alleman, a ideialidade da ingleza, nem os brilhos da franceza.

Tem os defeitos do systema romantico, possuindo poucos de seus meritos.

A mania romanesca de considerar o poeta o rei do homens não lhe foi estranha. Diz d'elle na peça *O Vate*

« Umas vezes soberbo, impetuoso,
Qual aguia que sublime o céo devassa,
E do céo sobre a terra os olhos desce,
Teu igneo, alado genio, no ar suspenso:
Não, oh mortaes, não vos pertenço, (exclama)
Eu sou orgão de um Deos; um Deos me inspira;
Seu interprete sou; oh! terra! ouvi-me.»

Era esta a geral importancia que os poetas romanticos suppunham caber-lhes em partilha. Uma innocente illusão e nada mais.

O nosso fluminense escreveu poesias que são verdadeiras ladainhas; é um outro defeito seu.

Eis um exemplo:

« Santa Religião, amor divino,
Que beneficios sobre a terra espalhas!
Qanto é mysterioso o Ser que inflammas!
De quanto elle é capaz!... Vejo donzellas,
Roboradas por ti, vencer a morte!...
Oh das Religiões a mais perfeita,
Oh unica de Deos, e do homem digna!
Religião plantada no Calvario,
E co'o sangue de Christo alimentada!
Religião de amor, de paz, de vida!»

Falta só juntar a cada um destes versos o respectivo — *ra pro nobis* — para termos uma perfeita ladainha. Fôra

melhor que o auctor dos *Suspiros Poeticos* pugnasse pela religião em boa prosa, deixando o verso para outros assumptos.

Nosso poeta, porem, nem sempre foi assim fraco; teve seus momentos felizes; aqui e alli se nos deparam elles em suas obras. Naquella de que falamos agora acha-se inserta a celebrada ode a *Napoleão em Waterloo*, uma das producções mais elevadas da lingua portugueza. Não é toda igual; quasi sempre, porem, é digna de apreço. Eis os trechos principaes:

« Waterloo!... Waterloo! Lição sublime
Este nome revela á Humanidade!
Um oceano de pó, de fogo e fumo
Adui varreo o exercito invencivel,
Como a explosão outr'ora do Visuvio
Até seus tectos inundou Pompéa....

O pastor que apascenta seu rebanho,
O côrvo que sanguineo pasto busca,
Sobre o leão de granito esvoaçando;
O echo da flôresta, e o peregrino
Que indagador visita estes logares:
Waterloo!... Waterloo!... dizendo passam....

Sim, aqui stava o genio das victorias,
Medindo o campo com seus olhos de aguia!
O infernal retimtim do embate d'armas,
Os trovões dos canhões que ribombavam,
O sibilo das balas que gemiam,
O horror, a confusão, gritos, suspiros,
Eram como uma orchestra a seus ouvidos!
Nada o turbava! Abóbadas de balas,
Pelo inimigo aos centos disparadas,
A seus pés se curvavam respeitosas,
Quaes submissos leões; e, nem ousando
Tocal-o, ao seu ginete os pés lambiam...

Oh! porque não vencêo? O Anjo da gloria
O hymno da victoria ouvio tres vezes;
E tres vezes bradou: E' cedo ainda!
A espada lhe gemia na bainha,
E inquieto relinchava o audaz ginete,

Que soia escutar o horror da guerra,
E o fumo respirar de mil bombardas.
Na pugna os esquadrões se encarniçavam;
Roncavam pelos ares os pelouros;
Mil vermelhos fuzis se emmaranhavam;
Encruzadas espadas e as baionetas,
E as lanças faiscavam retinindo.
Elle só impassivel como a rocha,
Ou de ferro fundido estatua equestre,
Que invisivel poder magico anima,
Via seus batalhões cahir feridos,
Como muros de bronze, por cem raios;
E no céo seu destino decifrava.....

Grouchy, Grouchy, a nós, eia, ligeiro.
Ah! não deixes teus bravos companheiros
Contra a enchente luctar, que mal vencida
Uma após outra em turbilhões se eleva,
Como vagas do oceano encapellado,
Que furibundas se alçam, luctam, batem
Contra o penedo, e como em pó recuam,
E de novo no pleito se arremessam.....

Eil-o sentado em cima do rochedo,
Ouvindo o echo funebre das ondas,
Que murmuram seu cantico de morte;
Braços cruzados sobre o largo peito,
Qual naufrago escapado da tormenta,
Que as vagas sobre o escolho regeitaram;
Ou qual marmorea estatua sobre um tumulo.
Que grande ideia occupa, e turbilhona
Naquella alma tão grande como o mundo?»

E' uma cousa singular esta poesia; não se parece com nenhuma outra do auctor. O momento psychologico que a produziu foi unico em toda a vida de Magalhães.

Todos os outros trabalhos poeticos do notavel fluminense foram feitos suavemente, pacatamente, ao correr da penna, entre uma palestra e uma chavena de café. O poeta não se alterava; conversando, ia escrevendo, e, interrompendo-se para despachar alguem, voltava sem perturbação ao trabalho.

Tinha facilidade em escrever; mas quasi sempre a facilidade oriunda da vulgaridade e da insipidez.

Assim foram escriptos os *Canticos Funebres*, a *Confederação*, as *Tragedias*.

Magalhães não era propriamente um temperamento poetico.

Bem poucas das qualidades da grande poesia elle possuia. Como lyrico é quasi illegivel. D'elle nos ficará o exemplo de constancia e amor ao trabalho. Ter-se-hão sempre em attenção os seus esforsos para dar-nos theatro, poesia epica, lyrismo e philosophia. O *Napoleão em Waterloo*, esse seu quasi miraculoso producto, garantil-o-ha contra o esquecimento. E' superior ao decantado e mediocre *Cinque Maggio* de Manzoni.

Vejâmol-o na poesia epica.

Magalhães, educado na escola classica, ficou sempre eivado dos sestros e amaneirados do systema. O romantismo, como poesia das sociedades novas, havia banido o poema epico, a pseudo-epopéa litteraria, só admissivel na civilisação occidental até o seculo XVI.

Magalhães, no falsissimo empenho de crêar-nos uma litteratura nacional, falsissimo, porque a nacionalisação de uma litteratura não é cousa para ser feita com as regrinhas de um programma; Magalhães, n'esse empenho, que deve ser um rezultado das forças inconscientes da historia, quiz dotar-nos com uma epopéa brazileira!... Para isto escolheu um episodio da conquista do Brazil, a resistencia dos tamoyos contra os portuguezes.

O episodio é bem escolhido, por ser um facto historico, por collocar frente a frente os conquistadores e os vencidos, por ser o momento da fundação do Rio de Janeiro, a grande cidade da America do Sul, e por trazer á scena a figura sympathica do padre Anchieta. Mas que prosaismo! que falta de vida! que falta de força! que situações falsas! E' um grande cartapacio em dez cantos em versos brancos, n'um estylo bronco e duro a molestar-nos de vez. Raros têm a pacienciaa de levar-lhe a leitura ao fim.

A ideia mesma do poema epico para o Brazil é uma infantilidade. Povo de hontem, sem mythos, sem tradições, sem heróes populares, pequena nação burguesa de outro dia, nós não possuimos definitivamente feições epicas.

Como representação ethnica dos brasileiros, o livro é sem prestimo, por falso e incompleto; falso, porque a pintura dos caracteres selvagens e dos colonos é inexacta; incompleto, porque falta alli o elemento negro, sem duvida a certos respeitos o mais consideravel do Brazil.

A falsidade dos typos indigenas, dos Aimbires, das Iguaçús, dos Pindobuçús e outros salta aos olhos. E' só abrir o poema e ler ao acaso São portuguezes da classe media com côres selvagens.

Representemo-nos os factos, como elles se deram. O decennio de 1830 a 40 foi o tempo aureo de Magalhães; os *Suspiros* tinham levantado barulho em 1836; o *Antonio José* havia arrancado applausos em 1838. São as duas obras capitaes do poeta, aquellas de que algumas pessoas do povo de certa cultura se lembram ainda.

No decennio de 1840 a 50 o poeta esteve quasi calado. Sahiu *Olgiato* em 41; *Amancia* em 44; a *Memoria da Revolução do Maranhão* em 48. São tres cousas inuteis, de uma fraqueza lastimavel. E' que o astro de Gonçalves Dias (1846) crescia no horisonte, e a estrella de Magalhães começava a empallidecer.

Ao decennio de 1850 a 60, já em seu declinio, pertencem a *Confederação dos Tamoyos* — 1856, os *Mysterios* — 1858, e os *Factos do Espirito Humano* n'este ultimo anno.

Então Gonçalves Dias, Macedo, Penna e Alvares de Azevedo já pertenciam á historia. As condições do meio litterario já não eram as mesmas do tempo dos *Suspiros Poeticos*. A poesia brazileira tinha ganho muito em vida, em graça e em primores de estylo.

O talento de Alencar era já uma realidade. Magalhães tinha ficado estacionario entre o imperador, Porto-Alegre e Norberto Silva no Instituto Historico.

Em nossa litteratura, então como ainda hoje, havia

um cenaculo, e aquelle era da gente do Instituto em torno do imperante, moço, enthusiasta; porem mediocre e esteril, na sua boa vontade. E, todavia, seja dito entre parenthesis, o pobre imperador deve estar afflicto pela decadencia que o cerca. Hontem eram Magalhães, Gonçalves Dias, Norberto, Porto Alegre, Varnhagen, Macedo no Instituto. Hoje são as palestras nocturnas no Collegio de Pedro 2º, com quem? Com o anonymato da litteratura!...

Retomemos o nosso ponto.

José de Alencar pegou do poema de Magalhães e fez-lhe a critica desapiedada; o tumulto foi enorme, o escandalo era inaudito. Agitaram-se Israel e Judá; poseram-se a postos os defensores do poeta. Mas foi embalde.

Soares de Azevedo, Macedo, Monte-Alverne, o proprio Monte-Alverne!... perderam seu tempo. A derrota era um facto consummado. O poeta era um homem de pouca energia para a lucta; não sahiu a campo; nada disse. Alencar ficara triumphante. Desde então o sceptro litterario passou ás suas mãos.

Os pontos de vista do escriptor cearense não eram dos mais elevados, nem dos mais correctos em critica-litteraria; mas estavam na altura de seu tempo no Brazil.

O poema é em geral fraco, e é realmente para admirar o tempo gasto por Ferdinand Wolf em o analysar e gabar. Ha em todo elle um ou outro pedaço mais elevado e mais poetico. Os melhores, a meu ver, são a descripção do Amazonas, a partida dos guerreiros pela floresta, os queixumes de Iguassú, e um pequeno trecho sobre Anchieta.

Iguassú é a amante de Aimbire, o heróe do poema. Marchando este chefe á frente de seus guerreiros a ferir a lucta com os portuguezes, a heroina assiste de sobre um monte a partida d'aquelle troço por entre a floresta. Punge-lhe a saudade, e lê-se isto no poema:

« Um ai do peito a misera soltando,
A maviosa voz dest'arte exhala:

« Só, eis-me aqui no cimo da montanha,

Dos meus abandonada; como um tronco
Despido, inutil no alto da collina,
A que os ramos quebrou Tupan co'a frecha.
Só, eis-me aqui, do velho pai ausente,
Ausente do querido bem amado,
Como viúva, solitaria rola
Em deserto areal seu mal carpindo!
Ainda hoje o caro pai vi a meu lado;
Ainda hoje o amante eu vi!.. Fugiram ambos,
Velozes como os cervos da floresta:
Ja fui feliz ; mas hoje desgraçada!.... »

E os echos responderam—desgraçada!

« Desgraçada!... E ainda vivo ? Antes á guerra
O pai e o bravo amante acompanhasse;
Ouvindo sua voz, seu rosto vendo,
Acabar a seu lado melhor fôra. »

E os echos responderam—melhor fôra !

« Genios, que as grotas povoais e os valles,
Genios, que repetis os meus accentos,
Ide, e do amado murmurai no ouvido
Que a amante sua de saudades morre. »

E os echos responderam—morre... morre !

Morre.... morre ! soou por largo tempo.
O canto cala um pouco a triste moça,
Murmurando dos echos o estribilho,
Como si algum presagio concebesse.
Os negros olhos de chorar cançados
Co'as mãos ella os enxuga; mas de novo
Desses doridos olhos as estanques
Lagrimas brotam, que lhe o peito aljofram ....
Como goteja em bagas abundantes
Da fendida tabóca a pura lympha....
Suspira e geme, e continúa o canto;
Mas temendo que os echos lhe respondam,
Em meia voz começa compassada:

« Porque tão cedo, oh sol, hoje raiaste ?
Porque flammejas como accesas brazas ?
Ah ! tu me queimas; teu calor modera,
Que na marcha os guerreiros enlanguece.

D'esta terra que é tua, d'estes bosques,
Que após da enchente do geral deluvio
Plantou Tamandaré para seus filhos,
Hoje os Tamoyos em defeza marcham.
Tamandaré foi pai dos avós nossos;
Sempre Tamandaré a ti foi caro;
Tu, oh sol, o aqueceste na velhice;
Aquece os filhos seus; mas oh! não tanto.

Olhos meus, de chorar cançados olhos,
Que tendes mais que vêr? Já não distingo
Naquelles densos bosques os guerreiros,
Entre os aribibás e as sapucaias.
Nada mais vejo que prazer me cause.
Só estou sobre a terra! Vinde, oh feras!
Não ha quem me defenda: vinde ao menos
Menos dura é a morte que a saudade.
Sim, morrerei»

E mais dizer não póde;
Em meio de um gemido a voz faltou-lhe.
Os labios lhe tremiam convulsivos,
Como flôres batidas pelos ventos.
Cruza os braços no collo, os olhos cerra,
Pende a fronte, e no peito o queixo apoia,
As derretidas perlas entornando.
Tal n'um jardim a pallida açucena
De matutino orvalho o calix cheio,
Si o zephyro a bafeja, a fronte inclina,
Puros crystaes em lagrimas vertendo.
Não sei si dorme, ou si respira ainda;
Mas parece entre pedras bella estatua,
Que do abandono o desalento exprime!
O sol, que ao resurgir a vio chorosa,
N'esse mesmo logar chorosa a deixa» (1)

E' este o tom do poema em seus melhores pedaços; é evidentemente bem pouco epico.

Magalhães procurou influir tambem no theatro. Ahi o *Antonio José ou o Poeta e a Inquisição* dá a medida de seu talento.

---

(1) Confederação dos Tamoyos, C. IV.

Ainda n'este ponto o poeta não foi um romantico emerito. Estes baniram a tragedia em favor do drama; o nosso fluminense não esteve por isso e presenteou-nos com productos do genero.

Antonio José, interpretada pelo grande talento de João Caetano e Estella Sezefreda agradou bastante nos annos de 1838 e proximamente posteriores. (1)

Doe-me ainda n'este ponto censurar o poeta. Sua tragedia é uma obra incolor, sem vida, sem um só typo verdadeiramente accentuado, sem acção dramatica. E' um desconcerto perpetuo. Marianna tem um caracter dubio; não se pode bem vêr si ella é simples companheira e amiga de Antonio José, ou si verdadeira amante.

Antonio José, o protagonista, o esperituoso judêo das *Operas Portuguezas*, o gaiato brazileiro dos *autos*, é transformado n'um raciocinador pedante. Fala uma linguagem impossivel em Portugal em principios do seculo passado. O conde de Ericeira é um Mecenas pacato, medroso, sem talento e sem influencia no meio politico que o cercava. Frei Gil é um Lovelace de roupeta, sem graça, sem habilidade, transformado depois n'uma Magdalena arrependida. Vi a tragedia em scena em Pernambuco em 1868 ou 69 bem executada por artistas de talento. No palco illude um pouco: lida é lastimavel quasi.

De toda ella ficaram mais ou menos na memoria dos que a ouviram aquelle verso da scena II do III acto entre Antonio José e o Conde de Ericeira—

« Nasce de cima a corrupção dos povos »

e aquelles da mesma scena um pouco anteriores—

« Poeta que calcula quando escreve,
Que lima quanto diz, porque não fira,
Que procura agradar a todo o mundo,
Que, medroso, não quer aventurar-se,
Que vá poetizar para os conventos. »

---

(1) A tragedia foi representada pela primeira vez em 1838, e sahia publicada no anno seguinte.

O seguinte monologo de Antonio José na scena 1ª. do V acto não é máo:

«Morrer... morrer... Quem sabe o que é a morte...
Porto de salvamento ou de naufragio!....
E a vida? um sonho n'um baixel sem leme...
Sonhos entremeados de outros sonhos,
Prazer, que em dôr começa e em dôr acaba.
O que foi minha vida e o que é agora?
Uma masmorra alumiada apenas,
Onde tudo se vê confusamente.
Onde a escassez da luz o horror augmenta,
E interrompe o recondito mysterio.
Eis o que é a vida!... Mal que a luz se extingue,
O horror e a confusão desapparecem.
O palacio e a masmorra se confundem,
Completa-se o mysterio.... Eis o que é a morte»

Rara era a composição do poeta fluminense em que elle não vasava uma metaphysicasinha tirada do eclectismo francez. Na tragedia de que falamos o protagonista quasi não abre a bocca que não seja para ensinar metaphysica aos seus companheiros. Seria preciso transportar para aqui a mor parte da tragedia, si o quizesse provar praticamente. Vejam — 1º acto, scena V, onde começa — *Sim, dizes bem, ladrões... ladrões, sicarios*; 2º acto, scena IV, onde começa — *Ha dias aziagos, em que o homem*: 3º acto, scena II, onde diz *Eis dos homens a fraca natureza!*... ou no mesmo acto e scena este pedaço que é transcripto para de uma vez dar-se uma exacta ideia do defeito assignalado:

« Sim, a philosophia! Onde está ella?
Termo pomposo e vão!... Quereis que eu chore
Como Heraclito sempre atrabiliario,
Aborrecendo os homens com quem vivo?
Ou que como Democrito me ria
De tudo quanto vejo? Por ventura
Nisso consiste a natureza humana?
Quereis que eu seja estoico como Zeno?
Que diga que não soffro, quando soffro?
Por ventura não somos nós sensiveis?
Quereis que de Epicuro as leis seguindo,

Só me entregue ao prazer, ou que, imitando
A Crates e a Diogenes, me cubra
Com rôto manto, viva desprezado,
Sem me importar co'as cousas d'este mundo,
Como o cão que passeia pelas ruas?
Si eu vou seguir de Socrates o exemplo,
Pugnar pela razão, a morte é certa. »

E' assim a poesia dramatica do celebrado fluminense.

Si no lyrismo as galas e os mimos da natureza cediam o logar ás tiradas raciocinantes de um metaphysicismo sem força, no drama em balde procurareis a vida subterranea d'alma humana, essa alguma cousa de tenebroso que os grandes genios vão encontrar sob as douraduras exteriores do viver social dos individuos.

N'essa pintura, digo mal, n'essa revelação que se faz por actos e não por descripções, é que vai a força dos grandes dramatistas. D'ella Magalhães não teve nem siquer o presentimento.

Vejamos, por ultimo, o philosopho e concluamos.

Nesta esphera o escriptor fluminense deixou-nos tres obras — *Factos do Espirito Humano, A Alma e o Cerebro, Pensamentos e Commentarios.*

A primeira é a mais importante, analysal-a é conhecer a philosophia do nosso autor.

Os *Factos do Espirito Humano* appareceram em Paris em 1858.

O poeta, como disse, entrelaçou aos vôos, um pouco amortecidos, de sua imaginação pedaços de sua metaphysica; o philosopho exhibiu-nos provas de uma poesia desgraciosa nas paginas do seu livro.

Na historia dos dous dominios intellectuaes em que se exercitou não póde fazer uma figura muito eminente, como á mania patriotica quiz a principio parecer.

Magalhães foi um romantico e um velho espiritualista catholisante.

Dotado de pouco vigor de imaginação, não teve brilhos de estylo; pouco profundo, não devassou seriamente ne-

nhum dos segredos da sciencia. Seu melhor livro de poesias é, como vimos, de 1836; elle balbuciava então as primeiras palavras de um systema litterario já decadente, cujos corypheus já eram vultos da historia.

Quando appareceu como philosopho, foi cousa para sorprender a todos, que o suppunham alheio ás especulações profundas, e que deviam ter notado a sua incompetencia para as graves questões.

Os *Factos do Espirito Humano*, com ares de um quadro da philosophia de nosso tempo, são uma velleidade. O autor, que, desde algum tempo, vivia na Europa, devendo estar em dia com a sciencia da epoca, e affirmando estar, afigura-se-nos alli mui debil. Seu livro é uma especie de cantilena declamatoria, onde não se nos depara um methodo scientifico, nem a segurança e a elevação das idéas.

Como é que o Visconde de Araguaya, ha tão pouco tempo!—com a pretenção de «aventurar-se em novas theorias, tratando de todas as grandes questões da philosophia; expondo os systemas mais acreditados e aceitos; refutando os que lhe pareciam contrarios aos factos, e procurando por um modo diverso do que o fizeram outros, resolver com a maior clareza que lhe foi possivel algumas difficuldades», mostrou-se tão fortemente atrás dos grandes pensadores, então já vulgarisados?!

Si a lei suprema porque deve a historia julgar dos homens e escriptores, é aferil-os pelo grão de desenvolvimento da época em que floreceram, claro é que Magalhães não sae muito engrandecido da operação da critica. Não passou de um discipulo de Mont'Alverne, desenvolvido por Cousin. Disse elle que ouvio a Th. Jouffroy, em Paris; não parece.... Quanto dista do pensamento profundo e do estylo sobrio do insigne eclectico? Foi um escriptor quasi vulgar, sem elevação de idéas, sem firmeza de doutrina, sem finezas de analyse, sem habilidade de fórma. Girou n'um circulo de raio tão curto, que não pôde enchergar os grandes astros que hão illustrado o nosso seculo. Todos os nobres espiritos que esclareceram comsua luz a Allemanha, a

Inglaterra, a Italia e a França em nosso tempo, o Visconde de Araguaya os não referio, e, todavia, veio dizer-nos que expunha as theorias mais acreditadas e seguia a philosophia que mais exalta o espirito humano!...

Como todo o romantico desconsolado e impertinente, elle insultou o nosso seculo; porque bem o não comprehendeu. Já é tão sediça e inaproveitavel certa maneira de insurreição contra nosso tempo, que até um escriptor de minima estatura deve fugir de repetil-a: é d'esse appello para o materialismo industrial e outras momices da especie que falo. O nosso autor a empregou como quem estava ás voltas com uma novidade. Publicou o seu livro, que trata de verdades moraes,porque «não falta quem cure dos interesses materiaes; quem com escriptos os aconselhe, com discursos os apregoe, com obras os promova, com vantagens e lucros excite a cobiça a procural-os, e não será elle de mais no meio de tanto materialismo industrial!» (1)

Vê-se, por esta passagem sermonatica,que Magalhães, como todos os pequenos poetas, foi pouco escrupuloso em repetir as antigualhas desprestigiadas.

O hegeliano Vera, sem dar-se aliás por grande escriptor, para fugir á vulgaridade, cahiu no extremo opposto tambem criticavel; «não quero ser o censor de meu tempo, porque eu tambem sou de meu tempo», disse elle. A escolher entre os dous extremos, antes este ultimo com todos os seus prejuizos, do que a choraminga banal dos companheiros de Araguaya. Fazem estes uma impressão ainda mais incommoda do que a dos optimistas estolidos que nos andam, a cada instante, a badalar sobre as maravilhas da época. Por falar occasionalmente no professor de Napoles, vem a proposito para medirmos por elle o nosso philosopho.

Este foi um eclectico ferrenho, como Vera é um hegeliano fanatico; entretanto,que distancia não vai entre a vasta collecção de obras do espirituoso italiano e os livros magros do escriptor brazileiro! O napolitano abre francamente

(1) *Factos do Espirito Humano,* prologo.

lucta com os mais notaveis pensadores que são adversos ao seu systema. Schopenhauer, Hartmann, Strauss, Darwin, entre tantos outros, soffreram-lhe os golpes; e, si as suas razões nem sempre são das mais nutridas, o ridiculo que joga aos contrarios é sempre bem aproveitado. No brazileiro ha ainda mais fraqueza scientifica, e de todo anda ausente o espirito.

Tenho pressa em desvendar a celebre exposição da sensibilidade, o que elle chama a sua theoria nova.

O livro começa por uns capitulos onde o autor tratou de generalidades da philosophia, como elle a entendia e discutiu, inspirado em Cousin e depois delle, os systemas de Locke e de Condillac. Recuando até ao capitulo 8°, seja-me dado estudal-o ahi. E' onde se acha a *nova* theoria da sensibilidade e os novos achados de nosso autor são muito interessantes.

Consistem nisto: elle é um duo-dynamista, como tantos outros; admitte duas entidades immateriaes no homem, a *alma* com o pensamento e a vontade, e a *força vital*, que se encarrega da vida, e a que elle attribue a faculdade de sentir. Neste ultimo ponto é que suppõe-se original; todos os mais assertos seus confessa implicitamente que são velhos na historia da philosophia.

Não é muita cousa, e, si soubermos que Ahrens, no seu *Curso de Psychologia* publicado em 1835, já emittira mais ou menos aquella doutrina, a pretendida novidade se reduz quasi a nada.

Tal foi; Ahrens admittia que o corpo tem como sua a sensibilidade, além de certo conhecimento que lhe é proprio e para o qual o espirito nada contribue.

Ao corpo por si pertencem, segundo o celebre publicista hanoveriano, a sensibilidade e a imaginação «distincta do *eu*, a qual póde crescer no cerebro, e o espirito perceber objectos que elle não produziu, ou para os quaes cooperou fracamente.» (1)

---

(1) Ahrens, *obra citada*.

Magalhães não contesta o papel importantissimo dos nervos e do cerebro na producção das sensações; mas para elle estes orgãos são instrumentos de um principio superior. Qual é? A alma, respondem os espiritualistas em côro. A força vital, responde o philosopho-poeta, folheando talvez as paginas do livro esquecido de Ahrens.

De todos os obstruidores do terreno da sciencia são os mais perigosos os sectarios, como o nosso autor, dessa *triada* no homem: um corpo, uma força vital e um espirito. O corpo alimenta-se, a força vital vive, e a alma pensa e quer. E' o requinte do regimen teleologico ou dualistico em o homem e no universo.

O nosso compatricio, inclinado ao idealismo e ao mysticismo, como veremos, julga que é muito grosseiro e mundano a alma sentir, como já foi-lhe por Tobias Barreto ponderado, e atira esse pesado encargo para o seu companheiro terrestre, o principio vital. (1)

O *vitalismo* é uma doutrina biforme e incommoda; o *animismo* é mais logico; ambos desapparecem confusos diante da concepção de Rostan. (2)

O autor dos *Suspiros Poeticos*, que, apezar de medico, dá mostras de não conhecer este distincto collega, é bastante atrazado; meio polytheista, delicia-se em admittir as entidades.

Não é do numero daquelles, que julgam-se forçados a abandonar a entidade *transcendental — alma*, como se exprime Herzen, e contentam-se com a outra, especie de soberana immaterial, que preside aos phenomenos vitaes. (3)

---

(1) Artigo de Tobias Barreto sobre os *Factos do Espirito Humano* de Magalhães, inserto no *Jornal do Recife*, em 18[illegible]. E' pena e verdadeiramente lamentavel para as letras nacionaes que a variada collecção de artigos daquelle sabio brazileiro esteja até hoje jazendo pela mór parte dispersa nas paginas dos jornaes de Pernambuco. Ha nelles muita cousa que ainda hoje seria verdadeira novidade para o publico fluminense.

(2) *Exposition des Principes de l'Organicisme*, 2me édition, Paris, 1846.

(3) *Fisiologia della voluntá*, pag. 6.

Não, elle só está satisfeito com ambas. E' o requinte do metaphysicismo. Não entra no plano deste trabalho o estudo do que seja a vida ; não temos, pois, que apreciar o quanto é inadmissivel a concepção de Barthez e Lordat, tão plenamente admittida pelo poeta dos *Canticos Funebres*.

Fugindo ao prazer que dar-me-hia a exposição das ideias de L. Rostan, hoje abandonadas pela theoria de uma materia já de si viva, a chamada theoria do carbono ; fugindo á opportunidade de apreciar a invectiva de Littré contra os que consagram a doutrina de ser a vida uma transformação das leis physico-chimicas (1), concedamos ao escriptor brazileiro a existencia de um principio vital, distincto e independente do corpo e d'alma e vejamos os motivos porque lhe attribue o privilegio da sensibilidade.

O digno philosopho em 1858, estava n'um ponto de vista mais atrazado do que Jouffroy em 1830, quando escreveu a memoria sobre a *Legitimidade da separação da psychologia e da physiologia*.

O auctor, *apriorista*, não sente-se muito obrigado a provar as suas asserções ; eis a segurança com que estabelece a premissa de sua argumentação :

« A existencia de uma força immaterial que organisa o corpo é tão incontestavel, como a existencia de um espirito que pensa, e que não tem consiencia de ser elle quem organisou o seu corpo, e quem opera no interior dos orgãos d'elle.» (2)

O obscuro pelo mais obscuro.....

A existencia na terra de um diplomata da lua é tão incontestavel, como o é no interior de nosso globo a existencia do inferno, que não tem consciencia de ser elle quem ergueu-lhe na superficie as montanhas !...

Emfim.... concedido : existe o que o philosopho quer. Ouçamol-o ainda :

« A sensibilidade está na força vital. E' essa força

---

(1) *Médecine et Médecins*, 2me édition, pags. 355 e 56.

(2) *Cap.* 8°.

quem se modifica e produz a sensação que se apresenta á nossa alma.» (1)

Esta proposição parecia uma grande novidade; cumpria ao pensador proval-a, e porque não fazel-o, quando « infelizmente em favor do que elle diz não póde citar a opinião de nenhum philosopho antigo ou moderno, pois todos de commum accôrdo attribuem á alma a sensibilidade? »

Elle pretende justificar a sua descoberta, e devemos apreciar, d'um a um, a força de seus argumentos.

« Si a sensibilidade, diz, estivesse n'alma intelligente e livre, de cada vez que ella se lembrasse de uma sensação a sentiria de novo; como de cada vez que se lembra de uma concepção a concebe de novo; mas si se lembra de uma dôr, ou de um cheiro, ella não os sente de novo; e quando se lembra de uma côr, não a vê e só a representa em um objecto qualquer percebido por ella.» (2)

Já foi ao philosopho demonstrado, por um dos seus criticos, (3) que este argumento é futilissimo, nada vale. Prova de mais, por quanto a prevalecer o seu dito, fôra mister despojar tambem a alma humana da vontade! De certo, quando nos lembramos de uma volição passada, não a queremos de novo.

Mas isto não basta; preciso é dizer ainda ao auctor de *Olgiatho* porque é que, ao lembrar-nos de uma concepção, a concebemos de novo, e o mesmo se não dá com a sensação. Não é necessario pedir auxilio a uma ordem scientifica superior para fazel-o. Pois não viu o philosopho que, sendo, segundo ensina a sua propria escola, a memoria uma faculdade intellectual, uma vez que evoca phenomenos do entendimento, está dentro do circulo a que pertence, e aquillo que reproduz apparece em seu caracter primitivo?

Por outros termos, quando a memoria se exerce, em

---

(1) *Cap. citado.*

(2) *Loco cit.*, pag. 159.

(3) O citado Tobias Barreto no *Jornal do Recife*, em 1869, no referido artigo.

tal caso, é sobre factos pertencentes à ordem intellectual, e estes se apresentam como são, isto é, como idéas.

Outrotanto não se dá quando se exerce sobre factos que pertenceram à sensibilidade ou à vontade. N'este caso, ella resuscita só aquillo que é de sua alçada, a idéa da sensação ou da volição, e não estas em si mesmas.

Magalhães queria que ella fosse adiante e resuscitasse os proprios phenomenos de uma esphera estranha, isto é, queria que nós todos fossemos uns allucinados!

A razão physiologica do que acabo de referir o nobre poeta devia conhecer. Devia saber que nos phenomenos da memoria não se agitam as partes do cerebro onde trabalham a sensibilidade e a vontade.

Só a fraqueza d'este primeiro argumento do nosso escriptor dispensava-nos de ir adiante. E', porém, necessario proseguir e examinar os outros motivos que allegou.

« O engano dos philosophos, que fazem da passividade de sentir uma faculdade da alma humana intelligente, provém de que a alma parece ter conhecimento das sensações, e immediatamente sentil-as. Mas a consciencia de uma sensação nada mais é do que a consciencia da percepção de alguma cousa acompanhada de sensação. » (1)

No terreno da psychologia, contesto que não haja consciencia das sensações, e sim sómente das percepções que as acompanham.

Existem sensações perfeitamente conhecidas pela consciencia, que não lhe trazem a percepção de cousa alguma; a sensação de dôr, por exemplo, na maioria dos casos.

O digno medico devia conhecer o estado, que os physiologistas denominam *hypocondria*, no qual até as sensações geraes não localisadas tornam-se patentes à consciencia, sem todavia trazerem a percepção de objecto algum.

Mas nem é preciso recorrer a um estado pathologico para patentear o engano dos *Factos do Espirito Humano*.

(1) *Loco cit.*

Basta recordar que a sensação especial de cheiro, em muitos casos, não nos refere a percepção de um objecto. Podemos sentir o aroma de uma flôr sem que a vejamos e saibamos qual ella seja. A percepção é que nunca se dá sem a sensação, que se póde executar sem aquella.

Até em casos morbidos a percepção vem acompanhada de seu inseparavel appendice. Nas *allucinações* dá-se a percepção sem objecto exterior, mas sempre seguida de sensações, quaesquer que ellas sejam. São até estas as falsas sensações que originam as falsas percepções, ou allucinações psycho-sensorias. A que reduz-se, á vista disto, a argumentação de Magalhães? Elle nada provou, limitando-se a affirmar gratuitamente. Repitamos-lhe que as sensações, até pelo orgão da sciencia mais cheia de desabusos, são declaradas actos da consciencia, ainda que esta ultima tenha sido, até agora, inexplicavel em sua intimidade.

« Nós podemos, diz Huxley, classificar as sensações com as emoções, as volições e os pensamentos na cathegoria dos *estados de consciencia*. O que vem a ser a consciencia de um acto que se passa em nós, ignoramol-o. Como acontece que um phenomeno tão notavel, qual a apparição da consciencia dos actos se patenteie como o resultado da irritação do tecido nervoso, nós não podemos conhecer, nem mais nem menos do que a apparição dos Djins, quando Aladino sopra a sua lampada. E, depois, todos os factos *ultimos* da natureza acham-se no mesmo caso. » (1)

E' esta a verdade das cousas, é este o respeito da sciencia, quando manejada por espiritos da tempera do insigne naturalista philosopho.

Magalhães, com grãos abaixo do illustre experimentador, recusou á consciencia o conhecimento da sensação, sem dar, para tanto, prova séria.

Custa-me até comprehender como lhe pôde entrar no pensamento a possibilidade de ter-se a consciencia de uma percepção sem, ao mesmo tempo, haver a da sensação que

(1) *Lições de Physiologia Elementar*, pag. 210. Traduc. de Dally.

a origina. Seria bom que o philosopho fosse mais explicito n'este ponto.

Depois de acabar o Cap. 8º de seu livro, como o tinha começado, por uma serie de quasi banalidades, o autor passou ao Cap. 9º, onde exhibio o seu mais famoso argumento. As ninharias com que abrio aquelle capitulo são umas inopportunidades sobre a ordem dos sentidos exteriores no tocante ao auxilio que elles prestam á intelligencia; aquelles com que o fechou são umas objecções que, fingio, se lhe fariam, e ás quaes respondeu antecipadamente.

A principal consiste n'uns considerandos sobre uma experiencia de Flourens.

O autor simula que alguem lhe diga: os bellos achados do naturalista francez, que tanto apreciaes, achados com os quaes provou que si a um animal tirarem-se os dous lobulos cerebraes, elle perde todos os sentidos, deixa de ver e de ouvir; perde todos os instinctos; não sabe mais defender-se nem abrigar-se, nem fugir, nem comer; perde emfim toda a intelligencia, toda a percepção, toda a volição, toda a acção espontanea; estas bellas experiencias vos são contrarias, porque requerem tambem para o animal uma intelligencia além da faculdade de sentir, uma percepção, uma livre vontade e consciencia, e, portanto, uma alma, que se serve do cerebro, como instrumento... (1)

E' esta a objecção a que tem de responder.

Parece que estamos assistindo a um dos saráos philosophicos, que tinham logar no Rio de Janeiro no tempo da mocidade de nosso autor, e que são por elle tão elogiados na sua *biographia* de Mont'Alverne. (2)

Alli o velho franciscano fazia proesas e o poeta da *Urania*, ainda em embrião, discutia si os animaes têm *alma!...*

O philosopho sophysticou; presentiu que a physiologia cerebral lhe é adversa, e, para quebrar o valor da

---

(1) *Pag.* 166 e 167.

(2) *Opusculos Historicos e Litterarios.*

opposição, pejou-a de consequencias, aos olhos de sua gente absurdas, para sahir assim victorioso.

Ninguem, a não ser algum desasisado, iria das experiencias de Flourens concluir que o animal tem liberdade e alma, quando, em todo o caso, no proprio homem são ambas, liberdade e alma, questão aberta, e a sciencia não parece muito disposta a reconhecel-as pelo velho methodo e no velho estylo. Não é tal a conclusão que se deve tirar daquellas premissas para ir-se ao encontro de Magalhães.

Basta concluir que os animaes, sem a velha alma, têm uma intelligencia, como têm uma sensibilidade, cousa que ninguem sinceramente atreve-se mais hoje a contestar; basta, sobre tudo, concluir que de certos elementos do cerebro depende a sensibilidade, como d'elle depende a intelligencia, não tambem como declamava a velha metaphysica materialista; mas segundo ensinam os que pensam como Ludwig Noiré.

Magalhães phantasiou argumentar com algum pobretão d'ideias para melhor levar-lhe vantagem.

A questão hodierna, já decidida, sobre os animaes não é si *elles* têm ou não *alma*, e sim em que grão possúem intelligencia e quanto, e como, distam do homem. Para o insigne e inestimavel Haeckel os animaes superiores têm todas as propriedades, que nós outros costumamos a chamar *espirituaes*, por consagração da lingua, propriedades que só differem das do homem quantitativamente e não *qualitativamente.* (1)

O nobre visconde devia ser bastante atilado para conhecer a differença dos dous pontos de vista.

Prosigamos.

Nas primeiras paginas do *cap.* 9º os *Factos do Espirito Humano* encerram o seu mais vigoroso argumento. Achilles vai sahir a campo. Eil-o : « Para que uma cousa se distinga de outra é necessario que ella não seja a cousa

(1) *Naturliche Schöpfungsgeschichte*, Lição 10ª, Berlim, 3ª edição.

mesma da qual se quer distinguir. Nada se distingue de si mesmo, senão daquillo que não é elle.» (1)

E' esta a proposição erigida pelo philosopho em principio geral, e que serve de maior ao seu arrasoado.

« Ora, si o *eu* fosse sensivel, prosegue o autor, e recebesse a sensação como uma affecção, ou modificação sua, elle não se distinguiria della, elle seria a sensação mesma, como bem disse Condillac ; não teria por conseguinte percepção alguma ; e mil sensações diversas que n'elle se succedessem iriam passando, e elle, modificando-se de sensação em sensação, seria sempre a ultima, sem distinguir-se de nenhuma. » (2)

Tudo isto não se dá ; o *eu* se distingue das sensações, logo ellas lhe não pertencem. A tanto queria chegar o argumentador *in barbara*.

Eis um resultado esdruxulo da velha metaphysica ; o motivo de taes e tão crassos enganos é a *aprioristica* noção de *causa* que tinha o nosso auctor.

Diz que não nos distinguimos de nossas affecções ; que uma nossa *idéa* somos nós mesmos pensando ; uma nossa *volição* somos nós mesmos querendo...

Certamente não nos podemos distinguir de nossas affecções, si por distinguir entender-se, como queria Magalhães, separar-se no todo, formando existencias e substancias á parte.

Esta, porém, não é a verdade das cousas; abstracta, e até concretamente, eu me distingo de minhas idéas e volições, como me distingo de minhas sensações. Sim; minha intuição do mundo e da realidade admitte perfeitamente que eu me distinga, por exemplo, da *idéa* que fórmo do *Aimbire* de Magalhães. Tanto é isto verdade que, desapparecida a idéa, eu ainda persisto tão integralmente como d'antes.

Não se comprehende a razão porque o nobre auctor abriu uma excepção em desfavor das sensações; destas o *eu*

(1) Cap. 9•.

(2) *Idem, ibid.*

se distingue: do mais não, segundo elle. Porque? A resposta não é capaz de tranquilisar a qualquer. O *eu*, phantasiado aqui como especie de entidade nebulosa, se distingue das sensações, porque as objectiva, diz o sabio brazileiro...

Ora, outrotanto, pergunto, não se dará com a volição e a idéa?! Será certo que estas tambem se não objectivam? A idéa que formava o nosso escriptor do seu vulto de gigante, que

« *entre os seus marechaes ordens dictara* »,

não estaria objectivada? A idéa que, como poeta, phantasiou do vencido de *Waterloo* não o teria sido nunca?

N'este declive da espiritualidade à antiga elle foi direito ao mysticismo, e nos ultimos capitulos de seu livro assegurou-nos que não temos certeza da existencia real do universo, e que pensamos n'elle, porque é um pensamento de Deus, que nol-o communica, com a mesma arte e pela mesma fórma porque o magnetisado percebe as idéas que vão pela mente do magnetisador!

Esta recente transformação da *visão em Deus* do padre Malebranche, ou [illegible] de Cousin, acho-a tão mirrada que não julgo digna de um exame.

O philosopho [illegible]. (1)

Manoel de Araujo Porto Alegre (1806-1879).

Este escriptor ainda não foi bem estudado. Coberto de exagerados elogios pela velha critica do paiz, alçado ao setimo céo por Fernandes Pinheiro e Wolf, é quasi totalmente desconhecido pelo publico. Sabem mais ou menos vagamente que foi autor de uma collecção de versos sob o titulo de *Brazilianas* e de um enorme poema em dous volumes sobre *Colombo*. Hoje a idéa geralmente aceita é a de ser esse homem a encarnação da poesia prosaica, empolada, campanuda. Entretanto, é preciso rever estes juizos e estudar o amoravel rio-grandense com doçura e imparcialidade.

---

(1) Cf. A minha *Philosophia no Brazil*.

E um tal estudo não é facil, como, á primeira vista, a leviandade pode suppor.

Araujo Porto Alegre teve uma vida trabalhada e exercida em mais de uma actividade. Foi pintor, architecto, poeta lyrico, poeta epico, dramatista e critico. Seus productos de pintor e de architecto estão quasi esquecidos.

Não são de uma grandeza que se imponha; o sello da vulgaridade tornou-se alli irrecusavel. Os principaes d'entre elles são: um Hercules na fogueira, um retrato de D. Pedro I, o quadro da fundação da Academia das Bellas-Artes, a antiga decoração do theatro de S. Pedro de Alcantara, a galeria da Sagração de D. Pedro II, o plano da igreja de Sant'Anna e o Banco do Brazil. O desenho é bom; a pintura de pouca vida, e a architectura sem audacias e sem originalidade.

Os ensaios de Porto Alegre para o theatro são tambem de pequena monta. Não assim os productos do lyrista, do epico e do critico.

Por elles é que o insigne rio-grandense é um immortal para este paiz. E' onde vai ser o centro de nossas apreciações. A biographia do autor de *Colombo* vem muito bem traçada em Fernando Wolf, sobre apontamentos fornecidos pelo proprio escriptor. Darei uns ligeirissimos toques.

Porto Alegre nasceu no Rio-Pardo, em Rio-Grande do Sul, em 1806; estudou humanidades na capital da provincia. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1826. Estudou pintura com João Baptista Debret; viajou a Europa de 1831 a 37. De volta ao Brazil residio no Rio de Janeiro até 1859. (1) N'este anno abraçou a carreira consular na Europa, onde morreu em 1879.

Para bem comprehender a vida intellectual de Porto Alegre e assistir a sua evolução intima, é mister recorrer ás datas de suas obras.

A pintura foi seu ponto de partida; a escola das Bellas-Artes servio-lhe de aprendizado (1826-1828). Seus primeiros

---

(1) *Le Brésil Litteraire*, pag. 169 e seg.

quadros são de 1829 e 30. Isto foi passageiro; de 1835 em diante a poesia, a critica, a litteratura em geral, são a sua principal preoccupação.

Em 1836 redige com Magalhães e Torres Homem a pequena revista *Nictheroy* em Pariz; ahi apparecem um estudo sobre *a Musica no Brazil*, um artigo de viagem sobre os *Contornos de Napoles*, e o *Canto sobre as Ruinas de Cumas.*

O *Prologo Dramatico* é de 1837; os primeiros artigos sobre a escola fluminense de pintura de 1841; *Angelica e Firmino* de 1843; d'este anno são *o Voador* e diversos artigos de critica artistica publicados na *Minerva Braziliense.*

A *Destruição das florestas* é de 1845; o *Corcovado* de 1847, a *Estatua Amazonica* de 1848.

Estas dactas não vêm a esmo; servem bem para marcar o logar do escriptor em nossa litteratura e determinar os degraos de sua evolução intellecto-emocional.

Geralmente se repete que Porto Alegre foi um discipulo subserviente de Magalhães, por um lado, e por outro, o pae intellectual de Gonçalves Dias. Erro e erro nocivissimo. O proprio poeta era o primeiro a collocar-se assim por aquelle modo incorrectamente. No prologo de suas *Brazilianas* declara ser discipulo e continuador de Magalhães e dá a entender que influenciou outros poetas: « O nome *Brazilianas*, que dei a este livrinho, provem das primeiras tentativas que se estamparam ha vinte annos na *Minerva Braziliense*, e da intenção que tive; a qual me pareceu não ter sido baldada, porque foi logo comprehendida por alguns engenhos mais fecundos e superiores, que trilharam a mesma vereda.

Assim, pois, esta pequena collecção não tem hoje outro merecimento alem do de mostrar que tambem desejei seguir e acompanhar o Sr. Magalhães na reforma da arte, feita por elle em 1836, com a publicação dos *Suspiros Poeticos*, e completada em 1856 com o seu poema da Confederação dos Tamoyos. » (1)

---

(1) — *Brazilianas*, Vienna, 1863, *Observação.*

Não ha contestar uma tal ou qual influencia de Magalhães no espirito de Porto Alegre, quanto ás tendencias geraes da poesia.

Uma influencia oriunda das relações da amizade e nada mais.

Porto Alegre era talento muito diverso e muito mais bem dotado. Tinha mais objectividade intellectual, mais imaginação, maior profusão de linguagem, mais colorido, mais vida em summa.

Em Porto Alegre predominava o talento descriptivo, em Magalhães um philosophismo impertinente que lhe inspirava incommodativas tiradas.

De resto, os dous amavam-se muito e citam-se nos respectivos poemas. Póde-se dizer que o poeta rio-grandense pertencia ao cenaculo de Magalhães, mas entrava em perfeito pé de igualdade.

Quanto a haver influenciado o espirito de outros, é possivel; desse numero, porém, não foi certamente Gonçalves Dias.

Elle não o diz francamente: insinuou-o a Fernando Wolf, que escreveu isto: «Il a eu beaucoup d'imitateurs, entre autres Antonio Gonçalves Dias, qui ne dissimule pas avoir reçu ses premières inspirations des *Brazilianas*.» (1)

Decididamente o talento das classificações litterarias não era o forte do escriptor de Vienna.

Onde Gonçalves Dias fez semelhante confissão? Não pude ainda encontrar.

E demais a cousa é chronologicamente impossivel. Os *Primeiros Cantos* de Gonçalves Dias são de 1846, dez annos mais novos que os *Suspiros Poeticos* de Magalhães.

A mór porção dos peças do volume o poeta maranhaense trouxe-as de Coimbra, datadas de tres e quatro annos antes. As unicas *Brazilianas* de Porto Alegre anteriores são o *Voador* de 1843, e a *Destruição das Florestas* de 1845. A primeira nada tem no assumpto e no estylo que

(1) *Op. cit.* pag. 174

podesse influenciar no espirito do poeta dos *Tymbiras*. A outra, anterior de alguns mezes apenas ao livro dos *Primeiros Cantos*, é verdadeiramente posterior a maior porção d'estes; e nem era apta para inspirar o indianismo do escriptor maranhense. São duas intuições bem diversas, e isto é o principal. Estudemos o poeta lyrico.

O lyrismo de Porto Alegre não tem mimos, delicadezas, doçuras de fórma, exhuberancias de idéas; não são as expansões ternas de uma alma amaviosa.

Tem grandes quadros, bellas pinturas, os signaes da força de uma alma energica

Em todo o volume das *Brazilianas* não existe uma só amostra de poesia possoal, intima, pychologica. Tudo são scenas do mundo exterior, ou da historia. Si Magalhães pode ser considerado uma especie de precursor entre nós da poesia scientifica, o pintor rio-grandense é um antecipador da poesia historica, d'uma historicidade envolta e confusa com a natureza. N'este sentido é caracteristico o poemeto escripto em 1835, o canto sobre as ruinas de Cumas, intitulado a *Voz da Natureza*.

E' alguma cousa de semelhante aos pequenos poemas da *Legenda dos Seculos* de Victor Hugo; mas muito anterior. O poeta dá a palavra ao Horisonte, ao Circeum, a Gaeta, ao Oceano, ao Tuberão, á Columna Dorica, a um Rouxinol, a Pontia, a Pandataria, a uma Gaivota, ao Amphitheatro, a Pithecusa, a Rochyta, a Caprea, ao Vesuvio, a diversas Vozes, a um Pastor, desenvolvendo grandes quadros em que cada um entra com as suas recordações.

O effeito geral é bello; ha certas tintas bem coloridas no meio de algumas sombras.

Estas são alguns fragmentos de prosa metrificada, Provem isto de um dos defeitos do talento do nosso poeta: é muito desigual. Em seus escriptos ao lado de uma pagina boa, ou até admiravel, ha sempre algumas paginas más.

No poemeto citado são muitas as agradaveis, e eis uma d'ellas, o canto do *Pastor*:

« Toca a hora ; silencio ! A hora sôa
Em que o globo inflammado,
Que o dia á terra mostra,
Do ethereo oceano ao fundo rola,
E das celestes vagas já levanta
As gotas luminosas que borrifam
O vasto firmamento.
Salve, estrellante noite,
Que do berço da aurora resurgindo
De um manto adamantino te apavonas
Nas ceruleas campinas !
Vagai na immensidade, ardentes cirios,
Que só a immensidade ora me encanta.
Mesquinha á mente a terra me parece.
Mysticos sonhos, celica harmonia,
Adejai vossas azas,
Resoai no infinito ;
Sombras de amor, passai, passai ligeiras,
Dançai, e repeti em muda lingua
O nome que idolatro.

Como rapida a mente rola e paira
Sobre o mar do silencio !
Como brilha nas trevas
Do insolito explendor o simulacro
Que da imaginação hardido surge
Em ideiaes effluvios,
E magico voltija, vai-se, e volta !
Mãe da contemplação, da paz, oh noite !
Ah ! quão ditoso sinto o movimento
Que o coração agita a par dos quadros
Que desenrola a mão de alma saudade,
Do porvir aureos paços me franqueias,
Que o cinzel da esperança, a phantasia
Com mystico arteficio adorna, e doira !
Doce esperança, espectro luminoso,
Coroado de estrellas caroaveis,
Tu no peito me escreves
O nome que idolatro.

Tua imagem só vejo em toda parte :
Do limpido regato a nivea espuma
Na corrente descreve em alvas letras
Sobre um fundo de azul teu caro nome.

Dulçoroso murmurio é o teu sorriso,
E o teu olhar um raio de ventura.
A flor que cede ao zephyro, e balança,
Retrata o teu donaire gracioso;
E o perfume que exhalam suas petalas
Teus ditos innocentes assimilha.
A saudosa elegia
Que entoa o rouxinol entre mil flores,
E' o hymno de ternura da tua alma:
Tua image, anteposta á natureza,
Divinisa, embalsama-me a existencia.
Do rio a crespa vaga que deslisa,
Minha doce esperança representa,
Correndo de hora em hora té que chegue
Ao mar delicioso em que vogando
Solte as velas da vida, e feliz frua
De teus labios o halito de rozas;
E abraçado me entregues....
Cessai, sonhos de amor! vinde a meus labios
Em suspiros morrer mysteriosos.
Fere, lyra amorosa,
Entoa co'o meu canto em puro accordo
O nome que idolatro.

Invoquei, minha bella, a eternidade;
Entre os anjos pairar almejo agora.
Meu amor já desdenha a terra nossa,
Só posso refrescar a calma intensa
Entre os lucidos astros,
Effluvios, que levanta do universo
A eviterna torrente.
A noite eu invoquei, para nas trevas
Do silencio occultar as divas scenas,
Que vehemente paixão me volve n'alma.
Amor eu invoquei, sylphos sidereos,
Diaphanas visões, que em ronda aérea
Me envolvem de almos sonhos.
Invoquei-te, esperança, a ti me volvo,
Ente mysterioso, já que longe.....
Mas que digo? jamais longe não podes
Viver do teu amante.
Mais proxima que a luz e ar que respiro,
Eu te guardo no adito de minha alma!
Invoco ora saudoso

O anjo consolador, anjo do vate,
Que desdobra em minha alma as azas igneas
Para escrever no céo entre as estrellas
O nome que idolatro.» (1)

Não é este um fragmento de delicioso lyrismo, como alguns se nos deparam na litteratura européa e até na litteratura brazileira. Falta-lhe a musica da palavra, producto do rythmo e da rima; faltam-lhe as ondulações de um estylo mimoso. Mas ha alli alguma cousa da grande poesia, ha esse vago, esse indeterminado, que nos abrem indefinidas perspectivas na leitura dos bons poetas.

A poesia, digna desse nome, diz Renan, nutre-se de mysterio e obscuridade. Não era preciso que o linguista e historiador francez nol-o houvesse affirmado.

A poesia foi sempre um producto das regiões crepusculares d'alma humana, uma exhalação d'essa alguma cousa que em nós vive de sonhos e chiméras.

Além da *Voz da Natureza* ha nas *Brazilianas* dous poemetos muito afamados: *A Destruição das Florestas* e o *Corcovado.*

São inferiores áquelle em força e graças de pensamento e estylo; são superiores, como tentativa de nacionalisação da poesia.

Já tenho affirmado cincoenta vezes que um caracter nacional não se decreta nem se fabrica, é producção espontanea. Já disse tambem trinta vezes que a simples escolha do assumpto não é garantia de indole nacional na poesia.

O nacionalismo não é uma questão exterior, é um facto psychologico; nem é uma questão de ideias, é uma formação demorada e gradual dos sentimentos.

A evolução das emoções é muito mais lenta do que a das ideias; é por isso que um caracter nacional, que é uma especie de expoente da alma de um povo, é um producto do tempo, um producto da historia.

Comquanto partissem de uma noção critica inexacta,

(1) *Brazilianas*, pag. 236 e seg.

os tentamens de Porto Alegre e outros tiveram merito, como respostas ao appello do romantismo, quando este era uma volta ás tradições populares.

A resposta de Porto Alegre foi pintar-nos algumas de nossas *scenas naturaes*, como a ascenção ao *Corcovado*, ou *culturaes*, mas de uma cultura semi-barbara, como a *Destruição das Florestas*.

A resposta de Gonçalves Dias foi descrever-nos o viver do caboclo. E n'isto julgaram consistir toda a vida nacional!...

Os estudos de ethnographia e demographia brazileira não existiam ainda quando escreveram aquelles notaveis romanticos. Nem a nossa historia estava bem construida.

Mais tarde é que as influencias ethnicas da população foram estudadas e um olhar lançado sobre os cantos, os contos, as superstições, os costumes populares. (1)

A *Destruição das Florestas* tem tres cantos, a *Derribada*, a *Queimada* e a *Meditação*. O ultimo é mediocre; o mais valente é o segundo; o primeiro occupa uma posição intermedia.

Eis um trecho para comprehensão exacta do estylo do poeta rio-grandense:

> « Na mão do escravo acicalado ferro
> Brilha, e reflecte do africano vulto
> Sorriso delator de interno gozo!
> E sofrego acudindo á voz do incola,
> Que na cornea busina o madrugára,
> Antes que a aurora os montes contornasse,
> Na frondente floresta se aprofunda.
> Brada contente a parceiral caterva,
> Prompta agitando as foices e os machados
> Que no ar lampejam, qual sinistros raios,
> Mede co'a vista os seculares troncos,
> D'esses gigantes que laceram nuvens;
> Que tantas estações, e tantas eras,
> Os céos e a terra em porfiada lide

(1) Vide: *Estudos sobre a Poesia Popular Brazileira, Cantos Populares do Brazil, Contos Populares do Brazil* — pelo autor.

Donosos empregaram na estructura
Que tem por coração cerne de ferro,
Onde verazes os annaes do mundo
Em multiplices rolos se recatam.
Prorompe o capataz com gesto fero,
Afras canções do peito borbotando,
Que alentam do machado o golpe; troa
O hymno devastador, que em curta quadra
Lança por terra mil possantes troncos,
Timbre dos evos, pompa da natura.
Nos largos botareos, que a base escoram,
E no solo se entranham tripartidos,
Como ingentes giboias no profundo,
Talha o machado a corpolenta crosta.
Treme o chão, treme o ar, geme e se esfolha
A cup'la verdegai do amplo madeiro,
E convulso largando os verdes fructos,
Granisa o bosque com medonho estrondo,
Que as aves manda ao céo, e á toca as féras;

Rija celeuma de confusas vozes
Applaude a queda dos pujantes lenhos.
Como uma anta feroz, sibilo agudo
Arma c'os dedos os sovados labios
O ledo capataz, e açula a turba,
Com novo metro e variado modo,
A de um golpe extinguir o parque excelso,
Que incolume surgio do cataclismo!
As foices e os machados manobrando,
Vão amputando o peristilio umbroso
Da verde tenda, monumento inculto,
Que de indomitas féras fôra asylo,
E os acentos canoros de mil aves
Nas perfumadas folhas embebera;
E onde em barbaro côro a simia astuta
Outr'ora se embalava, até que a frecha
Do certeiro Tamoyo, o ar fendendo,
Co'a ponta hervada lhe enfiasse a morte.
Como columnas de arruinados templos
Jazem prostradas em confuso enleio
As grossas hastes, desmedidas, fortes,
D'essas umbellas, que subindo aos astros
No regaço do sol fruiam ávidas
Os puros raios de vital conforto!

A prenhe sombra de fragrancia e fresco,
Que cem plantas mimosas protegia,
Não mais amparará bolhão ruidoso,
Que a estiva sêde dissipava ás féras.
Oh! que espectac'lo grandioso e triste
Meus olhos, abarcando, contemplaram!
O ferro iconoclasta retalhando
A verdejante chlamyde da terra,
O seu manto sem par, e cuidadoso
Poupar avaro inuteis esqueletos
De eivados troncos, carcomidos galhos,
Aonde a viridente primavera
Em vão tentára, em contumazes lustros,
Nos pôdres garfos da raiz annosa
Seu insuflo vital verter benigna!
Ruinas sacras, que eu lastimo e adoro,
Das aves throno, e odêo harmonioso!
Hoje achanado teu sublime porte
Róla na terra os prostylões soberbos
De odoros acroterios, onde a arára,
O brilho apavonando de seu manto
Como uma flôr alada resplendia.» (1)

Os trechos citados são capazes de definir o talento lyrico de Porto Alegre no que elle tinha de melhor.

Não seria difficil agora apontar pedaços duros, prosaicos, sem o minimo valor poetico. Prefiro mostrar os bellos fragmentos, as passagens em que o talento, como espirito alado, desferio grandes e harmoniosos vôos. Este livro não quero que seja uma galeria de estatuas decepadas; desejo antes que pareça uma assembléa de almas vivas que se movam e agitem em animada e deleitosa convivencia.

O merecimento capital do poeta rio-grandense era a habilidade em desenhar em seus versos uma serie de quadros e scenas exteriores. O colorido não é sempre dos mais brilhantes; mas o desenho é correcto e amplo.

Porto Alegre era enthusiasta e um pouco fanfarrão na sua conversação; o mesmo em sua poesia: sopra-nos em

(1) *Brazilianas*, Vienna, 1863, pag. 45 e segt.

cima de vez emquando alguns termos empolados, campanudos, capazes de tontear-nos.

Seu lyrismo não tem doçuras, delicadezas, mimos de ideia e de forma. Abre perspectivas, tem paizagens, mostra desenhos e algumas bellas côres por vezes.

Seus meritos e defeitos acham-se acumulados no seu, por uns tão encarecido, por outros tão escarnecido, e por todos tão mal estudado, poema —*Colombo.*

Nenhum outro poema da lingua portugueza é tão longo, tão massante em alguns pontos e eriçado de um maravilhoso tão deslocado e extravagante; nenhum outro, porem, possue versos tão sonoros, tão seguros, tão valentes, e tantas passagens tão nutridas, tão elevadas, tão fortes, tão eloquentes.

Colombo é uma galeria, uma pinacotheca cheia de bellissimos quadros perdidos, prejudicados no meio de telas mal dispostas e mal acabadas. A viagem do observador é atordoada por difficuldades e tropeços; é compensada pela belleza de muitas scenas que se lhe deparam ante os olhos.

O poeta revela grande imaginação, grande vigor de traços, grande destreza de desenho, muita leitura, muita instrucção. Falta de proporções, de medida, pouca habilidade em tecer um enrêdo, raros dotes dramaticos, nenhuma synthese poetica, nenhum quadro definitivo e justo do caracter do seu heróe, eis os defeitos do livro.

Nenhum outro ha na lingua portugueza de leitura tão desigual. A parte maravilhosa é decididamente a mais fraca. Ha pedaços falados pelo tal *Pamorphio* que são verdadeiras estopadas. O caracter de Colombo não é tambem muito nitido.

Não é uma figura audaz e illuminada de navegador e de genio. E' uma especie de beato, cheio de amuletos, um mata-mouros armado de uma cruz contra o demonio, que lhe apparece não se sabe bem por que motivo em caminho.

Porto Alegre, educado no regimen do pseudo-classicismo, julgava-se ainda obrigado a dár-nos um poema á antiga, cheio de apparições diabolicas, de encantamentos,

de infernos e o mais... Era não ter uma bem clara intuição das feições e do caracter da poesia moderna.

Livre-me Deus da mania de querer fornecer preceitos a poetas. Mas um homem do nosso tempo de luctas burguezas, de trabalhos mecanicos, de creações industriaes, querendo pintar um illuminado do Renascimento, um temerario do tempo das grandes navegações e das grandes descobertas, em sua monomania por descobrir um Novo Mundo, e lançando-se para isto ao meio das solidões immensas do oceano desconhecido, um homem de nosso tempo, diante de um tal espectaculo, tem n'alma d'esse audacioso e no scenario immenso em que ella se agita os elementos indispensaveis ao seu poema. Não ha mister da intervenção de *Pamorphio* nenhum. Sem sahir da realidade tem a trama inesgotavel da epopéa moderna. É por isso que toda a mythologia malfazeja, toda a demonologia do *Colombo* é arida, esteril e de leitura penosa; é por isso ainda que todas as scenas reaes, todas as pinturas da vida positiva, as luctas de bordo, os levantes, as nostalgias da patria, as peripecias da navegação, as descripções de tempestades, os panoramas da natureza são de uma execução valente e, por vezes, admiravel. Os exemplos borbulham por toda a parte. E' só procural-os; o que é um pouco enfadonho, attenta a grande extensão do poema.

Colombo é em dois volumes com quarenta cantos e um prologo de 70 paginas. O todo do livro é de 950 paginas, contendo muitos milhares de versos.

No canto X apparece em scena Pamorphio e só deixa de importunar-nos com suas diabruras no canto XXIV. E' a porção mais massante do livro; entretanto é aquella onde se lêem boas paginas sobre as theogonias e civilisações do Mexico e Perú.

Pamorphio mostrára estas regiõs em espirito ao nauta. Porto Alegre patenteia ahi grande erudição; bem se conhece quanto se preparou para escrever o seu poema.

O *Colombo* é, como disse, cheio de paginas agradaveis, especialmente em descripções.

Eis aqui uma:

« Curveteia o corcel; no reste a lança,
O ibero pujante aguarda o emulo.
De um tranco volve o Cavalleiro negro
O tudesco ginete, e no borneio
Gruda a manopla, e espera, qual de bronze
Estatua equestre, que na trompa sôe
O terrivel signal. Lavra o silencio;
O folego suspende a côrte e o povo:
Quasi se ouvia sob os peitos de aço
Bater o coração dos lidadores.
Os fervidos clarins abrem a lide.
Das hostes justadoras se arremetem
Os cabos triumphantes, e no encontro
As lanças estalaram. Pavorosos,
Nitrindo de furor em pé recuam
Os ardentes cavallos. Bradam todos:
Boa lança, Marquez! Alçam-se as damas
E, flores rosciando, a Cadix honram.
Sómente entregue a si, e ao seu destino,
Não colhe uma ovação o forasteiro.
Retomam novas armas, e se investem
Com dobrado vigor: ambos tocados,
Cavo som suas armas restrugiram.
Varados os broqueis, as rijas lanças
Nas couraças sulcando se inflammaram.
Palmas crepitam na dourada teia,
Alegres as donzellas no ar agitam
Niveos lenços e charpas multicôres:
Assim na estiva pompa, em grato asylo,
Mimosas rôlas no festim nectario,
Ao sibilo feroz de anta membruda,
A plumagem batendo, se alçam timidas
Pelos atrios odôros da floresta.
Não cedem no valor; de novo ao prelio
As infrangiveis lanças correm, cruzam,
Batem, resoam, vergam como a lamina
De agudo estoque n'um marmoreo peito.
No rispido encontrão ambos tremeram.
Dormente o braço cede, e no chão rola
Do Marquez o broquel, qual disco hellenio
Que em olympico jogo mede o estadio.
O negro cavalleiro então recua,

Recúa o hespanhol; ganham seus postos.
De novo embraça o valeroso Cadix
Um aureo escudo, e o contrario envida.
Vizam, em regra ferem ; resupino
Cai o Marquez nas ancas do ginete :
Do elmo cede o engaste; núa a fronte,
Seu rosto radiou mavorcio brilho.
Um subito palor obumbra a festa ;
Soluçam as donzellas, e nas turmas
Sinistro borborinho se propaga.
Mas Cadix reganhando o prumo, investe
Como um tigre furente; de um só golpe
As negras brafoneiras despedaça ;
E a lança revirando abola e fende
O elmo côr da noite ! Estrondam bravos,
Renasce em toda a liça almã esperança:
Castella vai vencer. Oh ! como é grande
A explosão que fervendo amor da patria,
Sem querer pelos labios se despede.
Dão de redea aos alipedes cavallos,
E na volta, entre vivas, grita e bravos,
N'um choque extremo e horrendo as fortes lanças
Pelo ar em mil farpas voltijaram !
Desnudam as espadas, cruzam talhos.
Qual em noite calmosa, em selva escura,
Abrazados de amor o cirio accendem
Errantes vagalumes, taes os ferros
Retalhando o arnez revesam fogos. (1)

Com alguma ironia diziam os contemporaneos ser Porto Alegre o primeiro pintor entre os poetas e o primeiro poeta entre os pintores no Brazil.

A satyra é evidente ; é como a dirigida a certo medico e philosopho thomista de Pernambuco : os medicos, não o querendo entre si, dizem — provavelmente é um grande philosopho ; os que se julgam philosophos retrucam—talvez seja um grande medico! E fica, e tem ficado o pobre thomista desclassificado.(2) Com Porto Alegre a cousa não tem sido e não ha de ser assim; teve merito em ambas as esphe-

(1) *Colombo*, 1º vol; prologo, pag. 62 e seg.

(2) Vide a minha *Philosophia no Brazil.*

ras, e, quanto ao seu estylo de poeta, no que elle tinha de mais eminente, era a juncção do talento do pintor ao talento do escriptor: sua *faculté maîtresse* era a descripção.

O talento de descrever tem atravessado phases diversas, tambem tem passado pela lei da evolução. A applicação d'esta noção á esthetica e á critica litteraria é capaz de renovar todo o antigo processo de analyse intellectual. Tudo obedece a um desenvolvimento constante; mas isto não é só verdade das creações exteriores da humanidade: a politica, o direito, a sciencia, a litteratura. E' tambem certo das qualidades internas do espirito; as aptidões da intelligencia têm-se desenvolvido, novas forças mentaes têm despontado. Os proprios sentidos exteriores hão progredido. Retomando o centro do nosso assumpto, notarei que a descripção hoje na litteratura não é já a relação mais ou menos exacta de um facto, de um phenomeno qualquer. Quer-se mais, quer-se que a palavra pinte directamente as cousas. Os francezes hão levado isto ao supremo requinte. A prosa de Michelet, de Victor Hugo, de Theophilo Gautier, de Paul de Saint Victor, esses grandes pinturistas, é a prosa que tem tirado todos os recursos e abusado de todas as riquezas do vocabulario. E não são sómente esses romanticos os mestres proclamados da linguagem; os modernos escriptores vão caminhando no mesmissimo terreno. Taine, os Goncourt, Leconte de Lisle, Daudet, Banville seguem essa trilha.

Thierry, Sainte Beuve, Scherer e Renan são prosaistas de outro gosto, escriptores mais sobrios, mais finos, mais delicados; menos ricos, porem mais deliciosos.

Porto Alegre acha-se sem duvida mal collocado entre tão grande companhia. Como prosador era mediocre. Mas foi um dos nossos mais destros descriptores em verso. Seus quadros são seguros, são animados, são vivazes.

Não é ainda a descripção á moderna, a palavra como tinta, dando cores, como os escriptores recentes exageram sem conseguir o almejado intento. E' a descripção á antiga, meio rhetorica por vezes; mas valente e lucida.

O nosso poeta não quiz abusar de seu *savoir faire* de pintor para não cahir na requintada maneira dos contemporaneos.

N'isto andou, sem o saber, de perfeito accôrdo com Eugenio Fromentin, escriptor e pintor como elle. Este celebrado chefe da escola africana da pintura franceza é ao mesmo tempo um dos primeiros prosadores de seu paiz.

Nunca lemos em lingua nenhuma livros mais attrahentes pelo estylo do que *Une année dans le Sahel*, *Un été dans le Sahara*, *Dominique*, e *Les Maîtres d'autrefois*, do illustre filho da Rochella.

O insigne pintor, sem ser sectario do antigo modo de descrever, não achava regular o genero moderno.

Eis como elle proprio, depois de bellissimas paginas, caracterisa, synthetisando, seu modo de julgar a questão: «E' incontestavel que a plastica tem suas leis, seus limites, suas condições de existencia, aquillo que, em uma palavra, constitue o seu dominio.

Eu percebia iguaes motivos para a litteratura conservar e preservar o seu. Uma ideia póde ser expressa ao mesmo tempo de duas maneiras differentes, com a condição de prestar-se ella a essas duas maneiras.

Escolhida, porém, sua fórma, e refiro-me á sua fórma litteraria, não via que ella exigisse nem melhor, nem mais do que póde comportar a linguagem escripta.

Ha formas para o espirito, como existem formas para os olhos; a lingua que fala á vista, não é a mesma que fala á alma. E o livro existe, não para repetir a obra do pintor, sinão para exprimir tudo o que ella não pode dizer. Na pratica a demonstração de tal verdade me apazigou; eu a tirava d'uma experiencia muito segura e decisiva.

Conclui d'ahi, com o mais intenso prazer, que tinha na mão dois instrumentos differentes: podia-se perfeitamente separar o que convinha a um, do que era conveniente a outro.

E eu o fiz. A parte do pintor era necessariamente

tão limitada, que a do escriptor se me antolhava immensa. Tive apenas o cuidado de não me illudir com o instrumento mudando de officio.» (1)

Esta questão das relações entre a pintura, a plastica e a poesia, bem antes de Fromentin, fôra magistralmente discutida por Lessing no bello livro do *Laocoonte*, publicado em 1763. Já n'esse tempo o illustre progono allemão tinha esgotado o debate.

O nosso Porto Alegre não tinha grandes recursos de estylo, nem forcejava por fazer a lingua pintar.

Não tirava os recursos, todos os recursos que podem ser tirados do vocabulario portuguez. N'este ponto elle tinha, é verdade, uma certa monomania: a posse de um determinado numero de termos desusados, exquisitos. Era uma doença que tinha em commum com Odorico Mendes.

Não é de taes recursos que lançam mão os pinturistas da linguagem; não hão mister de mergulhar pelo mundo soterrado das palavras archaicas e esdruxulas. Sem sahir das regiões da vida, imprimem exquisito e fulgurante colorido ás suas ideias.

Antes de despedir-nos de Porto Alegre, ccmo poeta, fôra ainda possivel dizer qualquer cousa sobre alguns trabalhos satyricos que nos deixou. D'este numero são os versos debicatorios da fofice da antiga colonia portugueza do Rio de Janeiro sobre a decantada náo *Vasco da Gama*, a grande e maravilhosa náo, diziam elles, que ahi vinha impor admiração e respeito aos brazis, e, oh! desgraça, antes de entrar n'este porto, encalhou lá fora, avariando-se e sendo rebocada por um pequeno vaso de guerra nacional. E' tambem d'esse numero a introducção ao poema *O Ganhador* movido contra o jornalista Justiniano José da Rocha em 1844.

O poeta rio-grandense é desconhecido por este lado e justamente desconhecido.

---

(1) *Un Été dans le Sahara*, par Eugéne Fromentin, 7teme édition, Paris 1882, pg. XV, do magnifico prefacio.

Não possuia a *vis* comica e nem a satyrica. Os versos são muito mediocres.

Duas palavras ainda sobre o critico e concluamos este perfil. Porto Alegre deixou, além das obras de que temos falado, diversos artigos e discursos de indole litteraria. Os artigos versam especialmente sobre as artes no Brazil com particularidade a pintura.

Os principaes referem-se á antiga escola fluminense de pintura e á descripção de diversas exposições realisadas na Academia das Bellas-Artes. Estes artigos andam dispersos na revista do Instituto Historico, em a *Minerva Braziliense* e n'outras publicações periodicas.

Os discursos foram pronunciados no Instituto Historico em sessões annuaes commemorativas dos socios fallecidos, durante o tempo em que o nosso poeta foi o orador official d'aquella associação.

Porto Alegre não era um critico por indole e temperamento litterario; não era tambem um orador consummado e correcto. Era um homem sensato, instruido, investigador e serio, capaz de sahir-se airosamente d'aquillo de que se deixava encarregar.

Para a gloria e a perfeita comprehensão da personalidade litteraria do afamado rio-grandense é indispensavel que alguem lhe publique em volume accessivel ao grande publico os muitos artigos que elle deixou soterrados nos jornaes e revistas. O jornal garante leitura mais numerosa; mas é somente no dia de sua apparição. O livro assegura uma apreciação mais duradoura.

Em definitiva, Porto Alegre foi um bom desenhista, um poeta lyrico de grande talento descriptivo, um poeta epico sem proporções, mas onde o lyrista apparecia para salval-o repetidas vezes; um critico amoravel e intelligente. Seu poema, segundo o dito de uma celebre personagem, quem o lesse até o fim só achou o revisor e a dita personagem...

Mas os bons trechos, que alli se nos deparam, seriam sofregamente lidos pelos mais exigentes espiritos, si al-

guem se lembrasse de os colher e enfeichar n'um pequeno volume.

Vejamos outros.

No decennio de 1840 a 1850 appareceram as primeiras obras de Teixeira e Souza, Norberto Silva, Dutra e Mello, Manoel de Macedo e Gonçalves Dias.

Dividimos o movimento romantico em diversas phases.

A primeira foi inaugurada por Magalhães; gyram em torno delle *Porto Alegre*, *Teixeira e Souza*, *Norberto Silva* e *Dutra e Mello*.

Macedo vai figurar especialmente no romance e no theatro. Gonçalves Dias abre uma outra phase á nossa romantica. O criterio para grupar as escolas é a natureza intrinseca de cada uma d'ellas. O criterio para grupar os epigonos em torno dos chefes é a chronologia, não tanto dos individuos como das obras. Porto Alegre é de 1806, mas seus primeiros ensaios são posteriores aos de Magalhães, nascido em 1811.

Segue-se depois Teixeira e Souza, de 1812, cuja primeira obra é de 1840; vem após Norberto Silva, de 1820, tendo a primeira obra em 1840 ou 41.

Ao movimento iniciado por Magalhães, prendem-se, alem dos poetas citados, *Francisco Octaviano de Almeida Rosa*, *João Cardoso de Menezes e Souza*, *Joaquim José Teixeira*, *Manoel Pessoa da Silva*, *Antonio Rangel Torres Bandeira*, *Augusto Colin*, *Padre Corrêa de Almeida*, e *Symphronio Olympio Alvares Coelho*. A essa tendencia obedeceram tambem *Antonio Felix Martins* e *José Maria Velho da Silva* em quem já tivemos occasião de falar.

Analysemos os principaes d'entre tantos escriptores e poetas.

ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUZA (1812—1861).

Foi um mestiço, filho de uma pobre familia de Cabo Frio, na provincia do Rio de Janeiro.

Tendo apenas o ensino das primeiras letras, foi for-

çado em 1822, por apertos pecuniarios dos pais, a aprender o officio de carpinteiro.

N'este mister, já em Cabo Frio, já no Rio de Janeiro, para onde passou-se em 1825, conservou-se até 1830. De volta então á sua cidade natal, foi nomeado mestre-escola, emprego que exerceu largos annos, sendo em 1855 despachado escrivão do commercio na côrte. Falleceu em 1 de dezembro de 1861.

Foi um homem activissimo e de muito bons desejos. É o nosso poeta artezão. Escreveu bastante, tentando generos diversos. Publicou duas ou tres tragedias, um grande poema epico sobre a Independencia do Brazil, uma especie de poema lyrico sobre uma tradição de sua terra, grande porção de canticos lyricos, e seis ou sete romances.

E' uma bagagem litteraria bem pesada e de um manejar difficultoso. É um grande inconveniente escrever muito, especialmente quando esse muito escrever não obedece a um plano e a uma idéa dirigente.

Torna-se a obra de um escriptor d'esses um matagal damninho em que perde-se improficuamente o leitor, e d'onde sae irritado o critico, lastimando o precioso tempo perdido em atravessar matos e barrancos.

Causa dó a cegueira, a inopia de um escrevinhador, de um *sporcatore di carta*, gastador de tinta e papel...

O nosso Teixeira e Souza não é precisamente um tão profuso e diffuso productor de livros. Mas teria andado bem em escrever menos. Nas letras as mais das vezes o silencio é de ouro, e a sobriedade é sempre de brilhante.

As tragedias e o longo poema epico fazem mal á reputação litteraria de Teixeira e Souza. Fôra melhor que os não tivesse produzido. Quasi o mesmo se póde dizer de seus fracos e enfadonhos canticos lyricos.

Postos estes productos á margem, ainda nos restam o poema lyrico e os romances do nosso escriptor para dar-nos a medida e mostrar-nos a indole de seu talento. (1)

---

(1) Estes escriptos de pouco valor são as tragedias—*Cornelia*, e *O Caval-*

Apreciemos primeiro o poeta, e façamol-o rapidamente.

Quando digo que o poeta de Cabo Frio era bem intencionado, avanço uma verdade. Era patriota e nacionalista; forcejava por tomar parte nos esforços da geração de seu tempo no empenho de dotar o Brazil com uma litteratura. Então não tinhamos ainda vergonha de ser brazileiros, sonhavamos ainda com a formação de uma patria autonoma e progressiva. Como a mulher perdida que abre a sua porta ao primeiro viandante, o espirito nacional não havia ainda desesperado de si, não desejava ainda escancarar as portas de nossas casas a quantos desconhecidos queiram tomar conta d'ellas. Nacionalismo não era ainda synonimo de atraso e emperramento; era apenas a salva-guarda das tradições, a consciencia de um povo que se queria formar livre e forte, aproveitando as lições das nações cultas, sem perder sua indole, sua feição peculiar. O poeta ainda estava, pois, no bom terreno.

O romantismo brazileiro no seu primeiro momento foi uma prolação do espirito da velha escola mineira. Ao memos em parte foi assim.

Depois é que a imitação do romantismo francez, a macaqueação, o plagiato ignobil do francesismo suffocou em nossa litteratura o sentir nacional.

O poeta estava cheio de boas intenções; porem em litteratura as boas intenções, que se não realisam, ou realisam-se mal e incompletamente, não têm valor, são como bilhetes brancos, papeis que nada valem.

E' o caso de Texeira e Souza.

Por mais bondoso que eu queira ser n'esta geral excursão pelos dominios da litteratura patria, por mais cançado que esteja de dizer merecidamente mal dos outros, não posso sophysmar a minha impressão no estudo das obras d'este escriptor.

---

leiro Teutonico; as collecções de poesias sob o titulo de *Canticos Lyricos*; o poema epico denominado—*A Independencia do Brazil.*

O poeta se me revelou acanhado, êrmo de graças, de vida, de movimento, de seiva, de enthusiasmo. Nem força e masculinidade, nem graciosidade e meiguice. Não tem quasi nenhum dos signaes distinctivos dos bons poetas, ou ainda dos poetas secundarios, mas interessantes na sua inferioridade.

Poucas leituras conheço em qualquer litteratura tão enfadonhas e tão nullamente compensadoras, como a do poema—*Os Tres Dias de Um Noivado.*

O estylo é aspero, a metrica pesada e dura ; o fundo um amalgama de trivialidade e de phantasmagoria de insuportavel contextura. Nada mais facil do que adduzir trechos para lançar ahi diante dos olhos dos scepticos as provas absolutas do que affirmo...

E' bastante indicar ao leitor toda a conversação no canto quarto do poema entre o protagonista *Corimbaba* e o velho *Solitario* que elle encontrou nas brenhas de uma matta, e ainda mais particularmente as scenas do quinto canto, passadas entre o mesmo *Corimbaba* e os bruxos e entes sobrenaturaes do *Rochedo encantado*, onde o moço amante e recem-marido de *Myriba* vai inquirir do futuro. Oh ! leitura displicente !... Peço dispensa de trazel-a para aqui. Prefiro mostrar o trecho que me pareceu mais agradavel em todo o poema. São no 2° canto os descantes entre os dous amantes em a noite do noivado. *Corimbaba* começa e *Myriba* lhe responde. E' por esta fórma :

« Si acaso te não conheces
Por formosa, ó minha amada,
Vai á beira de uma fonte,
E te verás retratada :
Quando, pelo sol corada,
A pastar por entre flores
O teu rebanho levares ;
Dirão estes lavradores :
— Alli vem, quem faz formosa
A nossa aldeia ditosa. »

« Si acaso te não conheces
Por formoso, ó meu amado,

Vae ás ribeiras do rio,
E te verás retratado :
Verás o rio apressado
Só de inveja suspirar,
E tua imagem formosa
Nas ondas querer levar :
Das raparigas na idéa
Serás o bello d'Aldêa. »

« Eu sou em tudo ditoso,
E tu linda, ó minha amada ;
Tens os olhos matadores
Como a rolinha engraçada. »

« E' feito de lindas flores
Nosso ninho, ó meu amado,
E junto a terna rolinha
Tu poisarás descançado. »

« Sou um pass'ro, que luzir
Vendo d'aurora os encantos,
Pelo prado alegremente
Solta seus festivos cantos :
Eu te adoro, ó minha amada,
Eu te amo, como a ave
Ama a luz da madrugada!
Tu és quem minha alma adora,
És minha brilhante aurora. »

« Sou a flor, que, á noute, o seio
Fecha ás sombras descorada,
E que o abre a receber
O pranto da madrugada :
Eu te amo, como a flor,
Ao orvalho, que lhe presta
Mais graça, mais viço e côr :
Tu tens de meu seio a posse,
Tu és meu orvalho doce. »

« Como a bella larangeira,
Entre as arv'res mais airosa,
Assim é entre as do campo
A minha amada formosa. »

« Como o cedro, na montanha
Entre as arv'res mais airoso,

Assim é entre os do campo
O meu amado formoso. »

« Sobre o seu leito de flores
Traze, ó monte, á minha amada
Brando somno sem temores:
Em torno volvei-lhe, ó brisas,
Porem com manso rumor;
Traz-lhe, amante pensamento,
Comigo sonhos de amor.
O' sabiás, não canteis
Junto d'amada querida,
Si ella fôr de amor vencida
Repousar junto a meu lado. »

« Meu amado, sem temor
Ha-de dormir nos meus braços,
Um somno brando de amor:
Passae, brandas virações,
Mas sem bafejo violento.
Traz-lhe de amor doce sonho,
Amoroso pensamento;
E, si dormir nos meus braços,
Entre flores, sobre-ramos,
Não canteis, ó gaturamos,
Para não quebrar seu somno. »

« Colherei as sapucaias,
E as guaticas saborosas,
O cajá, e o verde côco,
Jaboticabas gostosas:

N'um samburá enfeitado,
Por mim mesmo, de mil flores,
Eu virei depôr contente
Junto aos pés dos meus amores. »

« Colherei, todos os dias,
Pelo valle as mais cheirosas,
Engraçadas manacás,
Roxas, e brancas formosas;
Depois de as ter no meu seio,
Espalharei com cuidado
Sobre a roupa tua, e um cheiro
Tomarão mais delicado. »

« Correrei o valle e o monte,
E o fugitivo veado,
Quaty, caxinglê, cutia,
Tudo será apanhado;
E cheio d'alto prazer
Eu t'os virei offrecer. »

« Hei-de apanhar n'um lacinho,
Armado na larangeira,
Sabiás e beija-flores,
E a rolinha faceira:
E tudo quanto eu colher
Será para te offrecer. »

« Cantarei todos os dias
A gentil belleza tua;
Porque, tu, ó minha bella,
És formosa, como a lua. »

« Dos teus dons, dos teus encantos,
Meu coração tem o rol;
Porque tu, ó meu formoso,
És tão bello, como o sol. » (1)

O poema é escripto em versos brancos na mór parte prosaicos. De todo elle o pedaço mais soffrivelmente legivel são as estrophes rimadas que foram acima transcriptas. O contrario dá-se no *Colombo*, tambem escripto em versos soltos, e onde os versos rimados estão sempre abaixo de mediocres.

Teixeira e Souza forcejou por ser nacional; faltaram-lhe, porém, a imaginação e o vigor artistico. E' em nossa litteratura um poeta de ordem terciaria.

Atirou-se denodadamente ao romance: de 1843 a 1856 publicou *O filho do pescador*, *Tardes de um pintor ou as intrigas de um jesuita*, *Gonzaga ou a conjuração de Tiradentes*, *A Providencia*, *Maria ou a menina roubada*, *As fatalidades de dous jovens*.

Escriptos n'um estylo descurado, e em linguagem por

---

(1) *Os Tres Dias de Um Noivado*, Rio de Janeiro, Typ. Imparcial de Paula Brito, 1844; pag. 37 e seg.

vezes incorrecta, acham-se cheios quasi sempre de salteadores, escondrijos, subterraneos, assassinatos, incendios, envenenamentos, resurreições, e toda a patacoada, todas as *ficelles* do genero pavoroso.

De taes romances, os melhores são *As fatalidades de dous jovens*, *As tardes de um pintor* e *A Providencia*. São estudos da ultima phase dos tempos coloniaes, o descambar do seculo passado.

No meio das irregularidades de uns enredos emmaranhados, destacam-se certas paginas proveitosas e aproveitaveis. No *Filho do pescador*, a scena do banquete por occasião do casamento de *Laura* com *Augusto*; nas *Tardes de um pintor*, a descripção da cidade do Rio e especialmente do bairro de S. Christovão nos meiados e fins do seculo passado; na *Providencia*, a descripção da Aldeia de S. Pedro e da procissão dos Passos; nas *Fatalidades de dous jovens*, a descripção de uma festa popular, de um *samba*. Trasladamos esta para aqui. E' assim:

« Meia hora depois que começou a festança dos comes e bebes, a lauta mesa de doce estava reduzida a pratos vasios, chicaras e garrafas. Era o campo em que havia sido Troya!

Tirou-se, pois, a mesa do meio da sala e começaram os matutos a gritar:

— Vamos brincar, gente, vamos brincar.

— Ahi nada *farta*, disse o dono da casa, pai da noiva; *hai* viola, e *hai* tudo: —quem é que toca?

—É *seu* Mané Canellas.

—Mas havia duas violas...

—*Antão* o outro tocador ha-de ser *seu* capitão Chico-Pedro; elle canta bem o *desafio!*

—Prompto, disse o capitão Chico Pedro.

—Pois *antão* vamos a isto, disse o dono da casa.

—Vamos, vamos embora.

—Venham as *muieres* para cá: aqui cabe duas rodas.

—*Meninas*, venham para cá, venham dançar, disse o chefe da *familia*.

— Ellas já vão, *sinhô*, estão se aprompiando; disse a dona da casa, lá de um quarto do interior.

—Tambem ainda as violas não estão temperadas nem nada, e já estão chamando a gente.. murmurou uma moçoila, que já sentia suas cocegas, ouvindo falar em dança.

—Temperem as violas, temperem as violas.

Todavia, temperadas as violas, vieram-se chegando as moças e os rapazes e formaram *duas* rodas e dois tocadores encostaram seus pinhos aos peitos e começaram a repinicar a bella *Tyranna*, dança muito usada n'aquelle bom tempo, bem como o *Chico do Viamão*, a *Tontinha*, etc.

Estas danças eram dançadas por quatro pessoas em cada roda, e as rodas podiam ser tantas quantas coubessem na sala. Havia a *Chula*, dança de um, dançando por sua vez, até ir tirar outrem, que vinha dançar, e o que dançava se ia assentar, e assim por diante até que um tirava o tocador, e terminava esta dança; mas durante este dançado, em solo, os tocadores não cantavam, o que não acontecia em nenhuma das outras danças, em que a cantiga do tocador é que determina as voltas das rodas dos dançadores.

Havia tambem o *Sarrabulho*, dança de dous; isto é, sahia um que dançava só, e depois tirava outrem, que com elle dançava, e o primeiro que havia dançado assentava-se, ficando o outro dançando, que por seu turno ia buscar outro, e assim ate o fim, que era quando um que dançava ia tirar o tocador, que tambem dançava, dando a despedida, isto é, cantando a ultima cantiga desta dança. Tinham tambem o *Vai de roda*, a mais divertida, a que menos cansava, e a mais favoravel de todas as danças aos senhores namorados, que não desperdiçam estas bellas occasiões. O *Vai de roda*, pois, é uma dança que por facillima póde n'ella dançar todo o bicho careta, ainda mesmo que nunca tivesse dançado: n'ella dançam n'uma grande roda tantas pessoas quantas caibam. Todas as mais danças são sempre de quatro pessoas. De todas estas danças, bem que todas requeressem extrema graça no dançador (excepto no *Vai de roda*), todavia era a *Chula* a que mais dependia disto; e era por assim dizer a pedra de toque do bom dançador.

E, pois, o Sr. Mané Canellas foi o primeiro que botou sua cantiga, e, repinicando sua viola, cantou:

« Em nome de Deus começo,
Padre, Filho, Esp'rito-Santo,
E' a primeira cantiga
Que n'este *oditorio* canto.»

Elle queria dizer *auditorio*. O Capitão Chico Pedro, que alem de bom cantador tinha aza de grande improvisador, tomou o ultimo verso da cantiga de Mané Canellas, e cantou com toda a força de seus pulmões, que elle os tinha de um Stentor. Cantou pois assim:

« Que n'este oditorio canto,
Eu tambem quero cantar,
Esta primeira cantiga
Em antes de começar, »

Puseram-se pois [illegible] desafio, e não poucas vezes suas [illegible] á cara com todo o azedume [illegible] lanços, descançaram algumas vezes, e, quando de novo principiavam, os dois cantantes travavam logo sua contenda de desafio.

O Mané Canellas era o arguente e o capitão Chico Pedro o defendente. A multidão tomava parte no combate dos dois, e dividida em dois partidos, cada um animava seu heroe com cem vivas, palmas e outros applausos. Já o bom Mané Canellas desesperava do vencimento, quando julgou confundir seu contendor com a seguinte cantiga :

« Estudastes a grammatica,
E tambem a tilogia;
Dizei-me qual é das aves
Que dá leite quando cria.»

Elle queria dizer theologia. Quando, porém, o Mané Canellas acabou de cantar esta cantiga, todos julgaram que o capitão Chico Pedro se calasse vencido, porque ninguem sabia que ave era esta; mas o capitão Chico Pedro, que no sentir de Mané Canellas havia estudado a grammatica e a theologia, e não havia estudado para tolo, não deixou os circumstantes por longo tempo incertos; quando, pois, foi occasião de cantar, abrio a bocca e cantou :

« Que dá leite quando cria
Vos direi com mais socego ;
Mas das aves é morcego
Que dá leite quando cria. »

Quando o capitão Chico Pedro acabou a cantiga, todo mundo bateu palmas e gritou: « Viva o capitão Chico Pedro! Viva e viva ! » Os vivas, as palmas, os applausos prolongaram-se por muito tempo: foi uma ovação completa. [illegible] d'essa dança : e finda ella, o mesmo Mané Canellas confessou que não havia quem cantasse o desafio como o capitão Chico Pedro.

Pouco depois principiou outra dança em que os cantadores desenvolveram toda a sua habilidade. Depois da cantiga cantavam elles um estribilho, que era sempre o mesmo e era assim :

« Bravo, Maricas, meu bem,
Aqui está quem te adorou :
Não se ponha de joelhos,
Que eu não sou senhor, não sou.»

N'esta cantiga, na occasião em que o cantador cantava estas palavras—*Não se ponha de joelhos*—, os homens dançantes, dançando

mesmo, curvavam o joelho diante da dama, isto é, cada um diante da dama com quem dançava, a qual durante esta genuflexão, tambem dançando sempre, voltava costas ao marmanjo, que de joelhos a seus pès dançava. Era uma bella mimica.

No fim d'esta dança, Mané Canellas cantou esta cantiga:

« Vamos dar a despedida,
Mas antes quero dizer,
Que *seu* Flavio e *seu* Julio
As pazes devem fazer. »

Julio dançava n'uma roda, fez-se de desentendido. Flavio, que dançava n'outra, começou a murmurar grosseiramente, e de um modo atrevido. O capitão Chico Pedro cantou tambem assim:

« As pazes devem fazer,
E não se opponha ninguem,
Porque todos desta casa
Devem sahir muito bem. »

Acabou-se a dança, annunciou-se a ceia, e todos se encaminharam para a varanda, onde se achavam estendidas sobre o chão tres ou quatro esteiras, meio cobertas por grandes toalhas, e estas por pratos com varios guizados e assados, e todos, tanto homens, como senhoras, assentaram-se em roda das toalhas, e principiaram a comer e a beber desencabrestadamente. Começaram tambem as saudes e os ditos. » (1)

É um dos trechos mais supportaveis do estylo de Teixeira e Souza; ainda assim encerra quarenta e uma vezes os termos *dança*, *dançador*, *dançar*, *dançava*, e outras variantes do genero.

Não vejo ser mistér demorar-me ainda a caracterisar o talento do autor fluminense. Para este ercriptor basta uma rapida *silhouette*.

JOAQUIM NORBERTO de SOUZA SILVA. (1820...)

Filho do Rio de Janeiro, nasceu em 1820, no mesmo anno de Macedo, e tres annos antes de Gonçalves Dias e

---

(1) *As fatalidades de Dous Jovens*, vol. 2º, pag. 36 e seg.; Rio de Janeiro, edição de 1874.

Dutra e Mello. Não graduou-se em academia alguma; fez regulares estudos de humanidades em sua cidade natal e metteu-se ainda moço no funccionalismo publico, empregando-se na Secretaria do ministerio do Imperio.

Bem cedo jogou-se ao cultivo das letras e ás luctas da imprensa.

É um dos brazileiros que mais têm escripto e em espheras mais variadas.

Sua obra é uma das mais opulentas, e, em compensação, das mais confusas das produzidas n'este paiz.

D'ahi certa difficuldade em bem tomar os traços physionomicos e caracteristicos deste escriptor.

Dividir é uma condição para bem comprehender; pratiquemo-lo com Joaquim Norberto. Sua vasta obra, parte publicada em livros, parte esparsa em jornaes e revistas, pode soffrer a seguinte divisão: novella, theatro, poesia, critica litteraria, e historia.

Será preciso juntar a isto a estatistica; porque o primeiro trabalho que tivemos no genero é devido á penna d'este autor. Quero falar do *Censo Geral do Imperio*, escripto e organisado por Norberto Silva, na sua qualidade de empregado publico. E' producção de valor, merecedora de attenção e aqui desde já citada, por ser apta a dar-nos uma das notas, um dos tons da physionomia espiritual d'este fluminense: a paciencia de esmeuçar, pesquizar, inquirir e verificar os detalhes.

Não é ahi, porém, que vou fazer o centro da minha analyse.

Das cinco regiões em que se manifestou a vida espiritual de Norberto, na esphera puramente litteraria, a novella e o theatro não são aquellas em que elle mais se distinguio. Os poucos ensaios praticados por este lado devem ser considerados tentativas em generos para que o autor tinha pouquissima aptidão. São productos fracos, de leitura massante, e hoje completamente esquecidos.

No conto e novella pouco mais publicou além do volume intitulado *Romances e Novellas*, apparecido em 1852

[illegible] Nictheroy, [illegible]
[illegible]
[illegible] de Janeiro. [illegible] theatro seus primeiros [illegible]
a tragedia *Clytemnestra* e o drama *Amador Bueno*. São obras de pequena monta, passos errados de um homem que procurava seu caminho. Tanto a tragedia, como o drama, são de 1843; d'esse tempo da puericia do autor são tambem as narrativas reunidas no citado volume de 1852.

E' na poesia, na historia politica e na historia litteraria que mais accentuada se nos mostrará a feição de Norberto. Ainda n'estas tres espheras podemos fazer divisões e reducções, tendentes a mostrar qual a especialidade em que foi elle mais eminente. Supponho que os seus maiores titulos estão nos trabalhos de historia litteraria.

Vel-o-hemos adiante. Por agora apreciemos quanto antes o poeta.

Na poesia a obra de Joaquim Norberto é a mais volumosa talvez do Brazil. Sem falar de *Clytemnestra*, que é em verso, elle tem nada menos de cinco volumes de poesias: *Modulações Poeticas*, *Dirceu de Marilia*, *O livro dos meus amores*, *Cantos Epicos*, *Flores entre espinhos*, e possue espalhada em jornaes e periodicos materia para mais tres ou quatro. A tanto deve montar o grande numero de *ballatas*, de *canções americanas* e d'outras composições poeticas espalhadas por Norberto *un peu partout*. Já não falo nos grandes poemas que diz possuir intitulados *O Brazil* e *Os Palmares*. D'estes existem apenas fragmentos publicados; impossivel se torna saber desde já si os ultimou. Já não falo tambem nas promessas feitas pelo poeta de diversas collecções lyricas sob a denominação de *Novas modulações poeticas*, *Cancioneiro das bandeiras ou cantos tradicionaes dos antigos paulistas*, e outras assim. Estas provavelmente nunca existiram. Digamos desde logo que o escriptor fluminense tem por certo trabalhado muito, um pouco de mais sem duvida, mas tem sido tambem muito prodigo em promessas, e algumas dellas irrealisaveis.

Onde foi, por exemplo, que Joaquim Norberto colligio

os *Cantos tradicionaes dos antigos bandeirantes*? Onde os encontrou? [illegible] capazes de illudir a espiritos [illegible] a este sestro, deu-nos as pretendidas respostas de Marilia ás lyras de Gonzaga.

A mesma inspiração levou-o á insinuação de serem suas *americanas*, cantos *tradicionaes dos nheengaçàras ou bardos do Brazil*.. Onde encontrou Norberto os *nheengaçàras* e os seus cantos?

Entretanto, o espirito desprevenido de algum europeu, ignorante de nossas cousas, poderá suppôr a existencia real dos *cantos dos bandeirantes* e dos *cantos dos nheengaçàras*, puros brincos da imaginação do poeta.

Noto isto e lh'o censuro, porque, como já fiz ver, elle é um homem de merecimento, e a exactidão historica é um dos seus fortes. Prosigamos. O poeta em Norberto mostra tres aspectos principaes: lyrismo objectivista, lyrismo erotico e certo genero de composições que os allemães costumam designar sob a denominação de epico-lyricas.

As *Ballatas*, as *Flores entre espinhos* e os *Cantos epicos* podem bem servir para testemunhar o talento do poeta por esses tres lados.

O lyrismo das *Ballatas* tem um certo espirito, um tom semi-popular denunciador das boas intuições litterarias do autor. São quadros tradicionaes e historicos, descriptos n'uma tonalidade facil e algum tanto pallida. Não tem calor, não communicam enthusiasmo, não dão febre, não despertam expansões em ninguem. São poesias de critico, feitas penosamente sob um plano assentado, n'um *canon* determinado e preconcebido. As principaes são: *A morte da filha*, *O ultimo abraço*, *A victima da saudade*, *O monte do Bispo*, *O mendigo*, *O suicida*, *D. Maria Ursula* e *O canto do marinheiro*. Aqui e alli apparecem algumas notas doces e amenas. D'este genero temol-as na ultima *ballata* citada —*O canto do marinheiro*. Mostremol-o, como exemplificação do talento de Norberto, no que elle tem de mais selecto:

« Nasci, como ave marinha,
Sobre estas ondas do mar;
Na triste minha barquinha
Cresci da onda ao embalar.

Na minha infancia innocente
Por terras nuvens tomei,
E d'essa illusão contente
Mil vezes—Terra!—gritei.

Ao silvo da tempestade
As ondas via dansar,
Cheio de temeridade
Punha-me logo a rezar.

Amei a brisa, que asinha
Foi-me tormenta cruel;
Amei a onda marinha,
Foi-me qual onda infiel.

Amei depois uma estrella,
Que no ceu via brilhar,
Ou, inda mais grata e bella,
Sobre as aguas scintillar.

Na terra um dia encontrando
De meu amor lhe falei,
Porém á terra voltando
Em vão por ella busquei.

Mas ainda como estrella
No ceu a vejo brilhar,
Ou, inda mais grata e bella,
Sobre as aguas scintillar.

Na minha patria inconstante,
No oceano, vou morrer,
Onde possa a minha amante
Sobre as aguas vir me ver!...» (1)

E' este o lyrismo do poeta fluminense em seus momentos mais felizes. As *ballatas* denunciam uma certa intuição da poesia popular; não que Norberto Silva a conhecesse praticamente, tivesse-a colligido e estudado com esme-

(1) *Minerva Braziliense*, pag. 397.

ro. Era uma imitação, uma contrafacção inconsciente; porem não despida de merito. Em todo o caso é sempre uma poesia mais simples do que a de Magalhães e Porto-Alegre, sem ter absolutamente o viço da de Gonçalves Dias.

No lyrismo que chamei erotico duas faces podemos distinguir em nosso fluminense: uma pessoal estampada no *Livro dos meus amores* e outra exterior e anecdotica nas *Flores entre espinhos.* É a erotica da pilheria, a poetisação de casos e contos de um sabor meio picante.

Alguns tem chiste. Dão bem todos a conhecer a indole bonacheirona, pacata e calma do auctor. Homem de estudo e de trabalho, é certo; não se afadiga, foge de aborrecer-se e irritar-se; é alegre, bem-humorado, palestrador; na conversação é cheio de anecdotas e gaiatices.

Um optimista em summa. Sua poesia, elle não a tem como um castigo, ou como uma doença; é antes um desenfado, uma succursal do ocio e da preguiça. E' elle proprio quem nos diz: « O que entendem por trabalhar? Assim perguntava lord Byron e por si mesmo respondia, que compuzéra o seu lindo poema *Lara* n'aquelle anno de galhofas, em noite que se recolhia de uma mascarada.

Menor pretenção ainda devem ter estes insignificantes contos a vista do poema do bardo inglez.

Não são, pois, fructos de trabalho, mas ephemeras producções de uma das variedades do ocio ou da preguiça, a que muitos como eu se estregam por desenfado, afim de não cahir em verdadeiro *spleen*, e que não seriam levadas ao cabo si rapidamente, durante a sua gestão, acudisse á mente a ideia de que era uma applicação séria em horas em que o espirito parece rebellar-se contra tanta servidão, pois que tambem elle tem o seu capricho. E' como as *primas donas*. Nem por outra cousa se deve entender a poesia.

Arregimentar os poetas entre os homens que trabalham seria dar-lhes uma occupação; mas dar-lhes uma occupação que nada rendesse seria tambem uma das maiores ironias aos olhos do seculo das locomotivas, dos caminhos de ferro, do telegrapho electrico, da photographia, e tal ve

da navegação aerea, e que em vez de Apollo invoca Mercurio.» (1)

Em meio das ironias do poeta bem se divisa sua theoria da arte. Esta é para elle um desenfado, um brinco, um emprego doce da actividade.

Não é, ao contrario, e como pensam muitos, uma especie de condemnação que pesa sobre o espirito humano, alguma cousa de doloroso a que elle não pode esquivar-se, uma imposição fatal a que não pode fugir. Eu bem sei o que se pode dizer pró e contra as duas theorias; porem não tenho obrigação de discutil-as agora.

Basta-me ponderar que o romantismo europeu e o brazileiro tiveram representantes das duas feições, que, levadas ao excesso, produziram verdadeiras extravagancias.

Aquelles *bohemios* debochados e frivolos, de um lado, e aquelles mancebos tetricos, misantropicos, candidatos ao tumulo, de outro lado, que aqui tivemos, foram nitidos exemplares das duas escolas entre nós. Gonçalves Dias, com todo o seu talento e com toda a sua gravidade, era um representante da theoria opposta á de Norberto. Patenteia-o bem este pedaço do prologo dos *Primeiros Cantos*: «Com a vida isolada que vivo, gosto de afastar os olhos de sobre a nossa arena politica para ler em minha alma, reduzindo á linguagem harmoniosa e cadente o pensamento qne me vem de improviso, e as idéas que em mim desperta a vista de uma paisagem ou do oceano, o aspecto emfim da natureza. Casar assim o pensamento com o sentimento, o coração com o entendimento, a idéa com a paixão, colorir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia, a Poesia grande e santa, a Poesia como eu a comprehendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir.

O esforço, ainda vão, para chegar a tal resultado é sempre digno de louvor; talvez seja este o só merecimento

---

(1) *Flores entre espinhos, contos poeticos,* Rio de Janeiro, 1864.

d'este volume. O Publico o julgará: tanto melhor si elle o despreza, porque o autor interessa em acabar com essa vida desgraçada, que se diz de Poeta. »

Ainda mais explicito é no prefacio dos *Ultimos Cantos*: « Eis os meus ultimos cantos, o meu ultimo volume de poesias soltas, os ultimos harpejos de uma lyra, cujas cordas foram estalando, muitas aos balanços asperos da desventura, e outras, talvez a maior parte, com as dôres de um espirito enfermo, ficticias, mas nem por isso menos agudas, produzidas pela imaginação, como si a realidade já não fosse por si bastante penosa, ou que o espirito, affeito a certa dóse de soffrimentos, se sobresaltasse de sentir menos pesada a costumada carga.

No meio de rudes trabalhos, de occupações estereis, de cuidados pungentes, inquieto do presente, incerto do futuro, derramando um olhar cheio de lagrimas e saudades sobre o meu passado, percorri este primeiro estadio da minha vida litteraria. Desejar e soffrer, eis toda a minha vida n'este periodo; e estes desejos immensos, indisiveis, e nunca satisfeitos, caprichosos como a imaginação, vagos como o oceano, e terriveis como a tempestade; e estes soffrimentos de todos os dias, de todos os instantes, obscuros, implacaveis, renascentes, ligados á minha existencia, reconcentrados em minha alma, devorados commigo, umas vezes me deixaram sem força e sem coragem, e se reproduziram em pallidos reflexos do que eu sentia, ou me forçaram a procurar um allivio, uma distração no estudo, e a esquecer-me da realidade com as ficções do ideal. »

Bem se comprehenderá o significado d'estas citações; meu fito é fazer a historia das idéas de preferencia á simples apreciação esthetica.

Uma das consequencias da theoria abraçada por Norberto Silva é requerer para os poetas o privilegio de serem sustentados, si possivel fôr, pelo governo.

D'ahi as azedas queixas contra a indifferença d'este. Ainda n'este ponto é preciso ouvil-o para bem comprehendel-o.

Lê-se no prefacio das *Flôres entre espinhos* : « Ninguem entre nós comprehendeu melhor do que o governo a missão do poeta.

O ministro a quem ahi se recommenda algum moço de imaginação ardente, capaz como Torquato Tasso de ter na cabeça meia duzia de epopéas esplendidas (*Será verdade?*), ou um theatro como Calderon e Lopez de La Vega (*Lope de Vega*), a primeira cousa que lhe faz é dar-lhe um emprego que o despoetise, que lhe petrifique a imaginação e o torne na maior e mais chilra prosa deste mundo e, ainda para mal dos seus peccados, sujeita-lhe a inspiração livre e ousada ao livro do ponto !

Entrando para a repartição a que o destinam elle póde, antes de agarrar-se como um bicho de seda ás folhas do orçamento, de que fará o seu triste nutrimento, bater na testa e dizer como André Chenier antes de entregar a cabeça ao gume triangular da ensanguentada guilhotina : —E' pena, pois aqui havia alguma cousa ! »

Vê-se bem que o poeta queixa-se do *seculo positivo, materialisado, americanisado*, e queixa-se tambem do governo que não protege os poetas, não lhes garante o brilho do talento em occupações adequadas, e, quando muito, os brutalisa nas repartições publicas.

A censura é tão geralmente repetida pelos homens de letras n'este paiz que póde bem suppôr-se não haver ahi de todo um simples capricho romantico.

O queixume é bem velho e não terá algum fundamento? Infelizmente tem-no e profundissimo. Creio, porém, não ser um phenomeno peculiar a nosso seculo ; é antes alguma cousa de particular á nossa terra, onde quasi tudo está ainda por fazer.

Nada n'este paiz está organisado ; tudo está á flôr do sólo, nada tem raizes; nós por emquanto não temos patria.

Isto é ainda uma immensa feitoria, onde as industrias, o commercio, as emprezas, todas as fontes economicas estão na mão dos estrangeiros.

A maioria dos nacionaes tem de seu para viver a mendicidade, a praça na tropa de linha ou nas melicias urbanas e o miserando funccionalismo publico.

Os homens de letras, que não se abrigam no funccionalismo, que vão viver das respectivas profissões, arrastam existencia penosissima.

Que vale aqui a profissão de medico, de engenheiro, de advogado, diante especialmente da pobreza geral e da já crescida concurrencia estrangeira nas duas primeiras? Resta a profissão da imprensa, no jornal ou no livro...

Mas, qual foi ahi o brazileiro que já viveu de uma ou outra cousa? Como, si o jornalismo nacional está na mão do commercio portuguez, em sua quasi totalidade, e é preciso dar a ganhar aos letrados patricios?

Como, si, antes de que a nós outros, é preciso contentar os talentos da outra banda? (1)

O escriptor brazileiro, e sabemo-lo por amarga experiencia, passa pelas quatro phases seguintes de desillusão e abatimento, consignadas aqui como attenuantes á critica:

1.ª Por pouco que tenha praticado, conhece logo que á sua arte nada lhe rende; não ha publico para os seus productos e o pauperrismo medonho lá está no fundo de todas as suas tentativas. E' a phase introductoria, a da *inutilidade economica* do seu trabalho.

2.ª Na falta de cotação no mercado para seus livros, elle procura os empregos publicos, ou, si é graduado, exercer a sua profissão, e como titulo apresenta seus escriptos, suas obras impressas. Si em tal cae, está perdido: « O *sujeitinho é litterato*, diz o governo, anda preoccupado

---

(1) Desde que resido no Rio de Janeiro (maio de 1879) até hoje (maio de 1887), isto é, em oito annos apenas, só no *Jornal do Commercio, Gazeta de Noticias* e *Paiz*, as tres mais importantes folhas da capital, têm collaborado effectivamente os Srs. Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Mariano Pina, Guilherme de Azevedo (já fallecido), Maria Amalia, Jayme Victor, Pinheiro Chagas, Julio Cesar Machado, Jayme de Séguier, e outros que me não acodem á memoria, alem dos muitos cá residentes. E ainda acham pouco !...

com litteratices; não convém... Medico ou advogado, poeta, diz o povo, não sabe medicina, não tem pratica do fôro; nada, não o chamem!» E' a phase seguinte á inicial, é a da *repulsa e abandono*, como um ente quasi inutilisado.

3.ª Batido pelo lado pratico da vida, raro é aquelle que persiste. Logo n'essa segunda phase abandona a mór parte o terreno. Si, porém, por qualquer circumstancia, ou por energia intima, o homem de letras continúa, então tem que entrar no terceiro periodo do tormento. Todos se aborrecem com aquelle importuno que teima em querer ter *distincção*, *fama*, *gloria*, pelo seu talento e seu trabalho. E' o periodo das descomposturas, dos ataques, das inimizades gratuitas e temiveis. Si o homem é espertalhão e tratou de acostar-se a um grupo, si formou em torno de si uma *claque*, inda poderá algum tempo aguentar-se na refrega, enganado pelos elogios dos amigos e camaradas, todos mais ou menos interessados, e cujo barulho é infantilmente tomado como a opinião geral do paiz... Si não fez assim, si por indole é arredio e não procurou quem lhe guardasse as costas, está irremediavelmente perdido; ninguem o salva do esquecimento ou de cousa ainda peior — o descredito. E' a phase do desengano completo, da tristeza intima por se haver perdido o tempo atraz de um sonho phantastico, *a gloria*, n'uma patria que não nol-a quer, ou não nol-a póde dar. .

4.ª Quasi ninguem resiste á terceira provação. Si alguem, si algum desabusado, por excessiva confiança em si proprio, ou por demasiado aferro a suas convicções, teima em produzir só com o fim de fazer triumphar suas idéas, independentemente de qualquer compensação, n'este ultimo e extremo caso, elle terá de passar pela mais horrivel provação porque póde passar um homem de lutas intellectuaes: — a consciencia da inutilidade de seus esforços!...

Tudo em pura perda!...

Ninguem se moveu, ninguem se convenceu! Tudo ficou como era d'antes: os mesmos erros, as mesmas fatui-

dades, as mesmas injustiças... « Ora, este brazileiro querer ter a razão, querer pugnar por doutrinas e principios, ter a pretenção de fazer a critica de nossa situação intellectual!... Não é possivel!...» E' a linguagem geral.

« Quem foi que disse isto? onde está escripto? é em algum livro francez, ou allemão, ou inglez, ou mesmo portuguez? Si é, bem; é acceitavel... Si não, ora, *F.* que não seja parvo; ora, *F.*, o filho de Sergipe, ou ali de Macahé, querendo ter idéas e saber das cousas!... Pedante! » E' o modo geral de reflexionar de todos nós; é nas letras a manifestação da nossa geral maledicencia, tão duramente descripta por Burmeister.

O leitor me perdôe este carregado quadro de diagnose patria. Não veio a esmo, nem são declamações. São confissões sinceras, filhas da observação e da experiencia de um homem que tem passado por todos aquelles estadios da malevolencia brazileira, e que ama o seu paiz, que anhela por seu progresso. São um pedaço de auto-psychologia nacional, que fornece um criterio para a benevolencia para com os nossos pobres escriptores. Coitados! Luctam tanto e são tão mal tratados! Mais indulgencia com elles.

Quem escreve estas paginas, ao começar em sua puericia litteraria seus primeiros estudos criticos, usava de certo rigor oriundo da inexperiencia.

Os annos e os amargos soffrimentos, que lhe infligiram, longe de o azedarem, o predispuzeram para melhor comprehender as innumeras difficuldades que assaltam os escriptores brazileiros. Quero falar d'aquelles que conquistaram palmo a palmo o seu terreno como perfeitos heróes. Não me refiro a quatro ou cinco filhotes da politica omnipotente, mettidos nas letras de longe em longe por desenfado, e perpetuamente incensados pelos aduladores, que nunca faltam. Comprehendo, pois, as queixas de Joaquim Norberto e faço justiça plena aos seus esforços.

Os estudos de historia brazileira, quer a historia propriamente dita, quer a historia litteraria, fazem o fundo de seu pensamento, e começaram a preoccupal-o desde

os seus mais verdes annos. Elle não começou pela poesia e passou depois para a historia; não; emfrentou-as ao mesmo tempo. D'ahi o caracter de *contos*, *lendas*, *tradições* de quasi todas as suas producções poeticas.

Nas proprias *Flores entre espinhos* esse caracter é evidente. O principio do segundo *conto poetico*, *A confissão*, dá-nos um quadro em miniatura do Rio de Janeiro no tempo do velho *entrudo*. E' apto a dar-nos segura idéa do espirito e das qualidades poeticas de J. Norberto. O final narra a historia de uma joven que confessara ao padre, cheia de lagrimas, ter morto um *mico*... Transcrevamos o principio:

« Sobre as azas da alegria,
Entre enganos ruidosos,
Entre vivas jubilosos,
Expirára o Carnaval.
Oh! quanta moça faceira,
Que muito se divertira,
Morrer com pena não vira
Esse triduo sem igual.

A rotula então perdèra
Todo o sigillo, se abrindo,
E um rosto moreno e lindo
Livre e ousado se mostrou;
E mais de um braço certeiro
Achou um alvo condigno,
Em que amavel, benigno,
Os seus tiros empregou.

Oh como então era grato
Ver bello limão de cheiro
N'um peito meigo, faceiro
Espargir mimoso odor!
Era como doce beijo,
Que, dos labios se arrancando,
Lá ia ardente voando,
Que as azas lhe dava amor.

Outras vezes, mais ousado,
O amante penetrava—
No lar que a moça habitava
Como uma pura Vestal;

E então, globos de cêra,
Contra globos mais mimosos,
Dedos trem'los... receiosos...
Espremiam... menos mal!

Ainda sobre as calçadas,
Quaes conchinhas de mil côres,
Ou quaes despencadas flôres,
Vê-se a cêra dos limões:
Signal de que o combate
Fôra forte e vigoroso,
E de parte a parte honroso
Aos valentes foliões.

Mas agora? Eis a cidade
Toda santa e penitente;
Do Janeiro a boa gente
Se apressa a se confessar;
Molhos, banhos, mil enganos
Aos incautos impingira,
Porém, agora suspira
Nas igrejas a rezar...

Oh! era um povo devoto,
Cantado pelo poeta
Naquella lyra selecta
Que o seu Rio engrandeceu;
Sim, S. Carlos fez no mundo
Celebrada esta cidade
Pela religiosidade
Que tinha... mas que perdeu.

Pela rua todo o povo
Em procissão caminhava,
E o sacro terço entoava
Ante o altar da mãi de Deos;
Quantas luzes n'essas noites
Não reflectiam de uns olhos
Que tinham settas a molhos
Para convencer a atheus!

Através das verdes rotulas
Brilhava muito semblante,
Com seu olhar penetrante,
Vendo a pia procissão;

Nas contas de seu rosario
As moças ali rezavam,
E si alguma vez peccavam,
Peccavam de coração !

Bello tempo ! Quão depressa
Deixou a nossa cidade !
A nova sociedade
Tudo—ai tudo !—reformou !
Tanta dansa e patuscada
De nossa paterna gente,
Tanto folguedo innocente,
Tudo—ai tudo !—se acabou !

Já ia a quaresma em meio,
E a cidade penitente
Lá corria diligente
Ao templo a desobrigar ;
Ia pela madrugada,
Antes que as trevas fugissem,
A esperar que se abrissem
As portas de par em par. » (1)

Não é uma poesia muito elevada esta; em genero algum Norberto ultrapassou a media.

É o que lhe aconteceu no genero epico-lyrico, onde acho-o ainda inferior. Falta-lhe força na inventiva e brilho no estylo.

Nas ballatas apparece as vezes certa naturalidade e nos contos poeticos certa graça apreciaveis.

Nos *Cantos Epicos* reina quasi sempre innegavel prosaismo. Bem quizera escondel-o; porem não posso. Os *Cantos Epicos* são umas narrativas em versos brancos sobre alguns factos historicos.

O auctor publicou seis n'um pequeno volume em 1861; são os seguintes: *A cabeça do Martyr*, *A corôa de fogo*, *O Ypiranga*, *A Visão do proscripto*, *A festa do Cruzeiro*, *Os Guararapes*;

O primeiro refere-se á cabeça de Tiradentes que fôra

(1) *Flores entre espinhos*, pag. 11 e seguintes.

collocada n'um poste em Villa Rica e recolhida alta noite por piedosas mãos; o segundo trata do martyrio de Antonio José nas fogueiras da Inquisição; o terceiro é relativo ao brado de nossa Independencia por Pedro I°; o quarto é attinente á Napoleão em Santa Helena; o quinto é sobre a creação da ordem do Cruzeiro entre nós; o ultimo é referente á celebre batalha ganha pelos pernambucanos sobre os hollandezes.

Norberto publicou um septimo sob o titulo - *O berço livre* dedicado á promulgação da lei de 28 de setembro 1871 (1)

As intenções foram boas; a execução deixou sempre a desejar. A litteratura brazileira possue alguns especimens do genero de subido valor. Nós não temos vigor epico, talento dramatico e grande chiste comico.

Em compensação temos volubilidades e ternuras lyricas. O calor lyrico junto, em algumas almas, a certos impetos varonis, tem-nos dado, de longe em longe, algumas producções, que se podem chamar epico-lyricas, de grande merecimento.

Cinco poetas especialmente, uns pertencentes á escola *condoreira*, outros verdadeiros antecessores della, foram os mestres reconhecidos d'este genero de cantos: José Bonifacio, com *O Redivivo* e o *Primus inter pares*; Pedro Luiz, com *Tira-Dentes*, *Nunes Machado*, *Terribilis Dea* e *Os Voluntarios da Morte;* Luiz Delfino, com as *Solemnia Verba;* Tobias Barreto, com *A Vista do Recife*, *Os Voluntarios Pernambucanos*, *Os Leões do Norte*, *A Capitulação de Montevidéo*, *A' Polonia;* Castro Alves, com *O Navio Negreiro*, *As Vozes d'Africa* e *Pedro Ivo*. Por todas estas poesias corre um calor, uma vida, uma seiva de enthusiasmo, que nos prende, nos electrisa. Não temos tempo de pensar nos seus defeitos; a furia poetica nos domina. A' aquelles cantos typicos podemos juntar *Napoleão em*

---

(1) *A Festa litteraria por occasião de fundar-se na capital do Imperio a Associação dos homens de Lettras do Brazil.* Rio de Janeiro, 1883, pag. 125

Waterloo de Magalhães, nosso conhecido já, e *O Festim de Balthazar* de Elysiario Pinto, olvidado poeta sergipano.

Outras existirão talvez por ahi ; aquellas são as mais notaveis. Os portuguezes tiveram um poeta, mais conhecido por seus romances e dramas, aliás mediocres, que foi um feliz cultor do genero epico-lyrico. Quero falar de Mendes Leal, com o *Ave-Cesar*, *O Pavilhão Negro* e principalmente com a *Cruz e o Crescente*. E' o principal antecessor do *condoreirismo* em nossa lingua, systema de poesia imitada de Victor Hugo, que produzio eutre nós muita cousa boa e muita cousa ruim.

Joaquim Norberto não teve jamais o vigor de qualquer dos poetas citados. Seus *Cantos Epicos* são inferiores ás suas proprias poesias lyricas. Os taes *cantos* são cheios de allegorias, de personificações, de machinas rhetoricas de velho uso, tudo proprio a embaraçar-lhes a leitura. Qualquer delles póde servir de exemplo. *A coroa de fogo*, *verbi gratia*, começa por uma personificação de Lisboa a dormir e a apparecer-lhe, tambem em fórma de matrona, o Rio de Janeiro, sob o nome de *Guanabara*. Esta se mostra de *semblante amorenado, como a tez do jambo*, e outras pieguices molestantes. Segue-se um dialogo entre as duas *cidades-matronas* a respeito do poeta que vai á fogueira,tudo n'um tom displicente de meter medo. E' inutil citar. Quem quizer va inteirar-se por si. (1) Norberto é pouco eminente na poesia.

Tenho pressa de avistal-o nos seus trabalhos de historia e critica litteraria.

E' onde é mais apreciavel, por ser onde está mais a gosto e mais em harmonia com a sua indole. N'esta esphera o primeiro elogio que lhe faço é o seguinte : hoje é impossivel escrever a historia, principalmente a historia litteraria do Brazil, sem recorrer ás publicações d'este laborioso escriptor. E' que existem certas averiguações,

---

(1) Vide *Cantos Epicos* por J. Norberto de Souza Silva, Rio de Janeiro, 1861, pags. 21 e seguintes.

especialmente na historia da litteratura, que pertencem de direito a Norberto Silva. Dividamos o assumpto e comecemos pela historia do Brazil.

N'este campo de acção o escriptor não dotou-nos com uma obra geral sobre todo o paiz, ao menos n'algum periodo de seus annaes. Tem-nos dado até aqui quatro producções principaes: *Memoria Historica e Documentada das Aldeias dos Indios da Provincia do Rio de Janeiro*, *Historia da Conjuração Mineira*, *Estudo sobre o Descobrimento do Brazil*, *As Brazileiras Celebres*. As duas primeiras sobrelevam de muito as duas ultimas.

Os meritos principaes do historiador são a clareza na exposição e o acuramento das pesquiszas. Não ha movimento dramatico, nem ha vistas philosophicas, nem ha vivacidade de estylo. Em compensação ha criterio, bom senso, conhecimento do assumpto. No livro sobre as aldeias do Rio de Janeiro fornece bons dados para o conhecimento da fundação das principaes cidades da provincia e formação da população.

No livro sobre a conjuração de Minas lança muita luz sobre a vida politica dos mineiros e do Brazil em geral nos fins do seculo passado, sobre a sociedade de Villa Rica, sobre o caracter dos poetas e escriptores do tempo e vinte outros pontos secundarios.

Contribuiu para reduzir as proporções assustadoras que vae tomando entre nós o mytho de *Tira-Dentes*. Não contesto aos brazileiros o direito de phantasiar heróes e encher de semi-deuzes o ceu de sua historia; si lhes praz crêar uma mythologia politica, crêem-na como lhes bem approuvér.

Estão no seu direito, e, quanto a *Tira-Dentes*, nas paginas mesmas d'este livro, ja tive ensejo de manifestar a minha sympathia. O que não posso tolerar é a pretenção estolida e brutalisante de se querer impedir os direitos da critica. Ainda hoje não posso comprehender os selvagens ataques de que foi victima Norberto Silva por haver tocado de leve na figura de *Tira-Dentes*!

E isto da parte de espiritos que se dizem liberaes!

E' uma grosseira intolerancia, só propria de animos selvagens. Alem de tudo, é uma enormissima insjustiça; porque o livro de Norberto, bem longe de ser obra de reaccionario, é um livro animado de fortissimo espirito liberal, alentados impetos democraticos. Qual o motivo pelo qual grandes e consagrados heróes, divinisados pela humanidade inteira, podem ter sido visitados no seu nimbo de luzes e sombras pela critica, e não se ha-de fazer o mesmo no Brazil a certos heróesinhos de hontem?

Qual a razão pela qual um Strauss pode chegar até Christo e arrancar-lhe parte da aureola, e não poderá um Norberto praticar o mesmo em *Tira-Dentes*? Ora, deixemo-nos de phantasias inuteis e respeitemos antes de tudo a verdade.

Nossa democracia não precisa, para viver, de firmarse em exaggeros e falsidades.

Antes de tudo respeitemos os direitos da sciencia. O livro de Norberto Silva é um bom e equitativo serviço em prol da verdade. Não é obra de reacção; é antes de propaganda liberal.

Como historiador, a epoca melhor conhecida de nossa historia por J. Norberto é o seculo passado em Minas.

E' pena que não tenha elle tirado de seus estudos um trabalho de conjuncto.

A predilecção, porem, que tinha pelo assumpto é evidente. Como poeta, novellista, historiador, critico litterario, sempre e sempre elle voltava ao assumpto. Na poesia *A Cabeça do Martyr* é dedicada ao protagonista da Conjuração mineira; no conto *O Martyrio de Tira-Dentes* é referente ao assumpto; na historia o livro a que nos temos referido; na historia litteraria os interessantes estudos e notas que acompanham as edições de Gonzaga e dos dois Alvarengas.

Taes e tantas pesquizas sobre a historia mineira no descambar do seculo passado devem ser considerados dos melhores serviços pelo nosso fluminense prestados ás letras

patrias. O pequeno volume sobre as *Brazileiras celebres* tem grande numero de paginas relativas ao assumpto predilecto. Como amostra do estylo de Norberto damos aqui um trecho d'esse livrinho, e seja um de assumpto mineiro.

Eil-o:

A rica capitania de Minas Geraes achava-se sob a pressão do terror e das perseguições. Ah! e que calamidade! Dir-se-hia que o anjo da agonia tinha estendido as azas enlutadas sobre Villa Rica, e que o hymno da consternação echoava de todos os labios!

Por toda a parte a justiça sequestrava. Não exigia tão somente o ouro, as joias, os trastes, os escravos e os animaes domesticos; sequestrava tambem a roupa do corpo, roubava tambem o tecto, o lar e o pão, e a familia isolada, malquista, ahi ficava nua á face do céu, ahi vivia sem habitação, ahi morria sem alimento!

O medo precedia os infelizes atirados como naufragos da tempestade politica a praias inhospitas. Eram os lazaros da inconfidencia, cujo contacto se temia como si tisnasse a mais pura e candida reputação. Ante elles se fechavam todas as portas, porque a piedade e a compaixão erão synonimos de complicidade no diccionario do governo colonial.

Ainda a sentença não havia impresso o ferrete da infamia sobre os descendentes dos martyres da independencia brazileira e já sobre elles pezava a mão negra e mirrada do destino acerbo que os aguardava!

Descendente das mais notaveis familias da capitania de São Paulo, distinguia-se tambem dona Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira pela sua formosura e pelas suas prendas, e esses dotes, que lhe deram a natureza e a educação, attrahiram a attenção, mereceram a sympathia, captivaram o amor do coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto.

Era elle poeta como Thomaz Antonio Gonzaga e, como o cantor da belleza de Villa Rica, celebrou a belleza de São João d'El Rei. Dotada de imaginação brilhante, sentindo o estro borbulhar-lhe no cerebro, a joven donzella retribuia afeição por afeição e folgava com poder pagar-lhe igualmente versos por versos, e o commercio das musas sanctificou e engrandeceu aquelle amor em que mutuamente se abrasavam.

Bacharel formado em canones na universidade de Coimbra e despachado ouvidor da comarca do Rio das Mortes, depois de ter servido de juiz de fóra de Cintra em Portugal, Ignacio José de Alvarenga, abandonou a carreira que abraçara com tantos sacrificios, que tão longas viagens, e tão aturados estudos lhe havia custado; esqueceu-se para sempre do seu ninho natal, esse magestoso Rio de Janeiro com seu ceo esplendido, com sua magnifica bahia, suas soberbas monta-

nhas, suas bellas florestas e estabeleceu-se no paiz, cofre dos diamantes e de gemmas de ouro.

Não era a sede d'esses thesouros, mas o amor pelas grandes emprezas quem o chamava a novas lidas que seguia. Bem depressa se viu senhor das ricas fazendas dos Pinheiros na freguesia de Santo Antonio do Valle da Piedade e do engenho de Paraopeba de Villa Rica e das terras e aguas mineraes da Boavista, de Santa Rufina, de Espigões, de San Gonçalo Velho, de Manoel José de Castro, do Campo de Fogo, dos Espigões do Aterrado, do Ourofalla, de Santa Luzia, e ainda outras, onde trabalhavam perto de duzentos escravos. E o poeta favorecido da fortuna offereceu a sua mão, deu-o seu nome á joven que não possuia senão os seus dotes naturaes.

N'aquellas lidas, n'aquelles enganos d'alma, passaram os dias felizes e o céu legitimou o consorcio d'estas duas almas com tres filhos e uma filha, sendo que esta, que os precedeu, era a mais querida de seus pais, passava como o anjo da felicidade domestica, representava a alegria e o riso de toda a casa.

O coronel Ignacio José de Alvarenga, alma afinada pela lyra da poesia, jamais deixou de cultivar o talento com que Deos o destinguira; porem sua esposa no meio de seus deveres caseiros, de sua missão de mãi, esqueceu-se de seus versos e votou-se de todo o coração á educação de sua filha Maria Ephigenia, tão formosa aos doze annos que lhe derão o nome de princeza do Brasil e essa antonomasia tornou-se popular.

Apezar da falta de recursos que havia no logar para uma educação acima da mediocre, D. Barbara Heliodora empregou todos os meios a seu alcance e a peso de ouro logrou que viessem se estabelecer na sua villa, junto do seu domicilio, os melhores mestres que existiam na capitania, e emquanto os filhos varões se entregavam aos brincos infantis, aos jogos pueris, pois eram ainda de tenra idade, a formosa menina estudava e se aperfeiçoava não só na sua lingua como nas estrangeiras e ainda nas bellas artes; a dansa, a musica, o desenho illustravam-lhe o espirito e lhe serviam de agradavel entretenimento. A' maneira, porem, que a distincta e virtuosa mãi redobrava de esforços e se extremava pela educação de sua filha, crescia-lhe o amor maternal, excedia-se em affeição, exagerava os seus carinhos. Já não a amava; adorava-a e exigia dos mestres não só toda a paciencia como deferencia para com aquella que, dizia ella, devia ser tratada como princeza.

Erão criticos os tempos. Sob a mascara da amizade penetrava a espionagem em todas as casas, ouvia todas as palestras, e depois delatava tudo com a mira nas recompensas politicas. Havia o coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto, tomado activa parte na conjuração mineira; a denuncia o involvera na lista dos implicados, e o despotismo colonial, viu n'elle um dos chefes mais ardentes da causa nacional, e

interpretou no enthusiasmo pelas cousas da patria, que nota-se nas suas poesias, a prova cabal de sua complicidade. Foi arrancado do seio de sua familia, preso e conduzido ao Rio de Janeiro, onde o lançaram nas masmorras asquerosas e immundas da fortaleza da ilha das Cobras.

Uma portaria expedida pelo governador visconde de Barbacena em 9 de setembro de 1789 mandou sequestrar-lhe todos os bens, para o fisco e camara real. No dia 13 de outubro de 1789 achava se D. Barbara Heliodora na sua casa do arraial de S. Gonçalo, na freguezia de Sant'Antonio do Valle da Piedade, termo da villa de S. João d'El-Rei, abraçada com seus filhos, misturando suas lagrimas com os ais das tristes criancinhas, que em vão chamavam o desditoso pai, quando viu entrar o desembargador Luiz Ferreira de Araujo e Azevedo, ouvidor geral e corregedor da comarca do rio das Mortes, com o escrivão de seu cargo, e o meirinho mor, e exigir d'ella o juramento para que declarasse os bens que houvesse do seu casal, sob pena de perjurio e das que incorrem os que subnegam bens a inventario, e para logo procedeu ao sequestro e real apprehensão.

Toda aquella grande fortuna accumulada com o trabalho suado de tantos annos e que ainda não estava consolidada, pois havia dividas a solver, foi fazer parte do acervo amontoado pelo fisco na penhora dos bens dos implicados.

D. Barbara Heliodora submetteu-se ao despotismo colonial. Entregou todos os bens de sua sumptuosa casa, sua pesada baixela de prata, as joias que recebera de seus pais, e de seu marido, e até uma caixa de rapé que tinha o seu retrato circulado de pedras preciosas.

Dous dias depois requeria ella que achava-se casada com carta de ametade, que de seu matrimonio existiam filhos e que sendo na forma das leis do reino em todo e qualquer caso livre a meiação da mulher, se procedesse antes do sequestro o inventario e partilha para se saber o que pertencia da meiação a cada um, e na parte que tocasse a seu marido se procedesse ao sequestro, ficando a parte d'ella livre e desembaraçada.

O seu requerimento foi attendido; procedeu-se na forma da lei, e assim pôde ella amparar a miseria de seus filhos e preparar-se um futuro menos acerbo.

Não foi, porem, bastante para a tranquilidade de sua alma. A justiça, que via fugir metade da mais importante parte do sequestro, achou na delação dos vassallos fieis o meio de envolver a illustre a mineira com os implicados, e seu nome veio a figurar nas duas famosas devassas que se procederam por esse tempo.

Viu-se na antonomazia de princeza do Brazil, pela qual era conhecida a joven Maria Ephigenia, um crime de leza magestade, uma idéa de independencia nacional; e o proprio professor de musica de sua filha, José Manoel Xavier, foi por duas vezes chamado a depôr em ju-

izo; porêm nada disse que a compromettesse, e o depoimento de outra testemunha cahiu não só por falta de provas como por nimiamente insignificante.

Aqui da sua prisão da Ilha das Cobras, levava o coronel os olhos saudosissimos pelas serranias da magnifica bahia que o vira nascer; lá penhascos horriveis e incultas brenhas cansavam-lhe a vista, que em vão procurava pelo ninho de sua desditosa prole; soltava então um brado de agonia, e atirava-se sobre a barra dura que lhe servia de leito, e chorava. Pouco a pouco se resignava e a poesia do amor e da saudade vinha emfim com as suas azas de ouro afagal-o, limpar-lhe o pranto e traduzir-lhe os gemidos em harmonias eroticas. Si a imagem da sua esposa lhe estava sempre presente como uma viva lembrança, ahi tambem para seu martyrio via nos braços maternos aquella filha, aquelle anjo que aos doze annos era todo o seu encanto, toda a sua alegria e orgulho. » (1)

Em historia litteraria Norberto não possue uma obra completa.

Tem andado a annunciar uma historia da litteratura brazileira; mas este livro não foi até agora escripto e provavelmente não o será jamais attentos a idade do auctor e o retrahimento em que hoje vive.

Seus mais prestimosos trabalhos no genero são a Introducção ás *Modulações Poeticas*, diversos artigos na *Minerva Braziliense*, na *Revista Popular*, e especialmente, os estudos e notas que acompanham as edições dos autores da *Brazilia Bibliotheca* do Sr. Garnier.

Norberto Silva dirigiu a publicação de Gonzaga, Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Laurindo Rabello.

Os bons serviços do escriptor fluminense n'esta esphera não são de caracter theorico e doutrinario; elle é pouco fecundo em recursos de analyses e apreciações litterarias. Seu merito positivo, por este lado, está na parte biographica dos autores, na verificação das dactas e dos factos.

Bem se vê ser este um trabalho preliminar indispen-

---

(1) *Brazileiras Celebres*, pag. 182 e seguintes.

savel para quem tiver de emprehender a historia da litteratura brazileira. É bem possivel escrevel-a sem recorrer nunca ás publicações de J. M. Pereira da Silva e do Conego Fernandes Pinheiro. Estes não foram prodigos nem de theorias, nem de factos; seus livros são copias mais ou menos habeis dos antecessores.

Norberto não; é caprichoso e tem probidade litteraria. Seus defeitos capitaes são falta de cultura classica e falta de cultura philosophica e sientífica. D'ahi a ausencia de idea dirigente no complexo de seus trabalhos, e o desalinho perpetuo da forma em seus escriptos. (1)

-

ANTONIO FRANCISCO DUTRA E MELLO (1823 –1846).— A historia d'este moço é rapida e commovedora. Filho do Rio de Janeiro (8 de agosto de 1823), bem cedo ficara orphão, e bem cedo tomara sobre os hombros o pesadissimo encargo de numerosa familia pobre, composta de sua mãi e quatro ou cinco irmãos menores. Dutra e Mello era tambem um menor, e ainda na infancia, quando lhe morrêo o pai. Cêdo arrojou-se aos estudos de humanidades, atirando-se loucamente ao trabalho, levando por diante o aprendizado das linguas ingleza, franceza e latina, da historia, geographia e mathematicas elementares. Com dezeseis ou dezesete annos conhecia a fundo algumas d'estas materias e jogou-se ao magisterio, e aos labores litterarios. Labutando excessivamente inaniu-se em pouco tempo, vindo a fallecer com vinte e dous annos e meio, a 22 de fevereiro de 1846. Antes e depois de Dutra e Mello

---

(1) Cahe ás vezes em descuidos compromettedores, capazes de denunciar-lhe ausencia de elementares conhecimentos. Ja vimos que Lope de Vega é para elle *Lopez de la Vega*. No *Martyrio de Tiradentes* fala tres vezes no *somno do philosopho Emenides* (pag. IV, 113 e 117); queria dizer *Epimenides*. Na *Historia da Conjuração Mineira* fala duas ou tres vezes *no despotismo colonial com seus algozes, seus espias e delatores, suas masmorras, com suas algemas, com suas forcas caudinas....*

Parece que Joaquim Norberto está esquecido do que sejam *Forcas Caudinas*.

muitos brazileiros de talento morreram na juventude, deixando renome na litteratura. (1)

Nenhum, porém, como elle, é merecedor de tantas sympathias. Os outros succumbiram pela mór parte por debilidade natural, ou por descalabros produzidos pelo vicio. O moço fluminense cahio victimado pelo dever, esmagado pelo trabalho, que devorou-lhe as forças e engolio-lhe a vida. Nenhum foi tão puro, tão ingenuo, tão idealista, nenhum tão profunda e verdadeiramente melancolico. Tambem nenhum teve tanta instrucção em tão verdes annos. Por este lado, só talvez Bernardino Ribeiro poderia hombrear com elle.

Muitos estragaram-se por sestros e manias romanticas, o que se não póde absolutamente dizer dos dous fluminenses, naturezas sérias, devotadas ao trabalho, e cuja vida passou-se em tempos anteriores ás sentimentalidades e choramingas systematicas.

O periodo das lastimações lamurientas, das phantasias morbidas, dos desmantelos aereos foi nos vinte annos decorridos entre 1845 – 1865. Foi o tempo da maior intensidade da *sensiblérie* nacional. Seguio-se o periodo da escola que hasteou a bandeira do *victor-hugoismo*, a que os

---

(1) Aqui dou uma lista extrahida do excellente estudo sobre Dutra e Mello devido á penna do Sr. Luiz Francisco da Veiga. E' esta : José Joaquim Candido de Macedo Junior—com 18 annos menos 15 dias; Antonio Joaquim Franco de Sá—com 19 annos, 6 mezes e 12 dias ; Manoel Antonio Alvares de Azevedo— com 20 annos, 7 mezes e 13 dias ; Francisco Bernardino Ribeiro—com 21 annos, 11 mezes e 4 dias ; Luiz José Junqueira Freire— com 22 annos, 5 mezes e 24 dias : Antonio Francisco Dutra e Mello— com 22 annos, 6 mezes e 14 dias ; Casimiro José Marques de Abreu— com 23 annos, 9 mezes e 14 dias : Antonio de Castro Alves— com 24 annos, 3 mezes e 22 dias ; Manoel Antonio de Almeida— com 29 annos e 11 dias ; Agrario de Souza Menezes—com 29 annos, 5 mezes e 29 dias ; Felix Xavier da Cunha—com 31 annos, 5 mezes e 5 dias ; Aureliano José Lessa— com menos de 33 annos de idade; Luiz Carlos Martins Penna— com 33 annos, 1 mez e 2 dias ; Luiz Nicoláo Fagundes Varella— com 33 annos, 6 mezes e 1 dia ; Joaquim Gomes de Souza— com 34 annos, 3 mezes e 17 dias ; Trajano Galvão de Carvalho— com 34 annos, 5 mezes e 25 dias. Muitos outros falleceram antes de completar os quarenta annos.

nossos criticos denominaram a pleiada *condoreira.* Os sectarios d'esta nova formula conservaram-se n'um terreno intermedio entre o velho romantismo e o naturalismo novo. Nem chorões, como os primeiros, nem tão nedios e gargalhadores, como os ultimos. Em nossa qualidade de povo superficial e semi-barbaro no fundo, nós não podemos ainda passar sem affectações.

Não sendo aqui a litteratura um producto forte, original, espontaneo de uma raça energica, pois em rigor ella não passa de um negocio de imitação do estrangeiro em sua quasi totalidade, nós andamos a chorar ou a rir, conforme nos tocam de fóra...

Hontem eram tristezas e magoas por toda a parte, hoje são alegrias e risos em toda a linha...

Antes isto. Ha apenas a lastimar que quasi nada seja verdadeiro ; porque quasi tudo não passa de superfectação.

Hontem no meio de alguns que choravam devéras, como foi por certo Dutra e Mello, viam-se alguns jagunços nedios, rubicundos, fortes, alegres, a choramingar tambem.

Era sem duvida ridiculo.

Hoje no meio de alguns que riem devéras, amplamente, sinceramente, ha alguns pobres doentes, pallidos, dyspepticos, phthysicos ou hystericos, que teimam em se dizer *sadios* (é o termo consagrado) e apostaram mostrar-nos os feias dentaduras...

E' um ridiculo de não menos vulto. E é o que se vê por ahi hoje.

Ora, vamos, com franqueza, é um desparate; n'um caso e n'outro não passa de uma affectação.

Nasce tudo de uma concepção superficial da arte e da litteratura, que são verdadeiros expoentes da natureza e da cultura humana e não simples caprichos da vontade, si é que a vontade póde ter caprichos.

A vida humana não é um tecido de pilherias, nem de desventuras ; é antes um labutar constante em busca de um futuro, de um alvo longinquo que nos escapa sempre,

O fim do homem não é gozar, nem soffrer; é trabalhar, é luctar.

Ora, o trabalho tem dôres e tem alegrias. Por isso uma vida toda cheia de risos, seria a de um frivolo; uma vida toda cheia de prantos, seria a de um monomaniaco.

Tal a razão pela qual uma litteratura puramente galhofeira é um impossivel, e uma litteratura puramente tetrica não existiu ainda. (1)

Tal a razão ainda pela qual nas grandes litteraturas encontram-se manifestações amplas d'aquelles dois estados do espirito conjunctamente; porque elles dois é que constituem a vida.

Por isso os grandes poetas são aquelles que têm uma nota para todos os estados d'alma, e não esses seres incompletos, que possuem uma só facêta e tangem alaúdes de uma só corda.

Um poeta, só por ser triste ou ser alegre, não merece censura, si a tristeza ou a alegria fôr sincera. Melhor será, sem duvida, que elle seja uma natureza mais complexa e variada, e tenha uma tecla para cada grupo de emoções. Ninguem melhor do que Schakespeare póde ser invocado para symbolisar a riqueza d'alma humana nos dominios da poesia. Sua vasta obra tem um som accorde para quantas mutações possam se gerar dentro em nós.

A critica não deve ser mesquinha e exigir de um temperamento mais do que aquillo que elle póde dar. Todas as notas são possiveis n'uma litteratura, predominando esta ou aquella, conforme a indole do povo, e a maior ou menor complexidade ou intensidade dos temperamentos individuaes. Os nossos melhores poetas condoreiros tiveram isto de bom: não foram frivolos, nem tetricos; ao lado de muitas paginas por onde coam lagrimas, quantas paginas enthusiasticas e festivas! A vida é isto. Seu alvo é a actividade, aconteça o que acontecer.

---

(1) Vide nos meus *Estudos de Litteratura Contemporanea*, o artigo sobre *A Alegria e a Tristeza na Poesia*

Nenhuma litteratura moderna, tanto como a alleman, desde Lessing, é uma tão nitida encarnação d'esse pensamento. Basta lembrar o typo do *Fausto*.

Em todo o caso, isto é o principal, devemos fugir dos excessos romanticos, dos excessos parnasianos, dos excessos realistas, e de quaesquer outros sestros unitarios e prejudiciaes; fujamos de uma receita, de uma tabella, de um *canon*, de um programma exclusivista. A arte é a região da liberdade; seja cada um livre de preconceitos e só consulte sua intuição, sua individualidade. A arte deve ser a antipoda da politica, deve ser a consagração do individualismo extremado.

O poeta deve ser o que elle é e não deve attender a cathecismos alheios. Deve estar n'altura de seu tempo, deve possuir-lhe a intuição geral; mas esta respira-se com o ar da vida; faz parte da atmosphera social, impõe-se por si mesma. Escusado é procural-a. E' uma acquisição quasi inconsciente.

O tom geral de uma época inocula-se em todos insensivelmente. E' uma especie de vegetação geral de que todos respiram os perfumes, ainda os mais refractarios. O modo de comprehender e exprimir a intuição geral é que é a obra pessoal dos artistas.

Raramente haverá um d'esses dualismos em perfeito estado de polaridade n'um mesmo tempo e n'um mesmo paiz, como aconteceu em França no seculo passado no theatro. A julgar a sociedade da epoca pela tragedia, era uma população de heróes, de cavalheiros, de caracteres talhados em rarissimos modelos.

A juigal-a pela comedia, era uma sociedade corrompida até á medula. Qual a que andava com a verdade? A comedia por certo, que se inspirava na vida real; a tragedia não passava de um genero convencional e falso n'aquelle tempo. Volvamos ao nosso fluminense.

Elle obedeceu á intuição de sua epoca entre nós; não foi um reaccionario; era um perfeito producto de seu meio.

Sua meninice passou-se no tempo do 1º imperador, sua adolescencia no periodo da Regencia. Tinha dezesete annos quando inaugurou-se o segundo reinado ; a phase de sua actividade litteraria decorreu de 1840 a 1846. Nascido no mesmo anno de Gonçalves Dias, não chegou a conhecel-o; quando este surgia para a fama n'aquelle ultimo anno com a publicação dos *Primeiros Cantos*, aquelle atufava-se no silencio do sepulchro.

E' impossivel negar o vigor e o enthusiasmo da geração que entrava em scena com o moço imperador. Na politica Euzebio, Paraná, Vasconcellos, Uruguay, Alves Branco, Abrantes e trinta outros estavam na plenitude do talento.

Na historia Varnhagen, Norberto Silva, Pereira da Silva e João Lisboa iniciavam suas valiosas pesquizas. Na cartographia Joaquim Caetano preparava-se admiravelmente. Na jurisprudencia, Nabuco, Rebouças, Teixeira de Freitas habilitavam-se com brilho.

Na poesia Magalhães, Porto Alegre, Gonçalves Dias, e Francisco Octaviano ja cantavam bem alto.

No theatro e no romance Macedo e Penna eram realidades e Alencar pouco depois appareceria.

Na critica Adet, Nunes Ribeiro e Torres Homem dictavam leis.

Hão-de convir commigo que ahi estão alguns dos mais fulgurantes nomes que brilham em nosso firmamento intellectual.

Pois bem; era um tempo de grandes esperanças, um tempo de enthusiasmo, a iniciação da patria livre no caminho do futuro.

A mocidade era activa e séria. N'esse meio, como productos espontaneos do clima social, brotaram Bernardino Ribeiro e Dutra e Mello, os dois herões da mocidade da epoca. Morreram ambos pouco além dos vinte annos, senhores de profunda e variada instrucção. Dutra e Mello foi amigo de Porto Alegre, Nunes Ribeiro, Norberto, e Macedo, todos jovens como elle e todos dados aos bons e proficuos estudos.

A poesia de Dutra e Mello resente-se do estado de seu espirito, do caracter de sua individualidade. No moço escriptor predominava a reflexão ; porém a reflexão morbida, travosa de melancolia, de desalento, de desgosto pela vida e pelo mundo. Juntava-se a isto uma fervente fé religiosa, um singular desejo de morrer para gozar do infinito....

Ninguem em nossa litteratura se preoccupou tanto com o *au delà*, com o *lendemain de la mort*. Si não tivesse morrido tão cedo, teria talvez acabado pelo suicidio ou pela loucura. Não é que seu pensamento fosse obscuro, cheio de irregularidades e inconsequencias ; bem pelo contrario, era profundamente claro e tonificado pela logica. E' que no organismo do moço poeta havia qualquer desequilibrio, que feria-o fortemente nas fontes da vida, abatendo-lhe demasiado o systema nervoso.

D'ahi essa tristeza incuravel, tão profunda talvez como a de Maurice de Guerin e de Amiel.

Variadas composições poeticas e artigos em prosa ficaram-nos do merencorio mancebo. Grande porção das poesias é de pequeno merito.

Duas merecem especial mensão ; porque n'ellas extravasou-se inteiramente a alma do poeta. Quero falar da *Manhan na Ilha dos Ferreiros* e da *Noite*. Só esta ultima era sufficiente para sagrar o poeta.

Ouçamos um fragmento da *Manhan*.

« Oh! corramos a ver tantas bellezas
Vistas sempre e tão novas sempre á vista.
Que magica mudança !
Que oceano de vida ! Submergido
Qual atomo no espaço, ora me sinto
Abalar como um ramo sacudido
Aos tufões do nordeste...
Oh! que frescura que electrisa e anima!
A alma se expande, em sensações se abysma !
Bella rompe a manhan ; qual pudibunda
Arreceiosa noiva, se colora

De vermelho o oriente, e roxo um circ'lo
Abraçando o horizonte, a côr vislumbra
D'uns labios em que a dôr vem debuxar-se.
Não luceja inda Venus, despenhada
Após o dia se perdeu na tarde...

Mas alta lá no céo divulgo a lua;
Pela manhan sorpreza na carreira
Desmaiada se esvae. Nos niveos braços
Nuvens a tomam; semelhara a imagem
D'um guerreiro, nas ondas do combate,
Erguida a lança, ameaçando a morte,
Que a treda balla sibilando encontra.
Pende sobre o ginete, e inda no rosto
A ultima expressão paira, e na bocca
O suspiro e a palavra se enregelam,

Em vortices rolando pelos ares
Turbilhões d'harmonias se diffundem.
Cada nota é soberba consonancia;
Cada leve cantar um instrumento;
Cada arvore uma orchestra, onde se exhala
Em suspiros, em arias, em gorgeios,
A musica da terra. Oh! que suavissimo
Concerto que ondulando a melodia
Domina um todo que embriaga o ouvido.
Passada a aurora vae. Lá rompe as nuvens
Fulgido raio dardejando aos ares;
Estira-se no mar; escamas d'ouro
Luzem brilhando no oceano immenso.
Nova scena de pompa se afigura;
Cada montanha té nas aguas roça
Largo manto d'azul. C'rôas aurejam
Na fronte erguida; é cada qual monarcha,
E um cortejo de principes são todas
Ao monarcha da luz. Rapido estende
Seu tapete ceruleo o céo que o espera. » (1)

E assim se prolonga mais ou menos n'esta fórma e por este gosto o quadro da manhan sobre a cidade do Rio de Janeiro visto da ilha dos Ferreiros, situada na bahia.

---

(1) *Minerva Braziliense*, pag. 462.

Os versos sahiram impressos em o n. 15 da *Minerva*, a 1º de junho de 1844; o poeta tinha pouco mais de vinte annos.

Bem se vê que seu viver subjectivo de espirito merencorio e tristonho não lhe impedia de vêr com os olhos bem abertos as scenas do mundo exterior. Mas o embevecimento pelos grandes quadros, pelos deslumbrantes panoramas durava pouco.

Os reclamos do mundo interior não custavam muito em apparecer. A *meditação* succedia logo *á contemplação* ; o mundo subjectivo tomava logo a dianteira, e a poesia, que principiava por um uqadro da realidade ambiente, passava um tanto adiante a perder-se nas sombras da melancolia psychica

Na poesia *Uma Manhan* este facto não se desmente; o poeta passou ás suas queixas, até acabar assim :

> « Minh'alma inda tão limpa e tão serena
> Como este céo d'America, tão calma
> Como este golfo languido, amoroso,
> Tão fresca e nova, como a aurora d'hoje,
> Apraz-se aqui na solidão, fugindo
> Ao sorrir frio e cynico dos homens.
> A natureza, Deus, ella : eis seu mundo,
> Que o outro só de horrores se povôa. » (1)

Dutra e Mello, segundo informa-me o venerando barão de Tautphœus, que foi seu collega, de magisterio no *Collegio Matheus Ferreira*, era alto, magro, esguio, pallido e profundamente melancolico pela certeza da phthysica que o consumia ; immensamente dedicado ao estudo, enthusiasta imperterrito pelas letras. Alma candida, ideialista, profundamente religiosa, assim consumiu-se precipitadamente.

A *Noite* é uma das producções mais sinceramente melancolicas que já uma vez foram escriptas por mão de brazileiro.

---

(1) *Minerva Braziliense*, pag. 463.

Por ser de difficil accesso, por ainda andar perdida nas paginas da *Minerva*, ou de ephemeros *Forilegios*, convido o leitor a percorrer commigo alguns trechos. Ouçamos :

« Luminoso esteirão mal deixa ao longe,
D'ouro e purpura accêso, o vasto carro
Em que o dia cercado de seus raios
Pelo ether passeia :
E a Noite melancolica e sombria,
Colhendo sobre a fronte os soltos cachos
Dos humidos cabellos,
Em tôrno aos hombros ageitando o manto,
Lança ás rédeas a mão, solta a carreira
A seus negros ginetes.
Emquanto despeitosas murcham, pendem
Nas campinas as flôres,
Emquanto um suspirar surdo e longinquo
Lamenta a ausencia do explendor do dia,
Lucidas, brilham tremulas estrellas
De pharóes lhe servindo. Ai ! como é triste
A solitaria marcha d'amargura
Que abatida percorre a linda Noite!
Seus negros olhos, e a carroça ebanea
Que pelos céos a tira,
As suas longas roupas tenebrosas,
Olhos desviam que o fulgor da aurora
Rutilante convida.
Oh! ninguem busca vêl-a! Aves e plantas,
Homens, tudo a abandona ! Ingratos, fogem
Como ao leito mortal do extincto amigo !...

Tu és, ó dia, o predileto encanto
Da natureza inteira ;
Todos amam colher as aureas flôres
Que as rodas do teu carro á terra lançam ;
Para o teu rutilar voltam-se os olhos,
E ninguem busca a Noite. O somno os prende,
Emquanto vagaroso vai seu plaustro
As campinas dos céos placido arando.
Mas tu me és sempre deleitosa e cara,
Oh Noite melancolica ; a minh'alma
Attractivos em ti descobre anciosa !
Não ama o pyrilampo a luz do dia,
Nem as aves da morte então soluçam !..

Noite amiga dos homens! No silencio,
Na calma vaporosa que desdobras,
No socego dos campos, das florestas;
A vida interna saboreio ardente.
Só então vive o espirito do homem;
Tenaz rebenta o pensamento algemas;
Linguagem de ternura e sentimento
Lhe fala o coração nas doces horas;
Surge a contemplação dos seios d'alma
Em cujas dobras cerra-se aos combates
Da vida labyrinthica do mundo;
E fresca mão na fronte vem poisar-nos
Mansa a philosophia animadora.

Noite amiga dos homens! Teus mysterios
Coração de quem ama não deslembra.
Podem muitos cantar-te em lyras d'ouro
Enlaçadas de brancas sempre-vivas,
De per'las, não de lagrimas, bordadas;
Sons de fogo arrancar das lisas cordas,
Confial-os á brisa das cidades,
Sem que um riso de mófa os enregele;
Correr dedos na lyra olhando uns olhos,
E vêr descer um beijo e as mãos queimar-lhes.
Mas eu n'harpa de bronze dos finados,
Onde a roxa perpétua, onde o suspiro
Abraçando a saudade se entrelaçam,
D'onde um véo côr da morte á terra desce,
Eu só posso cantar funebres cantos,
Carpidas nenias que o feliz desama.
Só no campo e lá quando abrindo as azas
Tu me acolhes saudosa, ó Noite, experto
Essa lembrança que só tu conheces,
Que eu guardo, e que uma tumba nos comparte.

Noite amiga dos homens! Quando imperas,
Maior o creador se nos antolha:
Que importa do teu sol a pompa, ó dia?
Essa luz triumphal, de resplendores,
Esse golphão da vida p'ra os sentidos?
Que importa esse brilhar da atmosphera,
Esse vario matiz que adorna a terra?
Perde-se a alma encarando o firmamento
Quando, ó Noite, o sombreias. Vê brilhando

Milhões de estrellas, que a distancia immensa
Minora á vista Luminosa a facha,
Que em torno a infindos sóes, infindos mundos
Abysmando a razão lhe patenteia.
E tu, magica chave das sciencias,
Tu, vasta analogia,
Quaes véos não rasgas, desdobrando á vista
Mysterios que o entrever mais engrandece!

Noite! ó noite formosa! Eu que amo os astros,
Eu, que n'elles suspeito mais que as luzes,
Não sei te abandonar, pois reflectindo
Prézo vêr n'esses globos outros mundos
Mais felizes que o nosso, onde outros seres
Mal, dôr, peccado e morte não conheçam;
Onde o sopro da duvida não tolde
A argentea luz da candida verdade;
E onde a hypothese louca e ambiciosa
Creações moribundas não produza.

Noite amiga dos homens! Teus altares
Não se mancham de tantos maleficios
Em que as aras do dia se deturpam;
Unes o esposo á esposa, e aos dous a prole;
A familia vê juntos os seus membros;
Irmãos, irmãs, em doce entretimento,
Fruem prazeres que interrompe o dia.
Riso, amizade e gosto sobrevôa
N'essa amena e tranquilla sociedade.
A alma se acrysola e purifica
Das escorias que o dia lhe injectara» (1)

Dutra e Mello deixou-nos tambem alguns artigos de critica litteraria. Os mais notaveis são os referentes á *Moreninha* de Joaquim Manoel de Macêdo e ás *Lyras* de Thomaz Antonio Gonzaga.

Ouzo dizer que o moço fluminense era mais um temperamento de critico do que um temperamento de poeta. Seus dois artigos de critica, dois simples ensaios, são dos melhores escriptos n'este paiz.

---

(1) *Minerva Braziliense*, 2ª. serie, pag. 279

Era em 1840 a 45; o genero apenas começava entre nós e começava dirigido por dois estrangeiros Santiago Nunes Ribeiro e Emilio Adet. Porto Alegre, Torres Homem e Dutra e Mello deixaram-nos pequenas amostras n'essa direcção.

Mas Nunes Ribeiro e Emilio Adet pouco escreveram; Porto Alegre atirou-se a outros trabalhos, Torres Homem meteu-se totalmente na politica e Dutra e Mello morreu; a critica teve de ficar muda.

Mais tarde chegou ás mãos de Norberto Silva, Conego Fernandes Pinheiro e Sotero dos Reis; porem Norberto é antes um pesquizador de factos historicos do que um critico, Fernandes Pinheiro e Sotero dos Reis são dois rhetoricos despidos de qualquer talento analytico. De todos os generos litterarios e scientificos é aquelle que ha tido n'este paiz um desenvolvimento mais enfezado e rachitico.

E' isto natural; a critica só pode tomar um forte ascendente nas litteraturas abundantes e robustamente constituidas.

Tal a razão pela qual a critica é um producto essencialmente moderno, rezultado da lucta e do embate de muitas correntes e direcções litterarias e scientificas.

Wolf, Winckelmann e Lessing são os fundadores da critica moderna. Desde então as producções litterarias deixaram de ser consideradas crêações caprichosas, e entraram na cathegoria dos factos normaes, historicos, relacionados com os meios, as raças, as instituições fundamentaes dos diversos povos.

Herder, Niebuhr, Ottfried Müller andaram pelo mesmo caminho por onde enveredaram mais tarde Gervinus, Hermann Hettner e Julian Schmidt.

Desde então a critica tinha deixado de ser uma cathegorisação da rhetorica e havia abraçado o methodo das investigações scientificas.

Sainte Beuve e Scherer assim o comprehenderam; os livros de Taine e mais tarde os de Guyau, Paul Bourget e

Zola popularisaram os novos processos ; o movimento propagou-se e chegou até ao Brazil.

Dutra e Mello em 1845 não podia ter essa nova e forte intuição da critica. Ainda assim, sua intelligencia era tão nitida e poderosa que os ensaios que produzira no genero ainda hoje interessam-nos pela segurança e elevação das idéas.

O meu fito não é escrever um diccionario biographico de brazileiros illustres ; não tenho inclinações para o genero.

Meu fim é fazer a historia do pensamento brazileiro, individualisado, encarnado nos seus mais dignos *representative men*. Neste sentido o artigo de Dutra e Mello sobre a *Moreninha* é uma revelação ; vem mostrar-nos em sua culminação como pensava em litteratura a forte geração de 1840.

Compare-se esse artigo, escripto ha quarenta e tres annos com o extravagante e fraquissimo artigo de Machado de Assis publicado vinte e quatro annos mais tarde como apresentação de Castro Alves ao publico fluminense, ou com o de José de Alencar da mesma época e por igual motivo.

Dutra e Mello revela mais largueza e maior segurança de vistas. E estas são em geral mais adiantadas. Não é que o espirito nacional tenha em geral talvez retrogradado ; é que Dutra assistia ao alvorecer de um systema litterario entre nós, o romantismo, que não havia ainda patenteado todos os seus defeitos e extravagancias.

Machado de Assis e Alencar, em 1868, assistiam ao desmoronamento do systema que já não passava de um accervo de disparates. Para o romantismo era já noite velha e a manhan começava a despontar para outras doutrinas e outras intuições.

Conversemos com o moço critico ; sua convivencia é proveitosa, ouçamol-o :

« O romance, essa nova fórma litteraria que se reproduz espantosamente, que mana caudal e soberba da França, da Inglaterra e da Allemanha, tem sido a mais fecunda e caprichosa manifestação de idéas do seculo actual. E' incalculavel o numero de paginas semivivas, pallidas e esboçadas, raramente sublimes, consoladoras ou asceticas, mas com frequencia dotadas de um verniz brilhante, de um colorido fogoso, que a improvisação enthusiasmada pela mania d'um mundo de leitores arranca do berço horaciano, onde um novennio de cuidados as aguardava. Fluctuando aqui e ali, um publico insaciavel as abraça, devora-as com avidez, deixa-as com indifferença, calca, rola na poeira e esquece para sempre.

Não foi conhecido o romance pela antiguidade; a fórma épica, centralisando n'um só homem raios de luz dispersos, personificando n'uma figura um seculo e annexando e fazendo entrar no seu vasto molde a gloria e feitos de uma e mais gerações; a tragedia, medindo o alcance de uma situação, extrahindo á força de genio e reflexão tudo o que ella offerece, levantando-se ás grandes idéas religiosas, politicas e philosophicas, não podiam ser coevos do espirituoso e vivo narrador das scenas domesticas, do apreciador das qualidades parciaes, da vida objectiva, dos caracteres isolados meio tragicos, meio comicos. O drama, e tão sómente o drama, podia raiar no horisonte, quasi nos fogos da aurora do romance, Shakespeare e Cervantes deviam brilhar no mesmo seculo.

O romance é, pois, nascido em tempos mais recentes; e, si o consideramos no pé em que está hoje, elle é genuino filho d'este seculo. Sentio uma necessidade que se pronunciava; votou-se a preenchêl-a e fez-se uma potencia. Esposando a imprensa jornalistica, tornou-se um colosso; mas, com dólo ou sem elle, ambos se enganaram: o jornalismo veio a ser exigente; o romance para satisfazêl-o desenvolveu fertilidade espantosa, e o aborto começou. Tendo de satisfazer um gosto que se depravava, elle se depravou tambem; esqueceu-se de que devia fazer a educação do povo, ou pelo menos de que podia aproveitar o seu prestigio para isso. Penetrando na cabana humilde, na recamara sumptuosa, no leito da indigencia, no aposento do fausto, perdeu de vista o fanal que devia guial-o; deslembrou-se de levar a toda a parte a imagem da virtude, a consolação mitigadora, a esperança e o horror do vicio.

Demais, multiplicando-se e invadindo terminos sagrados, elle, apregoou as mais exaggeradas pretenções; subdividio-se em classes numerosas, que cada uma abrange populações inteiras; tornou-se Protheo sem lembrar-se que—*La force c'est Jupiter, ce n'est pas Prothée.* É bem de crer que meditando seriamente na sua mocidade, elle se arrependa um pouco da quadra propicia que terá perdido. Avelhentado pelas suas devassidões, lançando os olhos para essa prole immensa de invalidas monstruosas e cynicas rhapsodias, achará para alivio de sua dor, aqui, alli

apenas um filho vigoroso, um Quentin Durward, um Werther, um Cinq-Mars, um Notre-Dame de Paris, e poucos outros; e quando em todos os demais achar verificado o *urceus exit* do Venusino, abraçando a pedra do sepulchro, cahirá exanime e tremendo da hora do juizo final da posteridade. A arte, revelando-se pela bocca de uma critica posthuma e severa, vendo surgir das catacumbas columnares de olvidados jornaes esse numero sem fim de Quasimodos, dir-lhes-ha voltando a face—*Nescio vos*. Como quer que seja, o romance tem percorrido uma esphera de gloria na Europa; o seu imperio tornou-se exclusivo. Digamos porem em abono da verdade que si as loucas pretenções do romance philosophico teem mangrado em geral, o romance historico nos tem dado primores e muitas pennas se crearam reputações continentaes n'este genero, e á frente d'ellas Walter Scott. Em Portugal tem elle prosperado com vigor : e naturalmente um povo que se mergulha com saudade na recordação de suas passadas glorias ; um paiz onde varões que emularam com a fortaleza das grandes personagens da antiguidade, imprimiram na historia quadros sublimes de dedicação e valor: onde a cavalleria, os Mouros e e os Arabes deixaram vestigios indeleveis, onde uma turma de litteratos fortes nos sentimentos que dicta o amor da patria empunha agora a penna ; este paiz, dizemos, não podia deixar de entrever no romance historico a forma congenita e adaptada ás ideias que nutre. Elle nos tem dado pois algumas paginas tocantes e grandiosas : elle tem sabido interpretar e revelar essas grandes acções, e temos para nós que ainda nos não deo quanto poderá dar-nos. O Sr. Alexandre Herculano é talvez o que mais se tem distinguido na serie d'esses escriptores,e nós lhe votamos em nossa humilde intelligencia os louvores que por certo merece, mas outorgados por outra bocca. Somos demasiadamente microscopicos para ousarmos tecer-lhe encomios.

Entre nós começa o romance apenas a despontar : temos tido esboços tenues, ensaios ligeiros que já muito promettem : mas inda ninguem manejou, que o saibamos, o romance historico, nem tão pouco o philosophico : quanto a este, porém, leve é a perda a serem tomados por modelo os delirios da escola franceza : um Louis Lambert, por exemplo. E comtudo o romance historico póde achar voga entre nós ; tem uma actualidade que não deve desprezar. As investigações historicas a que deve proceder quiçá, trarão luz sobre alguns pontos obscuros que homens devotados á historia do paiz buscam hoje lucidar ; póde tornar-se de envolta moralisador e poetico, si bem cahir no preceito. *Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci*. Si a vida prosaica e positiva que o principio eterno da contradicção entre os gostos e as circumstancias do homem nos obriga a ir vivendo, deixar-nos alguma vaga para recolhermos e ordenarmos algumas idéas sobre esta materia, esperamos cedo voltar ainda á questão.

Quanto ao mais, autores de merecimento, poetas distinctos se teem

occupado do romance sentimental e bellas paginas hão produzido ; outros generos vão sendo cultivados, e contamos cedo ver-nos indecisos no preferir em frente de numerosos rivaes igualmente aquilatados em merito. E, pois, realisem-se ao menos estas esperanças! pleiteie-se um pouco, debelle-se a indifferença que nos gela, e as fixas côres de um clima poetico venham collocar-se na palheta do artista !

Por ventura nossa podemos annunciar ao publico que um novo romance acaba de sahir dos prélos. No meio da tempestade eleitoral em que o positivismo egoista sacia os olhos, inda uma voz d'harmonia ousa espraiar-se. Uma vagabunda e feiticeira imaginação desdobra suas azas d'ouro e nacar n'essa atmosphera carregada de vapores. As imprecações foribundas que a orgia da politica faz retumbar de toda a parte parecem querer suffocar-lhe os sons. Pensar na belleza, meditar na virtude, enthusiasmar-se no casto amor das letras, são crimes para elles. Porém almas ha que inda n'ésta quadra não se desmentem da humanidade : a chamma sagrada arde em silencio em muitos corações e queira Deos breve tornado em raio não desça a exterminal-os.

O Sr. Joaquim Manoel de Macedo é felizmente um d'aquelles que repelle o contacto d'esse germen terrivel, d'esse gorgulho que espedaça o fructo de tantos disvelos ; e, como para consolar-nos da época triste em que lidamos, elle nos outorga um mimo, apresenta-nos a *Moreninha*, a viva, a espirituosa filha de sua rica fantasia ingenua e bella, innocente e jovial. Em uma hora de enfado nos appareceo esta interessante creatura, e ao vel-a tão risonha, transpirando ainda o beijo de adeos final que nas faces lhe imprimira o autor, nós a tomamos nos braços, e despindo as rugas do semblante, lhe ouvimos as palavras de ternura, de amor e sentimento que nos murmurava no ouvido. Resta-nos agora agradecer ao autor as horas de gosto que nos facultara, e em nome dos amantes das letras, o novo protesto que acaba de lançar contra a indifferença. Para cumprirmos um dever, daremos ao publico uma noticia da sua engenhosa producção e seja esta a minima recompensa da adhesão e amor que nutre pelo ideãl. Podesse ou não o autor, lançando mão de uma grande verdade moral, circumdal-a de factos envolvendo-a n'uma acção qualquer e fazel-a sobresahir da luta e successão d'esses factos; ou, inversamente, attentando um facto e as consequencias ethologicas n'elle englobadas, desenvolvel-as no correr d'um plano; podesse ou não tomar uma grande figura historica, uma paixão transcendente, ou na escala do amor um grão de maior vulto, dedicação e nobreza, uma abnegação sublime, e tratal-a com toda a expansibilidade de talento que possue, isso não nos diz respeito, e fôra questão de ultra-critica.

Devemos aceitar a sua producção tal qual, collocarmo-nos no ponto de vista para que a destinara, e compararmos a ideia que o possuia

e a maneira porque nol-a traduzio. Tal é o nosso dever, e gostoso nos é dizer que o autor desempenhou completamente o fim que se propoz.

Um d'esses amores de infancia que a sympathia gera, que um não-sei-que vigora, e que o tempo consolida; um amor abençoado pela voz moribunda d'um ancião, nascido e embalado com a caridade em dois ternos corações; esse amor de um joven de treze annos e d'um anjo de oito, fórma o centro de todo o movimento. Scenas da vida escholastica, cujo quadrar exacto com a verdade nenhum estudante negará, uma inconstancia inqualificavel, mas fundada, quadros da vida amatoria da juventude inconsiderada, episodios bem combinados, se engrupam, se harmonisam e realçam com belleza o todo.

O romance estréa interessante; o primeiro capitulo é d'um acabado inquestionavel; tudo o que se passa n'elle é tão natural, tão expressivo que a imaginação nol-o apresenta ainda como si o viramos. O dialago é rapido, insinuante, e cheio de vida; os caracteres bem annunciados e o contraste entre a figura molle, graciosa e romantica de *Augusto* e a indole positiva, secca e egoista dos seus collegas, faz um bello effeito. Os ataques que soffre e a defeza que lhes oppõe o campeão da volubilidade, teem por vezes muita agudeza e pico.

Para nós, que desejamos no dialogo tanta energia, como anciedade no enredo, é este um dos principaes titulos do nosso autor a justos louvores. A carta de Fabricio, aprendiz sem vocação, que sahindo do seu elemento suffoca-se n'uma atmosphera mais subtil, é cheia de pedaços comicos, e d'algumas observações sobre o caracter das nossas bellas que lhes devem desagradar sobremodo. Os principios cynicos do perfido estudante são detestaveis; e uma vimos nós seriamente agastada contra elle saciar sua vingança ao vel-o em taes apuros. Em confidencia diremos ao autor que uma senhora de muita perspicacia o accusa altamente de haver tratado com leveza a paixão predilecta do seu sexo; de ter calumniado o coração feminino, e de ter feito tão aprazivel um episodio que tanto as offende (pensa ella).

Transportemos-nos agora ao foco da acção, a essa ilha encantada de cuja descripção dispensou-nos o bom gosto do autor: dizemos bom gosto, porque o elemento discriptivo, (pedra de toque aliás do merito poetico) é hoje tão insulsamente empregado que menos interessa do que fatiga. Aqui bem longe de traçar-nos uma topographia exacta do salão, de desenrolar-nos brilhantes hypotypósis ou de espraiar-se em longas observações pathologico-moraes sobre toda a companhia, o autor define as senhoras em duas palavras e chegando aos homens diz: *Quanto aos homens... não val a pena. Vamos adiante.* Isto nos agrada muito e em verdade parece-nos muito melhor deixar transluzir e manifestar-se pelos factos o caracter de uma personagem do que fatigar-se ao principio em descrevel-a. A synthese n'este caso pertence ao leitor, e n'isto se basea a fórma dramatica. De mais os factos bem produzidos poupam

longas preparações ao autor e fazem nascer no espirito uma serie de reflecções.

A *Sra. D. Violante* é o typo de uma classe numerosa entre nós, que o autor sentio e desenhou com justeza. Tão comico nos pareceo este lanço, tão fulminador o contraste em que o misero *Augusto* se vê a respeito de seus collegas, tal a impertinencia da bruxa que o persegue e tão bem cabida a escapula e vingança obtida pelo diagnostico tremendo do estudante, que não podemos suster por muito tempo o riso. A nobreza com que *Augusto* declina de si o papel odioso de que *Fabricio* o busca incumbir, lhe attrahe um duello curioso; a mesa é o campo de batalha em que os dois campeões vão pugnar, e a interessante *Moreninha* que apenas deixou-se entrever deve apparecer em toda a luz.

Travessa como o filho de Erycina, voluvel como o beija-flôr, inquieta como a borboleta, innocente como um anjo, ella é romanticamente bella. Uma viveza graciosa, uma agitação continua, uma sagacidade e tino talvez sobremaneira em tal idade, mas a par de tudo um fundo de bondade, de simpleza e ternura, taes são alguns dos attributos d'essa linda creação. Porem que terrivel talento na satyra! Que malicia, que ironia, que promptidão de respostas! Como desmascara, como fere, como retalha! Que settas de fogo não crava ella aqui na sonsa *D. Quinquina*, alli na vaidosa *D. Clementina*, e mais longe no desastrado *Fabricio*?! A luta dos estudantes não nos foi tão saborosa como os remoques satyricos da *Moreninha*. Este caracter tem para nós bastante originalidade e rivalisa com muitas figuras traçadas por grandes pinceis.

A conversação de *Augusto* com a *Sra. D. Anna* vem lançar os primeiros clarões sobre o fio da historia. Mas (pela simplicidade do enredo) assim como facilmente previmos no principio o que veio a realisar-se na scena do jantar, assim bem se antevê quem seja a bella menina que Augusto commemora com tanta saudade e ternura. Entendamo-nos: não fazemos d'isto motivo de censura si não que louvamos o autor por nos ter poupado a um labyrintho de factos. Simples ou não seu plano foi bem executado, o que já é não pouco merito. (1)

Que diremos ainda ao leitor? O romance prosegue e vôa ao fim com rapidez, tudo se liga e se esclarece. Na scena do jardim a desapiedada *Moreninha* vibra ainda a sua arma favorita: Augusto, victima de uma de suas travessuras, vê-se pouco depois em critica posição. A passagem a que nos referimos, (um pouco romanesca) faz rir por certo, e, levada mais longe, faria fechar o livro a muita gente; felizmente é coarctada, mas parece um tanto livre.

---

(1) Omittimos aqui um longo fragmento por não tornar demasiado extensa esta citação.

Fazem-se notaveis ainda, (uma, pela graça, outra, pelo sentimentalismo) a conferencia dos quatro escolasticos e a scena do pediluvio sentimental. O autor dispara algumas settas contra os charlatães e curandeiros que muito nos agradaram. O resto do romance corre a mesma esteira e por toda a parte ha muito que louvar, sobretudo o caracter de *D. Gabriella*. Entretanto parece-nos extrema condescendencia das tres jovens que uma a uma se deixam confundir por Augusto, depois da derrota da sua companheira. A hora d'este *rendez-vous* e o tom da sociedade entre nós tornam pouco verosimil tal passagem. Va feito; *Le vrai peut quelquefois n'être pas vraisemblable.*

Recapitulemos. A *Moreninha*, producção que em verdade honra a seu autor, é uma aurora que nos promette um bello dia, uma flor que desabrocha radiosa donde vingarão pomos saborosos; uma esperança com todos os laivos de certeza. O desenho é simples e regular; não se vê perplexo o espirito, nem se agita com anciedade pelo exito; as explicações fazem-se pouco esperar. O disforme, o horroroso são alheios ao plano; a ausencia de grandes paixões, de rasgos sublimes, parece derivar-se da linha stricta que o autor se traçou, não dando ao seu romance uma côr philosophica. Toques sombrios, posições arriscadas não derramam n'elle o terror; reinam em toda a parte jovialidade, abandono e harmonia.

O estylo é fino, ironico e singelo. Ordem, luz, graça e ligação o tornam de uma transparencia crystalina, dão-lhe um polido, uma lisura nunca desmentidos. Porém do meio d'esta serenidade, d'este *négligé* escapam-se faiscas brilhantes. Respostas energicas, ditos agudos, imagens vivas matisam-lhe a contextura. O colorido é por vezes ardente, e quasi sempre animado, proprio e gracioso. Mas feriu-nos sobretudo a profundeza de observação que por aqui, por ali se nota, a finura de tacto na apreciação dos costumes e o particular e frizante da côr. O autor retrata bem o seu paiz no que descreve; sabe vêr, sabe exprimir. Tudo se diz de passagem, rapidamente; tudo se pinta n'um traço: nada ha de carregado.

Le style c'est l'homme, disse Buffon; e na verdade si as ideias constituem o fundo do estylo, si a sua ligação e clareza decidem da essencialidade d'elle, e si o moral e o intellectual do homem são o que as ideias o fazem ser, o homem deve retratar-se no estylo. Vê-se que uma facilidade, uma simpleza, um não sei que de franco, de interessante, de desempedido, são os dotes principaes do estylo em que é manejado a *Moreninha;* e tal julgamos nos ser o caracter do autor. Longe a affectação, os campanudos vocabulos, longe o amaneirado archaismo e o assustador neologismo. Linguagem casta e severa, acção viva e seguida, rigida moral, côr appropriada, eis o que nos cumpre.

Poderiamos agora lembrar ao autor um ou outro pequeno defeito, algum traço pouco firme, alguma leve antilogia, uma ou outra expressão

menos feliz ; mas com que fim ? Não será elle com a modestia e bom senso que lhe conhecemos, o primeiro a censural-os ? *Deixemos áquelles que têm olhos de prisma que tudo decompoem* o gosto pedantesco de se encarniçarem n'essas bagatellas. Toda a luz tem sombras, todo o caracter defeitos, toda a obra incorrecções.

O physico, o moral e o intellectual resentem-se igualmente da contigencia mundana. Não somos partidarios d'essa critica esmiunçadora, que alguem já chamou maledicencia. A grande critica, a critica das bellezas, tal qual a quiz o autor dos *Martyres*, é essa a que nos importa. Tudo o que é diminuto e acanhado lhe escapa: o silencio e a indifferença, eis o seu juizo em casos taes; e assim pensamos nós. Forma-se muito melhor o gosto dizendo-se—*Faze como isto* do que *Não faças como aquillo*. A educação moral levára a misantropia e suicidio se em vez de apresentar-nos o quadro edificante da virtude nos mostrasse o pavoroso aspecto do crime. O bello e o bom teem por si sós bastante força para attrahir as almas bem formadas, sem que mister seja o desgosto e horror pelo disforme e pelo máo para determinal-as a isso.

Pedimos agora ao nosso collega e amigo, depois de tão bem fadado ensejo, algumas paginas em pról da verdade. Lance ainda o seu pincel novas côres sobre a téla; e venha algum lenitivo a tantas intelligencias magoadas pelo materialismo, torpeza e libertinagem que transudam quasi todos os romances modernos; venha um alimento para alguns homens obscuros que vivem de meditação e de esperança, que se nutrem do ideal e sentimento; que inda veem com a fé, que inda vivem pela humanidade, que inda marcham para Deos.

Taes são as reflexões que nos tem suggerido a leitura da interessante *Moreninha*, livro que nos ministrou suave passatempo, livro a que o publico tem feito justiça, e de que seu autor deve dar-se os parabens.» (1)

---

(1) *Minerva Braziliense*, 1ª serie pag. 746 e seguintes.

O leitor não me levará a mal o lhe ir pondo diante dos olhos largos fragmentos de escriptos dos autôres que vamos apreciando. O meu fim é poupar-lhe o grandissimo trabalho de ir verificar por si o que lhe eu vou affirmando. A maior dificuldade que se depara a quem trata da litteratura brazileira não é formar uma ideia de seu desenvolvimento e dos espiritos que n'ella figuraram.

A grande, a immensa difficuldade consiste em ter á mão os productos d'essa gente. Muitos d'elles não deixaram livros, e o que escreveram anda esparso por jornaes e periodicos.

Outros fizeram em livro publicações de limitadissima tiragem, que se não reproduziram mais. Quasi tudo isto não se encontra nas livrarias e tem-se de recorrer aos belchiores e bibliothecas. Estas, por sua vez, são muito lacunosas. Autores ha de difficillimo accesso; por se não saber onde para algum exemplar de escriptos seus. Nesse trabalho de busca perde-se um tempo

De algum tempo a esta parte um punhado de moços levantou-se cheio de enthusiasmos e d'esperanças, alçando a bandeira de nossa regeneração litteraria: somos nós os da actual *nova* geração.

Nada mais digno de respeito e attenções do que o labutar da mocidade em prol de novas ideias, de um novo sentir.

Pode ella ser injusta nas suas apreciações, ser leviana em suas audacias; mas é sempre merecedora de applausos pela pureza de seus intentos.

Ha apenas a ponderar uma cousa : a nullidade do privilegio .... Todas as gerações têm igual direito ás attenções da historia; porque todas ellas houveram seu dia de enthusiasmo e de coragem para a lucta. Todas cumpriram a missão que a historia lhes assignalou e todas sentiram depois a arena do combate faltar-lhes sob as plantas, e o horisonte das grandes pugnas estreitar-se-lhes sobre a cabeça. É este o destino de todos, são estas as condições mesmas do progresso.

Que illustre que foi a nova geração do tempo de Magalhães, quando Bernardino Ribeiro era professor de jurisprudencia aos vinte annos e Dutra e Mello era sabio aos vinte e dois ; quando Martins Penna mostrava aptidões raras para o theatro e Gonçalves Dias tinha um cantar novo e preludiava nunca ouvidas melodias !

Oh! bemaventurados os moços que trabalham, e todos os que trabalharam; abençoada seja a memoria dos que se finaram em meio da jornada, tendo ajudado a levantar este paiz. E o moço poeta auctor da *Noite* foi um d'esses....

---

enorme e preciosissimo. Tal o motivo principal do retardamento d'esta historia, começada em 1882.

Tambem uma cousa é verdadeira, e é esta: não ha um só autor mencionado n'este livro que não tenha sido directamente pesquizado, lido e estudado por mim; não tive o menor auxiliar em ninguem, nem acceitei nunca os juizos formulados por outrem. Disto tenho fundado orgulho e o declaro sem rebuço.

Francisco Octaviano de Almeida Rosa (1825...)

Dois annos mais moço que Dutra e Mello e Gonçalves Dias, é da idade do segundo imperador.

Formou-se em jurisprudencia em São Paulo em 1845. Seus primeiros ensaios literarios dactam de dous ou tres annos antes e são adequados á intuição do tempo; por isso é elle desde ja contemplado n'esta inicial phase do romantismo patrio. Estabelecido no Rio de Janeiro, sua terra natal, bem cêdo atirou-se ao jornalismo e á politica, grangeando desusado renome.

Passa e tem passado desde muito pelo chefe emerito da poesia e da jornalistica entre nós.

A alta posição politica do senador Octaviano parece ser o principal factor de sua formidavel nomeada nas letras. Este phenomeno das chefaturas litterarias no Brazil é uma curiosidade digna de estudo.

O nacional tem o espirito sacerdotal e o sestro da passividade e obediencia em elevadissimo gráo. Não gosta muito das differenciações e das luctas; deseja caminhar por manadas, guiado por um chefe, quero dizer, uma figura decorativa, um nome passado á cathegoria de phrase magica, só por si capaz de apadrinhar a prole.

Dahi os alvoroços, não por um ideial, por um principio director das letras, mas por um chefe, um *idolo*, um homem que nos possa dar attestados de intelligencia e fornecer *prologos* para nossos livros....

Este *sacerdotalismo* tem sido a causa de gravissimos damnos para as patrias letras. Luctas mesquinhas, intranzigencias fatuas hão sido o menor desses males. Depois que habito o Rio de Janeiro, tenho visto conferir o bastão do commando aos senhores Francisco Octaviano, João Cardozo, Luiz Delfino e Machado de Assis simultaneamente. E' um singular problema de psychologia nacional esta vacillação do criterio geral expressando-se pela cidade que julga-se o cerebro e o coração do Brazil.

Como escriptor provinciano, quasi estranho a esta maravilhosa e sorprendente côrte, é possivel que não esteja

de posse de todos os mysterios da vida sobre-humana d'aquelles portentosos letrados. Quer me parecer, porem, não haver sido bem acertada a escolha. O Brazil é ainda muito novo, seu pensamento ainda muito pouco variado e original, para já termos chefes ás parelhas...

O senador Octaviano exerceu-se parcamente na poesia e no jornalismo politico; escreveu limitadamente, sem impulsos originaes, sem paixão. Não tem livros, não teve discipulos, não pode ser chefe. O conselheiro João Cardozo, barão de Paranapiacaba, é um velho rhetorico, poeta amaneirado, de estro moroso, que, produzindo um pequeno volume de incolores poesias, *A Harpa gemedora*, em 1849, só vinte annos mais tarde gemeu n'uma traducção do *Jocelyn* e ainda muito depois fez-se ouvir n'uma versão das *Fabulas* de Lafontaine. Não se distingue pela originalidade, nada de novo trouxe para a intuição litteraria do paiz. Não teve planos, não teve ideias, não tem discipulos, não pode ser chefe.

O Dr. Luiz Delfino dos Santos andou quasi sempre calado, publicando de longe em longe alguma poesia isolada nos jornaes e revistas. Nunca as reuniu em livro, nunca se fez conhecido do paiz inteiro: os homens de sua idade passaram ao seu lado sem o avistar. Só por ultimo se revelou activo; mas essa actividade não passou ainda da poesia.

Para o nosso seculo essencialmente de luctas é muito pouco. Tem talento sem duvida; deixa-o, porem, offuscar por muitas extravagancias. Tem hoje imitadores: não tem discipulos no alto significado da palavra. Não é um poderoso chefe, um grande mestre. Resta Machado de Assis. Tem sido mais activo do que os precedentes; manejou mais de um genero e mais de um estylo.

Tem mais de uma duzia de livros, escriptos com habilidade; mas sem genio. São filhos da placidez de um espirito amoravel e pacato, sem audacias, sem ousadias. O escriptor fluminense não é um luctador, não é pois um chefe. Pôr-lhe nos hombros taes insignias é absolutamente não comprehendel-o.

Não é isto fazer injustiça aos quatro auctores predilectos de certas classes do publico actual. Possuem todos elles não pequenos meritos, é incontestavel. Não mostram os rutilos signaes da força, da profundeza, da originalidade do pensamento, é indiscutivel.

Nenhum d'elles abriu uma phase nova em nossas letras; nenhum trouxe ideias ainda de nós não conhecidas, nenhum andou por caminhos ainda não trilhados.

Para que desfigurar a historia, alterando-lhes a caracteristica?

Ainda peior é essa teima, tratando-se de Octaviano Rosa. Elle por certo não precisa de condescendencias e ha-de olhar por cima do hombro a quem lh'as fôr offertar. Devemos-lhe a verdade e digamos-lh'a em nome d'este paiz.

Francisco Octaviano não é um temperamento litterario; fez litteratura incidentalmente. Produziu versos originaes e traduziu fragmentos de Byron em sua mocidade; logo a politica o attrahiu. Em prosa o pouco praticado por elle foi ainda consagrado á politica.

Apezar porem de sua parca e fragmentadissima producção litteraria, tem direito de entrar n'este livro como poeta e jornalista. Não deve trazer o porte altivo dos mestres, dos chefes, dos grandes heróes do pensamento; deve vir com o sorriso amavel dos bons companheiros.

O poeta em Fr. Octaviano passou por duas phases; a primeira, abrangendo o decennio de 1840 a 50, foi de vacillações e tentativas de fraquissimo valor. Como soe acontecer em semelhantes assumptos, as dactas ahi não tem um significado absoluto, especialmente tratando-se de Francisco Octaviano que nunca teve actividade nas letras e jamais publicou um só livro.

E' difficillimo reconstituir a historia intellectual de um homem que de longe em longe publicou uma ou outra poesia destacada em paginas de ephemeros jornaes e periodicos. Tenho plena certeza de haverem sido de pequeno prestimo os tentamens de Almeida Rosa na poesia em sua phase academica e logo depois.

Os documentos não nos falham de todo, e não se deve objectar com a sua verdura de annos então, porque nos jovens brazileiros a maior effervecencia poetica vae até aos vinte e cinco annos na maioria dos casos; poucas vezes chega aos trinta e raramente os ultrapassa. Falo da mór intensidade do talento e das effusões poeticas.

D'aquella primitiva phase litteraria de Octaviano Rosa restam-nos poesias originaes e traduzidas por onde possamos aquilatar-lhe o espirito.

Não se distinguem nem pelo fundo nem pelo estylo. São restos de um classismo rabujento, ou timidos passos na vereda de um romantismo incolor. Leiam-se a *ode* dirigida ao velho *Martim Francisco Ribeiro de Andrada*, a *espistola* endereçada a *Joaquim Norberto de Souza Silva*, e a *canção* intitulada *Adeus á Vida.*

Eis o principio da primeira:

« Que ha sido o galardão, que outorga a patria
Aos varões que a serviram ?... Qual o premio
Que seus feitos illustres mereceram ?....
Despreso!.... esquecimento!....

Não, a patria não é... não se a injurie,
Que ella sangra de vêr taes injustiças...
Dos homens o ciúme, a negra inveja
Esses crimes engendram.

Oh que apagar taes nodoas se não possam,
Que a historia em suas paginas ostenta !. ..
Que não possaes desconhecer, vindouros,
A ingratidão dos povos !...

Eil-o ao pêzo curvado das cadeias,
O heróe de Maratona a vida arrasta...
Qual seu crime ?... o livrar homens ingratos,
Defender sua patria... » (1)

A *epistola a Norberto Silva* tem este introito:

---

(1) Vide *Florilegio Brazileiro da Infancia,* por João Rodrigues da Fonseca Jordão, pag. 172.

« Como as almas, Norberto, se estasiam
No doce recordar dos doces tempos
Em que a outras o iman d'amisade
As havia attrahido, e confundia
Os prazeres de uma, e penas d'outra !...

Longe, ausente de ti, do eximio vate,
Do brazileiro sabiá canóro,
Cujos trinados me arrroubavam sempre,
E ao extase e prazer me remontavam,
Longe (direi tambem ?...) dos meus amores
Da minha Aonia terna e Armia ingrata,
Que sou? Misera ovelha, que na rocha
Deslembrado pastor abandonara.
Ah ! bem triste é, Norberto, estar ausente
De tudo o que no mundo nos é caro » (1)

O *Adeus á Vida* preludia assim :

« Adeus, minha vida,
Vida sem prazer,
Fruir-te não posso;
Adeus, vou, morrer!

Mirrada doença
O alento me prende,
A pallida morte
Seus braços me estende.

Revolve-se a terra,
A cova se abriu,
Meu corpo baixou,
A lousa cahiu.

Do mundo illusões
Na campa findaram,
Quaes flôres viçosas
Depressa murcharam....» (1)

N'este mesmo tom proseguem as tres citadas poesias, que ahi andam nos livros de classe propostas por modelos á

---

(1) *Idem*, pag. 229.

(1) Citado *Florilegio*, pag. 195.

mocidade. Esse era o estylo e aquella a intuição litteraria do encommiado fluminense.

Compare-se aquillo com os versos, mui poucos annos depois, escriptos por Alvares de Azevedo n'aquelle mesmo São Paulo e n'aquella mesma idade e digam-nos qual dos dois era ja de facto e deveria ser mais tarde o verdadeiro mestre. Não é preciso ajuntar mais nada para dar bem a comprehender o meu pensamento.

A segunda phase da vida poetica de Octaviano abriu-se no Rio de Janeiro. Bem cedo relacionado com os primeiros espiritos nacionaes na litteratura de seu tempo, Gonçalves Dias, Macedo, Alencar, seu gosto apurou-se, seu talento robusteceu-se.

O decennio de 1850 a 60 foi o de sua melhor producção na poesia e no jornalismo.

Depois a politica absorveu-o de todo. A esse tempo se prendem os fragmentos que traduziu de Shelley, Hood, Byron e outros poetas estrangeiros; são tambem d'essa epoca alguns versos de propria lavra.

Não são producções de primeira ordem, ostentam, todavia, certa graciosidade.

A este numero pertencem os *Desejos de doente*, aqui citados como documentação indispensavel:

« Querida, quando eu morrer,
Com tua boquinha breve
Não me venhas tu dizer:
—A terra te seja leve.—

Nesse dia vem calçada
De botinas de setim;
Quero a terra bem pisada,
Tendo teu pé sobre mim.

Em paga de meus amores,
Quando tombar o caixão,
Deita-lhe um ramo de flôres
Colhidas por tua mão.

E si mais pósso pedir-te,
Nesta eterna despedida
Deixa dos olhos cahir-te
Uma lagrima sentida. » (1)

Si isto não é o que se pode chamar um producto poetico totalmente desgracioso, não tem por certo grande elevação. Como documento psycholcgico tem algum alcance, por deixar-nos vêr um pouco da alma placida e um tanto epicureana do poeta fluminense, tomando esse qualificativo no bom sentido. Infelizmente por este lado é-me impossivel fazer grandes entradas, por falta de publicações do poeta por onde consegui-se estudal-o deta'hadamente.

Pelo que pude ler das producções do autor em sua segunda phase, denotam ellas certo mimo e delicadezas de ideia e de forma, sem elevar-se demasiado, sem attingir ao amplo e vasto lyrismo, sem chegar ás alturas da grande arte. O poeta não passa de certa mediania; podem testemunhal-o os seguintes versos por elle escriptos em Buenos-Ayres a 26 de junho de 1865, ao completar quarenta annos de idade. O illustre fluminense já era então de grande notoriedade em nossa politica e tinha ido á Republica Argentina celebrar o tractado da triplice alliança. Eil-os :

« Na manhã d'este dia o sol da patria
Vinha aquecer-me o leito em que eu dormia,
E meus filhos com beijos me acordavam
Na manhã d'este dia.

De um lado minha mãi me abençoava,
A esposa do outro lado me sorria:
O coração pulsava-me arrojado
Na manhan d'este dia.

Como tudo mudou ! Hoje, isolado,
Em terra estranha, nebulosa e fria,
Não me veio aquecer o sol da patria
Na manhan d'este dia.

---

(1) *Traducções e Poesias de F. Octaviano*, publicadas pelo Dr. Amorim Carvalho, pag. 39.

Santa mãi! terna esposa, caros filhos!
Não ouvis uns gemidos de agonia?
São echos da saudade de minha alma
Na manhan d'este dia. » (1)

Não são sem interesse estes versos; lembram o decantado *Si eu morresse uma han* de Alvares de Azevedo.

Dão bem a conhecer o estylo do poeta no que elle tem de mais doce e suave. Não quero suppor ter sido obra pura e exclusiva da sympathia politica o immenso renome de Fr. Octaviano em litteratura.

Alguma cousa de regularmente bom deve ter elle produzido, e deste numero é a mimosa poesia *Flôr do valle*. Não sei a dacta precisa d'estes versos; supponho serem pouco posteriores aos acima citados.

É uma interessante elegia:

« Ouviste um dia os canticos do anjo?
Viste em seu rosto da belleza as côres?
E na manhan de doce primavera
Flor do valle nascendo entre as mais flôres?

Então puro era o céu e verde o campo
E a vida allegremente lhe sorria;
Folgava em seu primor de mocidade,
E nos braços de Deus adormecia

E tão bella e tão casta! descuidosa
Do futuro em presente tão risonho!
Apenas em sua alma e quasi a furto
Vaga imagem de amor sorria em sonho...

Tanto mancebo esbelto que a cercava
Com olhares de candidos amores!..
Porem ella, mais pura e mais formosa,
Flor do valle brincava entre as mais flores!

A brisa da manhan lhe ouvia os cantos
E o echo da campina os repetia,
A tarde, sobre a relva perfumada,
Cantando novamente adormecia.

(1) *Gazeta de Noticias* de 27 de junho de 1880.

E cantava e dormia ! e veio o inverno
E trouxe sua nevoa e seus rigores,
E acharam-na sem vida, descorada
Flor do valle morrendo entre as mais flores !

Quando voltou depois a primavera,
As florinhas e o campo vicejaram,
O valle fez-se verde, o céu sereno,
Mas os cantos do anjo não voltaram....

Eu lhe ouvi a voz harmoniosa,
Eu vi a flor do valle em seus verdores...
Hoje só ouço o murmurar do vento.
A flor do valle abandonou as flores ! » (1)

São delicados e meigos estes versos; estão a revelar-nos um'alma doce, voltada para a ternura.

Faz-nos bem esta melodia moderada e placida; aqui não ha estertores ; Octaviano é dos que sabem chorar sem se tornarem ridiculos.

Elle é um homem calmo, de trato ameno, palestrador engenhoso, fluente, gostosamente, deliciosamente *entraînant*, ao que referem seus intimos.

Creio bem que assim seja; é um espirito de feições classicas proprio para ter vivido em Paris no seculo XVII.

Não é um homem de nosso tempo com suas luctas e suas durezas.

De resto é meticuloso e indeciso; natureza essencialmente sceptica.

No jornalismo exhibiu-se n'esse caracter. Suas poesias foram sempre curtas, ligeiras ; seus artigos de jornal tambem rapidos, breves. Foi sempre alheio aos grandes desenvolvimentos de analyse e de doutrina e refractario ao espirito critico.

Era um improvisador correcto, simples, facil; mas de curto vôo. Sua passagem pelo jornalismo foi celere e não deixou a mesma impressão da de Torres Homem ou de Justiniano da Rocha.

---

(1) *Pantheon Fluminense* por Lery dos Santos, pag. 314.

O poeta fluminense não foi um jornalista por vocação; fez caminho pela imprensa, como necessidade politica.

E' bem difficil saber si elle foi um temperamento litterario, transviado na politica, ou um temperamento politico, immiscuindo-se de vez em quando na litteratura, ou uma e outra cousa ao mesmo tempo.

As duas qualidades não se excluem. Podem combinar-se perfeitamente e a historia superabunda em exemplos.

Parece-me que em Octaviano ambas as tendencias e inclinações entraram em partes mais ou menos iguaes; mas sem grandes estimulos de um lado e d'outro.

Tal a razão pela qual não assumiu elle jamais uma posição definitiva na politica e na litteratura brazileira. Nem Gonçalves Dias, nem Silva Paranhos foi elle.

Por mais que si lhe queira favorecer, é impossivel negar-lhe n'aquellas duas espheras uma attitude mais ou menos ambigua. D'ahi esse estado psychologico especial, caracteristico, como esse em que tombam aquelles que dividiram-se entre duas actividades sem abandonar-se definitivamente a uma d'ellas.

Ficam a suppôr que uma das tendencias prejudicou a outra. Octaviano Rosa crê ter-lhe sido fatal a politica; mais de uma vez manifestou-se a este respeito.

O artigo posto por elle à frente dos *Vôos Icarios* de Rozendo Moniz Barreto é neste sentido typico; n'esse artigo escreveu isto: «.... sahiu-me de encontro a *politica*, a *infecunda Messalina*, que de seus braços convulsos pelo hysterismo a ninguem deixa sahir sinão quebrantado e inutil; veio-me ao encontro, arrastou-me para *suas orgias*..»

Posta de lado a entonação rhetorica, a empôla phrasecmanica do velho escriptor, sempre restar-nos-ia ahi um triste documento moral e intellectual de Francisco Octaviano, si quizessemos apurar muito as cousas.

Moral, porque má copia fornece de si o illustre senador, si ha quarenta annos atufou-se nas *orgias* da infame *Messalina*, tem n'ellas galgado posição e honrarias, é lá chefe de bando, é guia e mestre, e ainda não deu ao paiz a

satisfação de vêl-o sahir d'aquella festança arreliante; intellectual, porque assim confessa a esterilidade de seus planos, a inutilidade de suas ideias, si algum dia os teve.

Sejamos francos: uma critica forte e rigorosa, que precisasse de dizer todas as cousas com os seus proprios nomes e os nomes com todas as letras, estabeleceria que o senador Octaviano, para quem a vida teve sempre poucas difficuldades, não passou no fundo de um velho e acanhado romantico, um espirito esteril e vazio, incapaz em todo tempo de emprehender qualquer cousa de profundo e vivo em politica; tem sido uma natureza sem relevo, um homem apagado, que ha representado durante mais de trinta annos uma figura equivoca em nossas lutas politicas e sociaes; tem sido um estadista sem planos, um diplomata sem normas, como foi um jornalista sem grande vida, um poeta sem forte ideial.

Deixemos de lado os perpetuos elogios com que sempre o incensaram e desnortearam-lhe o criterio.

Em rigor, esse bello *causeur* pertence áquella classe de romanticos byronianos para quem a politica é uma pescaria ao destino, um jogo á ventura, uma funcçonata, uma festança em que vamos tentar fortuna.

Que um critico desabusado, um espectador livre de preconceitos, que de nossa politica tem apenas o conhecimento das grandes tropelias que n'ella se praticam, venha chamal-a de *Messalina*, concebe-se.

Mas que um factor d'essa politica, um diplomata, um senador, um chefe de partido, um homem de Estado, um acclamado mestre, venha dizel-o, não se póde comprehender.

O senador Octaviano, quer elle queira, quer não, foi e continúa a ser um dos amantes da *hysterica Messalina*... Não entrou n'ella como um matuto do interior, algum *coronel* senhor de *engenho*, só pelo gosto de ser *vereador*, ter uma patente da *guarda nacional* ou alguma commenda.

Entrou n'ella e em nossas lutas sociaes como um homem de letras, um adorado poeta, um publicista cheio

de talento e esperanças, como apregoaram os seus admiradores de sempre. E então porque não comprehendeu a politica ao theor de um espirito culto e desinteressado? Porque não vio n'ella a sciencia da vida nacional a que os homens de talento e caracter são obrigados a levar o seu contingente em prol do progresso e do futuro? Quaes foram jámais os seus planos, os seus estudos, as suas lucubrações sociaes?

Foram e são ainda um enigma insondavel.

Na politica, ou se entra em nome de um principio, de um programma serio, de um alvo fecundo e realisavel, ou não se toma parte n'ella definitivamente. E' esta a razão pela qual todos os grandes vultos, todos os notaveis estadistas, todos aquelles que se bateram em nome de um systema, de uma causa em bem da patria, nunca se arrependeram de seus esforços, quaesquer que tivessem sido as agruras do caminho. E' por isso tambem que todos aquelles que vêem na politica apenas uma vasta negociação e n'ella ingeriram-se sem ideal, sem vistas elevadas, ao cabo de tempos recuam espavoridos, arreliados, desilludidos. Então começam as queixas, as queixas infundadas, estereis, ridiculas...

Quando e como o senador Octaviano bateu-se em nome de nobres ideias? Como e quando elle fez a grande politica progressiva e scientifica? Como e quando elle lutou por fazer vencer seus planos, suas maduras convicções? Nunca e de fórma alguma.

No meio de nossos politicos mais notaveis occupa uma posição terciaria. Nunca o vimos á frente do Estado, levando a effeito uma nobre ideia; temol-o visto em sua banca de advogado, dando impulsos a poderosas emprezas.

Si tudo está podre, si o imperio se afunda, si a *Messalina*, em seu *hysterismo*, ostenta a corrupção e a infamia; si os projectos alevantados do digno senador não podem ir por deante, pela conspiração da torpeza, qual a razão porque o illustre fluminense não rompeu ainda as velhas relações, não esmagou da tribuna do senado os embaraços que

se lhe oppoem, não castigou os criminosos e não abriu novos horisontes á vida nacional?

Sua posição é commoda; mas não tem sido brilhante. Referimo-nos n'este ponto especialmente ao politico.

Elle é dos que explicitamente declaram nada haver construido n'esta esphera.

Resta-nos caracterisar agora o jornalista; n'esta qualidade elle tem sido cem vezes mais encommiado do que como poeta.

Entre os poetas era um pouco difficil outorgar-lhe o diploma de mestre; mudaram de tactica e lhe confiaram a chefia da jornalistica.

Aqui o mytho podia melhor sustentar-se: nada mais vago do que o renome de um jornalista; nada de mais difficil verificação! O jornal em seu tempo é lido ás carreiras, no *bonde*, ou n'algum logar prosaico...

Mais tarde é attirado a um lado, a um canto e ninguem mais pega n'elle. Os de annos atrazados foram destruidos pelos vendilhões para embrulhos. Escaparam umas cinco ou seis collecções, muitas vezes incompletas, que vão dormir nas bibliothecas o pesado somno das cousas mysteriosas. Ninguem mais os vae ler.

Ahi é facil crear legendas e levantar pedestaes.

Metteram o senador Octaviano n'este nimbo trevoso e deram-lhe nomeada de semi-deus.

Todavia, a critica séria não poude ainda descobrir quaes as notaveis e fecundas ideias propagadas por Francisco Octaviano; quaes os principios que elle fez triumphar.

E' este o signal inilludivel do jornalista de talento: fazer triumphar doutrinas e opiniões.

Eu percorri a historia politica e social do Brazil contemporaneo: vi os iniciadores de ideias, os portadores de novas doutrinas, os combatentes de todas as opiniões.

Não encontrei o senador Octaviano... A sua fama como jornalista é por certo mais infundada do que sua nomeada de poeta.

No Brazil são muito faceis estas bulhentas e rapidas famas litterarias conferidas a politicos poderosos por seus aduladores, mestres emeritos no systema de crear legendas facilmente aceitas por uma opinião indisciplinada e supinamente ignorante, como a nossa.

Mediocridades irrecusaveis são transformadas da noite para o dia em colossaes notabilidades.

Escragnolle Taunay, o senador aulico, o esperto illudidor dos estrangeiros para seus fins pessoaes, é d'este numero.

Francisco Octaviano, senador e chefe do partido liberal na provincia do Rio de Janeiro, tambem é da pleiada das notabilidades de convenção.

Todas as qualidades lhe têm sido attribuidas. Tem passado por poeta, jornalista, diplomata, orador, homem de Estado...A historia tem bons motivos para discordar em grande parte de semelhante pensar.

O illustre senador é para nós apenas uma das mais nitidas encarnações do espirito indeciso do segundo reinado no Brazil. A primeira de todas, como é natural, é o imperador, a segunda é o senador fluminense. Têm ambos alguns pontos de contacto.

D. Pedro é um sabio sem descobertas, e elle um escriptor sem livros; D. Pedro occulta-se por traz dos ministros para fazer o que quer, o nosso senador esconde-se por traz dos homens que dá por si; o imperador diz gostar mais das letras do que de seu officio de reinar, e Fr. Octaviano tem saudades de suas effusões litterarias e finge amaldiçoar a politica que o arredou da poesia...

Emfim ha entre elles uma certa rivalidade de intelligencfa, manifestada desde os tempos escolares; porque ambos têm a mesma idade e Francisco Octaviano era o *tutú* do joven principe quando este não sabia bem suas lições: « *Olhe, V. Magestade, que o filho do Almeida Rosa vae muito bem nos estudos e até está passando a V. Magestade* » — diziam os professores do paço, segundo nos affirmam velhos d'aquelles bons tempos.

Filhos da mesma epoca, obedecem ambos, *mutatis mutandis*, á mesma intuição, nutrem-se dos mesmos prejuizos e usam dos mesmos artificios. Almeida Rosa é sómente mil vezes mais culpado aos olhos da historia; porque D. Pedro está no seu papel de rei e o senador não devia esquecer jámais as virtudes plebeias. O imperador deve ser mudo, e foi equiparado aos loucos pela Constituição, e o senador, que não é *inviolavel, nem irresponsavel*, tem ás suas ordens a tribuna e a imprensa para dar largas ás suas ideias e ao seu patriotismo.

Mas o nosso diplomata gosta de deixar-se ficar nas regiões mysteriosas do silencio ẽ das meias palavras. Quando digo que Octaviano é uma nitida incarnação do espirito indeciso do segundo reinado, devo dar explicações.

Não sou do numero d'aquelles que se deixam tomar de indefinidas tristezas e entram a dizer mal de seu tempo; já estou bastante sceptico sobre taes esconjuros; são um phenomeno vulgar na historia e repetido constantemente no curso dos acontecimentos humanos.

Para mim nosso seculo em definitiva não é melhor nem peior do que os seus antecessores, e nossa idade contemporanea não é melhor nem peior do que as que, n'este mesmo seculo, a antecederam. Devemos, porèm, distinguir o que se refere á humanidade em geral do que diz respeito particularmente á nação brazileira. Si a humanidade no seu todo não retrograda, nem estaciona, as nações têm epocas de parada, e epocas de grandes crises e perturbações.

O segundo reinado entre nós, e no seu final especialmente, é uma d'essas epocas de estacionamento e crise. O Brazil n'este seculo realisou notaveis progressos.

Os reinados de João 6° e Pedro 1°, a Regencia e o segundo reinado nos seus primeiros vinte e cinco annos foram epocas de forte evolução.

O longo periodo do governo de Pedro 2° que já abrange a metade de um seculo, em sua primeira phase, foi tempo de progresso; não contrariou as tendencias das epocas an-

teriores e deixou avançar a evolução normal da vida politica e social do paiz.

Nos dois ultimos decennios o germen máo do systema, o microbio politico, que jaz no fundo de todas as organisações sociaes, tem vindo á tona, tem operado com intensidade e collocado o paiz na posição indecisa e vacillante de quem pára cansado para tomar folego.

Oxalá possamos continuar nossa jornada mais fortes e mais confiantes no futuro!

Volvamos a Octaviano Rosa e rezumamos.

Como poeta, não foi um espirito activo; pouco produziu e jámais alcançou a grande poesia nem pela fórma, nem pela profundeza do pensamento.

No jornalismo floresceu na epoca de transição entre o vigoroso Justiniano da Rocha e o amaneirado Quintino Bocayuva, isto é, symbolisa uma semi-decadencia. Foi um escriptor palavroso, rhetorico e sem grande vigor de ideias Não tinha calor, não tinha vida; era fluente, mas de uma fluencia mortiça, pallida e doentia.

Só produziu ligeiros fragmentos; por ser pouco apto para tomar uma ideia, uma doutrina e desenvolvel-as em todas as suas faces. Sua phrase não tem colorido, nem tem nervo; é flacida e molle como as bochexas de um velho.

Entre os diplomatas, Octaviano foi simplesmente um intruso. N'essa qualidade seu grande feito foi o tratado *da triplice alliança*... oh! o tratado da *triplice alliança* por occasião da guerra do Paraguay!... Como orador nosso politico é citado sómente ás occultas entre os amigos.

Na politica o nosso estadista dá *homem por si* e distingue-se por nunca haver governado. Ha tambem uma mythologia litteraria e n'ella nosso fluminense foi e é ainda um Deus. Quando acabaremos com taes e tantas legendas, quando reduziremos a suas exactas proporções o velho *mytho* de Octaviano Rosa na politica e nas letras brazileiras? (1)

---

(1) Cf. *Estudos sobre a Litteratura Contemporanea*, pelo autor, — artigo sobre o senador Octaviano.

João Cardoso de Menezes e Sousa, barão de Paranapiacaba. (1827...) É tambem um mytho litterario este, ao gosto e pelo geito do Brazil.

A mythologia litteraria entre nós segue marcha inversa a toda mythologia em geral.

Esta foi sempre uma representação do pensamento primitivo, indeialisação do passado obscuro e longiquo. Aqui a cousa é diversa; os heróes divinisados são sempre recentes e a canonisação dura emquanto o individuo existe ahi em carne e osso e pode nos prestar algum favor.... Morto o homem, desapparecido o semi-deus, esvaece-se a lenda e lá fica um logar vazio no altar dos crentes fervorosos e... interessados.

Qual o brazileiro notavel, fallecido a mais de dez ou vinte annos, que seja o objecto de uma veneração especial da parte de nós outros, povo superficial e prodigiosamente ingrato? Que especie de gloria reservamos nós para Gregorio de Mattos, Claudio, Alvarenga, Basilio, Gonzaga, Andrada e outros d'essa estatura?

Quem ahi guarda e zela a memoria de Magalhães, de Macedo, de Varnhagen, de Gonçalves Dias, de Alencar e outros ainda hontem incensados?

Onde estão os crentes, onde param elles?

E' que o merito litterario, scientifico, politico, todo e qualquer merito não é aqui a outhorga de uma opinião lucida e disciplinada, não é uma palma offerecida pela critica e pela justiça. É um negocio de camarilla, de *claque*, de conveniencias e sympathias de apaniguados. A nação em geral não toma parte n'estas cousas; estão fóra de sua alçada entre nós.

Só a vivos, disse eu, é concedida a canonisação nas letras; mas não é cousa que vá bater á porta dos mais meritorios. O processo é especialissimo, tem manhas occultas, que requerem estudo especial. Este assumpto constitue um interessante capitulo de psychologia nacional, que não pode ser agora esplanado.

Basta-me dizer, por emquanto, que a fama, o ruido em torno de um nome no Brazil é sempre uma occupacção e empreza de alguns grupos e em certos e determinados casos a politica não é estranha ao negocio. Tal a hypothese do senador Octaviano, tal em parte o caso do B. de Paranapiacaba e de todo o de Taunay.

Uma cousa podemos tambem desde já avançar e é esta: o merecimento positivo, obtido por trabalhos serios e de difficil apreciação, especialmente na esphera scientifica, esse nunca foi reconhecido e proclamado pelos brazileiros, em se tratando de patricios seus. Sempre, pelo contrario, é constantemente negado quasi a ferro e fogo, si preciso fôr.

Todos os tropeços imaginaveis, todos os obstaculos e obices são inventados; não ha injuria, não ha calumnia, que não saia da immensa forja da maledicencia. É um horror de fazer enlouquecer. É sempre necessario que do estrangeiro nos mandem dizer: « *não sejais estupidos; vosso patricio tem razão* ! Então, sim; todos curvam a cabeça e abrem as boccas, submissos ao mando da Europa e espantados da existencia d'aquelle *monstro* cá n'esta terra de macacos e papagaios!...

Ainda ha pouco foi este exactamente o caso do Dr. Domingos Freire.

Hontem apedrejavam-no; hoje fazem-lhe festas, não por o comprehenderem e admirarem conscientemente, mas por trazer elle um *brevet* de Paris!... Para que estudar e escrever n'uma terra d'estas? Para que criticar alguem, para que estou eu a trabalhar n'este livro, por exemplo?

Felizes aquelles que logo em vida tiveram o bom quinhão n'estas lutas brazileiras. Paranapiacaba é d'esse numero. Para que perturbal-o em seus idyllios de gloria? Elle é querido, é proclamado grande homem por um grupo, e é de boa polidez deixal-o em suas illusões...

Deram-lhe o titulo de *conselho* e os brazões de *barão por seus serviços ds letras...*

Nós limitar-nos-emos a enumerar esses *serviços*.

E ficará feita a nossa critica e tirado o retrato do illustre titular.

O conselheiro João Cardoso é de 1827, o anno em que nasceram José Bonifacio e Bernardo Guimarães ; creio ser d'esse anno tambem João Silveira de Souza.

O primeiro livro de João Cardoso, a *Harpa gemedora*, é de 1849 ; d'esta mesma dacta são as *Rosas e Goivos* de José Bonifacio e as *Minhas Canções* de Silveira de Souza. N'esse tempo figuravam tambem em S. Paulo Aureliano Lessa e Alvares de Azevedo.

Todos elles vão formar a phase especial do romantismo brazileiro presidida por este ultimo.

O barão de Paranapiacaba figura na phase presidida por Araguaya, por haver affinidades entre elles.

Ao passo que os seus coevos e collegas se entregaram resolutamente ao romantismo e até ao ultra-romantismo, o futuro barão teve sempre veleidades classicas ; é hoje ainda, e sempre foi, um espirito tardigrado. Ainda hoje vive no tempo de Garção e Filinto, ainda hoje tem o cheiro da *Arcadia ulisyponense*... Não é um temperamento litterario; é um espirito essencialmente *bureaucratico*.

Tem-se manifestado como poeta e como publicista. N'esta ultima qualidade só tem produzido trabalhos de encommenda do governo, em a sua qualidade de empregado publico. O barão foi até a poucos mezes director de uma das secções do Thezouro Nacional. Entre os trabalhos de tal genero, e que ouso considerar os melhores devidos a sua penna, figura um sobre a colonisação estrangeira no Brazil e outro sobre a descriminação de impostos geraes, provinciaes e municipaes entre nós.

Adiante diremos alguma cousa sobre taes escriptos. Por agora demoremo-nos no poeta.

O barão de Paranapiacaba não é, nem foi jámais, um temperamento litterario, dizia eu, e menos ainda poetico.

Os seus livros em prosa, disse, são devidos a incumbencias do governo ; estão bem longe de ser obras espontaneas, filhas de necessidades fundamentaes de um espirito.

Os livros de poesia reduzem-se a quatro.

Dois são as traducções do *Jocelyn* de Lamartine e das *Fabulas* de Lafontaine.

Os dois outros são a *Harpa gemedora* e a *Homenagem a Camões*. Este é um pequeno volume de occasião sem prestimo quasi algum e o primeiro é tambem de diminutissimo valor.

Ha uma circumstancia especial, que deve ser notada para mostrar como a litteratura é uma superfetação na indole do nosso titular.

Refiro-me á interrupção enorme que vai do seu primeiro livro de poesias aos seus companheiros recentes.

Da *Harpa gemedora*, prosaica até no titulo, á traducção do *Jocelyn* vão 26 annos; d'ella á *Homenagem a Camões* vão 31; d'ella á primeira edição das *Fabulas*, 34.

Aquelle primeiro e grande intervallo foi preenchido por pequenos artigos de circumstancia e ligeiras poesias sparsas.

Entre estas figura *A Serra de Paranapiacaba*, fonte inspiradora do titulo de seu baronato.

O nosso poeta deu tambem o nome a uma rua da capital do imperio americano...

Compare-se esta vida, só accidentalmente votada ás letras, com a actividade de seu contemporaneo — Gonçalves Dias.

Este falleceu aos 41 annos de sua idade, tendo apenas 20 de actividade litteraria (1843-1863).

N'este curto intervallo deixou pégadas indeleveis na poesia, no theatro, na critica da historia e na ethnographia d'este paiz. Um quadro synoptico de sua vida vem proval-o despoticamente. Eis os seus livros:

Em 1843 — *Patkull*, em 1844 — *Beatriz Cenci*, 1846 — *Primeiros Cantos*, 1847 — *D. Leonor de Mendonça*, 1848 — *Segundos Cantos*, *Os Tymbiras*, 1849 — *Reflexões sobre Berredo*, 1850 — *Ultimos Cantos*, *Boabdil*, 1852 — *O Brazil e a Oceania*, 1854 — estudo sobre as *Amazonas*, sobre o *Descobrimento do Brazil*, *Vocabulario da lingua geral usada*

no rio Amazonas, 1857 — edição geral e augmentada de todos os *Cantos*, 1858 — *Diccionario da lingua tupy*, 1860 — *Relatorio* sobre a viagem de exploração ao Norte e as ultimas composições poeticas.

E' este o elencho das publicações de Gonçalves Dias, pelas dactas, deixando de parte grande porção de artigos pelos jornaes e revistas.

Ninguem foi mais sinceramente um homem de letras n'este paiz do que esse pobre mestiço, obscuro e desdenhado, felizmente pouco tempo, porque logo Alexandre Herculano nos mandou dizer — que elle tinha talento, mais talento do que muitos dos nomes já feitos na litteratura dos dois paizes...

O barão de Paranapiacaba até a morte de Gonçalves (1864) era quasi obscuro. Sua grande nomeada é uma creação conservadora de 1868 em diante. Já foi deputado e é pessoa da estima particular do monarcha...

Tem trabalhos de poeta e de publicista, adiantei eu; na poesia tem producções originaes e traduzidas. As originaes podem soffrer a divisão em tres grupos: a *Harpa gemedora*, symbolisando a primeira maneira do poeta, peças soltas, cujas é a mais notavel a já referida *Serra de Paranapiacaba*, individualisando a segunda maneira do cantor paulista, maneira que vem finalmente caracterisar-se na *Camoneana brazileira*. (1)

Vejamos tudo isto methodicamente. A *Harpa gemedora* é um producto enfezado; são poesias que nada exprimem nem do que se pensou nem do que se sentiu n'este paiz em seu tempo.

Podemos bem ajuizal-o, lendo a *Imprecação do indio*, peça que o illustre barão achou digna de figurar na grande festa litteraria celebrada em 1883 no Rio de Janeiro em honra ao Dr. Vicente Quesada, ministro argentino.

É uma longa poesia em versos brancos trotados em monotono diapasão, referindo as queixas de um caboclo a

(1) O Conselheiro João Cardoso é filho de Santos em S. Paulo.

Tupá, por haver sido conquistada sua terra.... A these já n'aquelle tempo (1849) era gasta e toleirona. Ha evidente intenção de imitar Gonçalves Dias, cujos *Primeiros Cantos*, como vimos, corriam mundo desde 1846.

A peça tem 172 versos taludos; ouçámos apenas os primeiros;

« Tupá, Tupá, porque mudaste em sangue
A crystalina lympha dos regatos?
Porque prostraste com tufões medonhos
Os troncos gigantescos das palmeiras,
A cuja sombra, em leitos de boninas,
Dormiamos em paz tranquillo somno?
Porque já não branquêa, alem, na serra
O *itutinga* nas pedras reboando,
E não semêa a viração da tarde
Nuvens de flores sobre a verde gramma?
Em vez do grato aroma das mangueiras,
Que nos traziam zephiros nas azas,
Mephitico odor de sangue infecto.
Em vez dos hymnos do plumoso bando,
Que em doce accorde os echos despertavam,
O som d'estas algemas que rocheam
Pulsos dos filhos da floresta virgem.»

Compare-se esta prosaica rúma de versos soltos com a *Deprecação* de Gonçalves Dias, antiga poesia publicada nos *Primeiros cantos* sobre a mesma these:

« Tupan, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velamen de pennas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes déste da perda infeliz! »

e veja-se a distancia. Já nem comparemos ás posteriores poesias americanas do poeta maranhense publicadas nos *Ultimos Cantos*; porque seria injustiça, sabendo nós que a *Imprecação do Indio* é da primeira mocidade do nobre barão.

Não é só n'esse genero exterior de poesias *americanas* que Paranapiacaba foi um poeta de terceira ordem. Na

poesia pessoal é ainda inferior. Sabe-se que o romantismo n'esse genero fez verdadeiras maravilhas. Sua acção no theatro foi notavel, no romance immensa, na poesia social e philosophica distincta: mas na poesia subjectiva, pessoal, intima, no lyrismo individualista foi quasi inexcedivel. Isto em todas as litteraturas da Europa e America. E essa enorme corrente de poesia pessoal e subjectiva vai ser no futuro uma das grandes fontes por onde se ha-de reconstruir a psychologia de nosso seculo.

De certo tempo a esta parte começou-se a desdenhar da poesia pessoal em prol de uma poesia mais geral. O argumento principal a favor desta é o seguinte: « Que nos importam a nós as idéas e os sentimentos de cada um, que temos nós com as alegrias e magoas alheias? Deem-nos alguma cousa que se refira e interesse a todos, uma poesia geral para toda a sociedade. »

Ouso dizer que este argumento é inepto. Primeiramente, toda e qualquer manifestação da psychologia dos individuos, maximé dos grandes poetas, nos deve interessar a todos como documentos authenticos de humanos caracteres, como miniaturas em que se vai retratar a vida inteira de uma época.

Aqui o que parece particular é ao contrario verdadeiramente geral. Depois, não é só isto: as producções que se dizem de caracter social, universal, em essencia se reduzem a modos de ver e apreciar particulares, individuaes de um dado autor sobre a vida collectiva de um dado periodo historico.

Aqui o que parece geral não passa veramente de apreciações particulares, individualissimas. No fundo cahimos na mesma.

A poesia pessoal, portanto, ainda e sempre terá um grandissimo valor, si uma critica impertinente e estupida não a matar definitivamente.

Pois bem, n'este genero, que se me antolha a pedra de toque do talento dos poetas romanticos, o Barão de Paranapiacaba foi demasiado pobre.

Podemos sabel-o com certeza, si lermos, por exemplo, as *Saudades da Infancia.* O poeta reporta-se á quadra da meninice, procura em imagem os sitios onde brincára, punge-lhe saudosa a lembrança de sua mãi já fallecida. Os sentimentos são puros; os versos é que não são lá mui grande cousa.

Alli lêm-se phrases assim:

« Agora o que resta
Ao pobre cantor
Sem gozos na terra,
Immerso na dôr?

Si a aurora desdobra
Seu manto de flores,
Si trinam seus hymnos
Do bosque os cantores,

Si ruge a tormenta
Da noite no horror,
Si fere os seus olhos
Do raio o fulgor,

Si o pranto roxeia
Seus turgidos olhos,
Si o peito lhe pungem
Da dôr os abrolhos,

Em balde procura
Maternas caricias,
Em vão; que fugiram
Da infancia as delicias.

Em vez da harmonia
Da voz maternal,
Escuta sómente
Um som sepulchral.

Oh! que sina acerba e crua,
Céos! que tão agro existir!
Asrael, vem com teu sopro
Esta lembrança extinguir. »

Bem se vê, que isto é fraco.

Si quizerem, comparem-lhe as duas poesias do já citado G. Dias sobre assumpto semelhante *Recordação, Recordação e Desejo.* São ambas da primeira mocidade do poeta maranhense e appareceram nos *Primeiros Cantos.*

Si a *Harpa gemedora* não é bem garantidora do talento poetico de nosso barão, procuremos seus grandes titulos por outra parte. Entre *a Harpa* e a *Homenagem a Camões* elle espalhou poesias por varios jornaes e periodicos.

A *Serra de Paranapiacaba* é uma d'essas e é chegada a occasião de lermol-a. É uma poesia emphatica escripta em decimas octosyllabas e quadras duodecasyllabas quasi todas erradas sob o ponto de vista do rythmo.

Só tocamos n'este assumpto, porque o barão de Paranapiacaba é ingenuamente apontado como impeccavel na forma e elle mesmo labora n'essa illusão.

Elle ainda não sabe que a poesia no tocante á metreficação tem de attender a tres cousas perfeitamente distinctas e indispensaveis para a belleza musical e rythmica da forma, e vem a ser : 1ª. o *metro* em particular, isto é, o *verso em si*; este deve ser correcto, obedecendo a um numero determinado de syllabas que deverão ligar-se naturalmente e ser longas ou breves em certos e determinados logares ; 2ª. a *rima* que deverá ser espontanea, facil e rica ; 3ª. a *estrophação,* isto é, a disposição dos versos por disticos, tercêtos, quadras, quintilhas, sextilhas, oitavas, decimas, etc., de modo que as *rimas* obedeçam a um determinado concerto de graves e agudos, *conditio sine qua non* da melodia poetica.

É a conhecida questão das *rimas masculinas e femininas*, segundo a expressão da metrica franceza, verdadeiro modelo no genero.

Na lingua portugueza, por ser pobre de rimas *masculinas*, não se exige esse rigorismo nos disticos, nos tercetos e até nas quadras, excepto si estas são em versos demasiado longos, a saber, de 12, 13 e 14 syllabas. Da quintilha em diante, porem, o rigor é indispensavel, sob pena de não

se fazerem estrophes e sim verdadeiros amontoados de versos sem arte e sem harmonia.

Ora, é justamente o caso do nosso barão nas quadras e decimas da *Serra de Paranapiacaba.*

Em toda a poesia existem apenas duas quadras que sahiram por acaso correctas sob o ponto de vista da *estrophação.* As duas outras condições da metrica são obeservadas mais ou menos geralmente pelo poeta; a ultima elle desconhece quasi sempre.

Si toco em tal ponto, repito, é por ser este escriptor por toda a critica fluminense, que aliás liga enormissima importancia ao assumpto, apontado como correctissimo na forma.

Respondo-lhes que não ha tal; o barão tem muita poesia incorrecta e a celebre *Serra* é uma dellas. A poesia é evidentemente imitada do *Gigante de Pedra* de Gonçalves Dias. O metro é o mesmo em ambas, e o tom o mesmissimo; ambas começam apostrophando o *gigante,* que *dorme.*

No tocante ao metro, apenas Gonçalves Dias não se limitou ás quadras duodecasyllabas e ás decimas octosyllabas; na divisão IV de sua famosa poesia introduzio quatro estrophes de doze versos septesyllabos. A producção de Gonçalves Dias é correctissima em todos os generos de estrophes em que é escripta, quadras, decimas e duodecimas. A do barão é cem vezes mais fraca em estylo e inspiração e só contém duas quadras certas occasionalmente.

Aqui inserimos a decantada poesia, levando griphadas as terminações dos versos errados no tocante ás rimas masculinas e femininas:

« Dorme, repousa em teu somno,
Da força assombroso *emblema,*
Que tens o oceano por throno
E as nuvens por *diadema* !
Immovel, silenciosa,
Ergues a fronte orgulhosa
Ao solio da *tempestade;*
E os preludios da tormenta
Vais ouvir, de medo isenta,
Do espaço na *immensidade.*

Salve! soberbo gigante,
Altivo Titão do mar,
Que a teus pés triste descante
Ouves a vaga entoar!
E em teu manto de esmeraldas
Envolves as vastas faldas
E as empinadas *cimeiras;*
E a brisa te agita os cachos,
E os verdejantes penachos
Da corôa das *palmeiras*!

Teus troncos gravados do sello dos tempos
Agitam aos ventos as soltas *madeixas*,
Quaes harpas eolias, susurram nos ares
Canções magoadas, sentidas *endeixas*.

E's berço do raio! Sublime harmonia
Entôa em teu seio o trom dos trovões;
E os échos ao longe repetem em côro
A orchestra tremenda de roucos tufões.

Do raio ao ribombo horrendo
E ao som do trovão que *estruge*,
De pavor estremecendo
A feroz panthera *ruge*.
Une-se á orchestra assombrosa—
Uma nota sonorosa—
Que do fundo abysmo sae...
E' o som da cataracta,
Que em alvos flocos de prata
N'um leito de pedras cae.

Que magestade sublime!
Que pomposa *poesia*!
Jehovah seu dedo imprime
N'este quadro de *magia*.
Esta cascata da serra
Parece um hymno que a terra
Espontanea aos céos *eleva*.
Então nossa alma se humilha.
E ao ver esta maravilha,
Na gloria de Deos se *enleva*.

Occultas nas veias, oh serra fragosa,
De ouro e de gemmas thesouro *infinito*,

Retalham teu solo torrentes sem conta,
Que nascem das urnas de rijo *granito.*

Povoam-te as selvas e negras gargantas
Innumeras feras e enormes reptis;
Ahi cantam aves que as côres do iris
Desdobram nas azas de vario matiz.

Horriveis despenhadeiros,
Profundos, *vertiginosos*,
São os degraus altaneiros
De teus tergos *magestosos.*
A's vezes de horrendo tombo
Se escuta o surdo ribombo
Que ao longe resôa a *espaços*...
É despegado rochedo
Que no erriçado fraguedo
Se vaí fazendo em *pedaços.*

Além, que plaino azulado
Se prende no azul dos céus!
É o mar que encapellado
Ergue os moveis escarcéos!
Então a vista desmaia
No espaço que além se espraia
A perder-se no *infinito*:
E esse immenso panorama
Do Eterno o nome proclama
Na face da terra *escripto.*

Desenham-se ás vezes arfando nas ondas
As vellas de um barco na briza *enfunadas*;
Qual alva gaivota que a flor do Oceano
Brincando desflora com as azas *nevadas.*

Dos topes aereos, estreitos e golphos
Semelham regatos talhando as *campinas*;
Quaes pontos esparsos desdobram-se aos olhos
As casas e torres, ilhéos e *collinas.*

De teu pico o sol dourado
Se balança á fulgurar;
E o seu clarão desmaiado
Verte a lua sobre o mar.

Outro céu de anil scintilla
Na superficie tranquilla
D'esse espelho *tremulante*:
E em baixo a vaga chorosa
Beija a areia preguiçosa
Morrendo em flor *alvejante*.

Quem sabe si o cataclysmo
Que puniu a *humanidade*,
Não te fez surgir do abysmo
Das ondas na *immensidade*?
Quem sabe, fragosa serra,
Si és coetanea da terra,
E do berço oriental?
Quem sabe de quanta vida
Tu foste a extrema guarida
No diluvio universal?

Plantou-te nos mares o braço divino,
Ingente montanha, barreira das *ondas*,
Quem déra perder-me comtigo nas nuvens,
Tambem devassando mysterios que *sondas*!

Prodigios que encerras, são cordas sonoras
D'uma harpa sublime de maga *harmonia*,
Que os hymnos que exhala, perennes descantam
A gloria do Eterno de noite e de *dia*. »

São deseseis estrophes emphaticas e erradas todas, excepto duas. O *Gigante de Pedra* são vinte e duas estancias todas correctissimas, excepto uma em que o auctor dos *Tymbiras* deixou razoavelmente de ser demasiado rigoroso. Convido o leitor a ir verifical-o nos *Ultimos Cantos* do grande poeta, dispensando-me de citar.

Entre as producções, que se dizem originaes, do barão de Paranapiacaba tem merecido especiaes e fervorosos gabos do grupo em que elle é grande homem a decantada *Camoneana Brazileira* ou *Homenagem a Camões no tricentenario de sua morte*.

Esta *Camoneana Brazileira*, desparatada coisa semelhante a uma *Homereana turca*, ou a uma *Schakespeareana mongolica*, mereceu ser o primeiro livro da serie de uma nova *Bibliotheca Escolar*, sendo adoptada nas aulas primarias, onde deve substituir a leitura dos *Luziadas!*

Creio não ser mistér juntar mais nada para mostrar qual a desgraçada intuição reinante sobre cousas litterarias na mente do barão de Paranapiacaba e d'aquelles que o protegem n'esse genero de negocios...

O livro é dedicado a um dos vice-imperadores do Brazil — o senador João Alfredo Corrêa de Oliveira... E tanto basta.

Ora bem; o livro foi feito para emendar, para polir, para *variar* e *modernisar* o poema de Camões...,

« Resumi, diz o nosso polidor no seu *Prologo*, resumi os trechos mais bellos do poema, *dando-lhes feição moderna e variada metrificação...* »

Que horror! Um espirito cançado, velho e retrogrado, querendo *modernisar* um monumento genial, novo, fresco, matinal, como si fôra hontem escripto, uma creação que não tem dacta; porque é contemporanea de todas as phazes da cultura humana, como os *Luziadas!* Custa em verdade conter a indignação. E ha e houve simples que applaudiram aquillo!...

Modernisar Camões! Só no Rio de Janeiro haveria um... corajoso que o emprehendesse. Em todo o percurso da historia da litteratura brazileira bem vê o leitor ser a maior bernardice em que temos tropeçado... E não foi um homem do tempo da colonia, nem um pobre provinciano que a realisou... Tambem não fomos nós. Foi o grande barão de Paranapiacaba, o chefe da litteratura nacional n'esta phase do reinado do Sr. D. Pedro II...

O livro é acompanhado de *notas* em que o auctor, repetindo desgeitosamente elementares noticias mythologicas lidas por toda a gente em Decharme, Max-Müller,

Bréal, Eugenio e Emilio Burnouf, Des Essarts, Renan, Gubernatis e vinte outros elementarissimos mythologos, suppõe santamente que elle está a lançar no Brazil as bases da *mythologia comparada!*

Insiste demasiado nas taes notinhas sobre esta nova mania e volta á carga em as *notas* da traducção das *Fabulas* de Lafontaine de que nos occuparemos em breve.

A referida traducção faz tambem parte da *Bibliotheca Escolar*, está adoptada e vai custar contos de réis ao governo para termos a gloria de impingir aos estudantes um *Lafontaine modernisado* a par de um *Camões* tambem *modernisado*. Nem se pense que o barão nutre duvidas sobre os melhoramentos praticados em Camões. E' o caso que, alguns membros do *Conselho da Instrucção Publica* acharam excellentes as corregidelas passadas aos *Luziadas*, estranhando apenas a grande *sabedoria das notas...*

O barão lhes respondeu assim: « Constou-me que alguns distinctos membros do Conselho de Instrucção Publica, ao apreciarem a *Camoneana Brazileira*, ha pouco adoptada (*sic*) pelo Governo Imperial para uso das escolas, entenderam que as notas explicativas dos assumptos mythologicos, contidas n'aquelle opusculo, estavam acima dos meios de comprehensão das crianças. Si esses cavalheiros se referem á linguagem das alludidas notas, observarei que essa é a mais singela e corrente possivel, acompanhando o movimento evolutivo do nosso bello idioma (*ah! presumpçoso*) e evitando as transposições, os hyperbatons e outras figuras de dicção, que tornam difficil não só a intelligencia do texto camoneano, como tambem a elementar analyse grammatical e logica de certos periodos. Para os tenros cerebros da infancia é quasi sempre um escolho (*cá está o affectado!*) o processo syntactico de algumas estancias dos *Luziadas*. Logo na invocação ha uma notavel amostra de collocação inversa e transposta (*assim chama elle as duas bellas estrophes da ouvertura do poema...*), estando

no fim da segunda oitava, isto é, dezeseis versos abaixo a oração principal, seguida de multiplices e complicados complementos. Algumas estancias adiante depara-se a celebre passagem:

— Maravilha fatal de nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Para do mundo a Deus dar parte grande —,

trecho que offerece mais visos de amphigouri (*sic*) do que de corrente periodo classico.» (1)

E assim vai por diante n'esta serie de heresias o illustre barão.

Parece que estamos a ouvir o padre José Agostinho de Macedo. E taes cousas mandam-se ensinar aos alumnos das aulas do Rio de Janeiro. Que ideia formam esses senhores de um monumento litterario ou artistico, uma obra prima do espirito humano? Modernisar os *Luziadas* é o mesmo que passar um reboco de *salão* ou de *maçapê* brazileiro na face da *Notre Dame* de Paris, ou da *Cathedral* de Strasburgo, ou dar uma pintadéla de *tauá* ou *tabatinga* nacional na *Venus de Milo*, ou no *Apollo de Belvedere*.

Ora, tome mais senso o Governo Brazileiro e com elle o sublime barão. Para bem apreciarmos as horrorosas mutilações, praticadas nos *Luziadas*, é bastante vêr como o livreco fluminense escangalhou as principaes passagens do poema. Vejam o *Adamastor*, a *Ignez de Castro*, a *Ilha dos Amores*... vejam e pasmem. Notem como, por exemplo, aquelle sublime trecho de poesia do *Adamastor*, aquella narrativa dramatisada e dialogada entre o fero gigante e o Gama, trecho em que ambos falam em primeira pessoa, apparece desfigurado, miseramente informe... Gama narrava sua viagem ao rei Mouro, e referiu-lhe o caso do *Adamastor*:

(1) Fabulas de Lafontaine, vertidas e annotadas pelo Barão de Paranapiacaba, vol. 1.º pag. LXI.—

« Porem já cinco soes eram passados, etc. »
« Oh! Potestade, disse, sublimada. etc. »
« Não acabava, quando uma figura, etc. »
« E disse: Oh! gente ousada mais que quantas, etc. »
« E lhe disse eu: — Quem és tu? que este estupendo, etc. »
« Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo, etc. »

Não cahirei no desparate de transcrever as vinte e quatro estancias do episodio do *Adamastor*, que parecem, pela frescura da linguagem, escriptas hontem por algum poeta de genio, para comparal-as ás quadras em alexandrinos do nobre barão. O *dialogo* entre o *Gama* e o *Gigante* desapparece; a *fala* do *Adamastor* muda-se n'isto:

« O monstro futurou torrentes de desgraças,
Vingança e mal, sem conto, aos luzos valorosos;
Predisse a quem passasse os terminos vedados
Naufragios, perdições, castigos horrorosos... » (1)

Parece incrivel; só no Brazil appareceria n'este tempo uma empreza d'estas. Duvido que nos Estados-Unidos, com todo o seu materialismo, como nós costumamos tolamente dizer, houvesse um simples que se lembrasse de emendar e *modernisar* Schakespeare. Si o leitor quer uma vez por todas apreciar o genero de gentilezas dispensadas á Camões no dia do centenario pelo barão de Paranapiacaba, compare o canto 2.º dos *Luziadas* ao canto 2.º da *Camoneana Brazileira*.

Veja aquellas bellas estrophes referentes a Venus quando vai falar a Jupiter:

« E como ia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava...etc.
Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo collo, que a neve escurecia...etc.
C'um delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha é natural reparo...etc. »

---

(1) *Camoneana Brazileira*, pag. 88.

Toda esta poesia do canto 2.º mudou-se n'estas doze quadras asperas e erradas, onde ha treze *ques* e nenhuma belleza:

« Eis presto as Nereidas, surgindo das furnas,
Rodeiam a frota, *que* oscilla nas aguas;
Tritão *que*, soberbo, levava Dione,
Da ardente petrina se abraza nas fraguas.

Encostam as nymphas os peitos nas quilhas,
Que, ao magico impulso, da costa recuam;
A faina referve, restruge a celeuma,
E os Mouros se arrojam nas vagas, *que* estuam.

Ao céo, *que* o salvara, dá graças o Gama,
E invoca o soccorro da Guarda Divina;
O supplice rogo, *que* a turba enternece,
A's plantas de Jove conduz Erycina.

Os paramos fende da abobada etherea;
Perpassa de estrellas a esphera brilhante;
Penetra, segura, recessos do empyreo,
E surge ante o solio do grande Tonante.

A face, affrontada do afan do caminho,
De gloria e belleza, serena, resplende;
O olhar, em *que* a força do amor se concentra,
Espaços, estrellas e polos accende.

Com fina escumilha velando os encantos,
Tal como ante os olhos surgira de Anchises,
Os numes inflamma, mostrando, entre sombras,
Dos lyrios divinos incertos matizes.

Fluctua aurea coma, beijando-lhe o collo;
Andando, estremecem-lhe os seios de neve;
Desejo arrojado se enlaça ás columnas,
E sobe a thezouros, *que* a mente descreve.

Estala em ciumes Vulcano irritado ;
O peito de Marte transborda delicias ;
E' mais melindrosa, *que* triste, Acidalia.
Do pai, *que* a estremece, recebe as caricias.

Altera uma sombra de vaga tristeza
O meigo sorriso, *que* os labios lhe inflora ;
Semelha seu rosto, banhado de pranto,
Cecem, rociada do aljofar da aurora.

O pai do universo, beijando-a nos olhos,
Ao peito a conchega, limpando-lhe o pranto ;
Prediz-lhe a grandeza futura dos Luzos
— Terror do universo, dos évos espanto. —

Descreve-lhe as quinas, varrendo o oceano,
Que ferve, abrasado de fogo e metralha ;
E como em conquistas na face da terra
O luso dominio se firma e se espalha.

O filho de Maia, batendo os talares,
A frota a Melinde dirige, em bonança ;
E manda por ordem de Jove supremo,
Que tenha uma tregua tão longa provança. » (1)

Compare-se esta poesia palavrosa e molle com o brilhante e terso laconismo de Camões e ter-se-á perfeita ideia de como foi *resumido* e *modernisado* o grande poema portuguez.

Os criticos allemães da escola romantica de Schlegel, Tieck e Novalis, no começo d'este seculo, nas suas investigações sobre a poesia das nações européas, collocaram os *Luziadas* muito acima da *Jerusalém Libertada* de Tasso, como manifestação sincera do ideial cavalheiresco e christão. E' uma das mais finas e delicadas provas do espirito critico dos allemães que eu conheço. A *Jerusalém* não emprega a mythologia, e os *Luziadas*

(1) *Camoneana Brazileira*, pag. 27.

a empregam; a *Jerusalém* canta as proesas dos cavalleiros da idade media, e os *Luziadas* cantam as façanhas de navegadores modernos; a *Jerusalém* refere-se a um facto da historia do christianismo, da historia da Igreja, por assim dizer, e os *Luziadas* referem-se a um facto da historia do commercio e da navegação, de um pequeno povo d'um canto da Europa! E, todavia, aquelles criticos deram a preferencia á obra de Camões sobre a de Tasso, como incarnação do espirito de nobreza e de idealismo da intuição cavalheiresca e christã!

Qual a razão? E' que no Tasso tão elevados intuitos apparecem no plano exterior do livro e não se mostram n'alma do poeta, alheio áquella ordem de sentimentos; e em Camões, sem esse haver sido o alvo de sua obra, aquella efflorecencia de sentir apparece sincera e espontaneamente; porque tal era a alma do poeta portuguez.

Que se vae concluir d'isto? É que a leitura dos *Luziadas* não é indispensavel nas aulas primarias sómente como auxiliar para o estudo da lingua; é antes e acima de tudo um grandissimo estimulante para o caracter, um saudavel tonico para a elevação moral da vontade: é que a substituição de um livro como os *Luziadas* por um monstrengo ao geito da *Camoneana Brazileira* é um d'esses phenomenos singulares, só por si sufficientes para caracterisar uma epoca.

Deixemos este ingrato assumpto e vejamos os outros serviços prestados pelo barão de Paranapiacaba ás letras brazileiras.

Ainda no terreno da poesia nós lhe devemos a traducção do pequeno poema de Byron *Oscar d'Alva*, do *Jocelyn* de Lamartine e das *Fabulas* de Lafontaine. Nem de proposito o barão poderia encontrar tres poetas de genios tão dessemelhantes entre si e tão diversos do seu para os traduzir...

Byron, isto é, a velha poesia saxonica comprimida por seis seculos de cultura, irrompendo de repente em

ousada rebeldia contra hypocrisias e convenções; Lamartine, isto é, um sceptico eivado de doce ideialismo, um espirito ondulante, cuja poesia é personalissima e inseparavel da forma que elle lhe deu; Lafontaine, isto é, uma das mais nitidas incarnações do genio gaulez, todo nutrido de — *esprit et gloire*, um homem, cuja poesia leve e bregeira é ao mesmo tempo profundamente verdadeira, como manifestação de um caracter nacional, poesia, cujo fundo é ainda mais inseparavel de sua primitiva forma do que a de *Jocelyn*... E foi a esta gente que o barão de Paranapiacaba tentou traduzir!... Tres genios tão diversos, tão independentes, tão ousados, mettidos nas compressas de um espirito curto, pesado, aspero, dispondo de um vocabulario parco e d'uma imaginação rasteira!

Em geral sou infenso a traducções de poetas. Trasladados em prosa ficam mortos, vertidos para verso, ficam sempre desfigurados. Uma traducção poetica difficilmente dará o desenho da obra traduzida e jámais fornecerá o colorido. As melhores traducções existentes, como a da *Iliada* por Voss, a do *Faust* por Marc Monnier são obras de terceira ordem. Não podem jámais reproduzir o rythmo, o tom, a melodia do original.

O barão de Paranapiacaba deu, por exemplo, o sentido, a traducção das ideias do *Jocelyn* e das *Fabulas*; mas a poesia? Evaporou-se.

Para convercemo-nos não precisa ir muito longe. Abramos o Lafontaine, logo na primeira pagina e leiamos a primeira fabula *A cigarra e a formiga:*

« La cigale, ayant chanté
Tout l'été,
Se trouva fort dépourvue
Quand la bise fut venue :
Pas un seul petit morceau
De mouche ou de vermisseau.
Elle alla crier famine
Chez la fourmi, sa voisine,

La priant de lui preter
Quelque grain pour subsister
Jusqu'à la saison nouvelle.
Je vous païrai, lui dit-elle,
Avant l'oût, foi d'animal,
Interêt et principal.
La fourmi n'est pas prêteuse :
C'est là son moindre défaut.
Que faisiez-vous au temps chaud ?
Dit-elle à cette emprunteuse.
Nuit et jour à tout venant
Je chantais, ne vous déplaise.
Vous chantiez, j'en suis fort aise !
Eh bien, dansez maintenant. »

E' um pequeno pedaço em vinte e dois versos, formando um todo harmonioso, n'um estylo singelo, n'um tom popular d'encantar a quem conhece bem a lingua. A pequena fabula começa rimando os versos dois a dois. De repente, sem mudar o metro, muda o poeta o systema da rima; tudo sem esforço, sem transição brusca.

Note-se aquella maneira popular que se mostra nas expressões — *quand la bise fut venue, elle alla crier famine, avant l'oût, foi d'animal, à tout venant, ne vous déplaise,* — e outras.

Repare-se como passou tudo isto para a lingua portugueza.

O traductor começou por distribuir a fabula em quadras, tirando-lhe desde logo a feição plastica: as duas primeiras são supportaveis; seguem-se duas inteiramente más, por alheias quasi ao original; as quatro ultimas não reproduzem a poesia de Lafontaine na sua suave simplicidade. E, entretanto, é uma das melhores versões de toda a collecção. E' esta :

« Havendo a cigarra
Cantado no estio,
Achou-se em apuros
No tempo de frio.

De mosca ou de verme
Não tendo migalha,
Procura a formiga
Rogando que a valha.

CIGARRA

« Chegar-se a abastados
E' sina dos pobres ;
Por isso, amiguinha,
Me empreste alguns cobres.

Preciso ir á feira
Comprar cereal,
Com que me alimente
Na quadra hybernal.

Em vindo a colheita,
Eu juro pagar,
Com premios e tudo,
O que me emprestar. »

Não gosta a formiga
De dar emprestado ;
E' nella o defeito
Mais leve, notado.

FORMIGA

« Nos mezes calmosos
Você que fazia ? »

CIGARRA

« Andava cantando
De noite e de dia. »

FORMIGA

« Cantava no estio ?
Que bella vidinha !
Agora tem fome ;
Pois dance, visinha. »

O leitor faça por si o cotejo.

Não devemos despedir-nos do barão de Paranapiacaba na qualidade de poeta, sem apreciar umas singulares ideias suas, n'este assumpto, exaradas recentemente em carta-prologo á *Musa Latina* do Dr. Castro Lopes.

Elle escreve uma carta impertinente sobre o estado actual da poesia no Brazil e em França, defendendo o velho romantismo contra o *parnasianismo* e o *naturalismo*. E' impossivel em tão poucas paginas accumular tantas inexactidões e ignorancias.

Começa por uma confissão que não é de todo correcta : « Admirador e sectario do romantismo, *laudator temporis acti*, sou, como já o foram muitos outros, excluido da lista d'esses poetas geniaes, ricos de fogo sagrado e cultores irreprehensiveis da forma, que desthronaram de sua immortal séde o Archanjo inspirador da poesia á Chateaubriand, Lamartine e Victor Hugo, para recollocar no cimo do *Parnaso* a Musa que accendeo o estro do poeta de Ascra. » (1) Quanta illusão e desconcerto !

Por entre as ironias do velho poeta, bem se conhece a alta conta em que elle se tem e isto seria o menos, si não revelasse tambem o profundo desconhecimento em que labora das cousas litterarias nos dois paizes que tomou para centro de suas referencias.

Dá-se por estrenuo sectario do romantismo ; a verdade é que jámais comprehendeu e assimilou bem as

(1) *Musa Latina*, pag. II. —

doutrinas e a indole d'esse systema; a verdade é que jámais passou de um pseudo-classista entre os romanticos.

Porque, referindo-se á litteratura estrangeira, falou só na franceza? E' bem exacto que os brazileiros lêem de preferencias livros francezes; mas de um mestre tinhamos o direito de esperar indicações lucrativas sobre o movimento da bella litteratura na Allemanha, na Inglaterra e na Italia para a boa comprehensão das correntes poeticas n'esta segunda metade do seculo.

O que disse de França está cheio de innumeras lacunas e desacertos.

De Chateaubriand, Lamartine e Victor Hugo passou, sem caracterisar os factos, aos *parnasianos*, cuja indole desconheceu, e aos *naturalistas*, cuja critica fez inexactamente.

Fôra mais regular que désse uma noção ampla do romantismo em geral e especialmente n'aquelle paiz; aqui indicasse as intuições diversas abrigadas no seio do grande systema e determinadamente suas phases successivas até abrir espaço a outras doutrinas. Veria a figura de Stael e Constant ao lado e em inverso sentido da de Chateaubriand; comprehenderia a significação do bello talento de Vigny, saberia que Lamartine e Hugo passaram por mais de uma mutação; veria o lugar de Sainte Beuve e Sand; encontraria em caminho Dumas, Sue e Balzac e os entenderia; conheceria a posição de Musset; Theophilo Gautier deixaria de ser um enigma; e, assim progressivamente, passaria por Laprade, por Dumas Filho, por Feydau, Augier, por Sardou e todos os epigonos dos grandes mestres do systema. Quando chegasse ao momento da dissolução da velha doutrina comprehenderia a poesia *morbida* e *satanica* de Baudelaire, as *reacções scientificistas* de Sully-Prudhomme, as *resurreições historicas* e *ethnographicas* de Leconte de Lisle, o *realismo bruto* de Richepin, e o *naturalismo selecto* de opéCe. Comprehenderia tambem o movimento do ro-

mance, divisando a significação dos trabalhos de Flaubert, dos Goncourt, de Daudet e de Zola. Saberia que nem todas aquellas tentativas de reforma possuem igual merito e veria o motivo pelo qual a reforma no romance tem sido mais vigorosa do que na poesia, sem comtudo deixar de ser ainda vacillante e desregrada por mais de um lado.

N'estas differentes escolas ha verdadeiras gradações.

E' um erro encerral-as todas no *parnasianismo* e no *naturalismo*, como praticou o barão, e ainda maior equivoco é dar uma só côr tanto a um como a outro.

Ha vinte maneiras de interpetrar o *naturalismo* e outras tantas de praticar o *parnasianismo*. O anathema do velho poeta não pode ferir senão algum lado esconso das actuaes doutrinas.

Quando passa ao Brazil sua exposição é terrivelmente estreita e inexacta.

Refere sómente tres nomes, sem lhes comprehender o significado; e a prova é esta: « Admiro Theophilo Dias no Brazil e Castilho e Soares de Passos em Portugal; são dignos emulos de Bocage e Nicoláo Tolentino. » (1)

Singular periodo este!

Que diabo de ligação achou Paranapiacaba entre Theophilo Dias e Castilho? Que têm elles com Bocage e mais ainda com Tolentino?

E a que vem alli Soares de Passos?

São d'essas ligações que revelam completa ausencia de senso critico.

O barão de Paranapiacaba deveria ser mais justo, mais imparcial para com a moderna geração de poetas brazileiros que tem sido tão gentil para com elle...

O numero dos novos poetas é bem crescido; não são tres, são tres duzias. Nem todos possuem o mesmo e igual merito; alguns, porém, são altamente aprecia-

(1) *Musa Latina*, pag. XXVI.—

veis. Sinto não poderem ser analysados n'este livro, que deve parar em epoca anterior.

Como quer que seja, o barão de Paranapiacaba não vai bem inspirado em esconjurar as novas tendencias em nome de um passado que não volta mais. Deixe suas ideias absolutas; colloque-se no *relativo* e não queira representar o papel de reaccionario. Tudo passa; tudo tem um valor bem relativo; o romantismo não desmente a regra geral.

A lei que rege a historia brazileira é a mesma que dirige a de qualquer outro povo: a evolução transformista. Por maior que seja a cegueira dos imitadores, a precipitação dos copistas e plagiarios, sempre a litteratura brazileira não é uma cousa que lhes pertença exclusivamente e que possam atirar para o *Chiado*, ou para o *Levante*, conforme lhes vier á estulticie. Apezar de tudo, um povo é sempre o factor principal de sua vida e de sua litteratura.

Podem os politicos ineptos e os escrevinhadores madraços desvial-o de seu caminho. Cedo ou tarde encontrará a larga estrada de suas tendencias naturaes.

Ponhamo-nos a par dos iniludiveis e magestosos problemas scientificos e litterarios que se degladiam no velho mundo; mas premunamos-nos contra as imitações trapentas, contra as theses charlatanescas, os erros bojudos com pretenções a verdades demonstradas. Sobretudo, robusteçamos o nosso senso critico, e ponhamol-o em condições de resistir á febre devoradora de innovações inconscientes e banaes. Nosso seculo já está desilludido de *formulas*; aprendamos afinal qual o valor d'ellas.

A receita é facil; factos e mais factos, bom senso e mais bom senso.

Qualquer de nós os ultimos chegados conhece por certo alguns exemplares vivos dos nossos velhos classicos, velhos romanticos e novos realistas.

Como não é ridicula para os espiritos comprehensivos a velha teima do letrado nacional, affirmando,

obstinada e rancorosamente com a boca aberta entre ponteagudos collarinhos, o pescoço enrolado no classico lenço de seda, nos dedos a infallivel pitada, as excellencias unicas das cantatas do Garção e das odes do Philinto? Do velho systema que foi levado de vencida e hoje alimenta apenas as lucubrações dos tontos decrepitos e desmemoriados, a defesa obstinada quando a lemos nos livros de 1820 a 30 nos provoca o riso...

D'elle restam apenas as obras immortaes, as obras primas dos homens de genio; as apologias insensatas enjoam-nos.

Mesmissimo é o caso do romantico, amortecido e embriagado das fumaças de 1830, ainda hoje sonhando com as walkyrias, as fadas, as castellãs medievicas; ainda hoje pallido sonhador a *Manfredo* ou a *Rôlla*, pobre tolo de comedia, que nos arrebenta de riso... Entretanto, é mui para vêr a segurança, a infallibilidade do pontifice do *prologo do Crommwell*, esse lastimoso acervo de phrases turgidas e aereas que não lemos hoje sem um riso de mofa.

Da enfatuada escola os programmas sexquipedaes molestam-nos a mais não poder. Restam-lhe as raras inspirações sérias e profundas; tudo mais esvaeceu-se.

Cada uma d'estas formulas, ao nascer, annunciava a *litteratura definitiva*...

O mesmo temos estado a presenciar nos ultimos vinte annos com a successão do romantismo. Não menos de quatro systemas têm surgido esguedelhados a proclamar a litteratura absoluta: o *satanismo*, com as suas coleras affectadas, suas maldições caricatas, seu pessimismo de almanack, suas tolices emfim; o *parnasismo*, com seus versos escovados, suas descripções de paizes que não vira, suas theogonias pantafaçudas, suas orientalidades idiotas, seu tom de um prophetismo de nicromante; o *scientificismo* poetico, vacillando entre as triagas descriptivas de Julio Verne e as tafularias psychologicas de Sully Prudhomme e André Lefèvre, scientificismo

productor de uma poesia de contrafacção, com seus problemas indigestos, suas theses pretenciosas e prosaicas, uma poesia de compendio em summa; afinal o *naturalismo*, de escalpello em punho, farejando pustulas para as romper, ou alvas pernas para as apalpar, para as beijar, com suas verdades e seus exageros, com suas bellas pinturas e suas *sensações novas*, com suas bagatellas, seus erros, seus disparates quando manejado pelos tolos e pedantes, com suas descripções brilhantes, suas analyses finas, seu grande sopro de realidade quando architectado pelos Daudet e Zola.

Eis ahi:

Baudelaire, Leconte de Lisle, Sully Prudhomme, mestres dos tres primeiros systemas, estão mortos e ultrapassados. Zola o Daudet, chefes do ultimo, estão em todo o vigor do talento, e abriram caminho por todo o mundo. E' que estes são romancistas e aquelles poetas.

Porque é que a reforma prosperou no romance, e tem sempre abortado na poesia? A natureza intima das duas artes, das duas manifestações litterarias o explica; o romance é um producto *sui generis*, que póde vacillar entre a sciencia e a fantasia, entre a demonstração de um facto e a improvisação imaginosa: a poesia, ao contrario, tem um terreno especial e seu; quando entra a transformar-se em sciencia perde-se na prosa e na vulgaridade.

O romance pode-se dizer um producto recente, quasi do nosso seculo de observação; a poesia é uma filha das éras primitivas, que se vai tornando cada vez mais rara e vendo cada vez mais restricto o seu terreno.

A poesia deve ser sempre a expressão de um estado emocional, subjectivo, intimo; o romance deve ser o estudo physiologico dos caracteres sociaes.

A poesia é como a musica: é vaga e não deve ser submettida ás exigencias demonstrativas. Eis porque todos os formuladores de theses, quando passam á experiencia, nada fazem de aproveitavel; é sempre uma

poesia de *arrière pensée*, premeditada, vestida em umas japonas doutrinarias, sem espontaneidade, sem limpidez, sem effusão, sem graça, uma cousa terrivel em summa.

Eis porque não nos devemos muito enthusiasmar com as quatro soluções que aprendemos recentemente de França.

Si tomarmos a defesa opiniatica de semelhantes doutrinas, provisorias como tudo que é obra da evolução humana, correremos o perigo de fazer a figura do velho classico e do velho romantico, pedante desfructavel, que deixamos atraz pintado.

E, todavia, não julgo extinctas na humanidade as fontes da poesia.

As novas intuições que determinaram a nova phase do pensamento humano, podendo dar pasto ao romance, ao drama analyticos, bem poderão aproveitar as syntheses, as largas visualidades, os sentimentos generosos e altruistas, as expansões intimas, em formular uma poesia viva, energica, ampla, enthusiasta, uma poesia de todas as grandes emoções que experimentamos na lucta gigantesca e terrivel da civilisação moderna.

Uma poesia sem catechismos rhetoricos, sem as pequenas receitas que os pretensos reformadores nos têm querido impingir; mas, uma poesia em que se vazem todas as lutas, todas as perplexidades, todas as effusões, todos os desalentos, todas as esperanças, todas as certezas, todas as duvidas, todas as mutações, em summa, do espirito moderno.

Tenhamol-a tambem no Brazil. (1)

E o barão de Paranapiacaba já não é mais apto para nol-a dar. Nem atrapalhe aquelles que têm enthusiasmo e desejam progredir.

Este ultimo termo leva-nos naturalmente a dizer algumas palavras finaes sobre o illustre paulistano. E é na sua qualidade de publicista. Em 1875 o digno

---

(1) Cf.— o artigo sobre — *Novas escolas litterarias* — nos meus *Estudos de Litteratura Contemporanea.*

escriptor publicou, por incumbencia governamental, um livro sob o titulo de *Theses sobre Colonisação do Brazil*. E' um trabalho interessante, merecedor de attenciosa leitura. Não contem ideias e planos originaes; é antes um apanhado de doutrinas *aliunde* espalhadas.

O livro é methodico e basta elle referir-se a um dos mais importantes problemas da nossa actualidade para despertar o nosso interesse. Parecerá estranho, que, tractando agora de poetas, tenha de gastar uma ou mais paginas sobre um assumpto tão distanciado, a colonisação.

Dois motivos me levam a proceder por forma contraria: em primeiro lugar, segundo o methodo adoptado n'este livro, tenho obrigação de dar de uma vez o perfil inteiro de cada um dos meus heróes, por mais variadas que hajam sido suas manifestações espirituaes; depois, desejo que esta obra seja mais uma historia da cultura brazileira em sua totalidade, do que uma historia litteraria no velho e acanhado estylo.

Esta dupla consideração justificar-me-á do defeito indicado, si defeito ahi existe.

O livro do barão de Paranapiacaba tem por fim estudar as causas que n'esta segunda metade do seculo hão determinado um maior movimento immigratorio para os Estados-Unidos e Republica Argentina do que para o Brazil. A seu vêr, taes causas são as seguintes:

«I. A falta de liberdade de consciencia; a não existencia do casamento civil como instituição; a imperfeita educação, a ignorancia e a immoralidade do clero: a ambição de mando temporal da parte do Episcopado Brazileiro, traduzindo-se na luta impropriamente chamada — *questão religiosa*.

II. A insufficiencia do ensino e principalmente a ausencia de instrucção agricola e profissional.

III. O diminuto numero de instituições de credito, especialmente de bancos destinados a auxiliar a pequena lavoura e industria.

IV. As restricções e estorvos, que a Legislação e a Publica Administração do Imperio põe á liberdade de industria, peando, em vez de desenvolver, a iniciativa individual.

V. Os defeitos da lei de locação de serviços e dos contractos de parceria com estrangeiros: as lacunas e a inexecução da lei das terras publicas e a não existencia do imposto territorial sobre os terrenos baldios e sem edificação.

VI. A falta de transporte e de vias de communicação, que liguem o centro e o interior do Imperio aos mercados consumidores e exportadores.

VII. A creação de colonias longe d'esses mercados e em terreno ingrato e não preparado, bem como a falta de providencias para recepção dos immigrantes e colonos nos portos do Imperio e para seu estabelecimento permanente nas colonias do Estado, ou nos lotes de terras, que compram.

VIII. A incuria em fazer conhecido o Brazil nos Estados, d'onde procede a emigração, de que necessitamos, e em refutar, por todos os meios de bem entendida publicidade e por pennas habeis e desinteressadas os escriptos, por meio dos quaes n'aquelles Estados nos deprimem, exageram nossos erros em relação aos emigrantes e nos levantam odiosos aleives. » (1)

---

(1) *Obra citada*, pag. 31.

Tal o resumo das ideias do illustre funccionario apresentadas ao governo.

Alguns pontos batem em cheio no amago da questão; algumas d'essas theses são verdadeiras.

Outras, porém, não são evidentemente causas do effeito que se aponta e se procura remover. A primeira é uma d'ellas.

O livro foi escripto em 1874 ainda no tempo da nossa chamada *questão religiosa*; o auctor, impressionado por ella, elevou a conhecida *tolerancia* e quasi *indifferença religiosa* dos brazileiros a um verdadeiro espirito inquisitorial e fez d'ella phantasticamente um grande obstaculo á immigração.

Outras das theses são igualmente mal collocadas, e constituem verdadeiros circulos viciosos, quero dizer, que o auctor aponta como causa da falta de immigração factos que são antes destinados a desapparecer justamente quando tivermos grande população. São cousas que não se podem mover por disposições legislativas, e que só uma população basta poderá affastar. D'este modo, não é porque taes factos se dão entre nós, que não vem cá a immigração; ao contrario, é porque esta não tem vindo que os factos se verificam.

Como poderá um paiz ainda em via de formação, como o Brazil, possuir, por exemplo, as vias de communicação, as industrias, as fabricas, as instituições economicas, as creações de credito, as fortes e amplas normas de vida governativa, commercial, social, politica e em geral todas as grandes maravilhas que fazem o orgulho de velhas nacões como a Inglaterra, a Allemanha, a Italia, a França? Um impossivel a olhos vistos.

Só o trabalho lento do tempo é apto a desenvolver as forças latentes de nossa nacionalidade e produzir a evolução normal de nosso progresso.

Um dos maiores e mais nocivos erros, que vivemos todos nós aqui a commetter, é a velha mania da

europeolatria, que envolve dois grandes despropositos, a subserviencia em imitar tudo que no velho mundo se faz, e a vaidade de querer parecer bem alli.

Pois não vemos diariamente homens politicos pôremse a frente de propagandas, anti-patrioticas e nocivas a nosso paiz, uns só pela mania de imitar, outros só para terem gabos dos circulos estrangeiros existentes aqui, serem falados nos seus jornaes e figurarem nas folhas européas? Pois não ha entre nós quem nos descomponha só para agradar aos argentinos? Não admira, pois, que haja quem faça maiores loucuras para ser notado em França ou na Allemanha ou na Inglaterra ou na Italia...

Ninguem se quer contentar com a parca notoriedade, a pequena fama que a patria pode dar... E' uma nota da psychologia brazileira.

D'este ultimo peccado parece não ser victima o barão de Paranapiacaba; mas com certeza soffre do sestro da imitação européa em alta dóse. Fôra melhor que o seu livro fosse mais directamente um estudo da vida brazileira do que um apanhado de notas de autores estrangeiros.

O nosso publicista negligenciou alguns dados, muitos dados do seu problema. Não tomou as questões de conveniente altura. De outra fórma, teria notado que a simples imitação do que se faz na Europa não é sempre o nosso mais acertado caminho, teria visto que temos acções a praticar, providencias a levar por diante que são o inverso do que se pratica em qualquer outra parte.

Sob o ponto de vista da colonisação, *verbi-gratia*, a teima em comparar nossas condições com as dos Estados-Unidos e Republica Argentina, as duas grandes nações americanas que recebem immigrantes, a referida teima é um horrendo absurdo.

Os Estados-Unidos são um paiz de clima quasi uniforme, com excepção do territorio comparativamente pequeno do extremo sul ás margens do Golpho Mexicano.

Possuia já uma população energica, apta a assimilar a de seus parentes allemães, quando estes começaram a affluir para alli. E estes espalhavam-se por toda a extensão do territorio, não indo acantoar-se n'um ponto, como se tem feito no Brazil. A nova população formou-se e cresceu, sem mudar de aspecto. Todos são *americanos* e falam inglez. E' singularissimo este facto de, apezar dos muitos milhões de immigrantes entrados na republica, não haver um só districto, por pequeno que seja, d'onde a lingua ingleza tenha desapparecido e o americano seja considerado estrangeiro. E' o que não acontece no Brazil...

A Republica Argentina é tambem inteiramente dissimelhante do nosso paiz. E' um territorio muito menor, muito mais igual pelo clima e mais unido geographicamente. A colonisação espalha-se e é facilmente assimilada. E, quando acontecer que o não seja, os argentinos saberão por-lhe obices, como praticaram os americanos com os Chins.

No Brazil nada se tem feito com plano e sob a direcção de ideias justas e scientificas.

Começou-se por desacreditar o clima de todo o norte e declarar aptas para a colonisação sómente as quatro provincias do extremo sul.

Commettido este primeiro erro, já se passou a um segundo. Alguns ambiciosos politicos, desejosos de figurar no parlamento, e não tendo influencia propria em alguma provincia, entraram a fazer zumbaias ás populações estrangeiras que existem em massa, em Santa Catharina por exemplo, fazendo-lhes promessas e pondo-se ao serviço d'ellas, no duplo fim de figurar na Europa e d'entrar para o parlamento levados nos hombros de um eleitorado estrangeiro, avido por crear influencia politica.

Taes ambiciosos, dos quaes o mais ousado é hoje um certo senador vistoso, não desejam de nenhum modo que seja alterado o actual systema de immigra-

ção para o Brazil. Ficam possessos quando se lhes fala em espalhar os colonos por todo o paiz. E' que isto seria matar-lhes o plano de crear no sul uma população diversa da do resto do territorio, população que, desde já, fora deputados e senadores e dentro de cincoenta annos dê o grito da rebellião separatista desmantelando assim aquella *famosa peça de architectura politica* de que falava o grande Andrada.

São notorios os argumentos terroristas d'essa gente contra quem não lhes facilita os planos. Conhecedores da vaidade nacional que nos leva a todos á ambição de passarmos por *adiantados*, lançam em rosto aos adversarios o espantalho de *nativistas* e *atrazados!!*... Diante da força probante de taes razões curvam-se todos. Entretanto, ainda é tempo de dizer a verdade.

Ha hoje tres systemas sobre a colonisação do Brazil por estrangeiros: *a)* o dos immobilistas intranzigentes que nada querem fazer por este lado; *b)* o dos politicos interesseiros que aspiram pela transformação completa das quatro provincias do sul, e *c)* o da colonisação integral e progressiva. Este ultimo é o meu systema.

N'outro lugar d'este livro, tratando das lutas de brazileiros e portuguezes em 1822, por occasião da independencia, discuti rapidamente o facto da colonisação incompleta aqui praticada pelos descobridores e avancei algumas desconfianças sobre o futuro da raça lusitana n'este paiz, si não fôr convenientemente encaminhado o problema do moderno povoamento com elementos estrangeiros.

N'esta questão minhas ideias resumem-se nas seguintes theses, offerecidas em estylo aphoristico para serem bem comprehendidas:

1.ª A antiga colonisação do Brazil pelos portuguezes foi lacunosa, especialmente no alto norte e grande oeste do paiz;

2.ª Mesmo no sul e leste sua influencia tende a diminuir, alli pela introducção de fortes elementos estranhos, e cá pela superabundancia dos mestiços de sangue indio e africano;

3.ª O meio de formar no Brazil uma nação forte é attrahir a colonisação estrangeira por modo diverso do que tem sido até agora praticado;

4.ª Deve-se acabar com o systema de cuidar só do sul, deixando o norte e o centro em completo esquecimento;

5.ª E' preciso acabar uma vez por todas com o descredito que estultamente foi lançado sobre o clima do norte e do oeste do paiz, reconhecendo que em todo o vasto planalto brazileiro ha zonas perfeitamente appropriadas á colonisação européa;

6.ª Não faço distincção entre europeus do norte ou do sul para a immigração brazileira; todos são perfeitamente aptos;

7.ª No intuito, porém, de tonificar nosso depauperado sangue, dou preferencia aos allemães, como elemento colonisador;

8.ª Este systema de colonisação integral do paiz, assimilando os elementos estrangeiros, é previdente e patriotico, sem ser por fórma alguma hostil aos europeus;

9.ª Muito, pelo contrario, é contar sempre e sempre com elles para a organisação e engrandecimento de nossa patria.

10.ª Não se devem, porem, despresar os elementos

nacionaes, que podem ser aproveitados para a colonisação do paiz.

E' esta a summa das minhas ideias. Não ha ahi exagerado *nativismo*... Acendrado patriotismo é que n'ellas palpita. Negal-o? Só o poderão fazer os rabulas da politiquice...

Da leitura do livro do barão de Paranapiacaba bem se deduz não ser elle d'este numero, e o dizemos em honra sua.

CAPITULO II.

Ainda poetas.

Chegamos ao segundo momento do romantismo brazileiro, a phase inaugurada por Gonçalves Dias. E' o seu ponto culminante. O poeta maranhense e José de Alencar, o celebre romancista do Ceará, são inquestionavelmente os dois mais illustres e significativos typos da litteratura romantica entre nós.

Talentos omnimodos, quer um, quer outro, prendem-se pelo laço commum do *indianismo* e pela patriotica empreza de, evitando os moldes portuguezes, dar côres proprias á nossa litteratura. Caminharam impavidos para a frente, guiados por seu ideial, alentados pelo enthusiasmo das boas causas.

Quasi não ficou um recanto das patrias letras em que elles não pozessem as mãos e com ellas os brilhos de seus talentos e os sons festivos de suas victorias.

Na poesia, no theatro, na historia, na ethnographia Gonçalves Dias fez-se ouvir com elevação e inquestionado valor.

Romance, drama, comedia, folhetim, politica, critica, polemica, poesia, por tudo passou José de Alencar e seria preciso torcer e mascarar a imparcialidade da historia negar-lhe os desusados titulos de seu merecimento.

Eu não sou e nunca fui indianista: sempre estive na brecha batendo os exaggeros do systema, quando das mãos dos dois grandes mestres passou ás dos sectarios mediocres. Mas esse velho, e por mim tão maltratado indianismo, teve um grandissimo alcance: foi uma palavra de guerra para unir-nos e fazer-nos trabalhar por nós mesmos nas letras.

Conseguido esse resultado, os dois chefes calaram as tiorbas selvageus e empunharam outros instrumentos. E, d'est'arte, a mor porção de suas obras é construida fóra das inspirações do indianismo; mas as melhores, porque escriptas com toda a alma, são as que ficam dentro do circulo de sua acção. E' por isso que as *poesias americanas* são ainda e sempre as mais saborosas de Gonçalves Dias, e o *Guarany* e a *Iracema* os mais valentes romances de José de Alencar.

A maior vantagem da romantica entre nós, já o disse uma vez e o repito agora, foi afastar-nos da influencia, da imitação portugueza. O romantismo portuguez possuia um triumvirato, por todos admirado, em que era vedado tocar: Garrett, Herculano e Castilho. Tiveram no Brazil admiradores, e não tiveram imitadores. Isto é significativo.

Os talentos nacionaes, embebidos na contemplação da natureza e da vida americana, e das bellezas da litteratura européa, não deixaram até imitar os tres corypheus luzos.

Devemos isto aos Gonçalves Dias, aos Alencares, aos Pennas, aos Macedos, aos Alvares de Azevedo, aos Agrarios. Hoje Portugal alçou á altura de semi-deuzes

outro triumvirato: Ramalho, Junqueiro e Eça. Já não posso, já não pode o historiador dizer com o mesmo intimo prazer que os moços brazileiros não imitam os tres portuguezes, que por sua vez não passam de subalternos copiadores de modelos francezes... E, todavia, bem grande vai a distancia entre a trindade portugueza primitiva e a actual. Aquelles tiveram momentos em que fizeram a verdadeira arte; os de hoje ainda não passaram do *bibelot!*

Felizmente a actual subserviencia a esses personagens não é geral no paiz: não tem passado de certo grupo e tende a diminuir. Oxalá os moços brazileiros em sua totalidade se convençam que em litteratura devem apenas consultar seu proprio genio; e, quando quizerem olhar para fóra, lancem as vistas para onde ha o que vêr. Pois, quando ainda existem a Allemanha, a Inglaterra, a Italia e a França, é de espiritos preguiçosos ou de máo gosto chegar só até Portugal...

Assim o entendeu sempre, entre outros, o illustre poeta maranhense de que nos vamos agora occupar.

Antonio Gonçalves Dias (1823-1864) não precisa que lhe tracemos a biographia. Este trabalho está feito, definitivamente feito, por Antonio Henriques Leal no III vol. do *Pantheon Maranhense*. Consignarei apenas algumas dactas e farei algumas observações que me ellas despertam. As dactas ajudam-nos a comprehender a formação do talento do poeta dos *Tymbiras*. Elle é um completo producto de sua raça, do meio em que passou a infancia e dos estudos que fez em Coimbra. As viagens posteriores de quasi nada lhe serviram.

Nascido em 1823 em Caxias, passou ahi e em São Luiz os quinze primeiros annos de sua vida. De 1838 a 1845 viveu em Portugal, formando-se em direito na Universidade coimbran. Foram sete annos que alguma cousa lhe deixaram no espirito.

Passando rapidamente pelo Maranhão (1845-46), em

meiados de 1846 achamol-o no Rio de Janeiro que habitou seguidamente até 1854, fazendo apenas uma ligeira viagem ao norte (1851). De 54 a 58 viveu na Europa, que tornou a visitar de 1862 a 64, anno em que falleceu de volta ao Brazil. O intervallo de fins de 1858 a 62 passou em viagens pelas provincias do norte na celebre *commissão das borboletas.*

Em 1862 antes de seguir pela ultima vez para o velho mundo, a busca de melhoras para sua saude, tocou ainda rapidamente no seu amado Rio de Janeiro.

Gonçalves Dias morreu aos quarenta e um annos; d'estes, treze a quatorze foram passados na Europa e o resto no Brazil.

Taes algarismos não apparecem aqui a êsmo: comparados áquelles em que appareceram os seus livros, e já foram indicados quando nos occupamos do barão de Paranapiacaba, bem nos mostram que o poeta, morto em 1864 aos quarenta e um annos, si tivesse desapparecido em 1854, aos trinta e um, nós teriamos o nosso Gonçalves Dias completo.

Todas as suas obras foram escriptas até esse anno, comprehendendo os *Cantos*, os dramas, os artigos de critica da historia do Brazil, os *Tymbiras*, e o trabalho ethnographico sob o titulo *O Brazil e a Oceania.*

Em dez annos (44—54) Gonçalves Dias desenvolveu pasmosa actividade. O ultimo decennio foi relativamente esteril: relatorios dando conta de commissões que exerceu e um punhado de poesias originaes e traduzidas, são os productos d'esse tempo.

De resto, cumpre notar que o poeta maranhense não passou por dois grandes flagellos que assaltam de ordinario os homens de letras no Brazil: a guerra litteraria e a penuria economica. O talento do poeta não foi jámais contestado. Contribuiu muito para isto o artigo encomiastico escripto por Alexandre Herculano sobre os *Primeiros Cantos.* Não passou por grandes difficuldades para viver. Teve sempre empregos e boas commissões.

N'este sentido foi de grande auxilio a amisade que lhe votou sempre o segundo imperador.

No moço maranhense temos quatro aspectos principaes, ja o deixei ver: o poeta, o dramatista, o critico de historia e o ethnologo.

Apreciemol-os, principiando pela sua feição preponderante, o poeta.

Ha vinte maneiras diversas de estudar e apreciar um escriptor. Podem-se procurar as relações geraes que elle teve com a cultura de seu tempo, mostrando o que lhe deveu e em que a adiantou; podem-se, em dadas circumstancias, indagar o que fez e o que representa elle na evolução intellectual de seu paiz; pode-se-lhe desmontar o espirito, procurando os elementos que o constituiram e qual a tendencia que n'elle predomina.

N'esta investigação deve-se apontar a acção do meio physico e social, a parte da *natura* e a parte da *cultura*, insistir nos elementos hereditarios accumulados na *raça*, e os elementos novos provenientes da *educação* scientifica.

Pode-se-lhe fazer apenas uma apreciação esthetica, a definição do genero em que figurou; pode-se fazer a pintura de seus modos, sestros, impulsos e *tics*, quadro physiologico.

Pode-se desfiar o encadeiamento normal de suas ideias, quadro psychologico.

Pode-se fazer a simples critica impressionista, dizendo o genero e a indole das emoções que nos desperta o autor...

Pode-se, que sei eu? limitar a gente a apontar simplesmente suas obras e o contheudo geral d'ellas, ou tomar um outro caminho qualquer.

Qual d'estes methodos vou applicar a Gonçalves Dias?

Não sei. Digo o que penso d'elle, sem me preoccupar com systemas e amaneirados criticos.

O autor de *Marabá*, da *Mãe d'Agua*, do *Leito de Folhas*

Verdes, do *Gigante de Pedra*, do *Y Juca-Pirama*, dos *Tymbiras*, que é tambem o autor das *Sextilhas de Frei Antão*, isto é, o auctor do que ha de mais nacional e do que ha de mais portuguez em nossa litteratura, é um dos mais nitidos exemplares do povo, do genuino povo brazileiro. E' o typo do mestiço physico e moral de que temos falado repetidas vezes n'este livro. Gonçalves Dias era filho de portuguez e mameluca, quero dizer, descendia das tres raças que constituiram a população nacional e representava-lhes as principaes tendencias.

O mestiçamento, como se sabe, é no seu inicio uma fonte de perturbações e desequilibrios.

O mestiço é o depositario de tendencias, indoles e inclinações diversas, que nem sempre acham um ponto de apoio, ordem e fixidade. D'ahi o seu caracter inquieto, contradictorio, anormal. Tal a razão da constante turbulencia das populações americanas.

Creio que foi Herbert Spencer quem primeiro tirou seguras illações d'esse estado physiologico dos povos do continente para a sua politica. E' de esperar, porém, que uma mais forte acção do tempo acabe por trazer a tranquillidade organica e social a nós os americanos.

Nosso poeta aos africanos, o sangue que menos lhe corria nas veias, deveu aquella espansibilidade de que era dotado, aquella ponta de alegria que não o deixou jámais e que eu especialmente noto em suas cartas.

Aos indigenas, as melancolias subitas, a resignação, a passividade com que suportava os factos e acontecimentos, deixando-se ir ao sabor d'elles.

Aos portuguezes, deveu o bom senso, a nitidez e clareza das ideias, a religiosidade que o não abandonou jámais, a energia da vontade, as preoccupações phantasistas, um certo ideialismo morbido e impalpavel.

Juntae a tudo isto fortes impressões de luzes e côres e vida e movimento, fornecidas pela natureza tropical, que se expande pela região em fóra que vae de Caxias a São Luiz, juntae ainda as scenas mari-

timas da primeira viagem a Portugal, não esquecei os quadros da natureza e da vida provinciana no velho reino, e nem tão pouco os panoramas indiscriptiveis do Rio de Janeiro e região circumvisinha; trazei a esse concurso de factos e circumstancias as leituras dos poetas latinos e modernos, o estudo das chronicas coloniaes, e tereis os elementos predominantes e fundamentaes do talento poetico d'esse valente e mimoso lyrista.

Si Gonçalves Dias tivesse sido uma mediocridade, teria ficado exclusivamente n'aquella poesia piegas do tempo do *Trovador* de Coimbra, nota predominante na litteratura portugueza do tempo em que o maranhense fez alli o curso de direito.

Garrett, Herculano e Castilho em 43-45, annos ultimos passados pelo poeta em Portugal, já tinham publicado suas principaes obras e já eram notabilidades indiscutidas lá. Mas a evolução natural do romantismo tinha já attingido a phase do sentimentalismo affectado e esterilisante. O maranhense, já de si bastante melancolico, aprendeu aquella maneira e deixou-se eivar da molestia geral.

O sentimentalismo é, por certo, uma das notas mais intensas do seu lyrismo; é preciso, entretanto, ser muito surdo para não ouvir que um intenso naturalismo americano, um certo mysticismo religioso, e o calor e a effusão lyrica, juntam ás notas monotonas d'aquelle sentimentalismo as volatas e as fanfarras de uma poesia variada, ampla, serena, meiga, ousada e embriagadora.

A volta do poeta para o Brazil, sua nova estada no Maranhão, sua subsequente partida para o Rio de Janeiro entram como factores na formação de seu talento. A's primitivas impressões americanas tinham-se juntado as impressões do meio portuguez. Si elle tivesse sempre permanecido alli, si novas sensações, novas fontes de vida e poesia não se lhe viessem juntar no espirito, não teria passado, como Gonçalves Crespo, de um pequeno poeta delicado, geitoso, miniaturesco, porém mediocre.

O direito, dizem os modernos juristas allemães sectarios do darwinismo, é uma funcção da vida nacional, é um producto cultural de uma raça, de um povo dado. Podemos dizer o mesmo da poesia; ella tambem é uma funcção da vida nacional; uma poesia geral para todos os povos é alguma cousa de analogo a um direito, uma lei para todas as nações. (1)

E' por isso que o criterio ethnographico, introduzido por mim na critica brazileira desde 1869-70, é ainda hoje a meus olhos a base principal da comprehensão das litteraturas, nomeadamente a litteratura de um povo misturado como o povo brazileiro. Emquanto não houver aqui uma bem nitida comprehensão d'essa ordem de ideias, a politica e a vida social serão o objecto de investigações e expedientes puramente empiricos, a litteratura e a critica serão apenas uma rhetorica banal mais ou menos habilmente manejada.

Que é, que vem a ser o povo brazileiro? Vou definil-o por um meio indirecto.

Tres principaes factores o constituiram nos tres seculos coloniaes: — portuguezes, africanos e indios.

No quarto seculo, na epoca do imperio, a immigração tem atirado estrangeiros um pouco por toda a parte isoladamente; e nas provincias de S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul grandes levas, especialmente de allemães, italianos e polacos. A capital e as grandes cidades superabundam de estrangeiros de toda a procedencia. O quarto seculo, o seculo do imperio, trouxe-nos, pois, um novo factor, que tende a crescer e espalhar-se, que já é bem forte em certas zonas e poderá sel-o em breve em muitas outras.

Supponhamos agora que um partido se formasse entre nós e triumphantemente désse em toda a vida

---

(1) Vide nos *Menores e Loucos* de Tobias Barreto, 2.ª edição de 1886, a moderna intuição do direito, por este sabio ensinada pela primeira vez no Brazil desde 1880.

politica e social e litteraria pura e exclusivamente a proeminencia e o predominio aos indios, aos ultimos representantes da população conquistada. Seria justo? Não seria um ataque ao direito das outras classes do povo? A resposta está implicitamente dada.

Variemos a hypothese e figuremos o caso, não com os indios, até porque os que nos restam ou estão bem envolvidos e desfigurados em nossas populações do norte, confundindo-se com ellas, ou vivem inteiramente selvagens e estranhos a nós nos ultimos recessos do paiz, figuremos o caso com os negros.

Supponhamos que, por um esforço ingentissimo e miraculoso, elles se reunissem e tivessem força para tomar em tudo a dianteira e dictar a lei a todos os mais que ficassemos fóra do privilegio da côr de *cabiúna*... Que aconteceria? Levantar-se-ia um formidavel berreiro, que acabaria por armar a todos os brazileiros contra a onda negra. Seria o inevitavel resultado.

Mas si a empreza, a tentação do dominio em tudo viesse ao espirito dos portuguezes aqui residentes, e elles, além de serem já os senhores quasi exclusivos do pequeno e do grande commercio, tomassem conta do parlamento, da governança, habilmente ajudados pelo forte jornalismo que lhes já pertence. Qual o resultado? Armar-se-iam os *nacionaes* e a ferro e fogo teriamos de arrazar a pesada servidão lusitana.

Não seja só a essa parte do elemento estranho, — os portuguezes, que se augmente a enorme influencia que já desfructa, e seja toda a grande massa de estrangeiros que vivem n'este paiz sem se assimilarem a elle, pelos erros de uma propaganda de colonisação mal dirigida; seja a todos outorgada a influencia e o mando definitivos... Que aconteceria?

A navegação de longo curso é estrangeira, a de cabotagem desfarçadamente estrangeira, o commercio de grosso e pequeno trato estrangeiro; si elles invadissem a lavoura e as grandes e pequenas industrias e tomassem

conta do resto de fontes economicas, que ainda pertencem aos *nacionaes*, e alcançassem a direcção suprema, seria preciso que alguem surgisse n'este paiz, pregasse a reacção e estabelecesse o equilibrio.

Que vamos concluir de tudo isto? A conclusão está por si mesma tirada.

Quatro seculos foram sufficientes para crêar n'este paiz uma população exclusivamente nacional, que se distingue já perfeitamente dos factores que a formaram, população que se vae cada vez mais integrando á parte e tendendo a regeitar as influencias estranhas. Logo no fim de dois seculos o indio tinha dado quasi tudo que podia dar e começou a ser considerado como força inerte; ao cabo de tres seculos comprehendeu-se que o portuguez era já um obstaculo e separamo-nos d'elle, que ainda abusa muito, é certo, porém não é mais o senhor absoluto.

Chegamos agora ao ponto de dispensar o concurso do negro; já lhe vedamos as entradas com a extincção do trafico, e não contamos só com elle para o trabalho; estamos com a escravidão acabada, podemos dizel-o.

O significado historico d'esses factos é que os tres elementos primitivos da população já deram, como elementos separados, o que tinham de dar; o povo *brazileiro* deve-se considerar em essencia *constituido*, e a esforços de trabalho, energia, bom senso e perseverança, adquirir o seu lugar na historia e na politica do mundo.

Si, porém, acha que não tem ainda forças bastantes para as grandes luctas do progresso, si ainda precisa do auxilio de braços e intelligencias de estranhos, dirija a innoculação dos elementos immigratorios e coloniaes — com tino e criterio. Não entregue provincias inteiras aos estrangeiros; espalhe-os por todo o paiz, e assimille-os.

Esta é que é a ideia patriotica, ensinada pela historia de nossa propria patria, sobre a immigração. Não os planos, filhos de interesse pessoal de espiritos aca-

nhados e nocivos, como certos politicos perigosos, que ainda nos podem causar males irreparaveis...

Não cesso de combater idéias que julgo prejudiciaes ao progresso e á unidade do povo brazileiro. Felizmente, não se tem realisado os planos d'aquella gente na medida dos seus desejos. O inconsciente da historia tem vindo em parte em nosso auxilio.

Já não é gente de uma só procedencia que nos está invadindo as provincias do sul. Italianos, polacos e allemães fazem-se mutua concurrencia; rivalisados entre si, não terão talvez tempo nem força para esmagar os nacionaes. O resultado final ha-de ser, segundo espero, em favor do povo brazileiro.

Além d'isto, parece que se acabará por cuidar tambem da colonisação do norte sem desequilibrio para nós, sem que o brazileiro do futuro seja inteiramente diverso pelo sangue do actual.

Em um paiz como o nosso, ainda novo, sem tradições bem formadas, sem cohesão social bem compacta, nunca é de mais insistir sobre o seu caracter popular e historico.

Ainda mais é isto indispensavel, tratando-se de um poeta como Gonçalves Dias, um genuino brazileiro, um mestiço moral, que será ainda por muitos seculos uma das mais authenticas manifestações da alma d'este povo.

Uma critica mesquinha e incorrecta espalhou por ahi ter sido o poeta maranhense um exaggerado cantor de indios, não se occupando de mais nada. Não pode haver maior injustiça.

A verdade é que o poeta evidentemente sem plano escolastico, espontaneamente e sem impulsos doutrinarios, deixou-se influenciar pela vida dos selvagens, como em *Y Juca-Pirama* e dez outras composições; pelas tradições portuguezas, como nas *Sextilhas de Frei Antão* e em *Leonor de Mendonça;* pelos soffrimentos dos escravos pretos, como na *Escrava* e na *Meditação.*

A vida e os sentimentos, as phantasias dos mestiços, dos brazileiros propriamente ditos, não são esqueci-

dos. Bem pelo contrario, *Marabá*, a *Mãe d'Agua* e vinte outras, o attestam. Um talento, como o de Gonçalves Dias, não podia ficar na poesia pura e exclusivamente indiana, e de facto não ficou. A poesia pessoal e subjectiva, a poesia exterior e descriptiva, alem de todas aquellas notas acima indicadas, inebriaram a alma do sonhador brazileiro. E' preciso que a critica myope do Brazil corrija os seus errados juizos.

O mesmo se deu com Alencar, que tratou do indio puro no *Ubirajára*, do indio em contacto com os colonisadores em *Iracema* e *Guarany*, da vida colonial nas *Minas de Prata*, da vida dos sertões do norte no *Sertanejo*, da vida das fazendas do sul em *Til* e no *Tronco do Ipê*, da vida elegante do Rio de Janeiro em *Senhora*, *Luciola*, *Diva*, *Sonhos de Ouro*, de nosso viver burguez no *Demonio Familiar*... Isto para só lembrar suas principaes obras.

Teria sido uma lacuna imperdoavel, si esses dois grandes agitadores da litteratura brazileira tivessem olvidado os indios; teria sido censuravel curteza de vistas, si nos quizessem perpetuamente molestar com elles. Tiveram o bom senso de se conservarem no justo meio termo.

Eu bem sei que houve ahi uma hora de desvairamento em que se quiz pregar como verdade absoluta só ser brazileira a producção que cheirasse a caboclos... Contra taes exaggeros protestei sempre e em 1870 publiquei palavras que vão aqui resumidas.

A chamada poesia indiana é uma poesia biforme, que nem é brazileira, nem indigena. A raça selvagem com todos os encantos e allucinações do homem criança, virgem e travessamente agradavel, com todos os apparentes effluvios da poesia immensa, é hoje vulto mudo a esvair-se no centro de nossa vida, no marulho de nossa civilisação. Não quiz ou não poude sentir a agitações de um outro viver, escutar os ruidos do outras formas de anceios, de liberdade, de crenças, de luctas que a turba, ás vezes tyrannica, dos conquistadores lhe

quiz fazer entender. A raça selvagem está morta; nós não temos nada mais a temer ou a esperar d'ella. O colono europeu não teve que dar grandes batalhas a um inimigo tenaz; teve que presenciar o desfilar triste e compungidor da multidão selvaticamente boa e sympathica dos adoradores de *Tupan*...

Todas conhecem os poucos casos de resistencia da parte dos indios, todos se lembram da retirada de *Japy-Assú* á frente das tribus do interior, que só pararam, diz a lenda, diante do Amazonas, força bastante valente para as fazer suster.

O espectaculo é triste: aquelle povo não tinha o sentimento profundo e apaixonado da patria; não palpitava n'elle ao menos o valor de heróes, que inspirara uma pagina brilhante da historia da Grecia, a dignidade de fugir combatendo, que nobilitou a retirada dos *Dez Mil*.

Ainda hoje foge diante da civilisação. Como que uma lei desconhecida o repelle para longe de nossas instituições; parece que *Anhangá* borrifou sobre elle todas as lagrimas da desgraça!...

O indio não representa, entre nós, por exemplo, o que em França significava o velho fundo de população *gallo-romana*, o terceiro estado, o povo que fez a *Revolução*. Embalde se procurará um serio e profundo principio social e civil deixado por elle. Em pouco modificou o genio, o caracter dos conquistadores.

A razão está, me parece, n'esta lei historica da conquista da America: Tanto mais civilisada era a população indigena, quanto resistia e deixava vestigios. A inversa é verdadeira. As dominações dos imperios adiantados do Mexico e do Perù e a do selvatico Brazil a confirmam.

Um povo que fugiu difficilmente poderia deixar impressos no vulto do que lhe occupou o lugar os seus toques, ainda os mais decisivos. O indio não é o brazileiro. O que este sente, o que busca, o que es-

pera, o que crê, não é o que sentia, procurava, ou cria aquelle.

São, pois, o genio, a força primaria do *brazileiro* e não os do *gentio* que devem constituir a poesia, a litteratura nacional.

O indio não deixou uma historia por onde procurassemos reviver sua physionomia perdida. Não pode dar-nos, por exemplo, o romance historico ou o romance de costumes propriamente taes. Não conhecemos sua vida *intima*. E que no fundo hão revelado sobre elle quantos o hão estudado nos seus romances e nos seus poemas? O que tem dito se reduz a uma exposição de usanças meramente exteriores, conhecidas desde o seculo XVI, e que todos trajam de um só modo em rigor.

Argumentam com F. Cooper; é um grave equivoco. A gloria do romancista americano provém propriamente de seu estylo vivo e penetrante: não de haver descripto a estatura do selvagem, no que, aliás, ficou atraz de Agostinho Thierry, no pensar do Guizot.

Ninguem tomará, certamente, o pinturista historiador francez por um poeta *anglo-saxonio* ou *normando*, por haver brilhantemente descripto esses povos ainda em estado de barbaria.

Cooper tambem nada tem de *pelle-vermelha*. Foi, talvez, mais feliz nos seus romances de marinha. Não creou uma litteratura para a sua patria, por haver falado de selvagens; Chateaubriand o precedêra e tão pouco a creara para lá ou para a França. Por seu talento vivaz, o americano imprimiu ao romance historico uma côr mais animada, ainda que mais falsa, do que a que lhe déra Walter-Scott, e mais nada.

Será um dos fundadores da litteratura de seu paiz por outros serviços, não especialmente por falar de caboclos, que lá acham-se agora reduzidos a diminutissimo numero, e ainda fugindo da civilisação, que lhes causa susto.

O senso popular despresou tal poesia, porque não é a sua, porque não fala das suas esperanças. Os mais vulgares principios da arte a condemnam tambem. A velha e sobreana verdade que a litteratura é a grande arteria, o pulso da sociedade, que soffre de suas agitações, de suas ancias, tambem se lhe oppõe. A escola puramente indiana está desacreditada; os melhores poetas do paiz andam já desde muito por outro lado.

O pensamento d'aquella escola encerra para quem bem attender á structura actual da sociedade brazileira, quem reflectir sobre suas leis historicas, alguma cousa que é a negação do genio *nacional*. Diz-nos em sua pretenção de glorias: não tendes um intimo vosso, não podeis achar poesia no vosso proprio ser, sois uma estatua morta, sem vida, sem palpitações, que necessita pedir aos homens, perseguidos por parte dos vossos maiores, um enlevo que vos inspire. E' pungente...

Para quem assim comprehende as cousas, individualidade de um povo, genio de uma nação é palavra balofa que no brazileiro exprime nada, que só no *tupy* pode achar esse *quid* ignoto que elle nos pode emprestar.

A nacionalidade da poesia brazileira, com tanta azafama procurada aqui e com tanta colera e tão céga e estupidamente negada em Portugal, só póde ter uma solução: — acostar-se ao genio, ao verdadeiro espirito popular, como elle sae do complexo de nossas origens ethnicas. E' uma questão de instincto dos povos essa do nacionalismo litterario. Isto vem espontaneamente; as nações têm todas uma força particular que as define e individualisa. Todos sabem qual é ella no inglez, no allemão, no francez... Tambem teremos, si o não temos ainda bem definido, o nosso espirito proprio.

O genio d'este paiz, ainda vago e indeterminado, um dia, ouso esperal-o, se expandirá aos raios de um forte ideial que o ha-de fecundar. Andar, porem, estonteado hoje, como sempre, no empenho de naciona-

lisar a poesia, a litteratura, parece-me cousa igual á lucta inutil do antigo vidente, do antigo propheta quando buscava furtar-se á acção do Deus que o dominava... O *indicio* nacional ha-de apparecer, sem que haja necessidade de o procurar adrede; o poeta é antes de tudo homem e homem de um paiz. Seus sentimentos mais arraigados, as inclinações mais fortes de seu povo hão-de forçosamente apparecer.

Applicando as leis de Darwin á litteratura e ao povo brazileiro, é facil perceber que a raça que ha-de vir a triumphar na lucta pela vida, n'este paiz, é a raça *branca*. A raça selvagem e a negra, uma espoliada pela conquista, outra embrutecida pela escravidão, pouco, bem pouco, conseguirão directamente para si. Os seus proprios recursos volver-se-hão em vantagem dos brancos.

Prova-o o facto do cruzamento em que tendem a predominar o typo e a indole do europeu, ajudado pela mescla do sangue selvagem e negro, o que mais o habilita a supportar os rigores de nosso clima.

Nas republicas hespanholas o cruzamento mais extenso foi do branco e do indio; entre nós foi do branco e do negro, excepto apenas no alto norte, onde o inverso é a verdade.

O negro, depois do europeu, tem sido o principal factor da nossa vida intellectual, politica, social e economica. Temos para com elle uma grande divida: determinar na historia o quinhão que lhe pertence, por si, e por seus descendentes *mestiços*, maxime por estes ultimos.

Uma cousa é para notar: eu desafio a que me mostrem em toda a historia brazileira de quatro seculos, um só typo nacional, mais ou menos notavel, que haja sido negro ou caboclo *puro*.

Camarão e Henrique Dias, de valor bem contestavel, não se acha ainda bem averiguado que hajam sido, um negro e outro caboclo, da mais pura e extreme li-

nhagem. E' provavel que já tivessem sido o resultado do cruzamento das tres raças, ainda que em diminuta escala.

Todos os nossos principaes typos têm sangue branco: são brancos puros ou desfigurados pelo sangue das outras raças; mas sempre têm sangue do branco em qualquer gráo.

E' força convir, porem, que o futuro d'este paiz só pertencerá ao branco depois de haver elle assimilado os elementos das raças tropicaes a que se alliou n'esta terra, mistura indispensavel para o habilitar a resistir plenamente ás agruras de nosso clima.

Si houvéra necessidade de fazer applicação rigorosa ao Brazil da theoria das raças, procurando uma que definitivamente nos represente, melhor que Portugal o nosso paiz offereceria ampla possibilidade para a empreza ; porque não fôra preciso levantar á altura de uma *raça* uma simples *classe* da população, como alli praticou um extravagante com os *mosarabes*. Entre nós o concurso de tres raças inteiramente distinctas, em todo o rigor da expressão, deu-nos uma sub-raça, propriamente brazileira, o *mestiço*. O elemento mais progressivo tem sido o branco, que vae assimilando o que de necessario á vida lhe podem fornecer os outros dois factores.

A historia o prova; ella nos mostra a intelligencia e a actividade mais especialmente residindo no branco puro ou no mestiço quasi branco; e nunca em o indio ou em o negro extremes de qualquer mistura.

Mas como o branco inteiramente puro, cousa que se vae tornando cada vez mais rara no paiz, pouco se distinguiria de seu ascendente europeu, é indispensavel convir que o *typo*, a encarnação perfeita do genuino *brazileiro*, como a selecção biologica e historica o tem produzido, está, por emquanto, na vasta classe de mestiços de toda a ordem na sua immensa variedade de côres.

Esta grande fusão ainda não está completa, e é

por isso que ainda não temos um espirito, um caracter inteiramente *original*.

Eu disse que não temos um só homem verdadeiramente notavel em nossa historia de quatro seculos que tenha sido negro ou caboclo puros.

Creio ser a verdade. Camarão e Henrique Dias, repito, si fôr provado que o foram, o que tenho por duvidoso, o genero de actividade em que se desenvolveram, é d'aquelles que não requerem grande distincção.

Os nossos homens mais notaveis nas letras e na politica, ou são brancos, como um Gonçalves de Magalhães, ou mais ou menos mesclados, como Gonçalves Dias.

Não se poderá talvez dizer que Gonçalves Dias tivesse mais talento do que Magalhães; mas quem contestará que elle foi mais *brazileiro*, isto é, tinha maior somma de certas qualidades que o separavam do genuino espirito portuguez e o approximavam de um typo ainda não bem definido, que será no futuro o verdadeiro *nacional?*

Minha these, pois, é que a victoria na lucta pela vida, entre nós, pertencerá no porvir ao branco; mas que este, para esta mesma victoria, attentas as agruras do clima, tem tido necessidade de aproveitar-se do que de util as outras duas raças lhe têm podido fornecer, maximé a preta, com que tem mais cruzado.

Pela selecção natural, todavia, depois de prestado o auxilio de que necessita o typo branco irá tomando a preponderancia até mostrar-se talvez depurado e bello como no velho mundo. Será quando já estiver melhor acclimado no continente.

Dous factos contribuirão principalmente para tal resultado: de um lado a extincção do trafico africano e o desapparecimento constante dos indios, e de outro a crescente immigração européa. Esta, porém, deverá ser bem dirigida, deverá ser bem espalhada, para não ser desequilibrado o paiz, e não desapparecer o primitivo elemento portuguez.

Á luz de taes ideias, de accôrdo com as vistas mais profundas da sciencia de hoje, nenhum é o papel reservado ao *indianismo* exclusivo e systematico. (1)

O leitor comprehenderá a razão de discutir eu desde já, tratando de Gonçalves Dias, a questão do indianismo. Foi uma poesia util como um tonico, um abalo necessario imposto aos nervos de nossos burguezes para os arredar da mania das imitações lusas; mas não podia ser exclusivista.

Encaremos ainda mais de perto o nosso auctor.

Gonçalves Dias em sua carreira propriamente de poeta atravessou duas phasẽs, ambas muito curtas, porém ambas bem distinctas uma da outra. De 1840 a 1845 é a phase de Coimbra; o poeta escreveu então grande parte das peças que figuram nos *Primeiros Cantos*. As melhores d'este volume, é verdade, foram escriptas no Maranhão nos mezes de 1845 a 46 que o poeta alli passou.

Deste numero são as poesias *Seus Olhos* e *Adeus aos meus Amigos do Maranhão*.

Fazemos aqui incidentalmente uma notação e é esta: de decennio em decennio a litteratura brazileira tem feito n'este seculo um progresso que se tem assignalado pela publicação de um livro: em 1836 os *Suspiros Poeticos* de Magalhães, em 1846 os *Primeiros Cantos* de Gonçalves Dias, em 1856 o *Guarany* de Alencar, em 1866 os *Cantos e Phantasias* de Varella, em 1876 o *Selvagem* de Couto de Magalhães e os *Ensaios de Sciencia* de Baptista Caetano. De 1876 em diante nada tenho a ponderar; por que esta historia deve ser fechada em 1877, data do fallecimento de José de Alencar. (2)

A segunda phase da vida poetica de Gonçalves Dias

---

(1) Vide a *Litteratura Brazileira e a Critica Moderna*, pelo auctor, pag. 40 e seguintes.

(2) Lembro, porem, a edição definitiva dos *Menores e Loucos*— em 1885.

é tambem de cinco annos em rigor, vae de 1845 a 1850; pois que os *Ultimos Cantos*, publicados em 1851, já estavam promptos desde o anno anterior. Depois d'esta epoca o poeta quasi mais nada produziu. Não se poderá talvez dizer que tenha influido para isto em qualquer gráo e em qualquer sentido seu casamento effectuado em 1852.

Definamos mais directamente o talento deste mestiço.

Elle era antes e acima de tudo um poeta: tinha a vibractilidade das sensações, a ideiação prompta e mobil, a linguagem fluida, sonora e cadente, o espirito sonhador e contemplativo, a imaginação sempre prompta a desferir o vôo. Não era da raça d'aquelles que confundem a poesia com a eloquencia, a musica d'alma com os sons de um instrumento.

« Ha poetas, diz um grande critico, ha poetas para os quaes a poesia é um instrumento encantado, a rabeca de Paganini, ou um outro instrumento qualquer, mas em summa um instrumento de virtuosidade. Ha outros para quem a poesia é uma voz, uma linguagem, a expressão natural e espontanea d'alma. Victor Hugo é o maior d'entre os primeiros; Racine, André Chenier, Lamartine são da ultima familia. »

Gonçalves Dias é tambem d'esta derradeira familia. Entra bem n'esse grupo seleccionado por Scherer, autor d'aquellas palavras.

Gonçalves Dias era sobretudo um poeta, já disse; falta ajuntar que na poesia era sobretudo um lyrico. Mas que vem a ser um *lyrico?* Podem-se dar vinte respostas a esta pergunta.

Eugenio Fromentin, o illustre pintor e critico quasi desconhecido dos escriptores fluminenses, assim define o genero, falando de Rubens:

« Tout cela nous conduit à une définition plus complète encore, à un mot que je vais dire et qui dirait tout: Rubens est un *lyrique* et le plus lyrique de tous les peintres. Sa promptude imaginative, l'in-

tensité de son estyle, son rhythme sonore et progressif, la portée de ce rhythme, son traject pour ainsi dire vertical, appelez tout cela du lyrisme, et vous ne serez pas loin de la vérité. » (1)

Para Fromentin são, pois, a promptidão da imaginação, a intensidade do estylo, seu rythmo sonoro e progressivo, a altura d'este rythmo, que constituem a essencia do *lyrismo*.

Não é precisamente n'este sentido que entendo a palavra e o facto que ella exprime; não é pelo menos n'este sentido que a applico a Gonçalves Dias. Elle tinha, por certo, imaginação agil, tinha brilho de estylo, tinha sonoridade de rythmo; porem não são essas as qualidades que mais o distinguiram. Parece-me que a justeza do sentimento, a doçura das imagens, a delicadeza das tintas, a facilidade das ideias, a espontaneidade da fórma, o vôo sereno de todas as forças mentaes, eram de preferencia seus predicados. Tudo isto n'uma alma profundamente sincera.

Eu não quero tecer encomios ao poeta; não sou um fazedor de elogios. Não quero trepar o escriptor maranhense em pedestal tão alto que o não possamos depois enchergar. Estou julgando o poeta em primeira instancia; estou vendo-o no meio de seus pares do Brazil e de Portugal; não o quero equiparar aos primeiros lyristas deste seculo em todo o mundo, ainda que, estou certo, elle seria bem recebido em tão brilhante companhia.

Percorramos toda a collecção dos *Cantos*, e convencamo-nos que *Seus Olhos*, *Rosa no Mar*, *Lyra*, *Os Suspiros*, *A Tempestade*, *Não me deixes*, *Zulmira*, *A Uma Poetisa*, *Rola*, *Ainda uma vez — adeus*, *A Flôr de Amor*, *Gulnare e Mustaphá*, *O Gigante de Pedra*, *Leito de Folhas Verdes*, *Y-Juca-Pirama*, *Marabá*, *A Mãe d'Agua*, *Olhos*

---

(1) Les Maîtres d'autrefois pag. 93.

Verdes, *Menina e Moça*, *Velhice e Mocidade*, *O Anjo da Harmonia*, *A Concha e a Virgem*, *Meu Anjo — escuta*, *O Beijo*, *Saudades* e algumas outras são bellissimas poesias, das mais encantadoras da lingua portugueza.

Não faço especial menção dos *Tymbiras*, porque não passam elles de um fragmento de poema sem caracter epico, d'onde se colhem apenas alguns fragmentos lyricos.

Não é preciso citar trechos e trechos de Gonçalves Dias para comprovar o que tenho avançado; porque suas obras são de facil accesso; elle é, com Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varella e poucos outros, do numero dos poetas mais populares no Brasil. Não me julgo, porem, desobrigado de indicar ainda algumas notações para a boa comprehensão do poeta.

Teve, como em parte já vimos, perfeita intuição do problema ethnographico em o Brazil. Não se deduz este facto da simples consideração exterior da escolha de certos assumptos. Do intimo de alguns cantos brotam as notas comprobatorias do que affirmo.

No *Gigante de Pedra* lê-se isto:

« E no feretro de montes
Inconcusso, immovel, fito,
Escurece os horisontes
O gigante de granito:
Com soberba indifferença
Sente extincta a antiga crença
Dos Tamoyos, dos Pagés;
Nem vê que duras desgraças,
Que lutas de novas raças
Se lhe atropellam aos pés!

Viu primeiro os *incolas*
Robustos das florestas,
Batendo os arcos rigidos,
Traçando homereas festas,
A' luz dos fogos rutilos,
Aos sons do murmuré!

E em Guanabara esplendida
As danças dos guerreiros,
E o guau cadente e vario,
Dos moços prazenteiros,
E os cantos da victoria
Tangidos no boré.

E das ygaras concavas
A frota apparelhada,
Vistosa, e formosissima
Cortando a undosa estrada,
Sabendo, mais que frageis,
Os ventos contrastar:
E a caça leda e rapida
Por serras, por devezas,
E os cantos da janubia
Junto ás lenhas accesas,
Quando o *tapuya* misero
Seus feitos vae narrar!

E o germen da discordia
Crescendo em duras brigas,
Ceifando os brios rusticos
Das *tribus* sempre amigas,
— *Tamoy* a raça antigua,
Feroz Tupinambá!
Lá vae a gente improvida,
Nação vencida, imbelle,
Buscando as matas invias,
D'onde outra *tribu* a expelle;
Jaz o pagé sem gloria,
Sem gloria o maracá!

Depois em náos flammivomas
Um troço hardido e forte,
Cobrindo os campos humidos
De fumo, e sangue, e morte,
Traz dos reparos horridos
D'altissimo pavez:

E do sangrento pelago
Em miseras ruinas
Surgir galhardas, limpidas
As *portuguezas* quinas,
Murchos os lises candidos
Do improvido *gaulez*! »

O poeta possuia a intuição historica e ethnica d'este paiz, o que importa-lhe um elogio, attenta a ignorancia por assim dizer systematica dos nossos homens de de letras em tudo o que se refere a assumptos nacionaes.

Presentiu, adivinhou intelligentemente a importancia das crenças fetichistas dos aborigenes. Elle não ficou na descripção puramente exterior dos costumes indigenas. Na memoria *O Brazil e a Oceania* penetrou-lhe nas crenças, e, logo nos primeiros versos dos *Tymbiras*, mostra que na poesia comprehendia a importancia d'aquella região psychologica:

« Os ritos semi-barbaros dos Piagas,
Cultores de Tupan, e a terra virgem
Donde, como d'um throno, emfim se abriram
Da Cruz de Christo os piedosos braços;
As festas, e batalhas mal sangradas
Do povo Americano, agora extincto,
Hei-de cantar na lyra... »

E' conhecido hoje o valor especial que a philosophia e a sciencia moderna em geral ligam ás crenças dos selvagens e do homem primitivo.

Gonçalves Dias, com ser muito catholico, se não dedignou de demorar-se no *felichismo* barbaro.

Creio que o primeiro que o elogiou por esta face particularissima foi o Sr. Teixeira Mendes; acho-lhe toda a razão, sendo preciso ajuntar que o poeta teve em geral a intuição do estado sub ectivo das populações brazilei-

ras, não se limitando ao velho fitichismo tupy. Os documentos d'esta asserção andam esparsos por suas obras, bastando-me lembrar a *Mãe d'Agua*.

Outra nota muito particular da poesia de Gonçalves Dias é a verdade e a intensidade de tons que lhe vem de seu viver intimo, psychologico. O poeta soffreu e as recordações são a trama perpetua de sua poesia. Ainda até nas descripções de scenas exteriores, como acontecia ao seu coevo Dutra e Mello, vinham as *recordações* assaltal-o.

Eu sou do numero d'aquelles que ainda apreciam a poesia intima, recordativa, pessoal. Faço minhas estas palavras da Francesco de Sanctis, falando das *Contemplações* de Victor Hugo:

« Indietro dunque! accettiamo le consolazione che il poeta offre a sè, e ad altrui, e viviamo di memorie. *Autrefois!* Di rimembranza in rimembranza, di dolore in dolore, giungiamo alla nostra etá fiorita, quando per noi il cielo era ancora azzurro ed il prato ancor verde: a ciascuna pagina di queste poesie è attaccata una nostra memoria, un fantasma, che ci si leva ritto dinanzi, e ci dice: Ti ricordi? E noi benediciamo la poesia, che con un tratto di penna ci apre il regno della morte ed evoca le ombre de nostri cari. » (1)

O conego Fernandes Pinheiro disse uma vez que os *Canticos Funebres* de Magalhães são superiores ás *Contemplações* de Hugo. Eu não conheço uma igual heresia em critica litteraria. Não cahirei no lapso de julgar superiores os *Cantos* á obra magnifica do poeta francez que se me antolha a melhor de quantas produziu. Nem é mais aquelle lyrismo limpido e brilhante; mas de curtos horisontes das *Odes e Balladas* e das *Orientaes;* não é tambem aquella poesia ousada, de largas

(1) *Saggi Critici* di Francesco de Sanctis, terza edizione, Napoli, 1874.

perspectivas, mas palavrosa, da *Legenda dos Seculos*, da *Piedade Suprema* e dos ultimos livros do poeta. E' um lyrismo valente, impetuoso, ardente e ao mesmo tempo reflexivo, meditabundo, um consorcio soberbo de philosophia e poesia. Creio não errar dizendo ser aquelle bello livro a obra *maitrèsse* do poeta francez. Os *Cantos* do nosso patricio não chegam tão alto: porem supportariam muito melhor o parallelo do que os *Canticos Funebres* do poeta fluminense.

Em todo caso, o pensamento de De Sanctis sobre o papel das recordações, das memorias da alma na poesia de nosso seculo, é applicavel aos *Cantos*. Ha alli muita composição mimosa que são como folhas arrancadas do coração de cada um de nós todos os que temos soffrido na vida. Ide procural-as, que as encontrareis.

Ainda uma vez — adeus! póde servir de exemplo; são estrophes escriptas com o sangue que brota de feridas causadas por acerbos soffrimentos:

« Emfim te vejo! — emfim posso,
Curvado a teus pés dizer-te,
Que não cessei de querer-te,
Pezar de quanto soffri.
Muito penei! Crúas ancias,
Dos teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado,
A não lembrar-me de ti!

D'um mundo a outro impellido,
Derramei os meus lamentos
Nas surdas azas dos ventos,
Do mar na crespa cerviz!
Baldão, ludibrio da sorte
Em terra estranha, entre gente,
Que alheios males não sente,
Nem se condóe do infeliz!

Louco, afflicto, a saciar-me
D'aggravar minha ferida,
Tomou-me tedio da vida,
Passos da morte senti.
Mas quasi no passo extremo,
No ultimo arcar da esp'rança,
Tu me vieste á lembrança:
Quiz viver mais e vivi!

Vivi; pois Deus me guardava
Para este lugar e hora!
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e falar-te outra vez;
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E este pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.

Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto póde o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a afflicção quanto póde,
Sei quanto ella desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!

Nenhuma voz me diriges!...
Julgas-te acaso offendida?
Deste-me amor, e a vida
Que m'a darias — bem sei;
Mas lembrem-te aquelles feros
Corações, que se metteram
Entre nós, e se venceram,
Mal sabes quanto lutei!

Oh! si lutei!... mas devera
Expôr-te em publica praça,
Como um alvo á populaça,
Um alvo aos dicterios seus!
Devera, podia acaso
Tal sacrificio acceitar-te
Para no cabo pagar-te,
Meus dias unindo aos teus?

Devera, sim; mas pensava,
Que de mim, t'esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias
T'esperavam; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deus me acceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu quinhão de dôr!

Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime,
Não te esqueci, eu t'o juro;
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e gloria por te amar!

Tudo, tudo e na miseria
D'um martyrio prolongado,
Lento, cruel, disfarçado,
Que eu nem a ti confiei;
« Ella é feliz (me dizia)
« Seu descanço é obra minha. »
Negou-m'o a sorte mesquinha.
Perdôa, que me enganei!

Tantos encantos me tinham,
Tanta illusão me afagava
De noite, quando acordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde para?
Onde a illusão dos meus sonhos?
Tantos projectos risonhos,
Tudo esse engano desfez!

Enganei-me!... Horrendo cháos
N'essas palavras se encerra,
Quando do engano, quem erra,
Não pode voltar atraz!
Amarga irrisão! reflecte:
Quando eu gozar-te pudera,
Martyr quiz ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, nada mais!

Louco, julguei adornar-me
Com palmas d'alta virtude!
Que tinha eu bronco e rude
Co'o que se chama ideial?
O meu eras tu, não outro;
Stava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida,
Pura, na ausencia do mal.

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu, outro fôra,
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz;
Pensar que a tua ventura
Deus *ab eterno* a fizera,
No meu caminho a puzera...
E eu! eu fui que a não quiz!

E's d'outro agora, e p'ra sempre!
Eu a misero desterro
Volto, chorando o meu erro,
Quasi descrendo dos céos!
Doe-te de mim, pois me encontras
Em tanta miseria posto,
Que a expressão d'este desgosto
Será um crime ante Deos!

Doe-te de mim, que t'imploro
Perdão, a teus pés curvado;
Perdão!... de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miseria,
Da dôr que me rala o peíto,
E si do mal que te hei feito,
Tambem do mal que me fiz!

Adeus, qu'eu parto, senhora;
Negou-me a fado inimigo
Passar a vida comtigo,
Ter sepultura entre os meus:
Negou-me n'esta hora extrema,
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz commovida
Soluçar um breve — Adeus!

Lerás porem algum dia
Meus versos, d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados,
Com sangue escriptos, — e então
Confio que te commovas,
Que a minha dôr te apiade,
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, — de compaixão. »

O poeta é tambem habil em pintar scenas da natureza exterior, animados quadros da terra americana. A paizagem em seus versos é sempre brazileira, ou se trate de scenas da vida social, ou da vida da natureza. Os exemplos superabundam.

Leiam estas estrophes de *Rosa no Mar*.

« Ia a virgem descuidosa,
    Quando a rosa
Do seio no chão lhe cahe:
Vem um'onda bonançosa,
    Que impiedosa
A flôr comsigo retrahe.

A meiga flôr sobrenada,
    De agastada,
A virge' a não quer deixar!
Boia a flôr, a virgem bella
    Vai traz ella,
Rente, rente á beira mar.

Vem a onda bonançosa,
    Vem a rosa.
Foge a onda, a flôr tam bem.
Si a onda foge, a donzella
    Vai sobre ella!
Mas foge, si a onda vem.

Muitas vezes enganada,
    De enfadada
Não quer deixar de insistir;
Das vagas menos se espanta,
    Nem com tanta
Presteza lhes quer fugir. »

E' uma rapida descripção d'um facto simplissimo e feita com grande habilidade. Quando me refiro a certa viveza de côres e de descripção em Gonçalves Dias, devo ajuntar logo que no genero nos deixou apenas pequenos quadros esparsos em suas poesias.

Não estava ainda em moda a descripção modernissima que se protrae por paginas e paginas. Vejamos uma pequena scena natural. São versos dos *Tymbiras:*

« Era a hora em que a flôr balança o calix
Aos doces beijos da serena brisa,
Quando a ema soberba alteia o collo,
Roçando apenas o matiz relvoso;
Quando o sol vem doirando os altos montes,
E as ledas aves á porfia trinam,
E a verde coma dos frondosos cedros
Move o perfume, que embalsama os ares;
Quando a corrente meio occulta sôa
De sob o denso véu da parda névoa;
Quando nos pannos das mais brancas nuvens
Desenha a aurora melindrosos quadros
Gentis orlados com listões de fogo;
Quando o vivo carmim do esbelto cactus
Refulge a medo abrilhantado esmalte,
Doce poeira de aljofradas gotas,
Ou pó subtil de perolas desfeitas.

Era a hora gentil, filha de amores,
Era o nascer do sol, libando as meigas,
Risonhas faces da luzente aurora!
Era o canto e o perfume, a luz e a vida,
Uma só coisa e muitas, melhor face
Da sempre varia e bella natureza:
Um quadro antigo, que já vimos todos,
Que todos com prazer vemos de novo.

Ama o filho do bosque contemplar-te,
Risonha aurora, ama acordar comtigo;

Ama espreitar nos céus a luz que nasce,
Ou rosea ou branca, já carmim, já jogo,
Já timidos reflexos, já torrentes
De luz, que fere obliqua os altos cimos. »

E' sobrio; mas é bello; a simplicidade aqui não é filha da pobreza, mas sim da doce placidez do espirito.

Fôra possivel estender mais esta analyse; tenho, porém, pressa em dizer alguma cousa do dramatista, do critico e do ethnologo. O que escrevi do poeta é sufficiente para dal-o bem a conhecer.

O theatro de Gonçalves Dias é todo de obras de sua verde mocidade.

Consta dos dramas *Boabdil*, *Patkull*, *Beatrice de Cenci* e *Leonor de Mendonça*. Traduziu tambem a *Noiva de Messina* de Schiller.

No theatro Gonçalves Dias não se elevou tão alto como no lyrismo; ainda assim seus ensaios dramaticos são reveladores de grande talento. Fôra para desejar que as nossas emprezas theatraes levassem sempre á scena os dramas do auctor maranhense, escriptos em linguagem ampla e correcta, e os acompanhassem dos dramas de Agrario, das comedias de Penna, e dos dramas e comedias de Macedo e Alencar.

Seria conveniente dar de vez em quando alguma cousa dos velhos, Magalhães, Porto-Alegre, Noberto Silva, Ferreira França e dos mais modernos Varejão, Castro Lopes, Machado de Assis, Tavora e muitos outros brazileiros que hão cultivado o genero. No meio de muita frandulagem sem valor, encontram-se muitos trabalhos de merecimento, que o grande João Caetano não se dedignava de levar á scena.

Tenhamos n'isto e no mais um poucachinho de patriotismo. *Leonor de Mendonça* do poeta maranhense, por exemplo, é um bellissimo drama.

O Conservatorio do Rio de Janeiro ineptamente em

1846 poz-lhe embaraços á representação a pretesto de ser incorrecto de linguagem!...

Singularissima censura esta tratando-se de um escriptor, como o nosso poeta, de todos os nossos auctores o mais preoccupado em cingir-se aos modelos classicos e mais chegado ao sestro de *aportuguezar* a linguagem, isto é, afinal-a pelo tom do velho reino!...

Si eu tivesse de fazer uma censura a Gonçalves Dias pelo lado da linguagem, seria justamente a inversa á que lhe foi dirigida pelo Conservatorio, a saber, o pouco *brazileirismo* de sua lingua e de seu estylo. N'este ponto Alencar teve a coragem de romper com todos os velhos preconceitos, deixando definitivamente de lado, por imprestaveis, os moldes lusitanos. Bastava isto para ser o celebre cearense um benemerito das letras brazileiras.

Gonçalves Dias para vingar-se dos seus gratuitos censores, conforme é fama, escreveu as magnificas *Sextilhas de Frei Antão* em estylo e linguagem do começo do seculo XVII.

Leonor de Mendonça é precedido de um excellente *prologo*, onde o auctor expõe os seus designios e idéias sobre a arte.

Ouçamol-o, falando de sua propria obra: « Direi, não o que fiz, mas o que pretendi fazer.

A acção do drama é a morte de Leonor de Mendonça por seu marido: dizem os escriptores do tempo que D. Jayme, induzido por falsas apparencias, matou sua mulher; dizem-no porém de tal maneira, que facilmente podemos conjecturar que não foram tão falsas as apparencias como elles nol-as indicam. O auctor podia então escolher a verdade moral ou a verdade historica, Leonor de Mendonça culpada e condemnada, ou Leonor de Mendonça innocente e assassinada. Certo que a primeira offerecia mais interesse para a scena e mais moral para o drama; a paixão deveria então ser forte, tempestuosa e frenetica, porque fóra do dever

não ha limite nas acções dos homens: haveria cansaço e abatimento no amor e reacções violentas para o crime, haveria uma luta tenaz e continua entre os sentimentos da mulher e os da esposa, entre a mãi e a amante, entre o dever e a paixão: no fim estaria o remorso e o castigo, e n'elles a moral. Ha n'isto materia para mais de um bom drama.

Leonor de Mendonça, innocente e castigada, será infeliz, desesperada ou resignada. Ora, o remorso é mais instructivo do que o desespero e do que a resignação, como o crime é mais dramatico do que a virtude: pena é que assim sèja, mas assim é. Si em prova d'isto me fosse preciso trazer algum exemplo, eu citaria o Faliero de Byron e o Faliero de Delavigne.

Porque então segui o peior? E' porque tenho para mim que toda a obra artistica ou litteraria deve conter um pensamento severo: debaixo das flôres da poesia deve esconder-se uma verdade *incisiva* e aspera, como diz Victor Hugo, em cada mulher formosa ha sempre um esqueleto.

Foi este o pensamento, a fatalidade. Não aquella fatalidade implacavel que perseguia a familia dos Atridas, nem aquella outra cega e terrivel que Werner descreve no seu drama — Vinte e quatro de Fevereiro. E' a fatalidade cá da terra a que eu quiz descrever, aquella fatalidade que nada tem de Deus e tudo dos homens, que é filha das circumstancias e que dimana toda dos nossos habitos e da nossa civilisação; aquella fatalidade, emfim, que faz com que um homem pratique tal crime porque vive em tal tempo, n'estas ou n'aquellas circumstancias. Repito: não analyso o que fiz, digo apenas o que era meu desejo fazer.

Leonor de Mendonça não tem nem um só crime, nem um só vicio; tem só defeitos. D. Jayme não tem nem crimes nem vicios, tem tambem e sómente defeitos. Os defeitos da duqueza são filhos da virtude; os do duque são filhos da desgraça: a virtude que é santa,

a desgraça que é veneranda. Ora, como o que liga os homens entre si não é, em geral, nem o exercicio nem o sentimento da virtude, mas sim a co-relação dos defeitos, a duqueza e o duque não se poderiam amar porque eram os seus defeitos de differente natureza. Quando algum dia a luta se travasse entre ambos, o mais forte espedaçaria o mais fraco; e assim foi.

Ha ahi tambem outro pensamento sobre que tanto se tem falado e nada feito, e vem a ser a eterna sujeição das mulheres, o eterno dominio dos homens. Si não obrigassem D. Jayme a casar contra a sua vontade, não haveria o casamento, nem a luta, nem o crime. Aqui está a fatalidade, que é filha dos nossos habitos. Si a mulher não fosse escrava, como é de facto, D. Jayme não mataria sua mulher. Houve n'essa morte a fatalidade, filha da civilisação que foi e que ainda é hoje. »

Estas ideias são sans e não destoam do merecimento da obra. Não ha n'esta aquella riqueza de pensamentos e finas observações sobre os dominios reconditos da alma humana, que fazem o assombro de quem lê Shakespeare. Mas quantos compartem com o grande dramatista igual thezouro? Nem Byron, e nem o proprio Goethe. Por essa face Shakespeare campêa isolado. Fôra um absurdo tomar essa medida para unidade comparativa.

Diz-se vulgarmente que uma obra dramatica só é bem apreciada quando é vista no palco. O proprio Gonçalves Dias o repete no alludido prologo: « si o drama não fôr representado, será bom como obra litteraria, mas nunca como drama. »

Tenho medo de dizer uma herezia; porem, pelo que me toca, aprecio mais os dramas, especialmente dos grandes mestres, quando os leio. Si, alem da leitura, occorrer uma boa representação, meu conhecimento da obra não augmentará grande coisa, quanto á obra litteraria em si.

Si nunca li a drama e só o ouvi representar, nada

sei dizer sobre elle, porque o que apreciei no palco foi o trabalho dos actores, sua voz, seus gestos, seu jogo scenico, seu *savoir dire* e *savoir faire* em scena, e não a creação do poeta directamente.

Uma representação theatral é uma arte que se sobrepõe á outra e a vela em grande parte. O talento dos actores produz uma como segunda creação que pode até certo ponto difficultar a exacta intelligencia da primeira.

Nunca vi os dramas de Gonçalves Dias em scena. Creio não ser um impecilio para os apreciar. *Leonor de Mendonça*, por exemplo, bem representada, bem interpetrada por actores de forte vôo, deve ser grandemente dramatica. De todo o drama o *Acto II*, que constitue todo elle o *Quadro terceiro*, é o mais bello, especialmente nas *scenas* V e VI. As scenas passam-se em casa do velho *Affonso Alcoforado*, entre elle e seus filhos *Antonio*, *Manoel* e *Laura*. O moço *Antonio Alcoforado* tem já feito declarações á *Duqueza*, com quem deveria ter uma entrevista á noite justamente na vespera da partida do moço para a Africa. A noite é caliginosa, medonha; todos acham imprudente a sahida do moço a deshoras e só. O velho pai não se pode conter e o interpela. Trava-se forte luta no espirito de *Antonio Alcoforado* entre o respeito paterno, o amor á *Duqueza*, o dever de não marear-lhe o nome, confessando o seu intento, e a obrigação de não mentir. O lance é bello, e eil-o aqui:

ACTO II, SCENA V.

(O Velho Alcoforado, Laura, Antonio Alcoforado, Manoel, que entra).

Manoel. — Eis a espada, meu irmão. Boas noites, Laura.

Laura. — Boas noites, irmão.

Manoel. — A vossa benção, meu pai.

O Velho.—Deus vos abençoe. Trocastes a vossa espada?

Manoel.—Não, meu pai. empresto-a.

O Velho.—Como! pois ides sahir. Antonio?

Alcoforado.—Sim. meu pai: estava só á esperar a vossa benção e da vossa permissão.

O Velho.—Ides...

Alcoforado.—Vou...

O Velho.—Concebo a vossa hesitação. Como é ámanhã o dia de finados. ides orar pelos mortos, como [illegible] um bom christão.

Alcoforado.—Não, senhor.

O Velho.—Não!... Ah! sim!... Como sois bom filho. ides talvez antes de vos partirdes, orar sobre a sepultura de vossa mãi.

Alcoforado.—Não, senhor!

O Velho.—Não!... Ah! bem. Como sois bom [illegible]. ides talvez despedir-vos dos vossos amigos.

Alcoforado.—Não, senhor.

O Velho.—Não! então a que sahis?

Alcoforado.—Não me interrogueis, meu pai.

O Velho.—Ides sozinho?

Alcoforado.—Sózinho.

O Velho.—E não quereis levar o nosso criado na vossa companhia?

Alcoforado.—Não o posso levar.

O Velho.—Pois eu vos digo que não sahireis sem que me digais primeiro o que vos obriga a sahir.

Alcoforado.—Peço-vos que me não interrogueis, meu pai.

O Velho.—Que vos não interrogue!... Pretendeis sahir a deshoras e sem testemunhas, de espada e com os vestidos concertados, e não quereis que vos interrogue!... Onde ides vós, senhor?

Alcoforado.—Eu vol-o supplico.

O Velho.—Oh! isto merece uma explicação. Retirai-vos.

SCENA VI.

(O Velho Alcoforado, Alcoforado)

O Velho.— Vêde a que me obrigam os vossos mysterios, que oxalá não sejam escandalosos!... Fazeis que um pae expulse seus filhos da sua presença, porque elle terá talvez de vos dizer algumas d'essas rigidas verdades que por elles não devem ser ouvidas. Onde ides, mancebo?

Alcoforado.— Senhor, não o posso dizer.

O Velho.— Vós não ides cumprir com os deveres de amigo, nem de filho, nem de christão; ao que ides, pois? Passar talvez a noite em algum lupanar, ou sobre a banca do jogo, ou em orgias de homens intemperantes e envilecidos, ou escalar algum muro como ladrão nocturno para roubar a honra de alguma familia honesta, ou bater surrateiramente a alguma porta humilde para pagar a recepção cordial que durante o dia vos fez algum homem honrado e franco com a traição de um libertino. E' infame.

Alcoforado.— Meu pai!

O Velho.— Dizei, senhor, dizei na vossa consciencia que não ides praticar alguma acção criminosa.

Alcoforado.— Em consciencia, não o sei.

O Velho. — Sei-o eu, senhor!... Sei que o homem que marcha treda e cautelosamente apalpando as trevas, e que não ousa confessar altamente as suas acções, muito se assemelha áquella ave de máo agouro, cujos olhos não podem supportar a luz do dia, cujo canto é um annuncio de desventura; sei que tão grande mysterio póde encobrir uma virtude muito preclara, ou um vicio muito vergonhoso. Dizei que ides praticar uma d'essas virtudes cobertas com o precioso manto da modestia, diaphano para Deus, impenetravel para os homens...

Alcoforado.— Nunca vos menti, senhor...

O Velho. — E si o houvesseis feito, a Providencia Divina que vos guiasse no caminho da vida, porque terieis morrido para mim. Talvez me julgueis severo por me crerdes pouco sensivel, ou por suppordes talvez que o tempo, que gelou o sangue nas minhas veias, já me fez esquecer da quadra em que fui da vossa idade, em que tambem fui novo e cheio de esperanças na vida, e em que tambem dizia comigo o que agora lá vós estais dizendo convosco: Além n'aquelle marco deixarei este caminho e tomarei outra vereda. Não; sou indulgente e pouco severo a ponto de vos confessar que tambem fui novo, e que alguns erros commetti quando tinha a vossa idade. Pois quem é perfeito n'este mundo? Mas eu vos asseguro que a minha vida escripta, comquanto em parte me pezasse d'ella, não me traria um só remorso, nem me desconceituaria a minha velhice; asseguro-vos ainda que, em vesperas de um dia duas vezes sanctificado pela religião e pelo sentimento, nunca abandonei eu o tecto de meus pais, como homem sem crença e filho pouco respeitoso, para me entregar ás caricias de uma creatura sem pejo. Ha limites em tudo, mancebo.

Alcoforado. — Senhor, porque me suppondes capaz de tão negro feito, ou porque vos mereço tal conceito? Acaso me tenho eu mostrado revel aos vossos conselhos, ou terei desaprendido as vossas lições? Não, senhor: si não vou praticar uma virtude, tambem não é o vicio nem o crime quem lá fóra me está chamando. Não é criminosa a acção que vou praticar: juro-vos...

O Velho. — Jurai, senhor, jurai! No meu tempo o homem que ambicionava uma espada, ou que já a podia trazer comsigo, tinha o juramento por uma cousa veneranda e sagrada, e usava d'elle apenas nas circumstancias de momento. Era o vassallo que jurava lealdade a seu rei; era o cidadão que jurava amor a sua patria; era o guerreiro que jurava morrer com o seu compa-

nheiro d'armas. Por isto o juramento era entre elles uma religião, e os mais altos como os mais humildes não se atreviam a quebral-o. Hoje porém fizeram d'elle uma formula para os usos da vida, e a criança desde o berço aprende a balbuciar essa palavra vazia de sentido, que n'outro tempo foi symbolo de fé e era condão de prodigios.

Alcoforado.—Como vos poderei eu confiar um segredo que me não pertence? Ha bem tempo que vô-lo teria dito, si elle fosse todo meu, e si a minha confissão a ninguem mais compromettesse. Eu vos respeito como meu pai, eu vos amo como amigo, eu vos estimo como homem probo e cheio de integridade; sei que é impossivel trahirdes um segredo, mas devo eu trahil-o primeiro? Aconselhai-me, vós que tendes experiencia da vida; dizei-m'o, vós que sois meu mestre; posso eu fazê-lo?

O Velho.—O segredo é inviolavel; tendes razão.

Alcoforado.— Deixai-me então sahir, bom pai. Oh! si soubesseis quanto soffro por vos não poder confiar tudo!... Sêde indulgente mais uma vez, talvoz a derradeira. Esta demora me tem martyrisado; largos annos tenho vivido n'estes curtos instantes! Deixai-me partir.

O Velho.—E não ha perigo?

Alcoforado.— Nenhum, nenhum! eu vo-lo asseguro.

O Velho.—E aquella espada?

Alcoforado.—Foi um capricho de meu irmão que não sabe a que vou. Dir-lhe-hia um segredo que vos não digo a vós? Bem vêdes que nada arrisco: deixarei a espada, e é até melhor que eu vá desarmado.

O Velho.—Levarás a espada!

Alcoforado.—Bom pai, quanto vos agradeço!

O Velho.—Vai, e Deus seja comtigo.

Alcoforado.—Irei e voltarei bem depressa (*cingindo a espada*) o mais depressa que eu puder. Vereis que nada me acontece. Meu Deus! como partiria eu tão alegre, si de alguma cousa me arreceiasse!

O Velho.—Vai, meu filho.

Alcoforado.—Nada receieis. Adeus, bom pai. (*Vai-se.*)

O Velho, (*ficando pensativo: alguns dobres ao longe.*)—Meu filho! meu filho!... (*Vai-se.*) »

E' significativo tudo isto.

Meu desejo seria fazer uma historia exhaustiva da litteratura brazileira; tudo indagar e tudo deixar ver. Sobre o theatro de Gonçalves Dias haveria bastantes observações a fazer; mas é urgente rezumir e passar adiante.

O poeta dos *Tymbiras* deixou-nos, entre outros pequenos escriptos em prosa, quatro que merecem especial menção e são estes: *Reflexões sobre os Annaes historicos do Maranhão por Berredo*, *Resposta á Religião*, *Amazonas-si ellas existiram no Brazil*, *O Descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso?* São ensaios sobre a historia de nossa patria.

São escriptos n'aquelle estylo claro, simples e harmonioso da prosa de Gonçalves Dias, uma das melhores do Brazil, o que se pode bem ver nos bellos prologos das diversas collecções de *Cantos* e de *Leonor de Mendonça*.

N'este numero deveriamos tambem contar a celebre critica que fez da *Independencia do Brazil* de Teixeira e Souza. Isto desperta-me uma observação que não devo calar.

Os escriptores da epoca romantica quasi tanto como os de hoje atacavam-se com desazado encarniçamento. Gonçalves Dias, de ordinario tão pacato, zurziu desapiedadamente o pobre poeta dos *Tres Dias de um Noivado*, por causa de seu poema epico *A Independencia do Brazil*. Seguiu-se José de Alencar que flagellou horrivelmente a *Confederação dos Tamoyos* de Magalhães; depois Bernardo Guimarães sovou medonhamente os *Tymbiras* de Gonçalves Dias, e Franklim Tavora a *Iracema* de Alencar.

Foram criticas azedas, de caracter puramente polemistico e irritante, que tiveram porem grande echo.

As *Reflexões* de Gonçalves Dias sobre os *Annaes* de

Berredo são um bello artigo, onde lança pela primeira vez o seu brado de sympathia pela raça tupy, indicando o muito que lhe devemos. No mesmo espirito é o artigo em resposta ao periodico *A Religião*. A memoria sobre *As Amazonas* é uma resposta a um programma do Instituto Historico apresentado pelo imperador.

O poeta revelou-se ahi grande conhecedor dos chronistas e viajantes dos nossos tempos coloniaes, e com subido criterio desfez o rosario de sonhos e exaggeros dos que crearam e propagaram no Brazil semelhante lenda.

Chamo em especial a attenção para as paginas em que Gonçalves Dias fala e insiste largamente sobre as decantadas *pedras verdes*, as *pedras das Amazonas*, que mais tarde vieram a servir para enganosas patacoadas do dilettante Barbosa Rodrigues. Este em seus escriptos nunca citou o poeta... (1)

Igualmente interessante, ou por ventura superior, é o escripto sobre o descobrimento do Brazil. Gonçalves Dias combate n'elle, victoriosamente ao meu vêr, a ideia de ter sido proposital a chegada ao Brazil da parte de Pedro Alvares Cabral, ideia esta sustentada galhardamente por Joaquim Norberto de Souza Silva.

Não me é possivel, pelas proporções que vae tomando este livro, descer a uma analyse detalhada de taes escriptos nem mesmo da interessantissima memoria *O Brazil e a Oceania*. Esta é um verdadeiro livro em que o poeta passou em revista o que nos chronistas e viajantes se encontra sobre os povos selvagens do Brazil e da novissima parte do mundo no intuito, um pouco frivolo em verdade, de vêr quaes d'elles estavam em condições mais adequadas para receber a civilisação christã.

---

(1) Vide *Obras Posthumas* de Gonçalves Dias, vol. III, pag. 270 e seguintes.

A parte relativa á Oceania, pelo muito que já sabemos de seus antigos habitantes, graças sobretudo á sciencia ingleza, está hoje muito atrazada. O que se refere aos indios do Brazil ainda agora, apezar de bons progressos realisados por este lado, póde lêr-se com proveito.

Entre outros destaco o interessante capitulo — *Si os americanos caminhavam para o progresso ou para a decadencia; o que pensamos dos tupys.*

Leiam-se todos estes trabalhos do escriptor maranhense e ver-se-ha bem nitidamente que elle não foi só um notavel lyrista, foi tambem um destro dramaturgo e um homem sabedor em assumptos de historia e ethnographia brazileira.

Agora, porém, é tempo de ultimar este perfil e o farei em poucas palavras.

Tanto quanto soube fazel-o, mostrei a *formação* biologica do talento de Gonçalves Dias, indicando o que elle deveu ás *raças* que o formaram e ao *meio* em que viveu, isto é, encarei-o no seu desenvolvimento *ontogenetico* e em suas relações com a *philogenia* dos povos de que descende, não esquecendo a *adaptação* ao *meio* de Coimbra, do Maranhão e do Rio, onde viveu principalmente.

Está dito tudo? Não. Resta ainda alguma cousa para caracterisal-o de todo. Resta saber o que d'elle ficou e ficará de pé para o pensamento do povo brazileiro, emquanto existir um povo brazileiro...

A lucta pela existencia na litteratura e na arte tem dois momentos capitaes: um que é feito pelo proprio escriptor em sua vida, e outro que é feito pela consciencia publica e pela historia depois de sua morte. Este ultimo é o que tem maior alcance e definitivo valor. (1)

---

(1) Esta linguagem tomada a Darwin e Häckel é aqui a mais propria para dar a explicação dos phenomenos litterarios. Nem é uma novidade em meus escriptos, nomeadamente na *Litteratura*

Tem-se visto mediocridades, ajudadas por um meio propicio, levantarem-se em falsas muletas e suspender as cabeças acima do nivel commum, a ponto de todo o mundo olhar para ellas. Mais tarde ha uma reversão, allue-se o terreno e lá se vae por elle a dentro a collossal figura, que estava trepada não em pedestal de barro, conforme a figura biblica, mas em pernas de páo, segundo o brinquedo de nossos camponios...

Ás vezes tambem dá-se o contrario; o talento e o proprio genio não podem abrir caminho em seu tempo, ou só o podem limitadamente. Mais adiante dá-se o que se pode chamar a *lucta reversiva pela vida* no seio da

---

Brazileira e a Critica Moderna, nos *Estudos sobre a Poesia Popular do Brazil*, na *Introducção á Historia da Litteratura Brazileira*, e n'este livro, principalmente no cap. — *Theorias da historia do Brazil* — publicado ha muito nos *Lucros e Perdas* e na *Revista dos Estudos Livres* (de Lisbôa).

Não se deve perder de vista que a maior parte d'esta obra já tem sahido impressa em jornaes e periodicos, antes de agora apparecer em volume. E' assim que na *Gazeta de Noticias* de 23 de dezembro de 1886 sahiu um fragmento d'ella em que vem bem accentuada a applicação *da lucta darwiniana na litteratura e nas obras d'arte*, n'estes termos:

« A litteratura rege-se pela lei do desenvolvimento, á maneira das formações biologicas. Ainda como as creações biologicas, ella tem *a sua lucta pela existencia*, onde as ideias mais fracas são devoradas pelas mais fortes. As ideias têm todas um elemento hereditario e tradicional e um elemento de *adaptação* a novas necessidades e a *novos meios*.

Cada nação tem seu patrimonio de ideias representativas do seu desenvolvimento natural: é a phylogenia litteraria, repetindo a linguagem de Häckel. Cada grande typo tem forças e impulsos proprios, além d'aquelles que recebe por herança: é a ontogenia litteraria para falar ainda como o celebre naturalista. *A ideia de força e de lucta* domina sempre as grandes e pequenas litteraturas; é o pugnar das ideias, das theorias, das opiniões; são as polemicas, a guerra intestina dos systemas. Uma litteratura pacifica é uma litteratura morta. »

historia e as ideias batidas, e repellidas outr'ora,, sahem victoriosas d'essa pugna posthuma.

A historia da sciencia e a da litteratura estão cheias de phenomenos semelhantes. Victor Cousin não será um exemplo do primeiro caso? Shakespeare e Lamarck não serão do segundo?

O nosso Gonçalves Dias no seu pugnar pelas ideias, pelo bello e pela gloria não foi nem um derrotado, nem um victorioso d'esses que fazem o seu caminho por entre cem batalhas. Elle estava mais ou menos n'altura de seu meio e de seu momento historico, e esse momento era uma epoca de enthusiasmo e esperanças para este paiz.

O poeta achou a formula propria d'essas aspirações.

D'esse *synchronismo* entre o seu sentir e o sentir de sua patria n'um momento dado é que lhe vem o merito e a natureza de sua gloria: uma gloria placida e doce, sem ruidos; mas sem abatimentos e eclipses.

Que é que ainda vive d'elle, e parece que viverá sempre? Uma duzia de poesias lyricas, e certamente das melhores em que uma vez se vasou a lingua de Camões.

CAPITULO III.

Poetas ainda.

O romantismo brazileiro não ficou estacionado em sua segunda phase, o *indianismo;* passou adiante e foi espreitar o que se fazia no grande mundo, no estrangeiro, para implantar novos achados, novas conquistas em nosso paiz.

Entretanto, parece singular que o systema litterario, que mais parecia condunar-se ao espirito nacional, tenha sido justamente aquelle que menos seiva revelou e menos fructos produziu. E assim foi; o indianismo só contou dois grandes cultores n'este paiz, Gonçalves Dias na poesia e José d'Alencar no romance.

Os outros nossos escriptores caminharam por outro lado, e, si por acaso cultivaram de passagem o genero, foi isso como um preito limitado prestado a tão illustres chefes.

Magalhães, por espirito de imitação, escreveu a *Confederação dos Tamoyos;* Norberto Silva escreveu, em igual espirito, suas *Americanas;* Machado de Assis, pelo sestro de sequacidade, as suas; mas isto foi a excepção.

O mesmo em Franklin Tavora com o seu romance *Os Indios do Jaguaribe*, e Junqueira Freire com seus versos *O Hymno da Cabocla.* São casos isolados. Tal se pode dizer de Mello Moraes Filho com seus *Escravos Vermelhos* e seus *Mythos e Poemas.*

Em rigor, só conheço dois cultores systematicos e teimosos do indianismo: Macedo Soares, no sul, com suas poesias *Almas Errantes*, *A Maldição do Piaga*, *O Canto da Indiana*, e outras, e Santa Helena Magno, no norte, em seu livro dos *Harpejos Poeticos.*

Macedo Soares, porem, bem cedo abandonou a poesia, atirando-se á jurisprudencia e á linguistica, e Santa Helena Magno, já fallecido, era preferivel nos seus versos de caracter mais geral.

Modernamente só no Pará Vilhena Alves e Severiano Bezerra na poesia, José Verissimo no conto e Marques de Carvalho no romance têm cultivado mais ou menos o indianismo. Em regra, já vimos que o genero só teve no Brazil dois cultores de elevada estatura: o poeta do Maranhão e o romancista do Ceará. Os outros dedicaram-lhe um ou outro momento ligeiro de attenção.

No Maranhão mesmo o systema não progrediu, nem teve cultores. Bem pelo contrario teve um valente adversario em João Francisco Lisboa, o historiador. Isto nos leva naturalmente a indagar si de facto houve n'aquella provincia alguma cousa que se podesse chamar, como muitos o hão feito, a *escola maranhense.*

Respondo pela negativa.

No sentido technico e restricto de um certo punhado de ideias, um systema doutrinado por um chefe e desenvolvido por uma serie de discipulos, não houve escola maranhense.

Deu-se, sim, alli o facto de se acharem a um tempo reunidos em grupo fraternal homens, como Sotero dos Reis, João Lisboa, Gonçalves Dias, Antonio Henriques, Alexandre Theophilo, não falando já nos mais jovens que foram apparecendo, como Trajano Galvão, Gentil Homem, Souza Andrade, Franco de Sá e Joaquim Serra, até vir terminar em Celso de Magalhães não ha muito fallecido.

O indianismo não teve forças para constituir-se principio dominante e avassallar todas as intelligencias.

Apezar do talento de Gonçalves Dias, os jovens poetas, seus comtemporaneos, *Alvares de Azevedo*, *Bernardo Guimarães*, *Aureliano Lessa*, *Almeida Freitas*, *Silveira de Souza*, *Laurindo Rabello*, *José Bonifacio*, *Felix da Cunha*, *Junqueira Freire*, *Franco de Sá*, *Augusto de Mendonça*, seguiram outros caminhos. E' a pleiada que constitue a terceira phase do romantismo brazileiro.

Podem-se-lhe juntar os nomes de *Trajano Galvão*, *Pedro de Calazans*, *Teixeira de Mello*, *Costa Ribeiro*, *Franklin Doria*, *Casimiro de Abreu*, *Bittencourt Sampaio*, *Bruno Seabra*, *Lapa Pinto*, *Fagundes Varella*, *José Maria Gomes de Souza*, *Pedro Luiz*, *Souza Andrade*, *J. Coriolano*, *Gentil Homem*, *Joaquim Serra*, *Rozendo Moniz*, *Ferreira de Menezes* e vinte outros.

O leitor não esmoreça... Tantos nomes, e ainda estamos na terceira phase do romantismo e entre os poetas... Seria um não acabar mais, si foramos a desenvolver toda essa gente e outros tantos que ainda ahi faltam.

Felizmente em historia litteraria dá-se alguma cousa de parecido ao que acontece em grammatica. Aqui não ha necessidade de declinar todos os nomes e conjugar todos os verbos. Dão-se os paradigmas das declinações e conjugações regulares e tanto basta. A indicação dos phenomenos irregulares vem completar a theoria e fica tudo acabado.

O mesmissimo podemos ir aqui praticando; ha poetas

que se conjugam por outros; basta referil-os aos seus respectivos paradigmas. Assim será que dos muitos acima lembrados, bastar-nos-ha conjugar os *irregulares*, quero dizer, bastar-nos-ha interrogar de perto os espiritos originaes, aquelles que de qualquer forma e em qualquer gráo influenciaram o desenvolvimento litterario do paiz.

Não se espante, por outro lado, o leitor de não ver entre tantos poetas alguns bem mediocres, os nomes de *Manoel de Macedo* e *Machado de Assis*, por exemplo. Peço-lhe para não esquecer que elles e outros irão figurar entre romancistas e dramaturgos.

Manoel Antonio Alvares de Azevedo (1831-1852). E' um dos poetas mais lidos e amados no Brazil; elle mais pelos estudantes e Casimiro de Abreu mais pelas moças. Gonçalves Dias, Castro Alves e Fagundes Varella vêm logo após na popularidade. Isto no Brazil em geral; porquanto no norte em especial nenhum é mais lido e mais recitado do que Tobias Barreto, sendo para lembrar que a notoriedade d'elle tende a augmentar em todo o paiz, ao passo que a dos outros tem permanecido estacionaria.

Vê-se bem que me refiro ao puro movimento romantico; hodiernamente novos poetas, alentados por outros impulsos e por outros ideiaes, vão tomando a dianteira e é bem possivel que algum venha a gozar brevemente de grande popularidade.

Como quer que seja, ainda entre elles não existe nenhum que haja angariado entre os contemporaneos o enorme prestigio desfructado pelos cinco romanticos ha pouco lembrados, nem até a influencia de segunda ordem exercida por Junqueira Freire e Bernardo Guimarães. Mas, por emquanto ainda é cedo. Em todo caso ninguem fará esquecer a figura sympathica do sonhador da *Lyra dos Vinte Annos*.

Este moço não tem biographia no sentido technico e monotono da palavra. Foi filho de um estudante de direito, natural do Rio de Janeiro, e que fazia seu curso em S. Paulo. O menino nasceu n'esta ultima cidade n'aquelle memoravel anno de 1831 que viu sahir do Brazil D. Pedro I e inaugurar-se a Regencia. O menino não devia passar nunca de estudante.

Quando o segundo reinado se inaugurava em 1840, o pequeno começava seus primeiros estudos. Em 1847 bacharelava-se em letras no Imperial Collegio de Pedro 2.º, e em 1848, no anno da revolução de Pernambuco, já o nosso heroico mancebo-achava-se em S. Paulo a cursar os estudos juridicos. De 48 a 51 Azevedo viveu n'aquella cidade.

N'estes quatro annos escreveu elle tudo que nos deixou. Falleceu em abril de 52 no Rio de Janeiro.

O decennio de 45 a 55 é a phase culminante do romantismo brazileiro, já o disse, e não é escusado repetil-o para lembrar que a figura mais alta da epoca é, após Dias e Alencar, incontestavelmente o moço auctor de *Macario.*

Qualquer que seja nossa actual presumpção e o nosso affectado desdem de hoje pelas nossas Faculdades de Direito, desdem reflexo e de imitação, sem fundamento serio, a historia não poderá negar terem sido essas Faculdades a grande *pepinière* d'onde tem sahido os mais notaveis obreiros de nossa politica e de nossas letras.

O tempo de Alvares de Azevedo foi, especialmente em S. Paulo, uma phase de agitação, de liberalismo, de enthusiasmo, de remoimento de ideias e opiniões. Alli se acharam reunidos aquelles moços que levaram por diante os dois maiores phenomenos da litteratura da epoca.

Em Azevedo melhor do que em nenhum outro distingo eu os dois symptomas: 1.º é elle um producto local, indigena, filho de um meio intellectual, de uma academia brazileira; 2.º arranca-nos de uma vez da influencia mental portugueza.

Antes de Azevedo, os outros chefes, como Porto Alegre, Magalhães e Gonçalves Dias, tinham ido estudar na Europa. Já nem falo nos escriptores coloniaes, porque todos elles fizeram cursos no velho mundo.

A crêação de academias brazileiras foi de um alcance intellectual extraordinario; logo na esphera politica e administrativa começamos a ter homens, como Euzebio, Zacharias, Nabuco, Rio Branco e oitenta outros que são filhos de academias nacionaes e alguns d'elles não pozeram jamais os pés na Europa, ou os pozeram rapidamente. Foram sempre os melhores. O mesmo se deu na litteratura. Azevedo, Bernardo Guimarães, Junqueira Freire, Macedo, Agrario, Alencar e Penna são filhos de escolas nacionaes e com elles tudo o que ha de mais illustre em nossa vida espiritual n'este seculo. Penna só foi ao velho-mundo colher a morte e Alencar apressal-a mais.

A litteratura de um povo incipiente deve ter d'esses obreiros afferrados ao solo, d'esses que preferem ficar no seu paiz, conservando o pouco que sabem, a ir esbanjal-o por ahi algures.

Bem profundas são as palavras de Jacob Grimm: « E' preferivel aprender sem viajar do que viajar sem aprender; porque o menos que pode succeder é esquecer o pouco que se sabe no meio do muito que se ignora. »

Magnifico pensamento de um grande homem e que deveria ser uma especie de imperativo cathegorico para os escriptores brazileiros.

O segundo feito de Azevedo, que o partilha com seus companheiros de luctas, é, ao envez do que se poderia pensar, um corollario do primeiro. Desde que não houve mais necessidade de ir a Coimbra buscar instrucção, desde que podia-se ficar na patria e educar o espirito, não houve mais o monopolio dos autores portuguezes. Foi-se pelos ares o caruncho luzitano e a mocidade deixou de idiotificar-se na leitura exclusiva de Bernardes, Garção, Tolentino, Filinto... *et le reste*, não esquecendo

as reverendas mediocridades d'este seculo, que tanto desejariam tomar-nos o caminho e tapar-nos o sol por uma vez...

Não ha nada mais repugnante na esphera dos phenomenos intellectuaes do que a pretenciosidade estupida de máos, de pessimos escriptores portuguezes em quererem impigir-se-nos como intermediarios entre nós e a sciencia e litteratura européas!...

Pois si eu posso ler o darwinismo em Darwin, o comtismo em Comte, o pessimismo em Schopenhauer, a philosophia do *Inconsciente* em Harttmann; si posso ler o meu Häckel, o meu Strauss, o meu Ihering, o meu Noiré, o meu Spencer; si não conheço melhor *Hamlet* do que o de Shakespeare, nem consta haver melhor *Child-Harold* do que o de Byron, para que ir ali a um *Zé Churumela* qualquer pedir auxilio? Fazel-o é não ter mais aquelle pudor intellectual, indispensavel a quem quer que tenha de manejar uma penna.

Azevedo comprehendeu-o logo, e vimol-o sempre a lembrar e a citar os bons escriptores gregos, latinos, inglezes, italianos, allemães e francezes. Especialmente Shakespeare, Tasso, Byron, Werner, Musset, Victor Hugo e Sand são os seus auctores predilectos.

Tinha sim um certo respeito retrospectivo por um ou outro typo da antiga litteratura portugueza, especialmente Camões, Ferreira e Bocage. E' que elle não estava ainda inteiramente emancipado das tyrannias e pesadelos luzos.

Si não teria bem comprehendido que de toda litteratura portugueza a humanidade fez bem em só ter salvo um nome, impondo-o ao respeito universal. Ler o resto é secundario e perfeitamente dispensavel; com relação a alguns, é roubar o tempo a occupações espirituaes mais proveitosas e compensadoras...

Para o *universalismo* litterario de nosso romantismo, especialmente na phase que historiamos agora, parece ter sido de grande influxo a acção mental exercida na

mocidade do tempo, que se preparava no Rio de Janeiro para os cursos superiores, por um punhado de estrangeiros illustradissimos, especialmente inglezes e allemães, que eram então a gloria do magisterio secundario no Brazil.

Por esta face e n'este sentido devo aqui consignar, como operarios emeritos de nosso progresso mental, os nomes de Planitz, Tautphœus, Calogeras, Freese no Rio de Janeiro, e Julio Franck em São Paulo. Os portuguezes logo depois d'esse tempo tiveram aqui a figura retrograda e tyranisante de José Castilho, o perseguidor de Alencar...

O gosto pela leitura e a forte instrucção preparatoria, Azevedo levou-os do Rio de Janeiro. Levou d'aqui tambem as tintas de sua imaginação desperta pela belleza primaveril d'esta região. São Paulo deu-lhe o gosto de escrever, a emulação, o enthusiasmo, a vida livre do academico, o desvairamento da poesia da epoca.

Juntae a tudo isto a melancolia innata, oriunda de um temperamento franzino e enfermo, e tereis os elementos d'essa intelligencia, e desvendar-se-vos-hão os segredos d'aquelle coração.

Eu não quero decompol-o. Repugna-me ás vezes este officio de anatomista da intelligencia. Ha uma certa impiedade em penetrar assim indiscreta e brutalmente pela alma a dentro de um poeta, de um homem que soffreu, ainda mesmo quando este homem e este poeta são um mancebo de vinte annos, quasi virgem de sentimentos.

Procederei por outro modo; antes pintor que anatomista, antes uma tela do que uma mesa de operações.

Muito se ha escripto sobre Alvares de Azevedo; mas é licito ainda hoje pôr em duvida que o poeta haja sido bem estudado.

A rhetorica malefica descobriu que elle impregnara-se do espirito de Byron e Musset e se fizera sceptico. Isto é dizer muito pouco, é quasi nada dizer.

Resta ainda e sempre determinar os motivos d'essas predilecções do poeta e definir a natureza de seu scepticismo. Sceptica é quasi toda a gente, é quasi o mundo inteiro. A generalidade do qualificativo não tem forças de definir.

As preoccupações da velha critica não ficaram ahi; foram adiante e levantaram o problema de saber si o poeta era sincero no seu scepticismo, em sua descrença, nas suas ideias, no seu modo de viver.

Formaram-se logo dois partidos: uns affirmavam que o moço escriptor era um espirito meigo, delicado, virgem, puro e singelo, não conhecendo as diabruras e irregularidades da vida sinão pelos livros dos poetas e romancistas romanticos.

D'est'arte, seus sentimentos eram impolutos, seu viver recatado, seu corpo estreme de qualquer impureza. Nada de charutos, de vinho, de cognac, de passeiatas, de sucias, de bebedeiras, de lubricos prazeres com as mulheres perdidas.

O poeta era um solitario; seus desvarios eram puros jogos, innocentes brincos de sua imaginação...

Os que assim têm discreteado, suppondo elevar o caracter do moço escriptor, aviltam-no de facto, reduzindo-o a uma especie de maniaco, um ente morbido entregue talvez a algum vicio occulto.

E' escusado lembrar que, deturpado o caracter do joven poeta, estragam tambem a sua obra, que fica reduzida a uma cousa aeria, impessoal, phantastica e nulla.

Outros, julgando-se muito desabusados, tombam para o extremo opposto. Pintam o autor da *Noite na Taverna* como um monstrengo moral, um ser depravado, corrupto, ebrio, devasso, mettido em extravagancias e desatinos de toda a casta. Estes suppõem elevar a obra, deturpando o caracter do homem. Tudo isto é falso, falsissimo.

Nem anjo, nem demonio.

Foi uma natureza intelligente e ideialista, porem morbida, desequilibrada de origem, e ainda mais enfraquecida pelo estudo e agitada pela leitura dos sonhadores do tempo.

Chegou a fazer alguns d'esses pagodes proprios de estudantes, essa poesia pratica da vida que bem se desfructa na quadra da mocidade, encantadora phase cheia de delicias antigamente em São Paulo e Olinda. Hoje, seja dito de passagem, tem isto muito arrefecido. O poeta não teve, porem, tempo, nem opportunidade de travar um amor serio, uma paixão sincera e pura.

Precoce em tudo, estranhava que esse affecto não lhe tivesse ainda chegado. D'ahi, por este lado, o dualismo que se nota nas composições lyricas de genero amoroso em Azevedo. A's vezes é um lyrismo idyllico e todo confiante, mas puramente ideial; outras vezes é a amargura de quem não encontrou ainda um coração que o comprehendesse, ou a pintura d'alguma scena lasciva.

Outro dualismo dá-se nas opiniões, crenças e doutrinas do poeta. Ideialista e crente por indole, educado n'um regimen religioso, o sopro do seculo abalou-o em metade. Esta revolução não se fez por intermedio da sciencia e de ideias positivas; fez-se por meio da poesia e da litteratura romantica. D'ahi esse desequilibrio, esse cambalear, essas duas facetas do genio e das inspirações do moço escriptor. Posição aliás commum a um grande numero de espiritos em nosso seculo de tão rapidas renovações e mutações intellectuaes.

Determinar aquelle dualismo, n'uma e n'outra esphera, é o trabalho da critica para com elle. Vida quasi toda subjectiva, agitada pela leitura, não teve, repito, ensejo de amor, nem de gozar á farta. D'ahi o desanimo, a excitação, a impotencia da vontade.

Sua melancolia, que aliás era ingenita e ainda mais desenvolveu-se pela vacillação de suas ideias, não veio de injustiças soffridas, de luctas sociaes, de problemas

scientificos em desharmonia com seus sentimentos. Não veio da trahição de amantes nem de amigos. Elle não tem um canto de alegria pelo amor satisfeito e retribuido, nem de tristeza pelo amor trahido. São sempre queixas de não ter podido achar mulheres puras e sómente *Messalinas*... E' sincero n'isto e tragicamente sincero.

Não foi um viciado, um libertino, que fizesse a poesia de seus vicios; não foi tambem uma alma candida e virgem, que se mostrasse por systema viciada. Foi um melancolico, um imaginoso, um lyrico, que enfraqueceu as energias da vontade e os impulsos fortes da vida no estudo, e enfermou o espirito com a leitura desordenada dos romanticos a Heine, Byron, Shelley, Sand e Musset.

A vacillação mental se conhece por todos os seus escriptos, ora crentes, ora descrentes. A falta de energia para envolver-se em intrigas amorosas serias que o acalmassem, conhece-se nas confissões que tantas vezes repete de não ter tido um só amor profundo e sómente sonhos fallazes.

Ouçamol-o mais de perto.

Elle é positivo n'este sentido, e tantas são as provas que difficuldade ha só em escolhel-as.

E' só bastante abrir a *Lyra dos Vinte Annos* e ler aquellas poesias ideialistas que se intitulam *No mar*, *Sonhando*, *Scismas*, *Tenho um seio que delira*, *Quando á noite no leito perfumado*, *A T.*, *Anima Mea*, *Vida*, *Saudades*, *Virgem Morta*, *Minha Musa* e vinte outras, e depois passar a ler *Um canto do seculo*, onde se vê isto:

.

Eu vaguei pela vida sem conforto,
Esperei minha amante noite e dia
E o ideial não veio...
Farto da vida, breve serei morto...
Nem poderei ao menos na agonia
Descançar-lhe no seio...

Passei como Don Juan entre as donzellas,
Suspirei as canções mais doloridas
E ninguem me escutou...
Oh! nunca á virgem flôr das faces bellas,
Sorvi o mel, nas longas despedidas...
Meu Deus, ninguem me amou!»

Estas ideias e este estado psychologico repetem-se á farta em muitas composições do poeta, nomeadamente nas *Ideias Intimas*:

« O pobre leito meu, desfeito ainda,
Aqui languido á noite abati-me
Em vãos delirios anhelando em beijo...
E a donzella ideial nos roseos labios,
No doce berço do moreno seio
Minha vida embalou estremecendo...
Foram sonhos comtudo! A minha vida
Se esgota em illusões. E quando a fada
Que divinisa meu pensar ardente
Um instante em seus braços me descança
E roça a medo esse meus ardentes labios
Um beijo que de amor me turva os olhos...
Me ateia o sangue, me enlanguece a fronte...
Um espirito negro me desperta,
O encanto do meu sonho se evapora...
E das nuvens de nacar da ventura
Rolo tremendo á solidão da vida!...
Oh! ter vinte annos sem gozar de leve
A ventura de uma alma de donzella!
E sem na vida ter sentido nunca
Na suave attracção de um roseo corpo
Meus olhos turvos se fechar de goso!
Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas,
Passam tantas visões sobre meu peito!
Pallor de febre meu semblante cobre,
Bate meu coração com tanto fogo!
Um doce nome os labios meus suspiram,

Um nome de mulher... e vejo languida
No véo suave de amorosas sombras
Semi-núa, abatida, a mão no seio,
Perfumada visão romper a nuvem,
Sentar-se junto a mim, nas minhas palpebras
O alento fresco e leve como a vida,
Passar delicioso... Que delirios!
Acordo palpitante... Inda a procuro:
Embalde a chamo, embalde as minhas lagrimas
Banham meus olhos e suspiro e gemo...
Imploro uma illusão... Tudo é silencio!
Só o leito deserto, a sala muda!
Amorosa visão, mulher dos sonhos,
Eu sou tão infeliz, eu soffro tanto!
Nunca virás illuminar meu peito
Com um raio de luz d'esses teus olhos?»

E' inutil continuar. E' uma posição especial. Porque não amou o poeta a alguem? Não encontraria ninguem em seu caminho que lhe merecesse os affectos?

No Rio de Janeiro, nas relações de sua familia, nunca se lhe deparou uma bella fluminense que o prendesse em suas longas tranças e o enleiasse nos brilhos do seu olhar?

Em S. Paulo, terra de tantas bellezas, nenhuma o engraçou?

Em uma das cartas que dirigiu a seu amigo Luiz Antonio da Silva Nunes revela que frequentava alli a boa sociedade e chegou a conhecer duas lindas paulistanas, que o tocaram de leve. Declara logo, porem, que não sentia amor por ellas.

A razão de tantos escrupulos e difficuldades? Seria o poeta muito exagerado no seu ideial da mulher? Seria acanhado? Seria timido?

Pelo pedaço ultimo transcripto seriamos levados a crêr que nem teve nunca amor positivo a uma donzella, nem mesmo gozara os encantos de mulher alguma. Esta

ultima supposição seria falsa, diante de declarações authenticas feitas pelo proprio poeta:

« Oh! não maldigam o mancebo exhausto
Que nas orgias gastou o peito insano...
Que foi ao lupanar pedir um leito,
Onde a sede febril lhe adormecesse!

Não podia dormir! nas longas noites
Pediu ao vicio os beijos de veneno...
E amou a saturnal, o vinho, o jogo
E a convulsão nos seios da perdida!

Miserrimo! não creu... Não o maldigam,
Si uma sina fatal o arrebatava...
Si na torrente das paixões dormindo
Foi naufragar nas solidões do crime.

Oh! não maldigam o mancebo exhausto
Que no vicio embalou, a rir, os sonhos,
Que lhe manchou as perfumadas tranças
Nos travesseiros da mulher sem brio!

Si elle poeta nodoou seus labios...
E' que fervia um coração de fogo
E da materia a convulsão impura
A voz do coração emmudecia!

E quando pl'a manhã da longa insomnia
Do leito perfumado elle se erguia,
Sentindo a brisa lhe beijar no rosto
E a febre arrefecer nos rouxos labios...

E o corpo adormecia e repousava
Na serenada relva da campina...
E as aves da manhã em torno d'elle
Os sonhos do poeta acalentavam...

Vinha um anjo de amor unil-o ao peito,
Vinha uma nuvem derramar-lhe a sombra
E a alma que chorava a infamia d'elle,
Seccava o pranto e suspirava ainda! »

Sempre assim; gozos materiaes, ancias por um amor puro e sincero, que lhe não veio jámais. A cousa está liquidada e podemos ir adiante.

Esta posição especial que assignalo em Alvares de Azevedo, de ser ardente, voluptuoso, sequioso de gozar e ao mesmo tempo não ter amado jámais, não haver tido em sua vida uma paixão amorosa, no que foi tão differente de Gœthe, por exemplo, que teve uma duzia, é diversa do dualismo de ideial e ironia, de sinceridade e sarcasmo, de pureza e grosseria que tambem se nos depara em seus versos.

Este dualismo de outra especie era conscientemente praticado, era systematico e tinha alguma cousa de artificial. O poeta o praticou de caso pensado e elle mesmo tem o cuidado de nos avisar, precedendo a segunda parte da *Lyra dos Vinte Annos* d'estas palavras, que revelam suas ideias, seus planos, suas preoccupações de artista:

« Cuidado, leitor, ao voltar esta pagina! Aqui dissipa-se o mundo visionario e platonico. Vamos entrar n'um mundo novo, terra phantastica, verdadeira ilha Barataria de D. Quichote, onde Sancho é rei e vivem Panurgio, sir John Falstaff, Bardolph, Figaro e o Sganarello de D. João Tenorio: a patria dos sonhos de Cervantes e Shakespeare.

Quasi depois de Ariel esbarramos em Caliban. A razão

é simples. E' que a unidade d'este livro funda-se n'uma binomia: duas almas que moram nas cavernas de um cerebro pouco mais ou menos de poeta escreveram este livro, verdadeira medalha de duas faces.

Demais, perdôem-me os poetas do tempo, isto aqui é um thema, sinão mais novo, menos esgotado que o sentimentalismo tão *fashionable* desde Werther até René.

Por um espirito de contradicção, quando os homens se vêem inundados de paginas amorosas preferem um conto de Bocaccio, uma caricatura de Rabelais, uma scena de Falstaff, no Henrique IV de Shakespeare, um proverbio phantastico d'aquelle *polisson* Alfredo de Musset a todas as ternuras elegiacas d'essa poesia de arremedo que anda na moda e reduz as moedas de ouro sem liga dos grandes poetas ao troco de cobre, divisivel até ao extremo, dos liliputianos poetastros. Antes da quaresma ha o carnaval.

Ha uma crise nos seculos como nos homens. E' quando a poesia cegou deslumbrada de fitar-se no mysticismo e cahiu do céu sentindo exhaustas as suas azas de ouro. O poeta acorda na terra. Demais o poeta é homem; *homo sum*, como dizia o celebre romano. Vê, ouve, sente, e, o que é mais, sonha de noite as bellas visões palpaveis de acordado. Tem nervos, tem fibras e tem arterias, isto é, antes e depois de ser um ente ideialista, é um ente que tem corpo!

E, digam o que quizerem, sem esses elementos, que sou o primeiro a reconhecer muito prosaicos, não ha poesia. Que acontece? Na exhaustão causada pelo sentimentalismo, a alma ainda tremula e resoante da febre do sangue, a alma que ama e canta, porque sua vida é amor e canto, que pode sinão fazer o poema dos amores da vida real? Poema talvez novo; mas que encerra em si muita verdade e muita natureza, e que sem ser obsceno pode ser erotico, sem ser monotono.

Digam e creiam o que quizerem: todo o vaporoso da visão abstracta não interessa tanto como a realidade formosa da bella mulher a quem amamos.

O poema então começa pelos ultimos crepusculos do mysticismo, brilhando sobre a vida como a tarde sobre a terra. A poesia purissima banha com seu reflexo ideial a belleza sensivel e nua. Depois, a doença da vida, que não dá ao

mundo objectivo côres tão azuladas como o nome britanico de *blue devils*, descarna e injecta de fel cada vez mais o coração. Nos mesmos labios onde suspirava a monodia amorosa, vem a satyra que morde.

E' assim. Depois dos poemas epicos, Homero escreveu o poema ironico. Gœthe depois de Werther creou o Faust, Depois da Parisina e o Giaour de Byron vem o Cain e D. Juan, D. Juan que começa como Cain pelo amor e acaba como elle pela descrença venenosa e sarcastica. »

E' uma pagina interessante esta como documentação do pensar do poeta sobre a vida e sobre as condições da arte. O romantismo não foi assim tão despido de realidade e senso critico, qual queremos nós os homens de hoje suppôr.

Eis ahi em Alvares de Azevedo, que toda a gente de hoje costuma apresentar como um ente chimerico, cheio de phantasias esturdias, um forte appello para as duras realidades da vida. Devemos, pois, em mais de um ponto corrigir nossos levianos juizos. Onde mais verdade, já não digo em Balzac e Stendhal, mas do que em Gœthe e Byron?

O auctor da *Lyra dos Vinte Annos* obedeceu ás influencias de sua epoca, a esse estado de vacillação, tão caracteristico de nosso seculo.

D'ahi a dubiedade, aliás consciente, de sua intuição e de sua poesia. Eu bem sei que os grandes tempos de forte e mascula poesia, de immensas effusões artisticas são as epocas de fé. E' costume dizer-se isto.

Creio haver ahi um bom fundo de verdade no tocante ás creações epicas e outras equivalentes, que acompanham sempre as grandes syntheses religiosas e philosophicas. Assim no tempo de Phidias, assim no tempo de Dante, assim no tempo de Miguel Angelo. Nosso tempo é uma phase de luctas e fortes commoções intellectuaes; os dogmas surgem e tombam, sem poder alliciar todos n'uma crença apaziguadora e universal.

Tudo isto é verdade, e bem comprehendo os que vacillam. E' a lucta entre o sentimento e a ideia.

Desgraçados dos que a soffrem! Trazem n'alma os impulsos encontrados de ideiaes diversos, e são o theatro de combates e perturbações intimas. E passa muitas vezes o vulgo ignaro e diz: « Grande tolo! Ainda é um sentimental!... E' um espirito atrazado; não se adiantou ainda!... »

É que o vulgo estupido está acostumado com certas almas de pedra, duras como os saibros dos caminhos, em que todos pizam e não dão signaes de dôr.

O mundo extasia-se diante d'esses seres insensiveis que nada tomam a serio e mudam de doutrinas e crenças, como se muda um par de meias sujas... Typos que passam do mais ideal christianismo, por exemplo, ao mais requintado materialismo sem a menor commoção intima. Singulares entes!...

Quanto a mim, é que jamais foram sinceros; nunca tiveram verdadeiro afferro a suas crenças. Do contrario sentiriam o esboroar d'ellas.

Alvares de Azevedo foi dos que sentiam as dôres d'alma; era um supposto *atrazado*... De Sanctis tambem é um tal, quando escreve estas palavras: « Il dolore come ritempra l'animo, cosi rinfresca l'ingegno. Il dolore è il Colombo chè apre al poeta un mondo nuovo. Egli gitta l'anima in uma diversa situazioni, e le muta gli occhi, si che ella vegga le stesse cose sotto nuove forme o nuovi colori. Nelle supreme sventure l'uomo vede come scomparire il suo antico me, e dal tumulto del mondo esteriore si ritira in sè stesso. » (1)

Palavras d'estas escreve o sabio escriptor, uma das glorias da Italia moderna. Entre nós uns parvos, sem estudos e sem talento, levantaram agora o falso conceito do pretendido *adiantamento*, como criterio definitivo da

---

(1) *Saggi Critici* di Francesco de Sanctis, pag. 433.

poesia... Não vê esta gente ser isto um formidando desparate?

Não ha uma poesia *adiantada* e outra *atrazada*; a poesia é o que ella é e mais nada; a poesia é *bôa* ou *má*, *sincera* ou *affectada*. O conceito de atraso ou adiantamento só tem applicação na sciencia.

Em sua essencia a boa poesia não tem dacta. Dante é tão adiantado como Shakespeare, Milton tanto como Byron, Ariosto tanto como Schiller.

Assim não entende a moderna critica dos aristharcos cá da terra; para elles a *Iliada* é *atrazada*, a *Divina Comedia* é *atrazada*, *Othello* é *atrazado*, os *Luziadas* são *atrazados*... Deve-se *modernisar* tudo isto...

E o interessante é que esses que ahi maldizem tanto do *atrazado* Azevedo não possuem a centesima parte da instrucção que em tão verdes annos possuiu esse genial rapaz, ainda hoje plagiado por muita figura que ahi passa enfatuada.

Alvares de Azevedo era um talento possante n'uma organisação franzina. Não podia viver muito, era doentio; era um *melancolico*. Isto pode-se dizer d'elle; porque é a verdade manifestada em sua vida e em seus escriptos. Como *melancolico* era impossivel que attingisse n'arte áquella serenidade de Gœthe, por exemplo. Applicar-lhe o conceito erroneo em poesia de *adiantamento* ou *atraso* é que é formidavel desconcerto.

O poeta quasi só produziu queixumes; porque era desequilibrado. «No intimo da melancolia encontrar-se-á talvez sempre uma falta de equilibrio das faculdades, e, como causa final, algum desarranjo organico.

O melancolico é um ser incompleto, enfermo, ferido nas fontes da vida, que poderá exhalar queixas eloquentes; mas que nunca attingirá á grande arte.

O verdadeiro artista, o que domina a natureza e o homem, que os reproduz n'uma concepção impessoal, um Shakespeare, um Gœthe, um Walter-Scott, esse é um são. Não sabe o que é apalpar-se o pulso. A paz de

seu espirito não está á mercê do tempo que faz, comtempla a vida com serenidade. A melancolia resulta de uma organisação nervosa, impressionavel, delicada, exquisita, porém incompativel com a harmonia das forças e a elasticidade de um temperamento robusto. »

São palavras de Edmond Scherer a proposito de Maurice de Guérin. Applicam-se perfeitamente ao nosso poeta.

Dada esta ideia geral da natureza de seu talento e das vicissitudes de seu estado espiritual, resta-nos analysar mais directamente os seus escriptos.

Em Alvares de Azevedo temos um poeta lyrico e o esboço de um critico, de um dramatista e de um *conteur*. O lyrismo do joven artista não é o simples lyrismo melancolico á Lamartine. Ha n'elle grande variedade introduzida por pinturas objectivistas, por scenas de costumes, por cantos politicos, por passagens humoristicas.

Quando se fala em Azevedo vem-nos logo á mente a ideia de um lacrymoso perpetuo. Pois é um grande erro.

Ha n'elle paginas de um objectivismo completo: *Pedro Ivo*, *Thereza*, *Cantiga de Sertanejo*, *Na Minha Terra*, *Crepusculo do mar*, *Crepusculo nas montanhas*, e muitas outras. Em *Gloria Moribunda*, *Cadaver de poeta*, *Sombra de D. Juan*, *Bohemios*, *Poema do Frade*, e no *Conde Lopo*, recentemente publicado, ha muito d'esse satanismo, d'esse desprazer da vida em que veio acabar o romantismo. Ha apenas mais talento do que em Baudelaire; porque, de envolta com os desalentos e extravagancias do genero, em Azevedo apparecem manifestações, de lyrismo que não possuia tão eloquentes o poeta francez.

Essa parte da obra do poeta brazileiro, n'este sentido um dos precursores do desmantêlo do romantismo veio a influir muito em Portugal, chegando até a Guerra Junqueiro, cuja *Morte de D. João* tem muita cousa que possue a sua inspiração primitiva em poesias do auctor da *Noite na Taverna*.

E' um capitulo da historia litteraria do reino, que se deve brevemente escrever: dos casos de influencia da litteratura brazileira sobre a portugueza a dactar do seculo passado.

Gonzaga, Alvarenga, Basilio, Durão e Claudio em fins do seculo anterior, Gonçalves Dias, Alvares d'Azevedo, Casimiro de Abreu, Macedo, Alencar, Varnhagen em nosso tempo tiveram por alli quem lhes botasse a garra em cima. E' esse um interessante estudo que será feito, por ventura, um dia. Vamos adiante.

O lyrismo de Azevedo pode soffrer uma divisão capital; idealismo e humorismo. N'um e n'outro ha notas pessoaes e geraes. Ha difficuldade em mostrar trechos pela abundancia de fragmentos typicos. Leiam-se *Anima Mea*, *Harmonia*, *Tarde de Verão*, *Saudades*, *Virgem morta*, *Spleen e Charutos*, *Meu desejo*, *Lagrimas da Vida*, *Malva Maçã*, *Namoro a Cavallo* e vinte outras.

Não reproduzirei aqui nenhuma d'essas; as obras do poeta andam ahi e podem e devem ser lidas. Só uma incluirei n'este lugar; por que só por si é apta a fazernos amar esse rapaz, esse espirito desequilibrado e revolto; mas essa alma enthusiasta e capaz de grandes dedicações. São os versos que o poeta dirige á sua mãi:

« És tu, alma divina, essa Madona
Que nos embala na manhan da vida,
Que ao amor indolente se abandona
E beija uma criança adormecida.

No leito solitario és tu quem vela
Tremulo o coração que a dôr anceia,
Nos ais do soffrimento inda mais bella
Pranteando sobre uma alma que pranteia.

E si pallida sonhas na ventura
O affecto virginal, da gloria o brilho,
Dos sonhos no luar, a mente pura
Só delira ambições pelo teu filho!

Pensa em mim, como em ti saudoso penso,
Quando a lua no mar se vai doirando:
— Pensamento de mãi é como o insenso
Que os anjos do Senhor beijam passando.

Creatura de Deus, oh mãi saudosa,
No silencio da noite e no retiro
A ti vôa minh'alma esperançosa,
E do pallido peito o meu suspiro!

Oh! vêr meus sonhos se mirar ainda
De teus sonhos nos magicos espelhos...
Viver por ti de uma esperança infinda
E sagrar meu porvir nos teus joelhos...

E sentir que essa briza que murmura
As saudades da mãi bebeu passando...
E adormecer de novo na ventura
Aos sonhos d'oiro o coração voltando...

Ah! si eu não posso respirar no vento,
Que adormece no valle das campinas,
A saudade de mãi no desalento,
E o perfume das lagrimas divinas...

Ide, ao menos, de amor meus pobres cantos,
No dia festival em que ella chora,
Com ella suspirar nos doces prantos,
Dizer-lhe que tambem eu soffro agora,

Si a estrella d'alva, a perola do dia,
Que vê o pranto que meu rosto inunda,
Meus ais na solidão lhe não confia
E não lhe conta minha dôr profunda...

Que a flôr do peito desbotou na vida,
E o orvalho da febre requeimou-a;
Que nos labios da mãi na despedida
O perfume do céo abandonou-a!...

Mas não irei turvar as alegrias
E o jubilo da noite susurrante,
Só porque a magoa desnuou meus dias
E zombou de meus sonhos delirantes.

Tu bem sabes, meu Deus, eu só quizera
Um momento siquer encher de flôres,
Contar-lhe que não finda a primavera,
A doirada estação dos meus amores...

Desfolhando da pallida corôa
Do amor do filho a perfumada flôr
Na mão que o embalou, que o abençôa,
Uma saudosa lagrima depôr...

Suffocando a saudade que delira
E que as noites sombrias me consome,
O nome d'ella perfumar na lyra,
De amor e sonhos coroar seu nome.! » (1)

E' uma d'essas paginas deliciosas, eivadas de brandas e doces e saudosas ideias; paginas feitas de mimo e candura, proprias para contrastar tantas outras cheias de amargas ironias.

Creio que si o meu leitor foi agora reler o seu Alvares de Azevedo, poderá comigo chegar a esta con-

---

(1) *Obras* de Alvares de Azevedo, 5.ª edição, 1884, tomo 1.º, pag. 249.

clusão: as melhores paginas do poeta são aquellas em que elle deu expansão a seu talento mais natural e intimo, o talento lyrico.

O que distingue seu lyrismo entre todos os que temos até agora examinado é certo modernismo, certa frescura das tintas e das imagens.

Em Magalhães, Porto Alegre, Moniz Barreto, Maciel Monteiro e outros ha um certo *tour* na forma que lembra ainda o velho classismo. O mesmo em parte em Gonçalves Dias. No auctor da *Lyra dos Vinte Annos* a cousa é outra e a impressão que nos deixa é bem diversa; o tom é novo; vê-se nitidamente que está-se a tratar com um *filho do seculo.*

O humorismo é tambem novo, e é a primeira vez que apparece na poesia brazileira essa bella manifestaão da alma moderna. Convem não confundir o *humour* com a chalaça, a velha pilheria portugueza; essa tivemol-a sempre, e sempre a possuiu o reino.

O *humour* á ingleza e allemã nós não o cultivamos jámais, nem Portugal tão pouco. O primeiro que o exprimiu em nossa lingua foi Alvares de Azevedo, profundamente lido nas litteraturas do norte.

Modernamente em Portugal Ramalho, Eça e Junqueiro prezumem entender e usar da coisa... Olhando-se-lhes, porem, bem de perto claramente se descobre a velha gaiatada lusitana apenas ligeiramente arrebicada...

O *humour* é diverso das *vis comica*, do *espirito* e da *satyra*, ainda que possa ter com elles alguma analogia. A comedia é o riso com certa malignidade; o *espirito* é a graça, a pilheria para divertir; a satyra é um castigo empregado como tal, mostrando colera.

O *humour* é uma especial disposição da alma que procura em todos os factos o lado contrario, sem indignação. Requer finura, força analytica, philosophia, scepticismo e graça n'um *mixtum compositum* especialissimo, que não anda por ahi a se baratear. Azevedo o possuiu até certo ponto.

Eu disse que o poeta abrigava em si o esboço de um *conteur*, d'um dramatista e d'um critico. O *conteur* está n'essa tão afamada *Noite na Taverna*, onde ha algumas bellezas entre muitas extravagancias e affectações. O dramatista está nos *Bohemios* e em *Macario*, fragmentos informes para o palco, porem contendo algumas ideias felizes.

Pelo que me toca, prefiro o poeta.

O critico me parece tambem de não mui avultado alcance.

O drama, o romance e o conto exigem muita observação, muita analyse, muita tensão no espirito, a par de muita imaginação creadora. Não creio que aquellas qualidades predominassem no espirito do poeta.

A critica exige muita logica, comprehensão muito nitida, ausencia de toda nebulosidade, nada de sestros fanaticos, intuição rapida, aptidão philosophica intensa, assimilação prompta.

Azevedo não era propriamente isto. A prova está antes de tudo no facto de elle proprio, desconhecendo radicalmente a missão, o alcance e o objecto da critica, ainda laborar na velha e misera noção de ser ella a parasita que vive de alheia seiva, e outras momices da especie, que podem ser lidas no prefacio do *Conde Lopo* ha pouco publicado.

Nos ensaios do genero, deixados pelo poeta, o estylo é por vezes pesado, obscuro e amaneirado e as contradicções e obscuridades formigam.

Não é que ache completa razão em Wolf e Norberto Silva quando accusam geralmente a prosa de Azevedo. Ha excesso de rigor; o moço paulista deixou algumas paginas saborosamente escriptas.

Eis aqui uma d'ellas:

« O que eu lhe vou dizer é triste, é lastimoso para quem o diz: tanto mais que elle o faz com a plena convicção de que fala ao indifferentismo.

É uma miseria o estado do nosso theatro: é uma miseria ver que só temos João Caetano e a Ludovina. A representação de uma boa concepção dramatica se torna difficil. Quando só ha dous actores de força, sujeitamos-nos ainda a ter só dramas coxos, sem força e sem vida, ou a ver estropiar as obras do genio.

Os melhores dramas de Schiller, de Gœthe, de Dumas não se realisam como devem. O *Sardanapalo* de Byron traduzido por uma penna talentosa foi julgado impossivel de levar-se á scena. No caso do *Sardanapalo* estão os dramas de Shakespeare que, modificados por uma intelligencia fecunda, deveriam produzír muito effeito. Si o povo sabe o que é o *Hamlet, Othello*... deve-o ao reflexo gelado de Ducis. Comtudo, seria facil apresentar-se no theatro de S. Pedro alguma cousa de melhor do que isso. Com o simples trabalho de traducção se poderiam popularisar os trabalhos de Emile Deschamps, Auguste Barbier, Léon de Vailly e Alfredo de Vigny, que traduziram *Romeo e Julieta, Macbeth, Julio Cesar, Hamlet* e *Othello.*

Quando o theatro se faz uma especie de taberna de vendilhão, vá que se especule com a ignorancia do povo. Mas quando a Companhia do theatro está debaixo da inspecção immediata do Governo, deverá continuar esse systema verdadeiramente immundo? Não: o theatro não deve ser escola de depravação e máo gosto. O theatro tem um fim moralisador e litterario: é um verdadeiro apostolado do bello. D'ahi devem sahir as inspirações para as massas. Não basta que o drama sanguinolento seja capaz de fazer agitarem-se as fibras em peitos de homens cadaveres. Não basta isto: é necessario que o sonho do poeta deixe impressões ao coração e agite n'alma sentimentos de homem.

Para isso é preciso gosto na escolha dos espectaculos, na escolha dos actores, nos ensaios, nas decorações. E' d'esse todo de figuras grupadas com arte, do effeito das scenas, que depende o ínteresse. Talma o sabia. João Caetano, por uma verdadeira adivinhação do genio, lembra-se d'isto.

Além essas composições sem alma! que servem apenas para amesquinhar a platéa, esses quadros de terror e de abuso de mortualha que servem apenas para atufar de tédio

o coração do homem que sente, mas que pensa e reflecte no que sente e no que pensa.

Mas o que é uma desgraça, o que é a miseria das miserias é o abandono em que está entre nós a Comedia.

Entre nós parece que acabaram os bellos tempos da Comedia. Verdadeiros *blasés*, parece que só amamos as impressões fortes, que preferimos estremecer, chorar, a rir d'aquellas boas risadas de outr'ora.

Em lugar da musa de Menandro e de Terencio, temos hoje uma musa asquerosa que apparece nas taboas do palco á meia noite, como uma bruxa, que revolve-se immunda com a bocca cheia de chufas obscenas, em chão de lodo hedionda creatura, bastarda da bôa filha de Molière, adiante da qual o pudor, digo mal, até o impudor tem de corar.

O estrangeiro que assiste aquellas saturnaes vergonhosas da scena crê assistir a um *sabbath* de feiticeiras e, como o Faust de Gœthe no Brocken, sente-se tomado de asco invencivel por aquellas feialdades núas. O sócco romano-grego tornou-se o tamanco immundo da vagabunda desbocada!

E' triste pensal-o! — mas si é verdade que o theatro é o espelho da sociedade, que negra existencia deve ser a da gente que applaude frenetica aquella torrente de lodo que salpica as faces dos espectadores!

A farça embotou o gosto e matou a Comedia. O palhaço enforcou o homem de espirito. Arlequin fez achar insipido o Tartufo.

E, comtudo, nós que nos fizemos homem no tempo em que João Caetano se não envergonhava de representar Casanova, nós que o vimos, não ha muito, vestir o disfarce de Robin, embuçar-se no manto roto de Don Cesar de Bazan, que soltamos bôas gargalhadas ante o *Auto de Gil Vicente* e Robert Macaire, não podemos deixar de lamentar que elle desdenhe a mascara da Comedia.

E comtudo Molière — um genio! — era comico. Shakespeare preferia a galhofa das alegres mulheres de Windsor — *What you will, A tempestade*, etc., aos monologos de Henrique III, ao desespero do rei Lear, á duvida de Hamlet. Kean despia o albornoz e o turbante do Mouro de Veneza para tomar o abdomen protuberante e o andar vertiginoso, as

faces ardentes de embriaguez do *bon vivant*, cavalleiro da noite, amante da lua, sir Jack Falstaff!

Haja algum impulso da parte d'onde deve vir e esperamos que haja entre nos theatro, drama e comedia.

A nossa mocidade laboriosa se animará a emprehender trabalhos dramaticos. Começarão por traducções, estudarão o theatro hespanhol de Calderon e Lope de Vega, o theatro comico inglez de Shakespeare até Sheridan, o theatro francez de Molière, Regnard, Beaumarchais e mais modernamente enriquecido pelo repertorio de Scribe e pelos proverbios de Leclercq e de Alfredo de Musset os que tiverem mais genio, os que tiverem estudado o theatro grego, o theatro francez, o theatro inglez e o theatro allemão, depois d'esse estudo attento e consciencioso poderão talvez nos dar noites mais litterarias, mais cheias de emoções do que aquellas em que assistimos os melodramas caricatos, as paixões falsas, a todas aquellas concepções que movem-se e falam como um homem, mas que quando se lhes bate no coração dão um som cavernoso e metallico como o peito ôco de uma estatua de bronze! » (1)

E' bom este modo de dizer e são acertadas estas ideias.

Onde não posso acompanhar o poeta é quando escreve horrores d'estes:

« ... segundo nosso muito humilde parecer, sem lingua á parte não ha litteratura á parte. E (releve-se-nos dizel-o em digressão) achamol-a por isso, sinão ridicula, de mesquinha pequenez a lembrança do Sr. Santiago Nunes Ribeiro; ja d'antes apresentada pelo collector das preciosidades poeticas do primeiro *Parnaso Brazileiro.*

D'outra feita alongar-nos-hemos mais a lazer por essa questão e essa polemica secundaria que alguns poetas e mais modernamente o Sr. Gonçalves Dias parecem ter indigitado:

---

(1) *Obras* de Alvares de Azevedo, quinta edição, vol. III, pag. 237.

a saber que a nossa litteratura deve ser aquillo que elle intitulou nas suas collecções poeticas *poesias americanas*. Não negamos a *nacionalidade* d'esse genero. (*E então porque fala?*) Crie o poeta poemas indicos, como o *Thalaba* de Southey, reluza-se o bardo dos perfumes asiaticos, como nas *Orientaes* Victor Hugo, na *Noiva de Abydos* Byron, no *Lallah-Rook* Thomas Moore, devaneie romances á européa ou á chineza, que por isso não perderão sua nacionalidade litteraria os seus poemas. » (1)

Por este pedaço em má hora escripto, claro se vê que o auctor de *Macario* não sabia bem o que era uma lingua, uma litteratura, o que era o indianismo, nem o que era o Brazil e Portugal.

Ter ou não ter uma litteratura não é questão de *querer* ou *não querer*... E' um phenomeno fatal, biologico-historico, que se está produzindo no Brazil, como se produziu em Portugal. Ou se *queira*, ou *não se queira*, o Brazil não está na Europa, nem o Rio de Janeiro á margem do Tejo...

Estamos n'outro continente, temos outro *clima*, outra natureza, outro meio, outras *raças* mescladas ao povo, outras fontes economicas, outras aspirações, outro *ideial*. A lingua vae se alterando constantemente.

Ora, meio á parte, raça á parte, ideial á parte produzem necessariamente litteratura á parte. Nem é isto motivo para vaidades; é phenomeno sem merito; porque é em essencia quasi mecanico. A vontade aqui pouco, bem pouco poderá influir.

Não é o facto do indianismo, commum aliás a toda a America, que nos garante uma litteratura. Esta começou a formar-se no Brazil no dia em que os indios, os negros e os colonisadores entraram a viver juntos, a trabalhar juntos, a soffrer juntos, a cantar juntos.

---

(1) Idem, pag. 183.

No dia em que o primeiro mestiço cantou a primeira quadrinha popular nos eitos dos *engenhos*, n'esse dia começou de originar-se o litteratura brazileira, que homens como Gregorio de Mattos, Durão. Basilio, Alvarenga, Taques, Andrada, Porto Alegre, Gonçalves Dias, Penna, Macedo, Bernardo Guimarães, Alencar, Agrario, Francisco Lisboa e o proprio Azevedo opulentaram e encaminharam para uma differenciação cada vez mais crescente.

O segredo das teimas dos lusos em negarem esse phenomeno tão vulgar acha-se no desconhecimento dos mais elementares principios de critica sobre o conceito do que seja uma litteratura, e na completa ignorancia da ethnographia, da historia e em geral de todos os problemas que se referem ao Brazil.

Não admiro que Azevedo tenha cahido rapidamente n'esse descuido, elle um menino de dezoito annos ao escrever aquillo, quando um lettrado portuguez ha pouco tempo repetiu igual desconchavo, com a circumstancia aggravante de pôr logo a descoberto a radical abstinencia que tem feito dos mais elementares estudos sobre o Brazil. O pobre homem escreve: O *Gonçalo* Dias e o *Alvaro* d'Azevedo!...

O leitor já deve ter presentido que trata-se de um tal Sr. Luciano Cordeiro, que bem merecia que o chamassemos agora o Sr. *Lucindo* Cordeiro... (1) Vamos além.

Aureliano José Lessa (1828-1861) Estamos em São Paulo; a academia de direito está animada, cheios de enthusiasmo os moços cultivam a bella litteratura; é no periodo que vae de 1848 a 1855. E' d'onde então partem os raios que illuminam e alentam as patrias letras.

---

(1) Vide o impagavel *Livro de Critica* d'esse Senhor.

Ao lado dos poetas e litteratos havia os publicistas e oradores; é o tempo de Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães, José Bonifacio, Felix da Cunha, Ferreira Vianna, Paulino de Souza, José de Alencar, Duarte de Azevedo e muitos e muitos outros.

O movimento, inaugurado no Rio de Janeiro por Magalhães, Porto Alegre, Gonçalves Dias, Penna e Macedo, chega até a capital paulistana, os moços mettem-se n'elle e o adiantam. Aureliano Lessa é um dos obreiros n'aquella faina. Elle, Azevedo e Bernardo Guimarães eram os mais applaudidos poetas da época. Iam juntos publicar *As Tres Lyras.*

Bernardo e Aureliano eram mineiros e amavam-se extremamente. A estima entre ambos era mais profunda do que entre qualquer d'elles e Azevedo. Razões psychologicas havia para isto; os dois mineiros eram placidos, avessos a essa turbulencia de ideias adequada á indole do moço auctor dos *Bohemios.*

O romantismo penetrou em Azevedo por todos os poros, sacudiu-lhe todas as fibras, tomou-lhe os sentimentos e as ideias.

Os dois mineiros, comquanto affectados do mal até certo ponto, a despeito de haver adquirido certos habitos academicos, não deixaram no intimo de ser profundamente idealistas e crentes, religiosos até em alto gráo. A leitura attenta de Lessa sobre tudo o prova irrecusavelmente.

Azevedo falleceu logo sem ter tempo sequer de acabar o curso academico.

Os dois mineiros, retirados aos seus sertões, continuaram a viver descuidosamente, em todo o desleixo de verdadeiros poetas e verdadeiros meridionaes.

Bernardo morreu ultimamente já quasi sexagenario; Lessa o antecedera de muito. Finou-se aos trinta e tres annos de idade a 21 de fevereiro de 1861.

Dos tres amigos elle é que deixou menor nomeada. Um teve parentes cuidadosos que lhe publicaram immeé

diatamente as obras e gosou a felicidade de fazer a bella poesia de uma morte a proposito. O outro viveu bastante para ter tempo de publicar uns poucos de volumes de versos e uns poucos de romances. Mas Lessa não era inferior aos dois.

Azevedo era dos tres o talento mais possante; porem mais desigual e desequilibrado; Lessa era o que alliava mais naturalidade a mais ideialismo; sua poesia era a emanação espontanea e doce de um rozal florido; nada de *pose;* tomava o tom do momento, a nota d'alma na occasião. Bernardo era tambem natural; mas sem tanto ideialismo talvez e com maior numero de incorrecções.

De Lessa não nos ficaram obras; doze annos depois de sua morte um irmão carinhoso, após haver gasto largo tempo a apanhar aqui e alli algumas de suas poesias, publicou um punhado d'ellas, sob o titulo de *Poesias Posthumas do Dr. Aureliano José Lessa.* É um livrinho de pouco mais de cem paginas.

Os espiritos grosseiros, que julgam o merito de um escriptor pelo montão de obras que elle deixa, espantar-se-hão de ser n'esta historia contemplado quem tão pouco legou-nos. Não temos nada com isto. Lessa não vale pelo que fez; vale pelo que era. Poeta de talento, como tal deve ser tratado.

Vejamol-o no seu meio e demos a palavra a seu patricio, collega, rival e amigo; ouçamos Bernardo Guimarães: « Nasceu Aureliano José Lessa em 1828, na cidade da Diamantina, n'essa região do norte de Minas, tão fecunda em pedras preciosas, como em talentos superiores. Estudou preparatorios no Seminario de Congonhas do Campo, onde, graças á lucidez e promptidão de sua intelligencia, unidas a uma memoria das mais felizes, fez rapidos progressos. Ahi parece que se deu ao estudo com mais applicação e assiduidade, do que nos cursos superiores, pois em materias preparatorias possuia larga e solida instrucção.

Transportado a S. Paulo, apenas sahido da infancia,

afim de frequentar o curso juridico, sua vida academica foi um longo delirio infantil, um incessante devaneio poetico. Achava elle então em S. Paulo um circulo numeroso de moços apaixonados pela poesia, no meio dos quaes não podia deixar de dar larga expansão ao seu extraordinario gosto pelas bellas letras.

A paixão pela poesia e pela litteratura amena distrahia por demais n'aquella epoca a mocidade academica de seus estudos escolares.

Aureliano, Alvares de Azevedo, José Bonifacio, Cardoso de Menezes, Silveira de Souza, Paulo do Valle, Ferreira Torres, Lopes de Araujo, o portuguez Agostinho Gonçalves, e varios outros mancebos, entre os quaes se contava tambem o autor d'estas linhas, eram como um bando de canarios, que perturbavam com seus constantes gorgeios os severos estudos dos alumnos de Themis: eram uma verdadeira Arcadia no seio da Academia.

No meio d'essa pleiada de cantores, o guaturamo da Diamantina não podia ficar mudo.

Graças á sua facil intelligencia, poucas horas bastavam a Aureliano para desempenhar os seus deveres escolasticos; o resto do tempo dissipava-o elle alegremente em convivencias e palestras, improvisando estrophes fugitivas, ou discutindo litteratura entre seus amigos. Nas polemicas e certames academicos a palavra lhe borbotava dos labios com uma promptidão e abundancia prodigiosas.

Com a mesma facilidade com que dissertava sobre litteratura amena, embrenhava-se tambem com incrivel volubilidade nos mais intrincados labyrinthos da metaphysica.

Como todos os espiritos dotados de comprehensão extremamente facil, mas a quem faltam a calma e paciencia necessarias para reflectirem, tomava soffregamente as primeiras intuições de sua intelligencia como verdades irrecusaveis, e assim por vezes de erro em erro era levado aos mais estranhos paradoxos, que elle

todavia não deixava de defender com o accento da mais intima convicção, e com uma dialectica inesgotavel em recursos.

Essa mania do paradoxo, e o gosto de metaphysicar (deixem passar a expressão) o emmaranhavam ás vezes em tal confusão de raciocinios, que o tornavam completamente inintelligivel.

O pendor de seu espirito para as concepções transcendentaes da philosophia reflecte-se até em algumas de suas composições poeticas, nas quaes o conceito é por vezes tão subtil e alambicado, que prejudica grandemente a clareza.

Aureliano tomou o gráo de bacharel, em Olinda, em 1851. Deixando os bancos academicos, a sua norma ordinaria de viver em nada se alterou. Continuou sempre o mesmo, sempre alegre e despreoccupado, olhando com indifferença o presente, bom ou máo, e completamente descuidado do futuro. O genio folgazão e imprevidente da puericia parecia nunca mais querer abandonal-o. Era sempre a mesma criança travessa, espirituosa, voluvel e doudejante. Epicurista por natureza, Aureliano quereria passar a vida em um continuo festim.

Não vá, porém, o leitor pensar que era elle um d'esses sensualistas libertinos e descridos, como os que a imaginação de Byron creou á sua propria imagem e semelhança, ou um conviva crapuloso das tascas e dos bordéis, como esses que Alvares de Azevedo, exagerando Musset, tanto folgava de esboçar, esperdiçando em tão monstruosas creações as brilhantes côres de sua rica palheta.

Não; Aureliano não tinha parentesco algum com D. Juan, nem tão pouco com J. Rolla, e muito menos com Bocage.

Era um epicurista *sui generis*. Suas orgias, si orgias se podem chamar, nunca tinham por theatro o lupanar ou a casa de jogo, ou outro qualquer lugar de devassidão ou crapula grosseira. Eram delirios ga-

lhofeiros em roda da mesa, em companhia de alguns poucos amigos.

O fumo dos vinhos elles o evaporavam rindo, cantando, poetisando, ou em passatempos, não direi escolasticos, mas quasi infantis.

Era uma devassidão do espirito, si assim me posso exprimir, jovial e inoffensiva, e não os gozos do sensualismo material. Eram, desculpem-me si repito tantas vezes a phrase que melhor o caracterisa, eram orgias de criança. » (1)

Este pedaço é instructivo, duplamente instructivo; revela-nos uma parte da indole de Lessa e uma parte da intuição reinante em 1850 em São Paulo.

Estavamos então na phase do *sentimentalismo* na romantica brazileira. Esta é a verdade; mas expressa de um modo tão geral que ficamos a ignorar a realidade da historia, a realidade da vida como ella se passou.

Dizer que n'aquelle tempo a poesia choramingava é a verdade; mas não toda a verdade; é preciso ajuntar alguma cousa mais; é preciso dizer antes de tudo quem chorava com razão e quem pranteava sem ella; é mister sobre tudo mostrar no meio de tanto pranto muito riso franco e jovial que passava garrulo e sonoro.

E' necessario accrescentar ainda outra cousa: no meio d'aquelle grande lamuriar houve muita rebeldia, muito brado, muito grito em prol de novas crenças, de novos ideiaes. Foi um tempo de agitação e toda epoca de agitação merece grandes preitos da historia.

Devemos tomar estas precauções antes de julgar definitivamente Aureliano Lessa.

O estado fragmentado em que nos ficaram as producções do poeta é ainda uma attenuante para juizos rigorosos.

---

(1) *Poesias Posthumas* do Dr. Aureliano José Lessa, Rio de Janeiro, 1873; pag. VI.

No descuidoso mineiro descubro tres largas portas por onde o assaltavam as impressões da poesia: a meditação que o levava a certo naturalismo semi-philosophico, o amor que se lhe traduzia em doces e languorosos arroubos, a melancolia, que nos seus labios tinha um travor dolorosissimo.

A melancolia não é lá uma cousa tão desparatada como muita gente por ahi anda agora a julgar; é antes uma genuina filha da civilisação moderna, é uma das formulas do pessimismo, é o seu primeiro passo.

Ora, toda a humanidade é hoje mais ou menos pessimista. A epoca das grandes alegrias, a phase heroica do homem, está passada.

Por isso não sejamos levianos em julgar mal dos outros sem provas cabaes.

Pelo que me toca, estou completamente convencido da sinceridade de Aureliano: este nunca escreveu versos por systema e calculo, não cogitou jámais de glorias; sua poesia era espontanea como a sua conversação: nada de *pose*, repito.

Começo por mostrar o poeta pelo sombrio lado da melancolia. Ouçam:

« Ha tormentos sem nome, ha desenganos
Mais negros que o horror da sepultura;
Dôres loucas, e cheias de amargura,
E momentos mais longos do que os annos.

Não são da vida os passageiros damnos
Que dobram minha fronte; a desventura
Eu a desdenho... A minha sorte dura
Fadou-me dentro d'alma outros tyrannos.

As dôres d'alma, sim; ella somente
Algoz de si, acha um prazer cruento
Em torturar-se ao fogo lentamente.

Oh! isto é que é soffrer! Nenhum tormento
Vale um gemido só da alma tremente,
Nem seculos as dôres de um momento! »

Na mesma indole são escriptos estes outros versos:

« Oh! não me perguntais porque motivo
Pende-me a fronte ao peso da amargura,
Quando um suspiro tremulo, afflictivo,
Sobre os meus labios pallidos murmura.

Quando ao fundo do lago a pedra desce,
Globo de espuma á flôr do lago estala:
Assim é o suspiro: elle apparece,
Porque no coração cai dôr que o rala.

Do lago a face lisa espelha flôres,
No fundo a vista não divisa o ceno;
Assim dentro do peito escondo as dôres,
Mandando aos labios um sorriso ameno.

Mas quando uma afflicção acerba e crua
Mais que um rochedo o coração me opprime,
Quando nas chammas do soffrer estua
Como no incendio o resequido vime;

Não chóro, não! De angustias flagellado.
Um queixume siquer eu não profiro;
Descai-me a fronte, penso no meu fado...
Oh! não me pergunteis porque suspiro!... »

Podera citar outras provas d'essas dôres acerbas. Não é preciso; passo ao lyrismo espansivo das effusões

amorosas. N'elle apparece o *brazileirismo*, isto é, o calor, o anceio do goso vasado em forma doce e delicada. Não a sensualidade grosseira do lyrismo portuguez. Entre as producções do genero as mais significativas são *Leviana*, *A...*, *Duas Auroras*, *Tu*, *Canto de amor*, *Queixa*, além de outras.

Eil-o que inebria-se nos fulgores de sua amante:

«Lá despontam no levante
Entre candidos vapores,
Os primeiros resplendores
Do purpurino arrebol.
Já da noite os véos sombrios
No occidente empallidecem;
Sóbe a luz, as nuvens descem
Foge a noite, assoma o sol.

Sobre o paramo dos ares
Um véo de luz se derrama,
Que nas perolas da gramma
Vem sorrindo scintillar.
Estão as viçosas flôres
Abrindo os botões odoros
E mil passaros sonóros
Sobre as ramas a trinar.

Preguiçoso fróla o rio
As verdes praias beijando,
Longamente murmurando
Um carpido adeus de amor.
Da folhagem do arvoredo
Doces lagrimas gottejam;
E mil zephyros adejam
Pousando de flôr em flôr.

Vem commigo, ó minha amada,
Saudar esta aurora bella;
Não tenho sem ti, donzella,
Nem um completo prazer.
Vem, do teu amante ao lado,
Pousar n'este chão de flôres,
E a linguagem dos amores
Com as aves aprender.

Vem, depressa, ó minha pomba!
Vem com teus labios risonhos
Contar-me os singelos sonhos
Que em tua alma o céo verteu.
Eu quero tambem contar-te
Um sonho, um sonho mui bello.
Desejo, ó virgem, vertel-o,
Guardal-o no seio teu.

Traze os teus louros cabellos
Soltos á brisa ligeira,
Assim como a vez primeira,
Que n'este prado te vi!
Na minha lyra dourada
Vibrando as cordas sonoras,
Cantarei duas auroras,
Uma nos céos,— outra em ti!»

Estes versos intitulam-se duas *Auroras*, uma na esplanada dos céos, outra nos olhos e no sorriso de sua amante. O quadro é gracioso e prenunciador do apuro a que devia com o tempo chegar a evolução do moderno lyrismo brazileiro.

Eis outra pagina delicada e meiga,— a poesia — *Tu:*

« Teus olhos são como a noite
Trevas e luz;
O' anjo, o céo em teus olhos
Se reproduz!

Tu'alma ainda não conhece
Teu coração;
Rubor que te accende as faces
E' sem razão.

Innocente, quem gozára
Comtigo o céo!
Quem dos amores comtigo
Rasgára o véo!

Quem descerrára teus labios
C'um doce beijo!...
Dizendo—amor—e em teus olhos
Vira um desejo!

Tua face é como a aurora
Púrpura e luz!
O' anjo, a aurora em teu rosto
Se reproduz!

Quero viver em teus olhos,
O' innocente!
Quero adorar-te prostrado
Eternamente!»

E' singelo e amavel isto; é docemente lyrico. Ha quinhentos generos de poesia. Aprecio todos elles quando revelam sinceridade e talento.

A poesia pode ser crente ou descrente, alegre ou triste, pacata ou revolucionaria, popular ou aristocratica, lyrica, dramatica, epica, patriotica, humoristica, satyrica, elegiaca, descriptiva, comica, meiga, ardente, voluptuosa, mystica, religiosa, impenitente, scientifica...

pode ser o que ella quizer e desejar ser; estou sempre disposto a apreciai-a, si fôr a expressão natural de um temperamento.

O que não tolero facilmente são o exclusivismo, a estreiteza de vistas, as igrejinhas fanaticas.

« Nos tempos modernos, diz Lessing, a arte recuou muitissimo os seus limites. Hoje pretende-se que sua imitação se estenda a toda a natureza visivel de que o bello é apenas uma pequenina parte. Expressão e verdade, assegura-se, são as suas primeiras leis. Como a propria natureza sabe sempre, quando se faz preciso, sacrificar a belleza a designios mais elevados, deve tambem o artista subordinar esta mesma belleza á vocação mais geral que o attrahe a tudo imitar, e seguir-lhe as leis sómente na medida em que se coadunam com a verdade e a expressão. »

São palavras do *Laocoonte ou os limites da poesia e da pintura*, excellente livro, onde se acham em germen muitas das idéias actualmente desenvolvidas por Taine, Fromentin e Guyau, os tres illustres estheticos francezes a que se prendem Bourget e Veron.

Lessing fala n'aquelle topico da pintura e repelle aquelle modo de pensar no que diz respeito a esta arte.

O que é assim até certo ponto inexacto com referencia á pintura é de palpitante verdade tratando-se da poesia. Esta deve estender os seus limites a todos os dominios da pheno nenalidade universal. O grande *Cosmos* é o seu objecto.

Eu bem sei que se diz que a sciencia e sua filha mais velha a industria, e sua filha mais nova a democracia, batendo os mysterios, materialisando a vida e igualando as classes, tem trazido á poesia durissimas provações; mas acredito que ella sahirá victoriosa de tão rudes combates.

Não creio ser em pura perda o tempo que tenho estado a empregar em ler e discutir poetas. Por isso diga-se ainda uma palavra sobre Aureliano Lessa.

Não se limitou á poesia subjectiva ou pessoal de suas magoas ou de seus amores. De vez em quando lançava um largo olhar sobre o grande universo e envolvia-se no turbilhão das espheras pelos espaços fóra. Então dava-nos d'esses hymnos pantheisticos, cujos o *Sol* e a *Crêação* são dois bellos especimens. Leiamos aqui esta ultima, que não deve ser confundida com o *Hymno da Crêação*, tambem do nosso poeta. (1)

Eil-a :

« Quando tudo era Deus, quando só Elle
Pejava o horror do espaço ;
Deus disse :—é bom que surja o Universo
Recuemos um passo.—

Depois co'a dextra contrahindo o vacuo
Informe, e tenebroso,
Deixou cahir o Universo inteiro
No espaço luminoso :

O silencio expandiu-se ; era um sussurro
De sublime harmonia ;
Hymno da vida, porque o sol gyrava
O primitivo dia.

Um chuveiro de mundos despenhou-se
Pelos desertos ares,
Como a saraiva, ou como os grãos de arêa
Lá no fundo dos mares.

---

(1) Vide *Poesias Posthumas:* lêde *O Sol*, *Hymno da Crêação*, *A' Tarde*, *O Poeta*, etc.

Rodava a terra verde, e a lua pallida,
Ia a noite após ellas,
Mas caiu sobre as trevas, que fugiam,
Uma chuva de estrellas.

Os cometas correram desgrenhados,
Quaes profugos do inferno,
Levando aos astros dos confins da esphera
Os decretos do Eterno.

Do seu leito de abysmos o oceano
Tenta em vão levantar-se;
Vem tombando, mugindo e espumando
Co'as terras abraçar-se.

Abre o condôr as azas sobre nuvens,
Leviathan os mares;
E os jubados leões, bramindo atroam
Os echos dos palmares.

Vem descendo dos montes, debruçados
Como enormes serpentes
Pelas campinas te beber no oceano,
Os rios e as correntes.

Os passaros cantando, a luz da aurora
Flóreos botões desata;
A selva freme, a viração murmura,
Sussurrando a cascata.

Immovel nos umbraes da Eternidade,
Té li o tempo estava;
Mas após o primeiro movimento
Já veloz caminhava.

Então milhões de mundos, e mais mundos,
Céos, e céos ao redor,
Todos em brado universal cantaram
Hosana ao Creador.

No meio da harmonia do Universo
Deus despertou o homem,
Lançando sobre a terra um véo de nuvens
Que ao seu olhar o somem.

Co'a dextra incerta tateando os ares
O homem despertava...
Ebrio de vida, os membros apalpando
— Tu quem és? — perguntava.

Tentou fallar; do peito a voz lhe brota,
E recua admirado;
As aves cantam, e o cantar das aves
Escuta extasiado.

Quiz caminhar, correu pela planicie,
E galgou as collinas:
Derrama em torno, ao longe, o olhar vago,
Vê montes e campinas.

Os echos escutou por muito tempo,
Encruzados os braços,
E de lá vem descendo pensativo
Com vagarosos passos.

Debalde as vistas erra pelos troncos
Da numerosa selva;
Em vão percorre as grutas, fatigado
Assenta-se na relva.

Pensa, medita, e erguendo-se mais forte
De novo a selva explora ;
Volve, revolve tudo e o vazio
Do coração deplora.

Subito estaca palpitante o peito,
E co'o abraço aberto...
Estão seus olhos devorando a scena,
Que descortinam perto...

Na borda de uma fonte crystallina
A mulher se mirava ;
Rubra de pejo, as graças inda nuas
Co'as brancas mãos tapava .

Ria-se á sua imagem ; para ella
Os braços estendia...
Mas vendo a sombra abrir-lhe um terno abraço
Recuava e sorria.

Elle exclama : eras tu ! E ella fugia
Co'as faces em rubor...
Não pôde proseguir, caiu, cahiram,
E levantou-se Amor ! » (1)

Lessa era um temperamento ideialista e religioso; não da religiosidade exterior de praticas e ceremonias; sim da necessidade de alçar o espirito ás origens, ás syntheses ultimas do universo, a essas causas *primeiras* e *finaes* que o positivismo deseja banir da mente do homem e Kant declarou constituirem outros tantos pro-

(1) *Pcesias Posthumas*, pag. 48.

blemas *insoluveis* scientificamente e *indestructiveis* ante a natureza intrinseca da razão humana. É a esphera em que se debatem as duas velhas intuições — do *dualismo* e do *monismo*. É o terreno perpetuo das religiões e das metaphysicas.

De ordinario se diz que a intuição monistica do universo é um producto da raça aryana e a intuição dualística uma obra dos semitas. Assim parece ser a quem estuda superficialmente a historia da philosophia. Um olhar mais profundo do espirito critico por esse lado irá discernir nos dois maiores genios dos semitas, Moysés na alta antiguidade e Spinosa nos tempos modernos, dois monistas no alto e elevado sentido, mas d'um monismo que se póde alliar com o idealismo. Lessa parece ter lobrigado vagamente essa aspiração da intelligencia.

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1827-1885). A passagem de Alvares de Azevedo e Aureliano Lessa para Bernardo Guimarães é muitissimo natural. Já sabemos que foram companheiros. Obedecem *mutatis mutandis* á mesma intuição.

Bernardo viveu apenas muito mais do que os seus dois amigos e teve tempo de publicar trese obras. São dez romances e tres volumes de poesias. Teve tempo de tratar de seu *bilan* litterario e providenciar sobre sua fama.

Temos, pois, diante de nós um poeta e romancista; comecemos pelo primeiro, que foi tambem por onde principiou o nosso sertanejo.

O mais antigo volume de versos de Bernardo appareceu em S. Paulo em 1852 sob o titulo de *Cantos da Solidão*. Publicou sob a mesma denominação segunda edição no Rio de Janeiro em 1858; o volume vinha augmentado com as *Inspirações da Tarde*.

Em 1865 surgiu nova edição sob o nome de *Poesias*

de B. J. da Silva Guimarães. O livro contém, além d'aquellas duas partes, *poesias diversas, evocações* e a *Bahia de Botafogo.* E' a mais significativa obra poetica do nosso mineiro; é uma das melhores da lingua portugueza.

Em 1876 sahiram as *Novas Poesias* e em 1883 as *Folhas do Outomno.* A decadencia é evidente.

Devemos ainda e sempre procurar o nosso lyrista n'aquelle primeiro livro de sua mocidade.

Havia muito que não liamos o lyrista das *Evocações;* lemol-o agora mesmo para estudal-o.

Rezumamos as nossas impressões. Bernardo é d'aquelles poetas que lucram em serem relidos; descobrem-se-lhe novas bellezas.

Possue boas amostras de lyrismo naturalista, como em *Invocação,* e *O Ermo*; de lyrismo philosophico, como em o *Desvanear do Sceptico*; de lyrismo amoroso, como nas *Evocações*; de lyrismo humoristico, como na *Orgia dos Duendes*, no *Diluvio de papel*, em o *Nariz perante os poetas.*

Mas isto não define o nosso poeta, não o individualisa; será preciso descobrir uma nota que seja só d'elle, que o affaste de seus competidores. E esta nota eu creio tel-a achado: são as tintas sertanejas de sua palheta e o tom brazileirissimo de sua lingua.

Eu me explico.

Magalhães, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo e muitos outros poetas nacionaes, do norte ou do sul, eram filhos da região da costa ou quando muito da que chamamos a região das mattas proxima ás costas. Viveram, além d'isto, nas grandes cidades ao contacto de estrangeiros e quasi nada conheceram das diversas regiões do paiz.

Gonçalves Dias, que poderia fazer por este lado uma excepção, não a faz, porque só nos ultimos annos proximos á sua morte viajou os sertões do norte.

Por mais brazileira que fosse a intuição d'esses homens, não o poderia ser tanto como a de Bernardo

Guimarães. Este nasceu e viveu em plena luz, no coração do Brazil, no planalto central.

Filho de Minas, elle viajou muito os sertões de sua provincia e das de Goyaz, São Paulo e Rio de Janeiro.

Bernardo tinha o genio de *bohemio*, era um caminhador; não apodrecia n'um canto; movia-se constantemente. Possuia o instincto do pittoresco.

Junte-se a isto o conviver intimo com o povo, o falar constante de sua linguagem e saber-se-ha o motivo pelo qual o intelligente mineiro em seus versos e em seus romances é uma das mais nitidas incarnações do espirito nacional.

Todos os seus escriptos versam sobre assumptos brazileiros; mas ha n'elles alguma cousa mais do que a simples escolha do assumpto; ha o brazileirismo subjectivo, espontaneo, inconsciente, oriundo d'alma e do coração.

Um traço mais.

Bernardo, com ser um sertanejo, um homem habituado á vida singela e pittoresca do interior, não era um d'esses espiritos curtos, maldizentes, que praguejam contra todo o progresso, um d'esses obcecados que desejariam ficasse o Brazil perpetuamente entregue aos caboclos na sua inveterada estupidez. Muito pelo contrario, Bernardo foi sempre avesso aos *caboclismos* exagerados. Era um espirito liberal e progressivo.

Amava a civilisação, não levava o seu amor pela paizagem, ao ponto de gostar mais de uma bella matta do que d'uma bella cidade. N'este sentido, a poesia *O Ermo* é muito interessante e significativa.

O poeta possuia uma boa intuição d'essas duas forças, que constituem os dois polos entre os quaes gira toda a evolução da humanidade: a *natureza e a cultura (Natur und Cultur).*

O maior erro da intuição romantica, erro desenvolvido pela influencia malefica da philosophia do seculo passado, foi o exaggero das bondades e grandezas do

chamado *estado de natureza*, corrompido mais tarde pela civilisação.

A *natureza* era aqui elevada á cathegoria de uma potencia bemfazeja e divina, que tinha inspirado as maiores crêações da humanidade.

N'este sentido falava-se n'uma Religião *Natural*, n'uma Poesia *Natural*, n'um Direito *Natural*, n'uma philosophia *Natural*, n'uma Esthetica *Natural*...

Vê-se, pois, que a romantica andava tambem a falar muito em *Mamãe-Natureza*, e que o romantismo tambem se poderia chamar o *naturalismo*; mas era um naturalismo vaporoso.

Os grandes estudos de historia, ethnographia e anthropologia mostraram o homem em *estado de natureza* mergulhado na miseria e na ignorancia e mostraram que a *Mãe-Natura* não produzia nunca arte, ou direito, ou religião, ou poesia, ou philosophia; mostraram finalmente que tudo isto é o resultado da evolução lenta da *civilisação* humana. A intuição do *cultural* substituiu o conceito erroneo do natural.

Era logico, e dever-se-ia esperar que o termo naturalismo desapparecesse da scena. Porem não foi assim. A palavra ficou para significar, não esse bucolismo convencional, mas aquelle systema, aquella maneira de encarar o homem como elle é, como elle se desenvolve individual e collectivamente sob a dupla influencia das forças physicas e da cultura social.

Bernardo Guimarães teve um presentimento poetico da intuição contemporanea.

No *Ermo* elle começa por convidar a sua musa para leval-o ás solidões deshabitadas; apraz-se em taes êrmos inebriado pelas bellezas naturaes do sitio, e assim esclama:

> « Como é formoso o céo da patria minha !
> Que sol brilhante e vivido resplende
> Suspenso n'essa cupola serena !

Terra feliz, tu és da natureza
A filha mais mimosa; ella sorrindo
N'um enlevo de amor te encheu d'encantos,
Das mais donosas galas enfeitou-te;
Belleza e vida te espargio na face,
E em teu seio entornou fecunda seiva!
Oh! paire sempre sobre os teus desertos
Celeste benção; bem fadada sejas
Em teu destino, ó patria; em ti recobre
A prole de Eva o Eden que perdêra!
Olha: — qual vasto manto que fluctua
Sobre os hombros da terra, ondêa a selva,
E ora surdo murmurio ao céo levanta,
Qual prece humilde, que no ar se perde,
Ora açoitada dos tufões revoltos,
Ruge, sibila, sacudindo a grenha,
Qual horrida bacchante: alli despenha-se
Pelo dorso do monte alva cascata,
Que, de alcantis enormes debruçada,
Em argentea espadana ao longe brilha,
Qual longo véo de neve, que esvoaça,
Pendente aos hombros de formosa virgem,
E já, descendo a colear nos valles,
As plagas fertitisa, e as sombras peja
D'almo frescor e placidos murmurios...
Alli campinas, roseos horisontes,
Limpidas veias, onde o sol tremúla,
Como em dourada escama reflectindo
Floreas balsas, collinas vicejantes,
Toucadas de palmeiras graciosas,
Que em céo limpido e claro balanceam
A coma verde-escura. Alem montanhas,
Eternos cofres d'ouro e pedraria,
Coroadas de pincaros rugosos
Que se embebem no azul do firmamento,
Ou si te apraz, desçamos n'esse valle,
Manso asylo de sombras e mysterio,
Cuja mudez talvez jámais quebrára
Humano passo revolvendo as folhas,
E que nunca escutou mais que os arrulhos

Da casta pomba, e o soluçar da fonte...
Onde se cuida ouvir, entre os suspiros
Da folha que estremece, os ais carpidos
Dos manes do Indio, que inda chora
O doce Eden que os brancos lhe roubaram!...
Que é feito pois d'essas guerreiras tribus,
Que outr'ora estes desertos animavam?
Onde foi esse povo inquieto e rude,
De bronzea côr, de torva catadura,
Com seus canticos selvaticos de guerra
Restrugindo no fundo dos desertos,
A cujos sons medonhos a panthera
Em seu covil de susto estremecia?
Oh! floresta, que é feito de teus filhos?» (1)

O poeta prosegue pranteando o desapparecimento dos primitivos incolas, a destruição das mattas, a mudança operada pelos colonos. Prantêa a morte de tantas scenas *naturaes*.

De repente muda de linguagem e exclama:

« Mas, não te queixes, musa; são decretos
Da eterna providencia irrevogaveis!
Deixa passar destruição e morte
N'essas risonhas e fecundas plagas,
Como charrua, que revolve a terra,
Onde germinam do porvir os fructos.
O homem fraco ainda, e que hoje a custo,
Da creação a obra mutilando,
Sem nada produzir destrue apenas,
Amanhã creará; sua mão potente,
Que doma e sobrepuja a natureza,
Ha de imprimir um dia forma nova
Na face d'este solo immenso e bello:

---

(1) *Poesias*, pag. 59.—

Tempo virá em que n'essa vallada
Onde fluctua a coma da floresta,
Linda cidade surja, branquejando
Como um bando de garças na planicie ;
E em logar d'esse brando rumorejo
Ahi murmurará a voz de um povo ;
Essas encostas broncas e sombrias
Serão risonhos parques sumptuosos ;
Esses rios que vão por entre sombras
Ondas caudaes serenas resvalando,
Em vez do tope escuro das florestas,
Reflectirão no limpido regaço
Torres, palacios, coruchéos brilhantes,
Zimborios magestosos, e castellos
De bastiões sombrios coroados,
Esses bulcões da guerra, que do seio
Com horrendo fragor raios despejam.
Rasgar-se-hão os serros altaneiros,
Encher-se-hão dos valles os abysmos :
Mil estradas, qual vasto labyrintho,
Cruzar-se-hão por montes e planuras;
Curvar-se-hão os rios sob arcadas
De pontes colossaes; canaes immensos
Virão surcar a face das campinas,
E estes montes verão talvez um dia,
Cheios de assombro, junto ás abas suas
Velejarem os lenhos do oceano ! » (1)

N'este gosto prosegue o poeta, que assim se expressava em 1849 ou 50 n'esta peça uma das mais antigas de sua lavra.

Acho escusado insistir em cada uma das principaes manifestações do lyrismo do notavel mineiro.

Algumas palavras sobre o que chamei o seu lyrismo naturalista.

---

(1) *Idem*, pag. 68.

O *Devanciar do Sceptico* é o poeta diante da philosophia. Podemos deixal-o de lado. No *Ermo* é o poeta diante da natureza e da cultura; já o vimos ahi. *Invocação* é o poeta em face do Universo, do Cosmos, da Creação. E' um dos hymnos mais objectivos e ao mesmo tempo mais enthusiastas que já uma vez foram escriptos em toda a America.

Alenta essa poesia notavel um ideialismo exhuberante, um dynamismo que de tudo transpira e se communica ao leitor. O universo inteiro palpita animado e exhala-se em perennes hymnos. E' a poesia que de tudo transsuda.

O poeta exclama:

« Voz do deserto, espirito melodico,
Que as cordas vibras d'essa lyra immensa,
Onde resoam mysticas hosannas,
Que inteira a creação a Deus exalça;
Sàlve, ó anjo! minha alma te sauda,
Minha alma que, a teu sopro despertada,
Murmura, qual vergel harmonioso
Pelas brisas celestes embalado...

Salve, ó genio dos desertos,
Grande voz da solidão,
Salve, ó tu, que aos ceus exalças
O hymno da creação!

Sobre nuvem de perfumes
Te deslizas sonoroso,
E o rumor de tuas azas
É hymno melodioso.

Que celeste cherubim
Te deu essa harpa sublime,
Que em variados accentos
As dulias dos céos exprime?

Harpa immensa de mil cordas
D'onde em caudal, pura enchente,
Estão suaves harmonias
Transbordando eternamente?

De uma corda a prece humilde
Como um perfume se exhala
Entoando o sacro hosanna,
Que do Eterno ao throno se ala.

Outra como que prantêa
Com voz funebre e dorida
O fatal poder da morte
E as amarguras da vida.

N'esta brando amor suspira,
E lamenta-se a saudade;
N'est'outra ruidosa e ferrea
Trôa a voz da tempestade.

Carpe as magoas do infortunio
De uma voz triste e chorosa,
E só geme sob o manto
Da noite silenciosa.

Outra o hymno dos prazeres
Entôa lêda e sonora,
E com canticos festivos
Saúda nos céos a aurora.

Salve, ó genio dos desertos,
Grande voz da solidão,
Salve, ó tu, que aos céos exalças
O hymno da crêação!... »

A poesia prosegue sempre alentada. Convido o leitor a tomar do volume e repassar tão bellos versos.

São escriptos n'esse espirito de um theismo dynamistico universal ao gosto de Leibnitz, certamente mais poetico do que a atomicidade absoluta de Democrito.

A melhor e mais fulgente manifestação de talento poetico de Bernardo Guimarães são as cinco primeiras peças da serie que intitulou — *Evocações*, a saber: *Sunt lacrimæ rerum*, *Preludio*, *Primeira*, *Segunda*, *Terceira Evocação*.

Ahi entramos em pleno lyrismo pessoal, mas de uma pessoalidade amavel e deliciosa. O poeta evoca as suas antigas amantes e fal-as desfilar ante elle. O sentimento é profundo e real; as *Evocações* lembram as *Noites* do primeiro poeta francez d'este seculo, Alfredo de Musset.

A forma é de uma doçura e sonoridade de encantar.

Não sei si o diga, não sei si deva deixar aqui a manifestação de uma circumstancia puramente pessoal: nunca pude ler esses versos do poeta mineiro, e eu os tenho lido bem vezes!... sem sentir sincera emoção.

Para mim, aquillo é poesia verdadeira, feita com as lagrimas da realidade, com as desillusões da vida. No genero é a obra prima d'aquella phase do romantismo brazileiro.

Não transcrevo nada para não correr o risco de transcrever quasi tudo. Recommendo tão bellas paginas aos amantes da boa poesia.

Aqui devera ficar quite com o poeta, si não fôra a necessidade de juntar mais algumas palavras, afim de prendel-o á evolução geral de nossa litteratura, marcando ahi o seu lugar.

A critica puramente descriptiva não tem valor, si considerações mais serias lhe não vêm imprimir o carater scientifico. Entre nós já podemos assim falar.

Não sei bem si a poesia, o romance, o drama, a comedia, o folhetim, o conto, a novella, estão ou não

completamente transformados hoje no Brazil. Mas sei que a critica litteraria está.

Nos ultimos vinte annos tantos hão sido os assumptos de *caracter puramente brazileiro* em que si ha tocado, tal e tão pronunciado o esforço em conhecer bem o passado nacional, que uma serie de factos e de problemas ahi estão a reclamar o estudo de resolutos obreiros por muitos e muitos annos ainda.

Á medida que a corrente *estrangeira*, que sempre tivemos e sempre havemos de ter, na litteratura nos atirava á poesia hugoana. e mais tarde á poesia de Sully Pruddhomme e Leconte de Lisle, e mais tarde ainda ao romance de Zola e ao mesmo tempo á critica alleman ou ao positivismo de Comte. ou ao evolucionismo de Spencer, ao passo que os representantes entre nós do espirito do tempo punham-nos ao contacto das ideias *européas*, a pleiada dos afferrados ás nossas tradições, outra phalange de operarios que sempre tivemos e sempre deveremos ter, abria brecha na pré-historia, na anthropologia, na linguistica e na historia nacional.

São dous movimentos que se completam, duas tendencias que se harmonisam. Devemos ser homens de nosso tempo e tambem de nosso paiz.

Esta dupla tendencia modificou entre nós a critica litteraria. È por isso que aquelle que bem conhecer o seu Sainte-Beuve ou o seu Taine ou o seu Scherer, mas desconhecer os trabalhos de Baptista Caetano, Couto de Magalhães, Baptista de Lacerda, Ferreira Penna, José Verissimo, Rodrigues Peixoto, Frederico Hartt, Macedo Soares, Paranhos da Silva, Pacheco Junior, Lameira de Andrade, João Ribeiro e muitos outros sobre a archeologia, a linguistica, a ethnographia e a historia do Brazil, não poderá amplamente entre nós exercer a critica.

O mais que poderá fazer é colher em livros europeus meia duzia de regras, inspiradas pela analyse de escriptores estrangeiros, e cortar com ellas a roupa em que

se devem envolver os nossos auctores. Isto é irregular e improficuo. Tal o methodo, entretanto, de que muito se tem abusado no Brazil.

Em geral os nossos chamados homens de letras leem livros europêus e especialmente livros francezes; raros occupam-se de assumptos brazileiros.

Innumeros são os poetas e litteratos que não sabem duas palavras da historia do paiz; rarissimos aquelles que se acham em estado de formular um juizo mais ou menos regular sobre o passado e o presente nacional. A predilecção de todos é puramente pelas novidades francezas.

E, todavia, quem tiver o gosto da erudição, da anthropologia, da linguistica, das sciencias naturaes, etc., encontrará no Brazil vastissimo campo ás suas pesquizas.

Emquanto não nos applicarmos a descobrir, esclarecer, desvendar os muitos assumptos scientificos que se nos deparam entre nós e que attrahem sempre e sempre sabios europêus ás nossas plagas, não fundaremos nossa litteratura scientifica, nem resguardaremos de quaesquer attaques nossa litteratura propriamente dita.

E' preciso deixar de lado o methodo exterior de julgar os productos litterarios por meio de convenções rhetoricas. E' mister procurar em toda a vida nacional o elemento popular, vivo, constante, creador. E' urgente investigal-o na historia politica e social e na historia litteraria e das artes.

E, apezar de contarmos aquelles poucos escriptores que se vão occupando dos estudos nacionaes, é ainda hoje uma verdade affirmar que somos um povo que se desconhece.

A historia brazileira está em geral quasi toda por escrever e sem ella nos perderemos sempre em divagações, não teremos um espirito proprio, nem a consciencia de nós mesmos.

Tal o criterio fundamental das indagações litterarias.

Os livros dos novos e dos velhos poetas devem ser um corollario de nossa propria evolução, sob pêna de nada valerem, de nada representarem, salvo o testemunho de algum raro espirito, algum raro pensador, tão geral, tão universal, tão humano, que vá tomar assento entre os mais illustres representantes de nossa especie e lá fulgir entre os genios que não têm patria, entre os Shakespeares, os Dantes, os Gœthes, cousa que não sei si já nos aconteceu...

Bernardo Guimarães, á luz de taes ideias, não é um desclassificado. Muito pelo contrario elle é um élo normal, e uma das figuras mais interessantes de nossa litteratura, onde appareceu ha cerca de quarenta annos.

Cursou, como vimos, direito em S. Paulo onde foi companheiro de Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, José Bonifacio, Silveira de Souza, Felix da Cunha, José de Alencar e outros estudantes enthusiastas e estroinas d'aquelles bons tempos. Foi a epoca de maior effervescencia romantica em nossas academias.

Á poesia religiosa de Magalhães e á poesia cabocla de Gonçalves Dias aquelles moços fizeram succeder uma poesia mais ampla, mais agitada, mais comprehensiva. Avantajaram-se aos seus predecessores em conhecer melhor as litteraturas estrangeiras, em preoccupar-se mais das questões sociaes, e em cultivar mais a forma. Trabalharam em horizonte mais vasto e com armas mais brilhantes.

Entre elles distinguia-se Bernardo Guimarães por um lyrismo sereno, placido, confiante, quasi bucolico. Era mineiro e levava a influencia de Gonzaga e dos sertões nataes. Foi sempre contrario ao indianismo e por isso criticou de Gonçalves Dias.

Inimigo de formalidades, logo ao formar-se, retirou-se aos seus serros, d'onde não mais sahiu, sinão rapidamente para o Rio de Janeiro, que de prompto abandonou, acolhendo-se ao seu planalto, onde passou a vida sem ter empregos publicos, ao que supponho, e onde

foi o ultimo Abencerrage do romantismo. Poz-se então a cultivar o romance, de que falaremos em breve, com um sainete especial.

Seus livros do genero são novellas de um enredo simples, de um estylo ligeiro, despretencioso, semeado de lyrismo e de algumas notas humoristicas.

É justamente o mesmo que se dá nos versos.

N'estes as *Poesias* levam vantagem, como disse, ás *Novas Poesias* e ás *Folhas do Outomno*. As melhores imagens d'esta ultima collecção são edições novas de seus versos antigos. O livro é quasi um complexo de nenias. As melhores peças são, como lyrismo, *Flôr sem nome* e *Saudades do Sertão do Oeste de Minas;* e como humorismo *A Moda* e o *Hymno á Preguiça*.

Por estas quatro ligeiras composições aprecia-se perfeitamente a natureza poetica do nosso mineiro. Elle foi no fundo uma natureza sceptica, a que se ligaram certas tendencias epicuristas.

D'ahi o seu lyrismo voluptuoso de um lado e de outro a ponta do sarcasmo que deixa-se ver em muitos dos seus versos.

Mas o auctor das *Evocações* foi verdadeiramente um poeta, quero dizer, um espirito descuidoso e contemplativo, um espirito mobil e impressionavel. Nunca desmentio sua vocação. Não sei si o mesmo aconteceria a Alvares de Azevedo, si continuasse a viver.

Quem sabe si não teria elle, como José Bonifacio e Felix da Cunha, e mais que todos Francisco Octaviano, tomado estranho caminho na direcção da politica. Não é que julgue as duas occupações incompativeis, é que o têm sido para alguns madraços do Brazil.

Tudo que ahi vai dito de Bernardo Guimarães, na qualidade de poeta, e que lhe é favoravel, não quer significar absolutamente que elle não tenha tambem os seus defeitos. Tem nos e bastantes: é muitas vezes prosaico, por vezes incorrecto e não poucas superficial.

Possue certa delicadeza e propriedade de tintas, pos-

sue facilidade e presteza de vôo; mas não tem força; interessa, mas não prende, não captiva. E' claro que faço excepção das *Evocações*.

Em todo caso o poeta foi um producto *nacional* como poucos tem produzido este meio. (1)

O romancista em Bernardo Guimarães é merecedor de attenção pelo caracter nacional das suas narrações, pela simplicidade dos enredos, pela facilidade do estylo.

O escriptor mineiro pode ser tomado como um documento para estudar-se as transformações da lingua portugueza n'America.

Tomando-se Gregorio de Mattos nos meiados do seculo XVII, Taques no meiado do seculo passado e o nosso mineiro em meio do seculo actual, temos o thermometro certo das alterações e transformações progressivas da lingua no Brazil.

Nas locuções, no modo de dizer, no agrupamento das palavras, no *tour* da phrase, o espirito atilado vae marcar as variações.

Em nosso seculo essa natural evolução do patrio idioma tem sido retardado na litteratura pela acção reaccionaria de dois grupos de pretendidos *puristas:* a gente do Maranhão adjunta a Soterio dos Reis e um gruposinho de *lusitanisantes* que temos agora aqui no Rio de Janeiro. Representam a *junta do coice* em materia de linguagem.

As publicações de Bernardo Guimarães, no romance, são: *O Ermitão do Muquem* (1858), *Lendas e Romances*, *Historias e Tradicções da Provincia de Minas Geraes*, *O Garimpeiro* (1872), *O Seminarista* (1872), *O Indio Affonso* (1873), *A Escrava Isaura* (1875), *Mauricio ou os Paulistas em S. João d'El-Rei* (1877), *A Ilha Maldita* (1879) *O Pão de Ouro* (1879) e *Rozaura — a Engeitada* (1882).

---

(1) Cf. *Estudos de Litteratura Contemporanea*, pag. 71, artigo do auctor sobre Bernardo Guimarães.

Alguns são simples ensaios, sem alento e descuidosamente escriptos.

Os mais significativos, a meu ver, são: *O Garimpeiro*, *O Seminarista*, *Mauricio*, *A Escrava Isaura*.

Concentremos nossas observações n'estes quatro livros.

O Seminarista é um pequeno estudo de genero; é a narrativa romantisada de um facto real. E' a historia de um rapaz, filho de um mediano fazendeiro de Minas, que, tendo amoroso enleio por uma bella menina da visinhança, é obrigado a metter-se n'um seminario e tomar ordens.

A paixão, a principio acalmada pelos estudos, penitencias e macerações da especie, rebenta forte por novos encontros nos tempos das ferias, e violentissima, quando o moço padre vem prompto para cantar sua *missa nova* e é chamado para ouvir de confissão uma moça agonisante. Era ella, era *Margarida*, a heroina, e elle *Eugenio* tinha-a alli á mão, mas proxima á tumba!...

Seguem-se peripecias atrozes e o joven padre sae louco furioso, no momento de sua primeira missa.

O livro deixa-se ler docemente; não é atordoador e cheio de convulsões; a acção corre serena e vae direita a seu fim. Tem muita verdade psychologica e muita exactidão de tintas nas scenas locaes. Não tem aquelle aspecto doutrinario, escavador, scientifico, technico, que vae invadindo o romance moderno, ás vezes levado a tal exaggero que antes ler um tratado de pathologia, especialmente de molestias do systema nervoso e das faculdades mentaes, do que ler taes livros, que, afinal de contas, dem sciencia, nem arte são. O nosso livro não tem aquelle aspecto demonstrativo de uma equação algebrica nem o tom realista de um processo crime.

O romance é vasado nos velhos moldes; mas tem verdade, d'essa verdade que se impunha a um homem que tinha os olhos abertos, como Bernardo Guimarães e sabia observar, ainda que o não ostentasse.

A *Escrava Izaura* é um estudo social. Assenta sobre

o facto da escravidão existente entre nós. Trata-se de uma bella rapariga, intelligente, graciosa, prendada e alva, como um exemplar de boa raça aryana. A pobre, entretanto, era captiva e requestada pelo senhor...

Consegue fugir em companhia de seu pai, e da cidade de Campos na provinciá do Rio de Janeiro, onde se passa o principal da acção, vae ter ao Recife.

Ahi passa por livre, frequenta boas rodas, vae a reuniões, tem admiradores.

E' descoberta e presa afinal, voltando ao poder do cruel senhor, de cujas garras é arrancada por um moço riquissimo que se tomara por ella de profundo affecto.

O facto é possivel e deu-se até mais de uma vez; ha veracidade em geral, apar de algumas incongruencias e *ficelles*.

O Garimpeiro é uma narrativa local, é romance de costumes. Tem boas paginas descriptivas, regulares quadros de genero. D'este numero é a *cavalhada*, que occorre logo no segundo capitulo.

Na mesma indole e tendencia é *Mauricio*, ainda que mais significativo como estudo e como intuição ethnographica.

Mauricio é romance de costumes sob o ponto de vista historico. Refere-se á lucta havida em Minas em tempos coloniaes entre os paulistas, os ousados bandeirantes que desbravaram e povoaram aquelles sertões, e os portuguezes, os reinóes, os *emboabas* avarentos, que se aprestavam a rapinar o trabalho alheio.

E' um bello livro, onde ha muita verdade, quer em scenas da natureza, quer em scenas da vida humana. D'aquella é um exemplo o capitulo que se intitula *a gruta de Irabussú* e d'esta o capitulo — *a caçada*.

Muita gente hoje crê só haver exactidão e verdade no romance de actualidade e no moderno naturalismo. E' um exaggero.

N'este falso presupposto repellem o romance historico e o genero que n'Allemanha teve em Auerbach

um denodado cultor. São dois peremptorios juizos que precisam de revisão.

Pelo que diz respeito ao elemento historico em o romance, a historicidade ahi, como em tudo, é susceptivel de alliar-se á verdade.

Bem arranjada estaria a humanidade, si a pobresinha não podesse tomar pé no terreno do passado. Então, adeus politica, adeus historia, adeus sciencia. Viveriamos *au jour le jour*. Além do momento actual e presente nada!... E' justamente a intuição do selvagem.

Pelo que toca ao estudo das populações campezinas, é elle tambem susceptivel de muita verdade. Não é só nos grandes centros populosos que ha entes humanos. N'uma aldeia tambem se vive, tambem ha almas, tambem ha paixões. Onde mais verdade do que em *Hermann* e *Dorothea?* Em igual direcção correm as novellas de Auerbach.

O naturalismo pode bem abrigar-se n'um e n'outro terreno.

No primeiro caso teremos o que o moço critico brazileiro Clovis Beviloqua denominou o *naturalismo tradicionalista*, a proposito de Franklin Tavora, e no segundo o que, a proposito do mesmo romancista, eu chamei o *naturalismo aldeão e campezino.*

Ora, acontece que em *Mauricio* de Bernardo Guimarães dá-se a juncção das duas tendencias: a vida *tradicional* nas populações *ruraes*. E' tambem o caso do *Cabelleira*, do *Matuto* e de *Lourenço*, os tres notaveis livros de Franklin Tavora.

Este romancista e Bernardo Guimarães são, pois, dois predecessores do naturalismo á contemporanea e merecem honroso logar em nossa litteratura.

Quem se deleitar sómente com os estudos de physiologia e psychiatria que se nos deparam nas obras primas do realismo contemporaneo não poderá achar grande prazer nas pinturas rapidas e singelas de simples cos-

tumes populares que se nos deparam nos romances de Bernardo Guimarães.

Quem, porém, acha algum interesse em tudo o que é humano, em toda e qualquer manifestação do viver de um povo, pode e deve ler nos romances do mineiro bellos quadros por todos elles esparsos.

Aqui vae um exemplo; é o *motirão* em casa da *tia Umbelina* nos capitulos XI e XII do *Seminarista*.

Lá vae um topico:

« Alguns dias depois da prohibição imposta a Eugenio, a casa de Umbelina amanhecia em grande animação e alvoroço. Via-se lá entrando e sahindo mais gente do que de ordinario; matavam-se frangos, o forno trabalhava, o fogão deitava fumaça mais do que de costume, e reinava actividade e movimento, que faria crer que n'aquelle dia alli se festejava algum baptisado ou casamento.

Não havia porem nada disso. O que havia em casa de Umbelina era apenas um *motirão*.

Motirão! só esta palavra nos faz resoar aos ouvidos os alegres rumores dos descantes e folguedos da roça, o estrepito dos sapateados da dança camponeza por entre a *zoada* dos adufes e violas, e nos transporta ao meio das rusticas e singelas scenas de prazer da vida do sertanejo.

Motirão!... mas eu não sei si todos os meus leitores saberão a significação d'esta palavra, que julgo ser genuina brazileira, e que talvez não poderão encontrar em diccionario algum. Portanto é necessario definil-á.

É o motirão um costume dos pequenos lavradores, ou da gente pobre dos campos, que vivem como aggregados dos grandes fazendeiros, e que não possuindo terras, e menos ainda braços para cultival-a, nem por isso deixam de plantar boas roças, ou de exercer uma pequena industria, de que tiram a subsistencia.

Quando chega o tempo de qualquer dos serviços de roça, que consistem n'estas quatro operações principaes, — roçar, plantar, capinar e colher, — o pequeno roceiro convida seus parentes, amigos e conhecidos da visinhança para virem

ajudal-o, e todos pelo direito costumeiro são obrigados a vir dar-lhe uma mão, é a phrase usada,— ficando o que assim se aproveita dos serviços dos visinhos na obrigação de acudir tambem ao chamado d'estes para o mesmo fim.

Já se vê que a calhandra de Lafontaine erraria seus calculos, e perderia inevitavelmente os seus filhotes, si tivesse de *haver-se* com os bons lavradores d'esta nossa abençoada terra.

O motirão constitue pois como uma especie de sociedade de auxilios mutuos, baseado unicamente nos costumes e usanças dessa boa gente, que não dispondo muitas vezes sinão do seu unico braço para o serviço, planta todavia roças consideraveis, e obtem a colheita necessaria para a sua subsistencia.

Este uso não é sómente dos roceiros, e é tambem posto em pratica pelas mulheres que vivem de fiar e tecer, das quaes antigamente havia grande numero na provincia de Minas, alimentando com seu trabalho esse ramo de industria outr'ora mui importante e florescente.

Mas o motirão não consiste simplesmente no desempenho de uma tarefa de trabalho. O dono ou dona da casa tem por obrigação regalar os seus trabalhadores do melhor modo possivel, e a reunião e a boa mesa trazem sempre como consequencia natural os divertimentos e folguedos. Assim trabalha-se de dia, e á noite toca a comer e beber, a dançar, cantar e folgar.

Como iamos contando, havia motirão em casa de Umbelina. Tinha ella convidado as comadres e amigas mais chegadas da villa e das visinhanças a virem passar alguns dias em sua casa, afim de ajudarem-na a desmanchar algumas arrobas de lã e algodão, que queria pôr no tear, e para as regalar punha em actividade toda a sua pericia de quitandeira mestra e de *quituteira* abalisada.

Á noite, como de costume, havia toques, cantigas e folguedos, e então appareciam tambem lá alguns rapazes da villa e dos arredores. A sociedade de Umbelina era em verdade de pessoas do povo e de baixa condição, mas honra lhe seja feita, era tudo gente comportada e de bons costumes. Ella era incapaz de chamar á sua casa vadios, peraltas e mulheres perdidas para junto da companhia de uma

filha, que era a menina dos seus olhos, e cuja reputação zelava com o maior recato e solicitude......................
Resoavam as violas e adufes; o folguedo já tinha começado á sombra da figueira do terreiro.

Alem do luar, que estava soberbo, duas grandes fogueiras accesas no terreiro a alguma distancia, illuminavam de um modo original e pittoresco o ambito, dentro do qual se desenhavam destacando-se vivamente as figuras d'aquella curiosa e interessante reunião uns no centro, dançando, outros em derredor, sentados pelo chão ou em tamboretes e cepos de páo como servindo de cerca e limite áquelle recinto. O clarão das fogueiras avermelhava a cupola gigantesca da figueira, que com sua espessa folhagem abrigava os convivas do orvalho frio da noite.

Eugenio chegou-se á roda tolhido e resabiado. Porem Margarida, que apenas o avistou soltou um grito de alegre sorpreza, e veio immediatamente collocar-se ao pé d'elle, fez com que logo cobrasse animo e presença de espirito, e tomasse assento na roda com todo o desembaraço, como qualquer dos habituados.

Attrahidos pela belleza de Margarida, como dissemos, alguns rapazes frequentavam a casa de Umbelina, e lhe requestavam a filha. Esta, porem, não lhes dava a minima attenção, e em sua candida innocencia nem mesmo suspeitava o verdadeiro motivo, porque tanto a festejavam.

Entre esses aspirantes ao amor da rapariga, o que mais padecia era um certo rapaz por nome Luciano. Era um moço, que teria a rigor seus vinte e cinco annos, de bonita e agradavel presença, *tropeiro* bem principiado, que já tinha alguns lotes de burros no caminho do Rio, e que alem de tudo se tinha em grande conta de bonito, de rico e de bem nascido, pelo que não deixava de ser summamente ridiculo, quando não era insolente e malcreado........................

Sabe o leitor o que é *quatragem*?

Não sabe. E' uma dansa.

E' a dansa original e pittoresca de nossos camponezes, dansa favorita do roceiro em seus dias de festa, e que faz as delicias do tropeiro nos serões do rancho apoz as fadigas da jornada.

Dansa vistosa e variegada, entremeada de cantares e

tangeres, já cheia de requebros e languidamente balanceada ao som de uma cantiga maviosa, já freneticamente sapateada ao ruido de palmas, adufes e tambores.

Sem ter o desgarre e desenvoltura do *batuque* brutal, não é tambem arrastada e enfadonha como a quadrilha de salão; ora salta e brinca estrepitosa e alegre, ora se requebra em morbidas e compassadas evoluções.

Como o proprio nome indica, forma-se de um grupo de quatro pessoas. A musica é desempenhada pelos dansantes, que alem de uma garganta bem limpa e afinada, devem ter nas mãos ao menos uma viola, e um adufe. Ha uma quantidade incalculavel de coplas para acompanhar esta dansa, e a musa popular cada dia engendra novas. São pela maior parte toscas e mesmo burlescas e extravagantes; todavia algumas ha impregnadas d'essa maviosa e singela poesia, que só a natureza sabe inspirar.

Dansava-se a quatragem no motirão da tia Umbelina. Masgarida estava sentada junto de Eugenio, de cujo lado não se arredára desde que este havia chegado.

Ia-se formar nova roda de dansadores; Luciano, que tinha a viola em punho, dirigio-se a Margarida, e convidou-a para a dansa. Ella recusou-se pretextando já ter dansado muito e achar-se fatigada.

— Então venha esse mocinho, que ahi está com a senhora, disse Luciano.

Com este convite o rapaz procurava mesmo occasião de travar-se de razões com o estudante, afim de desabafar o ciume e despeito que por dentro o corroiam. » (1)

Deve-se ler no romance a lucta entre *Luciano* e *Eugenio;* tem perfeita côr local. Repare-se na maneira brazileira da linguagem. Griphamos algumas palavras e dizeres no intuito de despertar a attenção do leitor.

Bernardo era do numero dos que se não preoccupam com as portentosas maravilhas do *purismo*, isto é, do *lusismo* tolo em linguagem; não quebrava a cabeça

(1) *O Seminarista*, pag. 119 e seguintes.

nem perdia o somno, scismando sobre a *collocação dos pronomes* e outras brilhaturas da especie...

O mais interessante n'este assumpto é a pretenção de purismo, aqui e no reino, da parte de escriptoresinhos que nada valem pelas ideias nem pelo estylo, uns typos alapardados, sem energia, sem individualidade, ignorantes crassos da lingua e de tudo o mais.

Uma gente que confunde *despercebido* com *desapercebido*, *haver* com *avir-se;* que não sabe o emprego do *infinito pessoal*, que não sabe usar do pronome *se;* que chama *neologismo* o archaismo *guaiar*, que não conhece o genero de *trama*, e cem galanterias da espécie.

Quando o escriptor é, como Bernardo Guimarães, inteiramente despreoccupado de purismo, quando elle escreve conscientemente em dialecto brazileiro, podem-se-lhe desculpar certos erros.

Igual desculpa não merece o pretencioso, que, affectando correcção, diz toliçadas de toda a marca. Por isso devemos relevar ao nosso romancista o emprego erroneo de *haver* por *avir-se*, que griphamos, erro aliás, que partilha com os puristas de *cá* e de *lá*...

José Bonifacio de Andrada e Silva (1827 — 1886). — È este um dos homens de letras menos estudados e aquilatados no Brazil. Herdeiro de um grande nome, os aduladores politicos tomaram bem cedo conta d'elle e meteram-no nas regiões mysteriosas da mythologia de convenção.

Fizeram do pobre neto de Andrada um estadista, um pensador politico, um sabio publicista, um professor emerito, um jurisconsulto original e não sei mais que, esquecendo-se todos de não ser o nosso paulista mais do que um orador academico e um poeta de talento.

N'esta dupla qualidade é que o vamos estudar e contemplar n'este livro.

Comecemos pelo poeta.

Logo em começo temos uma questão inicial. Sabe-se que, apesar de haver muita originalidade intrinseca em nosso lyrismo, não se pode negar n'elle pela face meramente exterior, uma certa influição reflexiva da parte da alguns poetas europeus.

Chateaubriand, Lamartine, Byron, Musset e Victor Hugo foram os indirectos influenciadores do romantismo brazileiro.

A ausencia completa e absoluta de qualquer acção da parte das mediocridades portuguezas é o phenomeno capital da epoca.

Pois bem, resta saber quando e como começou a orientação exercida por Victor Hugo.

Antes de tudo releva ponderar que a acção de Victor Hugo foi meramente exterior, simples questão de forma. Mas d'onde partio essa simples modificação do estylo poetico entre nós?

José Bonifacio, Luiz Delfino, Pedro Luiz e Tobias Barretto hão passado pelos iniciadores do hugoanismo em nossa poesia. Isto demanda uma explicação.

Temos antes de tudo a questão da idade: José Bonifacio é de 1827, Luiz Delfino de 1834, Pedro Luiz e Tobias Barreto são ambos de 1839. José Bonifacio é, pois, sete annos mais velho do que Luiz Delfino e doze mais do que os outros dois.

O poeta paulista, porem, não possuio logo de principio a intuição hugoana da forma. Só mais tarde ella lhe chegou, mais ou menos incompletamente.

Nunca publicou livros que corressem o paiz, foi um trabalhador solitario, inserindo de longe em longe alguns versos em ephemeros jornaes. Seu folheto de 1849 sob o titulo de *Rosas e Goivos*, pelo que tenho ouvido referir d'elle, é mediocre como documento litterario e está fora da intuição de que tratamos.

Os versos, que appareceram em 1861 nas *Trovas Burlescas* de Getulino e em 1862 na *Bibliotheca Brazileira* de Quintino Bocayuva, em alguns pontos já se lhe

aproximam mais algum tanto, não sendo, porem, ainda a forma pura do moderno lyrismo de Hugo.

Como quer que seja, porem, José Bonifacio não teve discipulos, não passando de um simples precursor isolado. Como escola, como movimento litterario o *condoreirismo* começou no Recife.

Luiz Delfino, com ser cinco annos mais velho do que Pedro Luiz e Tobias, não os antecedeu na poesia.

Delfino veio tarde de sua provincia para o Rio de Janeiro estudar os preparatorios. Creio que os seus primeiros ensaios poeticos são de 1855 ou 56, justamente no tempo em que principiaram os outros dois.

Delfino nunca foi assiduo na imprensa; tambem nunca publicou livros. Até 1880 pouco, bem pouco publicou em jornaes. Nos ultimos sete annos é que, já rico pela clinica, principiou a ter actividade litteraria; mas, n'este tempo, nem já elle tem sido mais condoreiro, nem a escola existe mais. Dissolveu-se ha muitos annos.

Delfino foi um poeta intermittente, sem acção directa sobre o publico, e não teve discipulos no tempo e no sentido a que alludo. Actualmente elle tem o seu pequeno cenaculo adornado de outras vistas. Vel-o-emos adiante.

Restam Pedro Luiz e Tobias Barreto. São ambos de 1839, o notavel anno em que nasceram tambem Carlos Gomes e Machado de Assis, e em que se começou a agitar o movimento da maioridade.

Pedro Luiz, além de não ter começado antes de seu emulo, não era um temperamento litterario.

Apenas formado em 1860, atirou-se á politica. Publicou umas cinco ou seis poesias nos jornaes da côrte, em estylo semi-hugoano. E' um typo apagado pela politica.

O *condoreirismo*, como escola, em sua dupla manifestação de lyrismo e poesia social, foi iniciado em 1862 por Tobias no Recife. O poeta possuia essa intuição desde os seus primeiros ensaios de Sergipe. Em seu logar demonstraremos isto cabalmente.

Consideremos, entretanto, os tres poetas do sul como predecessores.

A escola, como tal, só existiu depois que no Recife Tobias, Castro Alves, Plinio de Lima, Guimarães Junior, Victoriano Palhares, Castro Rebello, Altino de Araujo, Carneiro Villela e muitos outros obedeceram a uma intuição geral e tiveram mais ou menos uma só feição litteraria.

O condoreirismo teve, porem, duas phases, a do norte e a do sul.

No sul elle foi pregado directamente por Castro Álves, quando em 1867 ou 68, o moço bahiano passou-se para S. Paulo. Quasi toda a gente n'aquelle tempo no Rio de Janeiro e provincias do Sul fazia versos, imitando a maneira do poeta das *Espumas Fluctuantes*. Os mais notaveis seguidores do genero foram Carlos Ferreira nas *Rozas Loucas*, e Mucio Teixeira nas *Sombras e Clarões*.

Dada esta previa explicação, avistemos o poeta em José Bonifacio. Foi lyrico e epico-lyrico.

Distinguiu-se dos seus contemporaneos e companheiros de luctas academicas em não ter sacrificado fortemente no altar do byronismo.

Teve sempre e desde então uma nota valentemente objectiva que o levava a extasiar-se diante de scenas naturaes e de factos da sociedade. O estylo n'elle teve tambem sempre certa individualidade, que o separava dos mais.

O poeta possue vigor e segurança de tintas; tem destreza e facilidade na mão. Sabe pintar. Taes são seus meritos. Exaggera-se muitas vezes, faz allegorias, torna-se visionario, entra no dominio das apparições. São seus deffeitos.

As poesias de José Bonifacio que pude colligir para o estudar são: *Um pé*, *Tu e eu*. *O retrato*, *Suprema Visio*. *Aspiração*, *A amante do poeta*, *Camões*. *Lendo Camões*, *O Corneta da Morte*, *Não e Sim*, *O Redivivo*,

O adeus de Gonzaga, *Primus inter pares*, *A caridade*, *Á margem da Corrente*, *Alvares de Azevedo*, e um soneto sem titulo que começa — *Os tristes olhos meus tão empregados*.

Alem d'estas, tenho mais diante de mim *Que importa? Gualuramo* e *Arvore Sêcca*, impressas na *Bibliotheca Braziteira*, e ainda *Rodrigues dos Santos*, *Saudades do Escravo*, *Calab r*, *Enlevo*, *Garibaldi*, *Teu nome*, *Prometheo*, *Saudade*, *Olinda*, e *O Tropeiro*. Ao total trinta peças. Julgo ser o sufficiente para conhecer o poeta.

O seu livrinho das *Rozas e Goivos* não o pude encontrar, por mais que o procurasse, falta que não creio ser demasiado sensivel.

Supponho terem ficado muitas outras composições, que devem parar em mãos dos parentes do auctor. Uma edição completa d'ellas torna-se urgente para a verdadeira comprehensão do poeta. Elle é um lyrico dos mais elegantes do Brazil.

Ouçamol-o; eis uma bella amostra de lyrismo, a poesia *O pé:*

« Adorem outros palpitantes seios,
Seios de neve pura;
De angelico sorrir meiga fragrancia,
Ou sobre collo de nevada garça,
Cahindo a medo em ondas aloiradas,
Bastos anneis de tranças perfumadas.

Adorem o coral do labio ingrato
Na alvura do alabastro,
A voz suave, o pallido reflexo
Da luz do céo em face de criança;
Ou sobre altar erguido á formosura,
Na fronte eburnea a morbida brancura.

Adorem outros de um airoso porte
Relevados contornos,
A magestade da belleza altiva,
O desdenhoso passo, o gesto ousado,
A descuidosa mão, que a trança alisa
Na tripode infernal a pythonisa.

Não, não quero paineis de tal encanto,
Tenho gostos humildes,
Amo espreitar a negligente perna,
Que mal se esconde nas rendadas saias,
Ou ver subindo o patamar da escada
Sem azas a voar um pé de fada!

Um pé, como eu já vi de tez mimosa,
De tez folha de rosa,
Leve, esguio, pequeno, carinhoso,
Apertado a gemer n'um sapatinho;
Um pé de matar gente e pizar flores,
Namorado da lua, e pae de amores!

Um pé, como eu já vi, subindo a escada
Da casa de um doutor;
Da moiçola gentil a erguida saia
Deixou-me ver a delicada perna!...
Padres, não me negueis, si estais em calma
Um coração no pé, na perna um'alma.

Um pé, como eu já vi, junto á ottomana,
Em fervido festim,
Tremendo de walsar, envergonhado
Sob a meia subtil, e a côr do pejo
Deixando fluctuar na veia azul,
Requebro, amor, feitiço,—um pé taful!

Poeta do amor e da saudade,
Depois de morto peço,
Em vez de cruz sobre a funerea pedra
A fórma de seu pé, foi o meu culto.
Quero sonhar o *resto* em quanto a lua
Chorosa e triste pelo céo fluctua... »

Eis o lyrismo delicioso d'America.

Portugal nada possúe que se lhe possa comparar: alli faltam absolutamente os dois elementos indispensaveis para uma odesinha d'estas: a necessaria *allure* no talento dos poetas e a pequenez mimosa dos pés nas bellas... Não me façam enforcar por causa d'isto; resignem-se.

Bonifacio de Andrada sentia o calor, a seiva, a impetuosidade dos sonhadores meridionaes. Eil-o, tirando o *Retrato* de sua amada:

« Incline o rosto um pouco... assim... ainda...
Arqueie o braço, a mão sobre a cintura;
Deixe fugir-lhe um riso á bocca pura
E a covinha animar da face linda!

Erga a ponta do pé... que graça infinda!
Quero nos olhos ver-lhe a formosura,
Feitiço azul de orvalho que fulgura,
Froco de luz suave que não finda!

Ha pouca luz... eu vejo-a... está sentada.
Passou-lhe a sombra de um cuidado agora
Na ruguinha da fronte jambeada!

Enfadou-se?... meu Deus, eil-a que chora
Pois cahiu-me o pincel; que mão ousada!
Pintar de noite o levantar da aurora!... »

São effusões nossas; alguma cousa de ethereo, mimoso, subtil, que suavemente embriaga ao modo dos aromas adormecedores do Oriente.

Coisas assim são possiveis ás margens do Tieté, do Capibaribe, do Parahyba; é uma poesia sahida da mesma fonte d'onde sahem os beija-flores, e as irisadas borboletas de nossas mattas.

Ouçamol-o ainda; falem as recordações:

«Tu e eu! que ventura e vida immensa!
Que lindo sol! que bella primavera!
Pudesse eu ver-te ainda! Oh! quem me dera
Tua alma remoçar e a minha crença!
Aquecer-me ao clarão esmorecido
Dessa restea de sol, meio sumido!

Mas os dias de outr'ora não volveram!
Mas é já tarde p'ra falar de amores!
Os nossos sonhos, nossas pobres flores
Em seu proprio jardim já feneceram!
Foi d'ancia de viver... não sei de que...
Decifra o mytho, e, si o não pódes, crê.

Inda te escuto a voz, inda á noitinha
Vejo tua sombra a perseguir-me os passos;
Inda em meu sonho, em placidos abraços,
Contemplo est'alma que me diz que és minha!
Mas da tarde á serena claridade
Quero chamar-te e chamo-te saudade!

N'outro tempo, meu Deus, não era assim,
Tudo então me falava só de amores:
A brisa, o orvalho, o ninho, o céo, as flores,
A natureza inteira, o mar sem fim!
Até cada rumor dos arvoredos
Era um ninho d'amor, — tinha segredos!

Em nossa vasta solidão sem termos
Não se ouvia do mundo um só respiro,
Tinhas tu em meu peito o teu retiro,
Eu em teu coração meus doces ermos!
Minha alma era tua alma repartida,
Duas vidas ligadas n'uma vida.

Oh! não viamos do mundo o vai-vem,
A festa, a luz, a dansa, as doudas falas;
Só viviam, meu Deus, naquellas salas
Tu e eu tão sómente e mais ninguem;
O meu teu ser, o teu meu sentimento,
Unidos coração e pensamento...

Mas á visão final a vista me arde...
Vi um altar... ouvi um juramento...
De tua doce voz o meigo accento
Murmurou-me um adeus... Era já tarde!
Ai! despertei do sonho em que vivi
Sem luz, sem sol, quero dizer, sem ti!»

Vê-se bem que não é o lyrismo pobre, sem fulgores de forma, e exhuberancias de sentimento dos máos poetas. Tambem não é a pieguice do lamartinismo affectado.

Teu nome é na mesma intuição:

«Teu nome foi um sonho do passado;
Foi um murmurio eterno em meus ouvidos;
Foi som de uma harpa que embalou-me a vida;
Foi um sorriso d'alma entre gemidos!

Teu nome foi um echo de soluços,
Entre as minhas canções, entre os meus prantos;
Foi tudo que eu amei, que eu resumia,
Dores, prazer, ventura, amor, encantos!

Escrevi-o nos troncos do arvoredo,
Nas alvas praias onde bate o mar;
Das estrellas fiz letras, soletrei-o
Por noite bella ao morbido luar!

Escrevi-o nos prados verdejantes
Com as folhas da rosa ou da açucena!
Oh! quantas vezes n'aza perfumada
Correu das brisas em manhan serena?!

Mas na estrella morreu, cahio nos troncos,
Nas praias se apagou, murchou nas flores;
Só guardada ficou-me aqui no peito
— Saudade ou maldição dos teu amores. »

N'essa mesma corrente de lyrismo pessoal e recordativo são os versos sob a denominação *Que importa?* N'elles ha um travor especial, uma nota de despeito e vingança, que merece ser apreciada.

A poesia em Pernambuco é citada como pertencendo ao grande galanteador Maciel Monteiro. É um engano em que tambem laborei por algum tempo. Eil-a:

« Podes sorrir-te embora! As flores murcham,
Mas não morre o perfume sobre o chão!
Que importa o riso sobre o labio ingrato,
Si inda, mulher, te bate o coração?!

Fada orgulhosa nos salões brilhantes
Vagas sem tino, no dansar louquejas;
E as pennas brancas da plumagem alva
Cahiram todas: n'um paúl doidejas!

Vale acaso essa vida de delirio,
Aquelles sonhos de paixão fervente,
Os quentes beijos, os abraços ternos,
E o céo tranquillo sobre a terra ardente?

Ai! que louca tu foste! As nossas festas
Tinham por luzes os clarões da lua;
Ainda hoje ás vezes, solitaria e bella,
Tua imagem triste no luar fluctua!

Não chorei... oh não! Lá quando um dia
Emmudecer o som da louca festa,
Essa historia de gozos infinitos
Hão de contar-te as brisas da floresta!

Teu pranto em fio pelas faces murchas
Ha de ser minha unica vingança;
Serás a estatua muda da saudade
No sepulcro deserto da esperança!...

Embalde o tentas... Minha imagem sempre
Como um remorso surgirá perdida!
Eu sou tua sombra, seguirei teu corpo!
Eu sou tua alma, seguirei tua vida!»

Quão distantes estamos do lyrismo de Magalhães! A lingua tem tomado mais flexibilidade, mais amplitude, mais sonoridade, mais tintas, mais ardores.

É preciso pôr termo ao que tinhamos de dizer sobre o poeta; não o podemos fazer sem dar ao menos uma qualquer amostra do estylo de Andrada no genero epico-lyrico.

Seja o *Redivivo*, consagrada á memoria de um dos

nossos heróes na campanha do Paraguay, essa famosa guerra que patenteou nossa coragem, nosso patriotismo, a unidade de sentir de nosso povo, a inveja de nossos visinhos e tanto incandesceu a imaginação de nossos poetas:

« Dorme o batalhador!... por que choral-o?
Armas em funeral!—silencio oh bravos!
Que a dôr não o desperte!
Tão só... tão grande... sobre a terra inerte!
A patria além... partido o coração...
Saudade immensa e immensa solidão!...

Não o despertem!—elle dorme agora
Embalado nos braços da metralha,
Ao trom da artilheria:
Por lençol—a bandeira: em terra fria
Tem por leito—os trophéos; por travesseiro
Tem o canhão no somno derradeiro!

Sorrindo adormeceu—a espada em punho!
A imaginar, sonhando, ouvir no espaço
O clarim da investida!
A' cabeceira—a morte agradecida;
—Aos pés—a gloria; e ao lado ajoelhada
—A patria, pobre mãi desventurada!

Segura as redeas do corcel sem dono
Formosura sinistra—olhar infindo!—
E' a deusa da guerra!
Mede os espaços, os confins da terra...
Quer despertal-o... treme... o passo é incerto...
Estende a mão e aponta p'ra o deserto!

Quando elle adormeceu, na mente insana
Homericas visões lhe appareceram !
Olhou fito o seu norte...
Eu sou a eternidade—disse á morte,
Do meu ginete o pé a terra abala,
Quando eu caminho—a viração nem fala !

E que eternas visões ! ?—na marcha ousada,
Para saudal-o os mortos levantavam-se,
Tocavam as cornetas,
As peças disparavam nas carretas,
E, ao cabo do caminho, a doce paz
Lhe preparava os arcos triumphaes !

Elle via, qual mar tempestuoso,
Ondas revoltas, umas apóz outras,
Da audaz cavallaria
As cargas, que a victoria presidia ;
E, galgando a galope a immensidade,
Dizia á morte :—eu sou a eternidade !

As montanhas se abatem, quando eu passo ;
O rio inclina o dorso e me saúda,
Si me apeio em caminho !
O meu cavallo é aguia, o céu é ninho ;
A fome, a peste, a chuva, em véus de fumo,
São meus soldados, guiam-me no rumo !

E que eternas visões—em vale immenso,
A narina incendida, o peito arfando,
O ginete parava !
Eis a voragem !... lá no fundo a lava
Que entornam os vulcões de artilharia,
E um exercito de mortos, que se erguia !

Depois nuvem de fogo... uns sons tremendos...
Um estalar de ossos... ais... mil pragas...
Uma orchestra infernal!
N'um mar de sangue e sol como fanal!
Os tambores rufando... armas quebradas...
Bandeiras rotas... retintim de espadas!

Um trovejar sem fim... um largo incendio...
Mas elle á frente, no corcel fitando
O infinito—seu norte,
Dizia á eternidade: eu sou a morte,
Meu cavallo é o destino, o céu mortalha,
Meu braço é raio, o coração muralha!

Ao vêr-me, tremulante as palmas dobra
A palmeira; estreitam-se os banhados;
O arroio nem transborda;
No firmamento azul o sol acorda!
Quem é, pergunta a noite á ventania,
Este archanjo de luz e poesia?

E' da floresta o rei, exclama o vento;
E' o espectro do sol, affirma a estrella;
Das aguas o senhor,
Murmura o rio um cantico de amor;
E a tempestade diz: meu cavalleiro,
Tens por corcel as azas do pampeiro!

E corre e corre... ao cabo da carreira
Immenso boqueirão... fosso sem bordas...
Tranca-lhe o espaço a cruz!

Em baixo a densa treva!... o cimo é luz!
Basta, lhe brada a voz da immensidade,
A morte foi teu guia á eternidade!

Armas em continencia!—é um morto vivo!
Eil-o que passa agora, erguido ao alto
No esquife da victoria!
O Brazil o saúda, e tu, Historia,
Um poema de luz de novo escreves!
Soldados, cortejae ANDRADE NEVES! »

Ha n'isto imaginação, movimento, vida, brilho.

Eu não gosto de receitas; odeio o mistér dos boticarios; para mim todos os generos poeticos são bons, uma vez que revelem talento.

Classicos, romanticos, realistas, parnasianos, condoreiros, socialistas, satanicos... todos me agradam, sob uma só condição: não serem mediocres.

Os versos de José Bonifacio revelam um talento, uma individualidade, fóra, muito fóra do commum.

Não o acho igualmente meritorio na sua qualidade de politico e de orador parlamentar.

Sei bem que justamente por esse lado é que elle foi reduzido a mytho. Contra semelhante falta de criterio protestei resolutamente nos *Ensaios de Critica Parlamentar*.

Resumo aqui o que então escrivi sobre Andrada a proposito de um seu celebre discurso da Camara dos Deputados em 1879, quando se discutiu a reforma da Constituição no sentido de se encartar n'ella o systema da eleição directa. É isto necessario para termos n'este livro a figura completa de José Bonifacio. Depois do poeta, o orador.

Ha alguma cousa mais perigoso do que atacar as opiniões de um homem que é ou se suppõe auctorisado: é atacal-as quando esse homem é applaudido por todos.

Ha, porém, por outro lado alguma cousa mais exdruxula do que repetir vulgaridades: é repetil-as com ar de quem vai desvendando novos horisontes á ideia humana...

Tal a posição de José Bonifacio ante os homens desapegados dos prejuizos correntes. Importa advertir: o celebre paulistano, que tivemos o prazer de escutar, não é para nós o que vulgarmente d'elle se diz, um grande pensador, addicionado ao mais perfeito dos oradores. Não; é simplesmente para nós, como para tantos outros, um poeta de merito, que errou o seu caminho.

Como poeta, esphera em que devia ter-se concentrado, poude elle escrever paginas animadas, quaes o *Primus inter pares* ou o *Redivivo.* Como orador, por mais que isto pareça estranho, pouco se eleva acima do nivel da vulgaridade e das amplificações estudadas. Não esbogalhe o leitor os olhos antes de nos ouvir.

Por certo não estamos mais na epoca em que qualquer homem verboso, tendo á mão algumas dezenas de phrases sonantes e de interjeições enthusiasticas, podia conquistar os fóros de grande orador.

Si para o romancista, e até para o poeta hodierno, requer-se mais profusa receita do que a que d'antes manipulava, que se dirá do orador, maxime do orador parlamentar?

Hoje, depois de tantas revoluções ensaguentadas para os povos e de tantas crises profundas para os pensadores, depois que os mais graves problemas philosophicos e sociaes passaram das surdas meditações dos sabios para a mente das massas populares, depois da evolução do socialismo, do naturalismo philosophico e das ideias positivas, o orador politico e social não é mais o agitador vulgar, o glosador de pobres vacuidades.

Deve ser o politico profundo, debaixo de cuja palavra vibrante encontre asylo a ideia do pensador; atraz do homem que fala e apaixona, ha de estar o

homem que medita e resolve. O que encerra, nós o perguntamos, de verdadeiramente extraordinario e admiravel o discurso encomiado? Deixando de lado por brevidade as questões de fórma, a parte esthetica da peça, o estylo do orador pesado e palavroso, apreciemos as ideias, as doctrinas do paulistano.

Antes de tudo, qual a philosophia social de José Bonifacio?

Este ultimo *representante do doctrinarismo andradico*, para repetir a justa palavra de Pereira Barreto um dos mais elevados espiritos brazileiros, é exactamente um *doctrinario romantico* á guiza de Benjamim Constant.

Dizel-o, é assignalar o enorme atraso do illustre conselheiro e lavrar a condemnação de seus ingenuos admiradores.

Seu discurso, depurado ao crysol da analyse e escoimado das phrases que obscurecem-lhe o pensamento, reduz-se a uma velha apologia á soberania popular, outra á eleição directa com o censo da constituição, ladeadas ambas de alguns errinhos de historia geral e historia do Brazil.

Depois da revolução de 89, esse phenomeno historico mal comprehendido, thema predilecto de todos os declamadores modernos, espalharam-se entre os povos filiados á raça e á civilisação latinas as extravagantes ideias de *soberania e inerrancia popular* de que o romantismo da Restauração apossou-se, jogando-as pelo mundo.

Pasto condimentado para os tribunos de todos os tempos, vieram ellas girando até a nossa terra e até aos nossos dias, produzindo na Europa muitas commoções inuteis e aqui o descredito dos partidos e o nosso actual atraso.

A soberania popular, já o dissemos uma vez, é al-

guma cousa de analogo ao *direito divino* dos reis e a *infallibilidade dos papas.* (1)

O conceito do povo como soberano, isto é, como podendo elle só dictar as leis ao Estado e á sociedade é um conceito metaphysico e vão. A direcção das ideias não parte do povo como massa inerte. Este lento officio pertence á sciencia em geral, representada por todos os seus operarios grandes ou pequenos, e si ella não pretende á inerrancia, como pretendel-o-ão as massas de que nos fala José Bonifacio?

O povo, no que elle tem de melhor e mais nobre, não precisa que para illudil-o lhe preguemos nos farrapos com que se cobre, no abatimento a que o temos deixado cair por nossas theorias falaciosas, algumas tiras bordadas de vã soberania... É chasqueal-o, depois de exhauril-o.

O povo póde e deve intervir na direcção dos seus destinos: para isto basta o seu *direito á liberdade e ao progresso*. Elle tem jus ao melhoramento e á cultura e tanto basta para justificar que lance máos olhos para os governos que lh'os negam, e que n'um dia de desespero os atire por terra. Para tanto não precisa *agaloar-se* como soberano, pela mesma forma que um homem de estudo não tem mister de empunhar o baculo da *infallibilidade* para demonstrar um facto ou estabelecer uma theoria. O caso é o mesmo.

A ideia da soberania popular, transformada por Guizot em *soberania da razão*, não tem o fundamento da sciencia, a sancção da historia, nem faz a felicidade das nações.

Não tem o fundamento da sciencia; pois que todos

---

(1) Nos — *Estudos sobre a Poesia Popular Brazileira;* cap, I.

sabem, excepto os declamadores, que esta banio do horisonte humano todas as noções abstrusas e de impossivel verificação pratica, fazendo a devida justiça aos preconceitos transcendentaes.

Não tem a sancção dos factos; porque a historia, a despeito das theorias aereas, mostra-nos o povo sempre opprimido, subjugado, conquistando dia por dia, passo a passo, a sua emancipação pela industria, pelas artes, pela sciencia, em nome de seu trabalho, e não em nome de um predicado que lhe não assiste. A soberania não é, nunca foi um facto positivo, um facto adquirido; mas um simples anhélo despido de senso.

Não faz a felicidade das nações; porque aquellas que, como a França e a Hespanha, tanto a têm proclamado, hão sido a preza da anarchia, para passar depois ás fauces do despotismo.

E' inutil apontar os factos de hontem, que estão no conhecimento de todos. Foi em nome d'esta soberania que Luiz Philippe crêou o *censo elevado* e formou o *paiz legal*, o reinado dos burguezes chatos e intolerantes. Foi ainda em seu nome que o segundo imperio conservou o suffragio universal, servindo, cruel ironia!... para justificação do mais pretencioso e rediculo governo dos ultimos tempos.

E é com estas vacuidades metaphysicas, como diria Strauss. que José Bonifacio de Andrada quer regenerar este paiz e abrir-nos a estrada larga do futuro!...

Cuidado! A soberania, em logar da actividade e do trabalho livre, ás vezes traz um Luiz Bonaparte e este quasi sempre entre as nevoas de seus desatinos deixa lobrigar ao longe Sédan...

A politica é uma sciencia pratica e complexa que não prescinde do conhecimento do meio social. Isto nos faz lembrar o que entre nós se diz e se espera da eleição directa, encomiada por José Bonifacio.

A infantilidades de um individuo são faceis de des-

culpar, si elle não tem por si a lição da experiencia; as ingenuidades porém de um povo de quatrocentos annos de existencia, a que se podem addicionar mais tres seculos empregados por seus maiores em conquistar e firmar a propria autonomia, não devem passar sem reparo.

A sociedade brazileira acordou um dia sobresaltada e sentiu-se doente. Queixava-se de falta de liberdade politica e de muitos males sociaes; queixava-se de poucas rendas para o seu commercio e sua agricultura.

Urge um remedio para tanto soffrimento, bradaram todos, e todos apontaram para a panacéa da *eleição directa*.

Todos, conservadores e liberaes, chefes e vice-chefes, os aristocratas e o vulgacho, enamoram-se da eleição directa... É summamente burlesco.

Não comprehendem os ingenuos que os males de uma nação, fundos, palpitantes como as suas proprias entranhas, velhos, chronicos, callosos como a estupidez de um buschiman, não se extirpam de momento e por meio de uma medida que só affecta a superficie, a tona de nossos desconchavos.

Pois como? Uma simples mudança no modo pratico de eleger algumas duzias de palradores, nos ha de trazer a éra das prosperidades!

Não! Só o trabalho lento de algumas gerações e estas bem inspiradas de seus deveres, um serviço gradual e paulatino, oomeçando pela reforma de nossa intuição atrazadissima do mundo, nos poderá salvar. Atirar á face de um povo que se confessa desanimado e cachetico a futilidade da eleição directa, como o meio unico de salvação é dolorosamente irrisorio; é como atirar em cima de um homem chagado uma porção de brazas.

Que vem fazer a eleição directa?

Sanccionar todos os nossos erros e loucuras, e depois a que hão de recorrer os reformadores que des-

curam do sério das questões para apegarem-se ás apparencias?

Nós tambem somos partidarios da eleição directa, não porque a julguemos a suprema ventura, mas porque é menos ruinosa um pouco que a indirecta.

Opinamos, porém, e comnosco todos os homens desprendidos das peias partidarias, que ella só por si e sem ser secundada por uma serie complexa de reformas, que tragam uma total mudança em nossa decrepita educação nacional, para nada vale, de nada presta.

Foi com a eleição directa que Guizot deitou por terra a monarchia de Julho; foi com ella que aquelle notavel homem de estado ia suffocando as liberdades francezas. (1)

Mas citemos José Bonifacio que o leitor tem pressa de o ouvir.

« A constituição do imperio, disse elle, assenta sobre tres principios: soberania universal, unidade da soberania organisada e equilibrio do mandato... »

O orador unge o seu doctrinarismo com o oleo sancto do mysticismo.

Alli está o numero tres, o numero typico das lendas e mythos populares, a triada infallivel: *soberania universal, unidade da soberania organisada e equilibrio do mandato!*... Tres palavrões vasios, *inania verba*, com que temos formado algumas gerações perigosas de terriveis bachareis!

Parece que estamos ouvindo uma das gentilissimas prelecções do supposto *direito publico* ensinado em nossas faculdades juridicas.

---

(1) Nós proprios já temos a experiencia; as camaras produzidas pela eleição directa são talvez as mais infecundas e estolidas que se tem visto no Brazil.

Ainda gastamos o tempo em articular despropositos nebulosos, aereos, metaphysicos e nullos. *Unidade da soberania organisada*... que quer isto dizer?

A velha prosa franceza de Constant só sabe excitar o riso.

Si José Bonifacio tivesse lido os trabalhos sociologicos ou juridicos de um Spencer ou de um Gneist, veria que lá não se encontram, em logar de factos e demonstrações, taes e tantas vaporosas logomachias.

Disse ainda o orador:

« Qual é, em suprema e ultima analyse, a garantia da unidade e divisão da soberania? A garantia d'esta unidade e divisão é ainda a mesma soberania nacional. »

Esta ultima e seus dois appendices, conforme o orador, são a base da constituição; mas logo exclama que a garantia do segundo, isto é, da *unidade da soberania organisada*, é a mesma soberania!...

Vão jogo de palavras e nada mais.

D'est'arte aquelle pretendido phantasma é base e é cupola, é tudo justamente porque nada é...

Acabemos de uma vez com isto, e deem os deputados e senadores o exemplo de discutir questões sérias, com argumentos sérios e proveitosos.

Á vista de tanta inanidade, quasi que somos levados a dizer que não existe systema algum de eleições que nos possa garantir uma bôa representação, não tanto por intervir o poder, como vulgarmente se propala, no pleito das urnas, como pela falta de pessoal habilitado em que se possa votar.

De facto, o Brazil não conta ainda muitas dezenas de individuos que possam imprimir uma direcção larga e profunda á nossa vida publica, desviando o curso de nossos prejuizos.

O amavel orador é partidario do suffragio universal directo, e, como o não pode ver applicado no Brazil, contenta-se com o suffragio directo limitado com o censo da constituição.

Repelle as duas condições do projecto do governo impostas aos futuros votantes: a renda de 400$000, e o saber ler e escrever. Acha que exigir essa quantia de renda é muito, porque a capacidade não se marca pelo dinheiro. De accôrdo. Para nós é indifferente que o votante futuro produza cem, duzentos ou trezentos *alqueires*. A renda maior ou menor pouco importa, si tivermos outras garantias para uma bôa escolha.

Ouçamol-o:

« Duas são as condições do direito do voto: a vontade e o discernimento. O discernimento, porém, não depende nem de saber ler e escrever, nem da sciencia, nem da instrucção... »

Deixando de parte a vontade, cuja intervenção era escusado lembrar, porque ou ella é bem ou mal applicada; si bem, não é tanto uma condição, como uma necessidade, si mal, nada produz; deixando de lado a vontade, dizemos, quanto ao discernimento, sem ao menos saber ler e escrever, não é tanto sem contestação o que pensa o illustre conselheiro.

Diz que, si vingar o projecto, teremos desenove vigesimas partes da população sendo governadas por uma vigesima parte.

E que é que tem sempre acontecido aqui e por todo algures? Isto mesmo.

Nos proprios paizes onde o suffragio universal é mais lato e radicado é uma chimera suppor que todo o povo concorre ás urnas e ainda mais que todo elle toma parte no governo.

Demais, na hypothese contraria ao projecto, e que Bonifacio de Andrada advoga, teremos um resultado, tambem pouco satisfactorio, isto é, as massas incultas governando os cidadãos que têm luzes.

Como sahir da difficuldade?

Eis o ponto a que chegam as reformas da superficie, quando não se penetra no amago podre de nossos erros que pedem remedio.

Porque, desde muito, não promoveram, por todos os meios possiveis, a instrucção do povo? Eis o grande problema, sem cuja solução tudo o mais é edificar sobre areia.

Os errinhos de historia commettidos pelo orador, e de que falamos, não consistem tanto no modo de narrar os factos, como na maneira de os apreciar.

Aquelles successos da Grecia e Roma que lembrou para fundamentar a soberania popular e o direito das massas ao voto politico, são devaneios de poeta.

O *forum* romano e o *agora* atheniense não são similes que nos aproveitem a nós, pobres epigonos modernos do Brazil.

Outros impulsos e outras leis regeram o desenvolvimento das civilisações antigas. No que disse de nossas luctas da Independencia, com a intenção manifesta de justificar os velhos Andradas, de que a principio a revolução não tinha um alcance separatista, o novo philosopho da historia brazileira illudiu-se bellamente.

Tres factos concorrem para proval-o: *a)* a lei geral organica das sociedades que tendem a desaggregar-se das metropoles, em chegando aquellas a certo gráu de desenvolvimento: *b)* os proprios antecedentes dados aqui no Brazil; *c)* os resultados finaes da revolução.

O primeiro facto tem sua justificação em toda a historia da America. Antes do Brazil, já as colonias inglezas haviam na mór parte sacudido o jugo e o mesmo tinham feito algumas hespanholas.

O segundo é tambem realissimo: as tentativas da

Inconfidencia e de 1817, sem falar n'outras, são caracteristicas n'este sentido. A corrente geral era pela separação, que veiu a verificar-se, e não para creâr a grande monarchia de que só alguns ambiciosos ou mediocres da época se poderiam lembrar.

A opinião não separatista era em minoria e foi levada de vencida pela vontade da nação, dirigida pelas leis naturalisticas da historia.

O sonho do velho Andrada foi um deliquio passageiro, que felizmente não se contaminou, si é que realmente elle o teve. Pouco importa que isto pareça a alguns menoscabar da geração de heróes da independencia.

Nós que não acreditamos na *divinisação dos heróes*, porque sabemos que a evolução social é lenta, entrando n'ella cumulativamente o trabalho de todos, temos um outro modo de explicar os successos de 1822.

Para concluir:

José Bonifacio não foi um homem sem merecimento em geral; na poesia teve valor; na politica foi muito mediocre.

Ultimamente nada de fecundo e vasto podia mais nos prestar. Sua intuição estava atrazada, e a nova geração nacional, onde contam-se alguns espiritos ousados e resolutos, tinha-lhe passado bem adiante.

O conselheiro já nos ficava pelas costas, ainda que supposesse que nos estava apontando para o futuro. O seu doctrinarismo era esteril e prejudicial hoje. Elle não se achava mais na edade em que se podem renegar certos erros e sonhos, e adquirir uma nova philosophia social.

Ainda habitava a região das scismas douradas do romantismo.

Isto hoje podia parecer bello; mas nada tinha de prestavel. Oxalá pudesse elle pôr ao serviço de outra causa, agora mais urgente e util, o seu vistoso talento.

Mas não; o conselheiro era ainda o sonhador que explicvaa a politica por *antitheses*, e para quem o governo

de um paiz apparecia como uma entidade quasi sobre-humana e supranatural, « *uma montanha sagrada de oraculos divinos e de vertigens propheticas* », velha phrase mystica que nós outros não ouvimos hoje sem algum rubor... (1)

LAURINDO JOSÉ DA SILVA RABELLO (1826-1864). Foi um dos talentos poeticos mais valentes da phase media de nosso romantismo.

E', talvez, o espirito menos devidamente aquilatado de nossa vida litteraria, onde deveria sempre ter occupado o primeiro plano.

E' n'este livro incluido na terceira phase da romantica, por um simples motivo de methodo, não que elle devesse nada a Alvares de Azevedo ou a qualquer outro do tempo.

Laurindo, que foi o talento mais espontaneo que tem existido no Brazil, em 1844, aos desoito annos, já era poeta, qual sempre se mostrou, quando Azevedo era ainda um menino de treze annos, que principiava os preparatorios.

Norberto Silva o filia na escola de Magalhães. E' um tremendo absurdo. Magalhães era quinze annos mais velho e começou antes; porem jámais existiram dois temperamentos tão diametralmente oppostos.

Laurindo era um talento intuitivo, espontaneo, natural, dotado de todas as qualidades brilhantes da intelligencia; era um *causeur* inesgotavel, um orador torrencial, um humorista perpetuo, um repentista sempre lesto, addicionado de um singular talento lyrico.

Era um homem do povo, um espirito inquieto e ambulante, um homem das ruas, das festas, a mais acabada personificação de uma classe de indoles litterarias que já têm desapparecido de todo.

---

(1) Cf. *Ensaios de Critica Parlamentar*, Rio de Janeiro, 1883; pag. 17 e seguintes, artigo do autor sobre José Bonifacio.

Que tem que ver com tudo isto Magalhães? Absolutamente nada.

Não antecipemos factos e ideias; comecemos pelo principio — a biographia do poeta; porque este a teve n'um tecido de soffrimentos.

As condições de seu viver e sua origem explicam n'elle perfeitamente a singular juncção do lyrismo elegiaco e da satyra.

Nasceu elle no Rio de Janeiro de pais pauperrimos, de baixa classe, isto é, de mestiços escuros em cujas veias corria, alem de tudo, o sangue cigano. Não é embalde que se descende de uma raça ha tres seculos escravisada e da raça nomada, abatida e ossificadamente triste dos ciganos, esse singular problema ethnographico.

O longo e tenebroso patrimonio de lagrimas, penetrando todo o ser pensante e emocional, se lhe transmitte por hereditariedade e vae accentuar-lhe a physionomia com os traços indeleveis do soffrimento.

Juntae agora a tudo isto a indigencia absoluta dos pais, a quem todo o trabalho era roubado pela atroz concurrencia feita pelos estranhos ao proletario nacional; juntae as scenas de desolação que cercaram a primeira infancia do poeta; addicionae-lhe por cima as peripecias terriveis que o assaltaram durante a attribulada existencia, tudo isso n'uma intelligencia de *élite*, e comprehendereis Laurindo Rabello.

Elle veio ao mundo em 1826. Seu aprendizado das primeiras letras foi feito entre innumeras difficuldades.

Ainda na primeira mocidade foi assaltado pelo assassinato de seu pai. Conseguindo no meio de grandes embaraços entrar para o Seminario de S. José, onde chegou a receber ordens menores, teve de abandonar a carreira ecclesiastica, por intrigas que lhe moveram padres influentes d'aquelle tempo, invejosos do seu talento oratorio, que os iria a todos eclipsar.

Tentou, então, a carreira das armas, matriculando-se

na Escola militar, que teve de deixar, por haver escripto umas satyras contra o director.

Matriculou-se na Escola de medicina do Rio de Janeiro.

Por esse tempo, baldo inteiramente de recursos, passou pela provação de vêr louca a irmã, por lhe haver fallecido o noivo.

Deixou a escola medica, por completa falta de meios. Encontrou, porém, a mão caridosa do Dr. Salustiano Vieira Souto, que o levou para a Bahia, em cuja academia matriculou-se.

Depois de ahi estar, e ter passado por crudelissima enfermidade, chegou-lhe a noticia do fallecimento da irmã. Mais tarde um pouco morreu-lhe a mãi, ficando-lhe a familia reduzida a um só irmão.

Para cumulo de infortunios, este teve fim desastroso, succumbindo assassinado barbaramente.

O leitor me relevará entrar n'estas minudencias. São necessarias para a inteira comprehensão da indole do poeta; mostram-nos como elle foi feito pela natureza e pelos acontecimentos; indicam-nos especialmente a razão occulta d'aquella melancolia, d'aquelle tom elegiaco ante o qual as tristezas de Azevedo, Lessa, Bernardo e Andrada, são brinquedos de criança.

Laurindo teve a melancolia negra, proxima da loucura, que o não assaltou pela elasticidade pasmosa de seu temperamento.

D'ahi esse duplo estado de depressão que se exhalava em suspiros e de arrebatamento que se traduzia em satyras. Conheceu tambem o terreno intermedio das facecias e das pilherias.

Formado, a fortuna não lhe sorriu.

Estabelecido no Rio de Janeiro, não achou clinica; teve de seguir como medico do exercito para o Rio Grande do Sul. Voltando á Côrte, mais tarde seguiu o mesmo destino até 1862, quando deram-lhe um lugar

de professor no curso annexo á Escola militar d'esta capital.

Pouco aproveitou d'essa ultima posição, pois falleceu em principios de 1864 aos trinta e oito annos de idade.

Laurindo era um d'esses talentos de acção directa e pessoal, que mais se apreciam pelo contacto immediato.

As intelligencias d'esta casta são essencialmente perdularias e descuidosas; produzem todos os dias aos fragmentos, desbaratando as proprias forças; é gente que não se concentra para edificar alguma cousa que persista.

Em palestras, discussões oraes, discursos de occasião, improvisos poeticos malbaratou Laurindo as suas faculdades.

Tinha seu cenaculo constante onde se distinguiam homens como Castro Lopes, Pires Ferrão, Eduardo de Sá, Ferreira Pinto e sobre todos Constantino Gomes de Souza, tão infeliz como elle.

De passagem, devo aqui notar que a gente cá do Rio, em tratando dos amigos que cercavam o poeta fluminense, occultam sempre o nome de Constantino de Souza, o mais illustre de todos!...

É que o pobre e sisudo moço era um simples provinciano, tinha o crime de haver nascido em Sergipe e não adulava os prepotentes do dia... É castigado por isso (1)

Laurindo, alem de dissipar o seu talento, não teve cuidado em salvar o que escreveu, nem de reunir o que publicou pelos jornaes; por isso se perderam d'elle

---

(1) Vide nas *Obras Poeticas* de Laurindo o estudo preliminar por Norberto Silva. Não fala em Constantino!!...

poemas e dramas e correm anonymas pelas gazetas muitas producções suas.

Estamos reduzidos para o julgar ao pequeno volume de poesias editado por B. L. Garnier em 1876 e alguns outros trabalhos *aliunde* colhidos.

Quanto á parte inedita de sua acção sobre quantos o conheceram, tenho interrogado directamente a tradição.

Mais de vinte pessoas intelligentes, illustradas e insuspeitas tenho interrogado sobre Laurindo. Feliz ente! Nunca ouvi gabar tanto um morto, um pobre diabo, que não deixou descendentes. Esse testemunho colhido da tradição quero eu aqui depol-o em honra ao genial poeta.

Todos me falam d'elle commovidos, assombrados por tão descommunal intelligencia, sempre lesta, sempre prompta, espontanea; aligera, posta em provas continuamente na conversação, na oratoria, em discussões de todo o genero, em toda a casta de improvisos poeticos em todos os estylos, serios, satyricos, humoristicos, galhofeiros ou até pornographicos.

Era uma inundação perenne de força e graça, um desperdicio de calor e seiva. O mais adoravel dos bohemios ladeado de peregrino talento e de bondosa alma.

Do *causeur* e do orador não resta mais nada além do testemunho dos contemporaneos. Do repentista quasi tudo se perdeu.

No improviso poetico elle não excedia a Moniz Barreto; ultrapassava-o na palestra e immensamente na oratoria: pois é preciso que se saiba que o repentista bahiano não possuia o dom da palavra. O fluminense o sobrepujava tambem na satyra e no talento lyrico.

Tal a razão pela qual os versos meditados de Moniz Barreto são fracos, ao passo que de Laurindo restam-nos algumas poesias que entram afoitamente no numero das mais bellas que se tem escripto na America.

N'este numero se contam: *O que são meus versos*, *O meu segredo*, *O genio e a morte*, *A linguagem dos tristes*, *A' morte de José de Assis*, *Sobre o tumulo de Labatut*, *Adeus ao mundo*, *A minha vida*, *Amor e lagrimas*, *Saudade branca*, *A' Bahia*. *Amor perfeito*, *Dous impossiveis*, *Não posso mais*.

Laurindo é um lyrico. Seu lyrismo teve duas manifestações principaes: uma elegiaca, inspirada pela tristeza incuravel de sua raça e de sua vida social; outra satyrica, insuflada pela ironia, manifestando-se severa ou galhofeiramente. Esta ultima parte anda quasi toda inedita. Não tenho lazeres para procural-a. Conheço-a, todavia, até certo ponto. Da outra manifestação, a elegia, temos boas amostras no volume a que me hei referido.

Na poesia do nosso soffredor os predicados principaes são: simplicidade e clareza de forma, verdade de sentimentos, riqueza de ideias, formando o todo um estylo pessoal, alguma cousa, que o separa dos outros cantores do tempo.

Comecemos pelo que o poeta nos deixou de mais ligeiro, de mais singelo.

Eis as suas sensações e impressões diante um *amor-perfeito*:

« Sêccou-se a rosa... era rosa;
Flôr tão fraca e melindrosa,
Muito não póde durar.
Exposta a tantos calores,
Embora fossem de amores,
Cedo devia seccar.

Porem tu, amor-perfeito,
Tu, nascido, tu affeito
Aos incendios que amor tem,
Tu que abrasas, tu que inflammas,
Tu que vegetas nas chammas,
Porque seccaste tambem ?

Ah! bem sei. De accesas fragoas
As chammas são tuas agoas,
O fogo é agoa de amor.
Como as rosas se murcharam,
Porque as agoas lhe faltaram,
Sem fogo murchaste, flôr.

E' assim, que bem florente
Eras, quando o fogo ardente
De uns olhos que raios são,
Em breve, mas doce praso,
Te orvalhou n'aquelle vaso,
Que já foi meu coração...

Seccaste, porque esse pranto
Que chorei, que choro ha tanto,
De todo o fogo apagou.
Triste, sem fogo, sem fragoa
Seccaste, como sem agoa,
A triste rosa seccou.

Que olhos foram aquelles!
Quando eu mais fiava d'elles
Meu presente e meu porvir,
Faziam crueis ensaios
Para matar-me... Eram raios,
Tinham por fim destruir.

Destruiram-me: comtudo
Perdôo o pezar agudo,
Perdôo a pungente a dôr
Que soffri nos meus tormentos,
Pelos felizes momentos
Que me deram n'esta flôr...

Ai! querido amor-perfeito!
Como vivi satisfeito,
Quando te vi florescer!
Ai! não houve creatura
No prazer e na ventura
Que me pudesse exceder.

Ai! sêcca flôr, de bom grado,
Si tanto pedisse o fado,
Quizera sacrificar
Liberdade e pensamento,
Sangue, vida, movimento,
Luz, olfato, sons e ar;

Só para vêr-te florente,
Como quando o fogo ardente,
De uns olhos que raios são,
Em breve mais doce praso,
Te orvalhou n'aquelle vaso,
Que já foi meu coração... » (1)

A apreciação das sensações e emoções do poeta n'estes rapidos versos nos mostra um ser ardente, um coração abrasado pela desdita e pelo amor.

Laurindo veio a fallecer atacado n'este orgão central da vida. O coração matou-o; não foi a tuberculose, como falsamente alguns pensaram. Sabemos bem d'isto.

O poeta inflammava-se e vegetava nas chammas, segundo sua expressão. Esse eretismo de toda a sua organisação extravasava-se em sua continua ebulição mental.

O abalo intimo, o estremecer constante de sua vida

(1) *Obras Poeticas*, pag. 162.

psychica torturou-o sempre. Elle mesmo pintou esse estado de espirito na poesia *O meu Segredo*, que é uma verdadeira auto-biographia, e nos *Dois Impossiveis*, que são uma bella pagina de psychologia.

Ouçamos esta ultima:

« Jámais! Quando a razão e o sentimento
Disputam-se o dominio da vontade,
Si uma nobre altivez nos alimenta,
Não se perde de todo a liberdade.

A lucta é forte: o coração succumbe
Quasi nas ancias do luctar terrivel;
A paixão o devora quasi inteiro,
Devoral-o de todo é impossivel!

Jámais! A chamma crepitante lastra,
Em curso impetuoso se propaga,
Lancem-lhe embora prantos sobre prantos,
E' inutil, que o fogo não se apaga.

Mas chega um ponto em que lhe acena o impeto
Em que não queima já, mas martyrisa,
Em que tristeza branda e não loucura
A' razão se sujeita e harmonisa.

E' n'esse ponto de indizivel tempo
Onde, por mysterioso encantamento,
O sentir a razão vencer não pode,
Nem a razão vencer o sentimento.

No fundo de noss'alma um espectaculo
Se levanta de triste magestade,
Si de um lado a razão seu facho accende,
De outro os lyrios seus planta a saudade...

Melancolica paz domina o sitio,
Só da razão o facho bruxoleia
Quando por entre os lyrios da saudade
Do zêlo semi-morto a serpe ondeia !

Dois limites então na actividade
Conhece o ser pensante, o ser sensivel :
Um impossivel—a razão escreve,
Escreve o sentimento—outro impossivel !

Amei-te ! Os meus extremos compensaste
Com tanta ingratidão, tanta dureza,
Que assim como adorar-te foi loucura,
Mais extremos te dar fôra baixeza...

Minh'alma nos seus brios offendida,
De prompto a seus extremos poz remate,
Que mesmo apaixonada uma alma nobre
Desespera-se, morre, não se abate.

Pode queixar-se inteira a f'licidade
De teu olhar de fogo inextinguivel,
Acabar minha crença, meu futuro...
Aviltar-me ! jámais ! E' impossivel !

Mas a razão, que salva da baixeza
O coração depois de idolatrar-te,
Me anima a abandonar-te, a não querer-te,
Mas a esquecer-te, não, sempre hei de amar-te !...

Porém amar-te d'esse amor latente,
Raio de luz celeste e sempre puro,
Que tem no seu passado o seu presente,
E tem no seu presente o seu futuro.

Tão livre, tão despido de interesse,
Que para nunca abandonar seu posto,
Para nunca esquecer te, nem precisa
Beber, te vendo, vida no teu rosto.

Que, desprezando altivo quantas graças,
No teu semblante, no teu porte via,
Adora respeitoso aquella imagem
Que d'elles copiou na phantasia... »

Vê-se que o poeta era d'esses espiritos reflexivos, que se voltam sobre si mesmos, que padecem, e se analysam no meio de suas luctas.

Era tambem altivo; mas era sincero; fugia, sumia-se e não esquecia, nem deixava de amar, como elle mesmo disse.

Claro se mostra que Laurindo não tocava instrumento, não era *virtuose*; sua poesia não era rhetorica e cheia de phrases, era a expressão natural de seus affectos.

Note o leitor que vamos n'uma verdadeira gradação. Já vislumbramos n'alma do poeta suas ternuras diante de uma flor dada por sua amante; já entre os seus segredos sorprendemos a lucta funda que travou para vencer uma paixão ingratamente retribuida...

Um passo mais e vel-o-êmos prantear loucamente diante das saudades que lhe arrancou a lembrança de sua irman.

Não insistirei n'este ponto, porque já toquei n'elle quando falei de Araujo Vianna, marquez de Sapucahy. (1)

Estamos em plena elegia. Um passo mais, e em *Meu Segredo*, na *Linguagem dos Tristes* e vinte outras poesias, veremos o soffredor fluminense, o pobre mestiço

---

(1) Vide a pag. 458 d'este livro.

proletario diante de seu viver, diante de seu destino. A elegia então geme e dóe ouvil-a.

Não ha artificio; a simplicidade da linguagem deixa vasarem-se atravez de seus poros as exhalações de uma alma dilacerada. Elle teve bem razão de assim dizer em — *O que são meus versos*:

«Si é vate quem accesa a phantasia
Tem de divina luz na chamma eterna;
Si é vate quem do mundo o movimento
C'o movimento das canções governa;

Si é vate quem tem n'alma sempre abertas
Doces, limpidas fontes de ternura,
Veládas por amor, onde se miram
As faces de querida formosura;

Si é vate quem dos povos, quando fala,
As paixões vivifica, excita o pasmo,
E da gloria recebe sobre a arena
As palmas que lhe off'rece o enthusiasmo;

Eu triste, cujo fraco pensamento
Do desgosto gelou fatal quebranto;
Que, de tanto gemer desfallecido,
Nem sequer movo os echos com meu canto;

Eu triste, que só tenho abertas n'alma
Envenenadas fontes de agonia,
Malditas por amor, a quem nem sombra
De amiga formosura o céo confia;

Eu triste, que, des homens desprezado,
Só entregue a meu mal, quasi em delirio,
Actor no palco estreito da desgraça,
Só espero a corôa do martyrio;

Vate não sou, mortaes; bem o conheço;
Meus versos, pela dôr só inspirados, —
Nem são versos, — menti, — são ais sentidos,
A's vezes, sem querer, d'alma exhalados;

São fel que o coração verte em golfadas,
Por continuas angustias comprimido;
São pedaços das nuvens, que m'encobrem
Do horisonte da vida o sol querido;

São anneis da cadeia que arrojou-me
Aos pulsos a desgraça, impia, sanhuda;
São gotas do veneno corrosivo,
Que em pranto pelos olhos me transuda.

Sêcca de fé, minha alma os lança ao mundo,
Do caminho que levam descuidada,
Qual, ludibrio do vento, as sêccas folhas
Sólta a esmo no ar planta mirrada... »

Este podia assim falar; podia chorar sem rebuço, sem se tornar ridiculo; tinha para isto o privilegio dos soffrimentos de uma vida flagellada. Era uma alma de tempera. Podia tambem rir; porque só o havia de fazer quando a effusão era bastante forte para mandar a gargalhada brotar através das magoas.

Laurindo não era uma natureza unitaria, de uma só faceta, uma d'essas organisações simples, que tomam a direcção que lhes imprime o curso dos acontecimentos.

Um entesinho d'esses, si as cousas lhe correm bem e elle possue certa habilidade litteraria, atira-se aos versinhos faceis, e tambem ao pagode, á crapula, á sucia, e vae engrossar a cohorte dos peraltas e bohemios letrados.

Temos então a frivolidade galante dos cafés e bote-

quins. Os versos que fazem, os folhetins que escrevem, parecem-se com as gravatinhas listradas, as bengalinhas leves que conduzem. É uma casta de gente bem conhecida.

Si, porem, as cousas não correram bem, as difficuldades sérias surgiram de fauces abertas, então o entesinho desequilibra-se de todo, estiola-se, murcha, inutilisa-se. Vae para o tumulo ou para o hospicio.

Nosso poeta não era d'essa qualidade de gente.

Foi do numero d'aquelles homens ousados que naufragam; mas nadam sempre para as costas e vão surgir adiante com as mãos dilaceradas, nús, famintos, e sempre energicos e cheios de esperança.

Foi do numero d'esses que respondiam ao infortunio com a ironia, ao desespero com a gargalhada.

Era batido; porem não se deixava prender; era vencido, mas não se rendia.

Forte casta de homens que batem-se como heróes, choram como leões e riem como gigantes. Esses sahem fóra da medida commum. Foi por isso que Laurindo por onde passou interessou a todos com as scintilações de seu espirito, de suas satyras, de suas pilherias.

A Bahia e Porto Alegre ainda hoje lembram-se de seus chistosos ditos e de suas singularidades; o Rio de Janeiro rio-se durante vinte annos pelo diapasão do seu riso franco e sonoro.

Era a gargalhada ironica e profunda do pariá, do mestiço, do cigano, do proletario n'uma patria ingrata explorada pela cubiça de uma burguezia d'estranhos e pela ganancia de politicos relapsos.

Grande porção da obra do poeta, por esta face particularissima de seu talento, perdeu-se porque foi oral. Outra porção d'ella existe impressa e esparsa por ahi algures.

Na *Marmota*, no *Sino dos Barbadinhos*, na *Voz da juventude* e n'outras publicações da epoca póde-se joeirar muita cousa no alludido sentido.

Não tenho agora tempo de o fazer e indico o trilho a investigadores futuros, que desejem estudar a fundo o escriptor.

Existem tambem por ahi ineditas em copias que algumas pessoas possuem muitas composições de pura pornographia muito superiores pelo chiste ás producções do genero attribuidas a Bocage.

Antes de dizer algumas palavras finaes sobre o talento do repentista e do poeta facêto, demos um passo mais na senda da elegia.

O poeta estava na Bahia, fazendo o curso medico; alli não tinha ainda escripto a *Saudade Branca*, dedicada á memoria de sua irman, quando cahiu gravemente enfermo. Esteve ás portas da morte. Convencido absolutamente que ia morrer, escreveu o *Adeus ao mundo*.

Todos os encantos da natureza e da sociedade lhe apparecem para receber-lhe o adeus da ultima despedida.

Quem já uma vez perdeu entes queridos, porções d'alma que se foram, leia; é pungente:

« Já do batel da vida
Sinto tomar-me o leme a mão da morte:
E perto avisto o porto
Immenso nebuloso, e sempre noite,
Chamado — Eternidade!
Como é tão bello o sol! Quantas grinaldas
Não tem de mais a aurora!!
Como requinta o brilho a luz dos astros!
Como são recendentes os aromas
Que se exhalam das flôres! Que harmonia
Não se desfructa no cantar das aves,
No embater do mar, e das cascatas,
No susurrar dos limpidos ribeiros,
Na natureza inteira, quando os olhos
Do moribundo, quasi extinctos, bebem
Seus ultimos encantos!

Quando eu guardava, ao menos na esperança,
Para o dia seguinte o sol de um dia,
De uma noite o luar para outras noites;
Quando durar contava mais que um prado,
Mais que o mar, que a cascata erguer meu canto,
E murmural-o n'um jardim de amores;
Quando julgava a natureza minha,
Desdenhava os seus dons: eil-a vingada:
Cedo de vermes rojarei ludibrio,
E vida alardearão fracos arbustos
Sobre meu lar de morto! A noite, o dia,
O inverno, o verão, a primavera,
A aurora, a tarde, as nuvens, e as estrellas,
A rir-se passarão sobre meus ossos!
Não importa: Não é perder o mundo
O que me azeda os pallidos instantes
Que conto por gemidos. Meu tormento,
Minha dôr, é morrer longe da patria,
Da mãi, e dos irmãos que tanto adoro.

Quando da patria me ausentei, não tinha
Nada, que lhes deixar, que lhes dissesse
O que eram elles dentro de minh'alma.
Mendigo, a quem cedi pequena esmola,
Deu-me quatro sementes de saudade;
Ao meu jardim domestico levei-as,
Cavei, reguei a terra com meu pranto,
E plantei as saudades. Soluçando
Chamei alli os meus: « Aqui vos deixo
(Disse apontando á plantação) em flôres
« Minh'alma toda inteira; aqui vos deixo
« Um thesouro enterrado. Joias, ouro,
« Riquezas, não, não tem, porém na terra
Esteril não será. » Ondas de pranto
Afogaram-me a voz: houve silencio;
Palpei de novo o chão; vi que de novo
Cavado estava! A terra se afundára,
E as sementes nadavam sobre lagrimas,
Que minha mãi e minha irmã choravam...

Replantei-as, orei, beijei a terra,
E parti... Trouxe d'alma só metade ;
E o coração ? deixei-o n'um abraço.

Certo estou de que a planta, já crescida ,
Terá brotado flôr. Si ao menos dado
Me fosse colher uma... ver a terra
Pelo pranto dos meus santificada !
Si uma d'essas saudades enfeitar-me
Viesse a minha eça, ou meu sudario,
Ou, pela mão materna transplantada,
Encravar-me as raizes no sepulchro...
E' tão pouco, meus Deus!!... Eu não vos peço
Sobermo mausuléo, estatua augusta
De tumulo de rei. Assaz desprezo
Esses gigantes de oiro
Com entranhas de pó. Mortalha escassa
De grosseiro burel, que bordem lagrimas ;
Terra só quanto baste p'ra um cadaver,
E as minhas saudades, e entre ellas
Uma cruz com os braços bem abertos,
Que peça a todos preces. Terra, terra
Perto dos meus e no torrão da patria,
E' só quanto supplico.

A morte é dura,
Porem longe da patria é dupla a morte.
Desgraçado do misero, que expira
Longe dos seus, que molha a lingua, secca
Pelo fogo da febre, em caldo estranho ;
Que vigilias de amor não tem comsigo,
Nem palavras amigas que lhe adocem
O tedio dos remedios, nem um seio,
Um seio palpitante de cuidados
Onde descance a languida cabeça !

Feliz, feliz aquelle, a quem não cercam
N'esse momento acerbo indifferentes
Olhos sem pranto; que na mão gelada
Sente a macia dextra d'amizade
N'um aperto de dôr prender-lhe a vida!

Feliz o que no arfar da ancia extrema
De desvelada irmã piedoso lenço,
Humido de saudades vem limpar-lhe
As frias bagas dos finaes suores!

Feliz o que repete a extrema prece,
Ensinada por ella, e beijar póde
O lenho do Senhor nas mãos maternas!

Desgraçado de mim!... Talvez bem cedo
Longe de mãi, de irmãos, longe da patria
Tenha de me finar... Ramo perdido
Do tronco que o gerou, e arremessado
Por mão de genio máo á plaga alheia,
Mirrarei esquecido! Os céos o querem,
Os céos são immutaveis: aos decretos
Do Senhor curvarei a fronte humilde,
Como christão que sou. Eternidade,
Recebe-me a teu bordo!... Adeus, ó mundo!

Já sinto da geada dos sepulchros
O pavoroso frio enregelar-me...
A campa vejo aberta, e lá do fundo
Um esqueleto em pé vejo a acenar-me...

Entremos. Deve haver n'estes lugares
Mudança grave na mundana sorte;
Quem sempre a morte achou no lar da vida,
Deve a vida encontrar no lar da morte.

Vamos. Adeus, ó mãi, irmãos e amigos!
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céus!...
Adeus, que vou viagem de finados...
Adeus... adeus... adeus!

Adeus, ó sol, que amigo illuminaste
Meu pobre berço com os raios teus...
Illumina-me agora a sepultura: —
Adeus, meu sol, adeus!

Floresinhas, que quando era menino
Tanto servistes aos brinquedos meus,
Vegetai, vegetai-me sobre a campa: —
Adeus, flôres, adeus!

Vós, cujo canto tanto me encantava,
Da madrugada aligeros orpheus,
Uma nenia cantai-me ao pôr da tarde:
Passarinhos, adeus!

Vamos. Adeus ó mãi, irmãos e amigos!
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céus!...
Adeus: que vou viagem de finados!...
Adeus!... adeus!... adeus!»

Então? Eu bem dizia: é uma pagina singular esta; é uma das elegias mais doloridas que já uma vez foram escriptas em qualquer lingua. Em portuguez nenhuma outra a excede.

Laurindo era um homem da plebe e sempre viveu em estado proximo da indigencia. Não privava com o imperador, não era socio do Instituto Historico e tão pouco era um protegido dos regios magnatas da litteratura do seu tempo.

Não era apaniguado de Magalhães, Porto-Alegre, Octaviano, Macedo e outros influentes da epoca. Pelo contrario, noto no jornalismo do tempo completo silencio sobre o poeta fluminense.

Repare-se que Fernando Wolf nem uma só vez faz mensão do seu nome. E' que aquelles que forneceram os apontamentos para a obra do escriptor austriaco guardaram silencio sobre o nosso trovista.

E, todavia, a injustiça aqui é clamorosa; porque elle foi um dos mais valentes talentos poeticos de nossa lingua. Si não teve fama entre os grandes, gozou da mais completa notoriedade que nosso povo tem outorgado aos seus dilectos.

Laurindo Rabello e Gregorio de Mattos foram os poetas da plebe, do grande numero no Brazil.

Homens do povo, falavam para elle a sua linguagem.

Entre nós a litteratura, ou mais propriamente a poesia, ha tido duas expressões, capitaes e divergentes.

De um lado, nota-se o grande grupo dos poetas por plano e reflexão, os espiritos estudiosos e illustrados que têm procurado acompanhar as ideias do tempo em que vivem e aclimal-as no paiz.

Têm merecimento e prestaram bons serviços; mas não foram as boccas enthusiasticas e propheticas por onde falava a nação.

De outro lado, estende-se em linha o troço dos que nada, ou quasi nada sabiam do estrangeiro, ou que nada ou quasi nada se impressionaram com o que por lá corria, mas, em paga, estavam identificados com o nosso povo e eram d'elle uma voz, um soluço, um lamento, um cantico, alguma cousa que lhe sahia d'alma. São as duas correntes geraes de nossa litteratura. Até hoje hão andado divergentes.

E' por isso que ainda não tivemos um poeta d'aquella primeira plana em que fulgem os vultos de Tasso, Milton, Gœthe e d'outros astros d'esse tamanho.

Só quando as duas correntes se encontrarem na cabeça e no coração de um homem, a um tempo a synthese de sua raça e o espelho de seu seculo, só então possuiremos quem nos vá representar na região dos grandes genios.

Laurindo não passou de um talento, notavel ta'ento em verdade.

Sinto não poder aqui estudal-o como satyrico e humoristico. A necessidade de resumir-me, e, em parte, a falta de materiaes agora á mão, obrigam-me a passar adiante, dizendo apenas duas palavras sobre o repentista.

Por esta face só Moniz Barreto podia com elle; muitas vezes degladiaram-se na Bahia.

No improviso oratorio, como já disse, Laurindo não tinha rival então: no improviso poetico acompanhava o repentista bahiano. Eis aqui um soneto dirigido á cantora Marietta Landa:

« Tão doce como o som da doce avena
Modulada na clave da saudade ;
Como a brisa a voar na soledade,
Branda, singela, limpida e serena ;

Ora em notas de goso, ora de pena,
Já cheia de solemne magestade,
Já languida exprimindo piedade,
Sempre essa voz é bella, sempre amena.

Mulher, do canto teu no dom superno
A dadiva descubro mais subida
Que de um Deus pode dar o amor paterno.

E minh'alma, n'um extasi embebida,
Aos teus labios deseja um canto eterno,
E, só para gosal-o, eterna vida... »

Moniz Barreto enthusiasmado, atirou-lhe este mote *Tens nas mãos teu porvir, teu bem, teu fado*, que o poeta fluminense glosou assim, dirigindo-se á mesma cantora:

« Disseste a nota amena da alegria,
E, arrebatado então n'esse momento
De um doce, divinal contentamento,
Eu senti que minh'alma aos céos subia...

Disseste a nota da melancolia,
Negra nuvem toldou-me o pensamento;
Senti que agudo espinho virulento
Do coração as fibras me rompia.

És anjo ou nume, tu que d'esta sorte
Trazes o peito humano arrebatado
Em successivo e rapido transporte?

Anjo ou nume não és; mas, si te é dado
No canto dar a vida ou dar a morte,
Tens nas mãos teu porvir, teu bem, teu fado... »

Basta; o que ahi fica é sufficiente para dar uma amostra da limpidez, clareza e simplicidade dos improvisos do lyrico fluminense.

Para concluir.

Laurindo é um poeta de caracter autonomico em meio dos seus pares.

Mais moço que Magalhães e Porto Alegre, appareceu depois d'elles, sem lhes seguir as pisadas.

Mais moço apenas tres annos que Gonçalves Dias, appareceu mais ou menos pelo mesmo tempo e não lhe deveu absolutamente nada.

Igual independencia mantem em face de Azevedo, Lessa, Bernardo e Andrada, pouco mais moços do que elle.

A qualidade predominante da sua poesia é a nota elegiaca. Não é a chamada poesia sentimental e lamurienta.

O poeta não se lastima; tambem não se insurge, nem se rende; não é um revoltado, que blaspheme, nem um submettido que se prostre vencido. Não; elle é naturalmente elegiaco. O pranto lhe sahe espontaneo e não o espanta; não se converte em motivo de queixa ou de odio.

Aquillo não é fingido, não arma ao effeito; é assim por indole.

Luiz José Junqueira Freire (1832-1855) De S. Paulo e do Rio de Janeiro passemos a Bahia.

De Laurindo Rabello passemos a Junqueira Freire; seu amigo e por elle pranteiado em bellos versos.

O decennio de 1850 a 60 na Bahia foi uma época de grande animação litteraria; igual só houve alli no tempo de Gregorio de Mattos.

A começar pela Igreja, fulgiam então o arcebispo Romualdo de Seixas, distincto pelo seu saber, e os frades Itaparica, Arsenio da Natividade e Raymundo Nonato, famosos pelo seu talento oratorio.

O ensino medico fulgurava em Eduardo França, Jonathas, Ataliba e Malaquias dos Santos.

A eloquencia politica falava pela bocca de Mauricio Wanderley, Landulpho Medrado, Fernandes da Cunha, Barbosa de Almeida, Victor de Oliveira e João Barbosa.

O jornalismo politico possuia um combatente, que valia por vinte, Guedes Cabral.

A bella litteratura formava a linha da frente com Moniz Barreto, o repentista, Agrario de Menezes, o dra-

maturgo, Manoel Pessoa da Silva, o satyrico, Augusto de Mendonça, Rodrigues da Costa, Gualberto de Passos e Laurindo Rabello, os lyristas. D'esse grupo era Junqueira Freire. (1)

Este poeta é de 31 de dezembro de 1832; em 1851 entrou para a ordem dos Benedictinos, professando no anno seguinte.

Foi a isto levado em parte por conselhos e em parte por desgostos privados, o que sei por informações particulares e fidedignas.

Tendo de seguir em 1854 para o Rio de Janeiro, pediu, a rogos de sua mãi, que ficaria desamparada na Bahia, a secularisação e a obteve.

Pouco depois falleceu de molestia cardiaca a 24 de junho de 1855. Tinha pouco mais de 22 annos.

Tractando-se d'este poeta, apparece-nos logo uma questão inicial: um poeta monge em pleno seculo XIX!...

Isto agitou a turbulencia leviana da critica nacional e começaram logo a formar-se as legendas.

Uns deram o moço-frade como um espirito mystico, d'uma religiosidade illimitada e remontada, que fugiu das torpezas do materialismo mundano para abrigar-se ao puro retiro do claustro.

Outros pintaram-no como um espirito forte, uma alma agitada pela impiedade, pela descrença, pela mais atroz philosophia, obrigada a metter-se nas asphixiantes compressas da clausura, onde viveu em perpetua lucta.

Finalmente quiz-se vêr n'elle, nem um mystico, nem um impio; «mas o Anacreonte dos claustros, um D. Juan disfarçado em monge.» Esta ultima é a opinião do Dr. Mello Moraes Filho. Não julgo provada nenhuma d'essas opiniões.

---

(1) Vide no estudo de Franklim Doria sobre este poeta, e no estudo de Rozendo Moniz sobre Francisco Moniz Barreto — boas noticias sobre esse tempo na Bahia.

O estudo attento dos versos do poeta, a leitura dos prologos das *Inspirações do Claustro* e das *Contradicções Poeticas*, e, especialmente, de um fragmento de autobiographia que d'elle nos ficou, levam-nos a outras conclusões.

A ideia de ter sido Junqueira um mystico foi levianamente forjada do simples facto de sua entrada para o convento.

Prova por demais fragil: porque sabe-se bem hoje que não foi a vocação irresistivel que o impelliu; o claustro foi um acaso, um expediente de occasião, levianamente abraçado pelo poeta.

Não é só isto; a leitura do moço bahiano dá por terra com o supposto mysticismo, o que pode verificar quem o quizer.

Tambem não foi um espirito que rompesse todos os laços tradicionaes, fizesse *tabula rasa* completa das velhas crenças.

O poeta foi educado no regimen catholico; mais tarde, abalado pela philosophia e pela litteratura de seu tempo, cahiu n'um estado de vacillação e incerteza.

Ora, pendia para as velhas ideias, ora para as novas, aliás pouco definidas.

Pelo que toca ao caracter erotico e sensual de seu temperamento, é ainda uma nota inexacta. Junqueira havia tido um amor de puericia e este amor contrariado, não sei porque circumstancias, nunca mais se lhe apagou do coração. É possivel que tivesse, além d'aquella, uma ou outra intriga amorosa.

Não é essa, porém, a nota predominante do seu lyrismo. Por este lado é muito inferior aos diversos romanticos que analysamos até aqui.

Penetremos n'alma do poeta, vejamos as suas opiniões.

No *prologo* das *Inspirações do Claustro* lê-se isto:

« As poesias presentes agradarão a bem poucos: agra-

darão apenas a algumas almas fortes, que não puderam ainda ser eivadas nem do cancro do scepticismo, nem da mania do myticismo: agradarão apenas a alguns homens completamente livres, que não sujeitaram-se ainda senão ás luzes da razão. Ora, estes homens são bem raros na sociedade actual, porque a hyperbole dos systemas e das crenças traz em si não sei que talisman, que arrasta todos os espiritos, por bem formados que sejão.

Pela mão invizivel da Providencia fui arrojado ha trez annos para o coração do claustro.

Por essa inclassificavel acção de que hoje me espanto, tive as bençãos de uns e os escarneos de outros. Erão ainda os homens mysticos e os scepticos que louvavam-me ou vituperavam-me. Pela mão invisivel da Providencia fui arrojado outra vez para o torvellinho da sociedade.

Por isso tive a maldição de quasi todos. Erão ainda os mysticos, que não pejavam-se de cantar a palinodia dos louvores, que me haviam magnificamente dispensado, — erão os scepticos, que compunham d'este acontecimento um marcialico epigramma... O aspecto social, que parecem ter estas composições, obriga-me ainda a não finalisar de subito este prologo.

O que cantas? perguntar-me-hão. O que podia eu cantar, encerrado nas muralhas solitarias de um claustro, ovindo a cada hora os toques continuados de um sino que chama á oração, vendo uma turma de homens com vestidos talares negros que levavam-me á recordação dos costumes dos tempos antigos, passeando sempre sobre um chão povoado de sepulchros, conversando com o silencio do dia e a solidão da noite?

Cantei o monge e a morte.

Cantei o monge, porque elle soffre, soffre muito.

Cantei o monge, porque o mundo o despreza.

Cantei o monge, porque elle é hoje uma cousa inutil e ociosa, em consequencia de suas instituições anachronicas.

Cantei o monge, porque elle não tem culpa de ser máo, nem póde por si só ser bom.

Cantei o monge, porque elle é infeliz.

Cantei o monge, porque elle ê escravo, não da cruz, mas do arbitrio estupido de outro homem.

Cantei o monge, porque não ha ninguem que se occupe de cantal-o.

E por isso que cantei o monge cantei tambem a morte. É ella o epilogo mais bello de sua vida: é seu unico triumpho...

Na verdade, ao homem sincero amante de sua patria, doè-lhe dentro da alma ver tanta gente estacionada, sem nada fazer, podendo produzir tanto bem. Não! a caridade que o Christo ensinou, não é egoista: Imagem real do pelicano, que arranca o coração para dal-o aos filhos! Muitos, a quem tomam o cuidado de chamar impios, censuram o monge no monge. Eu deploro-o sómente, porque elle não é criminoso.

A instituição, a instituição é que, depois de lhe tirar o trabalho, hoje em dia já não preciso, de rotear montanhas, não lhe torneceu outro qualquer em ordem ás necessidades da época, mas antes convidou-o a uma especie de ocio, no qual elle não póde ser mais que máo e desgraçado. »

Estas palavras do prologo das *Contradicções Poeticas* são ainda mais expressivas como pintura do estado psychologico do autor:

« Este livro é a historia de minha vida.

Minha vida tem sido a continiudade de circumstancias todas contrarias, todas variadas, todas repugnantes quasi.

Meu livro, pois, sendo a expressão d'estas circumstancias, é todo contrario, todo variado, todo repugnante quasi, como tem sido minha vida.

Eis aqui a razão de minhas *Contradicções poeticas.*

Uma educação christã, porem livre, que minha mãe soube dar-me imprimio-me entre seus osculos maternos o sentimento religioso lá bem no amago de meu coração.

As minhas poesias orthodoxas, portanto, pertencem a minha mãe. São sua inspiração.

O ardor da juventude, a ambição da sciencia, a sociedade corrompida, degeneraram em mim o homem feito por minha mãe. Á proporção que estudava, ia-me tornando mais philosopho, isto é, mais vaidoso, mais ignorante, mais incredulo.

As minhas poesias philosophicas pertencem a esses accessos de loucura.

Entrou-me quasi n'esse tempo essa visão encantada, essa hallucinação febril, que mata o coração e o espirito, depois de tel-os bem gasto. O amor!

As minhas poesias eroticas pertencem a esses segundos accessos de loucura.

Depois d'esses errores, a mão da doença, preludio do castigo eterno, arrojou-me por varias vezes ás aprazíveis paisagens do nosso bello reconcavo, e vi a pastorinha singela correndo no campo lá pela madrugada, e as cabanas innocentes dos pescadores, e tudo isso encantou-me. Foi um segundo amor, porém mais puro.

As minhas poesias campestres pertencem a essas phases de desgraça, sim, mas de innocencia.

Hoje que se têm desvanecido estes momentos tão doces de loucura juvenil, como uma noite mysteriosa n'um palacio de fadas, assento-me tranquillo em cima de um comoro de folhas seccas, que de quando em quando cahiram da arvore, e deixaram-a por fim só com seu tronco e suas galhas mirradas.

Aqui separo as mais verdes das mais seccas, as maiores das menores, para fazer uma camada, e plantar sobre ella um nome pobre e mesquinho, que talvez não nasça...

Estes cantos são meus dias antigos, são minha vida vivida, são todo o meu passado.

Eu amo todos esses tempos, como um pai ama os esqueletos de seus filhos, que já não são, mas que já foram uns mais bonitos, outros mais feios.

Eu amo todos esses tempos, porque custaram-me suores e sangue.

Eis aqui porque eu conservo intactas as minhas *Contradicções poeticas*. Nem as reduzo a um systema, a um pensamento uniforme, constante, unico. Apresento-as quaes são.

Nunca poeta foi hypocrita. »

Não é tudo; no fragmento de autobiographia que chegou até nós e vem citado no estudo do poeta escripto pelo Conselheiro Franklim Doria, ha alguma cousa

mais completa ainda sobre a puericia, os estudos, as primeiras ideias do moço frade.

Tudo isto fala bem alto; as tres legendas inventadas á conta do moço poeta desapparecem confusas e batidas por estas confissões irrecusaveis de uma transparencia absoluta. Junqueira era um pobre moço nervoso, apprehensivo, que se viu attrahido por duas intuições diversas.

A educação religiosa e a corrente do seculo travaram lucta em sua alma; suas crenças vacillaram, seus sentimentos resentiram-se.

D'ahi certa dubiedade, certo dualismo em seus escriptos; justamente o mesmo abalo que se dera em Azevedo e em seus companheiros. Apenas Junqueira era mais lucido, mais raciocinador e menos imaginoso, menos poeta.

O bahiano é, como todos os bons poetas brazileiros, um bom lyrista; seu lyrismo tem quatro notas principaes: religiosa, philosophica, amorosa, popular. Dou este ultimo nome ao punhado de poesias que se inspiram de scenas do viver de nossas classes pobres e aldeães.

Infelizmente não são abundantes as peças do genero, que, ao meu vêr, são as melhores do auctor.

As principaes d'ellas são: *A Orphan na Costura*, nas *Inspirações do Claustro*, e *O Banho*, *O Canto do gallo*, *O Menestrel do Sertão*, nas *Contradicções Poeticas.*

Nos outros generos as mais saborosas são: *Porque Canto*, *Meu Filho no Claustro*, *A flôr murcha no altar*, *Frei Bastos*, entre diversas mais.

Não é possivel discutir e exemplificar todas as manifestações do talento poetico de Junqueira; como amostra de seu estylo aqui vae — *A flôr murcha do altar*:

«Está murcha:—assim nos foge
A briza que corre agora.
Está murcha:—assim o fumo
Cresce, cresce,—e se evapora.
Está murcha:—assim o dia
Em raios afoga a aurora.

Está murcha:—assim a morte
Do mundo as glorias desfaz:
Assim um'hora de gosto
Mil horas de dôres traz:
Assim o dia desmancha
Os sonhos que a noite faz.

Está murcha... Ainda agora
—Eu a vi, — não era assim.
Era linda, era viçosa,
Acesa como o rubim.
Reinava, como a rainha,
Sobre as flôres do jardim.

Foi a donzella mimosa,
Foi passear entre as flôres.
Foi conversar co'as roseiras,
Foi-lhes contar seus amores,
Julgando que sobre as rosas
Não se reclinam traidores.

Ella foi co'os pés formosos
Deixando mimoso rastro,
Qual no céu passou de noite,
Correndo, fulgindo, um astro.
E esta rosa foi cortada
Com seus dedos de alabastro.

A rosa ficou mais bella
N'aquella virginea mão.
Encheu de perfume os ares,
Talvez com mais expansão.
Mas a virgem teve pena
De pôl-a em seu coração.

Entrou no templo a donzella
Coberta co'o véo de renda.
Teme que aos olhos dos homens
Sua modestia se offenda :
Como a cortina das aras,
Que aos impios se não desvenda.

Leva a modestia na fronte,
Leva no peito a oração,
Leva seu livro dourado,
Leva pura devoção :
Leva a rosa, a linda rosa
Nos dedos da breve mão.

Rezou : e depois ergueu-se,
Dirigiu-se ao sanctuario,
Modesta, qual sua prece,
Qual a luz do alampadario :
E depôz a linda rosa
Ao pé do santo Calvario.

Os anjos depois vieram,
Respiraram sobre a flôr.
A flôr cobrou mais belleza,
Mais gala e mais esplendor.
Alli ao pé do Calvario
Deu mais expansivo odor.

Alli parecia aos olhos
Crescer, crescer... Mas agora?
Agora murcha, tão murcha,
Não tem a gala de outr'ora,
—Assim o fumo do tecto
Cresce, cresce,e se evapora.

Assim as horas do tempo
Correndo, correndo vão.
Assim passou inda ha pouco
O matutino clarão.
Assim hontem foste infante,
Assim hoje és ancião.

Murcha, murcha! não expande
Jámais seu odor intenso.
Ha-de seccar, feliz d'ella,
Junto a Cruz do Deus immenso.
Ha-de aspirar sobre as aras
O cheiro de grato incenso.

Feliz!—seu leito de morte,
Sobre as aras ella tem.
A prece que vai ao céu,
Sobr'ella primeiro vem.
A myrrha que a Deus incensa,
Incensa a ella tambem. »

Ha simplicidade e certa melodia popular n'estes e n'outros versos do poeta bahiano.

Elle não possuia o vigor de Azevedo e José Bonifacio, a doce melancolia de Bernardo Guimarães e Casimiro de Abreu, nem a exhuberancia de Laurindo Rabello.

Elle, Augusto de Mendonça e Franco de Sá servem

de transição entre o grupo de poetas do sul, que temos estado a analysar, grupo a que pertencem tambem Teixeira de Mello e Casimiro de Abreu, ainda não estudados, e a pleiada do norte em cujo numero contam-se Pedro de Calazans, Trajano Galvão, Dias Carneiro, Bruno Seabra, Francklin Doria, Bittencourt Sampaio, Gentil Homem, Juvenal Galeno, Joaquim Serra, Souza Andrade, e Costa Ribeiro; bella cohorte de poetas pouco estudados e mal retribuidos em seu merecimento.

O leitor não se esqueça de que estamos no que eu chamei a terceira phase do romantismo no Brazil, o tempo do scepticismo e do sentimentalismo a Byron e Lamartine.

Já vimos que Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães, José Bonifacio e Laurindo Rabello, todos filhos do sul, obedeceram a essa tendencia que variavam de vez em quando, inserindo em seus cantares algumas notas de naturalismo brazileiro, alguns tons de paysagens e de scenas nacionaes.

Por esse mesmo tempo começou a formar-se nas provincias do norte, sob a influencia da escola do Recife, aquella phalange de poetas que citamos acima.

A differença, que julgo importante e caracteristica, entre os dous grupos é que no do sul predominou o sentimentalismo sobre o naturalismo rustico e popular e no do norte predominou este sobre aquelle.

Entre os dous grupos como um laço que os prendem figuram os dous bahianos Junqueira Freire e Augusto de Mendonça e o maranhense Franco de Sá, que poetaram nos dous sentidos que apontei.

Para concluir com Junqueira Freire deixo ainda aqui uma observação: elle nada deveu a Alvares de Azevedo na formação de sua intuição poetica. Pouco até o leu, si é que jamais o leu.

Só em meiados ou fins de 1853 poderiam ter chegado á Bahia as obras d'este poeta.

Desde quatro ou cinco annos antes Junqueira poe-

tava no estylo que sempre conservou. A *Lyra dos Vinte annos* não produziu as *Inspirações do Claustro.*

São duas correntes parallelas e esse parallelismo é devido ás correntes geraes das ideias e á athmosphera do tempo.

Não houve imitação directa, como inexactameute eu mesmo tinha dito na *Litteratura Brazileira e a Critica Moderna*, pequeno erro aliás que um estudo mais completo dos factos leva-me gostosamente a corrigir agora.

O mesmo não se pode dizer de Franco de Sá, tres annos mais novo do que Junqueira, e cujas primeiras poesias datam de 1853.

Antonio Augusto de Mendonça (1830-1880) D'aquelle grupo de poetas e litteratos que figuraram vivamente no decennio de 1850 a 60 na Bahia, filiados na phase romantica estudada agora por nós, Augusto de Mendonça, com ser dos mais meritorios, foi o mais infeliz na lucta pela gloria.

Junqueira Freire morrêra a proposito e cresceu facilmente em fama; Agrario teve a vantagem de cultivar um genero pouco explorado no Brazil — o dramatico, e facil lhe foi obter nomeada, tendo tambem fallecido em boa hora; Moniz Barreto deixou filhos que lhe ficaram apregoando o nome. Só o pobre Mendonça é hoje ainda um illustre desconhecido.

Alem de tudo, seus companheiros de luctas de 1850 foram-se todos, elle deixou-se ficar até 1880, e teve assim de assistir ao advento da chamada escola condoreira, que veio substituir a sua propria escola.

Castro Alves, seu patricio, cresceu rapidamente em fama, tornou-se immensamente conhecido, e o nosso Mendonça viveu ainda dez annos atufado no esquecimento.

E, todavia, essa indifferença do publico é uma

grande injustiça. Foi um lyrico suave, doce, melancolico, d'uma melancolia terna e placida.

O poeta passou por algumas inclemencias na vida; ficou orphão ainda na puericia, tendo ao seu cargo pesada familia. Não poude seguir um curso academico e teve de ser empregado publico de provincia com pequenos vencimentos. Esta posição esquerda e inferior ao seu merecimento infiltrou-lhe n'alma perpetua tristeza. Mas era uma tristeza resignada e contida.

Tinha muita facilidade de escrever, muita doçura e musica no verso; muita nitidez, muita naturalidade na linguagem. E' uma poesia apasiguada, boa companheira para aplacar grandes dôres.

O poeta não apparece esguedelhado a inchar as bochechas e a gritar para que se ouça e se veja que elle alli está a declamar coleras e enthusiasmos; não se põe a berrar palavrões, a rufar tambores, a badalar bombos n'uma pancadaria feroz...

Não, elle chega de manso e nos diz algumas phrases ao ouvido macia e socegadamente. Passa e vae-se.

Castro Alves o comparava ironicamente ao *caboco-linho* de nossas mattas. Pode-se acceitar a denominação; peior seria si o poeta fosse uma *arara* ou *maracanan* gritadeira.

Mendonça foi um poeta de indole lamartiniana; creio poder comparal-o a Victor Laprade; não é a grande poesia; porem é ainda uma alta poesia.

E' obvio que eu podia desenvolver o retrato do poeta; a economia d'este livro obriga-me a deter-me e a não passar d'esses rapidos traços.

O nosso bahiano deixou muitas composições esparsas; deixou-nos tambem em livro um volume de suas *poesias* (1860) e um poema *A Messalina* (1866).

A publicação de suas obras torna-se necessaria para sua completa rehabilitação.

N'uma só poesia *A Saudade do Sepulchro* vamos ter

um bello especimem de seus sentimentos, de seu estylo, do seu talento.

E' isto:

« Sobre um sepulchro isolado
Roxa *saudade* vi eu;
Solitaria vicejava
No chão frio em que nasceu;
Nunca saudade tão triste
Em sonhos me appareceu!...
Nunca!...
Senti então pelo rosto
Turva lagrima sentida
Deslisar...

Foi á hora do sol posto...
Hora de muito scismar!
Quando o archanjo da poesia
Harmonisa o céo com a terra
Na mesma melancolia...
Na mesma doce tristeza,
Que ás vezes nos faz chorar,
E chorar a natureza
Ao lento morrer do dia!

Cheguei... beijei a saudade
Que assim, tão erma encontrei;
Com ella sympathisei;
Porque — da minha orphandade
N'este deserto profundo,
Pobre engeitado do mundo,
Só com saudades me achei!

Estranha, viva agonia
Resumbrava-lhe na côr;

Na muda expressão dizia
Tantas penas, tanta dôr,
Que só no reino da morte
D'uma lagrima podia
Ter nascido aquella flôr...
A saudade!
Emblema de muito amor!...

Poeta ás dores affeito,
Tentei debalde arrancal-a,
Para no fundo do peito,
Como um thesouro, plantal-a.
Debalde! porque a infeliz
Tinha encravada, segura
No fundo da sepultura
A desgraçada raiz!

Ah! quem soubera o destino
D'aquella flor merencoria!
Quem a sua ignota historia
Porventura escutará?
Quem?... si a flor mysteriosa,
No seu recinto funereo,
Muda como o cemiterio
Para todos sempre está?

Quem sâbe!... talvez que á triste
Que no sepulchro descança,
D'entre as sombras do futuro
Lhe sorria uma esperança...
Talvez!...

Quem adivinha si a brisa,
Que docemente a embalança,
Não lhe vai de amor falar?

Si o sol... si o sol ao deixal-a,
Não lhe deixa em despedida
N'um raio um germen de vida,
Saudoso de a não levar ?

Si ardente, extremoso affecto,
Si estremecida paixão
Que já no peito não cabe,
Por indizivel feitiço,
Não lhe dá alento e viço
Co'o sangue no coração ?
Quem sabe!...

Sei que a misera saudade,
Quando no feio horisonte
Feia surge a tempestade;
E da cupola do céo
Nem sol, nem timida estrella,
Atravez do espesso véo,
Despede um raio de luz ;
Sei que a misera saudade,
Porque o vento a não desfolhe,
Nem as petalas lhe açoite,
Encosta-se — ou dia ou noite —
Nos braços de sua cruz. »

Não ha ahi as agitações, os estertores dos desesperados; o poeta encarava a vida melancolicamente, mas havia resignação em sua tristeza.

Elle foi tambem um habil repentista da escola de Muniz Barreto e Laurindo Rabello. A posteridade acabará por fazer justiça a este escriptor.

Antonio Joaquim Franco de Sá (1836 — 1856). Era filho do Maranhão e estudou direito no Recife.

Foi contemporaneo de Pedro de Calasans, Gentil Homem, Trajano Galvão, Dias Carneiro, Franklin Doria, Costa Ribeiro, Gomes de Castro, Marques Rodrigues e outros bellos talentos que figuraram em Pernambuco no decennio de 50 a 60. Falleceu aos vinte annos.

Sua poesia tem duas notas capitaes: é pessoal, recordativa e intima, ou é humoristica. Esta nota é especialmente referente a episodios da vida estudantesca do norte.

As peças principaes do genero são: *Meus namoros de Olinda*, *Amor e Namoro*, *As Visinhas*, *A Sabbatina*, *A Esbelta*. As outras enchem o resto do volume de versos do joven maranhense.

O estylo é simples, a metrificação sonora e correcta, os pensamentos não são vulgares; bem pelo contrario, tudo indica que perdemos em Franco de Sá um bom e mavioso poeta.

De seu livro, ha dez annos publicado por seu irmão, destacamos como apta a exemplificar o seu estylo — a poesia — *Ao dia 7 de setembro.*

Era em 1855, o poeta saudou assim o anniversario de nossa independencia:

« Ao sopro dos ventos, ao som das cascatas,
Em leito pomposo, formado por Deus,
Um indio gigante, nascido nas mattas,
Dormia, cercado de mil pigmeus.

De zonas ardentes e frigidas zonas
O vasto colosso se estende através;
Repousa-lhe a fronta no immenso Amazonas,
E as aguas do Prata murmuram-lhe aos pés.

Soffria ha tres sec'los cruel pesadelo,
E a turba de insectos, pairada ao redor,
Lançara-lhe ferros, sorrindo-se ao vel-o
Co'os olhos fechados e o corpo em suor.

E as aves que gemem, as feras que rugem,
Os ventos que zunem, os proprios fuzis
Não quebram-lhe o somno! Crearam ferrugem
Nos pulsos tão nobres cadeias tão vis!

Sorriam-se elles!... Sem verem que o somno
Sómente o retinha no mesmo lugar,
Bem como o menino reputa-se dono
Da onça dormida que o pode tragar.

Sorriam-se elles! Sem verem que aos poucos
Nas veias o sangue fervia afinal;
No orgulho embuçados, não viam, que loucos!
Que a hora batia solemne e fatal.

Mas eis de repente surgiu no horisonte
Qual surge nas trevas brilhante pharol,
Um dia de glorias, os valles e o monte
Enchendo de vida, banhando de sol!

Romperam mil cantos, cessaram queixumes,
Do trino das aves encheu-se o vergel,
E o prado de flôres, e a flôr de perfumes,
E os ramos de fructos, e os fructos de mel!

Do lago e do rio, do tigre e da pomba,
Dos ventos nos troncos, da brisa na flôr,
Da terra, dos ares, do mar que ribomba,
Um hymno de bençam se eleva ao Senhor!

Aos fervidos raios do sol fulgurante,
Do hymno ineffavel ao magico som,
Do longo lethargo desperta o gigante,
Que excelso destino tivera por dom.

Desperta... e dos membros sacóde as cadeias,
Qual rija borrasca das nuvens o véu,
Qual aguia das azas sacóde as areias,
Abrindo-as velozes nos campos do céu.

E á turba insensata, que ao vel-o se assombra,
Atira dos labios sorriso de dó,
Em vez de vingança prestando-lhe sombra,
Que o sol d'esse dia tornara-os em pó!

Desde esse momento, sahindo da selva,
As terras demanda, que um dia verá;
Si acaso o caminho nem sempre é de relva,
Que importa, diz elle, si avanço p'ra lá?

Si ás vezes duvida, si treme, si cança,
Ao sol de setembro renasce outra vez
Nos membros a força, no peito a esperança,
E a marcha prosegue com mais rapidez.

E vendo esse dia, que tanto memora,
Por sobre o horisonte de novo surgir,
Co'um brado espontaneo saudamos-lhe a aurora,
Honrando o passado, com fé no porvir!

Oh! hoje que raia tão limpida e calma,
Nós filhos do Indio, saudemol-a nós,
Com rosas na fronte, com jubilo n'alma,
E o riso nos labios e o canto na voz!

Saudemol-a todos! Taes dias são arcos
Na senda que ao templo da gloria conduz,
Nas eras passadas são fulgidos marcos,
Que as trevas separam de enchentes de luz!

Por ella animados, com força dobrada
A' liça da patria voemos tambem,
Si espinho e poeira tivermos na estrada,
Mais de uma corôa teremos além!

Corramos, lutemos, cingindo de louros
A fronte que bate de ardor juvenil!
Um nome leguemos aos nossos vindouros,
Cubramos de glorias o nosso Brazil!

Unidos reguemos de nossos suores
A planta, legado de avós e de pais,
Seus pomos dourados, no gosto melhores,
Os ramos vergados carregue'inda mais!

E como o guerreiro, depois da victoria,
No ganho estandarte repousa por fim;
Depois das fadigas, envoltos na gloria,
Soldados da patria, durmamos assim!

Virão nossos filhos, colhendo esses pomos
Que tornem maduros beneficos sóes,
Depôr-nos corôas, bem como as depomos
Na imagem querida dos nossos heróes.

E após venha a historia, que os feitos estampa,
Os nossos narrando com traços fieis,
E honroso epitaphio nos grave na campa,
Cercando-a de flôres e novos laureis. »

N'esse tempo ainda havia enthusiasmo geral pela emancipação nacional; havia toda a confiança em virmos a ser uma nação forte e prospera.

Ainda hoje assim pensamos, de encontro a certa theoria geitosa que alguns manhosos portuguezes vão agora insinuando, de ter sido *malefica a insensata politica que não soube conservar unidos os dois povos!...*

Poucos hão de calcular o que vae de protervia e insidia n'esta calamitosa insinuação. Isto havemos talvez ainda de liquidar a ferro e fogo, si não tratarmos de rebater desde já. Bemdigamos o nome de Franco de Sá, o nome de um patriota.

E' urgente passar adiante.

Voltemos ao sul, ao Rio de Janeiro a ouvir os carmes de Teixeira de Mello e Casimiro de Abreu. São dois patricios, dois amigos; entram perfeitamente na intuição geral da epoca.

Depois iremos escutar a ronda aerea dos cantares nortistas, de que Junqueira Freire, Augusto de Mendonça e Franco de Sá já nos deixaram nos ouvidos alguns sons intensos e expressivos.

José Alexandre Teixeira de Mello (1833...) Eis aqui um poeta de grande merecimento inteiramente esquecido.

Eu mesmo, que estudo com interesse e carinho tudo que se refere ao Brazil, conhecia-o só vagamente de nome; nunca o havia lido attentamente!... E assim terão feito muitos outros.

Para que ler as poesias de Teixeira de Mello, os dramas de Agrario, os romances de Alencar, si alli estão as drogas de Ohnet, de Montepin, de Du Boisgobey, que posso ingerir, arrotar depois as *essencias de Pariz*, e passar por homem de tom e adiantado?

E' a regra geral: uma curiosidade inquieta e *mal saine* pelo que vem de fóra e completa ignorancia do que se produz na patria...

Entretanto, Teixeira de Mello foi um lyrista de

primeira ordem no Brazil, sem ter quem lhe iguale em Portugal na phase correspondente ao seu desenvolvimento.

O poeta, que já conta cincoenta e quatro annos, tem abandonado quasi inteiramente a sua arte divina.

Empregado superior da Bibliotheca Nacional, tem se dedicado com força ao estudo da historia patria.

N'esta esphera são dignos de nota o livro que publicou sob o titulo de *Ephemerides Nacionaes* e a *Memoria* consagrada á questão das *Missões*, secular pendencia entre o Brazil e a Republica Argentina.

Tambem são dignos de apreço diversos estudos seus publicados nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, e na *Gazeta Litteraria*.

Mas é do poeta que devo especialmente falar, e, por este lado, elle está nas *Sombras e Sonhos* e nos *Myosotis*, especialmente no primeiro d'estes livros.

Teixeira de Mello teve por amigos e companheiros litterarios Casimiro de Abreu e o Dr. Luiz Delfino dos Santos, que o offuscaram inteiramente sem possuir merecimento igual ao seu.

Casimiro, primando pela simplicidade que ás vezes chegava ao chatismo, morreu pouco depois de publicar as *Primaveras*, e viu-se repentinamente celebre.

Luiz Delfino dos Santos, primando pela elevação que descamba muitas vezes no exaggero, na declamação, no palavrão empolado, no gongorismo exdruxulo, fez ruidosa carreira medica, juntou cabedaes e aguardou a vinda de um momento de máo gosto litterario para alçar-se ao posto de pontifice maximo de um grupo de submissos sectarios.

Teixeira de Mello, que tem a simplicidade sem a chateza e a elevação sem a bombastidade, não teve nenhuma d'essas consagrações enthusiasticas: ainda hoje elle é um obscuro.

Eu sou o primeiro a collocal-o em seu lugar; não que o seu merecimento fosse jámais contestado: nem

negado, nem affirmado, sisplesmente despercebido, como *non avenu*.

As *Sombras e Sonhos* são um livro notavel e superior aos seus companheiros de dactas *Primaveras* e *Enlevos*. (1)

Estes tres livros a que se devem juntar as *Primeiras Paginas* de Pedro de Calasans, as *Flôres Silvestres* de Bittencourt Sampaio e as *Flôres e Fructos* de Bruno Seabra, podem bem servir de thermometro para aquilatar-se a temperatura poetica dos annos que vão de 1855 a 60 no Brazil. (2)

O movimento continuou no mesmo sentido pelos annos de 60 a 64 com as publicações de Fagundes Varella, que inaugurou o que eu chamei o *naturalismo bacchico*, que serviu de passagem para a escola *condoreira*. (3)

É um momento interessantissimo da litteratura brazileira, e não será fóra de proposito e sem utilidade lançar uma vista lá fóra em Portugal e ver o que alli se fazia em igual periodo. Este recurso comparativo é magnifico e traz sorprendentes resultados.

O primeiro phenomeno que se mostra, por este lado, ao observador independente é o olhar vesgo de interesseiro desdem, que então, como sempre, lançavam d'alli sobre o Brazil, cujos progressos teimavam e teimam ainda em negar no empenho de, illudindo aos seus compatriotas aqui residentes, conservarem este mercado excellente para seus deteriorados productos.

---

(1) As *Sombras e Sonhos* de Teixeira de Mello são de 1858; os *Enlevos* de Franklin Doria e as *Primaveras* de Casimiro de Abreu são de 1859.

(2) As *Primeiras Paginas* de Calasans são de 1855; as *Flôres Silvestres* de Sampaio de 1860; as *Flôres e Fructos* de Seabra de 1862.

(3) Veja-se — *A Litteratura Brazileira e a Critica Moderna*, pag. 185.

Hoje só essa extravagancia portugueza pode contestar um facto que se impõe ao mundo inteiro.

Eu não preciso de dizel-o, porque antes de mim e em face da Europa civilisada já o tinha affirmado um homem como Fernando Wolf n'estas palavras memoraveis, que terminam sua historia:

« A litteratura brazileira tem justissimos titulos para ser encarada como verdadeiramente nacional; n'esta qualidade tem um lugar marcado no conjuncto das litteraturas do mundo civilisado; finalmente, nos ultimos tempos com especialidade, ella desenvolveu-se em todas as direcções e produziu nos generos principaes obras merecedoras da attenção de todos os amantes das letras. » (1)

Hoje só existem duas castas de negadores d'esse phenomeno historico inilludivel: portuguezes cégos pelo despeito, o que aliás explica-se facilmente, e um ou outro brazileiro pedantemente vaidoso, escrevinhador para a imprensa.

Este é levado por illusões e vanglorias tambem de facillima explicação. A coisa é pouco mais ou menos assim:

« O Brazil não tem poesia, nem critica, nem historia, nem arte, não tem litteratura em summa... salvo me fica, entretanto, o direito de a crêar... Depois de mim sim, a situação será outra!... »

É o que pensa o charlatão nacional: penetre-se-lhe na comedia interior que se ouvirão monologos d'esses...

Ora, pois, é tempo de acabar com isto e deixar bem esclarecido que em litteratura, como no mais, já avistamos bem longe o antigo reino...

É inutil repetir agora que desde os meiados do seculo passado começamos a adiantar-nos na jornada e fomos deixando atraz o velho e impertinente compa-

(1) *Histoire de la Littérature Brésilienne*, pag. 212.

nheiro. Este estado de cousas prolongou-se até as duas primeiras decadas d'este seculo.

Elles estavam abatidos sob as perseguições de Manique a saborear os desconchavos de Agostinho de Macedo e da *Nova Arcadia*, quando nós tinhamos homens como Bazilio da Gama, Santa Ritta Durão, Claudio da Costa, Silva Alvarenga, Alexandre Ferreira, Hyppolito da Costa, Bonifacio de Andrada, Conceição Velloso, Velloso de Miranda, Silva Lisboa e tantos outros espiritos de primeira ordem. Logo depois foram governados por nós desde 1808 a 1821 e continuaram ainda a sel-o de 1826 a 1831.

O systema parlamentar já o tinhamos havia dez annos quando elles o tiveram depois que o nosso primeiro imperador foi lá lhes assentar no throno a filha.

Seguiram-se então alguns annos de prosperidade relativa á custa de cabedaes ganhos no Brazil e transportados para lá. E', porém, de verdade absoluta o facto constante de lhes havermos n'este seculo levado decidida vantagem em todos os ramos da actividade humana.

Creio que não poderão negar ser o nosso paiz infinitamente maior e mais rico do que o d'elles; tambem será impossivel esconder a superioridade da população, o maior desenvolvimento e valor do commercio, da agricultura, da riqueza publica em geral.

Isto assentado, não se poderá esconder que Lisboa e Porto são muito inferiores ao Rio de Janeiro sob todos os aspectos, e, o que é mais significativo para a nossa questão, nas construcções, usos commerciaes, etc... já os patricios que vão d'aqui de torna-viagem têm alli implantado muitas imitações do que por cá aprenderam.

No que toca ás instituições sociaes, politicas, intellectuaes, nossa superioridade é de observação immediata.

É por isso que na ordem politica elles não tiveram n'este seculo um estadista como Bernardo de Vasconcellos, como Paraná, como Uruguay, como Rio Branco; na es-

phera militar um general como Caxias, como Osorio, como Porto-Alegre; é por isso que não possuiram mathematicos como Gomes de Souza, naturalistas como Freire Allemão, medicos como Torres Homem, Martins Costa e Moncorvo de Figueiredo, experimentadores como Domingos Freire e Baptista de Lacerda, oradores como José Bonifacio, Silveira Martins, Ferreira Vianna, Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco; pintores como Pedro Americo, Victor Meirelles; musicos como Carlos Gomes, Mesquita, Miguez; estatuarios como Bernardelli, Almeida Reis; juristas como Teixeira de Freitas, Ribas, Lafayette; eruditos como Joaquim Caetano da Silva, Candido Mendes; jornalistas, como Justiniano da Rocha, Firmino Silva, Quintino Bocayuva.

Circumscrevamo-nos, porém, mais e apreciemos a litteratura propriamente dita.

Um facto que fere logo a vista de quem estuda o movimento litterario de Portugal n'este seculo é a morosidade da adaptação das ideias do grande mundo ao seu solo e a subsequente pobreza da floração indigena.

É assim que nós já tinhamos aqui o romantismo desde 1825, pelo menos, e elles apezar da estada de Garrett em França e Inglaterra, só o começaram a praticar conscientemente de 1832 em diante, depois da volta da segunda emigração.

A implantação das ideias novas fez-se enfesada, rachiticamente. O primeiro momento possuiu apenas tres homens a quem por convenção tacita da opinião indisciplinada conferiram-se titulos de semi-deuzes. Garrett, Herculano e Castilho grimparam de subito ás alturas facilmente accessiveis do enthusiasmo nacional.

E si é acceitavel o merito relativo dos dois primeiros, a glorificação exagerada do ultimo não é tanto sem contestação.

Á conta d'aquelles mesmos ha muita reducção a fazer. Que valor, por exemplo, teve Herculano como

poeta e dramaturgo? E igualmente Garrett como romancista?

Não é tudo: o momento immediatamente seguinte da romantica portugueza traz logo estampados aos olhos de todos os claros signaes da decadencia.

É o periodo de Mendes Leal, Rebello da Silva, Oliveira Marreca, Castello Branco, Serpa Pimentel, João de Lemos e outros mais obscuros.

Segue-se um claro de pasmosa esterilidade sobre a qual chorou Soares de Passos e preparavam-se para perpetuas lamurias João de Deus, Thomaz Ribeiro e Pinheiro Chagas, quando tardiamente rebentou o decantado movimento modernissimo em que Ramalho, Quental, Oliveira Martins, Eça, Junqueiro e meia duzia d'outros fulgem como estrellas de primeira grandeza.

Que é isto, que vem a ser essa sovinaria de talentos em face do romantismo brazileiro que teve cinco ou seis phazes, cada qual mais variada, mais intensa, mai imponente?

Logo na primeira época a poesia teve cultores d'altura de Maciel Monteiro, Domingos de Magalhães, José Maria do Amaral, Augusto de Queiroga, Porto-Alegre e Octaviano Rosa.

A historia e a erudição, homens como Varnhagen, Joaquim Caetano da Silva e Francisco Lisboa, iguaes por certo a Herculano pela vastidão e segurança das pesquizas.

O jornalismo talentos como Justiniano da Rocha, Firmino Silva, Octaviano e Guedes Cabral. A eloquencia intelligencias como Abrantes, Alves Branco e Salles Torres Homem.

Na segunda e terceira phases a evolução foi em marcha ascendente manifestar-se, differenciar-se em individualidades como Gonçalves Dias, Martins Penna, Alvares de Azevedo, José de Alencar, Bernardo Guimaraes, José Bonifacio, Laurindo Rabello, Teixeira de Mello, superiores aos seus similares de Portugal.

Quando lá o mutismo era quasi completo, entre nós Casimiro de Abreu, Luiz Delfino, Agrario de Menezes, Augusto de Mendonça, Fagundes Varella, Pedro de Calasans, Gentil Homem, Trajano Galvão e trinta outros falavam bem alto.

E, bem antes de qualquer symptoma de reforma dispontar alli, já no Brazil, a ultima phase do romantismo encerrava-se com Tobias Barreto, Pedro Luiz, Castro Alves, Franklin Tavora, cedendo o passo a intuições novas, a novos ideiaes.

Aqui é que nossa superioridade é tão evidente como no lyrismo. As novas ideias têm se propagado no Brazil antes do que lá e mais intensamente do que lá.

O positivismo começou-se a propagar na direcção capitaniada por Littré desde 1868 no Recife, e na parte orthodoxa desde 1875 no Rio de Janeiro.

Em Portugal n'esta ultima dacta é que dispontava o littréismo e ainda hoje lá não prosperou de qualquer forma o comtismo puro. Tal o motivo pelo qual elles não possúem no genero uma illustração como Teixeira Mendes, ou ainda como Benjamin Constant B. de Magalhães e Alvaro de Oliveira.

Não é de admirar, si ainda hoje o melhor diccionario da lingua é o do brazileiro Moraes, si as melhores grammaticas são as de Julio Ribeiro, João Ribeiro e a de Pacheco Junior e Lameira de Andrade, e si os primeiros estudos sérios de *folk-lore* que alli appareceram foram devidos aos nossos Varnhagen e Lopes de Moura.

O darwinismo na esphera scientifica e o spencerismo na ordem philosophica, hoje tão espalhados em todo o Brazil pela acção vasta e incessante das academias do Rio, Bahia, Recife, e S. Paulo, e pelas escolas superiores de Minas e do Rio Grande do Sul, só tardiamente chegaram a Portugal, onde não têm feito vasto caminho, emperrados que hão alli permanecido os espiritos no semi-positivismo de Littré.

Onde o seu atraso é de assombrar de veras é em

doutrinas e ideias provenientes da Allemanha. Só agora muito recentemente traducções francezas lhes deram o conhecimento vago e superficial de Schopenhauer, Hartt-mann, Häckel. E não passaram d'ahi. A transformação completa da intuição juridica por Ihering, Post, Fröbel é-lhes totalmente desconhecida, como o são os trabalhos publicisticos de um Gneist e os estudos philosophicos de um Ludwig Noiré, por exemplo.

Tal a razão da ausencia alli de um profundo sabedor da cultura allemã, como o nosso Tobias Barreto.

Um estudo completo e detalhado n'esta direcção pela poesia, pela arte, pela sciencia, pela politica, pelo jornalismo iria demonstrar irrecusavelmente que a superioridade unica da litteratura portugueza sobre a nossa encerra-se unicamente n'este singularissimo phenomeno: elles estão a produzir e a ter-nos aqui para os applaudirmos; nós a produzir e a tel-os lá fóra a nos amesquinharem. Não está má a troca...

Tal o motivo da desunião, do desaccordo perpetuo que sempre tem dividido os escriptores brazileiros, que chegam a desconhecer-se completamente.

Quem aqui na côrte, por exemplo, dá pela existencia no Recife de espiritos como Arthur Orlando e Clovis Bevilaqua, dois criticos como Portugal não possue iguaes?

Quem nunca deu visos de saber que aqui mesmo no Rio de Janeiro houve um philologo americanista da estatura de Baptista Caetano?

Que superioridade tem sobre elle em qualquer sentido a mediania de Adolpho Coelho?

Quem já se lembrou de affirmar, *exempli gratia*, a superioridade do *Homem* de Aluisio Azevedo sobre a *Reliquia* de Eça de Queiroz? Pois já o deviam ter feito ha muito, e assegurar o mesmo do *Mulato* e da *Casa de Pensão*, que são reveladores de mais talento e aptidões do que *O Primo Basilio* e *O Crime do Padre Amaro*. Estes tiveram apenas mais *réclame*.

Agora podemos voltar a Teixeira de Mello. Publicou seu livro de excellentes poesias justamente na quadra da maior esterilidade do romantismo portuguez.

O livro é exhuberante de seiva, como são tantos outros do animado e luxuriante lyrismo brazileiro.

O que individualisa e distingue as feições da poesia de Teixeira de Mello é certa singularidade, certa elevação graciosa e delicada das phrases, certa garridice das imagens: alguma cousa que lembra Victor Hugo nos bons tempos, quando elle não tinha ainda gongorismos, a phase em que elle escreveu *Sara la baigneuse* e outras joias d'esse quilate.

Indicarei ligeiros trechos aptos a documentarem o que digo. Vejam:

« Tinhas então no olhar a morbideza
Da infancia que presente a mocidade;
Tinhas na fronte o sello da belleza
E n'alma a sombra vaga da saudade.

Amemos como á luz as mariposas,
Como a flôr ama o orvalho que a remoça!
Amar não é topar pela existencia,
Como a topaste, um'alma irmã da nossa?

O amor é a vida na mulher que um dia
Ao passar pelo espelho achou-se linda!
Ama e vive, mulher! quando morreres...
Quando morrermos... viverás ainda! »

Ou isto que é melhor ainda; o poeta falla de um mundo á parte:

« Onde haja musgo em que teça
Um ninho em que eu adormeça
Com meus amores implumes;

Onde não vinguem espinhos;
Onde o sol entre carinhos
Viva de azul e perfumes!

Procurei no mundo todo
Um ponto, per'la no lodo,
Onde o amor fosse verdade!
Onde a vida fosse um lago!
Nosso baixel... um afago!
Nossa briza... a mocidade! »

É o lyrismo alado de nosso seculo. Temos ainda melhor:

« A cada riso d'ella eu via o mundo
Sumir-se a nossos pés e o céo se abrir!
Então eu m'esquecia de mim mesmo,
Do mundo que a esperava e do porvir!

A tarde era uma aurora mais risonha,
A insomnia minha eterna companheira,
Sylphide o tempo, as illusões um berço
Em que pensei dormir a vida inteira... »

Ou este brado:

« Meu peito o abysmo, teu amor o raio,
Meus labios harpa em que passou teu nome,
Tudo mentiu-me! As emoções se foram
Como as neblinas que a manhan consome. »

Ou ainda este:

« Quanta ventura a trescalar em tudo!
Quanto silencio a perfumar a selva!
E quanto sol a enamorar as flôres
E quanta flôr a enamorar a relva! »

Ou finalmente estas quadras de uma bellissima poesia á *Lua:*

« Quando sacodes sobre a noite as azas
Lagrymas cahem, garça que não torna,
Como o sereno que á descuido a aurora
Por sobre as flôres—toda riso—entorna !

Tu passas núa, escabellada e muda,
Levada em braços de milhões de anjinhos,
E vaes, quem sabe ? te banhar nos lagos
Em que lavam-se o sol e os passarinhos...

Eu te vejo passar, tão perto ás vezes,
No meu deserto, fugitiva embora !
Tu és o cysne que em meus cantos canta ;
Tu és a amante que em meus prantos chora ! »

São fragmentos citados a esmo ; outros mais bellos existem no livro, que deve ser lido com a maior attenção. E' um bom companheiro para horas de desalento.

Outra qualidade particular das poesias de Teixeira de Mello é a completa correcção da lingua e da fórma metrica. O poeta é impeccavel ; é um primoroso romantico e um verdadeiro precursor dos parnasianos modernos.

Podemos só por elle aquilatar o progresso da poesia brazileira em tres seculos de vida.

No regimen classico a lingua não tinha essa elasticidade, essa flexibilidade, esse doce torneio. essa capacidade caprichosa e ondulante de ostentar-se em bellas phrases.

Reparem-se os seguintes decasylabos, ou versos de Gregorio de Mattos; veja-se a doçura, a mobilidade da expressão.

No velho poeta bahiano do seculo XVII esse metro, por elle introduzido na lingua, era ainda aspero e duro. O vocabulario era então parco; as palavras obrigatorias appareciam sempre.

A poesia tinha um pequeno vocabulario de convenção que não deixava jámais.

Lèam-se estes versos e vejam bem que estamos a ouvir um lyrista de nosso seculo cheio de exigencias.

« Tanto orvalho por noites d'encanto
Molha as plantas abertas em flor!
E meus labios molhou-m'os o pranto
Sempre, sempre que abriu-m'os amor,

Tanto sol n'estas veigas tranquillas
Ergue as flores — já mortas talvez!
Requeimasse-me embora as pupillas
Eu quizera, nascendo outra vez,

Requeimal-as de novo!... Bemdicto
Seja aquelle que á livida flor
Abre em jorros o sol, e ao proscripto
Abre o sol — sempre puro — do amòr!

Venha um beijo de fogo aquecer-me:
Tenho n'alma do hinverno os rigores!
Deixa á vida de novo prender-me
A esperar pelo sol — como as flores.

Sim! minh'alma pertence á esperança
Como á terra meu corpo que é seu.
Por um fio, mulher, d'essa trança
Si soubesses que amor te dou eu!

Nunca a lingua de fogo d'um beijo
De meus labios queimou-me os pallores!
A teus pés, anjo meu, eu desejo
De perfumes viver — como as flores.

Tens perfumes na voz que embriaga:
Como os anjos tu cantas falando,
E dos seios na tumida vaga
Tens perfumes que alentam matando...

Tens perfumes na bocca mimosa!
Um azul beija-flor do vergel
Já tomou-a por folhas de rosa
E uma abelha por favos de mel...

Por amar já soffri tanto, tanto!
Faz-me um dia esquecer que soffri.
N'um requebro do olhar — por encanto
Como Deus — cria um mundo p'ra ti!

Abre as azas da tua belleza
Sobre o abysmo do meu coração!
No silencio da virgem deveza,
Que me — esconde, serei teu irmão.

Nós teremos por tenda as campinas
Em que a relva se veste de flor,
Estas névoas por alvas cortinas,
Estes ermos por leito de amor!

Vai, que eu sei, tanto amor pelo mundo
E tu deixas-me, virgem, sozinho!
Dá-me um riso, só um, mas tão fundo
Que me faça encurtar o caminho...

Que te custa fingir um sorriso
—¡Tenue gotta no mar da esperança!
Dá-me amor, dá-me vida.... preciso
De viver ... Que te custa, criança?

Vem tu ser meu condão de ventura!
Abre os labios e dá-me a existencia!
Como o oiro, que ao fogo se apura,
Regenere-me a tua innocencia.

É um mundo que tiras do nada
E onde podes mandar — como Deus...
Solta a voz e verás — n' alvorada
Que rebenta a um soriso dos teus... »

Eu não sou classico, e nem romantico, e nem *parnasiano;* não estou com a velha, nem com a nova geração... quero estar com a *novissima*, com aquella que ainda ha de vir. Por cima e além das escolas actuaes vislumbro alguma cousa de superior que ha de ser a poesia do seculo futuro.

Quaesquer, porém, que venham a ser as conquistas e os progressos do lyrismo do porvir, ninguem contestará que os seguintes versos serão sempre e sempre um bello especimen de uma poesia sonora, perfumosa, irisada e macia como as pennas sedosas de matisados passaros.

Foi necessaria a longa serie de seis gerações de talentos poeticos, todos empenhados em aperfeiçoar o instrumento de seus cantos, para a arte chegar a esse apuro, verdadeiramente precursor do *parnasianismo* hodierno. Ouçam; é a peça intitulada *Phantasia:*

« Nayade viva da legenda antiga,
Deixa o seio do rio em que te encantas!
Dá-me um riso d'amor, gotta do orvalho
Que em noites de verão desperta as plantas.

Vem ás horas dos pallidos vampiros
Sobre as azas em pó das borboletas!
Algum sylpho talvez te espere em cuidos
Sobre os seios azúes das violetas!

Não ves a natureza a somno solto
Nos braços do silencio, immovel, fria?
A alma vagando, estrella d'outros mundos,
Pelos campos da loira phantasia?

E os ventos que adormecem como a noite
Nos cabellos das arvores do val?
Nem soluçam gemidos que te assustem
Esses mortos que dormem no hervaçal.

Desce ás horas do amor e dos mysterios!
Poisa o pé sem temor... é chão de flôres!
Quando os vivos resonam como os mortos,
Vem banhar-te comigo em mar de amores!

Aos clarões do luar, que despertou-te,
Ouve-se a estrella a scintillar dormindo!
Ouve-se a briza a desfolhar saudades!
Ouve-se a folha a suspirar cahindo!

Vem, flôr do rio, perfumada em risos;
Vem flôr dos bosques, orvalhada em pranto!
Mas si inda assim o coração te treme,
D'essas azas que tens faze o teu manto.

Dá-me um hymno dos teus na voz maguada;
Dá-me um canto do céu na voz tristinha!
Já que o mundo dos vivos me abandona,
Vem, princeza do val, vem tu ser minha!

Vem teus sonhos de amor que a alma embalsãma
Desfolhar sobre mim e o meu futuro!
O mundo não te espreita!... e só da noite
Brilhão olhos de Deus no manto escuro.

Mas... si a aurora acordar teu pae que dorme?!
Si a briza despertar no campo as flôres?!
Vem sempre! um anjo deve amar mais cedo,
Mais cedo enlanguecer, morrer de amores!»

Teixeira de Mello é o que na linguagem escolastica da critica se chama um ideialista.

Por ahi ainda existe muita gente que suppõe serem *ideialismo* e *realismo* dois systemas, duas theorias, duas doutrinas oppostas da arte, quando apenas, na phrase felicissima de Edmond Scherer, são os dois polos entre os quaes se tem movido em todos os tempos toda a poesia, toda a arte humana em geral.

Esta co-relação do ideial e do real, apezar das extravagancias dos criticos, é uma verdade que salienta-se de toda a historia da intelligencia do homem.

Ha quem baralhe e confunda as noções que parecem sahir das palavras *ideialismo* e *realismo* applicadas ás producções artisticas e litterarias.

Os equivos agglomeram-se e as tentações infundadas se apresentam; a quem conhecer, porém, um pouco o espirito humano e couber a certeza do que elle vale nos tempos modernos as vistas parciaes não cegarão.

A ideia mais persistente que uma das mais robustas

edificações philosophicas d'este seculo—, a de Hegel,— trouxe ao mundo, foi a do *caracter relativo da verdade.*

Para tal achado, á primeira vista tão simples, houve necessidade de todo o genio do illustre allemão, no intuito de determinal-o, e de toda a sciencia e habilidade de Comte e de Spencer afim de o divulgar. (1)

Ainda bem: o principio é geral e sua applicação deve ser completa; as ideias *absolutas* sobre poesia são uma herança de velha e abstrusa metaphysica e absurdas como uma these de astrologia. D'ora avante a pretenção de governo unico e despotico, por parte de um modo de ver parcial, é um falseamento de doutrinas, um quadro incompleto do espirito do tempo.

Mas indaguemos da historia. Lá tambem, lá na antiguidade, quando a consciencia humana serena e imperturbavel, porque a vida era ainda pouco complicada, modesta e timida, porque o coração era ainda pouco exigente; quando a consciencia humana diante de todos os fundos problemas, se mostrava contente com a razão das cousas, vinha de quando em vez uma restea de sombra empallidecer-lhe o brilho.

Abrí as obras dos grandes genios, os mais arredados de nós que quizerdes, d'esses d'aquelle tempo em que não existiam ainda classicos, romanticos, realistas, parnasianos, impassiveis, impressionistas e *tutti quanti*; abrí, por exemplo, o livro de Job.

O espirito do sublime soffredor é açoitado por todas as flagellações que lhe atira o implacavel habitador das trevas. Ahi *Satan* é o destino; a grande lucta da humanidade está travada. (2)

Abrí Eschylo: todos conhecem essa poesia travosa de supplicios, embriagada de sublime padecer. Ahi *Prometheu* é o genio preso, e todavia conspirado...

---

(1) Vide Ed. Scherer, *Melanges d'Histoire Religieuse,* artigo sobre Hegel.

(2) Vide Ern. Renan, *Le Livre de Job;* analyse do poema.

Abrí Homero, abrí Sophocles, abrí Virgilio, abrí Lucrecio. Onde haverá mais *ideial*, isto é, mais transfigurações do homem e da natureza, e, ao mesmo tempo, mais *realidade*, isto é, mais vida, mais lucta, mais tormento, mais dôr?

E, si fôr ponderado que entre o homem de hoje e o de então ha todo o vasto labor de sonhos celestes, de desapego da vida, de ancias para Deus, que enche uma extensa secção da historia, a idade-media, e constitue o caracter de muitos seculos, a parcialidade systematica de todo aniquila-se.

Nós outros os de hoje somos os filhos de uma civilisação demasiado complexa. (1)

Todas as expansões reaes e sentidas do homem antigo, sobremodo do grego e do romano, entrelaçaram-se a todos os impetes para o desconhecido do homem da idade-media, onde larga parte tiveram os semitas, especialmente judeus e arabes.

A alma moderna é a somma de todas aquellas effusões; o pensamento hodierno agita-se por todos os lados.

Na grande litteratura correm as ondas de todas as ancias ineffaveis, desde o sagrado enthusiasmo pela mulher até a sede estupenda pela eternidade; desde a mimosa expansão pelo espectaculo das flôres até ao dilacerante desespero pelo céu que atormenta.

Ali ha de tudo; o mediocre é que é exclusivo; são as grandes ideias incarnadas na fórma brilhante; todos os sonhos como todas as realidades, todos os pesadelos como todos os risos, a duvida e a crença, a maldição e a prece!... Vejam-se as obras mais perfeitas que resumem o nosso seculo.

Onde ha ahi poesia mais sonhadora, mais utopica do que a de *Faust*, a de *Manfredo*, a do *Ahasverus?*

---

(1) Vide H. Taine, *Philosophie de l'Art en Grèce;* o momento.

N'essas indomaveis torrentes de impetuoso lyrismo os velhos e novos mysterios, as velhas e novas impossibilidades se attestam, e, comtudo, onde livros mais humanos, uma poesia em que a exactidão que nos toca seja mais seria e implacavel? E' o caso de todo Shakespeare.

Mas deixo esta ordem de motivos e toco n'outra.

Que entendem por ideialismo no terreno de arte? Si fosse a suprema expressão, o mais sublimado gráo das concepções humanas, então nada haveria de serio que nos vedasse de por elle moldarmos nossas obras.

Si o julgam synonimo de extravagancias, accervo de impossibilidades phantasticas, n'este caso tombam em falso, sem a minima razão.

Mas nenhuma d'estas explicações é a exacta; a primeira é apenas uma vaga aspiração metaphysica; a outra é evidentemente desparatada.

Nem tanto exaggero de um lado e d'outro; o *ideial* é tambem relativo; não se concebe *á priori;* depende das ideias que formamos das cousas.

Esta simples verdade mostra bem sua indole e seu valor; é o fundamento mesmo da arte e a historia mostra sua constante variação.

Que é o realismo? Si é a velha pretenção de fazer da arte uma photographia eternamente a retratar scenas do mundo, na pintura não passais da paysagem e na poesia da descripção...

E, si o intento é julgar que o myster unico da poesia, da arte, da litteratura é reproduzir o que parece certo, real, positivo para as intelligencias, n'este caso, o criterio de cada uma d'ellas é variavel, ou, por outra, as ideias diversas de cada um de nós trarão o ideialismo, cujo sentido philosophico é assim ainda uma vez determinado.

Mas o realismo deve ser entendido de modo diverso, isto é, como aquillo que a sciencia e a experiencia fôrem tirando a limpo, e a consequencia aqui é que

elle é necessario, é uma força que se impõe inevitavelmente.

Ideialismo e realismo, portanto, são principios que não se combatem; unem-se e resguardam-se convenientemente. A poesia e a arte vivem do consorcio de ambos.

Um espirito comprehensivo afugenta as ideías apertadas e frageis, e aspira sempre pela harmonia das cousas.

Existem, porém, uns criticos que se nutrem de acanhadas noções e apegam-se ao incompleto com obstinação.

D'ahi um bom numero de juizos desponderados que se vão espalhando em dois sentidos oppostos e a completa incapacidade para a comprehensão verdadeira da intuição moderna em litteratura e arte.

É esse o motivo dos exaggeros pró ou contra o realismo hodierno e pró ou contra a concepção scientifica da poesia.

Abrem um livro qualquer e lêem, por exemplo, esta apostrophe: « geographos da intelligencia, marcai sobre a carta do espirito humano n'este polo a sciencia, n'aqnelle outro a poesia! » (1)

Tomam demasiado á letra a intimação e condemnam uma das mais fecundas ideias da litteratura contemporanea: a poesia fundada, ou melhor, a poesia adaptada ás novas tendencias do espirito humano. Entretanto, as duas cousas se excluem absolutamente quanto ao methodo e podem harmonisar-se quanto ás intuições geraes.

Identica é a cegueira, digamol-o ainda, que lança o abysmo entre ideialistas e realistas extremados, aos

---

(1) Charles Magnin *Causeries et Méditatinos litteraires*: edic. de 1842.

quaes falta uma comprehensão total da humanidade e da natureza. (1)

Com este criterio e com taes ideias é que se deve julgar o mimoso lyrista José Alexandre Teixeira de Mello.

Casimiro José Marques de Abreu (1837-1860) Bem differente do de Teixeira de Mello foi o destino litterario de Casimiro de Abreu; não houve jámais entre nós poeta mais lido, tem sido o predilecto do bello sexo nacional. E essa notoriedade é merecida; o moço fluminense foi um espirito de merecimento.

Em torno de seu nome formou-se logo uma legenda de soffrimentos, e outorgaram-lhe a corôa do martyrio...

O poeta, na opinião geral, haveria sido uma pobre victima de rigores paternos; teria sido atado ao poste do commercio, como a um supplicio; teria sido contrariado em sua vocação, maltratado, injuriado, por entregar-se a qualquer leitura; não teria recebido educação alguma litteraria; teria sido desterrado para Portugal a fim de lhe acabarem alli com as velleidades e recalcitrações em poetar.

Ha em tudo isto mais de um exaggero e mais de uma illusão.

O proprio Casimiro de Abreu nos prologos que poz em frente das *Primaveras*, de *Camões e o Jáo*, e no fragmento *A Virgem Loura* offerece documentos para as lamentações que levantaram á conta de seu martyrologio.

Igual intenção revela-se em sua poesia *Dôres:*

---

(1) Cf — *Estudos de Litteratura Contemporanea*, artigo do auctor sobre — *Idealismo e Realismo* —

« Ha dôres fundas, agonias lentas,
Dramas pungentes que ninguem consola
Ou suspeita sequer!
Magoas maiores do que a dôr d'um dia,
Do que a morte bebida em taça morna
De labios de mulher!

Doces falas de amor que o vento espalha,
Juras sentidas de constancia eterna
Quebradas ao nascer;
Perfidia e olvido de passados beijos...
São dôres essas que o tempo cicatrisa
Dos annos no volver.

Si a donzella infiel nos rasga as folhas
Do livro d'alma, magoado e triste
Suspira o coração;
Mas depois outros olhos nos captivam,
E loucos vamos em delirios novos
Arder n'outra paixão.

Amor é o rio claro das delicias
Que atravessa o deserto, a veiga, o prado,
E o mundo todo o tem!
Que importa ao viajor que a sêde abraza,
Que quer banhar-se n'essas aguas claras,
Ser aqui ou além?

A veia corre, a fonte não se estanca,
E as verdes margens não se crestam nunca
Na calma dos verões;
Ou quer na primavera, ou quer no inverno,
No doce anceio do bulir das ondas
Palpitam corações.

Não! a dôr sem cura, a dôr que mata,
É, moço ainda, e perceber na mente
A duvida a sorrir!
É a perda dura d'um futuro inteiro
E o desfolhar sentido das gentis corôas,
Dos sonhos do porvir!

É ver que nos arrancam uma a uma
Das azas do talento as pennas de ouro,
Que voam para Deus!
É ver que nos apagam d'alma as crenças
E que profanam o que santo temos
Co'o riso dos atheus!

É assistir o desabar tremendo,
N'um mesmo dia, d'illusões douradas,
Tão candidas de fé!
É ver sem dó a vocação torcida
Por quem devera dar-lhe alento e vida
E respeital-a até!

É viver, flôr nascida nas montanhas,
P'ra aclimar-se, apertada n'uma estufa
A' falta de ar e luz!
É viver, tendo n'alma o desalento,
Sem um queixume, a disfarçar as dôres
Carregando a cruz!

Oh! ninguem sabe como a dôr é funda,
Quanto pranto se engole e quanta angustia,
A alma nos desfaz!
Horas ha em que a voz quasi blasphema...
E o suicidio nos accena ao longe
Nas longas saturnaes. »

Devemos lêr estas e outras tiradas semelhantes *cum grano salis.*

Não é verdade que o mancebo não soffresse contrariedades na vida, d'essas contrariedades de menino, de criança, digamos assim, que intenta seguir um rumo que não é precisamente aquelle que a familia deseja.

Nos temperamentos excessivamente impressionaveis e doentios, como o de Casimiro, ás vezes essas pequenas luctas, transformam-se em grandes pugnas e deixam sulcos inapagaveis.

Mas d'ahi a concluir que sua bella infancia na Barra de São João, sua estada na poetica Friburgo, onde estudou alguns preparatorios, sua residencia na esplendida Rio de Janeiro, onde foi caixeiro estimado, e na historica Lisbôa, onde exerceu igual profissão com a mesma distincção, concluir que tudo isto foi o inferno em vida, parece-me um pouco exaggerado.

Nem tanto ao mar, nem tanto á terra; nem vida de rosas nem tratos inquisitoriaes.

E' preciso que me comprehendam: eu não contesto a sinceridade do poeta quando nos relata os seus soffrimentos. Creio bem em tudo que nos conta.

Censuro os excessos dos seus panegyristas insensatos e procuro diagnosticar-lhe a verdadeira medida e intensidade das dôres.

Todo aquelle barulho era apenas pela mór parte um desequilibrio organico e subjectivo, estimulado por uma exquisita mania da época.

O poeta foi victima de sua organisação franzina e debil e das tolices e extravagancias do meio social que o cercava.

E' certo que o pai lhe vedou a matricula n'uma academia e o attirou ao commercio.

Este facto simplissimo, e muitas vezes vantajoso, escandeceu a cabeça do poeta e appareceu-lhe como um supplicio intoleravel. D'ahi a exacerbação, a tristeza, o desespero intimo. Tudo pura subjectividade.

A razão d'isto? É a seguinte: n'aquelle tempo estavamos na phase agudissima da *sensiblérie* nacional; o romanticismo melancolisante imperava sem estorvo algum.

A sociedade dividia-se em dois grandes grupos, os homens *praticos* e *positivos* e os *poetas* e *sonhadores.*

Os primeiros eram os homens *sérios*, os outros eram os *bohemios*, os *genios* alterados d'ideial; aquelles eram os *burguezes* chatos e estupidos na linguagem dos *genios;* estes para os seus inimigos não passavam de uns *malucos*, uns *extravagantes* nocivos.

O desaccordo não podia ser mais completo.

Os taes homens *sérios* tinham sua profissão de fé e o primeiro artigo d'ella era a guerra aos terriveis *insensatos*, os desalmados *poetas;* o segundo artigo era a propaganda, e o endeosamento da ignorancia.

Os intitulados *genios* tinham tambem seu programma, cujo primeiro artigo era a libação do *cognac* e o segundo era a vadiagem.

Havia por certo algumas excepções de um lado e d'outro; mas essa era a intuição geral da época.

Litteratura e commercio eram duas cousas inconciliaveis; poesia e negocio eram o cão e o gato, viviam em perpetua lucta, as duas profissões eram incompativeis.

Ainda me lembro bem do tempo em que a condição primordial para ser bem acceito no commercio, ser logo bem empregado e ter bôa e forte protecção era ser bem estupido, ter a cabeça bem feichada ás insinuações das letras de fôrma.

Era isto justamente na época em que para os poetas e litteratos a carreira do commercio era a região do *prosaismo* duro e insupportavel.

Quanta illusão, quanto desproposito de uma banda e d'outra!

Ao pai de Casimiro, burguez ignorante do velho estylo, a ideia do filho querer ser homem de letras, escriptor e poeta, afigurava-se um desparate, uma imi-

tação da vadiagem litterata do tempo. Ao moço poeta, ideialista, sonhador, o commercio surgia na imaginação como a região aspera da morte que lhe vinha crestar todos os devaneios e esperanças. Era a lucta entre dois animaes bravios e ferozes: o carrancismo e o romanticismo. Aquelle era essencialmente portuguez e o outro estava já cheio de scismas e sentimentalidades brazilianas.

Era uma lucta em falso, oriunda de uma pessima orientação social.

O pobre poeta especialmente foi victima de preoccupações phantasistas de seu meio, exaggeradas por seu temperamento morbido, preoccupações que não teve força para combater.

Hoje tudo isto passou; já não achamos tão prosaica a vida mercantil, nem tão poetico o *doutorismo*, muitas vezes inerte e que leva não raro ao completo pauperismo.

Casimiro de Abreu, em sua ingenuidade, suppunha ser mais adequado á poesia o viver do homem graduado n'uma academia qualquer. O poeta desejava talvez formar-se em direito.

Ora, os nossos bachareis em direito, que não se vão metter no commercio ou na lavoura, as duas profissões *anti-poeticas* dos romanticos, ou vão ser advogados, ou magistrados, ou empregados de secretaria, ou professores...

Qual d'estas carreiras é mais poetica do que a do commercio?

Será a do advogado a luctar com velhacos de toda a casta, com meirinhos ensebados e escrivães capciosos e grosseiros?

Será a do magistrado a luctar com ladrões, assassinos e relapsos de toda a ordem?

Será a do empregado de secretaria a azinificar-se no meio da papellada do expediente e das importunações dos pretendentes?

Será a do punhado de professores dos cursos juridicos e dos cursos secundarios a ouvir muitas vezes sandices de rapazes vadios ou estupidos?

Creio que não. Parece-me que em todo caso antes a carreira mercantil, tão cheia de encantos, especialmente nas lojas e armarinhos elegantes, residencia habitual do *high life* em mais de uma cidade rica e pretendida mui civilisada...

Em que pése a Casimiro, não creio no prosaismo do commercio.

Esta nobre profissão e esta illustre e poderosa classe, um dos mais valentes propulsores do progresso universal, poderá ter os seus ridiculos, os seus sestros e emperramentos; mas possue em compensação muita vida, muito enthusiasmo, ia dizer, muita poesia.

E quantos poetas não a têm seguido e cultivado, sem por isso perder ou siquer enfraquecer o estro!

E' o caso, entre nós, do grande Fernando Schmid, celebre poeta allemão conhecido sob o pseudonymo de *Dranmor*.

E para que estas e outras considerações que poderia allegar? O poeta é, o poeta nasce, como diz o povo.

Não é a carreira que, na lucta pela existencia no embate das relações sociaes, lhe é dado abraçar que o vae fazer poeta. Si tal fôra, não teriam apparecido nem Dante, nem Tasso, nem Camões, e menos ainda Shakespeare, verdadeiro homem de negocio.

Eis porque são um *testimonium paupertatis* da critica de Ramalho Ortigão, o habil folhetinista portuguez, estas palavras suas, referindo-se a Casimiro de Abreu:

« Nas horas tristes em que a saudade lhe turbasse a vista com lagrimas, e o tedio lhe obrigasse a soltar dos dedos a *penna empregada no mercenario labor da arithmetica*... Junto d'elle, acorrentando-o e *escarnecendo-o, a desaceiada labutação do trafego mercantil*... As poesias *Anjo*, *Horas Tristes*, *Sonhando*, *Noivado*... são brilhantes provas da terrivel lucta em que deviam de

encontrar-se travados o genio do poeta e o espirito do caixeiro...»

Estes dizeres do folhetinista portuguez, são um irrecusavel attestado de sua profunda incapacidade critica.

Ainda se banqueteia na mesa dos sonhadores romanticos, proclamadores da incompatibilidade da poesia e do trabalho.

E' que o Sr. Ortigão, dispondo apenas de certa habilidade descriptiva, especialmente para paisagens e festanças, é soffrivelmente despido de cultura philosophica e scientifica, e notavelmente desageitado quando maneja a critica litteraria, ou artistica, ou politica, ou social.

Tal a razão pela qual de suas duas grandes publicações jornalisticas *As Farpas*, e as *Cartas Portuguezas* os melhores trechos são os que descrevem as scenas das *viagens* do auctor em Portugal, na Hollanda, na Inglaterra, etc.

Essa habilidade descriptiva, existente já no livrinho de *viagem* intitulado *Em Pariz*, acha-se bem accentuada no volume tambem de *viagem* sobre as *Praias de Portugal* e no seu guia de *viagem* sobre *Banhos de Caldas e Aguas Mineraes.*

O proprio auctor tem consciencia de ser-lhe esse dom principal do talento, quando de suas duas grandes collecções de folhetins, *Farpas* e *Cartas* separa os trechos de eloquencia *voyageuse* e com elles forja livros como *John Bull* e *A Hollanda* abundantes em bem soffriveis paginas de prosa descriptiva e repletos de banalidades criticas de toda a especie.

E é a um simples escriptor d'estes que se lembraram de chamar o *Taine portuguez*!...

Seu artigo sobre Casimiro de Abreu é sem prestimo; cambalêa de fraco o pobresinho.

Vamos adiante procurar por outros sitios e com outros guias a comprehensão perfeita do poeta.

Casimiro de Abreu é de 1837; seu talento poetico desenvolveu-se de 1854 a 60, anno de seu fallecimento.

Foi na crise aguda do lamuriar dos romanticos.

O poeta, franzino de corpo, predisposto á tuberculose, fez de seu coração um ninho para asylar e aquecer todas as illusões, scismas, vaporosidades, sonhares irisados e phantasias aladas de seu tempo.

Esta impressionabilidade morbida e expressa na linguagem e nas formas mais simples do falar portuguez enrequecido, sonorisado, amenisado no Brazil, eis a poesia de Casimiro de Abreu.

A facilidade dos tons, a despretenciosidade da plastica lhe dão todo o valor.

O poeta fala-nos de suas magoas, de suas ambições, de seus anhelos n'aquelle mesmo tom em que se queixaria á sua mãi das saudades que teve por ella n'ausencia, ou das dôres que sentia em seu debil peito ao borbotar as golfadas de sangue. Ninguem resiste, não ha coração que não se abrande.

Doce e miserando moço, queremos chorar comtigo as dôres que nos contas em tão sonorosa linguagem; dá-nos dos teus suspiros, reparte comnosco a tua monodia! É a linguagem de todos.

A poesia aqui é tão intima, tão pessoal, que dizer mal d'ella equivaleria a dizer mal do caracter do poeta; e quem seria capaz de deixar de amar um tão delicado e sincero companheiro?

Importa isto absolver completamente a tristeza systematica da poesia romantica? De forma alguma. A tristeza systematica e affectada é e será sempre censuravel; mas Casimiro foi sincero e escapa ás severidades da critica.

Hoje as cousas estão mudadas; não existem mais tristezas e lamurias affectadas; agora estamos no periodo das alegrias, dos enthusiasmos fingidos.

Os que principiamos a ler os poetas e escriptores ha uns vinte ou vinte cinco annos atraz ainda encontramos a litteratura mergulhada nas trevas da melancolia.

Assisti e tomei parte na reacção contra esse estado de preguiça mental.

É preciso, porem, dizer aos de hoje, que já acharam a mutação feita, como era aquelle lamuriar litterario e que batalhas foi preciso ferir para debellar o inimigo e preparar o actual estado de cousas que elles, os presumpçosos de hoje, julgam ser obra sua...

Em 1870 comecei a attacar o inimigo, e em 1872, a proposito da poetisa Narcisa Amalia, que ainda teimava em choramingar, em fazer de Casimiro de Abreu, menos a sinceridade, escrevi isto:

« Na vida da litteratura no seculo actual ha um quadro mal desenhado, um quadro sombrio, que ha de parecer extravagante a futuros apreciadores: é o da tristeza romantica.

Parece impossivel que a uma vivacidade scientifica séria e despreoccupada juntasse o nosso tempo uma expressão artistica somnolenta e morbida. Mas o facto é real e tem a sua justificativa historica. O que parece a todo proposito insustentavel é a teima impertinente de se querer sempre, hoje como hontem, chorar pela mesma gamma, suspirar fingidamente pela mesma clave. E' uma inconsiderada porfia que se destina a mostrar carunchosa e ridicula ao vindouro observador.

O papel da tristeza e da alegria na litteratura contemporanea é um symptoma bem pouco para contentar. Os poetas lançaram se precipitadamente além do termo da estancia querida do seu ideal: a melancolia deixou de ser um estado mais ou menos passageiro do espirito para tornar-se, extremo desproposito!... o alvo supremo dos sonhadores.

Como o mysticismo alexandrino procurava na destruição a suprema condição para fruir a eterna verdade o romantismo dos ultimós tempos buscava no desespero sentimental a *ultima ratio* do bello infinito! A doença propagou-se deshumana e atrozmente; tornou-se endemica.

Em meio do geral desanimo a alegria afogou-se em prantos, velou-se de soluços, sumio-se, e, quando ousava mostrar-se, era forçada e mentida.

Era o *humorismo*, essa creação moderna, esse rir desconsolado e facticio de uma tristeza falsa, que suppunha-se incuravel. A natureza humana se achava contrafeita; e certamente a historia bem estava indicando qual devia ser o ideal do seculo XIX.

A alegria pagã, serenidade magestosa da vida sã da antiguidade; a agonia dolorosa do espirito ascetico medieval, anhelo mystico do theologismo christão, tinham passado.

Exclusivas, na orbita da respectiva evolução, legaram ao tempo da Renascença um espirito dubio, que, pendendo, já para o sonho e para o céu, já para a realidade e para a terra, distendeu-se no periodo de tres seculos até nós.

No seculo actual os dous impulsos deviam contrabalançar-se. Mas não foi assim; e vimos que na sua primeira metade este seculo pertenceu quasi exclusivamente ás scismas do transcendentalismo, e só a custo agora vai buscando a direcção opposta, já parecendo que pretende exaggerar-se. O idealismo abstruso e o empirismo grosseiro perderam o sentido das suas lutas. A sciencia hodierna pisa em um terreno mais solido em que não se nos deparam as extravagancias. E' o que a historia vai fazendo para as producções da humanidade filhas do sentimento e as creações oriundas da intelligencia. Umas e outras corresponderam sempre em todos os tempos aos impetos do homem para explicar-se o enigma do universo.

As velhas doutrinas poeticas e religiosas de um lado e as metaphysicas e scientificas de outro, têm um desaggravo justo, que deve porém ficar nas paginas da historia.

E é o que não comprehendem todos aquelles que ainda hoje lhes querem dar o influxo da vida.

Os poetas da primeira porção d'este seculo excederam-se; a sua tristeza foi vestindo todas as formas possiveis até a de *fingida alegria*.

Esta em sua vitalidade exacta raramente denunciava-se. Tudo indicava uma falsa expansão da vida. Os scismadores enganaram-se. O alvo, o fim, o ideal da arte, repita-se a verdade mil vezes, está em estampar a realidade do homem e da natureza.

Ora, a existencia de ambos não se affirma nem pela alegria nem pela tristeza, que são momentos excepcionaes, são horas de anomalia. Quando um dos dous cahe em algum dos extremos arranca-nos logo o espanto. « *Que tarde feia!!* » falla a moça que sente um vago medo diante do céo carregado... « *Que adivinhas?* » diz o velho á moçoila, que loucamente gargalha... Ouvimol-o diariamente. É que a tristeza, bem como a alegria, em sua expressão exaggerada, passam pelo coração como rapidos toques de luz ou de sombra que correm sobre o fundo limpido da vida.

O intimo d'esta é a actividade, a lucta, o trabalho, cuja physionomia principal é a sisudeza. E, sejamos justos, não é mais consolador, depois de tantas illusões arrancadas, depois do perpassar aspero das revoluções, mostrar-se a humanidade serena e altiva, séria e desapaixonada?

Não é mais sublime a poesia que partindo do intimo de um coração por onde ficaram as impressões do flagicio, qual uma onda alva, crystallina, trasborda por cima d'essas agruras e vai expraiar-se adiante fulgurante, transparente? Mais valente, por certo, é o coração, que além dos dissabores da vida, póde, calando-os, arrojar a ode esplendida de maravilhas.

É a poesia impavida, essa suave ambrosia que os eleitos de tempos a tempos vêm dar-nos a saborear.

Suguemos esses perfumes que são hoje os que mais nos podem aviventar. Depois da revolução politica do seculo passado, tivemos o romanticismo plangente por

uma aberração; depois da revolução philosophica e religiosa, que vai adiantada, tentemos a poesia humana, sem deliquios, sem extravagancias. Tem ella por condição mostrar-se serena e magestosa, como a vida do homem na virilidade. » (1)

O bello talento de Casimiro de Abreu deixou-se influenciar pela intuição geral de seu tempo.

A poesia sentimental, recordativa, pessoal, intima, toda eivada de melancolismo é que resôa principalmente no seu alaúde.

Os exemplos pullulam em todo livro das *Primaveras;* é abrir o volume e ler ao acaso. Os dotes principaes do poeta são a simplicidade e a espontaneidade da forma alliadas ao calor e á intensidade do sentimento.

E' muitas vezes um cantar de fogo disfarçado em volatas doces e subtis como cochichos de brisas e flores; é alguma cousa de doloroso, de vehemente velado em gazas de seda e arminho; sentido como uma punhalada, mas suave e macio como petalas de odorosos jasmins.

Não quero ir longe; basta-me abrir a primeira pagina e lêr a invocação *A****:

« Falo a ti, doce virgem dos meus sonhos,
Visão dourada d'um scismar tão puro,
Que sorrias por noites de vigilia
Entre as rosas gentis do meu futuro.

Tu m'inspiraste, oh musa do silencio,
Mimosa flôr da languida saudade!
Por ti correu meu estro ardente e louco
Nos verdores febris da mocidade.

---

(1) Vide *Estudos de Litteratura Contemporanea*, artigo sobre a *Alegria e a Tristeza na Poesia.*

Tu vinhas pelas horas das tristezas
Sobre o meu hombro debruçar-te a medo,
A dizer-me baixinho mil cantigas,
Como vozes subtis d'algum segredo!

Por ti eu me embarquei, cantando e rindo,
— Marinheiro de amor — no batel curvo,
Rasgando affouto em hymnos d'esperança
As ondas verde-azues d'um mar que é turvo.

Por ti corri sedento atraz da gloria;
Por ti queimei-me cedo em seus fulgores;
Queria de harmonia encher-te a vida,
Palmas na fronte — no regaço flôres!

Tu, que foste a vestal dos sonhos d'ouro,
O anjo tutelar dos meus anhelos,
Estende sobre mim as azas brancas...
Desenrola os anneis dos teus cabellos!

Muito gelo, meu Deus, crestou-me as galas!
Muito vento do sul varreu-me as flôres!
Ai de mim — si o relento de teus risos
Não molhasse o jardim dos meus amores!

Não t'esqueças de mim! Eu tenho o peito
De sanctas illusões, de crenças cheio!
— Guarda os cantos do louco sertanejo
No leito virginal que tens no seio.

Pódes lêr o meu livro: — adoro a infancia,
Deixo a esmola na encherga do mendigo,
Creio em Deus, amo a patria, e em noites lindas,
Minh'alma —aberta em flôr — sonha comtigo.

Si entre as rosas das minhas — Primaveras —
Houver rosas gentis, de espinhos nuas;
Si o futuro atirar-me algumas palmas,
As palmas do cantor — são todas tuas! »

A poesia chorosa e sentimentalista, tão monotona em Soares de Passos por exemplo, em Casimiro de Abreu é gostosamente legivel.

E' que a imaginação travessa do brazileiro sabe ungil-a de graciosidade; é que muitas notas alegres e saborosamente comicas apparecem para diversifical-a, para differencial-a agradavelmente.

Esta ultima circumstancia não tem sido notada convenientemente em Casimiro de Abreu; sendo, entretanto, uma das melhores manifestações de seu talento.

O poeta não foi só um sentimentalista, qual se diz geralmente, foi tambem algumas vezes expansivo e deliciosamente alegre. Esta nota acha-se em *Scena Intima*, *Juramento*, *Segredos*, *Quando?*

Por ser o poeta muito conhecido quero ser parco em citações.

As peças que reproduzi — *Dôres* e *A**** servem bem para exemplificar o seu estylo na poesia melancolica e na amorosa.

O *Juramento* é só por si sufficiente para mostrar o talento faceto do poeta:

« Tu dizes, ó Mariquinhas,
Que não crês nas juras minhas,
Que nunca cumpridas são!
Mas si eu não te jurei nada,
Como has-de tu, estouvada,
Saber si eu as cumpro ou não?

Tu dizes que eu sempre minto,
Que protesto o que não sinto,
Que todo o poeta é vario,
Que é borboleta inconstante;
Mas agora, n'este instante,
Eu vou provar-te o contrario.

Vem cá! — Sentada a meu lado,
Com esse rosto adorado,
Brilhante de sentimento,
Ao collo o braço cingido,
Olhar no meu embebido,
Escuta o meu juramento.

Espera:—inclina essa fronte...
Assim!...—Pareces no monte
Alvo lyrio debruçado!
—Agora, si em mim te fias,
Fica seria, não te rias,
O juramento é sagrado:

« —Eu juro sobre estas tranças,
« E pelas chammas que lanças
« D'esses teus olhos divinos;
« Eu juro, minha innocente,
« Embalar-te docemente
« Ao som dos mais ternos hymnos!

« Pelas ondas, pelas flôres,
« Que se estremecem de amores—
« Da brisa ao sopro lascivo;
« Eu juro, por minha vida,
« Deitar-me a teus pés, querida,
« Humilde como um captivo!

« Pelos lyrios, pelas rosas,
« Pelas estrellas formosas,
« Pelo sol que brilha agora,
« —Eu juro dar-te, Maria,
« Quarenta beijos por dia,
« E dez abraços por hora! »

O juramento está feito,
Foi dito co'a mão no peito
Apontando ao coração;
E agora—por vida minha,
Tu verás, ó moreninha,
Tu verás si o cumpro ou não!... » (1)

Não vejo que seja mister desenvolver demasiado a caracteristica d'este poeta immensamente conhecido. Basta uma só nota mais.

Não tinha defeitos? Por certo os tinha, e entre elles o principal é por vezes descambar na vulgaridade até cahir na prosa. Isto, porem, é raro.

Si faço esta declaração é no intuito de evitar a transformação d'este livro n'um compendio de elogios. Meu alvo não é encomiar nem vituperar. Comprehender e explicar, eis o fim da critica, sabemol-o hoje.

(1) *Obras Completas* de Casimiro de Abreu, sexta edição, pag. 206.

CAPITULO IV.

Outros poetas.

Vamos agora ás regiões do norte ouvir ainda um punhado de cantores, quasi totalmente desconhecidos no sul do imperio.

Nós aqui temos d'estas singularidades: exceptuados os politicos, que logram ser deputados ou senadores e installar-se de quando em vez ou perpetuamente no Rio de Janeiro, os talentos das provincias ficam condemnados ao olvido, especialmente os das provincias do norte. Não quero agora esplanar as causas d'este desarranjo, que se vae accentuando cada vez mais e assumindo as proporções de verdadeiro desdem por tudo quanto é nortista, tudo que não é da côrte e das cinco provincias do sul...

Não quero fazel-o agora, por me não desviar do assumpto capital d'este livro; apenas declaro bem alto que felizmente não participo de taes preconceitos e ex-

clusivismos: do norte ou do sul, de leste ou do oeste o talento é para mim sempre bem vindo.

Não trabalho para fragmentos do Brazil, meu labor é para o grande todo, a grande patria. Nada de separatismos insensatos.

Os poetas que nos vão agora deleitar são: *Pedro de Calasans*, *Trajano Galvão*, *Marques Rodrigues*, *Gentil Homem*, *Dias Carneiro*, *Souza Andrade*, *Bruno Seabra*, *Bittencourt Sampaio*, *Franklin Doria*, *Costa Ribeiro*, *Elziario Pinto*, *José Maria Gomes de Souza*, *Joaquim Serra*, e *Juvenal Galeno*.

Veremos apenas os principaes entre elles a quem se poderiam juntar *José Coriolano*, *Benicio Fontenelle*, *Paes de Andrade* e outros da mesma indole. São poetas de Sergipe, Bahia, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Piauhy e Pará.

Comecemos pelos sergipanos.

Pedro de Calasans (1836-1874) A provincia de Sergipe, com ser a menor e a mais desprotegida do imperio, não é um terreno safaro e ingrato para a intelligencia. Bem pelo contrario, muitos espiritos illustres têm alli visto a luz do mundo.

Nós alli tambem temos contado nossas notabilidades; basta-me agora lembrar os nomes de um educador como Tobias Leite, um jurista como João José do Monte, um medico qual José Lourenço de Magalhães, um orador como Frei Santa Cecilia, um linguista como João Ribeiro, e poetas como Pedro de Calasans, Bittencourt Sampaio, Tobias Barreto, Constantino Gomes, José Maria Gomes de Souza, Joaquim Esteves, Pedro Moreira, José Jorge, Justiniano de Mello, Eugenio Fontes e Elziario da Lapa Pinto.

D'este grupo de illustres sergipanos veremos agora aquelles que naturalmente entram na phase que vamos estudando.

Comecemos por Calasans.

Nascido em 1836, o anno de Bocayuva, de Franco de Sá e Franklin Doria, estudou direito no Recife de 1855 a 59, ao que supponho.

O seu primeiro livro, *Paginas Soltas*, publicado em 1855, aos desenove annos de idade, nol-o dá como estudante academico; as *Ultimas paginas*, em 1858, mostram-no na mesma qualidade.

O periodo academico foi o mais notavel da vida do moço sergipano.

Foi enorme a nomeada que desfructou em Pernambuco. O estudante de direito, o jornalista, o critico, o poeta, porque o sergipano era tudo isto, foram igualmente gabados, admirados. Foi aquelle um tempo de forte movimento litterario na bella capital nortista. Os mais illustres d'esses moços de que falamos acima n'este capitulo foram collegas de Calasans.

Depois de bacharelado, retirou-se o poeta para a sua provincia, onde casou-se com uma rica herdeira e foi eleito deputado geral.

No Rio de Janeiro a principio ainda a fortuna pareceu sorrir ao joven representante da nação, o escriptor provinciano.

Na camara o poeta não fez figura alguma, porque não tinha aptidões oratorias; mas na imprensa tornou-se logo perfeitamente saliente. Foi então que uma paixão amorosa violenta incitou-o a deixar tudo e a partir para a Europa precipitadamente, estonteadamente.

Seu casamento não tinha tambem sido dos mais felizes; havia incompatibilidade de genios entre os dois esposos. Desfez-se o equilibrio e o joven poeta cahiu e nunca mais se levantou de todo.

Na Europa em 1864 ainda fez algumas publicações meritorias.

No decennio que vae de então a 1874, epoca de sua morte ainda produziu; mas quasi nada publicou. Creio que falleceu no Rio Grande do Sul.

O leitor não leve a mal a incerteza e indecisão que emprego nos dados biographicos de Calasans; os sergipanos nunca foram ciosos de suas glorias, ninguem ali se preoccupa com estas cousas; não existem escriptos que possam orientar o historiador. O que sei da biographia do poeta devo-o a informações oraes colhidas em Pernambuco.

Elle publicou as seguintes obras: *Paginas Soltas*, (1855) *Ultimas Paginas*, (1858) *Ophenisia*, (1864) *Wiesbade*, (1864) e *Uma Scêna de nossos dias* (1864). Deixou varios ineditos, um dos quaes sob o titulo de *Camerino* já foi publicado (1875). São volumes de poesias, excepto *Uma Scêna de nossos dias* que é um drama. (1)

O poeta sergipano merece attenção especial da critica; ha n'elle uns tantos symptomas particulares que não devem passar despercebidos.

A primeira nota, que lhe assignalo é um certo caracter de independencia, especialmente nas ultimas producções.

Em seu tempo a litteratura brazileira obedecia a duas tendencias principaes: A corrente de Alvares de Azevedo e a de Gonçalves Dias, o sentimentalismo descrente e o indianismo.

Calasans evitou um e outro; em seus versos nem surgem os *Renés*, *Manfredos* e *Rollas* enfastiados, nem apparecem as cabildas de selvagens.

O poeta, sempre muito correcto de linguagem e de forma metrica, antolha-se-nos alegre, expansivo, crente. Revela por outro lado ideias liberaes sobre o povo e o governo e é um valente profligador da escravidão. E' esta uma outra nota sua.

Tudo isto é facil verificar nas producções do auctor; não o mostro directamente, por ter de attender a coisas mais interessantes.

---

(1) Vide Luiz Francisco da Veiga—estudo sobre *Dutra e Mello*, nota, em que fala de Calasans.

Não é só esse caracter de seriedade, essa ausencia de sentimentalismo impalpavel e morbido que assignala a Calasans e aos seus companheiros do norte um lugar distincto na poesia romantica brazileira na phase de 1855 — a 65. Aquelles poetas foram tambem verdadeiros precursores do realismo contemporaneo.

Eu me explico.

A poesia sob a influencia dos moços poetas da escola de São Paulo, ou n'ella filiados, Azevedo, Lessa, Bonifacio de Andrada, Laurindo, Junqueira... tinha como feição caracteristica a subjectividade, os affectos pessoaes, intimos de seus auctores; a poesia, sob a direcção dos moços do norte, na escola do Recife, buscou intuitos mais objectivos, mais exteriores, mais geraes. Gentil Homem, Trajano Galvão, Dias Carneiro, Bittencourt Sampaio, Franklin Doria, Joaquim Serra, Coriolano, Juvenal Galeno deram mais attenção aos costumes, situações, lendas, factos populares; deixaram-se inspirar d'esse realismo campesino, nacional, bucolico.

Em Calasans não temos esta nota: elle não vibrou esta tecla; seu realismo é outro; é o realismo da cidade, da gente culta, dos salões civilisados, das altas classes.

O poeta pinta cruamente os vicios da civilisação, especialmente os desgarros da mulher elegante.

As provas temol-as em todos os seus livros; vêde nas *Ultimas Paginas* especialmente *Per amica silentia lun.* *Sete Somnos*, *Fel por mel*, e *Mulheres de ouro*; lêde todo o poemeto *Wiesbade*.

Este genero de poesia, realista em essencia, assume nos labios do cantor sergipano uns tons de satyra, dignos de serem ouvidos.

Eis aqui um pedaço das *Mulheres de ouro*:

> « Mulheres sensuaes! que o tenue sello
> Da pureza carnal vos não romperam,
> Em beijos a escaldar, os libertinos;

De que vos orgulhaes? porque, do mundo
No sordido festim, temeis manchal-as,
— De vossas vestes as custosas barras,
Por descuido, ao roçar pelos amiculos
Da pobre meretriz? que vos distingue?...
Vós todos sois mulheres, rebolcadas
No lodoso bordel, no lodo impuro
Do seculo em que viveis!...

Por tardas noutes,
Nos candidos lencóes, que a neve embaçam,
Que loucos pensamentos, que volupias,
Quando á sós, não pensaes! — e o corpo virgem,
Meio posto em nuez, na sêde hysterica,
E a face a enrubecer, bem como as flôres
Do eloendro da Italia, e os olhos negros
Cahidos em langor, e o labio tremulo...
Em que pensaes então?...

Quando a balança
Da paterna ambição curva uma concha
Ao peso do ouro, que a nobreza compra
E o anadema de virgem; vós, que amadas
Talvez fostes de alguem, que n'outra concha
Depõe riquezas de um talento fertil,
Os sonhos de um porvir, glorias, esp'ranças...
(E a sedenta balança immovel, queda!)
E o fogo do seu estro, e os sentimentos
Resumidos n'um só, e os seus anhelos...
(E a sedenta balança immovel inda!)
E os prantos de sua alma, e os seus segredos
Mais intimos do peito, e crenças, tudo...
(E a sedenta balança immovel sempre!)
Por elle o que fizeste? — desprezal-o,
Como as flôres preteritas de um baile!

O' mulheres de marmor! que esquecestes
Aquelle coração, que tanto amou-vos,
Que em febre delirante aperta e beija

—Pobre louco!—o pallor inda das flôres
De suas illusões—fanadas todas!

Vós, mulheres, que sois? porque evitardes
As que a vida trasladam d'esses quadros
Da antiga Babylonia?...
Menos rudes não sois, nem sois mais bellas!
Mais impuras—talvez! ellas vendiam
As horas de prazer, vendiam caro
As bellezas do corpo a larga de ouro,
Vós por ouro vendeis a vossa vida,
Mercadejais vossa alma!

Não ha descrel-o, pois: gasta-se a honra
No brilhar dos salões, onde se esfolham
Da capella da virge, uma por uma,
As meigas flôres, que a innocencia aroma!
N'esse borbuletar de mil amores
Muito riso se murcha, e mais de um lyrio
Perde o meigo viçar dos seus perfumes!»

O poeta castiga n'estes versos a falsa virgindade, oriunda de vicios da educação corrente, e profliga a ancia de riqueza no geral dos casamentos.

Haveria, entretanto, uma observação a fazer-lhe e é esta: na mór parte dos enlaces matrimoniaes não são sómente as familias das moças que procuram fazer bons negocios, arranjando noivos ricos; infelizmente, em muito maior escala, os homens é que buscam arranjar-se, fazendo bôa negociata argentaria...

O resultado é, muitas vezes, na posterior vida matrimonial ficarem regularmente *arranjados*... os homens. O poeta devia ter sido mais completo e castigar á direita e á esquerda.

A poesia romantica em sua generalidade não comprehendeu a vida social; demasiado habeis em pintar seus sentimentos pessoaes e intimos, faltava aos roman-

ticos a observação e a destreza para pintarem os sentimentos alheios e comprehenderem as affeições collectivas.

Tal o motivo de desacertarem sempre sobre a mulher.

Reparem-se as poesias romanticas; n'ellas a mulher ou é logo elevada á cathegoria de anjo, fada, sylphide, ente sobrenatural; ou é arrastada logo á lama como vil peccadora. Não ha meio termo: não se concebe que entre anjo e demonio ha uma gradação infinita que comprehende a realidade da vida.

Calasans co-participou d'essa anomalia litteraria, ainda que tivesse sido dos menos achacados.

No poemeto *Wiesbade*, uma das mais interessantes producções da romantica brazileira, as feições realistas são ainda mais definidas.

O poeta faz a pintura severa da sociedade elegante de jogadores de *roleta* n'aquella cidade allemã.

E' digno de lêr-se esse retrato da vida social européa feita por um americano.

Calasans era um romantico que sabia vêr, sabia observar.

E esta nota do talento do moço sergipano não passou despercebida ao critico M. P. Oliveira Telles no seu bello estudo sobre *Wiesbade*. (1)

Apenas deve-se accrescentar que essa qualidade o escriptor sergipano revelou desde os seus primeiros ensaios.

Algumas palavras sobre o lyrista e vejamos outro.

Como lyrico o desventurado poeta não foi dos mais valentes do Brazil pelo que toca á vida, ao vigor da imaginação e ao calor e exuberancia das imagens. Tem correcção, tem facilidade; não tem riqueza e brilho.

Em seus livros, si não existem muitas peças verdadeiramente superiores no sentido de que falo, sobram bellos pedaços de bem alentada poesia.

---

(1) Vide *O Microscopio*, Recife, 1882, n. 2, pag. 12.

Eis um trecho:

« E as horas vão tão breves, quando uma alma
Vai n'outra alma encontrar porções de vida!
Quando o olhar, que nos olha, é meigo e terno,
Quando a voz, que nos fala, estremecida!

E os dias vão subtis, tão perfumados
Bem como da odalisca o olente banho!
E a vida é tão suave, quando o mundo,
Alheio ao nosso goso é-nos extranho!

O azul do firmamento é tão sem nodoas,
As nuvens de um trajar tão setinoso,
As flôres teem segredos tão queridos,
E os ventos um soprar tão melindroso!

E o sol no seu zenith equilibrado,
A terra vivecendo em seus dardejos,
Vem beijar-nos o craneo com seus raios,
Comnosco repartir vem seus lampejos!

E o mar tranquillo, qual dormir de infante,
Refranjando de espuma a praia nuda,
Nos conta ao coração seus mil arcanos
N'uma phrase sentida inda que muda!

E a lua, a nossa lua, em seus pallores
Nos revela o sentir dos seus mysterios;
Sabemos entender as orvalhadas,
Que a noite choviscou em cemiterios!

E os dias vão subtis, e as horas doces
Como um canto ao luar das Granadinas,
E a vida vai suave, como o orvalho
Do calix a pingar d'alvas boninas!

E as horas vão tão breves, quando uma alma
Vai n'outra alma encontrar porções de vida!
Quando o olhar, que nos olha, é meigo e terno,
Quando a voz, que nos fala, estremecida! » (1)

Como expressão lyrica n'aquillo que o poeta possuia de mais selecto, é digna de leitura a bella poesia *A Pomba do Lago*, cujo principio é este:

« Brilhava a lua sob um céo de seda,
Recamado de estrellas diamantinas,
Como donzella nos salões de um baile
Aos trementes clarões das serpentinas.

N'uma planicie, que florestas fecham,
Escondendo aos mortaes um paraiso,
A mão do Eterno se esmerou pintando
Um manso lago do crystal mais liso.

Fulgente lamina de metal pulido
O lago solitario parecia,
Onde os bafejos de uma aragem branda
Finos traços na flôr, leve, esculpia.

E da floresta nas selvagens harpas
Expiravam de amor longinquas notas,
Como os murmurios de adormida nympha,
Bater das azas de gentis gaivotas.

E da noite a mudez n'alma infundia
Philtro indisivel de arroubada scisma,
E um céo de enlevos suggeria a ideia,
Lindas nuanças de dourado prisma.

---

(1) *Ultimas Paginas*, 112.

E os olhos fitos na estrellada abobada,
Pensava... o que eu pensava? um sonho vago;
Quando disperto ás harmonias sanctas
De uma fada de amor, que habita o lago,

Indeciso, encantado, em sobresalto,
Distincto vejo, na azulada veia,
Fiel transsumpto de sonhada imagem,
ue Deus de um riso por capricho crêa.

N'um batel de marfim, orlado de ouro,
De carmineo veludo atapetado,
Vi-a sentada, com a madeixa ao vento,
Em riquissimas colchas de brocado.

E os finos dedos ameigando as cordas
De uma lyra, que o Libano provêra,
Soltara um hymno doce e mavioso,
Qual sómente Eloah nos céos tangera. » (1)

Tal o estylo do poeta, illustre por ter sido um reaccionario contra as pieguices litterarias de seu tempo. Só esta nota lhe assignalaria logar eminente em nossas letras.

Francisco Leite Bittencourt Sampaio. A passagem de Calasans a Bittencourt Sampaio é facil e natural: ambos coevos, ambos sergipanos, ambos poetas de merecimento.

Em Bittencourt Sampaio predomina o lyrismo local, tradicionalista, campesino, popular. Por este lado é talvez o melhor poeta do Brazil; porque é mais natural e espontaneo do que Dias Carneiro, Trajano Galvão e

---

(1) *Ultimas Paginas*, pag. 121.

Bruno Seabra e é mais elevado e artistico do que Juvenal Galeno.

Bittencourt Sampaio formou-se em direito, passando pelas duas faculdades juridicas do Brazil, a de Pernambuco e a de S. Paulo.

Depois de bacharelado em 1858 ou 59, residiu algum tempo em Sergipe.

Foi eleito deputado no regimen ligueiro: no parlamento não se tornou saliente. Ficou residindo no Rio de Janeiro, onde ainda existe.

Sua carreira litteraria tem duas phases perfeitamente distinctas: a academica representada no bello livrinho das *Flôres Sylvestres* publicado em 1860, e a posterior exercida aqui na Côrte, representada na *Divina Epopéa.*

Esta *Divina Epopéa* é nada mais nada menos do que a traducção em versos brancos do quarto evangelho; é uma publicação extravagante no gosto da traducção tambem em versos brancos das *Catilinarias* de Cicero pelo Dr. Hanvultando. (1)

A decadencia poetica de Bittencourt Sampaio se me antolha evidente. Actualmente ella é um dos mais eminentes chefes do espiritismo entre nós.

Na historia litteraria este poeta possuirá um lugar elevado ainda e sempre pelas deliciosas *Flôres Sylvestres*.

Estudemol-o ahi.

Ha n'ellas duas qualidades de composições, as de inspiração local e sertaneja e as de inspiração mais geral. N'umas e n'outras os dotes principaes do poeta são— a melodia do verso, a graciosidade que o faz primar em pequenos quadros, e certa nostalgia pelas scênas, pela vida simples, facil, descuidosa das regiões sertanejas e campesinas.

Os versos do poeta ostentam o denguismo, a faceirice das morenas quentes do interior. Estamos agora diante de um problema litterario e ethnographico.

---

(1) Este é o auctor dos *Sentimentos Harmonicos* e dos *Opusculos Recreativos e Populares.*

Já vimos que a litteratura brazileira desde os seus primordios queria ser a expressão de nossa raça.

Mas qual era a nossa raça? Aqui principiavam as duvidas; uns buscavam a feição principal de nosso povo no portuguez, outros no caboclo, rarissimos no africano.

O romantismo reavivou este debate e deu até certo ponto a palma aos selvagens pelo orgão de Gonçalves Dias, José de Alencar e outros.

Ao lado, porem, d'estes mestres, e com mais tino e mais criterio do que elles, levantou-se um grupo de moços que foi procurar no povo actual, como elle se acha constituido, no mestiço physico e moral, em suas tradições e costumes. a nossa physionomia peculiar de nação.

D'ahi proveio esse lyrismo da roça, do sertão, dos matutos, dos tabaréos, lyrismo simples, expressivo e mimoso quando sae do alaúde de um poeta de talento.

N'este caso acha-se Bittencourt Sampaio com as bellas poesias *A Cigana*. *Bem te vi*, *A Rosa dos bosques*, *A Sonambula*, *O Canto da serrana*, *Tarde de Verão*, *O Canto do gaúcho*, *Nossa Senhora da Piedade*, *O Lenhador*, *O Tropeiro*, *A Mucama* e outras do genero.

Cumpre advertir que essa especie de poesia só tem graça quando sabe alliar á verdade os primores da arte, as gentilezas e galas do estylo, quando é obra de um verdadeiro artista. Fóra d'ahi só tem valor quando é puramente popular. Ou inteiramente popular, anonyma, colhida da bocca dos menestreis dos sertões, ou então transfigurada, depurada, elevada pelos poetas de talento.

Quando não é uma nem outra cousa, quando é um genero hybrido, que nem é popular, nem culto, qual a produz o massador e mediano Juvenal Galeno, essa poesia é a mais enjoativa triaga que imaginar-se pode.

Um poeta d'esta ultima especie nem tem o merito do tropeiro, do matuto, do tabaréo, do caypira, do sertanejo que descanta suas trovas, nem tem o merecimento

de um Bittencourt Sampaio, de um Joaquim Serra, de um Gentil Homem, e d'outros assim.

O poeta sergipano, temos nós dito, é no genero sinão o melhor, um dos melhores do nosso paiz. Ouçamol-o e concluamos.

Eis *O tropeiro*:

« Camarada, toca avante,
Que o sol se vai occultar;
Mais uma legoa adeante
Devemos nós sestear.
  Vês o céu ? está formoso
Brilha a estrella do pastor;
  O tropeiro vai saudoso,
Vai cantando o seu amor.

Lá deixei na minha terra
A mulher com quem casei;
Ao descer d'aquella serra
Saudoso pranto chorei!
  Que a morena é minha vida,
E' na terra a minha flôr;
  A minh'alma vai partida,
Só me alenta o seu amor.

Vivo ao sol, á chuva, ao vento,
Cuidando só do que é meu;
Mas de amor o pensamento,
Ai! morena, é todo teu!
  Sai-me do peito um suspiro,
Quando vejo o sol se pôr;
  Tem poesia o retiro,
Tambem tenho o meu amor.

Olha a tropa, camarada,
Que não se vá dispersar;
Iremos, si está cançada,
N'aquelle pouso pousar.

O rancho não é seguro?
Pouco importa ao meu valor.
Deus conhece do futuro,
Fez-me forte o seu amor.

A garrucha trago ao lado,
E o meu trabuco tambem:
Cobre o ponche adamascado
O punhal que á cinta vem.
Valente quem fôr que o diga,
Ousado venha quem fôr.
Sei chorar minha cantiga,
Sei morrer tambem de amor.

Dá me, patricio, a viola,
Quero a modinha ferir;
O meigo canto da rôla
Não tem mais doce carpir!
Que o tropeiro apaixonado
Tem na voz muito langor.
O meu peito vai ralado,
Só me alenta o meu amor.

A flôr do vale mimosa
Tem perfume a rescender;
Gosto de vel-a chorosa
De manhã ao sol nascer.
E' como ella a flôrzinha
A desmaiar-se de dôr.
A morena é toda minha,
Deu-me todo o seu amor. »

Agora venha agoa ardente,
Quero o fadango tocar:
Passa-se a vida innocente
Quando se vive a dançar.
O trabalho do costeio
Não desagrada ao Senhor.
De chilenas sapateio,
No dançar vai muito amor.

D'araponga se ouve o canto
Lá para as bandas do val:
A noite tem seu encanto,
E esta vida é sem igual.
Mas é hora da partida,
Diz a estrella em seu fulgor;
Vai minh'alma entristecida,
Só me alenta o seu amor.

Quando voltar para a terra,
Para a terra onde eu nasci,
Subirei contente a serra.
Que tão triste hontem desci!
E nos braços da morena,
Gosando da vida a flôr,
Ai! direi, a minha Helena
E' sómente o meu amor. » (1)

Veja-se bem que esta linguagem é nacional, este typo, é brazileiro.

Leiamos *A Mucama:*

« Eu gosto bem d'esta vida,
Porque não hei de gostar?
A minha branca querida
Não hei de nunca deixar.
Eu gosto bem d'esta vida,
Porque não hei de gostar?

Tenho camisa mui fina
Com mui fino cabeção;
As minhas saias da China
São feitas de babadão,
Tenho camisa mui fina
Com mui fino cabeção.

(1) *Flôres Sylvestres*, Rio de Janeiro, 1860, pag. 137,

—« Sinhá, permitte que eu saia ?
« —A' tarde póde sahir. »
Visto então a minha saia,
Lá me vou a sacudir.
—« Sinhá, permitte que eu saia ?
« —A' tarde póde sahir. »

Deito o meu torço com graça
E a minha beca tambem ;
Atravesso a rua, a praça,
Dizem logo : « eil-a que vem ! »
Deito o meu torço com graça
E a minha beca tambem.

Si arrasto bem as chinellas
As chaves fazem tim... tim...
Vejo abrir-se uma janella
D'onde alguem olha p'ra mim.
Si arrasto bem as chinellas
As chaves fazem tim... tim...

E o velho diz do sobrado :
« Minha criola, vem cá. »
Não gosto do seu chamado,
Não sou criola : p'ra lá !
E o velho diz do sobrado :
« Minha criola, vem cá. »

Os moços todos me adoram,
Me chamam da noite flôr ;
Atraz de mim elles choram,
Por elles não sinto amor.
Os moços todos me adoram,
Me chamam da noite flôr.

Tenho alguem que no caminho
A' noite me vem falar;
Que com affago e carinho
Sabe a mucama abraçar.
Tenho alguem que no caminho
A' noite me vem falar.

Que me diz com voz mansinha
O que eu nunca ouvi dizer:
« Minha *preta*, tu és minha,
Has de comigo viver! »
Que me diz com voz mansinha
O que eu nunca ouvi dizer.

E' sinhô moço! Que agrado!
E' sinhô como não ha!
Diz-me sempre: « Tem cuidado!
Não contes nada a sinhá! »
E' sinhô moço! Que agrado!
E' sinhô como não ha!

Já nem tenho mais saudade
Da minha terra gentil!
Vivo escrava da amizade,
Quero morrer no Brazil.
Já nem tenho mais saudade
Da minha terra gentil!

A' noite sei o meu canto,
Que faz o peito gemer;
Mas n'estes olhos o pranto
Jámais ninguem ha de ver!
A' noite sei o meu canto,
Que faz o peito gemer.

Eu gosto bem d'esta vida,
Porque não hei de gostar ?
A minha *branca* querida
Não hei de nunca deixar.
Eu gosto bem d'esta vida,
Porque não hei de gostar ? » (1)

E' ainda um typo nacional bem desenhado.

E' este o estylo, o tom geral do auctor. Fôra possivel fazer outras citações e mostral-o em outros generos. E' preciso, porem, parar.

Vamos adiante; sem sahir de Sergipe temos ainda n'esta época

José Maria Gomes de Sousa. Filho da cidade da Estancia, este poeta nasceu, ao que presumo, em 1837 e ainda vive, reduzido á extrema pobreza, na cidade de Barbacena em Minas Geraes.

Formou-se em pharmacia no Rio de Janeiro, retirou-se para sua cidade natal, onde residiu por muitos annos, passando-se depois para Minas.

Existem d'elle um pequeno volume sob o nome de *Estancianas* e diversas poesias esparsas em jornaes de Sergipe e Minas; sua leitura deixa-nos agradavel impressão.

E' o lyrismo brazileiro. Quero definir o poeta em duas palavras: elle vibrou as cordas do lyrismo local, do lyrismo subjectivista e especialmente do genero epico lyrico.

D'este, sua principal feição, são um bello especimen os versos que dedicou a *Henrique Dias*.

Eil-os aqui :

---

(1) *Idem*, pag. 141.

« Do Norte a gentil sultana
Cedeu, pela prima vez,
Sua cerviz soberana
Ao ferreo jugo hollandez.
Ai! pobre da malfadada,
Tão cruamente algemada,
Ao cêpo do servilismo!
Que triste que foi-lhe a sina!
Nem uma luz a illumina
Nas profundezas do abysmo!

Seus lindos rios saudosos,
Seus frescos, floreos palmares,
Seus passarinhos formosos
De harmonia enchendo os ares,
Suas campinas de flôres,
Seus matizes, seus verdores
Vão ser bens d'um outro dono!...
E tu, sultana do Norte,
Pelos caprichos da sorte,
Vaes dormir d'escrava o somno!

Nem mais a lua te banha
Com seus arroios de prata,
Quando da etherea montanha
Nos lagos teus se retrata;
Que se expira a liberdade
No seio de uma cidade
Tudo ahi tambem expira,
Como da moça os encantos
Vão morrer nos frios prantos,
Nos tristes ais que suspira...

Porem não! Ao longe sôa
O grito horrendo da guerra,
E ao som, que ao longe rebôa,
O fero hollandez se aterra!

Erguem-se as vastas bandeiras,
Marcham avante as fileiras,
Que em seu soccorro lá vêm;
Pois que do Norte a sultana
Sua cerviz soberana
Nunca curvou a ninguem.

Ao retroar das metralhas,
Da guerra ao tufão que sôa,
Como o genio das batalhas,
Henrique Dias lá vôa!
Da larga mão bronzeada
Vae pendente a núa espada,
—Raio que os mandões fulmina!
E cada golpe que vibra
Faz quebrar fibra por fibra
Dos mandões a raça indi'na.

Preto, mais nobre que um nobre,
Ou nobre como um Bragança,
Sob a epiderme de cobre
Uma alma d'oiro descança!
E, si as corôas coubessem
A'quelles que se expozessem
Da sua patria em defesa,
Seria o rei mais perfeito...
Si é que a purpura—do peito
Não faz murchar a nobreza...

Matando a todos de inveja
Com sua nobre altivez,
Temeu o então na peleja
O fero povo hollandez.
E tu, valente soldado,
Corajoso e denodado
Despedes golpes de morte;
Por teu denodo guerreiro
Livraste do captiveiro
A linda filha do Norte.

Então a gentil captiva
Sua belleza assumio,
E erguendo a cerviz altiva
Ao seo guerreiro sorrio:
Assim a virgem formosa
Expõe as faces de rosa
Aos beijos do amante seu,
Tão satisfeita e contente
Do rico e lindo presente
Que pela festa lhe deu.

Feliz quem leva da espada
Em prol de sua nação!
Ou quem, vendo-a escravisada,
Expira, como Catão!
Catão! Ainda parece
Que o Capitolio estremece
A' voz do grande Romano!
Catão! Com quanta saudade
Vio calcada a liberdade,
Aos pés do Cezar tyranno!

Foi assim Henrique Dias,
Valente como ninguem!
De sua nobre ousadia
Deu-lhe o Brazil parabem.
Oh! Bayard da liberdade,
Teu nome famoso ha-de
Affrontar do tempo a acção;
E a par dos nobres guerreiros,
E dos heróes brazileiros
Terás a tua oblação. » (1)

Estes versos são de 1857; n'elles ha uma certa ousadia, uma certa vivacidade, que agradam.

---

(1) *Lyra Sergipana*, Aracajú, 1883; pag. 1. Cito a poesia por um exemplar que possuo corrigido pela mão do proprio auctor.

Si Calasans primou no semi-realismo dos salões, si Bittencourt Sampaio salientou-se no lyrismo local e sertanejo, José Maria Gomes de Sousa foi um bom cultor da poesia historica e patriotica; e esta poesia objectivista é muitas vezes uma das grandes vozes de um povo; é a nação que revê-se nos seus heróes.

Elzeario da Lapa Pinto é tambem um filho de Sergipe, onde veio á luz em 1836 ou 37, ao que supponho.

Sua biographia é obscura; abandonando ha muito tempo a provincia natal, residiu na Bahia e hoje acha-se no Rio de Janeiro em condições identicas ás de José Maria Gomes de Sousa em Minas.

Pobres talentos desprezados, martyrisados pela cruel indifferença de um publico futilissimo!

Elzeario publicou muitas producções pelos jornaes em generos diversos; sua nota predominante é, como em José Maria, o genero epico-lyrico.

N'este estylo escreveu elle *O Festim de Balthazar*, uma das poesias mais bellas da lingua portugueza n'este seculo.

N'uma historia documentada da litteratura brazileira seria uma lacuna a falta de tão interessante inspiração.

E' este *O Festim de Balthazar*:

« Queimai perfumes, escravas!
Trazei-nos sandalo e flôres!
Vinho! do vinho os vapores
Levem presagios crueis!
Por *Baal!* Senhores e dônas,
Não morra o prazer da festa!
Por *Baal!* Por *Baal!* sôe a orchesta,
Tangei, tangei, menestreis! »

As luzes tremem nas salas,
Treme o ouro e a pedraria;

Das amphoras transborda a orgia
Como as espumas do mar :
—« Por *Baal!* Senhores e dônas,
Repete a nobre assembléa,
Ao grande rei da Chaldéa !
Ao grande rei Balthazar ! »

Rompe a orchesta—e as concubinas
Com os seios nús, palpitantes,
Entoam febris descantes,
Lasciva, idéal canção ;
E em volta ao seu throno d'ouro
Nabonid, rei poderoso,
Solta a alma a nadar no gozo,
Em que se afoga a razão.

E ferve, referve a orgia
Ao som da orchestra estridente !...
E a lua toca o occidente,
Sobre a cidade immortal :
Talvez mande a peregrina,
Do monte Ephrain pendida,
Um raio por despedida
Do Cedron sobre o crystal.

Manda, sim, sobre ruinas
Que ahi só resta um montão
Mirando a gentil captiva,
Dilecta filha de Abrahão :
—« Ai terra de Deus querida !
Ai terra da Promissão !

« Terra, terra bemfadada,
Outr'ora—esposa de Arão,
Hoje ruinas dispersas,
Hoje o lucto e a escravidão ;
—Ai terra de Deus querida !
Ai terra da Promissão !

« Teus filhos gemem distante,
Jamais aqui voltarão...
Murchai, gardenias do prado!
Chorai, divino Jordão:
—Ai terra de Deus querida!
Ai terra da Promissão!

« Onde as endechas saudosas
Dos cantores de Sião?
Aves do céu, vossos carmes
Não solteis mais aqui, não!
—Ai terra de Deus querida!
Ai terra da Promissão!

« Lyrio pendido no valle,
Varreu-te acaso o tufão?
Nem uma gotta de orvalho!
Isaac! David! Salomão!
—Ai terra de Deus querida!
Ai terra da Promissão! »

E pela encosta do monte
A tristesinha lá vai,
Mandando um ultimo pranto,
Um doce e sentido ai,
De um lado á immersa Sodoma,
Do outro ao monte Sinai.

E cresce, recresce a orgia
Nos salões de Balthazar,
Ondas de pura harmonia,
Ancias de puro gozar,
—Emtanto a cidade dorme
Envolta no manto enorme
Da noite—somno fatal!
E aquelle peito gigante
Devora sêde arquejante
De vicios, sêde infernal!

Nas salas grato ruido,
Luzes, perfumes e amor;
Lá fòra estranho rugido,
Surdo, ao longe, e ameaçador.
No horizonte um fumo denso
Se eleva, bem como o incenso
Nas salas e a embriaguez...
Que importa ao rei o horizonte,
Si as flôres ornam-lhe a fronte,
Si o ambar corre-lhe aos pés?!

« Ao rei! ao rei poderoso!
Ao reino que não tem fim!
Como o Eufrates caudaloso
Corra a onda do festim! »
—« Perdão: as taças, senhores,
Não podem, tão sem lavores,
A' festa de um rei convir;
Temos os vasos sagrados!...
São soberbos, cinzelados,
Do ouro fino de Ophir.

« Trazei-mos » já vacillante
Diz o rei: « Viva o Senhor! »
E ruge o vento distante,
Como um gemido de dôr.
Entram luzidos criados
Trazendo os vasos sagrados
Do templo de Salomão...
— E ruge o vento mais forte,
Lançando vascas de morte
Pelos umbraes do salão.

« Transborde o nectar, amigos!
Eis os vasos de Jehovah!
N'esses lavores antigos,
Vê-se a captiva Judá. »
E cresce o estranho rugido,
Surdo, rouco, indefinido...

« São os soluços do Iran! »
E ruge, ruge mais perto...
« São os ventos do deserto
Sobre as areias de Oman! »

Nas caçoulas fumegantes
Arde o myrto e o aloés,
Ao som das notas vibrantes
Sobe, sobe a embriaguez.
« Por *Baal!* Por *Baal!* Pelos Medos!
Quebrem-se as harpas nos dedos
Trema o tecto do salão! »
Horror! ao tinir das taças,
Nuncio de eternas desgraças,
Brame na sala um tufão.

« Depressa, luzes, depressa... »
Diz o rei: « longe o terror!
Mas não... » e o vaso arremessa,
Recúa tremulo... horror!
E' que, em meio á noite brusca,
Mão, que de brilhos offusca,
Toda a sala illuminou;
Cometa, a correr ardente,
Estranha cifra candente,
Pelas paredes traçou!

« Meu collar de pedrarias
Aquelle que decifrar!
Venham magos e adivinhos,
Depressa, Beltisasar,
Elle, o mais sabio de todos,
Póde o mysterio explicar! »

E dorme a cidade lassa
Dos vicios na prostração,
E cresce, cresce o rugido
Qual resonar de um volcão:

Ou é tremenda borrasca,
Ou é povo em multidão.

Entre os famosos convivas
Mais um conviva apparece,
As sandalias do proscripto
Traz... quem é que o não conhece ?
Diante do rei se inclina,
Do rei, que ao vel-o estremece.

« Bemvindo sejas, captivo,
Daniel Beltisasar ;
Si sabes lêr no impossivel,
Tens alli, pódes falar :
Terás um manto de purpura,
Terás meu regio collar. »

De novo ante o rei se inclina
A cabeça do ancião,
Depois, elevando a fronte
Altiva, e estendendo a mão,
Busca achar da ignota cifra
A divina inspiração.

Nem do Tibre o velho roble,
Nem os cedros do occidente
A fronte mais alto elevam,
Mais nobre, mais imponente!
O genio é como as estrellas,
Beija os pés do Omnipotente.

« Rei! escuta a voz do Eterno,
Que por meus labios te fala :
O crime mais execrando
O teu reinado assignala :
Vê, revê tua sentença
Escripta em letras de opála.

« Não ouves bramir confuso
Como o arfar da tempestade?
São os Persas que se arrojam
Sobre os muros da cidade:
Perdeu-te a lascivia impura,
Rei! perdeu-te a impiedade.

« Profanaste os vasos santos
Nas torpezas de um festim,
Teus dias foram contados
Como os da bella Séboin!
Agora o brinde, senhores,
— Ao reino que não tem fim! »

Gesto grave, altivo, acerbo,
Assim fala o escravo hebreu,
Soletrando o ardente verbo,
Que mão de raio escreveu:
E depois, braços pendidos,
Olhos de chamma incendidos,
Verberando a maldição,
Deixa a sala, onde se espalha,
Como trevosa mortalha,
O terror na escuridão.

E quando o raio primeiro
Do sol, singrando o horisonte,
Rompe o denso nevoeiro
Sobre o cabeço do monte,
Em vez da cidade altiva,
Vê — desgrenhada captiva,
A dissoluta Babel,
E alem dos muros colossos,
D'aquelle povo os destroços
E um homem só — Daniel! » (1)

---

(1) *Lyra Sergipana*, Aracajú, 1883, pag. 58.

É um bello poemeto em verdade; traz a data de 1865; antes e depois o poeta não chegou mais a essa altura.

Elzeario Pinto será sempre o poeta do *Festim de Balthazar*, como Vigny será sempre o poeta de *Eloah*, como Domingos de Magalhães será o poeta de *Napoleão em Waterloo*, e tantos outros vates de uma só poesia.

A bella producção do malfadado sergipano são esses versos fortes, vibrantes, inspirados nessa eterna poesia dos hebreus, severa e grave a modular suas estranhas endechas desde o velho *Pentatheuco* até as *Orientaes* do sonhador francez e as interessantes producções de Schefer, Bodenstedt, Daumer e outros lyristas allemães. É a poesia oriental rejuvenescida entre os espiritos do occidente neste seculo curioso das bellezas da litteratura universal.

Entre nós Luiz Delfino dos Santos tem seguido muito esta direcção sem todavia igualar a graciosidade, movimento e brilho do *Festim de Balthazar*, que tem sido até agora no Brazil o mais perfeito producto do genero.

Avancemos.

FRANKLIN AMERICO DE MENEZES DORIA (1836) — Na pleiada de poetas e escriptores que figuraram de 1855 a 1860 no Recife contavam-se os dois bahianos Franklin Doria e Agrario de Menezes.

D'este diremos quando falarmos dos dramatistas; do outro agora é o ensejo de tratar.

E a tarefa é facil. Doria ahi anda ás vistas de todos; é figura proeminente na politica, tem occupado elevadas posições, tem admiradores e amigos, sua biographia corre amplamente feita.

Não assim aconteceu a seu collega Pedro de Calasans de quem se orgulhava de chamar-se amigo; (1) o

(1) Vide nos *Enlevos* os versos dedicados a Calasans.

desventurado sergipano jamais teve biographias e falleceu obscuramente.

Peior tem sido a sorte de Elzeario Pinto e José Maria, ainda vivos e atirados em completo esquecimento.

A fortuna de Franklin Doria não é devida a ser elle superior intellectualmente a esses infelizes poetas; sua fortuna deve-a elle principalmente ao seu bom senso, á sua perspicacia para a vida, que o levou a iniciar-se a geito na politica e a acercar-se de bons e prestimosos amigos.

Não tenho que lhe contar a vida; fica isto a escriptores mais habilitados. E' trabalho aliás já feito. (1)

Para prendel-o a seu tempo e ao seu meio e assim facilitar ao meu leitor a comprehensão d'esse typo litterario, basta-me dizer que o poeta é de 1836 e nasceu na pittoresca *Ilha dos Frades* na vasta Bahia de Todos os Santos; formou-se em direito em Pernambuco em 1859; attirou-se depois á advocacia, ao magisterio e especialmente á politica; tem já sido presidente de provincia, deputado geral e ministro de Estado.

Frankin Doria é talvez mais um politico do que um temperamento litterario; por essa face elle pode ser apreciado como poeta, como orador, como critico, como jurista.

O poeta publicou em 1859 uma collecção lyrica sob o titulo de *Enlevos* e em 1874 uma traducção da *Evangelina* de Longfellow, além de uma ou outra peça destacada pelos jornaes e periodicos.

O orador parlamentar tem proferido bom numero de discursos, alguns dos quaes correm em brochuras. Na critica só lhe conheço um estudo sobre Junqueira Freire. Como advogado e jurista possue um livro sob o titulo de *Questões Juridicas.*

N'estas duas ultimas qualidades nada ha a dizer de

---

(1) Vide nos *Estadistas e Parlamentares* por *Timon* — o folheto sobre o *Conselheiro Franklin Doria.*

especial sobre Franklin Doria; seu estudo a respeito do autor das *Contradicções Poeticas* nada encerra de notavel: o livro juridico é de caracter pratico e forense.

Ouçamos principalmente o poeta e no que elle tiver de mais original. Deixemos a bella traducção da *Evangelina* e abramos os *Enlevos*.

A poesia d'este bahiano é placida, religiosa, contemplativa, resignada; nada de tumultos, de luctas d'alma, de combates do espirito. Em geral não sae de certa mediania.

Possue, porem, meritos bem assignalados: é correcta de linguagem e de metro, é quasi sempre de caracter objectivo; tem em algumas peças duas qualidades que a prendem a melhor poesia do norte, a saber, vigor descriptivo e caracter nacional e brazileiro.

O poeta não foi em sua puericia litteraria refractario as influencias do meio nortista; elle mesmo dá-nos conta das condições que contribuiram ali para a formação de seu talento.

Diz-nos no prologo dos *Enlevos:*

« ... folgo de declarar, que meus versos quasi todos vieram á luz bem longe do tumultuar dos homens, no seio perfumado das solidões campestres. Foi em uma ilha pittoresca e a mais bonita de um gruposinho, derramado, com a inimitavel symetria com que são dispostas as cousas da natureza, pelas aguas aniladas da vasta bahia de Todos-os-Santos.

Esta ilha, em cujo interior se condensam formosas florestas e se alargam floridos valles; cujas costas são povoadas por centenares de casinhas de pescadores; antiga propriedade de meus antepassados, na maior parte de seu territorio, coube por successão, conforme a caduca lei dos morgados, a meu pae, e é a sua residencia, ha bom par de annos. Ahi foi onde nasci... E' a minha « ilha encantada », porém sem outras feiticeiras mais do que as morenas camponezas, ingenuas e joviaes; e sem mais outras delicias, que

não sejam os aromas das moitas circumvisinhas, a sombra e o fresco das mangueiras, os sonoros cochichos das palmas do coqueiro, o azul transparente de um ceu desannuviado, a misturar-se imperceptivelmente com o verde das sumidades dos montes longinquos, e a espelhar-se na superficie de um estreito canal.

Com que impaciencia eu volvia ás praias da ilha, depois de concluir os meus trabalhos escolasticos do anno lectivo, na Faculdade de Direito d'esta cidade! Era, observadas as devidas proporções, a scena viva da passagem do poeta florentino da região sombria do purgatorio para o recinto luminoso e bemaventurado do paraiso. A meus olhos se patenteava um pequeno mundo, que eu achava sempre bello, sempre novo, embora o conhecesse desde pequenino, e, longe d'elle, em uma quasi solidão de exilio, o trouxesse todo estampado na mente com lagrimas de saudade. N'esses sitios, de mim tão queridos, operava-se em minha natureza physica e moral uma profunda modificação, uma especie de resurreição dupla, produzida pelos ares sadios do campo e pela presença dos entes que me são mais caros... A ilha era o abrigo providencial que me preparava o destino, para restaurar-me as forças gastas do corpo, e renovar-me as do espirito, que vergava ao peso da tristeza e do tédio.

Dir-se-hia que, depois de tantas fadigas, o céu querendo recompensar-me, se interessava directamente pela minha ventura.

Por uma coincidencia deliciosa acontecia, que desapressado da tarefa de meu exame, que caia para os fins de novembro, eu chegava á ilha nos lindos dias de verão. A perspectiva dos campos era risonha e fresca.

A estação das graças e das flôres derramava sobre ella as tintas fortes e deslumbrantes de sua palheta mimosa. O sol, roçando com os raios vivamente luminosos as campinas, os riachos, as vargens, os bosques, as praias, as ondas, convertia tudo em ouro puro, como o rei Midas da fabula. A cicopira, uma das arvores symbolicas dos nossos matos, enfeitava-se de floresinhas roxas, como de um veu de viuvez: cada uma das outras arvores parecia um vasto e harmonico ramalhete, que impregnava a atmosphera de exquisitos perfumes.

De momento a momento ouviam-se gorgeios, trinados á

porfia por bandos de passaros de differentes familias; o borborinho das vagas do canal; um som mysterioso que partia da espessura; um como soluçar de saudade, que trazia de longe a viração que refrescava. Era a musica da solidão.

Ora, em uma linda manhã, eu subia pelos outeiros, e d'ahi esperava pelo raiar do sol, para fita-lo na intensidade de seu brilho. O raiar do sol é a scena mais animada e alegre, que ainda contemplei, fóra das cidades; é, portanto, a que mais me tem impressionado.

Prefiro-a á do occaso, que é de uma tristeza monotona, que opprime e abafa o espirito. Ora, eu ia ao povoado dos pescadores, rendeiros de meu pae, escutar-lhes a narração de sua vida no mar, cercada de trabalhos, tempestades e perigos; entreter-me com a confidencia dos episodios romanescos de seus amores e de suas superstições.

Gastava horas inteiras d'este modo, sentado á popa de uma canôa encalhada na areia, ou reclinado sobre palhas macias, debaixo de uma arvore copada, que elles costumam plantar em frente das pobres habitações, para abriga-los com a doce sombra, quando levam em terra a concertar seus apparelhos de pescaria, ou a fabricar novos.

Outras tardes eu as preenchia com passeios caprichosos pelo centro inculto da ilha, onde vagava á tôa, puerilmente preoccupado do quanto ia vendo e ouvindo

Muitas, emfim, eram destinadas para ligeiras viagens por mar, que eu fazia só, ou em companhia de minha familia, a algum ponto da ilha, ou ás ilhas da visinhança. Boa parte da noite deslisava-se-me em conversações intimas e faceis, em algum outro entretenimento. Depois, recolhia-me ao quarto, para lêr, escrever, scismar. » (1)

O poeta não é do numero d'aquelles que julgam nada dever á natureza exterior; esses que entendem que a poesia n'elles é alguma cousa de eterno e immutavel, incapaz de augmentar ou diminuir; alguma cousa como o perfume na flor ou o veneno na cicuta.

---

(1) Pag. IX.

Não; Doria é franco e não esconde o que deveu á natureza exterior.

Essa subjectividade absoluta da poesia é um residuo do velho innatismo das ideias e sentimentos.

Tambem não acho absolutamente razoavel a ideia de todo contraria de uma poesia completamente exterior, communicada ao homem por não sei que filtros magos.

Botae o estupido, o imbecil diante da mais esplendida scena da natureza e vêde si elle experimenta o mais leve sentimento poetico; ficará insensivel qual uma pedra.

O objectivismo absoluto da poesia é uma herança do empirismo superficial e tolo. Aqui é como na sciencia; a synthese não é objectiva de todo, nem de todo subjectiva; a synthese é, como já uma vez eu disse, bi-lateral. (1)

Franklin Doria tem paginas de boa e bella descripção; a poesia d'alma casa-se ahi com a poesia da natureza.

Temos um grande exemplo no *Sol Nascente.* Vêde:

« O halito de Deus o sol accende;
E o sol o manto de oiro presto estende
Sobre o ether azul e a terra e o mar:
Tudo luz, tudo brilha, tudo encanta,
Se espreguiça, se agita se alevanta,
Ao seu ardente e penetrante olhar.

As nuvens são corseis, que dispararam
Da arena afogueada que formaram
As faixas do horisonte em combustão:
Freios partidos, pelo ar galopam;
Sangue vivo escumando, ora se topam,
Ora em procura do infinito vão.

---

(1) Vide *Estudos de Litteratura Contemporanea*, artigo sobre Zola.

A branca estrella que o crespuc'lo adorna
E torrentes de amor languida entorna,
Nos trasflôres celestes se sumiu:
Longa saia de malha coruscante
Do mar, que chora e ri no mesmo instante,
As entranhas geladas constringiu.

O orvalho transparente o chão prateia:
Aqui sobre uma flôr tremulo ondeia,
Sobre outra n'uma lagrima se esvae;
Aqui parece pedra preciosa,
Ali, bem como chuva luminosa,
Lento e suave do arvoredo cae.

Ave enorme, do chão vôa a neblina!
Frouxo clarão de lampada illumina
Do valle o solitario penetral,
—Pagina em flôres que a sorrir se deixam,
E sobre a qual dois altos cêrros fecham
Parenthesis de pedra colossal.

Ali o monte de corôa erguida,
Que ao céu implora co'uma voz sumida,
Ao menos, uma gotta de liquor
Para a ferida, que lhe o raio abrira,
—Gladio que a nuvem da bainha tira
No campo da procella, todo horror...

Mattas, que enche, á sonoite, a phantasia
De abusões, de gemidos de agonia,
De pallidos lemures infernaes,
Do sol nascente aos raios purpurinos,
Entre a harmonia de singelos hymnos,
Como tão magestosas acordaes!

Vós sois um mundo nebuloso e vasto,
Em que apenas se imprime o leve rasto
Da avesinha, da fera, ou do reptil:
Em lugar de palacio altivo e nobre,
Que o oiro e a lama ao mesmo tempo cobre,
Simples ninho abrigaes, rude covil,

Oh! eu irei um dia, eu o primeiro,
Vagueiar, namorado e aventureiro,
Por vossos labyrinthos de cipó;
Ver a azul borboleta que esvoaça,
A suçuarana que raivada passa,
E a cobra de coral rojar no pó!

E voltarei co'a mente incendiada!
E sentirei a vida mais ousada,
Mais rubro o céu das minhas illusões!
Colombo, cheio de riqueza immensa;
Homem, cheio de esp'ranças e de crença;
Poeta, cheio de mil inspirações!

E' toda um paraiso agora a terra.
Abraçam-se collina, outeiro e serra,
Com a sua corôa cada qual:
Aquella tem pennacho de esmeralda,
Esta de malmequer aurea grinalda,
O outeiro a choça, que atalaia o val.

Tudo agora começa seu caminho:
O verme sae do pó, a ave do ninho,
Da casinha de palha o pescador;
A abelha infatigavel da colmeia,
Da luz o brilho, da palavra a ideia,
O perfume do calice da flôr.

Que orchestra sobe ao céu! O mar vozeia,
Murmura a fonte, o passaro gorgeia,
E a brisa da manhã vôa a gemer;
Canta á viola a joven camponeza,
O desditoso chora, o crente resa...
D'est'arte faz a dor echo ao prazer!

Quão bello é o sol nascente! Olhos abertos,
Penetra os polos de crystal cobertos,
Devassa nunca vistos areiaes;
Pharol do tempo, leão de aureas crinas,
Diz, topando nos craneos das ruinas:
— Aqui foram imperios colossaes! —

Pendula que se agita no infinito,
Que ouve talvez da eternidade o grito,
Atalaia de todas as acções,
Anhelado, redoira na memoria
Era feliz, que eternisou a gloria,
Sempre amada dos grandes corações,

Quão bello é o sol nascente! Elle afugenta
Do ar a cerração grossa e cinzenta,
D'alma a tristeza e os pensamentos vis:
Aos homens todos ao lavor convida;
E dá força, e vigor, e alento, e vida
Ao que é desgraçado, ao que é feliz.

Ao mendigo, que fina-se, consola
Com a promessa de abundante esmola,
Ou de algum protector bom, liberal;
Ao pobre manda um raio de ventura;
Ao orphão, desvalida creatura,
Faz sonhar doce afago maternal.

Elle diz ao que é forte: Hoje clemencia!
Ao que é fraco: Mais um dia paciencia!
Aquelle que lamenta-se: Esperae!
Aos tristes elle diz: Sede contentes!
Ao meu influxo borbulhae, sementes!
Preciosas idéas, borbulhae!

Elle diz ao poeta: Alevantae-vos!
Dos grandes pensamentos inspirae-vos!
Ide, correi, correi ás multidões!
A fé levae-lhes no queimar dos hymnos,
Como outr'ora os Apostolos divinos
Levaram graça e luz a mil nações.

Aos labios todos elle diz: Sorri-vos!
A toda flôr e coração: Abri-vos!
Lançae perfumes, transbordae de amor!
Para tudo o que nasce e vive e sente
E' bello, sempre bello o sol nascente,
Reverberando aos pés do Creador! » (1)

E' uma bella poesia descriptiva; n'este genero é tambem interessante *A Mangueira*.

No lyrismo popular e campesino são dignos de leitura *A Ilhôa* e a *Missa do Gallo*, que não reproduzo por brevidade.

Na oratoria parlamentar Franklin Doria é um orador placido, macio, socegado e correcto. Nada de vehemencias, de enthusiasmos, de calorosos impetos. No genero apasiguado e sereno é bom, é apreciavel.

Quem só gosta de um orador quando elle grita e gesticula como um possesso, não o ouça; quem se con-

(1) *Enlevos*, pag. 7. Preferimos reproduzir a poesia *O Sol Nascente* pela versão primitiva, publicada em 1859. Temol-a visto por ahi modificada, a nosso ver para peior.

tenta é dá-se por bem pago com um tom familiar, simples, misturado de certa ironia e malicia, póde ouvil-o.

De resto o poeta e o orador estão em perfeita e completa harmonia; não estão na primeira fila dos poetas e oradores do Brazil; mas occupam um dos primeiros logares na segunda fileira.

Trajano Galvão de Carvalho (1830-1864) não foi um grande poeta; mas é indispensavel falar de sua pessoa em nossa historia litteraria; ha n'elle algo de especial, alguma cousa que lhe garante um nome.

Quero-me referir á circumstancia de ter sido elle o primeiro a dar ingresso á raça negra, e captivos d'essa raça em nossa poesia.

Antes de Trajano um ou outro poeta havia de passagem tocado nos escravos pretos; mas só de passagem, e sempre como um simples protesto contra a escravidão.

Trajano foi adiante; collocou-se mais no intimo do viver dos escravos e pintou-nos typos mais reaes.

Infelizmente poucas poesias d'esse maranhense nos restam em geral e especialmente no genero de que trato. (1)

As d'este conhecidas são — o *Calhambola*, a *Crioula*, *Nuranjan* e *Jovino-o senhor d'escravos*.

O leitor bem comprehende a importancia do facto a que me refiro.

A ethnographia, a despeito dos esconjuros de alguns espiritos systematicos, é e será ainda por muito tempo um auxiliar poderosissimo da historia e da politica; na critica e nas producções litterarias é preciso contar com ella.

---

(1) O que existe de poesias de Trajano Galvão anda nas *Tres Lyras* publicadas no Maranhão em 1863, no *Parnaso Maranhense* alli publicado em 1861 e no *Pantheon Maranhense* (2.º vol.) do Dr. A. Henriques Leal. As *Tres Lyras* são de Trajano, Marques Rodrigues e Gentil Homem.

Era uma cousa a ser observada e notada por toda a gente: na litteratura brazileira a raça negra, apezar de ter contribuido com um grande numero de habitantes d'este paiz, de ser o principal factor de nossa riqueza, de se ter entrelaçado immensamente na vida familiar patria, de estar por toda a parte em summa, nunca foi assumpto predilecto de nossos poetas, romancistas e dramaturgos.

O indio, e o branco obtiveram sempre a preferencia. Mais tarde os mestiços, sob os nomes de *sertanejo*, *matuto*, *tabaréo*, *caypira*, tiveram tambem sua quota das attenções geraes dos litteratos.

Muitos nos decantaram as *morenas*, as *moreninhas*, as formosas *côr de jambo*; muitos chegaram até ás *mulatas*, ás dengosas *mulatinhas* com seus *cabeções rendados* a enfeitiçar toda a gente e outras pieguices da especie. Ninguem jamais se lembrou do negro, nem como ente humano, nem como escravo.

Só muito modernamente rarissimos de passagem, e sempre como motivos para declamações fugitivas.

Tal é o caso até de bons poetas, como Gonçalves Dias com a sua *Escrava*, de Bittencourt Sampaio com a sua *Captiva*, de Luiz Delfino com a sua *Filha d'Africa* e d'outros de igual indole e estylo.

No theatro ha o caso phenomenal do *Demonio Familiar* de Alencar, onde ha um typo negro, e no romance o das *Victimas Algozes* de J. Manoel de Macedo.

Mas a comedia de Alencar, sobre ser facto isolado e não seguido, tomou apenas o escravo preto n'um caracter excepcional e bastante raro.

O romance de Macedo, sobre ser mediocre, foi escripto nos ultimos annos da vida do auctor e com pretenções anti-abolicionistas. E' uma obra de partido, que não teve repercussão. (1)

---

(1) Não falo da *Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães; porque a bella filha da imaginação do poeta mineiro era uma verdadeira *branca escravisada*.

Os pobres negros, os miseros captivos não acharam quem se condoêsse d'elles, quem sympatisasse com o seu rude e aspero viver.

Declamações sobre o facto da escravidão houve-as ahi a granel; agora especialmente, com o movimento abolicionista, não houve versejador que não se quizesse celebrisar á custa dos miseros negros!

O mesmo fizeram os folicularios de profissão, os palradores que ahi andam ás duzias, e os politiqueiros pretenciosos...

Dos que na litteratura se occuparam com os pretos só quatro o fizeram demorada e conscientemente: Trajano Galvão, Castro Alves, Celso de Magalhães e Mello Moraes Filho. (1)

Trajano tem o merito da antecedencia: elle collocou-se no ponto de vista de um lyrismo semi-descriptivo e galante; em suas poesias o escravo não protesta, o poeta dá-lhe a palavra e o *calhambola*, a *crioula*, a *Nuranjan* descanta suas pretenções, seus desejos.

Castro Alves tomou outro caminho; escreveu odes de indignação, de colera, no estylo pomposo e meio declamatorio de Victor Hugo; tal a indole do *Navio Negreiro*, das *Vozes d'Africa* e da mór parte da *Cachoeira de Paulo Affonso.*

N'esta a intriga de amor entre *Lucas* e *Maria* não tem naturalidade, nem a côr propria do viver do escravo brazileiro.

São amores e luctas romanticas mais proprias de fidalgos hespanhóes e de condes italianos do que de um pobre preto escravo das margens do S. Francisco.

O poeta bahiano possuia a imaginação e o tom alteroso dos lyristas pomposos; mas não tinha o espirito de observação, o naturalismo apto a sorprender as scenas populares.

---

(2) Si me fosse licito falar de mim proprio, lembraria que no poemeto *Os Palmares* decantei tambem conscientemente os escravos.

Celso, o bello talento, que eu fui o primeiro a dar a conhecer no Brazil em geral (1), no seu poema *Os Calhambolas* approxima-se muito mais da vida psychologica e real do captivo. E' pena que tivesse se limitado a considerar só o escravo *fugido*, isto é, o escravo fóra de seu viver normal.

Mello Moraes Filho seguiu por outra vereda e por vereda tal que, por este lado, não se parece com um só dos poetas brazileiros, sobrepujando a todos.

Mello Moraes não ostenta aquellas opulencias, aquelle farfalhar de bonitas phrases do gosto de Castro Alves; sua maneira é outra; elle colloca-se no meio do facto da escravidão, mette-se entre os captivos e os senhores, assiste o viver d'aquelle mundo especial das *Fazendas* e diz sem grandes adornos as cruêzas que viu. São pequenos quadros, pequenos esboços pelos quaes circula a verdade, a sinceridade.

São assim: *Partida de escravos*, *Ama de leite*, *O legado da morta*, *Os filhos*, *Immigração*, *O remorso de Lucas*, *Mãe de Creação*, *Verba testamentaria*, *A feiticeira*, *Ingenuos*, *A familia*, *Escravo fugido*, *Cantiga do eito*, *A Reza*, *A novena*, *A rêde* e outras interessantes peças espalhadas pelos *Cantos do Equador* e pelos *Mythos e Poemas*, as duas obras poeticas do auctor.

Trajano Galvão é um predecessor d'esse genero de poesia; por isso é aqui lembrado com distincção.

Elle é filho do Maranhão; nasceu em 1830; esteve algum tempo em Portugal; fez estudos em S. Paulo e Olinda, formando-se em 1855. Attirou-se depois á lavoura. (2)

---

(1) Até então elle era apenas ligeiramente conhecido no Recife e em S. Luiz do Maranhão. Vide *Revista Brazileira* durante o anno de 1879.

(2) Vide sua biographia no *Pantheon Maranhense* de A. Henriques Leal.

Tres notas distingo em Trajano: o lyrismo geral de que seus versos *A' Lua* são um exemplo, o lyrismo local, campesino em que descreveu-nos o viver do escravo, e o lyrismo satyrico e pilherico. As duas ultimas notas são as de mais valor.

Aqui insiro a *Crioula* e o *Nariz palaciano*, como exemplificações do estylo do poeta.

A *Crioula* é esta:

« Sou captiva... qu'importa ? folgando
Hei de o vil captiveiro levar!...
Hei-de sim, que o feitor tem mui brando
Coração, que se pode amansar!...
Como é terno o feitor, quando chama,
A' noitinha, escondido co'a rama
No caminho — ó crioula, vem cá! —
Ha hi nada que pague o gostinho
De poder-se ao feitor no caminho,
Faceirando, dizer — não vou lá — ?

Tenho um pente coberto de lhamas
De ouro fino, que tal brilho tem,
Que raladas de inveja as mucamas
Me sobr'olham com ar de desdem.
Sou da roça; mas, sou tarefeira...
Roça nova ou feraz capoeira,
Corte arroz ou apanhe algodão,
Cá comigo o feitor não se cansa;
Que o meu côfo não mente á balança
Cinco arrobas e a concha no chão!

Ao tambor, quando saio da pinha
Das captivas, e danço gentil
Sou senhora, sou alta rainha,
Não captiva, de escravos a mil!

Com requebros a todos assombro,
Voam lenços, occultam-me o hombro,
Entre palmas, applausos, furor!...
Mas, si alguem ousa dar-me uma punga,
O feitor de ciumes resmunga,
Pega a taca, desmancha o tambor!

Na quaresma meu seio é só rendas,
Quando vou-me a fazer confissão;
E o vigario vê cousas nas fendas,
Que quisera antes vê-las nas mãos...
Senhor padre, o feitor me inquieta;
E' peccado...? não, filha, antes peta...
Gosa a vida... esses mimos dos céos
E's formosa... e nos olhos do padre
Eu vi cousa que temo não quadre
Co'o sagrado ministro de Deus...

Sou formosa... e meus olhos estrellas
Que traspassam negrumes do céo;
Attractivos e formas tão bellas
P'ra que foi que a natura m'os deu?
E este fogo, que me arde nas veias
Como o sol nas ferventes arêas,
Porque arde? Quem foi que o ateiou?
Apaga-lo vou já — não sou tola...
E o feitor lá me chama — ó crioula!
E eu respondo-lhe branda « já vou... » (1)

O *Nariz palaciano* é satyra dirigida contra os aduladores sempre lestos e promptos para bajular os presidentes mal desembarcam na provincia.

E' como segue:

---

(1) [illegible] *Lyras*, pag. 12.

« Festivaes repicam sinos,
Trôa no forte o canhão,
Correm velhos e meninos,
Ferve todo o Maranhão:
Vem doutores, vem soldados,
E os publicos empregados
Com seu illustre inspector.
Porque accorre tanto povo?
Chegou presidente novo,
Nosso Deus, nosso senhor...

Mineiro para torresmo,
Ou bahiano carurú?
Seja quem fôr, é o mesmo,
Temos nariz, e elles...
Presidente maranhense?
Que tôlo ha'hi que em tal pense?!
Nem por graça isso se diz...
Indio ou chim não nos desbanca,
Não ha mais forte alavanca,
Do que um vermelho nariz.

Feliz tres e quatro vezes
Quem rubro nariz sortiu!...
Nos politicos revezes
Que narigudo affundiu?
Diz errada voz imiga,
Que impera só a barriga
Nos negocios do paiz;
O que a mente minha alcança,
E' que, se o lucro é da pança,
O trabalho é do naríz.

Por isso no grande entrudo,
Que chamam governo cá,
Folga muito o narigudo,
Quando nos chega um bachá:
Pencas agudas e rombas,

Mil elephantinas trombas,
N'esse dia tomam sol:
Qual torreia, qual se achata,
Qual na ponta faz batata,
Qual se enrosca e é caracol.

Bem como na culta França,
Cada qual seus animaes
Leva, cheio de esperança,
Aos concursos regionaes;
Este um carneiro merino.
Aquelle um touro turino,
Outro um cavallo andaluz:
Tal, quando o mandarim salta,
Um por um, a illustre malta,
Seu rubro nariz conduz.

E assim como então é de uso
A chusmada feira erguer
Aos céos o rumor confuso
Dos que vem comprar, vender;
O anho bala, grunhe o cérdo,
Ornêa o jumento lerdo,
Brioso nitre o corcel;
Tal a turba narigada
Nos trombones a chegada
Festeja do bacharel.

Vem por entre esta harmonia
O da côrte homem cortez,
Faz á esquerda cortezia,
A dextra mesura fez...
Mil narizes sobem, descem;
(Não de pudor) enrubecem
No furor de cortejar,
Vibram talhos de montantes,
D'essas espadas gigantes
Que Roldão soube jogar...

Na camara do seu palacio,
Vindo da Municipal,
Vê-se o illustre pascacio
Como pisado n'um gral:
Curte comsigo, nem geme,
Que um bom nariz é bom leme
Posto á pôpa... em bom lugar!
Um por um os monstros olha,
Que o trabalho está na escolha,
Do que melhor lhe quadrar.

Por mais que se ponha em guarda
Apesar de quanto diz,
Vista béca ou vista farda
Por força leva nariz...
Porque, diz em consciencia,
Pondo de parte a Excellencia,
Tu, presidente, o que és?
Julgas-te inqualificavel?
E's um ente narigavel
Da cabeça até os pés...

Embora prudente e calmo,
Se um nariz de guarnições,
Poder suspender-te um palmo
N'estes tempos de eleições,
Vae tudo comtigo abaixo,
Mais asneiras, que um borracho,
Juro-te que has de fazer...
Pois como do teu officio
Terás o pleno exercicio,
Si suspenso o has de exercer?

Permitta Vossa Excellencia
Que aos sabios ponha a questão,
E' caso de consciencia,
E' um «quid juris» ratão...
N'estes contractos occultos

Dizei vós, sabios consultos,
Que tendes as leis de cor,
Quem é que fica lesado?
O mui nobre narigado,
Ou o vil narigador? » (1)

Bem claro está que Trajano era gaiato, era engraçado; estes versos são gostosamente comicos. É pena que o poeta não tivesse deixado muitas composições do genero.

Deixando de deter-nos ante *Benicio Fontenelle*, *Epiphanio Bittencourt*, *José Coriolano*, *Marques Rodrigues*, *Lisboa Serra*, *Dias Carneiro*, paremos diante de

GENTIL HOMEM DE ALMEIDA BRAGA (1831 — 1876). É o melhor poeta do Maranhão depois de Gonçalves Dias.

Suas poesias foram em parte reunidas no pequeno volume sob o titulo de *Sonidos*; outras andam esparsas no *Parnaso Maranhense*, nas *Tres Lyras*, nas *Harmonias Brazileiras* de Macedo Soares e em diversos jornaes, não falando no poemeto *Clara Verbena*, de que ha um fragmento publicado sob o pseudonymo de Flavio Reimar.

Gentil foi poeta e folhetinista; nesta ultima qualidade deixou-nos o bello volume intitulado *Entre o Céo e a Terra*.

De todos os poetas que fornecem materia para este capitulo e que acabo de estudar na ordem em que vão aqui descriptos, é aquelle cuja leitura mais me agradou. Os outros têm muita cousa boa no meio de muita cousa ruim; de Gentil nada vi que fosse realmente mau; tudo é por alguma face bom.

Vejamos o poeta.

Ha n'elle um lado tradicional e lendario que bem

(1) *Tres Lyras*, pag. 44.

se nos mostra em *S. José de Riba-mar*, n'*O Outeiro da Cruz*, n'*O Morro do Piranhenga* e n'*A Ilha de Maranhão*; ha uma face popular, que se vê em *Cajueiro pequenino* e em *Olhos negros*; uma feição humoristica que se expande em *Clara Verbena*, alem do lyrismo pessoal e amoroso que se exhibe em todas as outras poesias suas.

Vejamos isto e procedamos com ordem.

Eu disse que na poesia de Gentil ha um lado tradicional e lendario e uma face popular. Tudo isto, em verdade, se reduz a um fundo commum de inspiração.

Ha por ahi muita gente que ainda hoje suppõe que toda a sabedoria popular, todo o *folk-lore* se reduz a falar nas *quadrinhas* dos improvisadores anonymos e nas *festas de Igreja* em que o povo mais ou menos accidentalmente toma parte.

Não, a cousa não é assim tão simples como a vadiagem letrada finge crer.

O povo tocou em tudo; seu saber é uma encyclopedia inteira.

Só na parte propriamente poetica elle tem os *Reinados*, as *Cheganças*, os *Romances*, as *Xacaras*, as *Orações*, os *Versos geraes* ou *Cantigas soltas*.

Mas não fica ahi: elle tem os mythos, os contos, as adivinhas, os dictados, os annexins, as lendas de logares e de typos celebres, as danças, as festas propriamente suas, as benzeduras, uma medicina e therapeutica especiaes, uma astronomia sua, as fabulas de plantas e animaes, profecias, a interpretação original que vae fazendo diariamente sobre os acontecimentos politicos; tem tudo isto, alem do capitulo immenso das superstições.

No Brazil pouco se tem investigado o nosso povo por face tão interessante. (1)

O Maranhão é uma de nossas provincias onde o es-

---

(1) Nós consagramos a este assumpto nada menos de quatro obras: I *Cantos populares do Brazil*: II *Contos populares do Brazil*; III *Estudos sobre a poesia popular brazileira*; IV *Uma esperteza.*

pirito popular é mais vivaz; por isso os seus poetas não foram estranhos a essa ordem de inspiração, mais rara nos poetas do sul, e em geral desprezada pelos imitadores servis das litteraturas estrangeiras.

Em todo o poetar de Gentil ha esse doce sabor das creações lyricas do povo; o estylo do maranhense o revela sempre, ou relate alguma lenda, alguma tradição, ou se colloque no meio do povo e cante ao desafio com elle no seu estylo.

O poeta deve fazer como o musico de talento, o qual, quando se apodera de um motivo popular, o transforma e transfigura, imprimindo-lhe o cunho da arte.

Gentil assim procedia, guiado por seu fino gosto e seguro senso. É o que nem sempre faz Juvenal Galeno em suas parodias e imitações da poesia popular.

O poeta maranhense, tomando o velho motivo do povo:

« Cajueiro pequenino
Carregado de fulô,
Eu tambem sou pequenino
Carregado de amô. »

o desenvolveu n'estas bellissimas quadras, nas quaes a arte se ajusta e adapta perfeitamente ao tom desalinhado e profundo das massas:

« Já de ha muito o sol é morto
Brilha na terra o luar.
Nas palmas d'altos coqueiros
Brinca o vento a susurrar.

No céu as fixas estrellas
Apenas vêem-se luzir.
As aves dormem na matta,
Parece a matta dormir.

Dos ares cai denso orvalho
Sobre a gramma, sobre a flor.
E a brisa, de aromas cheia,
Das flores brinca ao redor.

Tudo é silencio que fala ;
Tem vozes a solidão.
Fala o ser calado e mudo,
Cada voz é uma canção.

Ouve, escuta, cajueiro,
O canto que eu vou cantar,
Ao frio vento que passa,
A' luz do frouxo luar.

A taes horas um menino
É certo deve ir dormir ;
Mas quem por noite como esta
Pode algum somno sentir ?

Deus te deu folhas e ramos
E flores tambem te deu.
Deu-me affecto e sympathias,
De mil desejos me encheu.

Das flores nascem-te os fructos,
Dos ramos nasce-te a flor ;
De minh'alma o puro affecto,
Do meu peito o doce amor.

Nas tuas folhas luzentes
Sol e chuva hão de cahir.
No meu peito as alegrias,
Os desgostos hão de vir.

Mas em quanto o puro orvalho
Te dá vida e te dá flor,
Os amores de minh'alma
Prestam-me vida melhor.

Cresce, cresce, cajueiro,
Que eu tambem hei de crescer,
Si murchares algum dia,
Eu tambem hei de morrer.

Somos ambos pequeninos,
Vivemos ambos no chão.
Si dizes que és meu amigo,
Eu digo—sou teu irmão.

Minha mãi n'este terreiro,
Quando eu nasci, te plantou;
Criou-te com sombra e agoa,
Com seu leite me criou.

Nasceste á porta de casa,
Sempre abrigado do sol.
Ardores do meio dia
Eram clarões de arrebol.

Fui crescendo, cajueiro,
E tu cresceste tambem.
O segredo que eu te disse
Não o contes a ninguem.

Somos ambos pequeninos,
Queremos ambos viver,
Cresce, cresce, cajueiro,
Que eu tambem hei de crescer. » (1)

---

(1) *Tres Lyras*, pag. 157.

Quem só comprehende a poesia como uma sucursal da sciencia, pondo em verso um systema qualquer, o darwinismo, o pessimismo, o positivismo, ou outro qualquer; quem só a comprehende quando ella se faz militante e pamphletaria e põe em verso umas d'essas declamações quaesquer de Proudhon, por exemplo, contra papas, imperadores, aristocratas e proprietarios, quem tiver fé absoluta e exclusiva em alguma d'essas cartilhas litterarias que ahi andam, não leia os versos de Gentil Homem.

Quem, porem, sabe que, por uma lei inilludivel da historia, a poesia é sempre a emoção desperta em nós pelo espectaculo das cousas e que essa emoção ha de variar necessariamente com a intuição geral de cada época, e que, portanto, quando se falla em poesia scientifica, apenas se quer dizer uma poesia que retrate os sentimentos em nós produzidos pela nova intuíção que a sciencia desde Galileu, Copernico e Bacon vem preparando na civilisação occidental, esse pode ler Gentil ou qualquer outro bom poeta; porque todo bom poeta é sempre e fatalmente um documento interessante de uma época dada, sem que tenha adrede procurado ser.

É bem provavel que elle, com o seu sabor popular desagrade, por *atrazado*. Para todo moço, que começa, ser adiantado, por via de regra, é ter aspirações a commetter algum assassinato litterario ou artistico. E' já uma enfermidade que se tornou geralmente contagiosa.

Todo rapaz que lança um primeiro olhar para o mundo das letras e das artes, descobre logo não sei que symptomas de fraqueza n'esta ou n'aquella creação secular da intelligencia, e apresenta logo terriveis desejos de dar-lhe o *coup de grâce*. Matar uma antigualha, que gloria! Assim, um enterra a arma na poesia em geral, que é uma doente importuna; outro nas formas dramaticas, que não podem mais satisfazer as necessidades modernas; este nas artes indistinctamente, como brincos inuteis e infantis; aquelle no romance, que não se faz

logo scientifico de uma vez... E' o diabo; é uma geral sêde de matar alguma cousa!

Já nem falemos em religião, em metaphysica, na philosophia mesma; porque d'estas é já velha tolice tratar diante da sciencia, que as matou ha muito.

Ora, pois, vou dizer o que penso com toda a sinceridade: eu não creio na morte de cousa alguma n'este mundo; todas aquellas crêações, que se suppunham mortas, não morreram de facto; modificaram-se, transformaram-se apenas. Tem sido, é e será sempre este, entre outros, o caso da poesia.

Eis a razão, porque ainda gasto meu tempo em analysar poetas e ainda ouso recommendar os versos de um Gentil Homem, por exemplo.

Eu disse acima que elle tem tambem bellas amostras de lyrismo pessoal e amoroso e tambem boas provas de lyrismo humoristico. E' verdade.

O primeiro anda especialmente em suas poesias soltas; o ultimo mais pronunciadamente em *Clara Verbena.*

Este bello poema encerra todos os generos, todos os estylos do poeta; a ligação ahi feita entre o lyrismo sentimental e o humorismo galhofeiro mostra summa habilidade.

Creio que o poema não chegou a ser publicado por inteiro; li os dois cantos publicados em 1866 do Rio de Janeiro.

Abre-se o livro por uma dedicatoria a Gonçalves Dias em alentados versos; prosegue descrevendo a cidade do Rio de Janeiro, a heroina *Clara Verbena*, a casa d'esta, Petropolis, o Alcazar e vinte incidentes diversos, ligados entre si por graciosas transições.

Um dos pedaços melhores é aquelle em que o poeta lamenta a morte de seu filho. Ha em tudo um tom de naturalidade, eu digo naturalidade e não naturalismo, de encantar. E' ler ao acaso.

Dou aqui os versos dirigidos a Gonçalves Dias:

« O halito de Deus tocou-lhe a fronte,
E lhe formou em torno uma corôa:
Arco de luz no cimo de alto monte,
Beijo do genio dado em uma alma bôa.
Feitura humilde, ao Creador defronte
Logo se poz, e um cantico resôa...
Era o poeta feito em um momento,
Grande no verbo e grande em pensamento.

Apostolo novo aos povos enviado,
Falou sublime á gente americana,
Em phrase culta, em rythmo elevado
Como o cantor da raça luzitana.
A voz no tymbre puro e afinado
É quasi angelical, mais do que humana;
Evangelho de amor e de poesia
Era o que a terra em sua voz ouvia.

Do seu talento o vôo altivo e nobre
Liga ao presente as posteras idades,
E no passado um mundo elle descobre
Bello, rico de seiva e heroicidades.
Nada ao olhar do poeta o tempo encobre;
Dá vida a um povo morto, ergue cidades;
D'alma o sentir, do coração as dôres
Traduz em sons de perolas e flôres.

Soberbo evocador de um seculo extincto,
Eil-o do nada a vida levantando,
Luz na imaginação e o pincel tincto
Na côr que o sol no céo nos mostra quando
Roxo de um lado e d'outro azul retincto,
Mil caprichosas fórmas desenhando,
Une os toques de alvura resplendente
Da opala ao brilho lacteo e transparente.

Foi-lhe dura a missão! Foi sacrificio,
Que elle soube cumprir com força e crença!
De confissão constante fez officio,
Cantou do coração a dôr immensa.
Trouxe consolação por beneficio
Aos que soffrem no amor e na descrença,
Rasgando o peito, e, novo pelicano,
Dando vida em seu sangue ao labio humano!

Fez em si mesmo a cruda autopsia
Da ideia e do sentir ainda em vida;
Em cada canto o coração gemia,
Em cada verso a alma era despida.
Nada occultou; a musa não mentia
Na voz da queixa extreme e dolorida,
No riso triste, no prazer de instantes,
Rapido goso d'almas sempre amantes.

Privilegio do genio! em seus cantares
Fez mais nossa que sua a excelsa gloria
No culto expressa, em multiplos altares,
Que erguidos são no templo da memoria.
Se foi-lhe a vida um quadro de pezares,
Fica do vate a peregrina historia,
Pondo em relevo a desejada corôa
De um talento brilhante e uma alma bôa.

E viveu, e cantou! no soffrimento
A propria inspiração deu-lhe amargura;
E a luz, que o aclarava em pensamento,
Fez-lhe a sorte infeliz, aspera e dura.
A distincção do genio é um tormento;
A flôr da gloria é uma sombra escura;
Raio de amor na fronte ao escolhido,
E' um cantico d'anjos n'um gemido.

E até na morte a pallida desdita
De perto o acompanhou na ancia extrema;
Cantou-lhe uma canção triste, infinita
Nas afflicções de um gelido poema.
O mar ouviu-lhe uma oração bemdicta...
Quem ha que não se enlute e que não gema,
Ouvindo o estertor de uma agonia
Suffocada no mar pela onda fria?!

Vêde-o no estreito esquife abandonado,
Sem um prece de amor na ultima hora!
Vêde o corpo na arêa sepultado,
E o branco alcyon da praia, que inda chora!
E o mar, cruel, resomna socegado
A' luz da tarde ou aos clarões da aurora,
Rindo ao fresco terral, ao frio vento,
Ao som de um triste e funebre lamento!

Dorme em paz na frieza do sudario,
Descansa agora da penosa lida!
Por ti do seculo nosso o enorme horario
Fez ouvir a pancada estremecida.
Do mar a profundez é o teu sacrario,
Guarda de uma existencia mui querida,
E o monumento erguido á tua gloria
Guardará de teus cantos a memoria. » (1)

São versos dignos do assumpto. Mais um trecho do centro do poema e concluamos:

« Havia em Botafogo uma casinha
Escondida entre as copas do arvoredo.
Via-se o mar e os montes; à tardinha
Chegava-lhe á janella muito a medo
A dona, a fada, a rosa, o sonho lindo
D'aquelle amor de um velho, amor infindo.

---

(1) *Clara Verbena*, pag. 9.

Era Clara Verbena. Vinte e um annos
Encontravam na moça a gentilesa
De airoso porte e uns olhos soberanos,
Cheios de luz, de graça e morbidesa.
Era formosa; branca ou se morena,
Dizer-vol-o não sei. Clara Verbena

Não tinha de uma ingleza o jaspe frio,
Nem da hespanhola a tez fosca e rosada,
Não da franceza o affecto, e o ar sombrio
Da italiana bella apaixonada.
Era a magnolia aberta e recendente,
Modesta e viva em perfumoso ambiente.

Ninguem nunca lhe viu outro vestido,
Que não fosse cambraia branca e lisa;
Crespo o cabello em caracóes mettido,
Botina escura, que o tapete alisa.
O extracto de Verbena era o perfume
D'aquelle anjo mulher, d'aquelle nume.

Seja o Aristarcho em paz; se a rima obriga
A por junto do aroma o deus latino,
Não fica menos certa da cántiga
A parelha final. O máo ensino
De meu mestre Musset poz-me o defeito,
Que me torna por vezes imperfeito.

Extracto de verbena! oh, como é grato
O producto de chimica franceza!
Que pura exhalação, que doce extracto,
Que sonhos nos faz ter! quanta grandesa
Nos lembra este perfume em tempos idos
Por gregos e romanos bem vividos!

Exprime nos effluvios a doçura
Da graça feminil em mulher bella,
E a robustez da civica figura

Posta na rua ou praça ou na janella.
Era a verbena dos heróes a corôa
Nos tempos idos de virtude á tôa.

Fraqueza e hombridade em laço unidas,
Beijos de moça em horas socegadas,
Forte aperto de mão, vozes ouvidas
Em meio ás multidões muito agitadas.
Sello estreito, marcado, e lacre vivo
Da gloria e do que a amor vê-se captivo.

O sandalo é traidor; perturba o senso,
Enerva, gasta as forças, elanguece;
Accende uma fogueira em luva ou lenço,
Depois aquelle incendio se amortece.
Cruel mentira, o sandalo dá morte
Quando mais da volupia no transporte.

O resedá produz dôr de cabeça,
O mel inglez é doce em demasia;
Não ha quem não dormite e não padeça
Cheirando do jasmim a essencia fria.
A rosa é mui vulgar e o frangipana
Cança, aborrece, irrita, aturde e engana.

O mais, que enfeita e alonga a extensa lista
D'extractos essenciaes, de aguas cheirosas,
Não vale que o passemos em revista,
Que lhe demos aqui menções honrosas.
A palma é da verbena; a gloria é d'esta,
Deusa do lar, dos bailes e da festa.

Era Clara o asseio, a graça e o gosto
De uma dona de casa cuidadosa;
Tudo quanto a cercava era composto
De esmero e luz e arte e amor e rosa.
Moveis, tapetes vidros, douradouras,
Vasos finos, esplendidas figuras,

A sala, o gabinete, a estreita alcova,
O pateo, o corredor, jardim, dispensa,
Tudo andava mais limpo do que a escova,
Que nunca trabalhou ; peço licença
Para nada dizer sobre a cosinha
Na qual jámais pisou Clara, a rainha. » (1)

Na poesia Gentil Homem foi tambem um eximio traductor; no genero o que nos deixou de mais eminente é a versão de *Eloá* de Alfredo de Vigny.

A emoção do poema estrangeiro é mais ou menos transmittida; a versão não se limita a trasladar phrases; o tom e o colorido, tanto quanto é possivel em traducções, apparece.

Ultimando, não esquecerei recommendar o bello volume de folhetins — *Entre o Céo e a Terra*, devidos á penna do escriptor maranhense.

Elle tinha graça, não fazia esgares e contorsões para provocar o riso nos outros; tambem não dava gargalhadas, ria-se doce e abundantemente como um homem de educação e de espirito.

Os seus folhetins têm côr local e brazileirismo; os typos descriptos são nacionaes; lêde *Natal*, *Pobre Serapião*, *Anninha* e outros bellos trechos do livro, e verificai.

Nas circumstancias de nossa litteratura, que se precisa definir e caracterisar cada vez mais, é o melhor elogio que se lhe pode fazer.

Gentil é um benemerito das patrias letras; não o deixaremos sem dar uma rapida idéa de sua brilhante passagem pela imprensa do Maranhão.

Para isto abrimos espaço á penna competente de um patricio seu:

« Não mencionaremos os jornaes que elle abrilhantou com sua collaboração fóra da provincia natal; daremos rapida noticia de sua passagem pelo jornalismo maranhense.

(1) *Clara Verbena*, pag. 22.

Em 1859, a convite de Sotero dos Reis, escreveu elle no *Publicador Maranhense* uma serie de notaveis folhetins litterarios, verdadeiros primores no genero. Eram fantasias sem substancia, a *nuga difficil* de Horacio, e que denunciavam grande aptidão. Usando do pseudonymo *Flavio Reimar*, que elle illustrou como traductor de *Eloà*, e autor do poema *Clara Verbena*, os folhetins de Gentil Braga no *Publicador Maranhense* foram suas credenciaes no jornalismo da provincia.

Como redactor da *Ordem e Progresso*, desde 1860 até 1861, publicou elle nesse periodico artigos admiraveis, taes como os que discutiram a entrada do corsario *Sumter*, durante a guerra dos Estados Unidos, no porto do Maranhão, sustentando as boas doutrinas de neutralidade. Esses artigos motivaram um aviso do ministro de estrangeiros explicando o direito dos neutros.

Não menos importante foi a analyse da presidencia Primo de Aguiar, paginas brilhantes, que depois foram colleccionadas em livro, formando o lancinante opusculo — *Um Presidente e uma Assembléa*.

Na *Coalição*, que tambem redigiu de 1862 a 1867, além de numerosos artigos sobre politica geral e local, publicou Gentil Braga varios trabalhos de critica litteraria, e o minucioso exame do tratado da *Villa da União*, artigos energicos e incisivos, que, reunidos em um folheto, tiveram grande voga no Rio de Janeiro.

Em 1867 collaborou no *Semanario Maranhense* e os artigos de litteratura amena que inserio n'essa revista foram todos de real merecimento.

Desde 1874 até 1876 collaborou no *Liberal* em algumas chronicas graciosas que feriam o adversario com o ridiculo.

Moço, com pouco mais de quarenta annos, desappareceu deste mundo Gentil Homem de Almeida Braga, deixando em meio muitos trabalhos litterarios, e perdendo n'elle o jornalismo politico luctador valente, que pelejava com as melhores e mais invenciveis armas.

Entre as muitas intelligencias superiores que o Maranhão viu desapparecerem na força da mocidade, como Gomes de Souza, Gonçalves Dias, Lisboa Serra, Franco de Sá, Trajano Galvão, Marques Rodrigues e Celso de Magalhães, occupa lugar notavel esse moço poeta e prosador distincto, recommendavel como jornalista esclarecido e politico digno de fé. » (1)

São palavras de Joaquim Serra, amigo e companheiro do poeta. E' pena que este tenha dito mal de Francisco Primo de Souza Aguiar, o illustre engenheiro, o emerito professor da Escola Militar, um dos homens mais illustrados que o Brazil tem possuido.

A este meu saudoso mestre de preparatorios rendo aqui pequeno e obscuro preito de reconhecimento.

Passemos a outro.

BRUNO HENRIQUE DE ALMEIDA SEABRA (1837-1876). A passagem do maranhense Gentil Homem ao paraense Bruno Seabra é naturalissima.

Mais de um laço os prendem; tinham a mesma idade com pequena differença, falleceram no mesmo anno, ambos foram cultores do lyrismo local e humoristico.

Bruno Seabra nasceu a 6 de outubro de 1837 no Pará; cursou humanidades na provincia natal, principiou o curso da Escola Militar da Côrte, que teve de abandonar pela fraqueza de sua compleição.

Atirou-se ao funccionalismo publico, *refugium* ultimo de todos os talentos brazileiros, e que talvez seja-nos tambem em breve tomado, dando-se preferencia aos filhos d'outros paizes. Exerceu empregos na Côrte, Maranhão, Paraná e Bahia, onde falleceu em 1876. (2)

---

(1) *A Imprensa no Maranhão 1820-1880*, por Ignotus, Rio de Janeiro, 1883, pag. 131.

(2) Vide Sacramento Blake—*Diccionario Bibliographico Brazileiro*, 1.º vol. pag 429.

Bruno Seabra escreveu romances, comedias, folhetins e poesias. Estas são as suas melhores producções e entre ellas sobresahe o livro das *Flôres e Fructos*, um dos melhores de nossa litteratura romantica.

Bruno é e será sempre o poeta das *Flôres e Fructos*.

Suas primeiras producções datam de 1855; o bello volume predilecto é de 1862.

Que ha de bom n'este poeta? Duas cousas apenas: quando os seus contemporaneos quasi todos procuravam inspirações estrangeiras, elle buscava assumptos nacionaes; quando quasi todos os seus collegas e rivaes choramingavam perpetuamente, elle vivia a rir-se galhardamente. Basta isto para assignalar um lugar especial a este lyrista.

E nacionalismo, o *popularismo* de Bruno Seabra é uma bordadura de artista sobre scenas do povo; é no genero de Bittencourt Sampaio, Francklin Doria, Trajano Galvão, Gentil Homem, Joaquim Serra, Mello Moraes Filho e alguns outros poetas brazileiros.

Em materia de inspirações populares só supporto, como já dei a entender, dois extremos: ou a rude canção do povo em sua profunda espontaneidade, ou o lavor artistico do poeta de talento sobre quadros e motivos populares.

Ou os *Cantos populares do Brazil*, como a plebe os sabe e repete e eu os colligi sem lhes mudar uma palavra, ou alguma cousa de ideialisado e artistico ao gosto de *Na Aldêa*, *Thereza* de Bruno Seabra, ou *A Missa do Gallo*, *A Casa Maldita* de Joaquim Serra, ou *A Cigana*, *Bem te vi*, *A Mucama* de Bittencourt Sampaio, ou *A Mulata*, *A Romaria do Bom Despacho* de Mello Moraes Filho, ou *Os Tabaréos*, *Os Trovadores das Selvas*, *O Anno Bom*, *Scena Sergipana* de Tobias Barreto, ou qualquer pagina analoga de Dias Carneiro, de Gentil Homem, de Celso Magalhães, de alguns mais.

O meio termo aqui é insupportavel; a imitação, a parodia do inimitavel, do imparodiavel, como acontece

com muitas das composições de Juvenal Galeno, é sem grande prestimo, sem serio valor.

Note bem o leitor, que eu disse em *muitas* e não disse em *todas* as producções de Juvenal Galeno; porque este possue algumas em que fez até certo ponto obra de artista, o que veremos em breve.

Bruno foi um poeta apurado e de fino gosto.

Não é preciso levantar theorias sobre elle; é um lyrico de suas facetas principaes: já as indicamos e basta agora dizer que a veia comica sobrepujava o lyrismo campezino em seus versos.

O melhor meio de o conhecer é lel-o; ouçamol-o no *popularismo*.

Na Aldêa é assim:

Olha! — que paz se agasalha
Nesta casinha de palha
Á sombra deste pomar!
Olha! vê... ! que amenidade!
Abre a flôr da mocidade
Na soleira deste lar!

Olha!—as flores vêm surrindo
Dos verdes ramos caindo
Aos beijos dos colibris!
Olha!—este harêm de verdura
Onde amor bebe a ternura
Das saudosas jurutys!

Olha!—esses montes virentes
Estes arbustos florentes,
Estes risonhos vergeis!
Olha!—os céos que além descobres...
Que reis tiveram mais nobres,
Mais deslumbrantes docéis?

Olha!—os dourados insectos
Nos seos enleios de affectos
Dourando a hervagem do chão!
É tradição—que são flores
Animadas dos ardôres
D'uma extremosa paixão...

Olha... vê...! não são chimeras!
São iris, são primaveras
Na tela do nosso amor;
Amor aqui—faz pousada
No romper da madrugada,
Nas horas do sol se pôr!

Não cuides ser a ventura
Esse ouropel que fulgura
Sob os tectos dos salões,
Onde a mentira prospera,
E o perfume degenera
Das flores das affeições!

Que valem ruidosos fastos,
Quando os corações vão gastos
De affectos, de amor, de fé?
A ventura verdadeira
Vive á sombra hospitaleira
Da casinha de sapé.

Olha!—que paz se agasalha
N'esta casinha de palha
A' sombra d'este pomar!
Olha! vê...! que amenidade!
Abre a flor da mocidade
Na soleira d'este lar!» (1)

Não basta esta; *Thereza* deve ser lida; eil-a:

---

(1) *Flores e Fructos*, pag. 5.

« Quem vem da egreja ? Thereza
Que foi casar-se... surpreza !
Não esperava este azar !
Nunca me turbara a idéa
Esta lembrança tão feia
De que podia casar !

Que *não cuidei* vejo agora,
Por que m'o affirma esta hora,
Que inesperada bateu !
Casada ! vejo a casada !
Jesus ! como está mudada !
Pois tambem mudarei eu.

Seccae, espr'anças viçosas,
Immurchecei, perfumosas
Flores, que eu tanto reguei !
Coração, meu pobre filho,
Velho 'stás, segue o meu trilho,
Inruga como inruguei !

Casou-se aquella trigueira,
Que para nós tão fagueira
Se mostrava ; já casou !
Aquella mesma Thereza,
Que a correr pela deveza,
Tantas vezes nos cansou !

Olhem como vem pimpona !
É uma senhora donna,
Reparem como ella vem...
Seu marido vem com ella
Todo cheio de cautella,
Que muitos ciumes tem !

Olhae-a, como nos foge!
Como mais esquivos hoje
Seus olhos fogem de nós!
Agora que stá casada...
Não irá mais á latada
Colher as uvas a sós...

Já não veste saias curtas,
Como outr'ora a colher murtas,
Jambos ou maracujá,
Pelos declives dos montes
Ia, e depois vinha ás fontes,
E nós estavamos lá...

Vem? é outra! é outra... olhae-a!
É vestido, não é saia,
Thereza a mesma não é!
E que vestido comprido!
Não deixa ver o vestido
Nem a pontinha do pé!...

Adeus, senhora Thereza!
Salve o pobre na pobreza,
Que isso não lhe fica bem!
Soberba co'o seu marido,
Soberba co'o seu vestido,
Já não conhece ninguem!

Deixe-se de suberbias,
Lembre-se d'aquelles dias,
A' sombra dos cafezaes...
Descóra... não tenha mêdo!
Vá tranquilla que o segredo
Da minha bocca... jamais...

Jamais... e jamais supponha
Seu marido que a vergonha
A' casa lhe hei de eu levar...
Jamais, senhora Thereza,
Que eu tambem tenho a certeza
De algum dia me casar. » (1)

Leiam-se outras no volume, especialmente *A lagôa dos amores*.

No poetar comico e humoristico Bruno Seabra é um representante do genero realista, d'aquelle realismo que substituiu o romantismo antes de apparecer o moderno naturalismo, que aliás tem melhor se desenvolvido no romance.

Foi genero cultivado especialmente em Pernambuco por Sousa Pinto e Celso de Magalhães; é consistente na photographia rapida do certos quadros, photographia de côres ligeiras, de pouca imaginação e em tom simples; Bruno Seabra lhe metia certo humorismo picante.

São do genero—*O vestido carmesim*, *Nós e Vós*, *Os meus olhos em leilão*, *Moreninha*, *Flora*, *A filha do mestre Anselmo*, *Ingenuidade*, *Laura*, *Mal de um beijo*, *Ignez*, *Quiprocó* e outras. Eis aqui alguns especimens.

Moreninha é esta:

« Moreninha, dás-me um beijo?
—E o que me dá, meu senhor?
—Este cravo...
—Ora, esse cravo!
De que me serve uma flor?
Ha tantas flores nos campos!
Hei de agora, meu senhor,
Dar-lhe um beijo por um cravo?
É barato; guarde a flor.

---

(1) *Flores e Fructos*, pag. 88.

—Da-me o beijo moreninha,
Dou-te um córte de cambraia.—
—Por um beijo tanto panno !
Compro de graça uma saia !
Olhe que perde na troca,
Como eu perdera co'a flor ;
Tanto panno por um beijo...
Sai-lhe caro, meu senhor.

—Anda cá... ouve um segredo...
—Ai, pois quer fiar-se em mim ?
Deus o livre ; eu fallo muito,
Toda a mulher é assim...
E um segredo... ora um segredo...
Pelos modos que lhe vejo
Quer o meu beijo de graça,
Um segredo por um beijo ! ?

—Quero dizer-te aos ouvidos
Que tu és uma rainha...
Acha, pois ? e o que tem isso ?
Quer ser rei, por vida minha ?

—Quem déra que tu quizesses...
Não duvide, que o farei ;
Meu senhor, case com ella,
A rainha o fará rei...

—Casar-me ?... inda sou tão moço...
—Como é creança esta ovelha !
Pois eu p'ra beijar creanças,
Adeusinho, já sou velha. » (1)

Depois d'este dialogo, vae aqui um quadro de sala brevissimo ; é *Flora :*

---

(1) *Flores e Fructos*, pag. 100.

« Agora... agora!... murmurei baixinho
Nos ouvidos de Flora, a gentil Flora!
Não ha tempo a perder, é pouco o tempo!
Dai-me o beijo de amor... agora!... agora!...

Agora... agora!... que propicio instante
Para o beijo de amor que Amor implora!
Esconde o rosto por detrás do leque,
Como quem não me viu... agora... agora!...

Ha mais de um anno que este amor faminto
Na esperança de um beijo se vigora!
Ha tanto tempo!... meu amor... meu anjo!
Agora... agora! dai-me o beijo... agora!...

Voltou seu rosto: por detrás do leque
Por um triz eu beijára a gentil Flora,
Se o maldicto do pae não vem saudar-me,
Perguntando a surrir—não dança agora?!

Ha mais de um anno que este amor faminto
Na esperança de um beijo se vigora;
E quando cuido havel-o bate as azas...
Leve-te a bréca o pae, querida Flora! » (1)

Como estes versos ha muitos ali ainda mais bellos e expressivos. Não os cito por brevidade.

As *Flores e Fructos* são dignos de repetidas leituras.

JOAQUIM MARIA SERRA SOBRINHO.

Além de Odorico Mendes, Gonçalves Dias e Franco de Sá, que já estudamos em capitulos anteriores, além de Trajano Galvão e Gentil Homem, que vimos mais ou menos individuadamente n'este capitulo, restam-nos ainda dois illustres poetas maranhenses a ana-

---

(1) *Flores e Fructos*, pag. 102.

lysar n'este mesmo logar: *Joaquim Serra* e *Joaquim de Souza Andrade.*

Digo que faltam dois e a verdade seria dizer que faltam trinta ou quarenta, tal a abundancia de talentos poeticos n'aquella provincia dos annos de 1850 a 1870.

De todas as regiões do imperio é o Maranhão a mais facil de estudar-se sob o ponto de vista litterario.

As Tres Lyras dão-nos as melhores poesias de Trajano, Gentil e Marques Rodrigues; o *Parnaso Maranhense*, além dos versos d'estes tres, de Odorico, de Gonçalves Dias e Franco de Sá, traz os de quarenta e seis poetas mais. E' um total de cincoenta e dois poetas! (1).

O *Pantheon Maranhense*, consideravel obra de Antonio Henriques Leal, põe-nos em contacto com os homens

---

(1) Eil-os: Antonio Gonçalves Dias, Antonio Marques Rodrigues, Antonio Joaquim Franco de Sá, Antonio da Cunha Rabello, Augusto Cesar dos Reis Raiol, Augusto Olympio Gomes de Castro, Alfredo Valle de Carvalho, Antonio Cesar de Berredo, Augusto Frederico Colin, Antonio A. de Carvalho Oliveira, Ayres da Serra Souto Maior, Caetano Candido Catanhede, Caetano de Brito Souza Gaioso, Cestino Franco de Sá, Coriolano Cesar Ferreira Rosa, Eduardo de Freitas, Francisco Sotéro dos Reis, Frederico José Corrêa, Francisco Dias Carneiro, Fernando Vieira de Souza, Felippe Franco de Sá, Fabio Gomes Faria de Mattos, Francisco Sotèro dos Reis Junior, Gentil Homem de Almeida Braga, João Duarte Lisboa Serra, José Ricardo Jauffert, José Bernardes Belfort Serra, José Pereira da Silva, Joaquim Maria Serra Sobrinho, José Mariano da Costa, Joaquim de Souza Andrade, João Imiliano Valle de Carvalho, J. J. da Silva Maçarona, João Antonio Coqueiro, D. Jesuina Augusta Serra, Luiz Antonio Vieira da Silva, Luiz Vieira Ferreira, Luiz Miguel Quadros, Manoel Odorico Mendes, Manoel Benicio Fontenelle, D. Maria Firmina dos Reis, Nuno Alvares Pereira e Souza, Pedro Wenescop Catanhede, Raymundo Brito Gomes de Souza, R. Alexandre Valle de Carvalho, R. A. de Carvalho Figueira, Raymundo Pereira e Souza, Ricardo Henriques Leal, R. Valentiniano de M. Rego, Severiano Antonio de Azevedo, Trajano Galvão de Carvalho, F. F. de Gouvêa Pimentel Belleza.

mais distinctos da provincia em todas as espheras da actividade social.

Os *Sessenta Annos de Jornalismo* (1820-80) por *Ignotus* (Joaquim Serra) dá-nos um excellente escorço da publicistica maranhense n'este seculo.

Juntae agora a tudo isto as bellas edições dos auctores provincianos dirigidas por Bellarmino de Mattos em suas officinas, comprehendendo livros de Sotero dos Reis, de Gonçalves Dias, de João Francisco Lisboa, de Souza Andrade e comprehendereis a abundancia de documentos e a facilidade do trabalho.

Verdade é que a obtenção d'estas e d'outras obras provincianas nem sempre é cousa facil a quem reside no Rio de Janeiro.

A primeira necessidade do critico litterario é fazer n'um pessoal tão grande de escriptores a indispensavel escolha, a selecção historica do merito.

No meio d'aquelles cincoenta e dois poetas podem-se notar uns seis ou oito que levantam a cabeça mais alto. E Joaquim Serra é certamente d'este numero.

Não era, repare-se bem, só a poesia que então fulgurava no Maranhão; lembremo-nos do brilho intenso do jornalismo politico, da eloquencia forense e tribunicia, da historia, da critica litteraria, e, para bem attingirmos a comprehensão completa dos factos, não esqueçamo-nos de que só por si a figura imponente de João Francisco Lisboa é sufficiente para illuminar uma época inteira.

Joaquim Serra viveu n'aquelle meio e gozou da bella camaradagem de peregrinos talentos; fez parte d'aquelle grupo que escreveu em collaboração o interessante romance *A Casca da Canelleira*.

Joaquim Serra é uma natureza de facil estudo; é um homem alegre, expansivo, de um optimismo inalteravel, ou pelo menos inalterado até agora.

N'uma alma assim argamassada o enthusiasmo tem entrada franca; si o temperamento é de poeta, a poesia

será ahi simples, galhofeira, ousada, patriotica; si o temperamento é de politico, a intuição politica será o liberalismo em sua mais bella expressão, esse liberalismo confiante no espirito humano, crente no seu progresso indefinito, enthusiasta pelo bem estar do povo, liberalismo alheio á democratisação forçada e destruidora, que matta e arrasa sem construir.

O nosso maranhense tem ambos os temperamentos: é um poeta e um jornalista politico; por uma e outra face suas qualidades principaes são o brazileirismo de suas inspirações e de seu estylo, o humorismo amoravel de seu temperamento.

Elle é um optimista, já o disse, e o meu leitor não se espante, nem esbogalhe demasiado os olhos.

Não sei que especie de aragem pestifera soprou sobre os auctores e escrevinhadores cá da terra que agora andam a descobrir pessimismos e pessimistas por toda a parte...

Já começam a brotar do chão as theorias e cada um assignala patria especial á epidemia; uns a julgam oriunda da Russia, por causa da lucta entre o czarismo e o nihilismo, e mais por causa do genio sombrio da raça slava; outros a fazem provir da Allemanha por causa do supposto militarismo e do espirito supposto phantastico do povo personalisado em Schopenhauer; estes, nada podendo admittir que não tenha sua origem na portentosa França, gritam bem alto que a maravilha pessimista irradiou de Pariz, engendrada alli par Flaubert, por Goncourt e os mais ousados chefes do naturalismo; aquelles julgam-na um producto da complicadissima civilisação moderna; aquell'outros correm em defeza do nosso sublimado e archi-prodigioso tempo, e dão a cousa como um producto do theologismo da edade-media; os aryanos extremados a põem na conta nos semitas; estes cheios de razão a demonstram entre os aryanos desde os remotissimos tempos da India buddhica!... E assim vae o debate.

Não conheço autro assumpto em que as tolices e patacoadas tenham occupado area tão consideravel.

Uma velhissima e constitucional tendencia da organisação humana dadas certas e determinadas circumstancias foi elevada á cathegoria de mytho inexplicavel.

O nosso Joaquim Serra não dará por este lado grandes afazeres aos criticos; elle soffre da molestia contraria, é um optimista; digere bem e sabe dar gostosas gargalhadas. *Tant mieux pour lui.*

Sua biographia é simples e escreve-se em quatro palavras: Filho do Maranhão, fez alli alguns estudos de humanidades; sem ter a massada de ir a uma academia buscar um diploma, verdadeiro trambolho muitas vezes, atirou-se logo muito moço ao jornalismo de sua terra natal; começou tambem desde logo a cultivar a poesia.

Mais tarde passou-se para o Rio de Janeiro, onde sua vida e sua arma ha sido sempre o jornalismo. Tem sido deputado n'uma ou duas legislaturas; no parlamento não se destacou por qualidade alguma especial.

Chegados a este ponto, é-nos preciso agora dividir o assumpto ; vejamos o poeta e depois o jornalista.

Desde muito moço principiou elle a exhibir-se n'uma e n'outra esphera; seus primeiros ensaios são de 1858, 59 e 60 no *Publicador Maranhense*, dirigido então por Sotéro dos Reis.

Serra tinha alli por companheiros Gentil Homem e Marques Rodrigues; Serra usava do pseudonymo de *Pietro de Castellamare*, Gentil do de *Flavio Reimar* e Rodrigues do de *Sancho Falstaff.*

Vamos ao poeta.

N'esta qualidade tem elle já publicado quatro livros, *Versos de Pietro de Castellamare*, *Salto de Leucade*, *Um Coração de Mulher*, *Quadros.*

N'estas obras, entre producções originaes, ha muitas traducções nomeadamente dos poetas americanos.

Quem lê as poesias de Joaquim Serra é logo agradavelmente impressionado pela espontaneidade do tom,

pela simplicidade das côres, pelo brazileirismo dos quadros.

Sente-se immediatamente que se está a tratar com um homem que veio do povo, que conviveu com elle, que o conhece, que se inspirou de sua poesia, de suas lendas, de suas tradições; um homem, e isto é o principal, que tendo mais tarde conhecido os auctores estrangeiros, e havendo-os até estudado e traduzido, nem por isso sentiu estancar-se-lhe a fonte do antigo brazileirismo e quebrar-se-lhe na lyra a corda das antigas melodias sertanejas.

Serra é um poeta local, eivado do impressionismo campesino e popular, e não tem vergonha de sêl-o; antes o patenteia com desembaraço.

Acho-lhe razão n'isto.

Mais de uma vez no curso d'esta historia, tenho defendido os fóros d'esse poetar sertanegista, popularista, ou como o queiram chamar. É um genero difficilimo; porque tem a maior facilidade em descambar do bello para o ridiculo.

No viver das populações campesinas, especialmente em algumas lendas tradicionaes, em alguns costumes graciosos, ha muita poesia; mas é só isto. Si se quer ir além e divisar poesia em tudo ali, até n'aquillo que é de um prosaismo acabrunhador, é um gravissimo desacerto.

Não vamos nós agora suppôr que só na ignorancia, na rudeza, na barbaria do sertanejo é que ha poesia, e que esta haja sahido foragida dos centros civilisados e se tenha ido abrigar absolutamente entre *matutos*, *tabaréos*, *caypiras*, *sertanejos*, *garimpeiros*, e quantas classes rudes e semi-bravias habitam a vasta zona central do enormissimo Brazil.

E' preciso muito geito com estas coisas; não queiramos á força de exaltar a *sertanegidade* da poesia, tornal-a de todo ridicula; deixemos de *agricultorices* muito exaggeradas, até na propria poesia. Si o buco-

lismo grego degenerou em chilras parvoiçadas, não será o mattutismo brazileiro que ha-de escapar da geral decadencia de todo excesso.

Acontece á poesia o que se dá com a moral, cujo imperativo cathegorico, segundo Kant, é: «procede de modo tal que o motivo de tua acção possa servir de fundamento a uma lei universal.»

O philosopho quiz dizer que tão elevado, tão nobre, tão desinteressado deve ver o movel da conducta de cada um que este movel possa servir de norma para as acções de todos. Esta possivel generalidade é que nos interessa aqui.

Em poesia deve-se dar alguma coisa de analogo; deve haver tambem uma especie de *imperativo cathegorico* para a arte moderna. «Emociona-te e produz de maneira tal que o estimulo de tua emoção e de tua obra possa servir de norma a uma esthetica universal.»

Isto não importa de modo algum a proscripção do *individualismo*, do *nacionalismo*, ou de toda outra qualquer differenciação justa, necessaria e habil na litteratura e n'arte; não importa absolutamente a absolvição de certo universalismo, certo cosmopolitismo banal e impertinente.

Bem pelo contrario: isto quer dizer que em todo e qualquer assumpto, por mais local que seja, deve-se procurar aquella face geral capaz de interessar ao homem, a todos os homens de qualquer tempo e de qualquer lugar.

Appliquemos a regra á nossa hypothese.

Comprehende-se bem que si o principio da esthetica sertaneja se estendesse, se generalisasse, e avassalasse todos os poetas brazileiros desde 1500 até hoje, não haveria n'este mundo coisa tão insipida como a litteratura brazileira. Já se vê, pois, que o principio do sertanegismo não comporta a generalisação e muito menos a universalidade.

E si o *sertanegismo*, o *campesinismo* fôr d'aquillo que

houver de mais secundario, de mais particular, de menos geral e capaz de interesse, ainda peior será elle. E d'este ultimo possuimos infelizmente muitas amostras em nossa litteratura.

Em que condições então a nossa poesia campesina é acceitavel?

Só quando é capaz de amoldar-se ao que eu chamei o imperativo cathegorico da esthetica, só quando é susceptivel de servir de norma, de generalisar-se.

Tem ella este caracteristico quando é manejada pelos poetas de provado talento e apurado gosto artistico.

O poeta assim armado de genio toma o motivo popular, a lenda, o conto, a tradição, o costume, extrae de tudo isto a seiva poetica e dá-lhe a forma artistica geral, universal.

Entre nós Joaquim Serra é dos melhores cultivadores do genero; creio que elle e Bittencourt Sampaio são os mais eminentes que possuimos n'este sentido.

Serra escreve correntemente, sem rabiscar, sem preoccupações estylisticas. O verso lhe sae natural e espontaneo; si vem errado, não o corrige, deixa-o ficar assim mesmo. Por este modo se explicam bastantes versos incorrectos em poeta tão correntio e fluente.

No genero que temos discutido o caracteristico do escriptor maranhense está em escolher sempre um facto simples e narral-o tal qual pelo seu lado mais generico: faz um esboço rapido, claro, de tom realista, n'um desenho firme, porem elementar e sem complicações.

Por isso *O Mestre de Resa*, *Rasto de Sangue*, *Cantiga á Viola*, *O Receiro de Volta* são modelos do genero. E' indispensavel cital-os para que o meu leitor se convença do que lhe affirmo.

Eis *O Mestre de Resa*:

« Era um velhinho teso
Exquisito no porte e no trajar ;
Por isso a villa em peso
Quando o via se punha a cochichar !

Si da lista tirarmos o vigario,
E mais o boticario,
Bem como o juiz de paz,
Era o mestre de resa
O primeiro na villa ; com certeza
O homem mais capaz !

Depois d'Ave-Maria
Vem elle cada dia
Co'os meninos da villa,
E alli no largo, atraz da freguezia,
Põe todos n'uma fila :

As perguntas começam e as respostas,
E' um nunca acabar !
Os rapazes em pé e de mãos postas,
Elle em frente da linha á passear !

A resa ou é falada,
Ou em côro cantada, uma balburdia !
Quanta doutrina nova e mascavada !
Quanta oração esturdia !

As beatas morriam de alegria
Co'o dialogo d'Eva e da serpente,
E o psalmo da baleia
E a santa melodia.
Dos asnos da Judéa
E magos do Oriente !

Sabe o mestre umas resas milagrosas
Contra a faca de ponta e mau olhado,
E cobras venenosas,
E o jaguar a rugir esfomeado!...
Si quereis não cahir n'um sumidouro,
Elle tem orações prodigiosas,
Outras que fazem achar grande thesouro
Occulto e enterrado!

Mora n'aquella casa de uma porta,
Ao lado da ribeira;
Na frente tem uma horta,
No fundo uma ingazeira.

Reside alli o homem milagreiro,
O apostolo da roça;
E' de velhas devotas um viveiro
A sua pobre choça!

Salve o mestre da resa,
Na villa personagem popular!
Eil-o que passa... vale quanto pesa!...
Deixemol-o passar! » (1)

E' um typo este quasi desapparecido actualmente das povoações do interior.

Eis agora uma scêna do viver das fazendas de criação do norte; é o *Rasto de Sangue:*

« E' a hora do crepusculo;
Que viração tão grata!
Geme o riacho quérulo,
Nem um cantor na mata!

---

(1) *Quadros*, pag. 42.

Desce a ladeira ingreme
Um touro de repente,
E vai nas frescas aguas
Fartar a sede ardente.

Os juncos tremem, subito
Sôa medonho ronco,
E o jaguar precipite
Pula de traz de um tronco!

Debalde o touro curva-se
Recua, dá um salto...
E' o jaguar mais flacido,
Sabe pular mais alto!

O touro parte celere,
Soltando um grito horrendo!
Sobre elle a fera escancha-se,
Tambem lá vai correndo!

Voam por esses paramos,
O touro em grandes brados,
Saltar querem das orbitas
Seus olhos inflammados!

Espuma, arqueja! a lingua
Da bocca vai pendente!
Garras e dentes crava-lhe
A fera impaciente!

Largo rastilho rubido
Embebe-se na areia,
O sangue jorra calido
Da lacerada veia!

Contrahe-se a forte victima
Luctando com braveza!
Porém o algoz impavido
Lá vai... não deixa a presa!

Correram mais! Que insania!
Que scena pavorosa,
Passada no silencio
Da selva escura umbrosa!

Emfim n'um precipicio
Os dous vão baquear...
Cahiram lá exanimes
O touro e o jaguar! » (1)

Ha n'isto muita côr local.

Apreciem agora a naturalidade d'esta scena real e vulgarissima na roça:

« Eil-o ahi! É o Vicente,
E mais o ruço-queimado!
Oh, homem, fala co'a gente!
Venha um abraço apertado...

Que demora! Seis semanas!
Pois patuscas n'essa idade?
Eu aqui a plantar cannas,
Tu folgando na cidade!

Toma a benção do padrinho,
Menino, deixa esse gallo;
Molequè, sahe do caminho,
Tira a sella do cavallo.

---

(1) *Quadros*, pag. 45.

Solta-o depois no terreiro
Fecha a cancella co'a tranca...
Compadre, tome primeiro
Um bocadinho da *branca*.

Si acaso não'stá com sêde
Prove um pouco da coalhada ;
Vamos, deita-te na rêde,
Estás massado da jornada.

Quantos dias de viagem ?
—Seis dias e meio...—Safa !
Aonde deixaste o pagem ?
—Adoeceu com a estafa.

—Ruins caminhos, a ponte
Quebraram... que malvadeza !
O rio de monte a monte
Com medonha correnteza !

—Compadre, foi o diabo,
Não caio n'outra tão cedo ;
De valentão não me gabo,
D'essas cousas tenho medo.

Só por ser negocio urgente
Fui agora, sem vontade...
—Deixa-te d'isso, Vicente,
E os prazeres da cidade ?

—Os prazeres ! Porventura
Eu acho aquillo bonito ?
—O que dizes, creatura ?
—O que disse e tenho dito !

—Sou matuto, sertanejo,
Não ha nada como a roça...
Lá na cidade não vejo
Cousa que me faça mossa!

—Pois a côrte não te agrada?
Não falas serio, eu aposto...
Gostas da roça e da estrada?
Vicente, não gostas...—Gosto!

—Trocar tão lindos recreios:
O theatro, a contradansa,
As luminarias, passeios,
As modas vindas de França.

Pela derruba, a capina,
O roçado e a coivara,
Caçadas de sururina,
Esperas de capivara!

É tremenda exquisitice,
É uma loucura immensa!
Desculpa si no que disse
Vês um vislumbre de offensa...

—Comtigo não dou cavaco,
Dize tudo, mas escuta,
Mette a viola no sacco,
Depois arenga e disputa:

Na cidade nasce o dia
Saudado por mercadores;
No campo o sol irradia
Entre gorgeios e flores!

O sabiá que na mata
Canta os hymnos da alvorada,
Eu prefiro á serenata
Lá na cidade tocada.

A caçada na floresta,
Ou a pesca na lagôa,
Anteponho a qualquer festa
D'essas que a côrte apregôa.

Si fores hoje ao theatro
E vires mulheres nuas,
Fazendo o diabo a quatro
Como o garoto das ruas,

Desejarás muitas vezes
Os nossos rudes folguedos,
As festas dos camponezes
A' sombra dos arvoredos!

— Oh, compadre, que loucura!
Isso que diz não tem senso!
Põe a roça n'uma altura!...
— O que digo é o que penso!

— Não penso eu! — Paciencia,
Eu não teimo com teimoso...
— Passa até a indecencia
O parallelo affrontoso!

— O que queres? sou receiro...
— Porém póde ter miolo!...
— E's um bobo!... Capurreiro!
— Que pateta! — Forte tolo!

A conversa dava em briga,
Gritaria e alvoroço...
Mas na porta voz amiga
Murmurou: 'Stá prompto o almoço! » (1)

Joaquim Serra não tem tocado sómente a viola de sertanejo; tem manejado tambem a harpa das inspirações sociaes e a lyra das emoções amorosas.

N'este genero são bellissimos os versos *A Minha Madona.*

Como jornalista entretanto é que este auctor tem adquirido mais intensa nomeada.

Suas primeiras armas fêl-as elle no Maranhão desde 1859 e 60 no *Publicador Maranhense*, então sob a direcção de Sotéro dos Reis.

Serra, como já disse, usava então do pseudonymo de *Pietro de Castellamare*, assignando poesias e folhetins.

Em 1862 com alguns amigos fundou a *Coalição* que advogava em politica o partido liberal, e conservou-se na redacção até 1865.

Em 1867 fundou o *Semanario Maranhense*, onde collaboraram Gentil, Souza Andrade, Henriques Leal, Cezar Marques, Sotéro dos Reis, Sabbas da Costa e Celso de Magalhães, então apenas estudante de preparatorios. (2)

O periodo ligueiro de 62 a 68 o nosso jornalista passou-o em sua provincia, com algumas pequenas estadas na Côrte. De então em diante estabeleceu-se definitivamente n'esta capital, onde ha feito parte das redacções da *Reforma*, do *Diario Official*, da *Folha Nova* e do *Paiz.*

N'estas duas ultimas folhas tem sido o auctor da interessante publicação sob o titulo de *Topicos do dia.* E' um artigo diario consagrado ao acontecimento mais saliente da occasião.

---

(1) *Quadros*, pag, 53.

(2) Consulte-se o livro de *Ignotus* já citado.

Os meritos d'este brazileiro como jornalista são de fundo e de forma.

O fundo é sempre apreciavel pelo bom senso do auctor, seu liberalismo jamais desmentido, sua habilidade em discernir o lado fraco dos planos e acontecimentos politicos da época.

A forma é agradavel pela sua simplicidade, seu desalinho natural, uma das formas do humorismo e da ironia do maranhense.

Elle tem espalhado pelos jornaes materia para muitos volumes; seria util que fizesse uma escolha dos seus melhores artigos politicos e litterarios e os publicasse em livro.

Por emquanto não o tem feito e apenas lhe conheço em prosa o pequeno volume que fez circular em 1883 sobre a imprensa do Maranhão.

D'este livrinho recommendo especialmente os capitulos segundo e terceiro sobre a imprensa partidaria e sobre os jornalistas eminentes no Rio e em sua terra natal.

Como documentação do estylo e das ideias do escriptor repetimos aqui dois pequenos trechos.

Eis o primeiro:

« A existencia da imprensa politica é uma necessidade urgente em todos os centros de grande actividade.

Em regra geral essa imprensa, que se intitula neutra ou imparcial, não cumpre com a fidelidade que fôra para desejar o seu programma de inteira isempção de animo nas luctas que dividem a sociedade. Como que ella se resente d'essa obrigação que tinha o cidadão de Sparta de, por força, manifestar-se em favor de alguma das opiniões que dividiam a republica.

A falta de imprensa politica como que obriga aquella, que se diz incolor, a imiscuir-se nas contendas partidarias e a julgar d'ellas de um modo arbitrario, como quem desconhece as paixões e enthusiasmos que se acham em jogo.

Ainda mesmo não filiada aos partidos que litigam, essa imprensa neutra ou imparcial, em materia de ensino, de religião, de escolas economicas, tem sempre o seu ponto de vista especial, já advogando a não obrigatoriedade do ensino, o proteccionismo industrial, ou o privilegio de certos cultos. D'ahi uma falsa doutrinação dos leitores; falsa, pelo menos perante a consciencia d'aquelles que desejariam ver semeadas idéas contrarias.

A imprensa politica tem em nosso paiz prestado grandes e importantes beneficios. A ella se deve tudo quanto de bom e salutar ha sido promulgado pelos poderes publicos, porque só ella tem agitado as grandes questões sociaes, que hoje se acham solvidas, ou em via de solução.

O despotismo sempre fugiu d'ella porque deve-lhe certas derrotas; entre nós a tyrannia encontrou o seu mais valente inimigo no jornalismo partidario, arma formidavel e invencivel.

Da imprensa politica entre nós se pode dizer o mesmo que das reuniões populares na Inglaterra, disse Gladstone:

« A historia do Reino Unido, nestes ultimos cincoenta annos, mostra como a agitação politica favorece o triumphar das grandes causas, sem nunca cahir na vertigem revolucionaria. »

De facto: nos dias angustiosos que precederam a declaração da independencia, de que importancia não foi, por exemplo, o jornal de Gonçalves Ledo e do frade Sampaio? E, ao lado do *Reverbero*, quanto não cooperou, em bem da mesma ideia, o *Regulador*, orgão dos Andradas?

De que valia não foram, depois da fundação do imperio, os serviços da *Aurora*, da *Sentinella do Serro*, do *Argos*, da *Astréa*, do *Independente*, do *Tamoyo*, do *Observador Constitucional* e de outros esforçados athletas?

E' uma accusação sem procedencia essa que fazem á imprensa politica pelos excessos e, por vezes, intemperança da linguagem usada nas discussões. Sem por forma alguma querer negar que ha ainda muito á fazer na educação politica dos partidos entre nós, é innegavel que a imprensa partidaria tem os erros, exaggerações e intolerancias do grupo que representa.

Espelho fiel da sociedade e dos interesses que nella se agitam, não é licito exigir da imprensa politica aquillo que

ainda falta aos partidos militantes, isto é: escola quanto á doutrinas, e respeito pela opinião que não é a nossa.

Fóra d'ahi, porém, cabe de direito á imprensa politica a maior parte da gloria pelas conquistas da civilisação com que temos assignalado nossa vida publica. » (1)

Ainda mais significativo é o trecho seguinte em que elle dá uma rapida ideia de alguns dos mais eminentes jornalistas nossos: por ahi pode-se apreciar o escriptor no officio de critico litterario. E' isto:

« Sem duvida que é para encher de orgulho a um paiz novo como o nosso o facto de contar, entre os seus jornalistas, homens da força de Evaristo da Veiga, Salles Torres Homem, Justiniano da Rocha e Firmino Silva, sem falar de notabilidades que ainda vivem e que podem emparelhar com as mais illustres.

Evaristo, o patriota ardente e publicista esforçado, elle que, no dizer de um nosso distincto escriptor, era a encarnação de notavel epocha; cujo nome symbolisa a parte mais brilhante da democracia do Brazil, o redactor da *Aurora Fluminense* fazia com os seus escriptos vibrar a alma da patria e constituiu-se uma força decisiva nos dias do primeiro reinado.

A *Aurora* não foi sómente um grande instrumento de combate, foi monumento de sabedoria e de elegancia litteraria.

Salles Torres Homem, esse artista da palavra, cujo estylo brilha e fere como o raio, esse pensador profundo, foi escriptor de tempera forte. Paphletista como Cormenin, seus artigos, quer nos jornaes litterarios, quer nos jornaes politicos, são productos de grande valor em qualquer tempo e em qualquer paiz.

Justiniano José da Rocha, o discutidor mais eloquente e illustrado que temos tido, de uma fecundidade seductora, espirito de lucidez pasmosa, de verbo crystallino e vibrante;

---

(1) *Sessenta annos de jornalismo — A Imprensa no Maranhão,* (1820-1880) pag. 75.

e Firmino Silva, intelligencia alimentada em solidos estudos, talento brilhante e de grande ductilidade, são nomes que o jornalismo fluminense archiva no livro de ouro de seus brazões e fidalguia.

Não menos illustre que qualquer d'esses, José de Alencar fulgiu na imprensa da capital do imperio como luminoso pharol. Ninguem melhor do que elle tratou com erudição de qualquer assumpto doutrinario, ninguem elevava a mais alto gráo a critica litteraria, e, na polemica incisiva, quer apaixonado ou humoristico, era elle um batalhador enorme, de phrase mascula e scintillante.

E mais Tavares Bastos, pensador eloquente e inspirado, cujo estylo vale o bronze.

Pois bem, lá no extremo norte fulguraram tambem outras estrellas que podem, sem grande desvantagem, competir com estas da constellação jornalistica que fulgio no Rio de Janeiro.

Tanto nos dias difficeis que seguiram a independencia, como durante as despoticas obstinações do primeiro reinado; na época agitadissima da minoridade, como no periodo decorrido depois do — *Quero Já* — que abriu o reinado actual: em todas essas quadras tem o Maranhão possuido jornalistas notaveis e uma imprensa recommendavel pelo patriotismo, saber e bom gosto litterario.

Sem querer formar parallelos e approximações, podemos todavia dizer que, a cada uma dessas grandes individualidades que apontamos, como os primeiros vultos do jornalismo que teve sua séde na côrte, corresponde um nome, uma capacidade, em tudo semelhante, na imprensa do Maranhão.

E' assim que, a Evaristo podemos oppor José Candido ou Odorico Mendes; a Torres Homem e Justiniano da Rocha, João Lisboa ou Sotéro dos Reis. » (1)

Em resumo Joaquim Maria Serra é um meritorio poeta e um assignalado jornalista.

Robusto, alegre e espansivo, seu bom humor habitual, deixando intactas suas primitivas impressões, en-

(1) *Idem*, pag. 103.

cantuou-o na região aprazivel do lyrismo patrio e do liberalismo tradicional, e preservou-o de innovações perigosas e precipitadas.

A invasão das ideias modernas espalhadas pela philosophia d'este ultimo quartel do seculo tem se feito n'elle cautelosa e demoradamente, sem desmoronar de subito e de vez o antigo edificio de suas crenças e intuições. Bem pelo contrario, apesar de ter bastante lido e se haver illustrado bastante, pode-se em rigor dizer que fundamentalmente o seu espirito conserva a mesma attitude e a mesma frescura primitivas.

Joaquim de Sousa Andrade é quasi inteiramente desconhecido, o que facilmente se explica pela indole de seu poetar. É merecedor, porem, de attenção.

Descubro lhe alguns signaes caracteristicos; primeiramente de nossos poetas é, creio, o unico a occupar se de assumpto americano estranho ao Brazil, um assumpto colhido nas republicas hespanholas; (1) depois, é um poeta de certa elevação de ideias; mas de fórma muitas vezes aspera e rude e quasi inintelligivel.

Não é possivel entrar em grandes desenvolvimentos.

O leitor muna-se dos dois volumes de Sousa Andrade publicados sob o titulo — *Impressos* — no Maranhão em 1868; leia-os a começar pelo principio, *O Gueza Errante*, passando depois ás peças soltas.

Andrade viajou e tomou o grande faro da litteratura do seculo no estrangeiro: mas, não assimilou uma tendencia qualquer definitiva. D'ahi certa indecisão em seus ideiaes e certas vacillações em suas poesias.

Não possuia tambem a destreza e a habilidade da fórma; de longe em longe ou ás vezes de perto em

---

(1) Nos meus *Ultimos Harpejos* fiz o mesmo no *Poema das Americas*.

perto apparece algum verso, alguma estrophe excellente, ou até admiravel, e depois succedem-se pedaços e pedaços desconchavados e máos.

Uma cousa, porem, é preciso que se diga: o poeta sae quasi inteiramente fóra da toada commum da poetisação do seu meio; suas ideias e linguagem têm outra estructura.

É pena que a fórma não obedeça a uma igual differenciação; porque, si tal acontecesse, Andrade seria um poeta de primeira ordem.

A funcção da critica é em tal caso simplesmente mostrar, apontar o caminho.

O poeta com suas audacias, suas bellezas, suas obscuridades, suas asperezas acha-se todo no singular poemeto — *O Gueza Errante.* Na *ouverture* que cito apreciem o estylo e as intuições d'este maranhense:

Folga, imaginação divina! Os Andes
Vulcanicos elevam os cumes calvos,
Circumdados de gelos, mudos, alvos,
Nuvens fluctuando — que espectac'los grandes!

Lá onde o ponto do condor negreja,
Scintillando no espaço como brilhos
D'olhos, e cae a prumo sobre os filhos
Do lhama descuidado; onde lampeja

Rugindo a tempestade; onde, deserto
O azul sertão, formoso e deslumbrante,
Arde do sol o incendio, delirante
No seio a palpitar do céu aberto,

Coração vivo! — Nos jardins da America
Infante adoração dobrou sua crença
Ante o bello signal, que a nuvem iberica
Em sua noite envolveu ruidosa e densa.

Candidos Incas! Quando já campeiam
Os heroes vencedores do innocente
Indio nú, quando os templos incendeiam,
Já sem virgens, sem oiro reluzente,

Sem as sombras dos reis filhos de Manco,
Vio-se... (que tinham feito? e pouco havia
A fazer-se...) n'um leito puro e branco
A corrupção quo os braços estendia!

E da existencia meiga, afortunada,
O roseo fio nesse albor ameno
Foi destruido. Como ensanguentada
A terra fez sorrir o céo sereno!

Foi tal a maldição dos que caidos
Morderam a face dessa mãi querida
A contrair-se aos beijos denegridos,
Que o desespero imprime ao fim da vida,

Que ressentio-se, verdejante e válido,
O floripondio em flôr; e quando o vento
Mugindo estorce-o, doloroso e pallido,
Gemidos se ouvem no amplo firmamento!

E o sol que resplandece na montanha
As noivas não encontra, não se abraçam
No puro amor; e os fanfarrões d'Hespanha,
Em sangue edeneo os pés lavando, passam.

Caiu a noite da nação formosa;
Cervaes romperam por nevado armento,
Quando com a ave a côrte deliciosa
Festejava o purpureo nascimento.

Assim volvia o olhar o Guesa Errante
As meneiadas cimas, como altares
Do genio patrio, que a ficar distante
Vôa a alma beijar além dos ares.

E, enfraquecido o coração, perdôa
Pungentes males que lhe deram os seus,
Talvez feridas settas abençôa
Na hora saudosa, murmurando adeus.

Porém não se interrompa esta paisagem
Do sol no espaço! mysteriosa a calma
No horizonte, na luz bella miragem
Errando, sonhos de doirada palma.

Folga, imaginação divina! Sobre
As ondas do Pacifico azulado
O phantasma da Serra projectando
Aspero o cinto de nevoeiros cobre:

Donde as torrentes espumando saltam
E o lago anila seus lençóes d'espelho,
E as columnas dos picos d'um vermelho
Clarão ao longe as solidões esmaltam.

A forma os Andes tomam solitaria
Da eternidade feita vendaval
E compellindo os mares, procellaria,
Condensa e negra, indomita, infernal!

(Ao que sobe do oceano, avista a curva
Perdendo-se do ether no infiinito,
Treme-lhe o coração; a mente turva
S'inclina e beija a terra—Deus bemdito!)

Ou a da noite austral, co'a flor do prado
Communicando o astro; ou a do bronco
E convulsivo se annellar d'um tronco
De constrictor o páramo abrazado. » (1)

Uma leitura cuidadosa das producções de Souza Andrade irá descobrir n'elle bôas ideias e grandes bellezas obscurecidas por descuidos e defeitos.

Ha muita cousa no pessimismo, no satanismo hodierno que tem ali seus predecessores.

Leia-se, por exemplo, *Vascas do Justo*, e, como esta, outras composições do auctor.

Juvenal Galeno é escriptor de quem diremos pouco: elle já está implicitamente julgado nas paginas precedentes d'este capitulo; já lhe fizemos muitas referencias.

Tem passado pela mais completa incarnação da intuição popular em nossa litteratura; ha n'este ponto razões pró e razões contra.

Contra pode-se dizer que não foi elle o primeiro a inspirar-se no viver de nosso povo, nem foi o que o fez com mais talento e mais arte.

A favor pode-se asseverar que nenhum de nossos escriptores, como elle, se interessou tanto e tão constantemente com as nossas classes populares, ninguem as acompanhou tão amoravelmente, tão apaixonadamente. Este livro é um livro de consciencia, de amor e de verdade, em que pretendo dar do melhor de meu espirito em favor de minha patria.

Por isso faço plena justiça a todos os que entre nós supportaram o pesadissimo encargo das letras.

Juvenal Galeno é, por esta face, um benemerito;

---

(1) *Impressos*, pag. 9.

foi um activo e um trabalhador. Seu maior defeito foi faltar-lhe a cultura precisa para entrar plenamente nos dominios litterarios e artisticos.

Esta falta inicial, apesar de todo o seu bom senso e de toda a sua intelligencia, conservou-o sempre em uma posição inferior.

Já disse anteriormente que o poetar de Galeno é quasi todo n'um genero falso, ou, pelo menos, incompleto e desageitado: porque nem é a ideialisação artistica do viver popular, nem é a colheita directa de seu *cancioneiro*.

Este ponto, deixei-o bem assignalado n'este capitulo por diversas vezes.

Pouco ha a juntar agora, bastando-me ponderar que não se deve por isto desprezar a obra litteraria do escriptor sertanejo.

Apezar do defeito apontado, ha muito que apreciar e louvar nos livros d'este cearense.

O conhecimento pratico dos costumes populares, o amor ás classes proletarias, o liberalismo, o amor ao progresso, a sympathia profunda por tudo quanto é nacional, são qualidades inilludiveis n'este sympathico auctor nortista.

Quem d'isto duvidar leia nas *Lendas e Canções Populares* o prologo sob o titulo *historia d'este livro*, e leia-o com attenção.

Ahi diz o poeta terminando:

« Sei que mal recebido serei nos salões aristocraticos, e entre alguns criticos que, estudando nos livros do estrangeiro o nosso povo, desconhecem-no a ponto de escreverem que o Brazil não tem poesia popular! Esquecidos de que a poesia nasceu com o homem e só com o homem morrerá; de que não ha povo que não tenha a sua lenda, a sua canção, a sua poesia, bella, original, toda filha de sua alma, e que não exprima a sua saudade, o seu amor, a sua magoa; de que no estado selvagem, o Brazil teve essa poesia no

canto das tribus, que commemoravam seus feitos guerreiros e as aventuras de seu viver errante, entoando aos sons da *inúbia*, do *torem*, do *murmuré* ou do *maracá*, a canção intima, a tradicional, a da guerra, e a de seus costumes; de que nos tempos coloniaes o povo cantava a oppressão que soffria, as suas aspirações á liberdade, o captiveiro de seus filhos, a devastação de suas florestas; de que na independencia o brazileiro cantou as peripecias da luta, a victoria, os heròes, os hymnos do livre; de que hoje, illaqueado por sua boa fé, lendo na lei — liberdade, e nos factos — despotismo, canta não só os seus amores e as lendas do passado, como tambem os seus pezares de cidadão! E de que o povo sabe cantar, como sabe chorar, gemer e suspirar, nasceu cantando, como os passarinhos, como tudo que tem voz, porque o bom Deus assim o quiz, assim o fadou poeta! » (1)

O pobre poeta admirava-se de que em 1865 houvesse quem contestasse no Brazil a existencia da poesia popular!

Era em 1865 na phase dos *romanticos ignorantes e atrazados*.

Mais espantado ficaria elle, si lhe dissessem que hoje, vinte e dois annos depois, ainda temos aqui admiradores, tão enthusiastas de todos quantos são desaffeiçoados ao Brazil, que levam a mal qualquer defesa justa, qualquer elogio fundado que se faça ao que é nosso.

Ainda agora mesmo vimos n'um pamphleto qualificar-se de *rematada loucura o parallelo* da litteratura brazileira com a portugueza, reconhecendo-se certas vantagens de nosso lado.

Galeno tem uma ou outra poesia em que é mais artista; o *Velho Jangadeiro*, a *Jangada* e outras mais são d'esta especie.

Como exemplificação do seu estylo no que tem de mais geral, cito aqui o — *Meu Roçado*:

---

(1) *Lendas e Canções Populares*, Ceará, 1865; pag. 18.

« Que bello está! Feito em regra,
Bem limpinho, bem plantado,
Algum milho e feijão verde
Vai-me dando o meu roçado;
Já tirou-me dos apertos
De quem trabalha alugado.

Outro sou com meu roçado...
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa,
Agora vejo a fartura!

Bem a Joanna me dizia
Nas horas de privação:
— « Homem, faze um roçadinho,
« Planta arroz, planta feijão,
« Que esta vida de alugado
« Ao pobre não serve não!

Duzentos passos de terra
Arrendei para o roçado,
E empurrei no matto a foice,
E depois de broqueado,
Fui á derruba e pical-o
Espanando o meu machado!

Secco o matto, fiz a cama
E acabando de asseiral-o,
Puz-lhe fogo... que buraco!
Não custou encoivaral-o!
Fazia Joanna as coivaras,
E eu tratava de cercal-o.

Vindo que fosse o inverno,
Plantal-o fomos um dia,
As covas eu preparava,
O resto Joanna fazia,
Punha-a semente, e de terra
Com seu pé a cova enchia.

Bom inverno! Em pouco tempo
Meu legume vi nascer!
Chamei Joanna para vel-o...
Tudo então era prazer!
Que alegria sente a gente
Vendo o que planta crescer!

Bom inverno! Apòs a limpa
Todo o milho apendoou;
A mandioca escurece...
O meu arroz cacheou;
Girimum e feijão verde
Logo em casa se provou!

Agora nosso alimento
Tiramos lá do roçado,
Comemos tão satisfeitos
Do que foi por nós plantado...
Mesmo lembrando as fadigas,
Que nos custou o bocado!

Si é preciso a minha Joanna
De milho faz um angú;
Com dois paos de mandioca
No caco faz um beijú;
Se mais quer... traz do roçado
De macachêra um urú.

Sempre aqui a meza posta,
Em breve, em breve o dinheiro!
Qu'importa pesada renda,
Que m'importa o dizimeiro?
Inda assim! Hei de ter milho
Para mais d'um estaleiro!

Mais doce me corre a vida
Por causa do meu roçado;
Ai, Joanna, bem me dizias,

Que um taco de chão plantado,
E' melhor do que a penuria,
De quem trabalha alugado! » (1)

Por melhor vontade que se tenha não é possivel deixar de reconhecer que isto é muito insipido.

Felizmente o auctor tem em seus livros cousa melhor.

Galeno possúe em verso *Lendas e Canções Populares*, *Lyra Cearense* e *Canções da Escola* e em prosa *Scenas Populares*. São obras que devem ser lidas, por darem uma ideia de nossas populações centraes.

(1) *Lendas e Canções Populares*, pag. 101.

CAPITULO V.

Outros poetas.

Já percorremos quatro phases diversas do romantismo brazileiro: o *emanuelismo* de Magalhães e seu grupo, o *indianismo* de Gonçalves Dias, o *subjectivismo* de Alvares de Azevedo e sua pleiada, o *sertanegismo* dos poetas do norte. Falta-nos agora atravessar os dois ultimos estadios da romantica entre nós: o *lyrismo socialistico* de Pedro Luiz e Fagundes Varella, e o *condoreirismo* de Tobias Barretto, Castro Alves e seus mais proximos seguidores.

Isto feito, estará encerrada a historia da poesia romantica e aberto o espaço para a historia d'aquellas doutrinas e theorias que hão disputado a herança e substituição do velho e glorioso systema.

Antes, porém, de encetar a narrativa dos feitos de Pedro Luiz e Fagundes Varella, é de necessidade ins-

tante aqui depôr algumas vistas theoricas. São necessarias para a elucidação dos typos litterarios.

A popularidade immensa, e em mais de um ponto, perfeitamente exaggerada dos livros de critica artistica e litteraria de Hyppolito Taine, trouxe a crença geralmente admittida da capacidade magica de tres palavras para a explicação completa dos phenomenos litterarios e congeneres.

Meio, *raça* e *momento* são a trindade portentosa do criticar contemporaneo; servem para solver todas as difficuldades.

Onde encontram um facto qualquer fóra do commum recorrem muitos ao *meio*, e o façanhudo factor apparece e arreda os embaraços.

Outros deixam de lado o *meio* e agarram a muleta do *momento;* alguns, finalmente, calçam as botas da *raça*.

Não quero, nem posso contestar a influencia de qualquer d'estes factores no desenvolvimento e na formação dos productos litterarios. Bem pelo contrario, muitas vezes tenho recorrido tambem a elles e ainda agora vou de novo recorrer.

Mas sustento que, só por si, elles são incapazes de revelar, de esclarecer o problema, todo o segredo dos genios e dos grandes talentos das lettras.

Para tornal-o bem claro, não tenho necessidade de empregar grande esforço e pesquizar grandes recursos. E' bastante que olhemos para uma phase qualquer de uma litteratura notavel.

Seja a Inglaterra, ou seja a Allemanha, ou seja a França em alguma hora decisiva d'este seculo.

Tomemos o primeiro d'estes paizes nas tres iniciaes decadas de nosso seculo.

O momento, o meio, e a raça são o mesmo; como explicar só por elles Byron, Wordsworth, Shelley, Keats, tão diversos entre si?

Repare-se que não fallo no escossez Walter-Scott, nem no irlandez Thomaz Moore.

Como explicar no romantismo de 1830 em França Lamartine, Hugo, Musset, Balzac, Vigny, tão dissemelhantes? A raça, o meio e o momento foram os mesmos.

E' que n'estas inquirições tomamos sempre esses elementos como tudo, n'elles encerramos a totalidade de nossos agentes e reagentes e nos esquecemos de um factor primordial, um *nucleos* indispensavel, uma força viva, um centro de energia, a *individualidade.*

Além da raça, que é geral para um povo, para uma nação dada 'além do meio, que tambem é geral pelo menos para uma grande fracção d'esse povo, além do momento que tambem é geral ao menos para cada geração d'esse mesmo povo, é preciso que o critico assignale e dê conta de alguma cousa de inicial, de primitivo, do fundamental, a *individualidade*, que em cada um de nós é uma resultante obscura de toda a evolução cosmica e humana, a resultante de um passado indeterminado pela complexidade inexplicavel de sua indefinita duração.

Quero com isto apenas deixar assentado que os factores de Taine, não explicam tudo, que elles são muito bons apenas como agentes modificadores de um elemento importantissimo, a individualidade, considerada esta como um centro, uma somma de energias, um nucleo de força e acção.

Assim considerada, ella escapa á acção da critica, é uma especie de présupposto, de *substractum* irreductivel.

Só os tres factores de Taine é que podem ser submettidos ao exame da historia.

Isto posto, qual d'elles tem mais contribuido para a formação, a especialisação, a differenciação do caracter brazileiro?

A *raça*, tenho sempre eu supposto; o *meio*, tem sempre respondido um intelligente e destro critico brazileiro Araripe Junior.

Examinemos isto :

« A questão da historia da litteratura nacional, diz elle, mais do que outra, entendo só póde ser resolvida pela concentração das nossas vistas sobre o *meio physico.* E' o unico factor estavel de nossa historia, o unico que se consegue acompanhar, sem soluções de continuidade. »

Sinto estar em desaccôrdo com o illustre critico. O *meio physico*, que tambem tem sido contemplado n'este livro em capitulo especial, é para mim um agente de differenciação, e, por isso mesmo, não é o elemento estavel e resistente.

A' unidade nacional é garantida, a meu vêr pelos agentes moraes e pela energia ethnica.

Foram as qualidades moraes e intellectuaes do colonisador, ajudado pelas raças a que se alliou, sua cultura, suas letras, religião, legislação, costumes, industrias, etc., que mantiveram o desenvolvimento unitario do Brazil.

Nosso problema historico se me afigura ser este: indicar a formação do povo brazileiro, como um producto sociologico especial, distincto do portuguez.

Para isto deve-se considerar, com os factos, o colonisador europeu como o elemento principal de nossa formação, e em seguida mostrar os elementos que se lhe juntaram, que o alteraram até certo ponto, produzindo o brazileiro.

É claro que se o portuguez não soffresse aqui influencia nenhuma estranha, o Brazil seria a reproducção de Portugal.

O brazileiro mostra-se, porém, differenciado do portuguez. Qual a razão? Por effeitos do *meio physico* principalmente, diz o Dr. Araripe. Por effeito principalmente das *raças com que elle tem cruzado*, digo eu, e parece-me que mais acertadamente.

O meio exerceu e vai exercendo, não resta duvida, entre nós, grande acção; mas, sendo elle um agente primordial para a formação primitiva das raças e para a explicação das civilisações autochtones, nas civilisa-

ções transplantadas, sobre povos que immigraram já de posse de suas qualidades historicas, o meio physico, sendo um factor ainda muito importante, não é, comtudo, o principal.

Temos d'isto provas por toda a parte.

Que é que mantem a diversidade entre os povos que na Europa occupam a mesma zona e o mesmo clima ha muitos seculos? Será o meio identico entre muitos d'elles? Evidentemente são as suas qualidades ethnicas e suas tradições historicas.

Que é que estabelece a distancia na America entre as nações que experimentam quasi o mesmo clima? São ainda as diversidades de raça e de tendencias moraes e intellectuaes.

Os *meios* eram tudo para a humanidade primitiva e pre-historica.

Uma vez estabelecidas as raças historicas, uma vez entrados, como estamos, nos tempos actuaes, os povos não são mais um joguete dos climas.

Ha uma muralha que representa muitos millenios de luta em que a humanidade adquirio todas as qualidades, que hoje a distinguem. Os climas passaram para o segundo plano e os agentes ethnicos physiologicos e moraes tomaram-lhe a dianteira.

Em nossa historia o factor permanente, nos quatro seculos que já percorremos, tem sido o *portuguez*. Em sua passagem para o *brazileiro*, é ainda a um elemento ethnologico, é á *mestiçagem*, que vamos pedir a explicação do phenomeno. O clima fica em segundo plano.

O clima, tomando-o na accepção mais geral, insisto em dizer, foi um agente valentissimo na formação das raças e das civilisações autochtones.

Nas épocas propriamente historicas sua acção tem continuado; mas já não é tão apreciavel, ou, pelo menos, não o é tanto como o phenomeno dos mestiçamentos dos povos.

Durante muitos millenios elle pôde formar as raças pre-historicas e esboçar os povos actuaes. Mas a sua acção é tão lenta, que não se deixa notar nitidamente nas civilisações modernas.

Duvido que haja um anthropologista capaz de determinar com segurança quaes as transformações experimentadas nos ultimos dois mil annos pelas populações da Europa, transformações produzidas pelo clima.

Quaes as modificações operadas pelo meio nos povos indo-germanicos, immigrados para o occidente? A historia não sabe responder.

Tão longe quanto é possivel subir na corrente dos tempos, logo que os hellenos, os latinos, os celtas, os germanos, etc, apparecem na historia, já se nos antolham com seus caracteres distinctivos. O mesmo podemos dizer das velhas raças semiticas e das suppostas turanas.

O mais assombroso exemplo da influencia do clima que se conhece, é a exercida sobre os aryanos da India. Comparados aos da Europa, nota-se-lhes uma enorme distancia. Mas, quantos milhares de annos não trouxeram o estupendo resultado? E este mesmo por sua lentidão é hoje apontado *post factum* e não foi cousa assignalavel, dia a dia, pelos historiadores.

Ha quatrocentos annos é o portuguez transformado aqui pelo clima... Até que ponto tem chegado esta modificação?

Não creio, que haja quem possa responder. Só d'aqui a dous mil annos será possivel ao futuro historiador dizer qual a deformação produzida nos aryanos pelo clima d'este paiz.

Mas então provavelmente esta terra terá passado por uma duzia de mutações historicas, como a Grecia, como a Italia, como a Gallia, como a Hespanha, como a Bretanha. Ella provavelmente não será mais o Brazil, quero dizer, não será a terra da *actual* nação *brazileira*...

O povo actual se obliterará provavelmente nas raças absorventes do norte, nos anglo-saxonios, por exemplo.

Na luta pela posse da terra não sei si os povos que nos obstinamos a chamar latinos estarão livres de outras invasões, á guisa das operadas no começo da idade média. Parece-me que não.

Haverá talvez só uma differença: E' que a invasão moderna vai-se fazendo lentamente pela colonisação.

Não sabemos o que será dos povos fracos da America do Sul, quando os Estados-Unidos tiverem noventa ou cem milhões de habitantes e sentirem necessidade de despejar gente para as zonas meridionaes.

Oxalá que, n'esse tempo, tenhamos um povo feito e resistente, capaz de absorver aquellas sobras, sem perder a sua individualidade.

Em todo caso, o que a historia então ha de consignar com segurança é aquillo que hoje em dia já ella determina, isto é, as mutações e mesclas das raças. A acção do clima não poderá ser seguida passo a passo.

Em nossa historia de quatro seculos não sei que differenças tenha o meio produzido no caboclo, no negro e mesmo no portuguez. O que noto a olhos nús é o *mestiço.*

Este é o brazileiro por excellencia, é o agente em torno do qual faço mover a nossa historia litteraria. E n'elle evidentemente influe muito mais o contacto das raças do que a acção do clima.

Esta é longinqua, apreciavel a largos espaços e de difficultosa determinação, até no proprio futuro.

Supponhamos que, d'aqui a mais quatrocentos annos, as tres raças primordiaes de nossa população tenham-se entralaçado completamente; que não haja mais caboclos puros, nem negros puros; que uma sabiamente dirigida corrente de immigração branca tenha-nos vindo ajudar n'esta obra da obliteração das côres escuras; que o typo brazileiro seja então bem caracterisado; o que será ahi a obra da selecção *ethnica* e da selecção do *meio?*

Por certo a primeira será mais profunda.

Ha além de tudo, uma razão peculiar ao Brazil e é esta: o clima aqui nada tem mais a mudar no indio e no negro, que já são obras da zona tropical, nada quasi terá mais a fazer com o *mestiço*, o genuino *brazileiro*, que recebe dos dois povos tropicaes os elementos de resistencia.

Determinada assim a influencia do factor ethnologico, resta-nos determinar, na obra da selecção ethnica, o mestiçamento, quem mais tem contribuido, si o indio, ou si o negro. O Dr. Araripe ainda aqui mostra-se em desaccordo, dando a preferencia ao caboclo.

No livro sobre seu parente, José de Alencar, referindo-se ao incontestavel predominio dos mestiços de negro e branco entre nós, doutrina evidentissima, por mim sustentada, veio—elle com umas reducções não de todo firmadas nos factos.

Devo cital-o para ser claro: « Com igual precipitação em um recente trabalho, aliás notabilissimo, sobre a *Poesia Popular no Brazil*, foi elle levado a dar ao elemento africano maior preponderancia no nosso desenvolvimento *estethico*.

Digo precipitação, porque o critico não teve tempo de lembrar-se que, para decidir esta questão, seria necessario dividir primeiro o Brazil em zonas.

No Pará, Amazonas, Ceará e Rio Grande do Norte, por exemplo, o elemento negro é quasi nullo; tudo cabe ao indigena; as influencias d'aquella raça apenas chegaram alli por contra-golpe.

No Rio de Janeiro, Bahia e Minas, é onde póde ter lugar a applicação do negrismo em toda a sua plenitude. »

Não se trata de *applicação do negrismo;* trata-se de determinar a formação dos brazileiros como um povo á parte, distincto do portuguez, e, para isto, buscam-se os factores da operação.

O portuguez entrou em uma evolução de differen-

ciação de seu typo originario pela acção do meio physico, do negro, do indio, e das correntes estrangeiras. E' o phenomeno complexo que se quer determinar e não sómente a *esthetica* do brazileiro, ou a applicação do *negrismo*...

Pondo em balanço a influencia do *negro* e a do *indio*, sou levado pelos factos a dar a preponderancia áquelle contra este.

No Brazil só as extremas terras das fronteiras é que abrem uma excepção positiva. São as provincias pouco povoadas do alto norte e do oeste, onde o indio campêa ainda inutil e donde será expellido, logo que o branco e o negro alli penetrarem amplamente. E' o caso de Amazonas, Matto-Grosso, e até certo ponto de Paraná, Goyaz e Pará. Do Rio Grande do Sul o indio quasi tem desapparecido, mas alli o branco predomina. A mestiçagem com o negro não é muito abundante, e com o indio ainda menos.

Todo o resto do Brazil entra na formula que tracei: Maranhão, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, Espirito-Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas Geraes, Santa Catharina, e o proprio Ceará e Piauhy.

Ainda mais: a influencia ethnographica da mestiçagem do negro com o branco tende a ganhar terreno nas provincias em que o caboclo ainda vive mais ou menos desassombrado. A colonisação do Brazil vai de léste para o poente e a vez de renderem-se os ultimos reductos do caboclo ha de chegar. Não ha precipitação de minha parte; ha apenas a consignação de factos positivos.

Onde é, entre nós, maior a população, maior é a *mestiçagem* de origem africana e portugueza. Bem se vê que o alto norte e o longiquo oeste ficam fóra da fórmula.

O facto do predominio no Brazil povoado da popu-

lação oriunda do mestiçamento das raças branca e negra, tem sido contestada acremente e é, pois, necessario insistir para estabelecer a verdade.

O Dr. Araripe Junior ha neste ponto sido um constante adversario, cujos argumentos merecem serio e detido exame.

Minha affirmação tem sido sempre esta: no Brazil a maior parte da população é de mestiços; entre estes, no corpo colonisado de nosso solo, predomina a mestiçagem *africo-luzitana*, e são uma excepção apenas as regiões do alto norte e do extremo occidente, onde o *caboclo puro* é ainda mais ou menos abundante e donde será expellido quando o branco e seu auxiliar negro alli penetrarem amplamente.

Nas regiões povoadas, proximas das zonas extremas do norte e oeste, o mestiçamento do branco e indio é talvez igual ou um pouco superior ao do branco e negro. Mas isto é a excepção; o resto do paiz entra plenamente na minha formula.

O phenomeno que hoje se passa diante de nossos olhos, depois de quatrocentos annos da descoberta, é eloquentissimo. O indio desappareceu de toda a região verdadeiramente povoada do Brazil ante a concurrencia do branco e do negro. Morreu, sumiu-se, em parte obliterou-se nos cruzamentos.

Sob este ponto de vista, o Brazil póde ser dividido em tres secções:

a) provincias donde o selvagem puro desappareceu já totalmente, deixando apenas alguns descendentes no mestiçamento geral;

b) provincias onde elle existe puro em pequenas levas acantoado em regiões desertas e tem alguns representantes no mestiçamento;

c) provincias onde existe puro em numero mais consideravel internado em desconhecidos recessos, e em numero mais consideravel desfigurado nos cruzamentos.

No primeiro caso estão as provincias do Rio de Ja-

neiro, Rio Grande do Sul, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Na segunda hypothese estão Santa Catharina, Paraná, S. Paulo, Minas, Bahia, Espirito Santo, Piauhy e Maranhão.

Na terceira acham-se Pará, Amazonas, Matto Grosso e Goyaz. Eis ahi as vinte provincias do Imperio.

A formula é, pois, applicavel a todo o paiz: menos ás fronteiras do norte e do oeste, que, mais tempo menos tempo, acabarão por entrar na regra geral.

O Dr. Araripe Junior objectou com relação ao Ceará e ao Rio Grande do Norte. Não conheço praticamente estas regioes; mas appello de seu testemunho para a auctoridade de dous homens insuspeitos: o Dr. Amaro Bezerra e o Conselheiro Tristão Araripe.

O primeiro, a quem propuz a questão, afiançou-me que ha corrido por vezes toda a provincia do Rio Grande do Norte, e que alli, incontestavelmente, predomina a mestiçagem africana.

O outro, pai do Dr. Araripe Junior, em sua *Historia do Ceará*, escripta ha vinte e cinco annos, assim se expressa: « O que em toda a America succede, acontece tambem no Ceará. A população indigena é *hoje insignificantissima na provincia, e tem quasi desapparecido.* » (Pag. 19.)

Ha na obra do conselheiro Tristão de Araripe muitas passagens como esta. Tratando dos cruzamentos selvagens, mostra que foram pouco abundantes com o branco e mais constantes com os proprios *negros* para os quaes os indios tinham predilecção.

Eis o trecho: « Nunca puderam os directores conseguir a realisação de casamentos entre a raça *branca e a indigena*; mui raro foi o consorcio que entre ambas se deu e se dá hoje; todavia, entre os indios e as *castas mestiças*, foram e são frequentes as uniões conjugaes, pela decidida inclinação que têm os indios aos *mulatos pardos e negros.* » (pag. 31

Deduzo destas citações que o indio puro tem desapparecido da provincia e que na mestiçagem em que delio-se, foi com o concurso do negro, e, portanto, este leva-lhe vantagem, porque ainda ali existe puro aos milhares, ou desfigurado nos cruzamentos com o branco e com o proprio caboclo.

As provincias do Rio Grande do Norte e Ceará não podem ficar fóra da formula que tracei, e ser-me-hia facil demonstrar o mesmo para todo o resto do Brazil colonisado.

O Dr. Araripe Junior appellou para a *Exposição Anthropologica Brazileira* havida ha poucos annos no Rio de Janeiro.

Ora bem, a exposição foi incompleta e inexacta no titulo; seria quando muito uma *Exposição Anthropologica Indiana.*

Uma exposição anthropologica *brazileira* deveria ter pelo menos, quatro secções: a secção *portugueza*, a *africana*, a *tupi* e a restante — a *mestiça.*

Na primeira deveria estar exhibido o homem da peninsula iberica em todas as suas manifestações historicas e pré-historicas; na segunda o homem africano e suas industrias; na terceira o homem americano e na ultima o brazileiro actual. Nada d'isto vê-se ali onde apenas acham-se agglomerados alguns objectos referentes ao *homo americanus*. A sciencia do Brazil não deve ser de puras *exterioridades*, um traste para *ser visto.*

Depois do grande festim que nos ficou? Um *guia*, um *pequeno catalogo*,—meia duzia de *artiguinhos* de jornal mais ou menos extravagantes, e um *estudo* galante nos *Archivos do Museu.*

Aquelle fragmento de exposição teve um valor relativo; mas não prova o que o Dr. Araripe pretende. Bem pelo contrario prova o que temos affirmado. Quem lá esteve no dia da abertura e nos subsequentes poude ver o seguinte:

Dentro do edificio e nas ruas adjacentes agitavam-se

os visitantes, isto é, os brancos, os negros e os mestiços destes em todas as suas gradações.... e os *reis da terra*, os caboclos, onde se achavam? Não foram vistos senão representados em telas ou em barro....

Para cumulo da irrisão foram mandados vir do Rio Doce meia duzia de indios aldeados, meia duzia de antigos *monarchas das selvas* e que se deixaram ficar lá para o *Corpo de Bombeiros*, como um objecto de curiosidade, á guiza de animaes raros expostos ás vistas de um publico enfastiado... E é este o predominio do caboclo? Não póde haver maior cegueira.

O tupi brazileiro está condemnado á sorte dos povos da Polynesia. Ali não só o homem desappareceu ante o concurso europeu, como ainda desappareceram algumas especies animaes e até vegetaes com a introducção das especies estrangeiras. E' facto provado por centenas de viajantes e que M. de Quatrefages pôz a limpo na *Revista Scientifica de Pariz*, de 9 de junho de 1877.

O indio não é ainda plenamente entre nós um objecto de sciencia; é antes, e acima de tudo, um assumpto de poesia. Excepção feita dos trabalhos linguisticos de Baptista Caetano, alguns pequenos estudos de Couto de Magalhães e Carlos Hartt, sob o ponto de vista ethnographico, tudo o mais que no Brazil tem-se escripto á conta do selvagem, é sem merito absolutamente.

E si a questão é de amor para com as raças que constituiram o nosso povo, porque motivo não emancipamos o negro, como emancipámos o indio? Porque motivo em nosso *Museu* não ha uma secção africana? Porque não se estudam as linguas dos negros, sua poesia, seus contos anonymos, seus usos e costumes, suas danças, e festas, suas idéas religiosas, etc.?

E' que para esta enormissima injustiça contribue com toda a sua força a massa immensa do prejuizo nacional... Ninguem tem a coragem de estudar o negro para não passar por *eivado de casta*... Esta é a ques-

tão e, muitas vezes, o maior defensor do indio contra o negro é o *pardo* evidente e carregado!

E' ainda um residuo do romantismo. O Dr. Araripe, folgo em reconhecel-o, não participa grandemente da mania indiana.

Hoje defende o caboclismo mais por uma tradição da escola a que pertencèra em sua puericia litteraria, do que por uma preoccupação systematica.

A verdade é, em geral, que desejamos fazer do estudo do selvagem a nossa especialidade. O intento póde ser em certo sentido louvavel, mas tem sido improficuo.

Não possuimos ainda a calma necessaria, nem os methodos precisos para abordar o estudo das raças selvagens objectivamente, como um problema puramente anthropologico ou historico. Sonhamos ainda e sempre um Brazil tapuio.

Si na propria Europa e nos Estados-Unidos os grandes estudos *americanistas* são ainda muito incertos; si os immensos trabalhos sobre as civilisações do Mexico, Guatemala e Perú são na maxima parte fluctuantes, como se deprehende de todos os congressos europeus, o que não se dará com o Brazil, sem especialistas, sem escolas adequadas?

Eis-ahi o que temos visto: hypotheses phantasmagoricas e absurdas, phrases, phrases e mais phrases...

Ainda ha pouco a *Exposição* o demonstrou. O especimen pré-historico, velho de muitos millenios, pertencente, por certo, a uma raça differente do indio do tempo da descoberta, achava-se mesclado aos especimens dos tempos coloniaes e até aos pertencentes ás populações mestiçadas da actualidade!

Apezar da bôa vontade do pessoal do *Museu*, d'ali não surgiu uma destas obras imponentes e decisivas que podesse elucidar de uma vez os problemas e trevas que cercam as nossas raças selvagens. Não critico; assignalo apenas um facto.

Como quer que seja, porém, e a despeito das diffi-

culdades, os estudos americanos, apezar de imperfeitissimos, acham-se iniciados entre nós, protegidos pelo romantismo e em grande parte pela fatuidade nacional, que ainda adormece no ledo sonho de julgar-se *indigena*...

E' a velha mania da *nobreza tupinambá* de que muitos brazileiros são ainda em extremo affectados.

No tempo da Independencia a molestia chegou a seu auge, e vimos até *mulatos*, como o finado Francisco Gomes Brandão, tomarem nomes indigenas. Elle chamou-se *Acayaba de Montezuma*.

Um disparate, como outro qualquer.

Louvo os estudos americanos; mas como *estudos*, não como pasto a velleidades ethnicas.

Deveriamos tambem iniciar os estudos *africanos*. O negro, espalhado pela Africa e America, é uma raça que offerece interessantissimos problemas.

Muitos sabios europeus, seguindo o exemplo de Bleek, atiram-se a estas pesquizas. Façamos o mesmo. O negro e seu parente mestiço tocam o nosso povo bem de perto. Não sejamos presumpçosos, nem tenhamos medo de dizer a verdade.

O predominio apparente do indianismo na civilisação brazileira, é um velho prejuizo, difficil de extirpar. Causas numerosas e especiaes contribuiram para arraigal-o, e hoje ainda elle está de pé.

Estriba-se falsamente em razões litterarias, historicas, geographicas e sociaes. Na litteratura apparece como um protesto contra os invasores; vê-se no indio a encarnação do genio do Brazil e o *nativismo* traduz-se no *caboclismo*.

Na historia appella-se para o numero avultado das tribus primitivas, e recorre-se á grande porção de aldeiamentos dos selvagens catechisados na zona colonisada. E' embalde que se demonstra serem as enumerações dos velhos chronistas inexactas, tomando elles simples denominações de familias e de variedades de um só grupo, por outras tantas tribus e nações diversas.

E' embalde que se mostra a decadencia progressiva dos aldeiamentos e sua extincção quasi completa desde o seculo passado.

Sempre o prejuizo vai fazendo seu caminho.

Na geographia appella-se para os nomes tupis que abundam em nossa carta, sem reparar que esse phenomeno natural nada prova, além do respeito á tradição. Na esphera social o indio tem mais sympathias, deixou ha muito de ser escravisado e, por ser menos escuro do que o negro, é mais querido.

O caboclo é mais idealisado, mais estudado, mais conhecido.

Sonhamos um Brazil tapuio, disse eu, e não reparamos que desejamos o mal. Todas as nações americanas em que o elemento europeu não predomina, como o Mexico, Perú, Equador e Bolivia, são as menos progressivas do continente. Não podem competir com os Estados Unidos, o Chile, a Republica Argentina e o proprio Brazil.

Devemos desejar que em nosso paiz a immensa mestiçagem da população seja habilmente reforçada pelo elemento branco. Mas historicamente é de justiça e verdade conferir ao *negro* papel mais eminente do que ao *botocudo*, ente fraco, desequilibrado, e prestes a extinguir-se. E' a luta pela existencia; o mais debil devia ser devorado. O exacto conhecimento de nossas condições ethnographicas facilita a comprehensão dos typos litterarios. (1)

PEDRO LUIZ PEREIRA DE SOUZA (1839-1884) tornou-se famoso por ter escripto quatro poesias celebres. Era filho de um fazendeiro abastado, e tambem abastado foi

---

(1) Cf. *Estudos de Litteratura Contemporanea*, pelo auctor, pag. 200.

elle, juntando a isto o facto de pertencer a certa aristocracia politica e influente da provincia do Rio de Janeiro. D'ahi a facilidade de sua carreira nas letras e na vida social.

Como já disse em outro logar d'este livro, elle nasceu em 1839, no anno de Machado de Assis, Carlos Gomes e Tobias Barretto, e emquanto estes tres oriundos de familias obscuras, marcavam passo, já em 1860 Pedro Luiz, aos vinte e um annos, apresentava-se formado em direito e entrava com grande ruido na politica, tomando parte na redacção do *Correio Mercantil* em 1861.

Pouco depois em 1862—63 foi um dos redactores da *Actualidade* ao lado de Lafayette Rodrigues Pereira e Flavio Farnese. (1)

Era uma época de anciedade; acabavamos de ter uma duvida com o Perú e uma grave questão com a Inglaterra; nossa politica no Rio da Prata, e especialmente no Estado Oriental, atravessava uma crise perigosa que se resolveu com a guerra; o partido conservador tinha apodrecido no poder de que se havia apoderado desde 1848, e formava-se a *Liga*, o chamado partido *Progressista*; a litteratura tinha baixado na poesia á choraminga banalissima; era um marasmo geral que occultava o trabalho surdo da evolução para um futuro melhor.

Quando em 1862—63 Pedro Luiz e seus collegas da *Actualidade* batiam-se na politica, alheavam e jogavam longe suas qualidades litterarias, no Recife um punhado de moços fundaram aquelle memoravel movimento espiritual, que tem vindo a durar até hoje, e que foi o foco d'onde se tem espalhado por todo o Brazil as novas ideias que modificaram a nossa velha intuição romantica.

---

(1) Vide a biographia de Pedro Luiz no *Pantheon Fluminense* de Lery dos Santos.

Tobias Barretto, Castro Alves, Franklin Tavora, Araripe Junior, Victoriano Palhares, Guimarães Junior, Carneiro Villela, Celso de Magalhães, Cardoso Vieira, Castro Rebello, José Hygino, Plinio de Lima, José Jorge, Generino dos Santos, Souza Pinto, Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando, Inglez de Souza, Marques de Carvalho, Rocha Lima, Martins Junior, João Freitas, Souza Bandeira, Virgilio Brigido, Alvares da Costa, e outros e muitos outros, foram os sustentadores do movimento alli durante os ultimos vinte e cinco annos, movimento em que o auctor d'estas linhas teve alguma parte.

Começou-se pelo que mais tarde a critica do Rio de Janeiro veio a chamar o *condoreirismo* na poesia; passou-se á critica litteraria, á philosophia positiva, ao darwinismo, aos estudos de poesia popular, ao romance de costumes e historico, á poesia socialista e scientifica, ao naturalismo do direito, e a outras grandes manifestações do pensamento moderno.

Durante este tempo Pedro Luiz esterilisava-se na politica, Laffayette mecanisava-se na chicana forense, na chicana partidaria, e Farnese fallecia precocemente. Entretanto, Pedro Luiz tem direito a figurar em nossa historia litteraria, duplo direito como poeta e como orador.

Destacaremos especialmente o poeta. Para o julgar temos, além das quatro celebres peças, *Terribilis Dea*, *Voluntarios da Morte*, *Nunes Machado* e *Sombras de Tira-Dentes*, um punhado de outras insertas na *Revista Mensal do Ensaio Philosophico Paulistano*.

N'esta interessante publicação academica, onde se acham os mais antigos escriptos de Tavares Bastos, Macêdo Soares, Bittencourt Sampaio e Francisco Belisario, o nosso poeta publicou versos, discursos e folhetins.

N'esta phase paulistana predominavam em sua lyra os sons doces e ternos de um lyrismo placido, que nada tinha, aliás, de especial e distincto. Si não descia até ao chatismo, não attingia a uma grande altura.

Os seguintes versos sob o titulo — *O que eu quero* — servem bem para exemplificação do estylo antigo do poeta :

« Eu quero n'esta vida um sonho lindo
Que passe como a nuvem côr de rosa,
Hei-de dizer, depois, cerrando os olhos
— Oh ! flôr do cemiterio, és bem formosa.

Não quero muito não : á fresca sombra
Do viçoso jardim da mocidade,
Quero dois dias m'emballar tranquillo
Gozando amôr em doce liberdade.

Quero ver sempre o céo puro e sereno,
Nuvens de amor e o sol sempre dourado,
E aos doces beijos da mulher que eu amo
Hão de ir morrendo as dôres do passado.

Debaixo da mangueira eu hei de vêl-a
Ao meio dia languida dormindo,
Soltos cabellos fluctuando ao vento,
No seu sonho gentil irá sorrindo.

A' noite quando a lua dos amores
Vier chorar debaixo do arvoredo,
Encostada indolente ao meu hombro
Ella ha de ouvir-me virginal segredo.

Oh! sombra dos amores tão formosa
Como é viva e formosa a borboleta,
Eu serei para ti — a doce aragem,
Tu serás para mim — a violeta.

Quero dois dias — na macia grama
Reclinado a sonhar sobre um canteiro !
Passarei minhas horas perfumadas
Como a candida flôr do jasmineiro.

Será vida bem curta, porém bella!
Sem ambição, sem glorias e sem dôres,
Basta um raio do sol tendo a meu lado
Uns labios de mulher e algumas flôres.

Posso morrer depois, e que m'importa
Tendo a vida corrido vaporosa?
Que hei de murmurar, cerrando os olhos,
Oh! flôr do cemiterio, és bem formosa!» (1)

As quatro poesias celebres de Pedro Luiz são de cunho politico e social; no genero são das mais notaveis e antigas que se escreveram no Brazil.

Nunes Machado é de 1860, o ultimo anno do curso academico, e versa sobre o pranteado revolucionario pernambucano. *A Sombra de Tira-Dentes* é de 1862, por occasião de eregir-se em uma das praças do Rio de Janeiro a estatua de Pedro I. O poeta insurge-se contra o preito prestado ao primeiro imperador e proclama o direito de *Tira-Dentes* a ter elle e só elle uma estatua, como o proto-martyr da independencia nacional. Tem elle razão no culto que rende ao heróe mineiro; mas é injusto para com o filho de D. João VI.

Na grande obra da prosperidade, do engrandecimento e da independencia do Brazil, não ha lugar para um culto só, e espaço para um só pedestal, ha largueza bastante para muitos cultos e altura sufficiente para cem estatuas.

E no meio dellas manda a justiça e ordena a historia que se alevante o busto do primeiro imperador.

Não sou suspeito e não tenho medo de dizer a verdade.

Os Voluntarios da Morte são de 1863 e consagrados

---

(1) *Revista Mensal do Ensaio Philosophicco Paulistano*, 11.ª Serie, S. Paulo, Maio de 1861, n. 1.º, pag. 15.

á revolução da Polonia; é um brado de dôr e sympathia pelo desditoso povo europeu.

Terribilis Dea é de 1865 e refere-se a um dos episodios da guerra do Brazil contra o Paraguay.

Os defeitos dessas poesias são o abuso de allegorias e apparições e o tom declamatorio; os meritos—o espirito democratico, liberal, altaneiro, a furia canora que por ellas circula.

Pedro Luiz não fez escola, não deixou discipulos. Retirado para a sua fazenda, ahi passou obscuramente o decennio de 1868 a 1878.

A ascenção do partido liberal ao poder, trouxe-o de novo á vida nesta ultima data; foi deputado e chegou a ministro; mas o poeta havia desapparecido e o orador já não tinha os impetos de 1864.

A politica e a criminosa indifferença do nosso publico por assumptos litterarios foram matando aos poucos aquelle vigoroso talento, que foi cahindo no scepticismo e na indifferença.

E quando teremos nós espirito publico preparado para as lutas e conquistas do espirito, quando teremos completa emancipação intellectual, si ainda hoje vemos perfeitos judas, verdadeiros trahidores, insurgirem-se contra a patria, cujos progressos amesquinham, e prostrarem-se torpemente ás plantas de escriptores portuguezes a mendigar as migalhas de sua mesa?!

Ainda temos destes infelizes por aqui para perpetua vergonha delles proprios, desgraçados que rastejam para apanhar as cartinhas de recommendação que sua traição compra-lhes na antiga metropole... São como escravos a quem se quer dar a liberdade e a repellem, por misera vileza.

Esqueçamol-os e vamos ouvir os versos de um patriota, de um brazileiro altivo e independente, um desses que não recebiam senha e ousavam falar por si.

Passa a *Sombra de Tira-Dentes*, ponhamos o ouvido á escuta:

« Façam alas!... O prestito se avança...
Reluzem as espadas... Preso á lança
Estremece o sagrado pavilhão:
Elle vem nos contar a grande historia...
Despertamos ao sol de nossa gloria,
Ao medonho estampido do canhão.

A orchestra militar vibra seus hymnos,
E o povo treme, como si os destinos
Surgissem gloriosos lá do céo.
Façam alas!... São filhos d'esta terra,
Que vão erguer aos canticos da guerra
De feitos nossos perennal trophéo,

Bafeja o mundo aragem de esperança;
Lá do heroico passado uma lembrança
Evocaram na tuba marcial:
São levitas da patria agradecida,
Que vão, cheios de fé, de fronte erguida,
N'essa marcha solemne, triumphal.

Esses louros da patria ensanguentados,
Pelo fogo divino illuminados,
Tinham direito á saudação viril;
E os vindouros, em civica romagem,
Vão prestar-lhes esplendida homenagem,
Sahindo agora do marasmo vil.

Hoje se elevam tradições queridas!
Na poeira dos annos esquecidas,
Até hoje ninguem as acordou.
E' divida sagrada ao sangue altivo,
Que, saltando na algema do captivo,
Como lava de fogo arrebentou.

Façam alas!... A' sombra do passado
Vái-se elevar no Pantheon sagrado
A columna mais alta da nação...
Ha de ser o heroe de nosso empyreo!
Sobre as lendas que explicam-lhe o martyrio,
Vão collocar o popular brasão.

Vem á frente do povo a magestade...
E' uma festa em que a nossa liberdade
Vae cantar a Odysséa do valor.
Aos rufos compassados dos tambores,
Entre nuvens de polvora e de flores,
Alas!... Alas!... ao povo, ao imperador.

Das nuvens lá do céo, soberbo se avizinha
Das glorias do Brazil o magico signal!
Coberto está de um véo... porém lá se adivinha
Da liberdade um Deus no immenso pedestal!

Da terra que conserva em seu leito gelado
Aquelle que rompera os élos do grilhão;
Que guarda o sangue ardente á patria derramado
E as lagrimas de colera em dias de afflicção;

Da terra em que se deu martyrio glorioso,
E aos raios d'essa luz por fim se libertou,
Surgir um dia deve um vulto portentoso,
E esse — eil-o acolá, qne a patria alevantou...

Que palmas de valor não murcha a grande historia!
O povo esquece um dia os inclytos varões;
Mas do famoso herós granitica memoria
Terá sempre a seus pés do mundo as gerações...

E si alguem perguntar aos povos, com espanto,
Que fez o cidadão que o povo assim guardou:
Dirão: Morreu aqui! Calvario sacro-santo!
O sangue d'esse Christo a patria baptisou!

—

Rasga-se o véo!... Que apparece?
Quem é esse cavalleiro,
Que, no impeto guerreiro,
Estende o braço viril?
Não é esse o heroico vulto
Que a gistoria tanto apregôa,
Que o povo inteiro abençôa
Como o anjo do Brazil?

Não é, não!... Vergonha immensa!
N'esta quadra corrompida,
Com a fronte envilecida,
Sem glorias e sem pudor,
O Brazil, cruzando os braços,
Dobra os joelhos contricto,
Ante a massa de granito
Do primeiro imperador.

Curvae-vos, raça de ingratos!
Nos dias de cobardia
Festeja-se a tyranniá,
Fazem-se estatuas aos reis!...
Embora tenham da patria
Ouvido os longos gemides,
Os cadafalsos erguidos,
E postergadas as leis.

Vêde!... Ali surge da terra,
Como da febre no sonho,
Um patibulo medonho,
Meu Deus! Porque recuaes?...

Sobre a taboa ensanguentada
Aquella face já fria
Não vem turbar a alegria
D'estes cantos festivaes...

Não recueis de uma sombra !
O frio braço do espectro
Não póde quebrar um sceptro
Que tendes por divinal !
Envolto em sua bandeira,
Triste, pallido, calado,
Tambem elle é convidado
D'esta festa imperial...

E' esse o heróe soberbo,
O filho da liberdade,
Que a cega posteridadê
N'essa baixeza esqueceu ;
Sonhador, que sonhou tanto
Na noite do captiveiro,
Foi elle o martir primeiro,
Que pela patria morreu.

Elle, sim!... Quando nas trevas
Todos curvavam a fronte,
Divisou lá no horisonte
Doce esperança — uma luz...
E quiz carregar, ousado
Da liberdade o Atlante,
Sobre os hombros de gigante
A terra de Santa Cruz.

Que importa ali sucumbisse
No cadafalso maldito,
E da Independencia o grito
Morresse nos labios seus ?

Que importa a morte affrontosa,
Si no cadaver gellado,
Pelo Brazil retalhado,
Choveram bençãos dos céos?!

Insensato! derramara
Esse sangue generoso
Sobre o solo venenoso
Em tempos de escravidão!
Cahiu no chão ás golfadas,
Foram bemditas sementes:
Do sangue do Tira-Dentes
Brotou-nos a salvação.

Pensei que o idolo santo,
Que adorassemos agora,
Do homem fosse que outr'ora
A patria muda chorou.
Hoje percebo assombrado
Que a maldição fulminada
Contra essa fronte elevada
Té no futuro chegou.

Hoje o Brazil se ajoelha,
E se ajoelha contricto,
Ante a massa de granito
Do primeiro imperador.
Não molda ninguem no bronze
O valente dos valentes,
A sombra de Tira-Dentes,
Esse braço redemptor!

Não precisa de uma estatua!
Nós o vemos radiante
N'uma aureola brilhante
De liberdade e de fé...

Sobre a taboa ensanguentada,
Triste, pallido, callado,
Frio espectro do passado,
No pelourinho, de pé.

Da terra que conserva no seu leito gelado
Aquelle que rompera os élos do grilhão,
Que guarda o sangue ardente á patria derramado
E as lagrimas de colera em dias de afflicção;

Da terra em que se deu martyrio glorioso,
E, aos raios dessa luz, por fim se libertou,
Surgir um dia deve um vulto portentoso...
Mas este é um bronze vil que a côrte alevantou... »

Eis ahi; é um brado de guerra democratico, liberal, republicano; poesia social, revolucionaria, combatente, um cantar enthusiastico, vibrante que estamos aqui habituados a ouvir de certos privilegiados.

Quando ha vinte e seis annos, a 30 de março de 1862, Pedro Luiz espalhou pelo povo da capital do Imperio em folhas avulsas esses valentes versos, ainda não se falava em Anthero do Quental, ainda não era dia para Guilherme Braga e menos ainda para Guerra Junqueiro. Nossa autonomia litteraria foi sempre uma realidade para os grandes espiritos, e uma mentira para os mediocres.

Os bellos versos de Pedro Luiz, que acabamos de ler, despertam nos uma observação, e é esta: elles mostram entre nós o progresso das idéas democraticas.

Percorra por este lado o leitor todo o curso da historia da litteratura brazileira; parta de Bento Teixeira, que se dava por feliz em dedicar sua *Prosopopéa* ao governador de Pernambuco; passe pelos encomiastas e

aduladores das academias dos *Esquecidos*, *Felizes* e *Selectos*, que viviam a incensar os governadores geraes, nem ousando levantar as vistas até aos thronos dos *Reis — Nossos Senhores*; chegue á épocha de Pombal e aprecie ainda as louvaminhas ao rei e ao poderoso ministro; atravesse o tempo de Maria I e veja como os proprios poetas mineiros eram submissos nos seus cantares dirigidos a *Excelsa Rainha*; venha até aos tempos do primeiro reinado, e vá notando o progredir da ousadia da musa no seu trato com os reis e os poderosos; chegue aos nossos dias e assignale a distancia que vae, por exemplo, de tudo aquillo aos versos de Pedro Luiz e ao *Regio Saltimbanco* de Fontoura Xavier.

E' sómente pena que este seja hoje um representante no estrangeiro, e aquelle tenha sido um ministro desse mesmo imperador que elles tanto estygmatisaram.

Luiz Nicoláo Fagundes Varella — (1841-1875) — é, como já disse, o laço que prende o *lyrismo* de Alvares de Azevedo e companheiros, o *sertanegismo* de Bittencourt Sampaio e collegas ao *hugoanismo socialistico* da escola condoreira.

E' um poeta de grande merito, uma singular figura digna de reverencias e attenções. E' muito conhecido, bastante lido e muito mal estudado.

Não existe d'elle ao menos um bom esboço biographico: porquanto os dous que ahi correm, devidos ás pennas de Lery dos Santos e Visconti Coaracy, estão cheios de erros e fortes lacunas.

Coaracy repete o que leu em Lery, e, pois, refutar este é refutal-o implicitamente, e vice-versa. — «Em 1865, escreve aquelle, matriculou-se na Faculdade de S. Paulo. Cursou a academia durante dous annos, e durante esse tempo, estimulado pelos collegas, publicou as suas primeiras poesias. Por essa época, seu coração inflamou-se de amor por formosa donzella.

Com ella casou-se e teve um filho, ao qual dedicava extremoso affecto. Resolvido a concluir os seus estudos na faculdade de Olinda, partiu para Pernambuco, como passageiro no vapor francez *Bearn*.

Esse navio naufragou na altura dos Abrolhos. Varella desenvolveu então grande energia, e, pondo em pratica a sua experiencia adquirida na viagem que fizera a Goyaz, atravez de sertões, dirigiu a construcção de cabanas para accommodação dos naufragos, e demais trabalhos para obtenção de soccorros.

Chegando finalmente a Pernambuco, passou alli um anno em proseguir nos seus estudos, e, regressando por occasião das ferias, ao Rio de Janeiro, quasi perdeu a razão ao saber que a morte lhe havia roubado a esposa e o filho.

Esse golpe tremendo cortou-lhe o futuro e enegreceu-lhe a existencia. D'alli em diante, Varella vagueava pelos campos, abria caminho atravez das florestas, vadeava ribeiros e passava a nado caudalosos rios, condoendo-se com os africanos escravos que encontrava, contando suas torturas aos tropeiros em cujos pousos, parava, suspirando pela morte, e foi por essa occasião que escreveu o sentido *Cantico do Calvario*. » (1)

Este pedaço biographico é um tecido de inexactidões: não foi em 1865 que o poeta matriculou-se em S. Paulo; a morte de seu filho não occorreu durante sua estada no Recife (e não Olinda como inexactamente diz o biographo); não esteve dous annos apenas na faculdade juridica do sul; não escreveu o *Cantico do Calvario* na volta de Pernambuco durante as ferias.

A verdade é que Varella, nascido em 1841, tendo feito em 1852 a viagem a Catalão em Goyaz, havendo residido temporariamente em Angra dos Reis, Petropolis e Nictheroy, já em 1860 e 61 achava-se em S. Paulo

(1) *Obras Completas* de L. N. Fagundes Varella, 1.º vol., pag. 48. — *Noticia Biographica.*

ultimando os preparatorios e matriculando-se logo em seguida.

Em 1861 publicou as *Nocturnas*, em 1862 o *Pendão Auri-Verde*, em 1864 as *Vozes da America* e no anno seguinte os *Cantos e Phantasias*. (1)

Quando em 1866 appareceu em Pernambuco, já ia precedido de grande fama preparada pelos quatro livros acima citados e no ultimo d'elles já ia encerrado o *Cantico do Calvario*, dedicado á memoria de seu filho, fallecido a 11 de dezembro de 1863.

Não é absolutamente crivel que Varella levasse tres longos annos para ter a noticia do passamento de um ser que idolatrava.

O fallecimento de sua mulher, cuja data precisa não pude obter, é que talvez tenha occorrido nos ultimos tempos da estada do poeta no Recife.

De 1867 em diante torna-se obscura a biographia do illustre fluminense.

Sei apenas que iniciou então vida erradia pela Côrte, Nictheroy, Rio Claro, Mangaratiba, Angra dos Reis e outras localidades da provincia do Rio de Janeiro.

Ainda assim passou a segundas nupcias e publicou dous novos livros, *Cantos Meriodionaes* e *Cantos do Ermo e da Cidade*. Deixou duas filhas e dous ineditos: o *Diario de Lazaro* e *Anchieta ou o Evangelho nas Selvas*, que correm hoje publicados. Falleceu em 1875 aos trinta e quatro annos de sua idade.

Estudemol-o mais de perto.

No Brazil até hoje têm existido cinco poetas verdadeiramente descuidosos, andarilhos, bohemios: Gregorio de Mattos no seculo XVII e Laurindo Rabello,

---

(1) Quando tractámos de Gonçalves Dias, dissemos que os *Cantos e Phantasias* eram de 1866. Agora dizemos que elles são de 1865. Para o fim que alli tinhamos em vista não ha nisto contradicção. O livro traz no frontespicio a data de 1865; mas só espalhou-se pelo publico em principios de 1866.

Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães e Fagundes Varella neste seculo.

Destes cinco os mais populares foram Gregorio, o satyrico, Laurindo o elegiaco, e Varella o lyrista.

Os dous mineiros tiveram uma notoriedade mais limitada. Durante quinze annos, de 1860 a 1875, especialmente nas rodas de estudantes, em S. Paulo, Recife e Rio de Janeiro, Varella era sempre o bem vindo, o companheiro querido, applaudido, idolatrado.

Elle não chegou a ultimar o curso academico, a graduar-se, e a seguir uma qualquer dessas carreiras que se abrem aos bachareis em direito.

Deixou-se sempre ficar na vida indefinivel do bohemio, sem rumo, sem destino determinado.

Qual a razão? Vicios de educação? Vicios de escola? Tendencia natural? Tristeza nativa? Alguma amarga decepção?

Não sei bem ao certo; nem a leitura das obras do poeta é por esta face uma garantia absolutamente segura de descobrir a verdade.

A obra do poeta apparentemente logica, é uma das mais contradictorias que possuimos; apparentemente pessoal, é uma das mais impessoaes de nossa litteratura.

Mas, emfim, é por onde teremos de estudal-o. De sua leitura deprehendi o seguinte: Varella não foi um triste, nem um alegre, nem um crente, nem um sceptico, nem um liberal, nem um auctoritario; porque foi tudo istó ao mesmo tempo, conforme o ensejo e a occasião. Foi uma natureza multipla, variada, excessivamente excitavel, atormentada por estimulos diversos. Varella foi um agitado.

D'ahi a variedade de suas impressões e a mobilidade dos tons de seu cantar; d'ahi essa morbideza inconsciente e irresistivel que se evapora da mor parte de suas composições. Tal a caracteristica fundamental de seu genio, de seu temperamento de poeta.

As producções, pois, que mais o definem são aquel-

las em que apparecem essas incertezas, essas fluctuações, essas nevoas, esses claros e obscuros, essas vagas aspirações, esses sonhos roseos e dubios, esses matizes impalpaveis, essas ondulações chimericas de um espirito inconsistente adormecido n'uma especie de embriaguez. E' o que eu chamei o *lyrismo bacchico*.

Entretanto, a falsa critica entre nós tem dado a Varella como caracterisação principal a tristeza romantica...

E' um erro refutado pelo proprio poeta, quando diz em *Velha Canção:*

« Não sou desses genios duros.
Inimigos do prazer,
Que julgam que a humanidade
Só nasceu para gemer ;

Gosto de queimar incenso
Sobre as azas da alegria,
Julgo que ser louco a tempo
Tambem é sabedoria...» (1)

Ou no *Ermo* :

« Eu não detesto nem maldigo a vida,
Nem do despeito me remorde a chaga...» (2)

Ou em *Oração* :

« Eu quero andar! Eu sei que no futuro
Inda ha rozas de amor, inda ha perfumes,
Ha sonhos de encantar!
Não, eu não sou d'aquelles que a descrença
Para sempre curvou, e sobre a cinza
Debruçam-se a chorar.» (3)

---

(1) *Obras Completas*, I. pag. 279.
(2) *Idem, II*, pag. 72.
(3) *Idem, ibid.* pag. 96.

Ou finalmente em *Acusmata*:

« Sinto que fui feliz, e n'essa quadra
Nem tristezas cantei, nem amarguras,
Mas Deos, a vida, a mocidade e a gloria.» (1)

Nada mais claro; a critica illudiu-se completamente.

Outra falsa caracterisação do poeta é a que o apresenta como *sertanegista*, *bucolista* por indole e tendencia irresistivel.

Sinto vêr partilhado esse erro por Franklin Tavora, o illustre romancista e habil critico, em seu bello estudo sobre o escriptor fluminense, n'estas palavras: «Varella é o cantor das meias malicias e das meias innocencias existentes n'essa região pittoresca e animada, que não é a cidade deslumbrante nem a solidão bravia, que é simplesmente o *campo* ou a *roça* ou o *matto*, isto é, um theatro modesto de folguedos ingenuos, amores timidos, graças vergonhosas, mais virtudes que vicios, mais natureza que arte, mais desinteresse que calculo, n'essa região que está para a civilisação como o arrebol está para o dia, nesse plano onde perfis garridos e imagens toscas se debuxam sob uma luz crepuscular que os não deixa ver em completo relevo.

Si a minha critica não se engana, Varella pode ser aferido pela poesia *A Roça*, que é uma das que trazem mais fundamente impresso o signal da sua physionomia poetica.» (1)

Tavora é levado a esta conclusão, além d'*A Roça* pela leitura de *Mimosa* e *Antonico e Corá*.

Ponho-me em completo desaccordo. Estas tres composições campezinas e sertanegistas são productos esporadicos e excepcionaes na vasta obra de Varella.

(1) *Idem, ibid,;* pag. 271.

(1) Obras Completas, I, pag. 25.—

Em rigor até reduzem-se ás duas primeiras, porque *Antonico e Corá* quasi nada tem de essencialmente roceiro, não passando da narrativa extravagante de um caso de *bigamia*, tão proprio do sertão, como da cidade.

Restam *A Roça* e *Mimosa*, bellas producções em verdade, que desapparecem no meio da multidão de poesias do auctor fluminense.

Varella, que viajou as regiões maritimas do Brazil, as regiões das mattas, e as regiões dos sertões, dedicou alguns cantos ás scenas que mais o captivaram por todas ellas.

A' vida sertaneja couberam as duas poesias encommiadas pelo critico. Tal foi e nada mais.

Não é isto sufficiente para constituir-lhe a caracteristica especial e dar-lhe alto posto n'um genero em que elle difficilmente poderia luctar com Bittencourt Sampaio, Joaquim Serra, Bruno Seabra, Trajano Galvão, Mello Moraes Filho e outros já lembrados n'este livro.

Em *Mimosa* mesma o que nos encanta é o doce lyrismo amoroso do 2.º canto e não as notas puramente sertanejas aliás raras e fracas.

Insisto em dizer, o traço pessoal do lyrismo de Fagundes Varella é certo phantasiar vago e dolente, aerio e brumoso, cheio de doçuras e sonoridades, alguma cousa de impalpavel e chimerico, de vaporoso e dubio, como os sonhos de um espirito alheiado da realidade.

Esta nota espalha-se por toda a sua obra, especialmente em *As Selvas*, *Nevoas*, *Gualter*, *A Enchente*, *Juvenilia*, *Cantico do Calvario*, *Madrugada á beira mar*, *Acusmata*, *Visões da Noite* e trinta outras. E' quasi abrir seus livros ao acaso e lêr.

No seu proprio poema sobre *Anchieta* as melhores passagens são os trechos em que a proposito de scenas naturaes, deixa de lado a vida do Christo narrada pelo missionario, e cae em effusões lyricas do genero predilecto.

O mesmo em todos os poemetos para não falar nas poesias mais curtas.

O nosso scismador não gostava da claridade em todo o seu esplendor, não apreciava o viver positivo das cidades, as luctas da imprensa, as agitações politicas, uma carreira normal e segura. Amava o retiro, as sombras das matas, o abandono que o deixasse sonhar.

Não ha poeta algum da lingua portugueza que tenha empregado tanto a palavra *nevoa*, e elle vivia n'um paiz tropical, n'uma terra banhada de luz ..

— As *nevoas* elle as tinha no espirito. E esse ser agitadiço, essa alma exhuberante e lyrica dava-se bem na embriaguez dos sonhos e das scismas indefiniveis. E quando o vago, o brumoso, o furta-côr dos anhelos aereos não lhe era gerado pela propria phantasia, elle o provocava nas doçuras tentadoras do vinho. O poeta mesmo pintou esta situação do seu espirito na verdade imponente desta encantadora pagina:

« Escravo, enche essa taça,
Enche-a depressa, e canta !
Quero espancar a nuvem da desgraça
Que além nos ares lutulenta passa,
E meu genio quebranta.

Tenho n'alma a tormenta.
Tormenta horrenda e fria !
Debade a doida conjural-a tenta,
Luta, vacilla e tomba macilenta
Nas vascas da agonia !

Pois bem, seja de vinho,
No delirar insano,
Que afogue minhas lagrimas mesquinho !...
Então envolto em purpura e arminho
Serei um soberano !

Cresce, transpõe as bordas
De brilhante crystal,
Torrente amada que o prazer acordas...
Toma a guitarra, escravo! afina as cordas,
E viva a saturnal!

Já corre-me nas veias
Um sangue mais veloz...
Anjos... inspirações... mundos de ideias,
Sacudi-me da fronte as sombras feias
D'este scismor atroz!

Que celestes bafagens!
Que languidos perfumes!
Que vaporosas, lucidas imagens
Dansam vestidas de subtis roupagens
Entre esplendidos lumes!

Tange mais brando ainda
Esse mago instrumento!...
Mais... ainda mais! Que maravilha infinda!
Que plaga immensa, lumínosa e linda!
Que de vozes no vento!

São as houris divinas
Que junto a mim perpassam,
Ou de Schiraz as virgens peregrinas,
Que cingidas de rosas purpurinas
Choram Bulbul e passam?

Oh! não, que não são ellas.
Mas ai! meus sonhos são!
São do passado as vividas estrellas,
Que á flux rebentam cada vez mais bellas,
De mais puro clarão!

São meus prazeres idos!
Minha extincta esperança!
São... Mas que nota fere-me os ouvidos?
Escravo estulto, abafa esses gemidos!
Canta o riso e a bonança!

Canta a paz e a ventura
O mar e o céo azul!...
Quero olvidar minha comedia escura,
E a ledos sons as larvas da loucura
Bater como Saul!

Leva-me ás densas mattas
Onde viveu Celuta;
Faze-me um leito á margem das cascatas
Ou nas alfombras humidas e gratas
De recondita gruta...

Assim... assim! Fagueiras,
Escuto já nos ares
As vozes das donzellas prazenteiras,
Que dansam rindo ao lume das fogueiras
No centro dos palmares.

Mais vinho! Oh! Philtro mago!
Só tu pódes no mundo
Mudar os gyros do destino vago,
E fazer do martyrio um doce afago,
De uma taça no fundo!

Oh! patriarcha antigo!
Oh! bebedor feliz,
Do rôxo sumo da parreira amiga!
Teu nome invoco, abraço-me comtigo,
Vem, vem ser meu juíz!

Basta, servo, de cantos;
Quero dormir, sonhar,
Sinto do vinho os ultimos encantos...
Molham-me as faces amorosos prantos,
Vou reviver e amar! » (1)

N'esta região de sonhos e apparições doiradas se comprazia o poeta. Era uma necessidade de seu espirito e do espirito de tantos e tantos outros.

Em que pese a rigidos positivistas, a illusão ha tido e continuará a ter grandissima parte na vida da humanidade; a illusão tem sido um factor do progresso. Muitas creações seculares foram originadas inconscientemente para preencher essa funcção.

As religiões, as mythologias, as lendas, as artes em grande parte cumprem esse mistér.

Muitas industrias tiveram origem nessa necessidade fundamental do espirito humano. O cultivo da vinha entra nesse numero.

Quem uma vez disse que o *homem tem necessidade de illudir-se e esquecer, tanto que elle é o unico animal que se embriaga*, disse uma grande verdade. E' isto mesmo; o contrario é phantasiar grandezas que não possuimos.

Varella era do numero desses que sabem o que valem chimeras e illusões, como preservativos contra as asperezas da realidade crúa. Sua poesia era uma filha da phantasia alada e impalpavel.

Elle mesmo o disse na *primeira pagina* de seus *Cantos do Ermo e da Cidade*:

« Louras abelhas, leves borboletas,
Voluveis beija-flôres,
Rapidos genios, hospedes dos ares,
Solitarios cantores,

---

(1) *Obras completas*, II, a peça intitulada *Diversão*.

Amantes uns das pompas das cidades,
Das galas e das festas
Outros amigos das planicies vastas
E das amplas florestas;
Alado mundo, turbilhão volante,
Bando de sonhos vagos,
Ora adjando em capriohosos gyros,
Ora em doces afagos
Pousando sobre as frontes scismadoras...
Vêde, desponta o dia,
Sacudi vossas azas vaporosas,
Exultai de alegria!
Ide sem medo, lucidas chimeras,
São horas de partir!...
Ide, correi, voai, que vos desejo
O mais almo porvir!... »

Estas citações não enganam, não deixam duvida.

Si a poesia é uma copia exacta, uma photographia do mundo exterior, Varella, apezar de seu grande talento descriptivo foi um poeta de altura secundaria.

Si, porém, a poesia é uma região encantada crêada pelas almas de eleição para delicia e prazer de nós outros os pobres condemnados ás cruezas da vida, elle foi talvez o maior de nossos poetas, porque nenhum foi tão amoravelmente idealista e phantasioso.

Eu bem podera agora enumerar as obras do auctor, percorrer com os meus leitores as melhores de suas composições em diversos generos, prolongar este perfil, descendo a minudencias. Seria trabalho facil; mas creio ser elle inutil; porque a physionomia particular do poeta já eu a dei.

Basta-me consignar, terminando, que as suas melhores qualidades são a espontaneidade, a musica e a doçura dos versos, o vigor e a segurança das descripções, a abundancia e a riqueza das imagens.

---

(1) *Obras Completas*, II, pag. 211.

Sua obra é muito mais vasta e interessante de que a do melhor lyrista portuguez João de Deus. As novas gerações devem sempre ler o delicioso sonhador dos *Cantos Meridionaes* e dos *Cantos e Phantasias*. Não pode haver mais intelligente e sincero companheiro. Lêde-o, lêde-o.

.

LUIZ GETULINO PINTO DA GAMA é merecedor de attenções e sympathias particulares.

Orador, jornalista e poeta, era um negro que não tinha pejo de sua raça: pelo contrario foi o seu defensor constante.

Tinha sido escravo, e foi depois o mais antigo, o mais apaixonado, o mais enthusiasta, o mais sincero abolicionista brazileiro.

Eu disse uma vez que a escravidão nacional nunca havia produzido um Terencio, um Epicteto, ou siquer um Spartaco.

Ha agora uma excepção a fazer: a escravidão entre nós produziu Luiz Gama, que teve muito de Terencio, de Epicteto e de Spartaco.

Natural da provincia da Bahia, era filho de uma pobre escrava africana. Vendido ainda moço para S. Paulo, conseguio ahi, por sua honestidade, intelligencia e perseverança, libertar-se, conseguiu fazer bons estudos de humanidades, conseguiu praticar no fôro, conseguiu fazer-se habilissimo advogado, influente orador, perito jornalista.

Foi isto no decennio de 1850 a 60, e desde este tempo o denodado batalhador iniciou a campanha abolicionista.

No fôro, na tribuna do jury, na imprensa, a voz amiga e protectora de Luiz Gama não se fazia esperar, era a salvaguarda espontanea dos miseros captivos.

Não pertence especialmente á historia litteraria a narrativa das luctas, das cruentas batalhas em que se

achou envolvido esse intemerato patriota na guerra pertinaz e lendaria que moveu durante trinta annos contra a escravidão no Brazil.

A historia social se encarregará destes factos um dia e sabel-o-ha fazer mais habilmente do que nós, que não possuimos agora os indispensaveis documentos.

A' nossa tarefa pertence o poeta, um dos mais engraçados satyricos de nossas letras.

As palavras de caracter theorico depostas no começo deste capitulo têm agora sua inteira applicação. Luiz Gama era quasi de todo um negro, era um representante extremado do immenso mestiçamento de nossa actual população. E sua côr nunca foi um embaraço á generosidade de seu coração e á actividade de sua intelligencia.

Como poeta Luiz Gama deixou sómente, ao que supponho, o volume intitulado— *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino* — de que existem duas edições, sendo a segunda, correcta e augmentada, do Rio de Janeiro, Typ. de Pinheiro & C., 1861.

Comtem trinta e nove poesias satyricas em tom acre e estylo burlesco, excepto tres ou quatro em tom serio. Deste numero são as ultimas, que denominam-se *Minha Mãe* e *No Cemiterio de S. Benedicto em São Paulo.*

Esta revela-nos os sentimentos philantropicos de Luiz Gama sobre a escravidão. Elle refere-se á sepultura de de um escravo n'estes termos :

«Em lugubre recinto escuro e frio,
Onde reina o silencio aos mortos dado,
Entre quatro paredes descoradas,
Que o caprichoso luxo não adorna,
Jaz de terra coberto humano corpo,
Que escravo succumbiu, livre nascendo,
Das horridas cadeias desprendido,

Que só forjam sacrilegos tyrannos,
Dorme o somno feliz da eternidade.
Não cercam a morada luctuosa
Os salgueiros, os funebres cyprestes,
Nem lhe guarda os humbraes da sepultura
Pesada lage de espartano marmore.
Sómente levantado em quadro negro
Epitaphio se lê, que impõe silencio!
Descansam n'este lar caliginoso
O misero captivo, o desgraçado!...
Aqui não vem rasteira a vil lisonja
Os feitos decantar da tyrannia,
Nem offuscando a luz da sã verdade
Eleva o crime, perpetúa a infamia.
Aqui não se ergue altar ou throno d'ouro
Ao torpe mercador de carne humana.
Aqui se curva o filho respeitoso
Ante a lousa materna, e o pranto em fio
Cae-lhe dos olhos revelando mudo
A historia do passado. Aqui nas sombras
Da funda escuridão do horror eterno,
Dos braços de uma cruz pende o mysterio
Faz-se o sceptro bordão, andrajo a tunica,
Mendigo o rei, o potentado escravo!» (1)

São generosos sentimentos e ainda mais candidos são aquelles que transpiram dos versos *Minha Mãe.*

Tambem na familia negra e escrava palpitam corações puros cheios de magnanimos e elevados affectos.

Versos assim são um verdadeiro documento :

« Era mui bella e formosa,
Era a mais linda pretinha,
Da adusta Lybia rainha,
E no Brasil pobre escrava!

---

(1) *Trovas Buslescas*, pag. 187.

Oh, que saudade que eu tenho
Dos seus mimosos carinhos,
Quando c'os tenros filhinhos
Ella sorrindo brincava.

Eramos dois — seus cuidados,
Sonhos de sua alma bella ;
Ella a palmeira singela,
Na fulva areia nascida !
Nos roliços braços de ebano
De amor o fructo apertava,
E á nossa bocca junctava
Um beijo seu, que era vida,

Quando o prazer entreabria
Seus labios de roixo lyrio,
Ella fingia o martyrio
Nas trevas da solidão.
Os alvos dentes nevados
Da liberdade eram mytho,
No rosto a dôr do afflicto,
Negra a côr da escravidão.

Os olhos negros, altivos,
Dous astros eram luzentes ;
Eram estrellas cadentes
Por corpo humano sustidas.
Foram espelhos brilhantes
Da nossa vida primeira,
Foram a luz derradeira
Das nossas crenças perdidas.

Tão terna como a saudade
No frio chão das campinas,
Tão meiga como as boninas
Aos raios do sol de abril.

No gesto grave e sombria,
Como a vaga que fluctúa,
Placida a mente — era a lua
Reflectindo em céos de anil.

Suave o genio, qual rosa
Ao despontar da alvorada
Quando treme enamorada
Ao sopro d'aura fagueira.
Brandinha a voz sonorosa,
Sentida como a rolinha,
Gemendo triste, sósinha,
Ao som da aragem faceira.

Escuro e ledo o semblante,
De encantos sorria a fronte,
— Baça nuvem no horisonte
Das ondas surgindo á flôr;
Tinha o coração de santa,
Era seu peito de archanjo,
Mais pura n'alma que um anjo,
Aos pés de seu Creador.

Si, junto á cruz penitente,
A Deus orava contricta,
Tinha uma prece infinita
Como o dobrar do sineiro;
As lagrimas que brotavam
Eram perolas sentidas,
Dos lindos olhos vertidas
Na terra do captiveiro.» (1)

Na satyra o poeta zurziu muitos dos nossos vicios sociaes e politicos. O tom era quasi sempre bastante exag-

(1) *Idem*, pag. 183.

gerado. Umas vezes tinha graça e outras descambava algum tanto para o desenxabido e trivial.

O estylo nos melhores casos era este :

Pelas ruas vagava, em desatino,
Em busca de seu asno que fugira,
Um pobre paspalhão apatetado,
Que dizia chamar-se *Macambira.*

A todos perguntava se não viram
O bruto que era seu, e *desertára*;
Elle é sério (dizia), está ferrado,
E tem branco o focinho, é *malacára.*

Eis que encontra postado n'uma esquina
Um esperto, ardiloso capadocio,
Dos que mofam da pobre humanidade,
Vivendo, por milagre, em santo ocio,

Olá, senhor meu amo, lhe pergunta
O pobre do matuto, agoniado:
« Por aqui não passou o meu burrego,
« Que tem russo o focinho, o pé calçado ? »

Responde-lhe o tratante, em tom de mofa:
« O seu burro, senhor, aqui passou,
« Mas um guapo Ministro fel-o presa,
« E n'um parvo *Barão* o transformou ! »

Oh Virgem Santa ! (exclama o tabaréo,
Da cabeça tirando o seu chapéo)
Si me pilha o Ministro neste estado,
Serei *Conde, Marquez e Deputado !...* » (1)

---

(1) *Idem,* pag. 113.

Um dos séstros mais combatidos por este satyrico foi a mania da *branquidade*, mania que devasta grande porção de verdadeiros mestiços, que pretendem ter prosapia fidalga. Sabe-se que a mistura das tres raças fundamentaes de nossa população deu-se em larguissima escala, e é phenomeno inilludivel; o numero dos brancos puros não é lá muito avultado, e não obstante quasi toda a gente tem suas veleidades a descender de sangue azul... Contra isso insurgiu-se o bardo bahiano e com razão. Na poesia *Quem sou eu?*, que tornou-se popular sob o titulo *A Bodarrada*, escreveu isto:

« Si negro sou ou sou bode,
Pouco importa. O que isto póde?
Bodes ha de toda a casta,
Pois que a especie é muito vasta...
Ha cinzentos, ha rajados,
Baios, pampas e malhados,
Bodes negros, *bodes brancos*,
E, sejamos todos francos,
Uns plebeus e outros nobres,
Bodes ricos, bodes pobres,
Bodes sabios, importantes,
E tambem alguns tratantes...
Aqui, nesta boa terra,
Marram todos, tudo berra.
Nobres Condes e Duquezas,
Ricas Damas e Marquezas,
Deputados, Senadores,
Gentís homens, vereadores;
Bellas Damas emproadas,
De nobreza empantufadas;
Repimpados principotes,
Orgulhosos fidalgotes,
Frades, Bispos, Cardeaes,
Fanfarrões imperiaes,
Gentes pobres, nobres gentes,
Em todos ha *meus parentes*.
Entre a brava *militança*,

Fulge e brilha alta *bodança*;
Guardas, cabos, furrieis,
Brigadeiros, coroneis,
Destemidos marechaes,
Rutilantes generaes,
Capitães de mar e guerra,
— Tudo marra, tudo berra.
Na suprema eternidade,
Onde habita a Divindade,
Bodes ha sanctificados,
Que por nós são adorados.
Entre o côro dos anginhos
Tambem ha muitos bodinhos.
O amante de Syringa
Tinha pello e má catinga;
O deus Mydas, pelas contas,
Na cabeça tinha pontas;
Jove quando foi menino,
Chupitou leite caprino;
E, segundo o antigo mytho,
Tambem Fauno foi cabrito.
Nos dominios de Plutão,
Guarda um bode o Alcorão;
Nos lundús e nas modinhas
São cantadas as bodinhas.
Pois si todos têm *rabicho*,
Para que tanto capricho?
Haja paz, haja alegria,
Folgue e brinque a bodaria;
Cesse pois a matinada,
Porque tudo é bodarrada! » (1)

Comprehendamos e admittamos a franqueza de Luiz Gama; elle não era do numero d'aquelles, que, apezar de certos accidentes innegaveis da côr, teimam em se dizer *latinos*...

Si na propria Europa o *latinismo* de certos povos

(1) *Idem*, pag. 141.

não passa de um simples phenomeno linguistico; si tal é o caso dos romaicos que são slavos, dos hespanhóes que são iberos, dos portuguezes que o são tambem, dos francezes que são celtas; si os legitimos representantes ethnicos dos latinos são em rigor pura e simplesmente os italianos do centro, qual será a fracção em que se acha entre nós representada directamente aquella valida raça?

Não deixa de causar certa extranheza a segurança, a radiante seriedade com que diariamente, por exemplo, jornalistas, patentemente oriundos de indios e africanos, dizem: *Nós, os latinos....*

Tenho sérias duvidas sobre essa *latinisação*. Deve estar entre nós na decima dynaminisação; porquanto dos tres factores que constituiram este povo, dous — indios e africanos — nada tinham evidentemente de latinos, e o terceiro, resultado complicadissimo de uma longa evolução ethnica, terá nas veias um decimo talvez de sangue romano...

A illusão a este respeito, o que faz suppôr os portuguezes descendentes directos do antigo povo rei, é o facto de falarem elles um idioma novo-latino. Mas este facto historico de facilima explicação, é de nenhum valor em ethnographia.

A população portugueza em sua base fundamental é de iberos a que se ligaram celtas, phenicios, carthagineses, godos, suevos, arabes, almohades, almoravides, mouros de toda a casta, sem falar de escravos negros e indianos que se lhe addiccionaram em tempo.

Os romanos entraram tambem com o seu contingente, importantissimo pelo lado cultural, e insignificante pelo numero.

Representam talvez menos ainda de um decimo da população. Avalie-se, á luz d'estes factos, qual será a proporção do latinismo no Brazil. (1) Entretanto, moti-

(1) Poderá esta proporção modificar-se, si tivermos por muitos e muitos annos forte immigração de italianos do centro, infelizmente os que menos emigram.

vos psychologicos, como a paixão do melhoramento, levam-nos a acreditar n'uma illusão ethnologica. Isto se comprehende e é até louvavel.

E' verdade, porém, por outro lado, que, em rigor, não precisamos de quaesquer enganos n'este sentido, não precisamos de apadrinhar-nos com o estreito manto do velho latinismo; porqne o concurso de tão diversas raças em nossa terra vai-nos produzindo uma população intelligente, bella e valida, tão digna como as mais dignas.

Rozendo Moniz Barreto (1845) não é um poeta de tão elevado estro quanto Pedro Luiz e Fagundes Varella; mas é um espirito meritorio.

E' filho do illustre improvisador Francisco Moniz Barreto e irmão do notavel rabequista Francisco Moniz Barreto Filho.

Nasceu na Bahia em 1845 e fez alli os estudos preparatorios, matriculando-se na faculdade medica.

Ainda bem joven, começou a relacionar-se com o cenaculo que cercava seu pai, ligando-se mais particularmente a Augusto de Mendonça, Agrario de Menezes e Alvares da Silva.

Seguiu para a campanha do Paraguay quando ainda cursarva o 4.° anno medico. De volta em 1868 prestou os exames finaes do 4.° 5.° e 6.° annos academicos, graduando-se n'essa occasião.

Seus primeiros ensaios litterarios sahiram á lume na *Revista Academica* da Bahia.

Tem publicado até hoje as seguintes obras: *O Colera na Campanha* (These inaugural) 1868: *Cantos da Aurora* (Poesias) 1868; *Vôos Icarios* (Poesias) 1873; *Favos e Travos* (Romance) 1874; *A Exposição Nacional de 1875* (Relatorio) 1876; *Progressos do Brazil durante o seculo XVIII* (These de concurso) 1879; *Interpretação philosophica dos factos historicos* (These de concurso) 1880;

Preito a Camões (Prosa e verso) 1880; *José Maria da Silva Paranhos* (Elogio historico) 1884; *Moniz Barreto o Repentista* (Estudo) 1887.

D'estes dez livros os de mais vigor me parecem os *Cantos da Aurora*, os *Vôos Icarios*, o *Elogio historico de Paranhos* e o *Estudo sobre Moniz Barreto.* Nos dois primeiros Rozendo ostenta-se poeta correcto e nos dois ultimos critico atilado.

O escriptor bahiano é essencialmente um litterato no sentido especial que particularmente entre os francezes se liga a esta palavra. Gosta das artes e das lettras por ellas mesmas, sem ambições e sem especialidades.

Pela simples inspecção dos titulos de suas obras, vê-se que elle tem sido um espirito voltejador, que ha parado aqui e alli por necessidades de momento. Medicina, industria, artes, historia, philosophia, politica, poesia, romance, critica, de tudo ha um pouco alli. Intelligente, estudioso, facilmente assimilador, o talento d'este prestimoso bahiano em tudo tem tocado com certa distincção.

Si, porém, elle possúe alguma nota que lhe seja mais pessoal e lhe vibre n'alma com maior intensidade, essa é certamente a poesia. Leiam-se os seus livros de versos; si nem todas as composições que encerram são igualmente perfeitas, elevadas, distinctas, entre ellas algumas se encontram verdadeiramente bellas.

Seu estylo poetico está bem representando, no que elle possúe de mais selecto nos versos intitulados — *A Captiva de um seio.*

Vem nos *Vôos Icarios*, e são em estylo lyrico; ouçam estes dos *Cantos da Aurora* em estylo epico-lyrico, é a poesia intitulada *O — Genio*:

« Que força és tu maravilhoso agente
De creações divinas,
Que tens no craneo luminosa enchente
Com que o mundo fascinas!

Para onde vaes, arauto do infinito,
Que os seculos attens ao curso teu,
Que a rigidez convences do granito
E arrebatas na chispa o raio ao céo ?

Desmentidor ovante do impossivel,
Que as crenças retemperas
Das idéas na fonte enexhaurivel,
Da gloria nas espheras!
D'onde o teu ser dimana, antagonista
Da sorte neste humano tremedal!
D'onde tiraste o sol que tens na vista!
Como serves ao bem no proprio mal!

Bem vejo — em ti — que no fulgor do Empyreo
O atomo animou-se;
Que de Satan, motor do teu martyrio,
A inveja originou-se.
Baixaste á terra e, respeitando as raias
Dos dominios guardados pela fé,
Disseste ao throno da razão: — Não caias. —
E o throno da razão ficou de pé.

De pego em pego resvalando incerta,
Que fôra a humanidade,
Si o teu animo, aos erros sempre alerta,
Não guiasse á verdade ?
No prophetico verbo de Izaias
Dos tyrannos zombastes, arma de Deus,
E a vinda predisseste do Messias,
Calcando as furias de horridos atheus.

Ao tempo que apagar quiz as idéas
Heroicas, — torvo e fero
Contrapuzeste a voz das epopéas
Na trombeta de Homero.

Vendo uma geração oppressa, á mingua
De bens, que o despotismo lhe usurpou,
Da eloquencia divina ungiste a lingua
E com ella Demosthenes falou.

Nas almas, contra o negro scepticismo,
Com Socrates entraste;
Do corpo contra os males o aphorismo
De Hyppocrates guardaste.
Ao pensamento dando leis, no erroneo
Caminho que ao teu methodo se oppoz,
Mais forte que o poder do Macedonio,
Os evos Aristoteles transpoz.

Ao contemplar o Homem do Calvario
Abraçaste o Evangelho.
Entre os barbaros, martyr solitario,
Foste do Christo o espelho.
Os gemidos do Golgotha acolhendo,
Quando espirava o Filho de Jehová,
Entregaste ao porvir o crime horrendo
E aos mortos prometteste Josaphat.

Quando pensava o mundo que o teu solio
Era feito em pedaços,
Triumphante ascendeste ao capitolio
E á fama abriste os braços.
Aos posteros mostrando á Grecia e o Lacio,
De Italia ergueste, em cultos festivaes,
Eschilo, Juvenal, Phidias, Horacio,
A's aras de oblações universaes.

De todos esses cerebros de fogo,
Fundidos n'um instante,
Vasaste a essencia, que inflammou se logo
Na cabeça do Dante.

Daquelle craneo, cheio de prodigios,
A transcender dos orbes a amplidão,
Miraste o inferno que deixou vestigios
Em vorsos de volcanica impressão.

Depois que assim cantaste ampla victoria
Pelo estro mais intenso,
Subiste, enchendo o Pantheon da historia,
Neste mosaico immenso,
Ao theatro Shakspeare, á esculptura
Miguel Angelo, á musica Mozart,
Kant á critica, Rubens á pintura,
Newtan aos astros e Colombo ao mar.

Ao troar do canhão, que acende a guerra
Em fogo sempre novo,
Impondo um Bonaparte aos reis da terra,
Enthronizaste o povo.
Aguia, illesa entre nuvens de metralha,
Feriu-te as pandas azas Waterloo,
Mas os trophéus do genio da batalha
De Guttenberg a filha registrou.

Nessa invenção pasmosa, que te entrega
A's bençãos do vindouro,
Descança, que jámais ella te nega
Ante os idolos de ouro.
Coroado das folhas do loureiro
Que offusca os ouropeis de mil brazões,
Sobrevives a escravos do dinheiro
Que atiraram-te ao merito baldões.

Entranhe-se comtigo o pensamento
Nos abysmos mais fundos,
Sondando o mar de luz do firmamento
Nos enxames de mundos.

Da natureza, a abrir-te o almo regaço,
Vê-se pela arte retiibues o ardor,
Tu, que já tens contra o poder do espaço
A bussola, o telegrapho, o vapor.

Em ti se ostente, divinal columna,
A inspiração que ensina
Nós certames da imprensa e da tribuna,
Na escola e na officina.
Suppressor da tyrannica distancia,
Terás sempre a energia que destróe
No espirito a barreira ignorancia
E na materia os obices do heróe.

Gloria ao trabalho, em que tens nobre accesso,
Em prol da humanidade,
Para affirmar conquistas do progresso
No amor da liberdade!
Mas, propulsor da industria e da sciencia,
Em mil veredas que lhe vaes abrir,
Por mais que o fim procures da existencia,
Tua origem não negues ao porvir.

Genio! genio! que a mente humana excedes
Em mirifico arroubo,
Queres ter a alavanca de Archimedes
E deslocar o globo?!
Has de tombar, quando te falte o apoio
Que os orbes equilibra na amplidão;
Has de sumir-te, qual se perde o arroio
Nas aguas de oceanica invasão.

Então, quando o imperio teu desabe,
Com que tanto fulgiste,
Dirás ao mundo, a quem teu fim não cabe,
Que só por Deus cahiste,

E transformado em astro, para ao manto
Do firmamento addir mais esplandor,
Has-de ser sempre o élo sacrosanto
Que prenda a creatura ao Creador. »

Os dois livros onde revelou qualidades de critico, são, como eu mesmo já disse, o *Elogio de Rio Branco* e o *Estudo sobre Moniz Barreto.*

O primeiro é um trabalho de momento em forma oratoria, no estylo apologetico dos escriptos do genero; é um elogio academico. Contém bellas paginas e acertadas ponderações. Sente-se que alli ha materia para um livro, e seria conveniente que em futuras edições o auctor lhe modificasse a forma, dando-lhe outro aspecto, outras proporções e outro tom.

Tire-lhe a forma de *elogio* e dê-lhe a de *estudo.*

A obra sobre o repentista Moniz Barreto é um bom e interessante livro sobre o vate bahiano e a litteratura de seu tempo.

E' trabalho documentado sobre o movimento litterario da Bahia entre os annos de 1840 a 1870. Com tratar de seu pai, por quem tinha verdadeira e fundada admiração, o auctor não descae no elogio banal e impertinente.

Ha no estudo uma certa objectividade, como dizem os allemães, que nos preserva da futilidade encomiastica.

O estylo do escriptor exhibe-se bem no seguinte pedaço descriptivo dos *festejos do dia 2 de julho na Bahia.* E' isto :

« A Grecia antiga, que encheu os poemas de Homero e os dramas de Eschylo, preparava, á sombra da paz, os seus guerreiros nos jogos olympicos.

O cavalleirismo da idade média, com sua divisa — Deus, patria e damas — tanto se recommenda nos bellicos arrojos

de cruzadas a Jerusalem, quanto no delirio festival dos paladinos em justas e torneios de Hespanha.

Actualmente as exposições internacionaes, sobrelevando a todos os manifestos da civilisação antiga e medieva, synthetisam, em festas do trabalho, em certamens da industria, os progressos do homem na eterna luta do espirito com a materia.

Guardadas as proporções, não era menos edificante, expressivo e fecundo, em dias de prosperidade, o povo bahiano patrioticamente absorto, para incentivo proprio e exemplo aos vindouros, na commemoração jubilosa do seu inolvidavel 2 de julho.

Imagine-se uma combinação maravilhosa de flores, luzes, bandeiras, insignias, emblemas e divisas de todas as côres, n'uma columna de numerosos batalhões patrioticos, perfeitamente uniformisados e desfilando em marcha triumphal até o ponto objectivo; imagine-se uma jovialissima convivencia de parentes e amigos, com todos os attractivos de confortavel sarão, em cada habitação por onde passava o deslumbrante prestito, atravez de alguns kilometros; imagine-se o inexprimivel conjunto de girandolas, fogos cambiantes, hymnos marciaes, palmas e vivas estrepitosos a discursos e versos que acendiam a chamma do patriotismo em mais de cem mil almas. Acima de tudo isto imagine-se a alacridade popular a transluzir, durante uma semana, em todos os semblantes, sem distincção de sexos, idades, raças, condições e classes, identificados em honra da patria, influidos por um só desejo — o de folgarem até o derradeiro instante do incomparavel dia 2 de julho, que aliàs durava muitos dias, reproduzindo-se os festejos, em miniatura, por alguns arrabaldes e cidades da provincia.

Lia-se a faustissima data ao longo das ruas, no meio das praças, em palacios e tugurios, no templo e no theatro, na escola e na officina, em claustros e fortalezas, nos hospitaes e nos quarteis, em fardas bordadas e vestidos de seda, em blusas e casacas, por sobre a cabeça e o coração de patriotas a festejarem o 2 de julho.

Na cidade de S, Salvador, a 3 de maio, começavam, mediante uma associação composta de cidadãos distinctos, os aprestos para o vistoso palanque, artisticamente desti-

nado a servir de receptaculo dos emblemas da emancipação, isto é, dous grandes carros onde se fixavam as garbosas figuras de um caboclo e sua companheira supplantando o despotismo em fórma de dragão.

Durante dous mezes preparavam-se clero, nobreza e povo com as mesmas previsões de quem resolve uma viagem á roda do mundo. Taes preparativos, ás vezes, denunciados por falsos boatos, mórmente quando a situação era dos conservadores, obrigavam o presidente da provincia a requisitar do governo geral mais força de linha, com receio da alteração da ordem publica. Gratuitas apprehensões da politica, inteiramente desmentidas pela indole pacifica e ordeira do povo bahiano.

Tres dias antes de raiar a tão auspiciosa aurora, um bando de centenas de cavalleiros e milhares de peões, mascarados e vestidos phantasticamente, percorria as ruas principaes da cidade alta, distribuindo em avulsos e apregoando em verso o programma da solemnisação.

Os estudantes de medicina, os alumnos do lyceu e de collegios particulares, os lavradores, os caixeiros nacionaes, os jornalistas e os typographos, os artistas, os artifices e até a puericia escolar, alistavam-se, constituindo regimentos e batalhões, devidamente organizados, com os seus distinctivos, patentes, direitos de precedencia e recursos pecuniarios para musicos, archotes e despezas eventuaes.

Dessas legiões de paisanos sahiram briosos voluntarios para a campanha do Paraguay, onde ganharam a victoria ou perderam a vida em holocausto ao desaggravo da patria.

A' noite de 1 de julho formava, em ordem de marcha, qual se fosse um corpo de exercito, a enorme columna, subdividida em brigadas, sob a direcção de verdadeiros militares, taes como o marechal Luiz da França, os brigadeiros Favilla, Evaristo Ladisláo e Faria Rocha, os coroneis Marcolino Moura e Manoel Jeronymo, sendo o commando chefe, algumas vezes, assumido por cidadãos de maior influencia na occasião, como por exemplo, em 1874, o conselheiro Dantas.

Chegados ao largo da Lapinha, quasi ao alvorecer do incomparavel dia, e depois de um trajecto de muitas horas, as phalanges patrioticas, tendo á frente os restantes veteranos da Independencia, vestidos como outr'ora durante a

campanha, e perfilados em torno da bandeira vetusta, reliquia de Pirajá, ajuntavam-se á guarda nacional e á tropa de linha, resplendentes em seus uniformes, guarnecidos de folhas auri-verdes.

Ao restrugir dos clarins, tambores, bandas militares e foguetes, movia-se o prestito entre alas compactas de povo apinhado nas ruas e sob as acclamações de galantes senhoras, que engrinaldavam as janellas colgadas de seda e damasco. Assim eram conduzidos á mão os dous carros symbolicos, chegando, ás 2 horas da tarde, ao terreiro de Jesus, onde entravam como, em 1823, o exercito emancipador, quando as forças lusitanas, commandadas pelo general Madeira, desoccuparam a leal e valorosa cidade.

Não era mais imponente a entrada triumpal dos heróes gregos e romanos, em regresso de suas cruentas victorias na Asia e na Africa.

Que indiscriptivel e magestoso enthusiasmo no auge do delirio, em toda aquella catadupa de gente a reluzir, a ferver, a redemoinhar sob chuva de flores e poesias em avulsos, acenos de chapéos e lenços, explosões de vivas e baterias de palmas! Entoados, depois, os canticos religiosos, atroavam canhões e fuzis nas descargas que respondiam em continencia ao solemne *Te-Deum*, celebrado em acção de graças no vasto recinto da cathedral!

Quasi ao cahir da noite desfilava a tropa em cortejo á effigie do imperante e dos obreiros da Independencia.

Estrangeiros recemvindos pasmavam, deslumbrados ante o magnetico effeito daquelle imprevisto quadro, digno de perpetuar-se em télas de Salvator Rosa e paginas de Victor Hugo.

Dir-se-hia que a natureza e a arte combinavam-se em seus melhores productos para condignamente solemnisar-se o dia dos bravos no limpido azul do céo, no maximo fulgor do sol, na superabundancia e no viço das flores, nos trajos do bello-sexo, no garbo e no lustre da tropa em grande parada, nos tropheos de armas emmoldurando effigies de heróes, nas bandeiras galhardamente desfraldadas, na repercussão dos hymnos marciaes, desferidos aos quatro ventos, nas salvas de artilheria a responder pelo mar, nas expan-

sões, em summa, da alma publica, tributaria das glorias avitas, guardadas pelo amor da patria.» (1)

E foi n'um meio d'esses que se desenvolveu o talento poetico do celebrado repentista, e foi alli que a scentelha sagrada despertou o talento do filho, communicando-lhe esse enthusiasmo, essa confiança, essa temerosa impavidez, que lhe tem servido de amparo no meio das crudelissimas injustiças que o assaltam constantemente da parte da imprensa d'esta capital...

Não ultimo este capitulo sem lembrar os nomes de Luiz José Pereira da Silva, (2) Ferreira de Menezes, Octaviano Hudson e Augusto Emilio Zaluar.

Este ultimo era portuguez abrazileirado e tem direito a figurar em nossa historia litteraria, porque intellectualmente foi producção d'este paiz.

Não assim José Feliciano de Castilho e Faustino Xavier de Novaes, transplantados para cá em idade madura, já feitos espiritualmente.

---

(1) *Moniz Barreto*, pag. 91 e seguintes.

(2) Não confundir com o Conselheiro João Manoel Pereira da Silva, o velho auctor dos *Varões Illustres do Brazil* e de muitas outras obras.

CAPITULO VI.

Ultimos poetas da escola romantica.

Vamos assistir agora á dissolução do romantismo na poesia brazileira. A ultima escola poetica de valor formada dentro do circulo da romantica entre nós foi a escola do Recife, conhecida sob a denominação de escola *condoreira*. Já nos temos referido a ella por diversas vezes.

Foi sob a egide de Victor Hugo que o movimento condoreiro se iniciara; mas esta circumstancia, verdadeira até certo ponto, deve ser limitada em mais de um sentido.

Os nossos poetas, tomando algumas tintas á palheta hugoniana, não insuflaram em seus cantos outra vida, deram apenas outra roupagem ás suas proprias ideias. A influencia de Hugo foi meramente exterior e occasional, não foi organica e fundamental; simples questão de forma, de morphologia poetica.

Como quer que seja, porém, a Victor Hugo estava reservada a missão de fechar o romantismo no mundo actual. Não só todos os seus antigos companheiros e emulos tinham já desapparecido da scena quando elle morreu, como era elle o unico poeta que ainda ousava empregar o primitivo estylo, e sahir á rua com o velho manto da escola. Tambem entre nós a ultima phase do romantismo foi cheia, mais ou menos, com a acção do poeta das *Contemplações*.

Os momentos anteriores pertenceram a outros; Chateaubriand, Lamartine, Byron, Musset, e o proprio Beranger, tiveram cada um a sua hora de acção. Victor Hugo teve a ultima e em certo sentido a mais brilhante.

Influenciados por elle já vimos que o foram José Bonifacio de Andrada, Pedro Luiz e Luiz Delfino. (1) Influenciados por elle foram, como vamos vêr, Tobias Barreto, Castro Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Junior, Mello Moraes Filho e alguns outros illustres poetas nacionaes.

Vamo-nos, pois, leitor, transportar á bella cidade, a grande capital do norte, para assistir alli ao desabrochar e ao desenvolvimento da poesia e das letras nos derradeiros vinte e seis annos. O que eu aqui chamo a escola litteraria do Recife, como já falei em escola *bahiana*, escola *mineira*, escola *fluminense*, escola *paulista*, escola *maranhense*, tem atravessado tres phases bem caracterisadas.

A primeira época, puramente poetica, e ainda exercida sob a influencia do romantismo, iniciou-se nos fins de 1862 e principios de 1863 e chegou até 1870.

Foi o tempo do hugoanismo da fórma, do condoreirismo do estro sobre uma poesia patriotica e socia-

---

(1) Por considerações de methodo deixamos este poeta para ser estudado em um capitulo subsequente deste livro.

listica em suas melhores manifestações, a época de Tobias, Castro Alves, Palhares, Luiz Guimarães, Plinio de Lima, José Jorge, que formaram a pleiada hugoniana.

Carneiro Vilella, Santa Helena Magno, Eduardo de Carvalho reagiram, conservando as tendencias lamartinianas. Franklin Tavora e Araripe Junior, ainda sob a influencia de Gonçalves Dias e Alencar, começavam a dedicar-se ao romance.

Souza Pinto e Generino dos Santos, ainda estreiantes, vacillavam incertos.

A segunda phase correu de 1870 a 1877 ou 78. Começaram as reacções da critica em face do romantismo em geral.

O auctor d'este livro em quatro artigos successivos em 1870, para só falar d'este anno, atacou o *sentimentalismo* exaggerado e o *indianismo* decrepito dos *Harpejos Poeticos* de Santa Helena Magno, o *hugoanismo* retumbante das *Espumas Fluctuantes* de Castro Alves, o *lyrismo subjectivista*, o *humorismo pretencioso* das *Phalenas* de Machado de Assis, e a defesa que das velhas ideias fizera Quintiliano da Silva, um moço de grande talento e má intuição. (1) Começou então uma grande fer-

---

(1) O nome do autor de *Yayá Garcia*, contra quem escrevi alguma cousa na *Crença* em 1870 e no opusculo *O Naturalismo em Litteratura* em 1882, exige que lance aqui uma nota explicativa. O meu leitor terá notado que o tom deste livro, até quando me refiro a Machado de Assis, é mais brando e cordato do que o foram alguns de meus antigos trabalhos sobre litteratos e escriptores brazileiros. Isto que, para espiritos sérios, si não é motivo para elogios, está muito longe de merecer censuras, tem-me valido da parte de trefegos e intransigentes adversarios, bom numero de descomposturas. Arrebentam os bofes denunciando a *contradicção!*... O que ha de mais interessante é que os censores da *moderação* deste livro são justamente os mesmos do *rigorismo* dos seus anteriores... Eu é que me contradigo, elles não!

Mas, ora vamos e venhamos, queriam estes senhores que um grande livro de *historia*, que pretende dar uma idéa geral do

mentação de ideias, alimentada pela curiosidade e pela

---

complexo da litteratura do paiz fosse escripto no mesmo tom de pequenos livros de *reacção* e *polemica* movidas contra as fatuidades que andavam ahi endeosadas?

Era isto possivel? Não era um verdadeiro desparate? O tom do livro de Taine sobre *Os Philosophos Classicos de França no Seculo XIX* será o mesmo da *Historia da Litteratura Ingleza?* Ora tenham mais senso, meus senhores.

Entretanto, juntarei ainda aqui algumas considerações tendentes a justificar-me:

1.ª Um espirito contradictorio é aquelle que vive constantemente a mudar suas idéas fundamentaes em sciencia, politica, arte, religião, philosophia, e tal não é o meu caso, tanto que neste proprio livro tenho aproveitado as mesmissimas idéas espalhadas nos seus irmãos anteriores;

2.ª A simples mudança no estylo e modo de criticar um escriptor, como Machado de Assis ou Luiz Delfino, não constitue contradicção, uma vez que persista o desaccôrdo sobre suas idéas capitaes;

3.ª Ha má fé na censura; porque, evidentemente, o desejo que mostram os criticos de se empregar n'uma grande historia, que é a synthese geral de todo o nosso movimento intellectual, o mesmo estylo usado em syntheses parciaes como a *Philosophia no Brazil*, os *Ensaios de Critica Parlamentar*, e a *Litteratura Brazileira e a Critica Moderna*, livros de reacção, é um laço empregado para desnaturar a indole d'aquella obra;

4.ª A simples critica negativa e de caracter polemistico tendente a menoscabar o progresso deste paiz nas letras, só aproveita a certa colonia estrangeira, que nos impinge mais afoitamente os seus deteriorados productos;

5.ª Não repudio os meus antigos livros; elles conservam a meus olhos o seu valor como obras de combate, de reacção, de polemica; apenas não transporto para a historia a sua indole agressiva, util alli e desgeitosa cá;

6.ª Posso dizer que fui conquistado pelo meu assumpto; o estudo do *folk-lore* brazileiro, que produziu os *Cantos e Contos Populares do Brazil* e os *Estudos sobre os Cantos e Contos Populares do Brazil* e o *conhecimento* de nossa historia litteraria, que produziu este livro, habilitaram-me a confiar mais neste desdenhado e *explorado* povo;

7.ª Si estas explicações não bastam, tanto peior para os tolos que são tão rudes em comprehender, e para os perversos tão afeitos em molestar os outros...

sêde de saber de Celso de Magalhães, Souza Pinto, Generino dos Santos, Inglez de Souza, Clementino Lisbôa, Lagos, Justiniano de Mello e muitos outros. Tobias foi tambem do numero.

A poesia se transformou e a critica exerceu-se em larga escala. A terceira phase vem de 1878 ou 1879 e cõntinúa ainda nos dias actuaes. A critica e os estudos juridicos e sociaes tomaram a dianteira á poesia, que mostra tambem feições mais severas.

E' o tempo dos moços Clovis Bevilaqua, Annibal Falcão, Arthur Orlando, Martins Junior, Alvares da Costa, João Freitas, Virgilio Brigido, a que se devem juntar os nomes de dous lentes da Faculdade juridica Tobias, que nunca mais sahiu de Pernambuco, onde ficou sempre a luctar, e José Hygino, o illustrado jurista e pesquizador da historia patria.

Tal é em rapido escorço a successão dos momentos diversos da escola litteraria de Pernambuco.

Só o primeiro tempo e diminuta parte do segundo entram no plano d'esta historia: o terceiro sae fóra de nosso quadro.

Nos successos que vou narrar pode ser que entre os nomes dos obreiros, que então tanto trabalharam por dar lustre a este paiz, haja uma vez por outra de apparecer meu pobre e censurado nome.

Podel-o-ia calar, mas não o farei, não por vaidade, que a não tenho, sim em resposta indispensavel a uma critica vil e infame, que me não dá tregoas, que se gloria de atacar-me desde que vivo na capital do imperio....

O miseravel odio que me vota é em grande parte oriundo da justiça que tenho ousado fazer a illustres escriptores das provincias que ella, a critica mesquinha, quizera sempre conservar em completa obscuridade, e não poude; porque eu não deixei!..

Peço d'este defeito desculpas ao leitor imparcial e recommendo-lhe a maior attenção aos documentos que

terei de adduzir sobre mim e sobre os meus companheiros e amigos da escola de Pernambuco. (1)

---

(1) Para calar a tal critica dou aqui uma lista dos principaes artigos com que contribui de 1870 a 1873 para a morte do romantismo e propaganda de novos ideiaes:

1.º *A Poesia dos Harpejos Poeticos*, preparado em novembro de 1869 e publicado no periodico intitulado *Crença* no Recife em abril de 1870. N'esta critica ao livro de Santa Helena Magno apresentava pela vez primeira a idéa da poesia fundada no criticismo contemporaneo, e combatia, consequencia logica, o romantismo choroso e o indianismo brazileiro.

2.º *O que entendemos por poesia critica*, e duas *Cartas a Manoel Qnintiliano da Silva*, publicado tudo em abril e maio de 1870 na *Crença*, firmando as mesmas idéas, no primeiro enunciadas.

3.º *A Poesia das Phalenas* — na *Crença* de 30 de maio do mesmo anno. N'esta critica ao livro de Machado de Assis eram combatidos o seu *lyrismo subjectivista* e o seu *humorismo* pretencioso.

4.º *A Poesia das Espumas Fluctuantes.* A critica ao illustre Castro Alves, então ainda vivo, atacava sobre tudo as imitações directas de Victor Hugo feitas pelo poeta. N'o *Americano* do Recife em setembro de 1870.

5.º *Systema das Contradicções Poeticas*, provando a extenuação já adiantada das differentes doutrinas de poesia que haviam figurado na historia litteraria do nosso seculo, *Correio Pernambucano* em 1871.

6.º *A Poesia e os nossos Poetas* combattendo o romantismo religioso de Gonçalves de Magalhães e o gentilismo de Gonçalves Dias, no *Correio Pernambucano* em 1871.

7.º *A proposito de um Livro*, critica das *Peregrinas* de Victoriano Palhares, em junho de 1871 no *Diario de Pernambuco*, combatendo a poesia chula de recitações em theatros e salas, e defendendo contra El. Scherer o lyrismo *impessoal*, distincto do lyrismo *individualista*.

8.º *Uma pagina sobre Litteratura Nacional* no *Movimento* do Recife de 15 de maio de 1872, estudando a influencia do *meio* e da *raça* sobre o espirito brazileiro.

9.º *Realismo e ideialismo* no *Movimento* de 23 de maio de 1872.

10. *As Legendas e as Epopéas* no mesmo jornal e anno.

11. *A Poesia e a Religião. O Maravilhoso*, idem, idem.

12. *A Poesia e a Sciencia*, ibid, idem. Todos no mesmo espirito. combatendo velhos erros e reformas pouco firmes.

Antes de entrar na caracterisação directa e especialisada dos typos que figuraram no periodo que ora historiamos, é mister dar aqui ainda uma ou duas paginas de synthese geral sobre o movimento pernambucano.

De todos os centros intellectuaes do Brazil, si é que neste paiz os ha bem caracterisados, a cidade do Recife, nos ultimos vinte seis annos, é o que tem levado a palma aos outros na iniciativa das idéas.

Desde logo cumpre-me avisar ao meu leitor que eu não sou pernambucano, nem quero ter em mui exagerada conta o ultimo movimento espiritual ali provocado, como tambem não aprecio largamente a tão decantada aptidão da grande provincia do norte para as lides das idéas livres com suas tres e tão mal apreciadas revoluções deste seculo. Nem 17, 24 e 48 me prendem com força, nem é para decantar taes factos que movo agora da penna.

Minha pretenção é mais modesta, visa á época recente e a idéas de natureza muito diversa. O movimento a que me hei referido teve por factores individuos pela

---

13. *Camões e os Lusiadas* no *Diario de Pernambuco* de meiados de 1872 sobre o Prefacio do Livro de Joaquim Nabuco. Agitava-se de novo a questão do indianismo.

14. A *Rotina Litteraria* no *Jornal do Recife* em 1872. Synthese das direcções erroneas da litteratura brazileira neste seculo.

15. Um artigo apreciativo das *Cartas de Sempronio a Cincinnato* contra *Senio*, no *Diario de Pernambuco* de fins de 1872. Batia com inteira independencia os tres combatentes igualmente.

16. *Uns Versos de Moça*, a proposito das *Nebulosas* da Sra. Narcisa Amalia na *Republica* do Rio de Janeiro em 1873. Tratava-se do papel de *alegria* e da *tristeza* na poesia.

17. *A Critica Litteraria* em julho de 1873 no *Liberal* do Recife. Defendiam-se algumas idéas do autor contra uma critica villan.

18. *O Romantismo no Brazil* no *Trabalho* do Recife em abril, maio, junho e julho de 1873, Combatia-se o decrepito systema.

19. Uma these sobre *Economia Politica* apresentada ao lente d'aquella materia na Faculdade de Direito do Recife, em setembro de 1873. Avaliava-se do valor do socialismo contra a *Economia Politica*, da critica religiosa contra a theologia medieval, e do positivismo contra a metaphysica.

mór parte extranhos áquella terra, e só ali nasceu pelo facto. quasi accidental, de terem elles ido lá fazer o seu curso academico.

A gloria, pois, que de tal facto possa advir a Pernambuco é puramente reflexa; mas, não é menos verdade que foi na bella *Veneza transplantada*, para repetir a velha phrase do poeta, que as cousas se passaram.

Nem eu viria agora rememorar successos em que fui *exigua pars*, sinão fôra a surdez de certo — *chauvinismo* cortezão, que pretende tudo haver descoberto ou engrandecido neste paiz, até aquillo que veio do estrangeiro já preparado, como o *telephono*.

E' mister desfazer certas illusões, emquanto de todo se não perde a lembrança dos acontecimentos. A meia duzia de idéas mais estimaveis, que em outros pontos do paiz, como S. Luiz, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo e Porto Alegre, tem vindo nos ultimos tempos agitar na esphera litteraria os espiritos, desde 1862 que no Recife começaram a vir á luz, e a prosperar no jornalismo.

O terreno revolvido, a sciencia, a critica, a poesia, o foi ali largamente, tanto quanto no Brazil isto podia acontecer. Uma fatalidade, que se prende de um lado ao desprezo da côrte para com a imprensa provinciana, e, de outro, á posição pouco vantajosa dos trabalhadores de que eu vou falar, é a razão explicativa de terem ficado elles quasi ignorados, ao passo que outros mais felizes então, como ainda hoje, fôram na capital do Imperio aureolados com o titulo de notabilidades.

Não contentes com a centralisação politica e administrativa, os pretendidos guias do pensamento nacional hão sonhado tambem com a centralisação litteraria!...

Comecemos pela poesia.

A primeira phase das lutas que tenho de rapidamente historiar foi a da formação da escola nacional, que arvorou a bandeira pantheistica e revolucionaria de Victor Hugo, com seu estylo forte e rutilante.

Seu chefe ali foi Tobias Barreto de Menezes, que

levou o systema preparado de Sergipe, sua patria, onde o cultivava desde 1855-56.

O joven poeta aportou a Pernambuco em fins de 1862. Desde então, sua voz se fez ouvir, e em torno delle gruparam-se muitos enthusiastas aproveitaveis, deixando as velhas tendencias. Entre outros se contavam Castro Alves, Victoriano Palhares, Plinio de Lima, Guimarães Junior e mais tarde Castro Rebello e Altino de Araujo.

Os chefes e os discipulos não viveram depois muito cordialmente; a emulação tornara-os rivaes, não contestando, porém, nenhum em Pernambuco ao sergipano o prestigio da iniciativa. A vida academica no Recife nesse tempo foi muito aprazivel.

Era a phase da guerra com o Paraguay. As *festas* patrioticas se repetiam com as noticias de nossas victorias e um enthusiasmo sincero se fazia sentir entre os moços.

O *theatro* sob a direcção de bons artistas, e o *salão*, ao influxo das bellas pernambucanas, recebia com o recitativo um brilho vivo. Os poetas tiveram principalmente por musa o patriotismo, o enthusiasmo esthetico e o amor. Ao lado desta triplice manifestação exhibia-se a poesia philosophica e um lyrismo brilhante e sadio. A primeira necessidade da joven escola foi banir o byronismo affectado e o lamartinismo lamuriento, que tiveram tantos representantes, ainda hoje festejados, em todo o Imperio.

Nas folhas do Recife de 1862 a 1870, existem numerosas producções que attestam o que aqui se affirma. E' uma questão de datas; é só verifical-as.

Alguns livros depois fôram publicados reproduzindo aquellas peças. Entre outros, *Espumas Fluctuantes* de Castro Alves, *Mocidade e Tristeza*, *Scentelhas*, *Peregrinas* de Palhares, *Corymbos* de Guimarães Junior.

Os versos de Tobias Barreto ficáram espalhados pelas paginas dos jornaes, até que em 1881 no Rio de Janeiro

se imprimio em livro uma parte delles sob o titulo de *Dias e Noites.*

Entretanto, Castro Alves, discipulo muito aproveitado, mas sem a intuição philosophica, o sentimento exacto e a correcção plastica do sergipano, passando pelo Rio de Janeiro, onde teve ruidoso acolhimento, foi acabar o seu curso em S. Paulo, fez-se lá ouvir e creou asseclas, que depois proclamaram a nossa poesia hugoniana como um rebento daquelle solo...

Isto já em 1868, quando a escola, como tal, entrava em decadencia.

Mais tarde de todos os angulos do Imperio nos assaltaram *poesias bombasticas*, de deixar estatelados os mais fleugmaticos leitores.

E' que de Tobias Barreto e Castro Alves passando para os seus discipulos, ostensivos ou não, o *estylo* se exagerára, tornando-se uma *maneira* aspera e desconchavada de poetar....

A falta de sentimentos e de idéas foi supprida pela phantasmagoria de uma linguagem empolada e ridicula.

A' ultra-romantica generosa e enthusiastica dos *Dias e Noites* e *Espumas Flutuantes* succedeu, entre outros systemas, no Recife o *realismo* de Celso de Magalhães, Generino dos Santos e Souza Pinto. Tinham antes trabalhado nas fileiras dos adeptos de Hugo,e reagiram afinal.

Seu systema, porém, não repousava na vasta intuição evolucionista do mundo e da humanidde, preparada pelo darwinismo e pela critica.

O realismo litterario e poetico de que se fizeram os corypheus não foi o corollario do *naturalismo scientifico* que substituio as velhas construcções metaphysicas.

Era já depois de 1868; nas *Poesias* de Celso de Magalhães e nas *Idéas e Sonhos* de Souza Pinto se nos depara esta nova tendencia, affirmada mais fortemente nos periodicos academicos apparecidos dahi em diante, maximé no *Trabalho* em 1873.

Hoje tudo isso é corrente na mór parte do paiz; mas

é preciso não olvidar-se a origem. Continuavam os poetas a sacrificar ao romantismo ou ao estreito realismo, quando o autor destas linhas offereceu a idéa de uma poesia, que, firme na moderna intuição critica, edificada pelos estudos historicos, de um lado, e pelas sciencias naturaes e philosophicas, de outro, fôsse a crystallisação das vistas mais adiantadas do espírito contemporaneo.

Um critico francez, sondando os motivos intimos da poesia sceptica de Byron e Goethe, encontrou-os no estado social incongruente dos fins do seculo passado e começos do actual.

Por um raciocinio simples, fui levado a concluir para a poesia de hoje uma intuição diversa. Esta não podia mais ser pedida nem ao decrepito espiritualismo metaphysico de Cousin e Jouffroy, nem ás vistas pantheisticas de Quinet, ou ao socialismo revolucionario de Hugo.

Havia tambem de ser differente de outras soluções que começavam a apparecer, como o realismo de Coppé e Richepin, e como o positivismo esteril de alguns outros.

Só a concepção critica do universo, que é o grande feito da sciencia do dia, concepção que tem o triplice apoio do positivismo de Comte, das idéas evolucionistas de Darwin e da sciencia religiosa allemã, é que podia, a meu vêr, ser a inspiradora da arte actual. Cumpre advertir que do positivismo só a fecunda noção dos tres *estados* é o que foi aproveitado para a intuição critica da litteratura de hoje, como eu a pude comprehender.

Semelhante idéa, pouco partilhada entra nós, foi atirada á luz na *Crença*, periodico publicado no Recife em 1870 e desenvolvida nos annos seguintes em diversos jornaes daquella capital.

Um dos indispensaveis recursos da theoria, foi combater o romantismo de preferencia no seu predilecto representante — o *indianismo brazileiro.* Igual opposição foi feita ao falso *idealismo* e ás unicas pretendidas concepções *realistas.* Todas as obras, quer de critica, quer de poesia, que tenho publicado no Rio de Janeiro, são do-

cumentos dessa intuição litteraria e em grande parte são reproducção do que havia publicado antes no Recife.

Por outro lado, o moderno naturalismo do romance brazileiro, qual o comprehenderam o distincto escriptor Franklin Tavora e o esperançoso Luiz Dolzani, é tambem um producto do movimento do norte.

Estes autores depois ausentaram-se, trazendo para o sul suas idéas já feitas e desenvolvidas.

E' tempo de passarmos á sciencia e á critica.

Algumas idéas que, a proposito de nossa ultima questão religiosa, fôram discutidas no Rio de Janeiro, entre outros por *Ganganelli*, annos antes o haviam sido no Recife por um escriptor, que tinha tanto mais de illustrado do que o notavel chefe da maçonaria brazileira, quanto é mais do que elle desconhecido.

Refiro-me a Abreu e Lima. E' com pezar que deixo passar este ensejo de fazer em traços miudos a caracteristica desta nobre individualidade. A occasião não é a mais apropriada.

Como os poucos homens de merito real neste paiz, tem elle sido largamente desdenhado. Seus trabalhos de patriota liberal, que pôz o braço ao serviço da Independencia da Columbia e da Bolivia ao lado do celebre libertador da America do Sul, fôram esquecidos. Seus escriptos em que foi o primeiro, entre nós, a encetar a critica sem reserva, profligando as autoridades de palha, engrandecidas por nossa fatuidade, foram por esta ridicularisados. Apresso-me em dizêl-o: Abreu e Lima não é para mim mais do que um autor de ordem terciaria, medido pela bitola de seus congeneres europeus. Aferido, porém, pelo padrão brazileiro, elle se ostenta muito acima do nivel de seus rivaes da patria, por mais endeusados que tenham sido em detrimento seu.

Em sua longa carreira ha a distinguir o que fez como patriota americano, liberal e militar, e o que fez como escriptor. Por este lado ainda se deve separar o

que, logo de volta da Columbia, effectuou no Rio de Janeiro e o que mais tarde publicou em Pernambuco.

Em uma e em outra esphera, si nem sempre suas idéas fôram originaes e seguras, seu exemplo foi sempre para imitar-se. Independente e ousado, nunca se prostrou aos pés de nossos governos insensatos: independente e illustrado, foi quem primeiro brandio neste paiz o latego da critica sobre a enfumada legenda de homens como Cunha Barbosa, Adolpho Varnhagen, Evarísto da Veiga, Diogo Feijò, Nascimento Feitosa, Pinto de Campos e outros tantos semi-deuses que gyram na athmosphera empoeirada de nossa politica e de nossas letras. Pelo que nos interessa neste momento, devo somente indicar que nos annos de 1866 e 1867, já velho e proximo ao tumulo, sustentou pela imprensa uma luta renhida, cujos resultados foram dous livros intitulados *As Biblias Falsificadas*, e *O Deus dos Judeus e o Deus dos Christãos.*

Ao total tres respostas a um padre imprudente, que occupava um alto assento na igreja brazileira. As qualidades deste contendor não eram das mais proprias para engrandecer a pugna e dar fulgor ao adversario liberal. E, todavia, aqui dentro do nosso horizonte, Abreu e Lima brilhou.

Elle, por certo, ignorava, como todos de seu tempo, o grande thesouro que constitue a moderna sciencia da exegese biblica. A nova critica religiosa lhe era desconhecida. De um ponto de vista voltairiano, porém, e com a intuição de um *velho catholico* de hoje, muito antes da *Infallibilidade* e da scisão de Dœllinger, elle delucidou a questão das biblias protestantes, ditas *falsificadas*, e discutio outros pontos controversos, como o purgatorio, a inquisição, o culto das imagens...

No terreno do direito ecclesiastico privado escreveu elle sobre o padroado, e beneplacito imperial, ausencia dos bispos de suas dioceses. De envolta lá se acham acertadas idéas sobre o casamento civil, liberdade religiosa, immigração estrangeira, concordata com Roma...

A obra do general permanece despercebida, quando seu digno successor, amontoando volumes sobre volumes, causou ruido no Rio de Janeiro. A longa serie intitulada a *Igreja e o Estado*, apezar de sua bôa intenção, é um dos maiores monumentos de nossa má cultura metaphysica. O velho *Ganganelli*, a despeito de seu merito, não descobrio a America; quer-me parecer.

Nem tão pouco o velho Abreu e Lima a descobrira, ainda que dotado de qualidades espirituaes mais profundas. Nem no Recife, nem no Bio, os dous illustres corypheus produziram pensamentos originaes.

Mas o general tem, sobre outros, o prestigio da antecedencia.

A' forte luta sustentada pelo autor do *Socialismo* e o autor da *Jerusalém* succedêram outras menos ruidosas e mais fecundas.

A grande transformação do pensamento hodierno, produzida pela ascendencia da Allemanha, o unico *representative man* que teve no Brazil encontrou-o em Pernambuco. Ainda neste ponto o iniciador foi Tobias Barreso na reacção philosophica e no *germanismo*. Eu não conheço maior metamorphose operada em um espirito do que a effectuada no escriptor sergipano.

O chefe da poesia hugoana brazileira fez-se igualmente o evangelista do germanismo entre nós.

A critica é a grande porta por onde nos vai fazendo conhecer a Allemanha; é a critica em sua totalidade applicada á philosophia, á religião, á litteratura, á politica e ao direito. Tobias Barreto tem percorrido todos estes districtos da sciencia, sem que sua antiga intuição romantica o perturbe. Disse Victor Hugo de Sainte-Beuve que este tinha um pouco do poeta no critico e um pouco do critico em o poeta. O nosso escriptor conseguio separar de todo os dous dominios. Sua phantasia não ennevôa a sua razão.

Desde 1870 que abandonando quasi totalmente a poesia, atirou-se á critica em seus variados ramos, e mais

tarde ao direito. A sua nova intuição elaborada pelo estudo profundo do positivismo, do darwinismo, das escolas de sciencia religiosa allemã, maxime a strauss-bauriana e pela leitura dos historiadores litterarios, como Julian Schmidt e H. Hettner, e dos publicistas, como Mohl e Gneist, derramou-se em variados escriptos. O germanismo de Tobias Barreto firma-se, quanto á sciencia, na intuição monistica do mundo e da humanidade, presuppõe o conhecimento de Comte e de Darwin ; e na litteratura promove implicitamente a applicação do principio da selecção natural entre as nações, fazendo-nos jogar á margem as migalhas da civilisação franceza, e mergulhar na grande corrente da cultura allemã. Semelhante modo de pensar envolve, por força a necessidade da critica objectiva, isto é, daquella que, não guardando preferencias, estudando os homens e os factos como elles são, lavra o seu juizo sem tergiversar, por mais energico que possa elle ser. Inutil é dizer que mettidas neste cadinho, certas notabilidades brazileiras quasi que se evaporam.

Mas eis que no Rio de Janeiro só de 1874 em diante é que pela vez primeira os nomes de Darwin e Comte fôram conscientemente pronunciados em publico em conferencias e escriptos, quando em Pernambuco eram de vulgar noticia entre os moços de talento desde 1869. (1)

A critica sciencia, pois, não nasceu na Côrte com a rethorica do Conego Pinheiro ou com as divagações de Machado de Assis.

Escusado é advertir que o germanismo litterario do escriptor sergipano é letra quasi sem desconto em certos circulos brazileiros, onde a lingua allemã era uma especie de epigraphia *accadeana*. (2)

---

(1) As primeiras exhibições sobre Darwin fôram no Rio de Janeiro as conferencias do Dr. Miranda de Azevedo em 1875, apparecidas depois em folhetos. — Sobre Comte, os artigos do Sr. Miguel Lemos a datar de 1874 e publicados em opusculo em 1877.

(2) Depois de 1879, tendo o auctor d'estas linhas chamado a

Sorte de *contagium animatum*, a eiva nacional só se apega aos defeitos daquelles que entre nós ousam pensar.

O que havia de enfesado na poesia de Hugo facilmente propagou-se; o que ha de vivificante na Allemanha nós o repellimos.

O escriptor dos *Estudos Allemães* é uma grande intelligencia e um grande coração, mas é um homem em certo sentido exclusivista. Seu espirito póde percorrer, sem duvida, larga parte da escala do saber humano, mostrando comtudo uma facêta predilecta. Em poesia teve elle um mestre, — um notavel espirito. Sempre produzia por si, com exuberancia d'alma; e, todavia, em sua palheta havia de ordinario entre outras uma tinta certa! Em litteratura e critica tem tambem um ideal: a alma de uma raça, o espirito tedesco. Sempre pensa por si, com segurança; e, todavia, sua penna, que póde molhar-se em tinta preta, ha de trazer, ás mais das vezes, alguns pingos rubros das preferencias germanicas.

Isto é bom, os iniciadores devem ser arrebatados, systematicos, exclusivos. E' uma condição de victoria.

O autor deste ensaio, espirito ao certo menos vasto, foge dos systemas.

Em poesia, o *naturalismo critico*, porque é a feição do tempo; em philosophia e litteratura, o *criticismo scientifico*, e a verdade de onde quer que ella venha. Isto envolve uma serie de affirmações e negações, que apparecêram nos jornaes de Pernambuco em oito annos, — os que medeiaram entre 1869 e 1876.

Pelo que toca á litteratura, em sua face restricta, no que mais nos interessa por ora, esse pensamento quer dizer, pelo lado negativo: — abandono do indianismo e do luzismo exlusivos, igual desprezo dos sonhos roman-

---

attenção sobre o germanismo, o que lhe valeu bem duras descomposturas, Ferreira de Araujo, Souza Bandeira, Capristrano de Abreu, Valle Cabral, Machado de Assis, Vinelli e outros chamaram o professor C. Jansen para lhes ensinar o allemão.... É bom notar.

ticos e do falso realismo; pela face positiva: nova intuição da poesia em geral e especialmente da americana; nova concepção da *poesia popular brazileira*, e da *historia litteraria* da nação, onde devem pesar todos os elementos *ethnicos* do paiz. A todo este movimento critico do norte, por sem duvida superior á evolução poetica, filiaram-se alguns jovens escriptores, que fôram depois residir e trabalhar em outros pontos do paiz; taes são, entre muitos, Celso de Magalhães, Rocha Lima e Araripe Junior.

Não falta muito para que algum dos directores da metropole do pensamento brazileiro reclame, como obra sua, o que os esforços de todos aquelles representam como trabalho litterario e scientifico.

Eu falei poucas linhas acima em nossa *poesia popular*. No Rio de Janeiro não se tinha tratado de semelhante assumpto antes do excellente escripto do notavel critico Celso de Magalhães, intitulado — *A poesia popular brazileira*, publicado no Recife em 1873, trabalho em que elle pôz tambem ao seu serviço a theoria da selecção natural applicada ás raças que povoam este paiz, o que eu fizera desde 1870. Depois é que o Conselheiro Alencar mimoseou os seus leitores com o mediano producto — *O nosso cancioneiro*.

Esta rapida noticia do desenvolvimento de idéas levado a effeito na bella cidade onde estudei, que é a minha patria intellectual, não leva por alvo engrandecer os meus companheiros de lides e muito menos a mim proprio. Restabelecer a verdade de alguns factos e comprimir umas pretenções indebitas, eis o motivo dirigente destas linhas.

Infelizmente do Brazil não se póde dizer o que da Allemanha escreveu, não ha muito, o sabio Virchow: « A meu vêr não temos agora mais nada que pedir para nós; havemos chegado ao ponto em que devemos, sobretudo, propôr-nos, por nossa moderação, por uma certa abnegação de nossas preferencias e opiniões pessoaes, fazer

perdurar as disposições favoraveis que a nação ha testemunhado a nosso respeito. »

Quem dera que ahi tivessemos chegado. (1)

Tobias Barreto de Menezes (1839 —...) — Parece-me ser um facto notorio a censura, que me fazem certos criticos da côrte, pelo apreço em que sempre tive este escriptor. Sou do numero daquelles que reconhecem no publico o direito de tomar contas de todos os actos de um autor, e é esta a razão do máo vezo, que tenho adquerido, de não deixar increpações sem resposta.

Creio, porém, não estar em erro, supponde que, no ponto vertente, a censura carece de base e não passa de um abuso sem justificação. Não tenho repugnancia em indicar os motivos publicos que me prendem ao escriptor sergipano, e até as razões particulares que me levam a estimal-o.

Aquelles são de ordem litteraria, pertencendo á critica averigual-os.

---

(1) Para que não haja engano, nem se suscitem duvidas sobre os diversos trabalhadores da escola do Recife nas tres phases, sob o ponto de vista da iniciativa de cada um, dou aqui a seguinte indicação synoptica.

Os propulsores foram estes:

1.ª Phase — na *poesia* — Tobias e logo após Castro Alves e Victoriano Palhares; no *romance* e *no conto* — Franklin Tavora; no *voltairianismo religioso* — Abreu e Lima.

2.ª phase — na *reacção philosophica* e no *germanismo* Tobias, na *reforma da critica litteraria* e no *criticismo poetico* o escriptor d'este livro; no *realismo poetico* Celso de Magalhães e Souza Pinto; no *romance* Luiz Dolzani; no *folk-lore* Celso de Magalhães e logo após o auctor d'este livro.

3.ª phase — na *intuição nova do direito* — Tobias e depois José Hygino, Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando e João Vieira; na *poesia scientifica* Martins Junior; na *critica litteraria*, Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando e Alvares da Costa, na *erudição na historia local* — José Hygino.— E' isto; esta é a verdade e esta é a justiça.—

As outras justificam-se por si mesmas: Tobias Barreto é meu patricio, e eu tanto convivi e aprendi com elle, que o considero meu mestre nas letras.

Creio ainda que em tudo isto nada vai de censuravel, e que a susceptibilidade dos chefes litterarios da còrte não será tão delicada que se magôe com tão pouco. O que não posso tolerar é que se propague um certo charlatanismo que nos leva a considerar qualquer figura secundaria, que apparece, como uma estrella de primeira grandeza, que no céo do pensamento se fez e vive por si, não tendo relações com os mortaes e só dependendo de seu proprio genio!

Conheço muitos espiritos deste quilate, que do proprio escriptor sergipano foram, em Pernambuco, imitadores, senão plagiarios servis, e, em romarias litterarias cá pela côrte, apresentaram-se como grandes letrados e poetas, cahidos do céo para maravilhar-nos a nós outros, pobres diabos terrestres, humildes e obscuros.

Estou no meu direito em ter predilecções, e noto que ellas mais se arraigam á medida que soffro os ataques dos invejosos e dos intolerantes. Tanto peior para mim... que mais irreconciliavel me torno com meia duzia de grandes sacerdotes litterarios cortezãos, dirão talvez!... Tanto peior para elles... que cada vez me parecem mais desfrutaveis e banaes, digo por minha parte.

Mas vamos ao assumpto. Apezar de todo meu enthusiasmo tobiatico, passei dez annos (1868-1878) na mais intima convivencia com elle, e nunca tive necessidade de escrever a seu respeito uma só palavra! Tive de quebrar este proposito pela primeira vez em 1878 na *Philosophia no Brazil* e em 1881 no prologogo dos *Dias e Noites*, por vêr o silencio systematico que se ia fazendo em torno de seu nome, especialmente no Rio de Janeiro. E, digamol-o desde logo, Tobias Barreto foi por muito tempo, justamente na terra em que se elogiam e exaltam tantas mediocridades insignificantes, não o

mais desconhecido escriptor da nova geração, porém certamente um dos mais *odiados!* Isto é um symtoma; as individualidades que se affirmam por alguma cousa de forte e original dão-se mal no centro em que respiram. Dizem os orgãos autorisados da critica hodierna que a *lei dos meios* é a mais seria das realidades. Não ha contestal-o, mas cumpre ponderar que a luta aberta por alguns espiritos, exactamente com a *sociedade* que os cerca, deve merecer alguma attenção e pede ser estudada.

Carlyle e Emerson, os dous grandes defensores das *individualidades*, não deixam de ter em parte alguma razão contra Buckle e Draper, os mais tenazes seguidores da idéa adversa.

È certo que Tobias Barreto obedece ás novas tendencias dirigidas pela sciencia de seu tempo, é certo ainda que a ultima guerra allemã atirou-o nos braços da cultura germanica e transformou de todo a sua velha intuição. São factos, porém, vigentes no velho mundo que nada têm de commum com o circulo em que vivemos, e é sempre a mais profunda verdade affirmar que mui pouco deve elle ao centro em que sempre o atacaram, si é que lhe deve alguma cousa. Só se obedeceu á lei do *contraste*. Sómente por este modo é possivel explicar como partam do mesmo ponto, e andem hombreados, os *Ensaios e Estudos de Philosophia e Critica*, os *Estudos Allemães*, as *Questões Vigentes*, os *Menores e Loucos em Direito Criminal*, e uns quantos productos que se não nomeiam, por desmerecerem qualquer menção.

Os que sabemos que um escriptor é tanto mais venerando, quanto mais reage contra os preconceitos e nos ensina alguma cousa de melhor; os que não batemos palmas a qualquer homunculo que nos repisa as banalidades das *ruas* e dos *cafés*, temos ahi diante um objecto de estudo e de reflexão. Reclama attenção este espirito arroubado e lyrico qne durante annos trouxe-

nos prezos nas azas de sua poesia brilhante; merece preitos este pensador exacto e seguro, que parece, a certos respeitos, o escriptor mais adiantado de seu paiz! Deixemo-nos de enganos; eu digo com Stuart-Mill: *Few persons are less disposed than I to call hard names*, poucos são menos dispostos do que eu a dizer palavrões, mas as cousas devem ter seu nome: o redactor do *Deutscher Kämpfer* não é ministro, nem deputado, nem já foi cenferenciar á *Escola da Gloria*... parece comtudo, a alguns respeitos, o espirito mais culto e adiantado deste paiz! Note-se que não sou daquelles que têm largamente desenvolvido o senso do *monos*, e andam assignalando em qualquer cousa a *primeira* maravilha da patria...

Peço sómente que me apontem, a mim que gosto um pouco de estudar imparcialmente a vida intellectual de minha patria, onde se acham os espiritos brazileiros superiores ao censurado critico dos *Ensaios e Estudos*. Não teço elogios, pretendo apreciar os productos de uma penna brazileira, e fazel-o pelo moderno methodo de *comparação*, que tão bons resultados ha trazido á philologia e á sciencia das religiões. E' possivel, como já se o tem feito, applical-o á litteratura e á philosophia, e mostrar que, no ermo scientifico que nos envolve, onde cabeças fartas de classicas toleimas laboram no vacuo de uma intuição imperfeitissima do mundo como elle é, e vivem de uma politica ferrenha que as devora, Tobias Barreto não é só um espirito culto e um critico acertado, é uma *individualidade*. Antes de fazel-o, cumpre notar um pouco a biographia e a psychologia do escriptor.

E' um abuso da critica pegar em um livro qualquel, e, sem indagação alguma sobre as condições em que haja vivido o seu auctor, pretender traçar um juizo que supponha definitivo.

Este methodo, todo *aprioristico*, não é um processo regular de analyse. O critico exhibe as suas opiniões,

senão os seus caprichos, e nada de regular sobre a genetica e a seriação das idéas do escriptor póde sahir de um trabalho tão falsamente emprehendido. A opposição de idéa á idéa é, além disto, cousa facil, maxime quando o analysta deseja dar amostras de sua supposta sciencia, e pôr diante do escriptor, convertido em paciente, a sua honorifica pessoa. Por coherencia de lei, o critico daquella especie é um inimigo que reprehende o seu pretendido rival. Não é este o mister de criticar.

A critica é um estudo, e não uma arrogancia. Não involve o que digo a defesa do erro que deve ser punido, onde quer que se apresente.

Tobias Barreto é, entre nós, o mais completo typo do escriptor provinciano independente. Não fez nunca *romarias litterarias* á capital do Imperio!... E' sabido quanto pesa esta lacuna. Não ter escripto para o *Jornal do Commercio*, ou para o *Paiz*, ou para a *Gazeta de Noticias*, ou para o *Novidades*, não ter já sido visto por alguns conselheiros e dado o braço aos litteratões da terra... oh! isto é uma falta imperdoavel! Mas o castigo vem logo; nas classificações de poetas e prosaistas, de litteratos e oradores, que n'esta côrte se fazem como os antigos *alistamentos* para o serviço militar, o nome do digno philosopho não apparece nunca!

Um escriptor de romance aventou a idéa da creação de uma litteratura do norte, neste paiz, por opposição á litteratura austral. Esta idéa aliás legitima no seu fundo, não deixou de suscitar certas desconfianças da parte dos pretendidos guardas da integridade de nosso caracter nacional. Creio, todavia, que não existe de facto opposição inconciliavel entre as nossas tendencias ao norte e ao sul. Onde eu encontro luta latente e profunda divergencia é entre os nossos habitos provincianos e a degeneração adiantada da vida cortezã em nossa terra. O sul talvez em rigor não se opponha ao norte senão nos conceitos da geographia. Ambos elles,

porém, divergem consideravelmente, por suas aspirações livres, da aura morbida e corrupta que se exhala da famigerada côrte, em que alguns bemaventurados falam com o mesmo accento e uncção com que falariam na *Côrte celeste!...* A observação de todos os dias vai nos mostrando esta opposição cada vez mais crescente, e a historia economica e intellectual do paiz a justifica de todo.

Os homens que no Brazil se hão illustrado por algum merito do espirito nada deveram á côrte. Elles se podem classificar em duas cathegorias: a daquelles que nunca vieram aqui e a dos que vieram, porém já feitos e com suas idéas já firmadas. Ao contacto com esta gente, estes ultimos nada ganharam, si é que não perderam muito. È evidente que os primeiros tambem não lhe devem cousa alguma. Quanto aos filhos deste torrão, que se distinguiram por alguma digna qualidade politica ou intellectual, são ainda de duas cathegorias: ou se educaram nas provincias, ou adquiriram suas idéas na Europa. Nada conquistaram aqui, a não ser, talvez, o habito das transacções e o desperdicio dos nobres incentivos. A nossa vida economica é tambem eloquente em denunciar os abusos da grande *ladra* que se chama — a *côrte.*

Fôra util que o que existe de fecundo e aproveitavel na mocidade brazileira de hoje, nas provincias, se unisse, em crusada sancta, contra as más tendencias de nossa capital, e, pensando por si, repellisse de uma vez o jugo vergonhoso. Não se tracta de uma acção politica, e sim de uma mudança no curso das ideias. O *joven Brazil*, tal deve ser o titulo dos novos voluntarios da intelligencia, á semelhança da *joven Allemanha*, e da *joven Inglaterra*, conhecidas na historia litteraria d'este seculo, só se occupará da reforma do pensamento. Seu primeiro grito de alarma deve ser contra a fallencia da metropole no terreno das letras e das sciencias.

Alguns francezes da decadencia, infatuados por não sei que novo orgulho diante de sua capital, diziam: *a França é Paris!*

Esta phrase vergonhosa, uma das causas da derrota d'aquelle povo, ha tido repetidores entre nós. *O Brasil é o Rio de Janeiro*, dizem os insensatos, incapazes de comprehender o espirito de uma nação, e que o inclausuram nas vidraças da rua do *Ouvidor!...*

Tobias Barreto já se pronunciou alguma cousa n'este sentido. (1)

Nascido em Sergipe na quasi deserta villa de Campos, a 7 de junho de 1839, tem sempre vivido a superar embaraços. Seus pais eram mui pobres. Comprehende-se facilmente o pêso d'esta situação, não digo n'uma cidade como o Recife ou o Rio, mas em Sergipe, isto é, nas selvas, e em Campos, isto é, no ermo! Em 1839, ainda mais do que hoje, aquella provincia era um centro de atraso e de abandono intellectual. Nada de cultura litteraria e scientifica; ao muito, era a patria da *modinha* com seus versos langues e sua musica lasciva, o retiro dos *mestres-regios* e dos professores de *latim.* Advinha-se qual tenha sido a provisão mental, durante muitos annos, do joven Barreto: primeiras letras, musica e latim. Tão parca, como é, para ser adquirida, foi mister ir colhel-a fóra do lugar em que nascêra. Campos, a villa agreste, com seus formigueiros areientos e os seus quichabaes tristonhos nada lhe forneceu, alem do banho folgasão do rio Real. Aos dezesete annos, era completa a proficiencia do moço sergipano no latim, em que fez versos então publicados, e de que tirou em concurso uma cadeira. (2) O latinista era tambem um *com-*

(1) Veja-se, entre outros, o seu artigo *Miserias do Imperio e sua Côrte,* publicado no periodico *A Comarca da Escada* de 10 de junho de 1875.

(2) Annos depois ainda fez publicar, em desaccordo ao *Compendium Philosophiæ* de Pestalozzi, o seu artigo *Theologia rationalis, confutatio* na *Crença* de 30 de maio de 1870 no Recife.

ponista; ainda hoje lá se repetem algumas de suas inspirações musicaes.

O que, porém, mais o entretinha era a poesia. Alguns são os seus trabalhos poeticos dos ultimos tempos em que viveu na provincia (1855-1862). Nunca foram publicados. Revelam um espirito incultamente ousado, quando se desprendia de seus habitos mais constantes. E esta nota mais vibrada era um lyrismo sadio, transpirando um completo praser da vida.

Por aquelle tempo, os nossos *civilisados* eram uns chorões affectados, como a quarta ou quinta geração de Byron e de Lamartine.

O sergipano era meio selvagem; não conhecia nem de longe taes modélos. A musa provinciana era então classica, no máo sentido da palavra, e elle, por instincto, um perfeito *reactor*, por um modo todo local e apropriado á estreiteza de seu horisonte. Completamente segregado do movimento espiritual do seculo até 1861, não era de suppol-o ao nivel das miserias poeticas que o cercavam? Não foi assim. Os fragmentos existentes do poemêto—*o Juizo Final*, escripto em 1859, dão bem a conhecer a natureza de seu talento entregue a toda a sua espontaneidade.(1)

Nota-se nelles um certo empolamento que, porém, denuncia grandeza de imaginação e riquezas de colorido não communs aos nossos afeminados. A *lyrica* lhe deveu então lindissimos versos; entre outros se destaca a pequena peça *Scena Sergipana*. E' a pintura dos banhos semi-pagãos nos rios pitorescos de minha terra, que é tambem a terra do poeta. Os meninos, já crescidos, são admittidos ao folgasão brinquedo das aguas...

D'alli não transpira o desgosto da vida, que atormentava fingidamente os romanticos ingenuos; ha todo

---

(1) Veja-se o periodico do Recife, *Crença* em maio de 1870, e a *Provincia* d'aquella cidade em 8 de novembro de 1875.

o serio prazer do mundo, toda a verdade das cousas como ellas são.

Não esqueçamos o joven Barreto. Partiu em 1861 para a Bahia com destino ao sacerdocio, e logo matriculou-se no Seminario Pequeno, donde sahiu após um só dia de estada, por lhe não agradar a vida *beata* que alli se passava... Aquelle espirito rebelde atirou-se á cidade, que totalmente desconhecia, sem ter onde recolher-se e com a bolça quasi vazia; depois de muitos giros nas ruas e muitas voltas ao miôlo, gastou nisto um dia quasi inteiro, tendo á noite bastante sangue frio para entrar no theatro e assistir a um espectaculo! Findo este, novo andar ao acaso, até que foi dar á uma hospedaria, que incendiou-se poucas horas depois de recebel-o, e dahi por informações foi ter á casa de uma pobre familia de sergipanos, que o acolheram. Demorou-se, com difficuldade, quasi todo o anno na antiga capital brazileira, onde, aprendido comsigo o francez, travou commercio com Victor Hugo, e assistiu ás lições de philosophia do celebre professor bahiano Fr. Itaparica. Seu talento era naturalmedte apropriado á poesia incandescente do notavel romantico francez, que ficou sendo o seu idolo, e adverso ás idéas escolasticas do frade-lente, cujas prelecções deixou de ouvir. Ficou por algum tempo na casa onde morava sem frequentar aula alguma. Findo completamente o dinheiro, que levara de Sergipe, dispoz-se a voltar para Campos. No auge do desespero, deitado em sua *rêde sergipana* a ler um livro francez, tendo resolvido definitivamente retirar-se e deixar-se de estudos, um dia atirou o livro pelos ares, e este foi cahir machucado n'um canto da sala, e aberto n'um lugar em que se lia, no começo de uns versos, estas palavras:

„*On perd son avenir par trop d'impatience...*“

Estas expressões echoaram n'alma do proletario como um estimulo de gloria. Elle voltou a Sergipe, mas para seguir para Pernambuco, a fazer o curso de

direito. Após quasi um anno de hesitações e difficuldades, o pobre professor de latim, o descuidoso poeta chegou ao Recife em dezembro de 62. O pai, que, havia trinta annos, era escrivão de orphãos no seu atrazado municipio, não poude contribuir para a sua formatura, e, todavia, em um anno, o moço estudante fez os seus preparatorios, matriculando-se no curso juridico em principios de 64. Sempre arredio de frivolidades, dedicou-se a fortes estudos de sciencias sociaes e de philosophia. Os francezes eram seus mestres. A poesia, porém, o trouxe sempre preoccupado no periodo academico em que inaugurou no Recife um lyrismo até então alli nunca ouvido e a *épica* patriotica de que tornou-se o coriphêo. (1)

N'aquelle tempo, primeira phase de sua vida em Pernambuco, (62-70) a lyra sergipana de Tobias Barreto tomara novas cordas. Além da lyrica intima e da impessoal, a *epos* patriotica e a philosophica o enlevaram: esta ultima, infelizmente, poucas vezes. São as quatro manifestações poeticas de seu talento, que perdêra, entretanto, um pouco da saúde primitiva ao contacto do romantismo choroso, a que sacrificou por sua vez. Mas foi um deliquio passageiro. São exemplos das quatro notas primordiaes apontadas: *Ideia*, *A Mr. Reichert*, *A Vista do Recife* e *O Genio da Humanidade*, que em Pernambuco quasi todos os enthusiastas sabem de cór. Como Swinburne, o auctor de *Bothwell*, dous annos mais velho que o nosso poeta, este é um inspirado *hugoista*;

---

(1) Esta expressão *épica* patriotica pede um reparo; ella não existe na lingua, onde só temos a palavra *epopeia*, ou poema *épico*. Eu emprego aquelle substantivo no mesmo sentido em que o empregou Disraeli, por exemplo, quando denominou um de seus livros *Revolutionary Epic*, significando cantos que têm um caracter épico, sem, todavia, de forma alguma, se confundirem com a *epopeia*, no classico sentido d'esta palavra. O mesmo fazem os allemães, que, aliás, usam tambem do termo *Epos* em identico sentido.

mas com seiva propria. Sua metrificação é rica e harmonica, seu estylo é cheio e fluente, como o do inglez. Mas ahi fica o parallelo. O Swinburne dos ultimos tempos transformou-se em chefe de uma poesia social e revolucionaria, e o sergipano pouco passou do lyrismo romantico em que parece sem superiores no Brazil; e, depois dos grandes acontecimentos que trouxeram o incontestavel e salutarissimo ascendente da Allemanha, vimol-o atirar-se com toda a alma aos braços da critica e da philosophia germanicas.

Foi já depois do seu bacharelamento em sciencias juridicas e sociaes, e tendo abraçado a espinhosa profissão de advogado. Depois de formado foi residir na cidade da Escada, bella povoação a trese legoas do Recife. Abriu-se então a segunda phase de sua vida em Pernambuco. (71-81) E' o periodo da Escada, tão fecundo para o escriptor, quanto mal entendido pelos tolos das grandes cidades, que não podiam comprehender que um escriptor e philosopho, o propulsor do germanismo, residisse n'uma pequena povoação do interior!... Entretanto, elle foi sempre por diante. Desappareceu quasi totalmente o poeta e surgiu o critico e ensaista.

É a epoca do *Um signal dos Tempos*, do *Contra a Hypocrisia*, da *Igualdade*, do *Desabuso*, da *Comarca da Escada*, do *Deutscher Kämpfer* no jornalismo. No livro é o tempo dos *Ensaios e Estudos de Philosophia* e *Critica*, do *Brasilien wie es ist in literarischer Hinsicht betrachtet*, da *Ein offener Brief an die deutsche Presse*, do *Um Discurso em mangas de camisa*, de *Algumas ideias sobre o fundamento do direito de punir*, e finalmente, dos *Estudos Allemães* publicados em 1883, é certo, mas contendo trabalhos quasi todos trazidos da Escada. Durante sua residencia alli, sempre repelliu todo e qualquer logar no *funccionalismo* nacional, apezar de, não poucas vezes, ter sido tentado pelos influentes da terra para isto. Foi sempre por tal odiado pelos suppostos grandes e poderosos da politica pernambucana; mas adorado pelas

massas populares que o não deixavam falar no jury ou no club sem os mais freneticos applausos.

Em consequencia de luctas violentas em que se achou envolvido, em opposição a ferrenhos mandões de aldêa, retirou-se para o Recife em outubro de 1881. E não foi descançar; bem ao contrario, a necessidade pungiu-o a pleitear uma cadeira na faculdade juridica. Seu concurso foi o acontecimento academico mais notavel n'aquelle instituto scientifico em os ultimos cincoenta annos. O advogado da Escada realisou em sua vida uma terceira phase e com elle a escola do Recife se preparou para uma nova evolução, a transformação do velho conceito do direito.

Tobias foi nomeado lente em 1882. A este terceiro, e provavelmente ultimo cyclo de sua vida em Pernambuco, pertencem *O Mandato Criminal*, *Menores e Loucos*, *Questões Vigentes*, *Traços de litteratura comparada desde 1830*, e *Commentario theorico e critico ao codigo criminal brazileiro*.

Este ultimo começa agora a sahir em fasciculos.

Vamos apreciar mais de perto o poeta, o orador, o ensaista e o jurisconsulto.

Comecemos pelo principio, o poeta,

Foi ahi justamente que eu tive repetidas vezes de pôr-me em desacordo com Tobias Barreto.

Não é que negasse a grande espontaneidade, a força e a graça de seu lyrismo. E' que elle fechava um cyclo litterario, era um dos ultimos romanticos de valor, e eu me deixava levar por outras idéas.

A escola por elle fundada no Recife, tive occasião de a combater por vezes na pessoa de alguns de seus sectarios. (1)

Já se vê pois que o meu enthusiasmo admitte

(1) Analyse das *Espumas Fluctuantes* de C. Alves no *Americano* (1870) e das *Peregrinas* de V. Palhares no *Diario de Pernumbuco* (1871).

certas excepções e com o proprio poeta aprendi a ter o pensamento autonomico. Posso julgal-o desassombradamente na poesia e no resto.

Para mim, desde já o digo, elle foi e é antes e acima de tudo um poeta. Desde uma das mais velhas que conheço de suas producções, a *Scena Sergipana* de 1857, até ao *Ainda e Sempre* de 1881, é o mesmo lyrico, espontaneo e vivace, arroubado e natural. Releva ponderar que dos quinze aos trinta annos, durante um *grande mortalis aevi spatium*, só produzio poesias, fundou uma escola, e não se leva impunemente tanto tempo em commercio com as musas. Começou seus estudos superiores um pouco tarde. Sua carreira poetica divide-se em duas phases bem distinctas: a sergipana (1854—1862) e a pernambucana (1862—1870).

Na primeira muito produzio; mas quasi tudo se perdeu devido isto ao seu genio descuidoso, quasi imprevidente.

Na segunda produzio ainda mais; grande parte de poesias perderam-se e as outras jazem occultas nas paginas dos jornaes. E' o que acontece tambem á mór parte de seus ensaios e discursos que andam esparsos, nunca os tendo senão limitadamente reunido em volumes. E' a razão porque só é bem conhecido, quero dizer, totalmente lido e apreciado em Pernambuco.

Da primeira phase restam os fragmentos poeticos que irão citados adiante. São restos d'antigas poesias. São as principaes. Todas as outras pertencem á época seguinte, e não é inutilmente que assignalo estes factos e lhes indico as datas.

E' que pelo estudo dos trabalhos escriptos por Tobias Barreto, quando ainda não tinha sahido de Sergipe, quando nada mais sabia do que a fundo o latim, conhece-se a natureza integral de seu talento poetico, que ainda não tinha sido perturbado por leituras estrangeiras. Possuia já todos os meritos, sem alguns

dos seus descuidos: um lyrismo sadio, trescalando um perfeito amor á vida e á natureza, suave e limpido.

Cumpre estudar o poeta em relação ao seu paiz, sua raça, seu tempo e á natureza intrinseca do seu talento e ver si elle foi um retardatario ou um espirito ávido de luz, si original e patrio.

No tempo em que se desenvolveu, a poesia brazileira atravessava uma crise, estava em decadencia. As primeiras phases do romantismo, religioso e caboclo, iniciadas por Magalhães, Porto-Alegre e Gonçalves Dias, tinham passado; a segunda, sentimental e affectada, seguida por Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães e Junqueira Freire, já desgostava á nação. O sergipano, que era um homem robusto e sadio, não tinha soffrimentos turgidos a contar, e foi naturalista, vivido e arroubado. Romantico na maneira de tratar a poesia na fórma que se inclinava á de Victor Hugo, não o era no choro affectado e na descrença theatral. Tambem tem peças sentimentaes, é certo; mas de um sentimento real, inspirado por sua má posição social: era pobre e tinha de fazer por si o seu caminho.

O autor dos *Dias e Noites* é um dos mais entrenuos e genuinos representantes da gente brazileira. Teve uma dessas criações ao ar livre, ao contacto directo com o povo. Campos é um ninho de lendas e tradições populares. Na poesia anonyma da provincia ella occupa lugar conspicuo.

Esse sôpro popular da pequena villa das margens do rio Real, bafejado n'alma do poeta, nunca mais se lhe apagou.

A *Scena Sergipana*, os *Tabaréos*, os *Trovadores das Selvas* e a *Lenda Rustica* mostram essa origem.

Por ellas e pelos canticos patrioticos, inspirados pela guerra do Paraguay, é que o poeta prende-se ao nosso paiz; é um brazileiro no genuino sentido da palavra.

Nem se diga que elle tem sido um terrivel critico de nossos erros e abusos. Razão de mais para ser bra-

zileiro; porque deseja o nosso progresso. Sabe-se que o celebre romancista russo Ivan Turgenief fôra um acerrimo censor de sua patria. Julian Schmidt lhe respondeu que a Russia não póde ser um tão detestavel paiz, desde que produzio um Ivan Turgenief!

E' o que se lhe póde dizer a respeito do Brazil.

O poeta é um nacional em regra, bem conformado, de fronte espaçosa e alta, olhar perscrutador e vivido.

Tem o fogo dos homens de seu temperamento, a loquella forte e animada, a linguagem brusca e colorida, certa tendencia para o pathos; é um brazileiro e um meridional.

Ama o calor, devora café e só póde escrever envolto em fumaças.

E' commodista, e, ainda em Sergipe, era um amante apaixonado da musica, um eximio tocador de violão e excellente cantor de modinhas.

Um traço mais: nunca pedio cartas de empenho, sempre teve ogerisa a empregos publicos; gosta de viver por si; não póde ter obrigações aturadas e perdeu um anno na faculdade de direito, por acordar sempre em hora atrazada. E' um descuidoso, um poeta. Isto pinta o seu genio sem affectação, o seu typo de homem do povo.

Juntai agora a tudo um caracter severo, uma sinceridade de amigo a toda prova, um amor filial como não me foi dado apreciar outro, uma independencia e altivez sempre promptas contra os grandes e potentados, e tereis a face moral de sua natureza. E' um homem de bem, e só podia ser o poeta da verdade. Nada de convenções e attitudes theatraes. E' simples e lhano.

Não posso comprehender a poesia n'um homem, cuja vida não tem tambem alguma cousa de original e poetico; não comprehendo como um pacato filho da côrte, empregado de secretaria, individuo que nunca lutou, nunca soffreu, possa ser um poeta. Este manifesta-se logo em seu modo de ser e de viver.

Que Tobias, porém, o filho de um escrivão pobre, o filho do povo, que haurio na infancia as lendas da plebe, que sahio da casa paterna aos dezeseis annos para ganhar a vida, ensinando primeiras letras, musica e latim; que aos vinte e tres atirou-se para o Recife, e, sem recursos, aprendeu comsigo os preparatorios em um anno: que alli, por um esforço herculeo, estudou a fundo linguas e sciencias, frequentando a faculdade e leccionando; que depois de formado, longe de aceitar empregos publicos, o seu primeiro cuidado foi romper com o Barão de Villa-Bella e outros pseudo-aristocratas de Pernambuco que o quizeram catechisar; que um tal homem, que ha soffrido, seja um poeta eu comprehendo.

E' preciso ter lutado, senão tanto como elle, um pouco tambem; é preciso, antes de tudo, conhecer o povo e ter visto o paiz.

A litteratura cortezã é uma planta de estufa; uma flôr n'um vaso, estiolada e murcha.

Tobias Barreto nunca estudou directamente a poesia de nosso povo. Saturou-se porém della e conhece-a por instincto.

Em Sergipe quando elle appareceu, a poesia só tinha quatro cultores de merecimento — Pedro de Calazans, José Maria Gomes de Souza, seu irmão Constantino, e Bithencourt Sampaio.

Tobias ultrapassou-os e muito. Para proval-o basta citar as duas pequenas peças *Scena Sergipana* e o *Beija-flôr*.

As poesias puramente sergipanas revelam-nos sua aptidão lyrica, uma das mais pronunciadas do Brazil. O poeta é todo objectivista; não prantêa, diz o que vio e sentio, e não assume ares de philosopho, de raciocinador, nem tão pouco de carpideira. Uma cousa, fica desde logo provada, e é que o autor dos *Dias e Noites* já em Sergipe, antes de saber o francez e ler Victor Hugo, tinha o mesmo estylo que sempre teve e ainda hoje conserva na poesia. Seu modo de dizer é aquelle, é natural.

E' alguma cousa que se apparece com a fórma do Victor Hugo lyrista dos bons tempos. Depois é que Tobias tomou conhecimento do grande mestre, e achando-se a gosto naquella corrente da poesia, deixou-se ir por ella abaixo exagerando-se um pouco. Foi isto em 1861 nos mezes que passou na Bahia antes de ir a Pernambuco em 1862. (1)

O estado intellectual do Recife nesse tempo era lastimavel: uma mescla de carolice, bebida em Ventura de Raulica e Taparelli, e de palavrosidade metaphysica, tomada de Esquiros, Pelletan e Quinet... Tal a face da Academia.

A poesia era um prolongamento dos tacapes de Gonçalves Dias e da choradeira de Alvares de Azevedo.

Neste meio saltou Tobias com vinte e tres annos de idade. Ruminou a bordo uma das suas melhores producções: *A' Vista do Recife.*

Desde logo as cousas se acharam mudadas; aquelle modo de dizer masculo e iriante era novo.

A choraminga morreu desde ahi; os enthusiastas tomaram o partido do sergipano. Castro Alves, muito mais moço, e apparecido posteriormente como poeta do genero, era do numero delles. Os dous foram amigos. Tobias sempre o distinguio d'entre a turba multa e dedicou lhe uns versos — Os *Oito Annos*. Castro Alves dedicou-lhe O *Rio e o Genio*. Mais tarde, por intrigas e questões de bastidores, brigaram os dous. A luta foi renhida e escandalosa por causa de duas actrizes.

Na questão puramente litteraria e critica não foi para sorprender que o sergipano contundisse o bahiano, que, si tinha, como fui sempre dos primeiros a reconhecer, um grandissimo talento poetico, não tinha estudos feitos.

---

(1) Em 1861 passou Tobias Barreto bastantes mezes na Bahia; ahi tornou-se logo saliente na poesia a ponto de merecer a attenção do velho e illustre Muniz Barreto, o celebre repentista e um dos melhores poetas deste paiz.

Formaram-se dous partidos em torno dos dous poetas. Logo em começo, a nova escola dava o espectaculo de uma luta intestina. Como era natural, os dissidentes e os sectarios das antigas maneiras sahiram a campo, e Tobias foi horrivelmente apedrejado, o que o fez dizer :

« De tantas pedras que atiram-me
Hei de fazer um altar... »

Em 1867, Castro Alves retirou-se para a Bahia, logo depois para o Rio e S. Paulo. Publicou as *Espumas Fluctuantes* em 1870 e falleceu em 1871, deixando immenso e merecido renome.

Fizeram então todos no sul do imperio a ideia de ter sido o distincto poeta bahiano o iniciador no Recife da intitulada escola condoreira. E' contra a verdade historica semelhante ensar. Felizmente existem versos de Castro Alves a dactar de 1860 nos folhetos commemorativos dos festejos annuaes do *Gymnasio Bahiano*, onde estudou preparatorios o futuro auctor da *Cachoeira de Paulo Affonso*. Por elles decide-se peremptoriamente esta questão de precedencia.

Os falsificadores da historia em prol de Castro Alves esquecem-se de que elle em 1860 era um menino de treze, e em 1862 era um menino de quinze annos, ao passo que o poeta sergipano na primeira n'aquellas dactas era já um moço de vinte e um annos e quando chegou a Pernambuco tinha já vinte e tres e estava na plenitude do talento.

Ainda mais, nas *Espumas Fluctuantes* os versos mais antigos dactam de 1864, o que mostra que o poeta despresou suas composições anteriores, por não possuirem a tonalidade mais propria de seu talento. (1)

(1) Previno uma objecção: na edição de 1881 das *Espumas Fluctuantes* da casa Garnier a poesia *Immensis orbibus anguis* traz a dacta do Rio de Janeiro em 1860. Ora, toda a gente sabe

Aqui vão os versos de Castro Alves em 1860 dedicados ao *Dois de Julho*:

« Eis que, chega-se o dia feliz
Para nós — Brazileiros fleis —
Que com força e heroico valor
Rebentamos os jugos crueis.

Eis que chega-se o dia no qual
Derretidos os ferros servis
Retomamos a nossa cidade
Ao resôo de fortes fuzis.

Este dia em que nós orgulhosos
Vencedores no grão Pirajá
Destroçamos com ferro e com fogo
Portuguezes que erravam por cá.

Dia em que nossos pais bem contentes
Se apossando de toda a Cidade,
Entre vivas immensos bradaram
Liberdade ao Brazil!— Liberdade!

Já nosso peito liberto
Com amplitude batia,
E absorta nossa mente
Sobre a patria revolvia.

---

que Castro Alves só veio ao Rio em 1868. Aquillo é erro typographico; a poesia vem na 1.ª e na 2.ª edições das *Espumas* com a dacta de 13 de Outubro de 1869. Igualmente a poesia— *No Meeting do Comité du Pain* traz n'aquella edição Garnier a dacta de 1861. E' outro erro; a poesia, que não vem na 1.ª e na 2.ª edições da Bahia, é de 1871 e refere-se á guerra franco-allemã de 1870-71.

E nosso povo abalado
Té dentro do coração
Grandes brados repetia
Com energia e paixão.

Foi assim!... a liberdade
Desta vasta região
Indelevel se plantou
Do povo no coração! (1)

Eis os versos ao *Sete de Setembro*:

« Surgiste sublime dia
Que lembras ao brazileiro
O brado heroico e ditoso
Que soltou Pedro Primeiro;

Brado que nos ares solto
Exaltou os corações,
E sempre tomando alento
Passou nossas regiões;

E da raça Brazileira
Estimulando a virtude,
Fel-a quebrar com despreso
Os grilhões da servitude.

Em ti, oh sublime dia,
O Gygante americano
Ergueu seu collo altaneiro
Supplantando o Luzitano.

---

(1) *Poesias e allocuções recitadas nos outeiros ou festas litterarias patrioticas, havidas no Gymnasio Bâhiano a Dois de Julho e Sete de Setemqro do corrente anno.* Bahia, Typographia do *Diario,* 1860.— pag. 10.

E lançando d'alta fronte
Um olhar enraivecido,
P'ra si julgou muito humilde
O vil nome de vencido.

E brandindo a forte espada
Com seu punho mais que forte
Fez voar amedrontada
A Luzitana cohorte.

Para sempre libertado
Meu grande Brazil ficou,
Depois qu'este bello dia
Lá no horisonte raiou.

E então a sua aurora,
A mais grata ao Brazileiro,
Mostrou ao vil Portugal
Quanto o Brazil é guerreiro.

Mostrou á Lysia batida
Quem era o grande Brazil,
Mostrou ao resto do mundo
Que elle valia por mil.

Mostrou altivo, que os filhos
D'essa immensa região,
Sabiam calcar aos pés
Tão insana escravidão.» (1)

Nada ha nestes versos que indique o futuro estylo do auctor do *Navio Negreiro*, e quem em 1860 escrevia por aquella fórma, dois annos mais tarde, ainda quasi menino, e simples preparatoriano, não podia ter sido iniciador de um novo momento litterario.

---

(1) *Idem*, pag. 39.

Só dos dezesete annos (1864) em diante, o futuro auctor de *Gonzaga* tomou o vôo em que depois subiu tãô alto.

Tobias, mais velho oito annos, cultor assiduo das litteraturas latina, portugueza e brazileira desde a primeira juventude e da franceza desde principios de 1861, a dactar de 1856 revelava as boas e fortes tendencias de estylo que depois desenvolveu. Vamos mostral-o, começando do referido anno, quando o auctor dos *Dias e Noites* tinha dezesete annos, e vivia em Sergipe bem antes de sonhar em sahir para a Bahia e Pernambuco.

D'esta sua primeira phase poetica restam uns fragmentos que devem ser aqui approveitados como documentação historica, porque mostram a marcha ascendente de seu espirito. Pude em minha ultima viagem ao Recife obtel-os e apurar-lhes as datas.

Do supracitado anno de 1856 resta-nos um pequeno trecho de um idylio em tom popular, em rapidas quadrinhas.

Falando de um poemeto de Lycurgo de Paiva disse uma vez o nosso poeta:

« E' só quem brincou menino, mais perto da natureza, entretendo relações de ingenua amisade com as velhas arvores, deitado no seu regaço de sombra; só quem teve por companheira de seus brinquedos uma linda filha dos campos, que fosse o seu primeiro amor, a sua noiva, de quem recebesse como emblema do coração algum fructo mordido, alguma flôr machucada, poderá comprehender, adivinhar quem é *Dina.* » E' justamente o que se póde dizer de *Criança*, de que nos ficaram estas quadras:

« Em tenra e fragil vergonta
De uns treze annos que tem,
Agora é que a alma disponta
No viço e no olhar... Pois bem!

E 'si eu a chamo— menina,
Ella me chama— senhor...
Si eu a toco,— ella se inclina;
Será— respeito ou amor?

Si a rosa estremece ao dedo
Da aragem, que lhe tocou,
E' de ternura ou de medo?
Quem diz que ella não gostou?

Chego-me á bella, e lhe digo:
« Vamos casar-nos, amor »?
« Mas como casa commigo?
Como?! não vai ser doutor?! » (1)

De 1857 houve uns versos feitos a Sergipe, de que resta o trecho, conhecido sob o nome de *Scena Sergipana*, que diz assim:

« Vêde a bella miseravel
De minha patria... Eil-a aqui!
Falai-lhe... Como é affavel!
Como vos chama... Segui;
Qu'ella inda tem seus verdores,
Seus rebanhos e pastores
Desgarrados pelo val...
Tem alli macia alfombra
Naquelle roupão de sombra
Que desveste o quixabal...

E nas almas das donzellas
Toda a graça se contém
Quando eu brincava com ellas,
Eu era virgem tambem...

---

(1) Nos *Dias e Noites* este fragmento sahiu incompleto.

Por tardes de bello estio
Via-as despir-se no rio,
Não tinham pejo de mim...
Meus olhos se deslumbravam
De fórmas que se arqueavam
Como lyras de marfim.

Quando a dona do vestido,
Qu'eu me apressava em levar,
Dizia: Como é sabido!
Vem trazer para me olhar...
Vendo-me então pequenino,
Quem faz conta de um menino...
Criança, de que te influes?!
Gritavam corpinhos humidos;
Esta aqui — de seios tumidos,
Aquella — de olhos azues.

Nem já me lembra qual era
Que em mim se arrimando então,
Meu noivo, dizia: espera!
Outras vezes: meu irmão!...
Como acabava depressa
Tanto amor tanta promessa
De coração virginal!...
Ah bellos tempos ditosos
Em que os enganos são gosos
E os beijos não fazem mal!

Um beijo é todo o segredo
Deposto na linda mão;
Milagre!... pomba sem medo,
Brincando com o gavião...
Meio vergada em desleixo,
Com a innocencia em que a deixo,
Na arêa imprimindo o pé,
Com certa graça fraterna,
Sufralda, descobre a perna,
E me olha e diz: o que é?!...

Fica-lhe a bocca entre-aberta,
Dizendo sorrindo assim :
Meu olhar se desconcerta...
Porque não foge de mim?!
Tomo-lhe as mãos pequeninas,
Esguias, brancas, divinas,
E n'um ligeiro abraçar,
Volvendo o corpo em contrario,
Rebenta-se-lhe o rosario,
E ella se põe a chorar...

Chega-se á margem sombria,
As auras partem de lá;
Rolam na relva macia,
Trepam nas ramas da ingá...
E, humidas como o focinho
De mimoso cachorrinho,
Farejam-lhe a nivea mão,
E vem ganir-me no ouvido
Com um quebrado tinido
Das cordas da solidão.... »

Em 1858 n'uns versos revolucionarios havia estrophes como esta:

« Ante o vulto das montanhas
Que pastam na solidão,
De sondar-lhes as entranhas
Ha como uma tentação
Que nos diz: alli ha ouro!...
De certo quanto thesouro
Não se pudera encontrar
Sob os montes arrazados,
Sob os thronos derrocados,
E' até nas bases do altar? »

Em 1859 no poemeto ao *Juizo Final*, de que existem fragmentos, ha estrophes assim:

« Lança os seres ao ludibrio
De universal turbilhão,
Corta as azas do equilibrio,
E os astros tombando vão.
Sombras e sombras se agitam,
As campas mortos vomitam
Para o Juizo final...
E, olhando o quadro assombroso,
Miguel Angelo orgulhoso
Ri-se e murmura:— tal qual! »

Em 1860 escreveu os celebres versos— *O Beija-Flôr* de que se perderam as primeiras e ultimas estrophes, ficando sómente as quatro do centro, que são estas:

« A fresca rosa orvalhada,
Que contrasta descorada
De seu rosto a nivea tez,
Beijando as mãosinhas suas,
Parece que diz: nós duas!...
E a brisa emenda: nós tres!...

Vai n'esse andar descuidoso,
Quando um beija-flor teimoso
Brincar entre os galhos vem,
Sente o aroma da donzella,
Peneira na face d'ella,
E quer-lhe os labios tambem.

Treme a virgem de sorpresa;
Leva do braço em defesa,
Vai com o braço a flor da mão;
Nas azas da ave mimosa
Quebra-se a flor melindrosa,
Que rola esparsa no chão.

Não sei o que a virgem fala,
Que abre o peito e mais trescala!

Do trescalar de uma flor:
Vôa em cima o passarinho....
Vae já tocando o biquinho
Nos beiços de rubra côr.»

Mais tarde, no Recife, o poeta publicou estes versos, addicionando-lhes as tres primeiras e tres ultimas estrophes.

Em 1861 escreveu na Bahia versos ao afamado — *Dous de Julho*, que tinham estancias d'esta força:

« Na frente dos bellos dias,
Que trajam mais viva luz,
Desfilando entre harmonias
No vasto imperio da Cruz,
Passa um dia sublimado,
Qual guerreiro namorado,
Valente, bravo e gentil,
Que traz a gloria estampada
Na face meio embaçada
Pelo alento do fuzil.

N'este dia sempre novo,
Entre os applausos do mar,
Entre os ruidos do povo,
Vai a cidade falar....
Actriz, magestosa e bella,
Falando só e só ella
Diante de duas nações,
Representa um alto feito,
Que arranca bravos do peito
De emudecidos canhões.»

Ainda em 61 — escreveu uns versos á *Guerra Hollandeza* de que restam estes:

« Barreto diz: « Somos poucos
De encontro ao troço hollandez....
Que vamos fazer; oh! loucos?
Morrer inglorios, talvez!... «

« General, brada Vieira,
Foi minha a ideia primeira,
O passo primeiro é meu!....
Morremos n'este extremo! »
Camarão ruge: « Não temo! »
Henrique Dias: « Nem eu! »

De 1862 é bastante lembrar a *Vista do Recife* em pleno estylo condoreiro:

« Sim, eu vejo, ainda a espada
Na tua dextra reluz,
Cabocla civilisada
De pernas e braços nús,
Cidade das galhardias,
Que no teu punho confias,
Coeva de Henrique Dias;
Guerreira da Santa Cruz!

Estremecida, ridente,
Como que esperas alguem.
Ouves um som de torrente?
É a grandeza que vem...
Teu halito alimpa os ares,
Por cima do azul dos mares
Prolongam-se os teus olhares,
Que vão namorar além...

Não te pegam em descuido;
Teu movimento é fatal.
E a liberdade, esse fluido,
Que fórma o gladio, o punhal,
Nos teus contornos ondula,
Nas tuas veias circula,
E vai chocar-te a medula,
Dos ossos de pedra e cal.

É um lidar incessante;
Cai-te da fronte o suor;
Ferve tua alma brilhante,
E tudo é bêllo em redor.
O assombro lambe-te a planta,
Na estrella, que se alevanta,
Pousado um archanjo canta:
Vai ser do mundo a maior!

Tens aberta a tua historia:
Laboras como um crisol:
Como um estygma de gloria,
Nos hombros queima-te o sol.
A guerra, a guerra é teu cio,
Féra!... O estrangeiro frio
Se aquece ao beijo macio
Dos teus labios de arrebol.

Assopras nas grandes tubas,
Que despertam as nações;
Eriçam-se as ferreas jubas,
Uivam as revoluções...
Teus edificios dourados
Vão-se erguendo penetrados
Da voz dos Nunes Machados,
Do grito dos Camarões!...

Com a morte bebes a vida;
Não te abalas, não te doês!...
De ouro e luz sempre nutrida,
Novas idéas remoes.
É que á voz das liberdades,
Calcadas as potestades,
Germinam, brotam cidades
Do sepulchro dos heroes!

Possa a coragem de novo,
Teu bafo ardente inspirar,
E a gloria sahir do povo,
Como tu surges do mar...

O coração teo advinha,
De fome o ferro definha,
Ruge o gladio na bainha,
Como na gruta o jaguar...

Sejam meus votos aceitos,
Dá-me vêr tuas acções,
Dá-me sugar esses peitos
Que amamentaram leões...
Sahiste núa das matas,
Não temes, não te recatas,
Contra a frota dos piratas
Açula os teus aquilões... » (1)

Estas foram as estancias escriptas em 1862 na viagem para Pernambuco; quando mais tarde o poeta publicou-as juntou-lhes as quatro do principio, como se lê nos *Dias e Noites.*

Em 1863, entre diversas outras poesias, é sufficiente lembrar a que foi feita ao passamento de J. Macario, um mocinho de talento, estudante de preparatorios e companheiro de *republica* do poeta dos *Vôos e Quédas.* E' isto:

« Olhai... um cadaver de braços cruzados!...
Nos punhos cerrados, nos olhos cerrados,
Nos labios cerrados, que a morte deixou,
Com as forças eternas—guardando o segredo
De luz ou de sombra! Meu Deus, tenho medo!...
Morrer tão depressa quem foi que mandou?

Tão joven! De joven no seu devaneio
Dissera á esperança: que trazes no seio?
Dissera ao futuro: que fechas na mão?

(1) *Dias e Noites*, pag. 136.

Do seio da louca voou-lhe a mentira,
E a mão do phantasma, que larga se abrira,
Foi lá um repouso dos mortos no chão...

Tão vivo! Batia-lhe o peito ancioso,
Sentia nas fibras o harpejo mimoso,
E os cantos ao longe — das glorias irmans...
Mas é que Deus julga-se um pouco tentado,
Que assopra e apaga o olhar destinado,
Que o leito devassa das suas manhans...

E morra quem sonha, quem ama, quem sente
Falarem-lhe as noutes, quem ouve a torrente
Das éras que descem dos cimos azúes...
E morra quem tenta, padece e aspira,
Quem súa, bebendo seus prantos! Mentira!
Minha alma, não temas, é Deus, não recúes...

Ah, Senhor! e mais um dia
Que mal vos fazem as rosas?
Nossas corôas mimosas
Porque mandais desmanchar?
Não tendes lá tanta estrella,
Cujos são cheiro os fulgores,
Precisais das nossas flores,
Das perolas do nosso mar?

Era um menino... Contente
De seu intimo thesouro,
Dizia: — conquisto um louro
Para leval-o a meu pai.
O coração adiantado
Bateu-lhe a ultima hora.
Cahio. E sobre elle agora
Só uma lagrima cahe...

Lagrima séria, pesada,
Grossa lagrima de chumbo,
Que la se afunda — retumbo —
Dos abysmos sepulchraes.

Mais rica, mais preciosa
Que as joias de vossa aurora;
Pois é um pai quem a chora,
Senhor, que nunca chorais!... » (1)

Ainda em 63 recitou e publicou *Mulher e genio* e *O dia de finados no Cemiterio*. De 64 é aquelle brado enthusiastico em favor da Polonia:

« Ainda um povo captivo,
Que em luta inutil se esvae!
Da luz o seculo altivo
Encolhe as azas e cae....
Lá soffre a virgem sozinha.
Lhe diz o Cossaco :— és minha!
E a pobre soluça: não!...
Phrase negra, renegada,
Que sahe como uma golphada
De raiva e desesperação.

O mundo vê.... não lh'importa!
Ninguem que remil-a vá....
Gritam por ella: eil-a morta!
Chama-se um gladio :— não ha!
Abre-se a tumba da historia,
E envolta em trapos de gloria
Vae a Polonia dormir.
Boccas grudadas de medo
Guardem o triste segredo,
Fiquem tyrannos a rir!...

(1) Não vem nos *Dias e Noites*.

Já são de mais os resabios
Da ira, diz o Senhor...
Ai daquelle que em seus labios
Foi lançar o dissabor!
E' quando o povo deliria,
Bradando altivo: mentira
Crenças, direitos e leis!...
Só é grande a liberdade,
Que sacode a magestade,
E arranca a juba dos reis!...

O seu esforço era louco,
Sahio-lhe o ultimo ai...
Morrer é esperar um pouco:
Martyres della, esperai...
Christã, confia em teus santos;
Que purpurêem-se os mantos
Com o sangue dos filhos teus...
Não digas: o céo é mudo,
O que ha por vir, veio tudo...
Alguem falta vir: é Deus!

Polonia, na tua ossada
Ezequiel soprará;
Ao clarim de uma alvorada
Teu tumulo partir-se-ha.
E tu, maior nesse dia,
Apanhando a sinza fria
Dos que morreram por ti,
Gladio em punho, olhar insano,
Farás o Deus do tyranno
Resuscital-os ahi...

Pois que assim morres tão forte,
Deixa-te agora morrer:
Impaciente da morte,
Tu voltarás a viver...

Cabellos e pensamentos
Largados aos quatro ventos,
Dirás ao mundo : venci !
E o despotismo embriagado
Verás a teus pés rojado :
Segura o golpe, Judith !

Cadaver santo e glorioso,
Amam-te os livres de cá ;
Aceita o beijo amoroso
Que o moço imperio te dá.
E' livre a nossa bandeira,
Que açoita o ar altaneira
Como as azas do condor ;
Nossas almas têm mais fundo :
Por ti... um protesto ao mundo...
Por ti... um voto ao Senhor ! » (1)

A questão de prioridade está liquidada e podemos ir a diante.

A época de 1862 a 1870 no Recife, ao influxo de um enthusiasmo de subito desenvolvido, foi, como temos dito, um periodo de vida e movimento litterario. Alli appareceram os poetas de grande merecimento, de que temos falado.

Varella lá tambem esteve durante um anno e distinguio-se por suas singularidades. Si não deixou-se ir pela corrente geral, não teve força para chamar os outros a si. Era um periodo guerreiro para o paiz e a poesia acostumou-se ao retimtim das armas. Ouvimos então os nossos mais bellos hymnos patrioticos. O Recife era a passagem de todos os batalhões do norte ; o ardor marcial era geral. Tobias recitou os *Voluntarios Pernambucanos*, *A Capitulação de Montevidéo*, *Os Leões do Norte*, *Em nome de uma Pernambucana* e muitos outros canticos marciaes.

---

(1) *Dias e Noites*, pag. 161.

A principio a guerra tinha sido mal recebida em Pernambuco, sempre ferido no segundo reinado; as festas publicas e os brados dos poetas acabaram por acordal-o. Tobias foi o Tyrteu do movimento.

Em 1870, quando se acabou a guerra, já elle estava entregue a outra ordem de idéas; mas foram ainda chamal-o para saudar os que regressavam da campanha, e recitou a *Volta dos Voluntarios*, uma de suas mais ruidosas poesias. Ahi o poeta já estava um pouco descrente e seu enthusiasmo bastante arrefecido; entre outras notas, ouviram-se estas:

> E oxalá que em algum dia,
> Tendo saudades da morte,
> Não clameis: «feliz a sorte
> Dos que não voltaram cá!»

Foi assim; muitos voluntarios arrependeram-se de ter voltado á patria! Neste paiz, onde, segundo o nosso poeta, *o sol é popular e preside ao trabalho*, onde

> — O sol que nos conforta
> E' nosso concidadão...

a natureza é grande, mas deixou, como se diz, pouco lugar para o homem. Si tivermos uma nova guerra no Rio da Prata, duvido muito que ella seja acolhida com o mesmo enthusiasmo de 1864.

Antes de proseguir no estudo do caracter poetico de nosso autor, é preciso dar a conhecer o que elle mesmo naquelle tempo pensava sobre a poesia. Para aqui transcrevo umas palavras por elle escriptas n'um volume de versos de Paes de Andrade. Ahi revela-se a sua intuição daquelle tempo. Disse o poeta:

« Passa como uma verdade incontestavel que a poesia, a poesia lyrica digna deste nome, é a expressão das lutas da alma humana com o enygma do seu destino.

A felicidade indefinita, que o homem aspira, é a incognita de um problema sombrio, diante do qual encontram-se perpetuamente embebidos o padre com todas as suas preces, o philosopho com todos os seus calculos, o poeta com todas as suas queixas. A poesia impregnada dos perfumes da religião e das luzes da philosophia, torna-se um alimento suavissimo, um favo de consolação para os corações solitarios, que não profanam a santidade do padecer com a brutalidade dos prazeres insensatos.

Deste modo, falsêa o entender daquelles que dão, que empregam como caracter da poesia a creação de um mundo á parte, phantasmagorico, impossivel. Assim como já não é dado ao philosopho recostar-se nas hypotheses, não é dado ao poeta apegar-se aos vagos sonhos dos espectros fumegantes da imaginação febril.

A poesia de hoje, a poesia do seculo XIX tambem precisa da observação; o poeta deve ser investigador; elle tambem pertence á grande familia pensante, a esse grupo de cabeças cheias de todas as auroras do futuro, que têm os ouvidos attentos a todos os silencios mysteriosos, e as frontes batidas por todas as vagas do infinito. Mas no homem que pensa, eu quero ver tambem o homem que obra. Longe estou de suppôr que para o culto do pensamento, como pretende Eugéne Pelletan, seja mister a instituição de uma classe brahminica, sagrada. Seria o sacerdocio da ociosidade. O genio, qualquer que seja a sua manifestação, deve entrar, deve apparecer como parte activa nos trabalhos, nas lutas, nos progressos da humanidade. Dizer ao poeta, ao philosopho, ao pensador em geral—, nós te sustentamos, o teu trabalho é todo intimo—, importa dizer-lhe: divorcia-te da sociedade, renuncia as doçuras da familia, aos encantos da mulher; nós iremos te consultar na gruta do teu pensamento, piaga da civilisação. (1)

Não sou do numero daquelles que amam a poesia como um minuto de prazer, um entretenimento de occasião, uma embriaguez de todas as paixões, uma feiticeira noturna que se occupa de introduzir sonhos de voluptuosidade debaixo do travesseiro da donzella.

---

(1) Neste periodo já claramente, em 1865, Tobias Barreto mostra que possuia a intuição do verdadeiro realismo moderno.

E é a que mais vemos, a que mais temos a que mais agrada em nossa terra, linguagem da devassidão, linguagem do lenocinio, poesia sensual, dityrambica, immoralissima, pagã.

Lêde os modernos lyristas amorosos, e vêde: as mulheres apparecem quasi nuas, desgrenhadas, preguiçosas ou nymphomaniacas; a natureza fluctua em mar de volupias, a brisa é *voluptuosa*, a tarde é *voluptuosa*, a flôr é *voluptuosa*, a estrella é *voluptuosa*, tudo é *voluptuoso*. Deus mesmo não escapa, tem os seus momentos de sensualidade!! E depois desta orgia intellectual, ahi temol-os cahidos em uns sentimentos *indisiveis*, ou seja o nosso *scismar*, ou o *rêverie* dos francezes, ou o *sehnsucht* dos allemães, que todos querem dizer *preguiça*, essa estupidez da acção. Debalde procuraremos em poesias desta ordem o sentimento da vida, o sentimento das cousas: *Lacrymæ rerum.* Nellas a belleza, sobretudo, a belleza feminina é uma exquisitice ridicula. Quando não é um anjo que vem á terra sem um motivo plausivel, é uma mulher microscopica, insignificante, uma descendente bastarda da rainha Mab, mettida n'um froco de escuma ou na dobra de uma nuvem, que ao muito poderá servir para amante de uma criança, mas nunca para ser a doce consolação de um homem, no sagrado aperto das mãos, na santa união dos destinos: *Consors.*

E não finda ahi. Si acontece que seja real o objecto de suas adorações, o poeta, metaphoricamente choroso, em vez de apresentar aos olhos de sua querida as delicias, a grata existencia, a suavidade dos laços da familia, procura desapertar-lhe a charpa dos santos deveres, insinuando-lhe tendencias perigosas na impetuosa insolencia de uma poesia animal, balda de prazer para o publico sensato e sorrateiramente prejudicial á sociedade. Com effeito ao homem sério, que tem o gosto do bello e do bom, nada importam, nada deleitam versos que só têm beijos, que falam de mais beijos do que os milhares e centos de milhares que Catullo pedia a sua Lesbia. *Da mi basia mille, deinde centum.* Vemos, dest'arte a poesia prestar-se aos appetites vergonhosos. Desejos que degradam, palpitações criminosas exprimem-se com toda a audacia da libertinagem. O bom senso indigna-se de ver a mais bella das artes, a mais

doce das linguagens, demittida do seu mister honroso e sublime.

Seja qual fôr o vigor de seu talento, e seja qual fôr a grandeza de suas concepções, o poeta é sempre um homem, e como tal sujeito ás leis que regem a natureza humana.

Observa-se, entretanto, que na época actual quem faz uma quadra, uma tirada dessas bagatellas que por ahi facilmente correm com o nome de poesia, crê-se logo revestido de uma certa immunidade moral. E é possivel chegar um dia em que os *genios* reclamem tambem a immunidade legal—, porque não?

Quando se lhes desculpam as suas tolices, porque são poetas, a sua deshonestidade, porque são poetas, é de esperar que muito breve se lhes desculpe tambem o furto, porque são *genios*, o defloramento, porque são *genios*, e até o assassinato, porque são *genios*. Falemos franco.

A poesia rotineira dos nossos dias é a deserção dos principios moraes, é Deus tratado com um certo tom de atrevida familiaridade; é a mulher *metricamente* seduzida, convidada para presidir ao grande banquete da vida licenciosa, é a creação representada como uma certesã immensa, cambaleando bebeda no espaço, de taça em punho, atirando ao infinito a gargalhada do deboche.

« O poeta, fazendo o inventario da natureza de que elle se mostra rei e senhor, não esquecendo nunca — a brisa que suspira, a florinha que se inclina, o regato que murmura, a onda que beija a praia, etc., etc., tem o ar de dizer a qualquer bella que se lhe antolhe, como Satanaz a Jesus: Tudo isto é meu, e eu t'o dou si te curvares aos meus desejos. E' o requinte do desaforo; não tem outro nome. No livro de um poeta deve-se tomar as dimensões de seu craneo e palpar as dôres de seu coração. E' bem pequenina a cabeça que não aguenta uma idéa nova, grandiosa e aproveitavel; bem acanhado o peito que apenas póde conter a mesquinhez de triviaes amores. Suffocar, no curso da vida, todas as paixões aviltantes, e deste tormento, dignamente doloroso, fazer brotar os sentimentos nobres que determinam as nobres acções; provocar, interpellar a natureza, cobril-a com um olhar indagador, exigindo-lhe os segredos da sabe-

doria, e ter em resposta o que outr'ora ao santo leproso da Iduméa o abysmo respondia — *non est in me* —; amar, procurar unir-se, purificar-se diante de Deus na chamma celeste de uma alma de mulher, tudo isto é o assumpto da grande, da verdadeira poesia, porque é ao mesmo tempo o assumpto da vida do homem de bem.

E' de notar a maldição continua lançada pelos poetas contra os homens positivos. E quem são os homens positivos? Serão aquelles que, occupados no seu trabalho, não se demoram um instante para escutar as harmonias phantasticas de algum sonhador allemão, para ler uma pagina de A. Musset e apreciar poeticamente descriptos os trejeitos e colleamentos de alguma hespanhola voluptuosa, querendo morder como uma féra na estação da berra; para medir com Gœthe os pés do hexametro no dorso nù de cortezã romana, tudo isto em verso, tudo isto em livros que se espalham, que se louvam, que se animam, que se beijam... serão esses? Oh! então os homes positivos são os homens honestos.»

E' uma de sua boas paginas de prosa; o poeta foi sempre mais ou menos fiel a este programma.

Ainda mais significativo é este trecho de 1866 sobre ae *Flores da Noite* de Lycurgo de Paiva:

«No seio das nossas mattas, como no fundo de nossas almas, como nofundo da nossa historia, ha muita sombra de que o poeta se possa vestir, muito mysterio de que a poesia deve-se occupar.

Todas as alturas inaccessiveis, todas as profundezas insondaveis, como Deus e o coração do homem, estão sempre ahi para receberem e sumirem nos seus abysmos as inquietitudes, os sonhos, as lagrimas do poeta. A humanidade agita-se, a philosophia observa, e a poesia canta.

Nos grandes poetas modernos é sobretudo o sentimento do infinito que transborda em suspiros harmoniosos ou em gritos desesperados. Deixar de sentir com elles tudo que engrandece a nossa natureza, para entreter-se na pintura das paixões treviaes e mesquinhas, é não comprehender os no-

bres vôos da poesia moderna, gravitar para o nada, e con demnar-se ao mediocre.

Ser poeta é mais alguma cousa do qne andar com os *seios tumidos, o craneo em braza,* fingindo magoas que não se sentem ou prazeres que não se gosam; — é mais alguma cousa do que viver a beijar *labios de rosa, ver e pegar em peitos de alabastro,* etc., etc., e chamar-se *lyrico*; — falar em tumulos, em desgraças... e dizer-se *melancholico*; — repetir o insipido lugar commum do — progresso — e chamar-se — *humanitario.* Não é isto. Ser poeta, é sobretudo pensar. O pensamento é a masculinidade do espirito.

Cabe aqui repetir umas bellas palavras de Victor de Laprade.—O que ha de difficil e admiravel não é somente pintar e escrever bem, é pensar alguma cousa que valha a pena de ser escripta e pintada.

Ha uma grande e uma pequena poesia; e ao envez do que parece, não é a grande que suffoca a pequena; é esta que mata aquella, como os sentidos escancarados a todos os prazeres empanam o brilho das ideias, o brilho d'alma, e embotam, quando não arrancam todos os bons instinctos do coração.

E' singular, diz o philosopho Jouffroy, dar-se o nome de poesia a esta superficial inspiração que se occupa em celebrar as alegrias frivolas, em deplorar as dôres ephemeras das paixões.

A sciencia e a arte são as duas azas do espirito humano. Prima a philosophia entre as sciencias, como a poesia entre as artes. Ambas avançam para o desconhecido. Mas, ao passo que a sciencia caminha, a poesia vôa: — o seu miss ter não é como o da sciencia, esclarecr as sombras do problema universal; mas tambem não deve ser estranha aos achados d'aquella.

A insipidez de muito *poeta* dos nossss dias vem menoda falta de talento do que da falta de conhecimentos.

Si a poesia vai adiante da sciencia, si o mysterio é o seu dominio, desde que se occupa do que está sabido na ordem dos sentimentos, das ideias, de todos os factos emfim, torna-se necessariamente insipida.

Os juizos do poeta não são hypotheses que a experiencia possa verificar.

E' uma loucura, diz Magnin, querer a poesia sábia, como

um artigo do codigo civil, e lucida como a demonstração do quadrado da hypothenusa.

O coração do poeta é o clepsydro em que soam sempre adiantadas as horas da vida do mundo. Os poetas e os sabios, é verdade, devem ser iguaes, porque devem ser da estatura do seu seculo. — Gœthe é do tamanho de Humboldt.

A poesia do seculo XIX deve ir com elle em todos os seus vôos, em todas as suas conquistas, se quer ser grande, e merecer a attenção da posteridade. »

Bem se vê, que elle nada tinha da languidez e do epicurismo burguez da poesia immoral. Sua musa nunca teve necessidade de desenhar-nos *alcouces*, *barregans*, *crimes esverdiados*, erotismos perpetuos, aphrodisiacas pinturas.

Andava distrahido com o enthusiasmo esthetico, o sentimento da natureza, o patriotismo e o amor.

Em 1865, escrevia elle as palavras transcriptas, condemnando as immoralidades do romantismo. Dez annos depois Guerra Junqueiro, como prologo da *Morte de D. João*, poz alguma cousa de parecido e como quem fazia uma grande revelação...

Tenho sempre associado o nome de Castro Alves ao de Tobias Barreto. Importa mostrar as differenças entre ambos. Considero-os os dous melhores representantes do lyrismo hugoniano no Brazil ; ambos têm o tom elevado, que os fez denominar de chefes da *escola condoreira*. A verdade, porém, deve ser dita com franqueza : tal genero de poesia não mãos dos mediocres transformou-se n'um gongorismo petulante e incorrigivel, n'uma cascata de palavras retumbantes. Era um coachar incommodo para o ouvido, esterilisador para as idéas. Tobias, nas suas poesias naturalistas, nas amorosas, e nas inspiradas pelo sentimento artistico foi sempre elevado, mas simples; nas dictadas pelo sentimento patriotico, ás vezes, foi um pouco exagerado por exigencia do assumpto

Castro Alves o foi ainda mais; Tobias o excedeu na simplicidade e naturalismo.

Um inspirou-se em a natureza, outro mais no estado de nossa vida social; um cantou os *Trovadores das Selvas* e o outro o *Navio Negreiro*, um o *Cenio da Humanidade* e a *Lenda Rustica* o outro o *Livro e a America* e *Pedro Ivo*. Não quer isto dizer que Tobias não se inspirasse tambem no Brazil; inspirou-se e muito, como nos *Tabaréos* e na *Vista do Recife*, mas pelo lado popular e patriotico.

Tobias é mais lyrico, mais suave, mais terno, quando é amoroso; mais crepitante, quando encara os grandes assumptos. Castro Alves mais arrojado, mais audacioso; este dirige-se aos miseros captivos de preferencia; aquelle aos homens livres, principalmente. As poesias de Castro são mais para serem recitadas e as de Tobias para serem lidas.

Um é o segundo élo da cadeia, de que o outro foi o primeiro e Victoriano Palhares o terceiro. O poeta das *Espumas Fluctuantes* foi tido por chefe, por dous motivos principaes: o passar-se para o Rio e S. Paulo e o ter publicado logo o seu livro. Não esqueçamos, porém, que elle não foi o innovador. Essa é a justiça da historia.

Vimos as provas deste facto no exame das producções dos dous poetas anteriores a 1862. Tobias começou antes e continuou depois; porquanto, quando elle veio a romper com o Victor Hugo da de[illegible] transformalo em propheta, philosopho e [illegible] Alves já dormia o somno do sepulchr[illegible] das *Odes e Baladas* e das *Ori*[illegible]ontinúa [illegible] ser ainda hoje o mesmo aos olh[illegible] poeta do *Ainda e Sempre*. O rompimento f[illegible] posterior á guerra allemã, quando o sergip[illegible]icou-se ao germanismo. Foi limitado ás extrav[illegible] do vidente, como se póde ver no artigo *Auerb*[illegible] *Victor Hugo*. (1) Com estas

(1) Escripto em [illegible] publicado nos *Ensaios e Estudos de Philosophia e Criti*[illegible]5.

considerações tenho em mira firmar a verdade dos factos e não menosprezar, veja-se bem, o merecimento do poeta bahiano em quem sempre verei um grande talento, que muito fez, e ainda mais se teria avantajado, si a morte o não houvesse retirado da arena de nossas lutas. Deve ser julgado com a verdade e não precisa de ser cercado de uma aureola falsa para ter valor aos nossos olhos. E oxalá todos lhe rendessem o preito desinteressado da justiça. Desta é que precisamos todos, os mortos ainda mais do que os vivos.

Tobias Barreto, que tem trabalhado tantos annos na imprensa, não tem convenientemente defendido seu lugar. Os que, porém, vivem em Pernambuco sabem perfeitamente que elle ha sido um trabalhador infatigavel no jornalismo e ha tomado parte activivissima em todas as luctas litterarias alli travadas. Com razão disse um dos primeiros sabios deste seculo o grande Ernesto Haeckel, que elle é *zur Race der grossen Denker gehœrig*. Sirva este insuspeito testemunho de eterno anathema contra os pequenos zoilos que ainda mordem á sombra do poeta. Castro Alves representou, no terreno da poesia, um papel que foi delle, o de preoccupar-se mais com as questões sociaes e o de propagador na Bahia, Rio de Janeiro e S Paulo, onde creou adeptos, do movimento iniciado no Recife.

Tal a sua missão historica que deve ser consignada e que ninguem se lembra de lhe tirar.

Vejamos por ultimo a natureza intima do talento poetico do sergipano. O livro em que foram reunidas algumas de suas producções divide-se em cinco partes, contendo cinco cathegorias diversas de inspirações: *naturalistas*, *amorosas*, [illegible], *estheticas*, e *satyricas*.

Esta divisão não é caprichosa; origina-se da qualidade mesma das composições. O poeta nunca teve a poesia como uma profissão de [illegible]. Têm-n'a como tal certos monomaniacos, que entendem lá de si para si, que são poetas, por graça de Deus ou do diabo; que

julgam ter necessidade de fazer versos, como outros julgam que não podem viver sem purgar-se a miudo. E' uma cousa terrivel a mania de um versejador de profissão, que se concentra para accumular rimas, e rimas e compôr longas machinas de martyrio, verdadeiras polés para o leitor, como a *Independencia do Brazil* ou a *Confederação dos Tamoyos*. Tobias Barreto nunca fez planos, nem cogitou em vastas obras. A poesia para elle era uma questão de festa, de alegria, de divertimento.

Nessas occasiões poetava, como um passaro canta ao clarão matinal. Tal o verdadeiro poeta, aquelle que só escreve para vazar no papel alguma cousa que nelle trasborda, ou seja a tristeza ou o enthusiasmo. Tobias é um d'esses destemidos

“ Corações acrysolados
No brazileiro sentir...”

é um d'esses meredionaes, sonhadores, descuidosos, que pegam fogo por qualquer cousa.

Qualquer que seja a doutrina que se professe sobre a natureza da poesia, não se lhe póde negar que ella é a vida em geral, a natureza e o homen, interpretados pelo sentimento. As grandes creações da humanidade podem-se reduzir a quatro —: a sciencia, a philosophia, a religião e a arte.

A sciencia é o universo interpretado pelo raciocinio e pela observação; a philosophia é a sua synthese racional; a religião é a origem, a causa primeira, o desconhecido em face de nossa pequenez e do acanhado de nossos conhecimentos; a arte em geral e a poesia, em particular, vem a ser tudo isso de que se occupam as outras, mas tudo diante das emoções que em nós se despertam pelo espectaculo das cousas, pelas peripecsas da vida. A poesia é isto. Como tal ninguem a sentio melhor do que o poeta dos *Dias e Noites*.

Dessa sua qualidade essencial originou-se justamente o seu maior defeito, que consistio sempre e sempre em baratear o seu talento. E' para impressionar o enthusiasmo enorme de que Tobias deixava-se apoderar diante de uma actriz ou de um cantor mediocre. A fonte perenne do sentimento é nos poetas, ás vezes, um inconveniente: o arderem não raro por uma cousa insignificante. Em tudo acham um encanto, um motivo para um trasbordamento. Tobias é destes; tudo a seus olhos toma proporções excepcionaes.

O Brazil *é a joven patria de heróes*, a Tamborini *tem phrases de ouro na bocca*; o rebequista Muniz Barreto é *o genio que ser maior é morrer*; o Recife é *a cidade das galhardias, da raça das Romas tombadas e das Babylonias em pó...*

Ao través do sensorio do poeta as cousas e os factos se avolumam; o inspirado só póde cantar o que é grande, e, quando o objecto é pequeno e vulgar, a imaginação suppre o que lhe falta em grandeza.

E' um exagero sublime; mas sempre um exagero. Bem haja aos poucos que delle são capazes; porque são os verdadeiros poetas. A arte só é possivel sendo vaga, geral, indeterminada, e, para tudo dizer n'uma palavra, sendo em certo sentido *falsa*. A poesia é sempre falsa cotejada com a realidade, que lhe está sempre abaixo ou acima; mas é sempre verdadeira cotejada com o estado emocional do poeta, que é, até certo ponto, um visionario.

Tobias Barreto, eu o julgo admiravel nas suas poesias geraes e naturalistas, como *o Genio da Humanidade*, *a Caridade*, *a Lenda Rustica*, *a Lenda Civil*, *Beija-Flor*, *os Tabaréos*, *os Trovadores das Selvas*, *Oito Annos*, e outras. Ahi seu talento é de todo objectivista.

Nas poesias amorosas. ainda o aprecio quasi tanto, por ser sempre lucido e verdadeiro.

As inspiradas pelo sentimento esthetico desperto pelos espectaculos e festas, a que assistia, me agradam

especialmente como modelos de força e de graça, como typos de metrificação.

Os canticos patrioticos são alguma cousa de original, que não encontra muitas congeneres em todas as litteraturas. Aquelle falar tem algo de desusado; são phrases vibrantes, que se enterram como dardos acerados; alli ha a limpidez das espadas, o silvo das balas e o troar dos canhões. Tobias creou e matou este genero: depois d'elle é uma innocencia querer tental-o de novo. E, todavia, não são para mim as suas melhores producções; acho-o ainda superior nas primeiras.

As satyricas são em pequeno numero: o poeta devia cultivar mais a miudo o genero; porque, pelo *Rei Reina e não governa* se conhece que elle póde fazer muito alli.

As artes vivem essencialmente pelo prestigio da fórma; o estylo é quasi tudo em poesia. Neste ponto, o poeta da *Lenda Rustica* tem uma feição propria, consistente em um certo laconismo forte e rutilo.

Em todas as suas poesias, além de tudo, o nosso autor nunca usou de uma só palavra peregrina, cujo significado se tenha de ir procurar no diccionario; seus termos são simples e vulgares; é a lingua singela e rutilante do povo.

Chegados a este ponto poderiamos deixar por terminada a nossa analyse do poeta; e fal-o-iamos com certeza, si elle ainda hoje não fosse um faminto de justiça. A tendencia para calar seu nome é quasi a mesma, depois de perto de trinta annos de lucta.

E' preciso documentar o que affirmamos, é preciso ainda citar o poeta.

Os treches atraz reproduzidos em ordem chronologica não são talvez os mais proprios para dar bem a conhecer o talento de nosso lyrista.

Ouçamol-o na narrativa de um caso da vida campesina ha trinta ou quarenta annos a esta parte, quando o sentimento da familia era ainda em extremo rigorista

nos sertões. Uma bella moçoila tinha fugido e se entregara a um dos D. Juans do logar.

Amotinou-se a familia da gentil peccadora e mandou assassinal-a por seu proprio irmão. —

E' a *Lenda Rustica :*

Como um perfume, que embalsama os campos,
E as abelhas attrahe á flor que o exhala,
Vaga o renome da mulher mais linda
Que na selva se vio. Rivaes perdidos
Já no punho mediram-se por ella.
Por ella triste o sertanejo bravo,
Que amostra da corage a côr e a seiba,
Sangue nos olhos e suor na fronte,
Deixou tombar aos sóes do meio dia
Pelo ermo a cabeça atormentada.

Lá se avista uma choça. Alli se esconde
No seu ninho de palha a ave esgarrada:
Cançada e louca e só, nua se atira
Nesse banho do céo, fervendo em sonhos,
Que é o seu dormir. Sobre ella arregalados
Da noite os astros, através das frestas,
No leito vêm-na estremecida, anciosa
Revelar ao seu anjo espavorido
Daquelle corpo os candidos mysterios.
Divino sangue lhe realça as veias;
E do somno emergindo á face nitida,
Nas alvas carnes docemente escorrem
Tenues fios azues de ondas celestes.

. .

Abandonada assim, de riso em riso,
De sonho em sonho, dilatando as graças,
Não acorda, desbrocha... abre com as flores,
E a estrella da manhã lhe accende os olhos
Inquietos, grandes, que borbulham d'alma...
A esmo lavram nos seus hombros rigidos
Louros cabellos, fluctuando esparsos,

Como uma irradiação do sol nos mares.
Basto, abundante, pesa-lhe nos hombros
O massiço das tranças, balançadas,
Como torrentes, que d'um monte cahem,
Em suas ondas rolando arèas de oiro.
E has de ver: — este archanjo é condemnado,
Esta pomba cahio em laço ignobil,
Esta mulher se mancha em lodo infame!
Prostituta, com seios de donzella,
Off'rece aos beijos vis aquella testa
Branca, pendida, como a lua baça,
Lá para o occaso, ao despontar do dia.
E nem sei como os sopros da lascivia
Não murcharam-lhe ainda os beiços rubidos,
Folhas de riso e mel, que abrem polposas,
Ao biquinho dos passaros implumes,
Que ella tira do ninho e traz no seio.
Porque muda de cor a cada instante?
Dir-se-ia que fluctuam-lhe no rosto
As sombras vagas de visões angelicas;
Que altamente suspendem-se e revoam
De su'alma na escura immensidade
Legiões que passam, candidas, purpureas,
E atraz... o anjo pallido da morte!
O bosque verde, a solidão florida,
As grutas cheias de mysterio e sombra.
Moitas folhudas, onde a rola geme,
E debaixo remoe a corça arisca,
Eis ahi, trescalando, as mil alcovas
Do prostibulo immenso dessa douda-

De bem longe a pomba linda
Fugindo sentou-se aqui:
E pensas que o odio finda,
Que não se lembram de ti?

E' já muito e não se estanca
Dos teus o pranto infeliz;
Cresce, cresce a barba branca
Do velho que te maldiz...

Em braços d'homem repousas,
As tranças varrem o chão;
Porque ensinas essas cousas
A's flores da solidão?...

No vicio teu corpo illustre
Não murcha, sempre gentil!
E' como uma flor palustre,
Que cheira no lôdo vil.

De beijos queimada. esqueces
Que o anjo te vê... pois bem.
Tu peccas e adormeces!...
Espera, o raio ahi vem.

E' noile, bem noite. Na estrada arenosa,
Que em leguas de plaino se vê branquear,
Qual serpe disforme de prata lustrosa,
Que ahi se estirasse dormindo ao luar.

Vai um cavalleiro... Fluctuam nos ares
Ao sopro do vento, que açoita cruel,
Os fios ligeiros de negros pensares
E as crinas brilhantes de negro corsel.

A senda achatada sumio-se na mata,
E o vulto nocturno com ella embocou.
Do ventre das brenhas, que têm a cascata,
Rugido medonho na mata estrondou.

E' d'onça terrivel, que vai diligente
Na secca folhagem pisando subtil.
Refuga o cavallo na mão do valente,
Como um pyrilampo clarêa o fuzil.

Sua arma querida que não desfogona,
Diabo!... medrosa!... lhe mente esta vez;
Medroso o cavallo tambem lhe abandona,
Lançando-o por terra, n'um gyro que fez.

Mas elle, que a queda previne adestrado,
De um salto adiante se firma de pé!
Com as redeas seguras, cabello eriçado,
Lembranças perdidas, nem sabe o que é!!...

Ninguem lhe apparece. Cavalga ligeiro;
Palavras soturnas murmura e sorri.
Caminha... e sahindo n'um largo terreiro,
Quem visse-lhe o gesto, diria é aqui!...

De certo a aragem campestre
Levemente sussurrou
Na palha. Uma estatua equestre
Diante da choça brotou.

Mas eil-o já de pé. N'um braço d'arvore
Enfia as redeas, e o ginete espera.
Avança e pára... O coração se encolhe.
Com o ferro em punho, de bainha argentea,
Faz um aceno rapido de sombra,
Como impondo silencio á natureza,
E ao monstro horrivel, que lhe morde n'alma,
Avança e chega. — Cede a porta fragil.
E entra lugubre o espectro da vingança.
Na lareira incinzada um lenho ardendo
Brota de um sopro a tocha, que allumia
O miserrimo alvergue. Olhou em roda,
E nos labios correu-lhe um riso tremulo,
Porque ella apparece emfim! coitada!...

Resona a pobre, despida,
Com o corpo todo risonho,
Suada, lidando em sonho
De amor e beijos talvez...

Como que um tepido orvalho
Sobre ella a noite derrama,
E lingua de etherea flamma
Lambe-lhe a florea nudez.

Elle a vê... sua irman!... Retira os olhos,
Lança-lhe em cima um véo, que acaso encontra,
Chega-se a ella, trava-lhe do braço,
Sacode-a e diz: — acorda, eu vim matar-te!
Mal estremunha, a victima conhece
O seu algoz, que descarrega o golpe,
Rugindo: a um velho pae este offereço,
E mais este, que é meu, e, agora morta,
A punhalada ultima, profunda,
Seja este beijo, que saudosa envia-te
Por despedida minha mãe... Calou-se.
E o toque desses labios enraivados,
Que poisaram na fronte de um cadaver,
Queimando-o, lhe deixou medonho estigma.

Já começava a desbrochar, corando,
A papoula dos céos, a aurora. Os passaros
E as flores confundiam suas preces.
No momento em que as choças humilhadas
Aos pés da Virgem Santa um hymno erguendo,
No levante a sorrir, a alva tremia,
Como cruz de diamante em seio pallido,
E suavissimas vozes de donzellas
Cantavam — *Salve, stella matutina!...*
Passava um cavalleiro á trote surdo
De agitado corsel. Com as mãos crispadas,
Olhos torvos, cabeça descoberta,
Que os bafos matinaes não refrescavam,
Era horrivel!... O ancião rustico e forte,
Que madruga, aspirando o aroma puro
Da guabiraba a se benzer dizia:
«Nunca vi de manhan cara tão feia!...» (1)

(1) *Dias e Noites*, pag. 55.

Seja agora uma scena das cidades, uma scena da vida civilisada dos salões. E' a disputa acre entre um marido vilipendiado e sua bella e pervertida mulher. E' a *Lenda Civil :*

« A lua é meio loura, o ceu sereno.
Desperta, alegre, estremecida, languida,
A noite é uma viúva de quinze annos,
Que prostitue-se envolta em trajos negros...
E' a hora em que, ao ouvido attento, sôa,
No relogio e no peite palpitantes,
O tropel dos momentos que galopam
Fugitivos após do immenso nada.

Branca cidade avulta ao pé dos mares ;
E os seus templos, em extasis tranquillos,
Erguem as torres, como orelhas fitas
Escutando o silencio das alturas...
Porém lá, d'onde vém uns sons d'orgia,
Palacio ingente, resfolgando estupido,
Com os seus petreos pulmões atira aos ares
Baforadas de musica e prazeres ;
Salão de baile festival ruidoso,
Tonto de aromas, um paúl de luzes,
Onde batem rasgados, descobertos,
Corações femininos, impalpaveis,
Que escorregam das mãos cheias de lodo...
E' alli que uma deuza attrae e prende,
Em longos fios de cabellos negros,
Almas seccas, nutridas nos seus labios :
Luminosa metade de uma sombra,
Isto é, de um marido que lhe serve,
Idióta como um cão... N'um angulo escuro,
Como sua alma, habita o desgraçado.
Dorme, ronca, desperta horrivel, sujo,
Massa rude, animal, esboço d'homem !
Geme ás vezes tambem ; seus ais são uivos...
E ella em baile a sorrir !...

Gracil, mimosa,
Ao aperto do cinto, que lhe adorna,
Aos abraços do amante, espande brilhos,
Como flôr que rescende machucada.
Inflammavel morena que esperdiça
De seu rosto suado as bagas de ouro,
E, arfando em ondas de vaidade e seda,
Nos frescores do linho a tez banhando,
Fala, e seu bafo matutino, ethereo,
Embebe as almas, embriaga as flôres.
Collo nú, seios tumidos, que lembram
Rigidos papos de selvagens pombas,
Bocca cheia de perola e doçura,
Tingindo de emoções as faces... ella,
No cenho grave, nos olhares ervidos,
No voluptuoso sacudir das tranças,
Dizer parece ao homem que a comtempla:
« Eu sou rica, eu sou bella, eu sou... infame! »

Pouco a pouco escoava-se a torrente;
Cessara o riso, o crepitar do espirito;
Morrera a lua. A noute penetrava
Na flôr que abria; o mar, sultão lascivo.
Babava as plantas da cidade nua.
Cahia o orvalho; a terra-mãi chorava
No noivado da sombra e do silencio.
Na sala exhausta as luzes somnolentas
De suave clarão banham as faces
Da *senhora*, que fulge reclinada
Em colchins de molleza, desleixosa.
Pesa-lhe o somno na cabeça languida,
Como gotta de chuva em floreo calice.
Fogem-lhe os olhos tremulos, cadentes,
Que vão lá s'immergir adormecidos
No oceano interior d'alma enfadada...

Está só. De repente se escancára
Porta occulta, que atira um vulto horrivel,
N'uma golphada lugubre de sombra,

Que vem manchar aquella claridade.
E' elle, o triste, o misero que soffre...
Vendo-o, a deidade nem se quer se move.
O espectro vivo se aproxima d'ella,
E com as mãos affagando-lhe por cima,
Como rasgando a nuvem que a circunda
De luz, de sonho e de deslumbramento,
Ajoelha-se, pega-lhe na dextra,
Querendo-a só beijar... Ella! o repelle,
E, dando-lhe com o pé, toda agastada,
Diz-lhe: « Sae-te d'aqui; porque não morres? »

Ai! que esta acção bateu-lhe como um raio,
Como um raio aclarando as trevas intimas;
E o calado, miserrimo, indolente,
De um salto pôz-se em pé, grande, sublime,
Da estatura de um tronco solitario,
Que range, como dentes de gigante,
Pelos rabidos ventos açoitado....
Com os dedos descarnados penteando
As crinas do leão, que surge n'elle,
Abre a custo um sorriso tenebroso
De sarcasmo, de insania e de amargura.
Fica assim a pensar, como escutando
O ruido que faz sua cabeça,
Que lhe parece decepada, enorme,
De degráo em degráo rolando tonta
Na escadaria lobrega do inferno.
Treme; e, como um punhal na mão cerrada,
Aperta a raiva, a sêde de vingança;—
Dá um passo,— inteiriça-se, e murmura:
« Como os outros vão rir d'este homem mocho!?...
Na verdade, que o facto é bem notavel:—
Soffrer, soffrer, soffrer, e n'um instante
Dizer: não soffro mais! Porque não morro?...
Perguntaste; pois bem, acceito a morte.
Anda, brinca, sorri, deuza, morena,
Linda, moça, feliz, lasciva... diabo!

Eu sacudo dos hombros esta vida
Salpicada de infamias e miserias;
Não quero-a mais viver. Minha deshonra
Fica só de uma côr, a côr do sangue!
Uma nodoa sómente, a de assassjno!
Ah! mulheres crueis, falsas... bonitas!
Corrompem-se, e depois que venha um anjo
Amarra-las á cruz pelos cabellos:
Magdalenas, chorosas, penitentes,
De joelhos cahidas, desgrenhadas,
Mendigando perdão! Será verdade
Que Deus crè n'estas cousas? Não te toco;
Vae lavar-te, criança enlameada;
Vae lavar-te, e depois... mas em que fonte?
Inda mesmo que Deos te mergulhasse
Na luz do abysmo, d'onde os sóes borbulham,
E a meus olhos sequiosos, que não choram,
Te mostrasse lavada, branca, núa,
Eu diria ao meu Deos: tem lama ainda!

Como surgindo vão do peito agora
Brios que herdei de minha raça de onças!
Lembro-me que a meu pai contei um dia
Ter visto minha irmã com os pés descalços,
Desvairada, ella só, falando a um homem,
E elle me perguntou: onde enterraste-a?!
Vê meus dedos, repara... elles tèm garras,
E eu deixei-as crescer para matar-te!»

Suffocada de fogo a voz lhe falta;
O infelice recúa. A bella immovel
Tem os olhos cravados no phantasma;
Arrebenta-lhe estupida risada,
Cheira uma roza e diz: «Sempre és um bruto!...
Admiro a transição, pasmo de ver-te
Impetuoso e feroz; mas não me assusto!
Vamos!... grita ao punhal, açula os raios,
Os despresos, os odios fulminantes,
Que venham sobre mim. Ah! que me importa?!

Tenho sêde de chamma! Anjo ou demonio.
Sob as azas do sol me aqueço e durmo...
Vaidoza! e porque não, si é que sou bella?
Sonhos de amores perfumosos, tepidos,
São effluvios de mim, que exhalo-os n'alma
De quantos honro com a deshonra minha...
Bella infame!... Olha, tu,— que te parece?
D'este seio é que sae a estrella d'alva!...»

Oh! dir-se-hia que tinha enlouquecido
A pobre da mulher que assim falava;
Cega, raivosa, pallida, risonha,
Toda agitada de um tremor esplendido.
Volvendo as roupas, que o seu corpo engolpham,
Ao refluxo da sêda um pé mostrando,
Deixa ver arrendados deslumbrantes,
Como de um oceano a escuma alvissima;
E, da vaga ao abrir, pula nos olhos
O fulgor de um diamante em charpa de ouro,
Que é da cintura, e serve-lhe na perna...
Murmurarão talvez: «que perna grossa!»
E eu lhes respondo: «que cintura fina!»

O raio doudo, que a mulher vibrára,
Varou chiando o coração do espectro.
«Porque não posso, brada o homem féro,
Metter a mão no fundo de minha alma,
E atirar-te na cara as cinzas d'ella?!...»

O negocio vae mal, não continúo;
Que a cousa se complica, lá se avenham...» (1)

Sejam, finalmente, as emoções diante de um artista que com as sonoridades de um instrumento encantado electrisava os corações. E' o *Ao rabequista Moniz Barretto Filho:*

---

(1) Não vêm nos *Dias e Noites.*

« Houve um tempo em que as artes, recolhidas
Nas santas solidões do claustro fundo,
Eram pallidas monjas, embebidas
Nos louvores de Deus, longe do mundo...

A musica tambem gemeu captiva,
Fugio do templo atràs da liberdade,
De soror fez-se atriz no palco altiva;
Mas não perdeu a sua virgindade.

Para ella, essa deusa a quem falaste,
Parece que o Senhor te destinava;
Que assim dos olhos seus inda limpaste
As lagrimas do céo que ella chorava.

Como uma imagem, que sonhando abraças,
Tua rabeca, em poetica vertigem,
Tem mais risos, mais perolas, mais graças
Que a bocca meiga de mimosa virgem.

Tanta harmonia divinal, bemdita
Tem um fundo de amor que ninguem sonda;
Em cada coração, que aqui palpita,
De além dos mundos vem quebrar-se a onda.

Na corrente dos sons fluctua a vida
Com seus ais, seus anhelitos, seus prantos;
E tua alma é a fada adormecida
Nas vagas d'ouro desse mar de encantos.

Pura, como o respiro da innocencia,
Sahe das cordas a voz evaporada,
Que se espalha no ar, como uma essencia
De flôr querida, ou de mulher amada...

Dessa altura, eu comprehendo
Que possas tu genio ser,
Genio da patria estupendo,
Que ser maior é morrer,
Isto é, sacudir a poeira
Da vida, e com a aza altaneira
A natureza roçar,
Deixando o mundo maldito
Teus vôos pelo infinito
Longo tempo a contemplar.

O talento em seus fulgores
Banha, embebe as multidões;
O pasmo atira-lhe—flôres,
A inveja vil—maldições...
E elle diz: não esperdiço:
Tudo se presta ao serviço
Da obra descommunal...
Para a cr'ôa apanho os cultos,
E os motejos, os insultos
Servem p'ra o seu pedestal.

Na linguagem do céo—genio e grandeza,
Na linguagem da terra—pobre artista!
E' assim, porque Deus, baixando á terra,
Se rebuça nas noites tenebrosas,
Ou, quando ao mundo envia os seus archanjos,
E' sempre n'uma nuvem que os encobre...
Oh! tu és grande!— sim, poeta do arco!
Tu que sabes tirar notas sentidas,
Filhas do coração, preciosas, fulgidas,
Coma joia, que treme em collo alvissimo;
Notas que saltam, borbulhosas, quentes,
Como rojam da palpebra da moça,
No arfar no seio, as lagrimas primeiras,
A primeira expressão dos seus amores...

Por entre a luz de incendiada sarça
Das intimas visões, diz Deus ao genio:
O que tens a teu lado?
A minha lyra.
Calca-lhe o peito, sonda-lhe as entranhas;
E ella exhala perfumes, brota risos,
Golpha prantos, riquezas, luzes, sonhos...
O que tens a teu lado?
O meu thesouro.
Derrama, entorna-o sobre o mundo absorto...
E nesse despenhar de sons angelicos,
Suspiram aves, esvoaçam flores,
Correm auras celestes, redolentes,
Que balançam brincando os lyrios d'alma;
Passam meiguices, murmurar de afagos,
Tremer de labios, estalar de beijos...
O que tens a teu lado?
Oh! uma virgem!
E' tua gloria: abraça-te com ella!... »

Diante destes exemplos, que deixamos de multiplicar por brevidade, comprehende-se bem quão falsa foi a idéa de ser este escriptor um poeta *bombastico*. A leitura de suas producções prova o contrario. Nas poesias propriamente *condoreiras*, como *Vista do Recife*, *Voluntarios Pernambucanos*, *Vôos e Quedas*, *Capitulação de Montevidéo*, *Genio da Humanidade*, teve sempre a habilidade de elevar-se sem chegar ao incongruente e ao affectadamente empolado. E ao lado dessas producções soube espalhar uma grande multidão de canções lyricas, deliciosas de mimo e doçura. Ahi chegou á simplicidade sem cahir jamais no chatismo. É o caso do *Beija flôr*, *Amemos*, *Polka Imperial*, *A uma poetisa*, *Oito annos*, *Supplica*, *Dá-me depressa*, *Pelo dia em que nasceste*, *Consente*, *Idéa*, *Tu me entendes*, *Penso em ti*, *Amalia*, *Incredula*, e muitas mais, graciosas de naturalidade e delicadeza, umas publicadas nos *Dias e Noites* e outras ainda esparsas nas paginas dos jornaes de Pernambuco.

Em resumo: a acção de Tobias Barreto na poesia foi reagir contra o nosso velho lyrismo lamartiniano e choramingas, que em 1862-63 tinha chegado ao extremo da banalidade.

A reacção fel-a elle quanto ao fundo e quanto á fórma.

Quanto ao fundo, abandonando o subjectivismo completo e impertinente e procurando assumptos mais geraes, quer da vida social em suas diversas gradações, como no *Genio da Humanidade*, bello fragmento onde lança um olhar sobre a evolução humana em geral, em *Lenda Civil*, em que trata de um episodio dos salões, em *Lenda Rustica*, que se refere a um drama da vida sertaneja, em *Os Tabaréos*, que se reportam a uma lenda popular da noite de São João, em *Trovadores das Selvas*, que cotejam a vida campesina com a das cidades, em *Scena Sergipana*, que fala de recordações da infancia nas populações provincianas; quer, especialmente, procurando assumptos patrioticos aptos a estimularem a alma da nação, como em *Vista do Recife*, *Voluntarios Pernambucanos*, *Leões do Norte*, *Sete de Setembro*, *Decadencia*, e outras; quer, finalmente, aproveitando as emoções altruistas e civilisadoras das artes, como em as poesias dirigidas a *Reichert*, *Arthur Napoleão*, *Bottini*, *Senespleda*, *Moniz Barreto Filho*, *Adelaide do Amaral*, *Cortesi*, *Libia Drog* e quarenta outros artistas de talento.

Quanto á fórma, a reacção fel-a elle innoculando nos versos mais audacias de linguagem, mais impetuosidade de movimento, mais turbulencia de imagens, *ad instar* da reforma de Hugo no lyrismo francez.

Eu documentaria todas as minhas proposições, si não tivesse de attender a que o espaço me vae faltando.

Eis ahi o que foi Tobias como poeta, um lyrista brilhante pela imaginação e commovedor pelo sentimento.

Paulina Moser, poetisa allemã, nos bellos versos

que lhe dirigiu, diz que elle no *allemanismo* achou o genio que o ha de levar á immortalidade:

> Nationalstolz auf Wahrheit gebaut
> Wolt allemal Ehr und Achtung gebührt;
> Du, Meneses, hast im dem Deutschthum geschaut
> Den Genius, der Dich zur Unsterblichkeit führt.

Eu o creio bem; mas ainda quando o *teuto-sergipano* não houvesse escripto uma só palavra como prosador, seu nome ficaria garantido por suas producções poeticas, seria sempre lembrado como o chefe de uma importante escola nacional de poesia.

Vejamos o ensaista.

O Brazil é um paiz de leguleios; a formalistica nos consome; todas as nossas questões se resolvem pela praxe. Todos os modos de viver, até os intellectuaes, estão aqui de antemão determinados; seguir a *rotina*, que é o mais seguro, é maxima, herdada de portuguezes, que nossos pais cuidadosamente nos ensinam!... O espirito publico, de mãos dadas com o poder, pune com o mais duro abandono qualquer tentamen de levantamento; os mais empenhados no castigo são os chamados *litteratos*...

Tidos e havidos, na linguagem forense, pelos guias seguros do pensamento brazileiro, são os mais tenazes defensores da rota-batida. Um systema desfarçado de captiveiro intellectual, tendo a sua base na primeira educação e passando pela escola e pelas academias, garante o exquisito resultado.

O peior é que a liberdade de pensar parece ter guarida no seio de nossas leis, e tem-na de certo até um ponto; o vicio radical, o germen da fatal molestia vem de muito longe, está enraizado no amago de nossos

habitos... Muitas das manifestações da vida espiritual brazileira, d'aquelles santos impulsos porque as nações procuram realçar, são vasados em moldes avelhentados, e tem um certo ar de senilidade... O facto, é porém, no todo inconsciente; o povo brazileiro possue tambem seus desejos e suas esperanças de reformas e de verdadeiro progresso...

E' inexacto dizer-se que, em regra, nos suppomos grandes. Já agora é moda proclamar o contrario e bem pouco temos conseguido de melhor. Um empenho, que julgamos serio e que nos absorve, é o maior factor de nossa depreciação: é a mania da *legalidade* e de tudo o que com ella se parece. A melhor e mais brilhante carreira que, na idéa de todos, póde ter diante de si um moço brasileiro — é, como se diz vulgarmente, *formar-se em leis;* o homem que se julga com direito a esperanças n'um grande futuro, põe toda a sua mira em ir ao parlamento exhibir-se na sabença da *legislação;* o individuo do povo, em certas circumtancias, não tendo de que viver, faz-se *rabula!*... Assim, por toda a parte é o sonho da lei, por toda a parte a obstinação da praxe. como o alvo supremo.

E' por isto que temos uma bibliotheca inteira de pequenos legistas, mas nenhum livro original de philosophia; tantos, e, por nós, tão celebrados juristas; ma. nunca tivemos um grande sabio... O espirito que nós anima é um consorcio hybrido de pantosophia e de romanticismo sobre a velha crosta legalisante, e, si a isto juntar-se o tão bem achado *sestro do palavreado e predilecção pela rhetorica*, comprehender-se-ha porque temos tantos palradores, mas nunca tivemos um critico.... Nossa litteratura scientifica fornece provas abundantes de nossa pobreza e de nossa aversão ás pesquizas desinteressadas.

Mas nem se faz preciso subir até lá, para indicar a grande anormalidade; appellemos para a experiencia de todos os dias. Não sei si haverá entre nós quem se

abalance a dizer que neste paiz se póde fazer vida de escriptor; não sei si haverá quem conteste que é logo ferido do geral agouro de ficar isolado e perdido quem ousa avistar-se com os profundos e pestilentos prejuizos que nos deprimem. Fóra do *funccionalismo* não ha salvação, é o brado commum atirado aos homens de letras do Brazil. Tudo isto—triste herança portugueza...

Ora, pois; nestas condições é que Tobias Barreto ousou, segundo sua propria expressão, *pôr o dedo em cima do aleijão que nos deturpa.* (1)

Louvo ainda mais o seu grande desprendimento moral, sua integridade e fortaleza de caracter do que a sua intelligencia. E' o civismo nas letras; bem haja aos eleitos que o tiverem, e este escriptor o tem. Sua indole é propria para arcar com os abusos e affrontar o isolamento; como aos bons e fortes temperamentos, distingue-o um certo gosto de luctar, e lhe não tem faltado os inimigos, porém, epigonos, anonymos.

Mas cheguemos ao nosso objectivo; o valor exacto dos productos do escriptor.

A principal influencia a que tem elle cedido pelo lado da sciencia é a lição dos bons escriptores allemães.

Ahi mesmo mostrou um rasgo de originalidade; foi o abandono completo dos insignificantes e depreciadores modelos lusos e francezes, ousando alçar as vistas, por um impulso todo subjectivo, para estrellas mais fulgentes. Elle tem, em dóse assaz elevada, o sentimento de seu tempo e sabe facilmente pender para onde o espirito do seculo irradia mais vivace. Abramos o mais antigo de seus livros de critica.

E' uma collecção de seis ensaios em que o escriptor fragmentista trata de assumptos de philosophia, de critica religiosa, e de litteratura no bom sentido da palavra.

---

(1) *Um Signal dos Tempos*, n. 5 de 22 de agosto de 1874.

Quero levar o meu leitor aos pontos culminantes do mencionado volume.

Desde logo, o estylo do escriptor exige algumas ponderações. A prosa portugueza é a mais atrasada e imperfeita das linguas neo-latinas. Até hoje não tivemos um só prosaista comparavel aos reconhecidos chefes da estylistica (1) franceza, italiana e hespanhola, sobretudo aos da primeira.

Nossos classicos mais afamados do seculo XV, XVI e XVII, em geral ermos de graça e de finezas, não possuiam a grande arte do periodo. Sua periodica é longa, pesada e fatigante; não se lhe nota o movimento e o brilho dos grandes mestres francezes, por exemplo. (2)

Quasi o mesmo se dá com os pretendidos guias da lingua neste seculo; estes são de duas categorias; os adeptos do romantismo luso, um Herculano, um Castilho, e os chefes da nova escola litteraria portugueza, um Braga, um Coelho, um Vasconcellos. Os primeiros, preoccupados com os privilegios inexcediveis da *sublime* lingua camoneana, tinham paixões archaicas singulares derramadas n'uns periodos retumbantes.

Apaixonados pela linguagem de *ouro de lei*, namorados da rhetorica, seu estylo foi pouco para imi-

---

(1) Esta palavra—*estylistica* foi pelo auctor dos *Ensaios e Estudos* entre nós introduzida, bem como outros indispensaveis allemanismos, *jornalistica*, *romantica*, *periodica*... os quaes estão para estylo, jornalismo, romantismo, periodo... na mesma relação em que se acham os já existentes neologismos tambem indispensaveis,—*caracteristica*, *metrica*, *genetica*, para caracter, metro, genesis, estas palavras significando a cousa e aquellas a theoria, o systema, a organisação.

(2) Sobre vistas geraes quanto ao estylo, podem ser consultadas as idéas interessantes a respeito emittidas pelo nosso escriptor no artigo *Ideias sobre os principios da estylistica moderna*, publicado no *Signal dos Tempos*.

tar-se. Não sei si alguma lingua apresentará paginas mais enjoativas, com pretenção aliás a grande prosa, do que as do fallecido Visconde de Castilho. Seus escriptos originaes e suas traducções, não em verso, dão-nos avultados exemplos da especearia. O proprio Alexandre Herculano, que, incontestavelmente, sabia inspirar algum movimento, alguma vida aos seus periodos, não deixava de ser, não raras vezes, um tanto pesado.

Os novos escriptores portuguezes têm a immensa vantagem de aborrecer e afastar a *rhetorica* e a *phrase*; mas não são apreciaveis prosaistas; cahiram no extremo opposto ao dos velhos declamadores da romantica. Incorrectos, esmorecidos, atrophiados escapam-lhes os periodos. (1)

Não sei si Braga, Coelho e Vasconcellos terão a pretenção de ser tão versados nos asperos e fatigantes estudos da philologia, e nas trabalhosas e aridas pesquizas da erudição, da exegese religiosa e historica, como um Ernest Renan, por exemplo.

Quero suppor que não, e, todavia, dispoem elles daquellas graças e delicadezas de expressão familiares ao illustre critico, igualmente distantes da rhetorica e do chatismo? Quero ainda suppor que não. E' um engano acreditar que o muito saber, e a gravidade das ideias scientificas não se coadunam com o escrever bem; como é um erro grosseiro suppôr que só nos hys-

---

(1) Falo dos escriptores portuguezes que tomaram parte naquelle esteril e um tanto ridiculo movimento, que se chamou a *reacção*, e depois a *escola coimbran*, cuja maior vantagem foi achar-se em lucta com individualidades litterarias ainda menores que os pequenos *innovadores*. Caracterisava a *nova escola* uma palavrosidade, um *campanudismo* de linguagem sem rival na historia intellectual do velho reino. Todavia, cumpre dizêl-o —, passado o primeiro momento, e renegados certos desconcertos pueris, alguns dos moços rebeldes tomaram uma mais vantajosa direcção.

terismos da phrase se acham as molduras de um apreciavel estylo.

Entre nós os prosaistas estão em geral ainda na velha phase das palavras para *effeito*.

Com Ed. Scherer, o elegante critico como diz Laurent, acredito que o segredo da prosa está na arte do periodo, que deve primar pelo movimento e brilho a par da clareza e da simplicidade. São os altos predicados do estylo; ninguem mais do que o escriptor mencionado os possue; ninguem melhor do que Tobias Barretto os transportou para a lingua portugueza. Presente-se que o seu mestre da forma foi exactamente o insigne ex-professor de Genebra.

Lêem-se todos os livros do auctor patrio e não se tropeça na phrase nem na chatesa da expressão. Tanto mais singular, quanto, na qualidade de poeta, é um dos mais arrojados na pompa das metaphoras, e, como prosador maneja uma lingua ainda não muito afeiçoada aos segredos e caprichos das especulações philosophicas. Elle é um exemplo de que se póde bem alliar a imaginação a uma séria reflexão, sem que uma destas qualidades vá marear a outra. O romance e a poesia não impediam o espirito severo de Disraeli na pratica dos negocios do Estado.

Como prova do que pode o nosso poeta como prosaista transcrevo para aqui a pagina seguinte, uma das mais completas da lingua portugueza, sob o ponto de vista da forma. A equação entre o pensamento e a sua natural expressão nota-se ahi perfeita:

« Eu já disse; o defeito capital da psychologia, como sciencia de observação, é a falta absoluta de dados para se formarem exactas e profundas previsões.

O mundo physico, em seu vasto e intrincado arranjo, pode sempre causar admiração ainda mesmo aos espiritos mais cultos; porém não causa espanto.

A ideia de *ordem*, que é um producto ulterior da intel-

ligencia, faz succeder ao primitivo abalo, suscitado pela natureza, o sentimento da harmonia e da razão das cousas. Entretanto, essa ideia não tem tido a mesma força no mundo moral.

O espectaculo dos homens, dando a ver, por palavras ou acções, algum novo recanto do seu coração, todos os dias nos assombra. Irrecusavel signal de inteira ignorancia, quanto á ordem que reina. e ás leis que se executam nos dominios do espirito.

N'este meio, que tem feito a illusoria sciencia? Apenas consagrar um sem numero de erros e autorisar, em seu nome, os mais agros rigores, as violações mais crueis. Nós vemos diariamente a sociedade, baseada em um supposto conhecimento do homem, arrogar-se o poder de sorprendel-o no retiro de sua consciencia, afim de assistir a todas as evoluções genesiacas do crime.

E' d'est'arte que o direito penal decompõe o acto criminoso em elementos successivos, partindo da intenção. Manejando os chamados principios psychologicos, julga ter penetrado na essencia da criminalidade.

Innumeras são talvez as victimas cahidas sob tão fatua pretenção dos legisladores e philosophos. Si ha uma razão para explicar porque os calculos humanos tanto falham, no que interessa ás relações sociaes, é que as almas nunca chegam a conhecer-se mutuamente, e a psychologia não descobre uma só das leis que determinam a formação do individuo. Não canço de repetil-o; a sciencia do *eu* implica contradicção.

Abstrahido da pessoa e do caracter que a constitue, o *eu* — é cousa nenhuma; nada significa.

Mas onde estão as inducções scientificas, feitas de modo que possam garantir nossos juizos sobre a marcha normal da personalidade alheia? Eu disse alheia, e podéra tambem dizer propria.

Todos sabemos, por experiencia, que, ás mais das vezes, o que nos desarranja e nos perturba, no curso ordinario da vida, é a ignorancia de nós mesmos, da força das nossas paixões, ou da fraqueza de nossa vontade.

Não sei qual seja o psychologico capaz de medir com o olhar da reflexão toda a extensão de seu ser.

Não sei quem foi que desceu ao fundo do abysmo, e voltou trazendo na bocca a palavra do enygma, E já lá vão centenas sobre centenas de annos, depois que a sciencia da alma trata de constituir-se e orgãnisar-se!

Não obstante, é ainda hoje insufficiente para fornecer ao homem uma noção, menos ambigua de si mesmo. Taes são por certo as minhas convicções, que me parecem baseadas nos factos. Com tudo isso, é aqui o momento de advertir que não rejeito absolutamente os trabalhos de observação subjecfiva.

Julgo applicavel á psychologia o que disse da economia politica um jurista francez; ella não é uma sciencia, mas apenas um estudo; e eu accrescentaria—um entretenimento.

Não contesto se possam adquirir, por este meio, noções mais claras do papel e d jogo mutuo das nossas faculdades.

Esse *exame de consciencia*, a que se entregam os psychologicos professos, sem ser de utilidade geral, encerra talvez algumas vantagens pessoaes. Pelo menos o habito da reflexão é um obstaculo sério aos impetos apaixonados.

Os mysticos servem de exemplo. Não se leva a reflectir contiuuamente sobre a a ma e sua natureza, sem acabar por cahir-se em uma especie de indolencia e torpor, que neutralisa as suggestões sensiveis.

Eu duvido que um pensador, ao geito de Jouffroy, tenha tempo e disposição para engolphar-se em qualquer doce corrente do mundo visivel.

Sem ironia, apresso-me em declaral-o; o espectaculo de um homem que empallidece de viver sempre atufado no antro escuro de seu proprio pensamento, respirando apenas por minutos o grande ar da vida commum, tem de certo alguma cousa de tocante.

Não é uma vocação, que me pareça invejavel; é um nobre esforço, que se pode admirar, juntando á admiração sincera pena de não vêl o empregado em materia de mór proveito.» (1)

---

(1) *Ensaios e Estudos*, pag. 31.

Esta citação foi feita logo com o intento de deixar ver algumas das ideias do escriptor. E' pelo conteùdo d'ellas, e sem que devamos jurar em todas, que devo de preferença definil-o.

N'este ponto levanta-se tambem uma questão de prioridade, que é resolvida a favor do auctor dos *Ensaios e Estudos*. Na reacção philosophica e, logo depois, na defesa do allemanismo elle teve a precedencia.

Para mostral-o é sufficiente lembrar os seguintes artigos seus: *A proposito de São Thomaz de Aquino*, na *Regeneração* em 1868; *Resposta a Godofredo Autran*, no mesmo jornal e anno; *Sobre os Factos do Espirito Humano*, no *Jornal do Recife* em 1869; *Sobre a Religião Natural de Jules Simon*, no *Correio Pernambucano* no mesmo anno; *A Força Motriz*, no *Jornal do Recife* no mesmo anno; *Moysés e Laplace*, na *Crença* em 1870; *Theologia Rationalis-confutatio*, na *Crença* na mesma data; *A Religião perante a psychologia*, no *Americano* na mesma data; *Notas sobre a Critica Religiosa*, no *Americano* em igual tempo; *Atraso da Philosophia entre nós*, no *Jornal do Recife* em 1871.

N'estes diversos escriptos começou o ensaista a modificar gradualmente a velha intuição tradicional e a acompanhar as novas ideias propagadas na Europa pelos pensadores da segunda metade deste seculo.

Prosigamos em nossa analyse do pequeno e mais antigo livro do auctor.

O ensaio *A sciencia da alma, ainda e sempre contestada*, o primeiro da collecção que apreciaamos, é uma tentativa de revolta contra a psychologia, como sciencia, qual vemol-a nos livros dos escriptores francezes filiados ao eclectismo do principio do seculo.

O auctor não nega a sua possibilidade e vantagens como estudo e entretenimento, segundo já vimos; contesta-lhe, com razão, os fóros de uma sciencia em regra. Sem ser nova a these, como elle proprio o reconhece,

revistiu as vistas das escolas — critica e positiva — de argumentos,e ponderações originaes. Entre outras, o são as espalhadas na pagina brilhante sobre a celebre confissão de Jouffroy, quanto á queda de suas crenças.

O nosso critico mostra que o philosopho encomiado fez illusão sobre todos e sobre si proprio; foi victima de um achaque romantico junto a uma cegueira psychologica.

Não é menos apreciavel o que diz sobre a memoria e a imaginação no trabalho das pesquizas no mundo psychico.

Ao total, elle não se limita a mostrar que uma genuina sciencia d'alma é impossivel, por sêl-o toda a excursão no dominio dos factos subjectivos.

O estudo a que me refiro satisfaz plenamente os desejos de uma leitura exigente pela variada e amena cultura que se espalha por aquellas paginas. Sente-se que o philosopho é tambem um escriptor, no sentido especial da palavra. Aquellas laudas em resposta a Vacherot, sobre o papel e a importancia dos escriptos dos poetas e romancistas para os estudos psychologicos, são magistraes.

Quizéra que renhida fosse, como a fez, a lucta contra o decrepito subjectivismo cartesiano; mas arredado esse trambolho do campo da especulação scientifica, fôra para desejar mais abundantes esclarecimentos no tocante á psycho-physica, ou physiologia cerebral. Sim; desfeita a nevoa de uma sciencia de um sêr espiritual autonomo, especifico e independente, Tobias, que admitte a inquirição no dominio do homem interior como aproveitavel estudo, podéra, á exemplo de Bain e Spencer, nos dizer muito do que pensa e do que sabe a respeito de tão grave assumpto.

Aquelle seu escripto é um verdadeiro ensaio sobre o estado da sciencia subjectiva; muito asado era o ensejo para esclarecer-nos ainda mais. Elle, porém, conteve-se no dominio da critica, sem querer ultrapassal-o. N'este

ponto, um dos seus primeiros encontros é com o *je pense, donc je suis.*

Não só nega-lhe a força e prestigio para um portico indestructivel da philosophia, como estygmatisa a duvida methodica do velho patriarcha da philosophia franceza. As vistas do escriptor são deduzidas com uma ordem invejavel. Creio, porém, que déra ao celebre aphorismo uma importancia que elle não tem, e o combateu talvez n'um sentido que não foi realmente o seu.

Cumpre advertir que o philosopho empregou todo o rigor de sua critica sobre o referido apophthegma, como si elle tivesse o intento e a força de um raciocinio, de um argumento logico.

O *cogito, ergo sum* na mente do velho Descartes não teve o sentido que depois lhe deram seus discipulos e continuadores, todos menores do que elle, entre outros Charles Levêque, que o auctor brazileiro caustica com verdadeira superioridade.

E' este escriptor phantasista, que, segundo Nerée Quepat, *tem ares marciaes, e parece andar sempre fitando um ponto invisivel*, um dos que hão concorrido para fazer passar como um principio, e para mais expol-o, o celebre dito do illustre contemporaneo de Richelieu.

Conformo-me com o juizo de Thomas Buckle sobre o auctor do *Discours de la Méthode.*

Apparecido n'uma epoca em que principiavam a sazonar os primeiros e salutares fructos de Reforma, foi o iniciador do *livre exame* e da *independencia da razão individual* na esphera da philosophia. Seu scepticismo, como o de Chillingworth, foi dirigido, não contra a intelligencia humana, cujo poder proclamavam, mas contra os appellos para a auctoridade e tradição sem as quaes era, até então, supposto que ella não podia efficazmente caminhar.

O philosopho produzia um esforço para atacar os prejuizos de seu tempo e livrar-se o mais possivel d'elles: «Non que j'imitasse pour cela les sceptiques, qui

ne doutent que pour douter, et affectent d'être toujours irrésolus; car, au contraire, tout mon dessein ne tendait qu'à m'assurer, et à rejeter la terre mouvante et le sable pour trouver le roc ou l'argile» disse-o claramente. (1)

Era um arranco de *pessimismo* que não deixou de ser proveitoso, e que um homem como Tobias Barreto não deixará de apreciar. O apophthegma cartesiano foi uma formula, talvez não muito exacta, d'esse espirito. Com elle o philosopho não quiz dar uma prova da sua propria existencia, e sim tornar patente o criterio de sua doutrina: a força do pensamento e da razão. Repudiando a tradição e a autoridade ecclesiastica em que foi um dos primeiros a fazer brecha, appellava para o pensamento que é um signal de vida e de luz.

Depois de falar de um erro de Jobert sobre o reformador francez, diz, com exatidão, o escriptor britannico a que me hei referido: «A similar error is made by those who suppose that his *je pense, donc je suis* is an enthymeme; and having taken this for granted, they turn on the great philosopher, and accuse him of begging the question! Such critics overlook the difference between a logical process and a psychological one; and therefore they do not see that this famous sentence was the description of a mental fact, and not the statement of a mutilated syllogism.» (2)

A severidade da analyse do Tobias deve, pois, ter sido empregada contra as falsas illações do coêvo eclectismo cousiniano arido e inanido entre as mãos de um dilettante como Levêque. Este é um dos que têm falsificado o bom sentido, o que havia de aproveitavel, do systema do nobre pensador, um dos primeiros na Europa,

---

(1) Citado por H. T. Buckle, *Civilisation in England*, v. 2.º Veja-se toda a caracteristica de Descartes n'este volume, pag. 77 a 96.

(2) Vol, 2º, pag. 87.

que teve a coragem de pronunciar estas palavras memoraveis: « nous rejeterons entiérement de notre philosophie la recherche des causes finales. » (1) E' um anhelo que em ramo da sciencia contemporanea se esforça por abraçar.

Tobias Barreto, pelas qualidades de seu espirito, é verdadeiramente um *reactor*, e esta tendencia transparece em sua critica, fazendo-a ir além de seu alvo.

Elle toma conta aos descendentes de Descartes pelos erros accumulados por elles sobre a cabeça do mestre, e chega até a repudiar o grande pensador, uma das glorias do seculo XVII. Prefere-lhe, e n'isto vai alguma justiça, Spinosa, de genio mais profundo, ainda que menos variado. Ha excesso de despreso pelo idolo dos francezes. O motivo occulta-se, sem duvida, em phrases como esta de Levêque: « Ninguem ainda provou a falsidade da *equação* psychologica, estabelecida por Descartes: *eu penso, logo eu sou ;* a qual significa: *eu penso* equivale a *eu sou pensante.*» E' inexcedivel o desdem do escriptor brasileiro diante de tão extravagante declaração.

Palavreados d'aquelles é que hão desacreditado a philosophia

O segundo ensaio do livro do auctor sergipano se inscreve: *Uma excursão de dilettante no dominio da sciencia biblica.* Este titulo denuncia uma grave lacuna no quadro official dos estudos n'este imperio, além da nobre franqueza do escriptor.

Elle ahi exarou, com toda a sinceridade, o seguinte facto que é um dos symptomas da nossa mediocridade: não temos no paiz um só curso em que o conhecimento das linguas orientaes, a par da vasta sciencia da exegese religiosa e mythologica possa ser adquirido! A philologia e a critica religiosa não existem para esta região

---

(1) *Principes de la Philos. ;* part. I, secç. 28, nas *Oeuveres de Descartes*, vol. III, pag. 81 ; citado por Buckle.

da America. Os nossos letrados n'esse dominio do espirito não passarão, por muitos annos de dilettantes.

D'est'arte, um homem como o illustre critico sergipano, com toda a sêde de saber de que é dotado, acha-se na grande difficuldade de pisar segura e resolutamente no terreno da sciencia. Esta em seus mais altos ramos é de uma acquisição impossivel para nós, para todos aquelles que a não podem ir buscar na Europa ou nos Estados-Unidos. Mas os resultados de uma tão grande anomalia não se fazem muito esperar.

Ainda não ha muito, atravessamos a tão decantada questão religiosa. Os discursos do parlamento, ao lado das publicações do jornalismo politico, são um armazem curioso para quem quizer apreciar o deploravel estado de nossa cultura no que é attingente aos debates d'aquella natureza. Os trabalhos dos Baur, dos Strauss, dos Knobel, dos de Wette, dos Ewald, dos Castren, dos Lassen, dos Müller, dos Stanislas-Julien, dos Burnouf são como *non avenus* para este paiz...

Os orthodoxos de cá ainda se decoram com as armaduras de Chateaubriand e Balmès, de Ventura e Auguste Nicolas, e os suppostos adiantados não lobrigam além da *Origem dos Cultos* de Dupuis e das *Ruinas* de Volney...

Assim, nada mais apropriado, para nos caracterisar, por este lado, do que os escriptos de *Ganganelli* onde o voltairianismo esteril debate-se com a debilidade da critica, levando-lhe a victoria. Entretanto, para mais de um espirito de compatriota, elles desvendaram largos e novos horisontes á exegese critica brazileira... Esta, evidentemente, acha-se ainda no ponto de vista da *Deducção Chronologica* do Padre Antonio Pereira, e de sua *Prefação* á traducção da *Vulgata*.

O escriptor, que se assignava *Ganganelli*, é, sem contestação, o mais robusto orgão do pensamento livre no Brazil, por dous motivos capitaes: porque é o mais lido, — o que conta maior numero de sectarios, e porque

para ser um escriptor de voz um pouco retumbante neste paiz não são precisos especiaes dotes.

O livro *As Biblias Falsificadas* do general Abreu e Lima, que tanto ruido produziu, nutria-se de igual espirito. Ainda que mais illustrado que *Ganganelli*, Abreu e Lima encorporou nas suas paginas de polemista a mesma intuição do oratoriano portuguez. Tobias Barretto deu a mão a outros guias; Geiger, Dorner, Chwolson, Reuss, Scherer, Michel Nicolas, além dos grandes mestres reconhecidos da critica historica allemã, lhe são familiares.

No ensaio que nos occupa, seu fito principal é apreciar a celebre caracteristica dos povos semiticos de Renan.

O artigo traz duas datas — 1871 e 1873. Si me não engano, parece que a primeira tenção do escriptor fôra entrar bem largo no exame critico de uma das epocas do velho Testamento, fazendo a analyse dos ultimos capitulos do *Livro dos Juizes*.

E' este o intuito que transparece das primeiras paginas do artigo até o paragrapho V.

O autor suppõe a narrativa da instituição da realeza, por Samuel, escripta por um propheta do tempo dos reis, vidente que para melhor estygmatisal-os pinta a instituição como reprovada pelo seu proprio auctor.

Aquellas paginas são magnificas, e muito maior brilho adquirem, quando se pondera que foram as primeiras escriptas na lingua portugueza no dominio da moderna sciencia biblica. O resto daquelle bello ensaio pertence á sua derradeira data, e o escriptor, desvirtuando a sua primeira idéa, dirige-se á questão dos predicados geniaes dos semitas. Chwolson lhe fornece algumas de suas armas.

Ora, as asserções capitaes de Renan, que hão provocado, neste ponto, a contradicção, se reduzem a duas: o monotheismo *instinctivo* d'aquelles povos, e sua inca-

pacidade para as especulações altamente *scientificas* e para a *epopéa*.

Estas idéas foram espalhadas em 1858 e 1859 em sua *Historia geral e systema comparado das linguas semiticas*, e em as *Novas considerações sobre o caracter geral dos povos semiticos e em particular de sua tendencia para o monotheismo*, e combatidas, desde logo (1860) por Max Müller, que assim se exprime:

« Será possivel dizer que um instincto monotheista tenha pertencido a todas estas nações que adoravam Elohim, Jehovah, Sabaoth, Moloch, Nisroch, Bimmon, Nebo, Dagon, Ashtaroth, Baal ou Bel, Baal-peor, Baalzebub, Chemasch, Milcom, Andrammelech, Annamelech, Nibbaz e Tartak, Ashima, Nergal, Succoth-benoth, o sol, a lua, os planetas e todos os astros do firmamento? » (1).

O leitor perdoe-nos a terrivel nomenclatura de Müller. Muitos outros sabios sahiram ao encontro do celebre auctor da *Vida de Jesus* no encalço da falsa these do monotheismo instinctivo dos semitas, para um homem como o assyriologo Lenormant escrever estas palavras:

« A famosa doutrina de M. Renan a respeito dos caracteres essenciaes do genio da raça semitica, a qual generalisava para toda a raça, qual uma disposição commum, o genio particular do povo hebreu e o espirito do seu monotheismo, em que, todavia, deve-se enxergar, pelo menos, um facto historicamente excepcional no meio de todas as populações visinhas, quando se lhes recuse um privilegio de origem sobrenatural, esta doutrina, digo, foi refutada de um modo completo pelos sabios os mais competentes, e o seu proprio auctor não a defende já sem grandes attenuações. » (2).

(1) Artigo reproduzido nos *Chips from a german Workshop* traduzidos em francez por Georges Harris, sob o titulo *Essais sur l'Histoire des Religions*, pag. 469-

(2) Artigo *Le Déluge et l'Epopée Babylonienne*, publicado no *Correspondant* em janeiro de 1873 e reproduzido no livro *Les Premières Civilisations*, pag. 15 do vol. 2º.

Estas palavras denunciam claramente o sentimento do illustre philologo sobre o pretendido monotheismo dos povos semiticos; mas reconhecem-no quanto ao povo hebreu exclusivamente.

Eu creio que n'esta ultima nota se deve fazer alguma reducção em seu pensar.

E' innegavel, e os mais audazes seguidores da ideia do polytheismo de todos os semitas o reconhecem, é innegavel que o povo hebreu nunca possuiu uma verdadeira mythologia, mas é preciso dar provas de um completo desconhecimento, não lembrar a sua pronuncíada tendencia para a adoração dos deuses de seus irmãos de origem, tendencia tantas vezes suffocada pelo zelo dos prophetas, e tantas vezes repetida no curso de sua historia.

O facto, *historicamente excepcional*, da população judia não foi tão completo, como sôe parecer.

A' incapacidade, por outro lado, dos descendentes de Sem para as altas especulações scientificas, e para a epopéa, os ultimos avanços da assyriologia têm feito a justiça merecida. Ahi o escriptor, que invoco, mostra-se cheio de razão. Existe todo um cyclo mythologico e epico das crenças e acontecimentos da Assyria e de Babylonia. As inscripções cuneiformes denunciam tambem um serio arrojo puramente scientifico n'alma dos povos que representaram a brilhante civilisação d'Asia Occidental em epocas em que os Aryas não tinham ainda transposto os ultimos degráos da barbaria.

Não é sem motivo o referir as proprias affirmações de Lenormant: « Les tablettes cunéiformes prouvent que les sciences tenaient une grande place dans les préoccupations intellectuelles des Babyloniens et des Assyriens, et qu'ils y apportaient, à coté d'idées bizarres, un remarquable esprit de méthode.» (1)

---

(1) Pag. 114, 2.º vol.

Isto para as faculdades especulativas; quanto á poesia, diz-nos o sabio francez: « La découverte de M. Smith et les faits qu'elle permet de grouper autour d'elle, pour en confirmer les consequences, doivent désormais lever les doutes qui subsistaient sur ce point, et modifier, par la révélation du *cycle épique* de Babylone, les idées qui prévalaient encore dans beaucoup d'esprits.» (2)

O artigo de Tobias Barretto, apreciativo exclusivamente da historia e da intelligencia judia, nada refere sobre a questão do supposto monotheismo dos povos congeneres, nem sobre a sua presumida incapacidade para a epopéa; reduz-se, pela circumscripção de seu objecto, á affirmativa de que boas qualidades scientificas e litterarias couberam ao povo a que mais de perto dirige a sua predilecção. Sem desconhecer que os aryanos são dotados de maior força imaginativa, e de instinctos mais pronunciados de um progresso indefinido, elle lhes approxima os judeus, e a estes prefere, por algumas qualidades.

Estas, redul-as, lonvando-se em Chwolson, a tres: a temperança intellectual, que os privou de correr atraz dos enigmas da metaphysica; um pronunciado sentimento da individualidade, que os levou ás formas democraticas de governo e á ausencia de dogmas religiosos; e finalmente a profundeza e sensibilidade d'alma, que os inclinou sempre para o ideialismo elevado. Estas notas são exactas; a sua tonica, porém, me parece a ultima. Realmente a ella é que supponho deverem os judeus o privilegio inexcedivel de haver, com o christianismo, conquistado o mundo dos seus rivaes, a civilisação occidental aryana.

O escriptor sergipano não occulta seu ardor de *solemne sympathia* pela nação israelita. Dil-o com força

(2) Pag. 117, 2.º vol.

e verdade: « E' preciso que na alma d'esse povo tenha havido muita seiva, muito germen de grandeza intellectual e moral, para explicar o movimento, o attrahente espectaculo de sua historia. Ha uma palavra de Herder, que me parece bem fundamentada: Die Juden sind das ausgezeichnetste Volk der Erde... Fôra injusto e difficillimo contestal-o. Quaesquer que sejam as causas que promoveram a queda d'essa nação, é bastante honroso para nós outros, filhos da civilisação christan, reconhecer que devemos aos judeus uma boa parte do nosso capital de ideias e sentimentos mais vivos. Elles são um importante factor na historia da cultura occidental, não só pelo lado religioso, mas tambem pelo lado puramente litterario. É tempo de acabar com as illusões de uma pretendida incapacidade semitica em relação aos dominios da intelligencia. » (1)

Devemos, todavia, nos premunir contra o exagêro que facilmente pode irromper em nosso espirito. É justa a reacção contra o amesquinhamento da intelligencia semitica, como é exacta a denegação de lacunas que lhe não pertencem; mas é preciso não ultrapassar os verdadeiros limites que a sciencia manda respeitar.

As raças semiticas são bem differentes das aryanas e lhe são, a darmos credito a alguns naturalistas, alguma cousa inferiores, d'essa inferioridade que consiste em estar-se um passo áquem na escala evolucional.

A philologia, a historia e a anthropologia parece ahi estarem de accordo. Aquella, apontando nos aryanos uma familia de linguas mais abundante, mais variada e actualmente de mais vigor e futuro; a historia, mostrando o desenvolvimento semitico como anterior ao aryano, e, pela lei da evolução, menos profundo e completo.

De facto, por maiores que sejam os esplendores das

---

(1) *Ensaios e estudos*, pag. 71.

civilisações da Chaldéa, da Assyria, da Babylonia, da Phenicia, da Judéa e da Arabia, por mais que se lhes possa juntar os chamitas do Egypto, ellas não encerram esse espirito progressivo, esse caracter proprio para as transformações do espirito comtemporaneo.

A India, a Grecia e Roma passaram á Europa de hoje, com a Allemanha á sua frente, e á America, com os Estados Unidos adiante, esse *aliquid* que representa incontestavelmente o futuro da humanidade.

Os semitas são anteriores aos aryanos na ordem historica e, por isso mesmo, cederam-lhes a palma. É anti-scientifico negar-lhes as altas qualidades que foram capazes de supportar um tão profundo desdobramento de ideias; é um erro não reconhecer nas azas do moderno pensamento aquella que se agita ao sôpro dos semitas. Devemos-nos, comtudo, curvar á lei do transformismo que nol-os aponta como um dado anterior á evolução occidental. A anthropologia nol-os mostra como um grande ramo da raça branca, mas com alguns caracteres especificos.

O desenvolvimento physico e moral do semita é muito precoce e muito rapido; logo, porém, estaciona. Bem cedo as peças anteriores do craneo que contém os orgãos intellectuaes, ficam-lhe fortemente prezas e seguras. O crescimento ulterior do cerebro torna-se impossivel. É o que nol-o affirmam os naturalistas, segundo o testemunho de um serio espirito, ainda que um pouco eivado da *mania do hellenismo*, Èmile Burnouf.

Nada d'aquillo, em regra, se nota no aryano, cujos progressos são mais tardios e de um mais esplendido futuro. Além de tudo, o semita é pertencente ao typo de povos cujo maior desenvolvimento craneano é na parte posterior; elle é dolichocéphalo occipital, ao passo que os indo-germanicos são dolichocéphalos frontaes. (1)

(1) Émile Burnouf, *La Science des Religions*, Paris, 1872; pag. 318 e seguintes; Z. Moindron, *De l'Ancienneté de l'Homme*, 2me partie, pag. 48.

Este signal deve ter algum pêso, não para legitimar as affirmações renanicas, mas para prevenir os excessos em contrario.

Nos quatro artigos derradeiros do livro de Tobias encarnou-se uma ideia predominante em seu espirito: a superioridade da cultura alleman sobre a de todos os povos da actualidade e, como ponto opposto, como o nadir d'aquelle zenith, o abatimento de Portugal e do Brazil. A França occupa um lugar intermedio. Atravez da variedade de assumptos alli tocados e esclarecidos resalta aquella nota vibrada de preferencia. Fôra difficil negar a justeza de semelhante pensar. Não ha alli exclusivismo e acanhamento de vistas; o critico ama a Allemanha, mas seu amor é filho da reflexão. Nenhum paiz, a seus olhos, como aos olhos de todos os espiritos cultos de hoje, apresenta uma legião tão brilhante de grandes e nobres pensadores.

Mas leiam-se com attenção as paginas do critico brasileiro, e vel-o-hemos inclinar-se diante do inglez Darwin, do francez Comte, do belga Laurent, do russo Turgenief, do americano Emerson, do dinamarquez Brandes, do italiano Settembrini, nomes estes não mui familiares aos ouvidos nacionaes...

A polarisação é completa; o rigor para com os espiritos mediocres que abundam em Portugal e Brazil está justamente em relação ao gráo de enthusiasmo excitado pelos vivos luzeiros de outros paizes. Nenhuma selecção é feita ahi; entre portuguezes, por exemplo, velhos e moços, Alexandre Herculano e os jovens reformadores, todos são epigonos, aferidos pelo padrão dos grandes vultos européus. Subscrevo tão serias verdades.

Não posso comprehender as distancias e differenças de altura que se notam de um Garrett a um Theophilo Braga. Não é difficil encontrar quem prefira o primeiro, e quem vote pelo ultimo. Penso que um vale o outro, como homens representativos da evolução intellectual

do velho reino. Sob esta relação, não tem senso quem fala no adiantamento de Braga e no atrazo de Garrett.

Que fez este ultimo? Incutir de um modo imperfeitissimo no espirito portuguez as reacções que o romantismo, ha mais de cincoenta annos, espalhava da Allemanha sobre a Europa.

E que tem feito Braga? Não mais do que sujeitar-se á mesma lei fatal que coage os escriptores de seu paiz a ficarem mais de meio seculo atraz da sciencia de seu tempo.

Como poeta, é elle ainda hoje um romantico intratavel; inconsistente e contradictorio sonha com a poesia do *futuro*, elle que escreveu a celebre *epopéa cyclica* da historia. Fala em romantismo transformado em vista das necessidades *futuras* e escreve o poema do *passado!*... Como critico e historiador, seu folego não vai muito longe. A grande transmutação, já muito adiantada, produzida em todos os ramos de saber humano pelos pensadores que se acham agora mesmo na frente da historia, paira-lhe á altura inaccessivel.

O auctor portuguez é um compilador, sem muita philosophia, que se acha para Buckle ou Lazarus, por exemplo, na mesma distancia em que Garrett se achou para com Goethe ou Walter Scott. Onde, pois a sua melhor fortuna?

Seu ar de superioridade não é um predicado seu; é a impressão geral do nosso tempo. Tobias Barretto, que não tem, como o poeta e *Leterarhistoriker* portuguez, tão desenvolvida a boça da erudição, ás vezes indigesta, Tobias Barretto que nunca escreveu a *epopéa da historia* ou a *historia* da litteratura d'este ou d'aquelle paiz, sobrepuja-o, não pouco, em senso philosophico e n'uma mais inteira consciencia de nossa epoca.

Ha entre elles uma enorme differença: o escriptor açoriano parece ligar toda a importancia á *quantidade*; para elle o grande empenho de um auctor deve ser multiplicar os volumes muito além do rasoavel; o

sergipano é mais amigo da *qualidade*; para elle o maior disvélo de um pensador ha de estar em apresentar-se escoimado de todos os tropêços que lhe possam embaraçar as ideias.

E' por demais fatigante o caminho atravez dos oitenta volumes de Braga; temos por companheiro de jornada um *cicerone* que nos quer mostrar todas as sinuosidades da estrada, e, não raro, nos transvia bem longe e fóra de nosso rumo. Sente-se alli um espirito pesado pela erudição mal applicada, sem grandes faculdades syntheticas, que não consegue no fundo de seus quadros destacar a physionomia viva das epocas de que vai tratando.

Disse bem d'elle algures o nosso critico: «Ninguem ha, por alli, que melhor autorisasse uma tal qualificação, do que esse homem infatigavel no maniaco empenho de produzir, e produzir ás mãos cheias. Dir-se-hia que para elle foram talhadas as conhecidas palavras do pessimista judeu: *Faciendi plures libros nullus est finis*» (1) A qualificação de que se trata é a de *diffuso* dada por Michaelis a Garrido.

As poesias e os artigos, espalhados pelo auctor brazileiro pelos jornaes nos ultimos vinte e cinco annos, podendo, quando muito, condensar-se em doze ou quinze volumes de tamanho regular, nos poem em communicação com um espirito vivaz, dotado da optima qualidade de esclarecer o seu leitor em poucas paginas, deixando-lhe, porém, sempre o desejo de continuar a leitura, si elle ainda mais se estendesse. Os *Ensaios* são uma prova. Devoram-se a grandes tragos sem deixar o leitor aniquilado como a *bôa-constrictor*, depois de engulir um boi. O Sr. Theophilo Braga tem este privilegio...

E' com sobeja razão que, no livro que estudo, o vejo, de parceria com os seus companheiros de lides, jul-

---

(1) *Carolina Michaelis e a nova geração litteraria* em Portugal, artigo publicado na *Provincia* do Recife.

gado pelo que vale. Portugal está decrepito; as duas gerações mais notaveis de pensadores que, n'este seculo, ha produzido: os Garretts, os Herculanos, os Castilhos, e os Bragas, Coelhos e Vasconcellos, não tiveram, e não têm vigor para o salvar.

Ha de continuar a seguir o seu fadario: andar em massa mais de um seculo atraz dos povos intelligentes e productores, repellindo-lhes as grandes idéas, e, quando melhor inspirado por alguns raros individuos, representar o papel de compilador, e este mesmo, atrazado sempre uns cincoenta annos, pelo menos. E' tambem em parte, e por culpa sua, apanagio do Brazil.

Quando entre nós algum mais bem dotado levanta mais alto a cabeça é sempre illuminado por luz estranha.

Tobias teve um grande merito: resumir em si a consciencia do atraso do pensamento brazileiro e atirar o fel produzido por um tal estado mental em seus escriptos. Ahi o critico cede o lugar ao *propagandista*. O auctor prega-nos que, renegado o torpor francez que nos deprime, robusteçamo-nos na grande cultura, representada pela Allemanha. Tem sido accusado de antipatriota!... (1)

E' a estulticia nacional, julgando sempre que o patriotismo está em proclamar nossos rios os maiores do mundo, nossa terra a mais productora, nossas montanhas as mais elevadas, nosso céo o mais esplendido!... E' a celebre descripção do Brazil, em Rocha Pitta, transformada em uma acção reflexa do organismo nacional... (2)

Tobias Barretto é, ao contrario, um grande patriota. Como poeta, ahi estão seus canticos, que tanto enthusiasmo produziram no periodo de nossa ultima guerra,

---

(1) Entre outros, em misero artiguinho apparecido no desfructavel *periodico illustrado do progresso da edade*, intitulado o *Novo Mundo*, que se publicou em New-York.

(2) *Revelações physiologicas inconscientes* do organilmo nacional, diria o professor Mantegazza.

e muito contribuiram para o *voluntariato da patria* em Pernambuco, e, como escriptor, não deixa de sel-o quem faz votos, com prejuizo de seus commodos pessoaes, para que nos ergamos do somno em que estamos mergulhados.

Neste ponto o artigo *Auerbach e Victor Hugo* é decisivo. Ao lado da pintura sombria que faz de nossa pobreza intellectual, diz: «... não se julgue que descreio da possibilidade e efficacia de uma reacção contra a tendencia que nos vae lev. ndo.

Ou seja, porque ainda illude-me um resto de adolescencia credula e descuidosa; ou seja, porque présinto não obstante o céo carregado, a proxima limpidez da atmosphera, o certo é que não posso resignar-me a achar bom tudo o que é nosso, e só porque é nosso; nem comprimir, como máo e *anti-patriotico*, o desejo de ver a mocidade conterranea, animada do espirito do tempo, deixar a rota-batida, e seguir melhor caminho. Espero que mais tarde ahi chegaremos.» (1)

Fomos em mui velhos tempos uns copistas de Portugal; depois passamos á França; o critico, que suppõe que somos incapazes de tomar alta direcção, por nós mesmos determinada, aponta-nos para um outro alvo. E' preciso estudar um pouco de perto esse anhelo. Brada-nos no artigo *Socialismo em litteratura*: «Quebremos as taças em que até hoje saboreamos as mephiticas doçuras da civilisação franceza; e volvamo-nos para a Allemanha. No dominio das ideias, no que toca á *necessidade de uma reforma intellectual*, é o que nos pode salvar.»(2) Este pedaço deve ser entendido habilmente. Em regra, não é um bom exemplo aconselhar a uma nação que siga a qualquer outra; mas isto deve-se comprehender com relação aos grandes povos, áquelles que podem representar um papel

(1) *Ensaios e Estudos*, pag. 78.

(2) *Ensaios e Estudos*, pag. 78.

original na historia. Para com os povos medios a cousa muda muito de figura.

Elles devem ser compellidos a tomar os avisos salutares, sob pena de perda irremediavel. Improprios para reformarem-se por si, hão mister de uma escola severa fornecida pelo estrangeiro. Mas duas são as grandes manifestações no dominio das ideias: a sciencia e a litteratura. Quanto á primeira, Tobias é muito illustrado para pretender que ella seja um patrimonio da Allemanha, como uma intelligencia má do seu pensamento tem podido suggerir.

A sciencia contemporanea é um coefficiente da civilisação occidental, tendo é certo na Allemanha sua séde principal. Não foi, pois, d'ella especialmente que o auctor dos *Ensaios* quiz falar. Quanto á litteratura, elle é muito bom poeta para pretender que o cunho da nacionalidade possa d'ella no todo ausentar-se.

Quer n'um quer n'outro ramo, elle teve, sem duvida, em vista a disciplina do pensamento, a severidade da investigação, juntas á sinceridade do sentimento e á exactidão da expressão, que constituem o sello da intelligencia tedesca. Quer que contraiamos tão salutares habitos no estudo severo da sciencia e da litteratura germanicas, incontestavelmente as mais fecundas da actualidade. E' o conselho mais benefico e proveitoso que se nos podéra hoje dar.

Mas é preciso que nos entendamos: quando se diz que o escriptor do norte é um amigo de allemães, é um allemanista, é em sentido bem diverso do que se pode dizer, *verbi-gratia*, do senador Escragnolle Taunay. Porquanto este galante arranjador politico, sem saber nada da Allemanha, da sua litteratura e da sua sciencia, e, o que é um pouco peior, sendo um espirito fundamentalmente francez e inimigo do ideial germanico, tambem passa agora de fresco por *allemanista*....

Mas é o allemanismo corriqueiro da immigração, o allemanismo manhoso que entrega municipios inteiros

do paiz a estrangeiros para que dêem em troca votos nas eleições, e arrangem-se assim logares no parlamento.

D'este falso allemanismo Tobias Barretto é decedido inimigo; não deseja subtrahir ao nacional porções de nosso territorio; quer, ao contrario, que elle seja rei e senhor em seu paiz, armado de todos os recursos, de todas as conquistas que a cultura, a grande cultura possa offerecer.

O appello para a sciencia alleman é um aviso de espirito previdente. Este sim, este é o allemanismo que nos convém. D'elle é o Sr. Taunay acerrimo inimigo e o provou, ridicularisando o seu propugnador na celebre questão que contra este travou a proposito de Meyerbeer!...

E' muito significativo: tudo quanto possa fortalecer o espirito do nacional e o habilitar a pugnar por si em prol do futuro d'este paiz, o senador aulico, o estrangeirista vistoso repelle. Seu ideial é outro. «Quem déra que estes diabos de brazileiros desapparecessem, e uma onda de estranhos lhes occupasse o vasto e rico paiz!... Que pêna! para que região tão ubertosa em mão de semelhante corja?!... São tão preguiçosos!... O estrangeiro sim!... Ah! o que *nós* não seriamos, si fossemos descobertos por hollandezes, ou francezes!...» Taunay ainda é do numero dos *engraçados* que repetem palavreados d'esta ordem.

Tobias tem confiança no Brazil e nos brazileiros; elle bem o disse n'estes versos:

« E' mistér que o Brazil, se erguendo altivo,
Desprese de uma vez, não mais acceite
Os apertos de mão que lhe prodiga
D'além do mar a perfida amisade.
O mundo sabe a nossa historia... Tudo
Que ha de heroico entre nós tambem foi feito.

Quem duvida ? O oceano interpellado
E' capaz de attestar esta verdade,
Arrojando indignado em nossas plagas
Armas, destroços e almirantes batavos.» (1)

Os *Ensaios e Estudos*, além dos dois grandes trabalhos *A sciencia da alma, ainda e sempre contestada*, *Uma excursão de dilettante no dominio da sciencia biblica*, encerram os quatro escriptos seguintes: *Auerbach e Victor Hugo*, *Sobre um escripto de Alexandre Herculano*, *Socialismo em litteratura*, *A musa da felicidade*. Deixo-os de analysar para percorrer outras obras do auctor. Digo percorrer, porque não teremos tempo de demorar.

Em 1876 publicou elle em lingua alleman a brochura *O Brazil tal qual é sob o ponto de vista litterario*. E' um folheto de rapida synthese onde se acham desvendados muitos dos nossos sestros e fraquezas espirituaes.

Em 1878 atirou ao mundo, ainda em allemão, a brochura *Uma carta aberta á imprensa alleman*. Si o *Brasilien wie es ist* é por demais incisivo no tocante ás nossas fraquezas intellectuaes, a *Ein offener Brief* é lucidamente terrivel sobre o nosso estado politico e social.

A obrinha do escriptor sergipano foi escripta a proposito, e como refutação, de uma circular, pejada de insensatos encomios aos nossos imperantes e ao nosso paiz, publicada na *Weser-Zeitung* por occasião da penultima passagem dos nossos monarchas pela Allemanha.

De um homem como o nosso philosopho não se havia de esperar que tomasse a penna sómente para desmanchar um tecido de fagueiras falsidades. Elle devia penetrar um pouco amplamente em nosso vida publica e ostentar aos olhos da Europa algumas de nossas miserias.

Foi justamente o que fez. Tanto mais insuspeito

(1) *Dias e Noites*, pag. 145.

é o seu juizo, quanto funda-se nos factos, e o nosso escriptor não pertence a nenhum dos partidos politicos que nos dividem. Antes havia escripto: « Não sou, não posso ser conservador e isto por indole. Liberal, não sei si sou, ao menos entre nós os liberaes me repellem, e eu de minha parte os acho soffrivelmente ridiculos, desde os chefes que compromettem o partido, até qualquer d'esses desfrutaveis *quarenta-e-oitistas* que têm na parede o retrato de Nunes Machado abaixo do *registro* de N. S. da Penha, sem falar no resto. E quanto a republicano, teria, não medo, porém pêjo de sêl-o. Para ter-se-me em tal conta, por força dos meus escriptos, é de suppôr que se maneje um principio velho e estragado, o *principio de contradicção*, que entre nós, e em materia politica de bipede que era, tornou-se tripede: A, B, C;— o que não é A, é B, o que não é A nem B, é C; quem não é conservador, é liberal; quem não é um nem outro é republicano. Acho eu, porém, que com este *covado* não se tomam todas as dimensões. Porquanto não será possivel, sinão *fazer*, ao menos *pensar* politica por outro modo? Que eu sou, pois? Talvez uma d'essas naturezas problematicas, a quem nada contenta, sinão desmontar todas as peças dos velhos conceitos e pôr tudo em questão; nunca e nunca, porém, um *evangelist of waste*, na phrase de Buchanan. »

Com este preliminar estamos habilitados a lêr a obrinha do auctor.

Para se fazer uma ideia, ainda que longiqua dos elogios impossiveis aos nossos monarchas exarados na circular confutada por Tobias, basta que o leitor lance os olhos sobre as palavras que lhe vou traduzir. Disse a *Weser Zeitung*, falando de D. Pedro de Alcantara:

« Entre as occupações scientificas, elle concede o maior cuidado ás linguas, e á astronomia, e especialmente applica ás linguas mais novas (?) uma grande predilecção. Faz avançar a archeologia, a historia e as sciencias naturaes, e desenvolve, n'este ponto, uma assombrosa

copia de conhecimentos. Em assumpto algum se lhe pode fazer a censura de superficialidade. Os exercicios corporeos não são por elle desprezados de modo algum; ao contrario ainda hoje os apreci , e mostra-se um destro e temeroso cavalleiro, um habilissimo jogador de esgrima e de bilhar. » (1)

Dirigindo-se á imperatriz, escreve a gazeta allemã:

« Ella dá-se todo o trabalho possivel para arrancar o bello sexo brazileiro de sua preguiça intellectual e refrear sua inveterada inclinação para os prazeres. » (2) Estas inverdades mandadas escrever por pennas mercenarias, não podem ter uma resposta seria. O sergipano impoz-se a penitencia de dal-a; o ridiculo, comtudo, essa arma que só sabem manejar os espiritos intelligentes, teve tambem entrada em seu trabalho. Eis aqui um bom especimen: « Conta-se de um capuchinho italiano, não familiarisado com a nossa fauna, que elle uma vez informou-se de alguem qual o animal mais feroz do Brazil, com a intenção de enriquecer sua rhetorica religiosa com feras bravias para effeito aparatosamente ameaçador. A *nambú*, respondeu o bregeiro. Ora, a *nambú* é um passaro pequeno e timido, uma especie darwinica da perdiz. O padre, porém, entendeu por ella um monstro de quatro pés e irresistivel, cujo nome os crentes não ouviriam sem medo, bem como a simples presença do animal significaria uma morte certa. Depois d'isto convencido, subiu o padre para o pulpito. Mas, oh! desgraça!... Apenas abriu elle a bocca e ameaçou os peccadores com as garras e os dentes do monstro, apenas pronunciou o nome terrivel, rompeu do auditorio uma gargalhada homerica... Ora, pois; *mutato nomine de te fabula narratur*. E' o que acontece aos amigos elogiastas do imperador com a sua ingenuidade. Porquanto é tão estolido

---

1) *Ein offener Brief*, pag. 11, 12 e 13.

2) *Ein offener Brief*, pag. 21.

e ridiculo proclamar a *nambú* uma fera monstruosa, como a D. Pedro um monarcha sabio e diligente.» (1) Bem achado e bem dito.

Por não ser Tobias um republicano practico, não é por isso, um monarchista theorico, e julga do nosso actual estado politico com a maior independencia. « Eu não sou um republicano, diz elle, um devorador de reis *à la Gambetta*; mas não sou tambem um amigo de reis; porque não amo, nem detesto a realeza. Eu a tolero apenas. Ella e a Egreja se me antolham como orgãos rudimentares da sociedade humana, os quaes, como os orgãos rudimentares do individuo, têm de extinguir-se, qual aconteceu á cauda de nossos antepassados prehistoricos. » (2)

Vê-se que a intuição politica do auctor firma-se no darwinismo, admittindo a monarchia com um orgam social que tende a gastar-se. E quem a substituirá? E' o que elle não responde; mas percebe-se que será um governo, á maneira do governo ideiado por Spencer, reunindo em si o menor numero possivel de funcções; por que a maior parte das actualmente exercidas pelo Estado passarão para a sociedade. (3)

Elle se insurge contra a mentira que nos devora. « O grande *primum mobile* d'este paiz é a *mentira*: mentira politica, mentira poetica, mentira religiosa, mentira moral, que se repetem em todas as phases da vida. E sobre tão colossaes mentiras officiosas grava-se a figura do imperador com seu liberalismo e sua cultura. » (4)

Não se pode dizer melhor; a mentira e o jesui-

---

(1) *Ein offener Brief*, pag. 34.

(2) *Ein offener Brief*, pag. 3.

(3) Herbert Spencer, *Principles of Sociology*, passim.

(4) *Ein offener Brief*, pag. 20.

tismo practico têm falsificado as consciencias n'esta epoca de transacções indecorosas e prejudiciaes.

O paiz atira-se ao desconhecido sem saber o seu caminho, acalentado pelas phrases dos rhetoricos, e pelo atrazo dos estadistas, que não sabem da grande mutação scientifica e social, que a humanidade atravessa nos dias de hoje.

Entretanto devemos nos salvar, appellando para a cultura « sin esperar discursos ni cantos, porque la salvacion de un pueblo no admite demora, ni es cuestion de musica » para falar com o distincto hespanhol Roque Bárcia. (1)

« Os partidos politicos entre nós, diz Tobias, valem para mim a mesma cousa. Eu busco em balde o que elles significam. Tudo no Brazil : Deus e o diabo, o papa como o imperador, a egreja, o theatro, a bolsa, a monarchia, a republica, tudo tem o seu partido... Sò a liberdade não tem o seu ; digo a liberdade especialmente como *sentimento de honra e de dever*, e não como *deusa*, ou *phantasma* de que tão enthusiasticamente falam os nossos liberaes. » (2)

Tal é ; precisamos justamente da liberdade ; mas da liberdade que honra o individuo, da liberdade que lhe permitte viver como homem de bem, da liberdade que deixa a cada um cumprir o seu dever, não o dever bastardo a que uma legislação fossil obriga ; mas o dever que a dignidade prescreve. E' d'essa que necessitamos e não das declamações dos partidarios e das posições theatraes do imperador. Para não deixar de mostrar ao meu leitor todo o pensamento do escriptor, traduzo mais as linhas que se seguem :

« D. Pedro pertence á classe daquellas naturezas de que não se póde affirmar que tenham os defeitos de suas

(1) *La Justicia Federal*, de Madrid, 8 de Junio de 1873.

(2) *Ein offener Brief* pag. 36.

virtudes, porém as virtudes dos seus defeitos. Accresce que estas virtudes se reduzem ao facto unico de deixar-se cercar de aulicos e ministros que lhe são sob todos os aspectos muito inferiores. Si pelo que se refere á politica, elle nos tem reduzido a uma especie de *corporação de mão morta*, certo que para este fim não se fez instrumento de ninguem. Os males que diariamente atira das mangas em cima do paiz têm sido todos originados por sua propria inspiração. Elle é portanto, conforme a realidade das cousas, um maligno autocrata que não caça nem gosta da guerra mas em compensação philosópha, quer ser emulo dos sabios e representa de liberal· Quando nos livraremos de similhante farça? A já tão velha farça de um rei verdadeiramente liberal, que é uma cousa tão contraria á natureza e cheia de impossibilidades como uma arvore de ferro ou um boi com azas, para não falar com Castellar de um Deus atheu? O que diria o malicioso Metternich, elle para quem um papa liberal parecia uma larva, si tivesse vivido até esta creação phantastica de um liberalismo regio? Um rei philosopho, um rei conhecedor e despresador das vaidades mundanas não é para mim uma cousa absurda, mas ao contrario bem comprehensivel; porêm quer me parecer que deveria ser em tal caso a primeira obrigação do Diogenes coroado renunciar ao throno e ao sceptro.» (1)

Tal o sentido geral da *Ein offener Brief*.

Pela solidez e elevação das ideias é o que de melhor temos produzido sobre os deliquios e as sombras de nossa vida publica actual. Dista seu espirito immenso da ideia e da intuição de tudo quanto no assumpto estavamos acostumados a ler.

Um dos exemplos do modo anti-scientifico porque entre nós se apreciam as nossas luctas politicas e sociaes, temol-o na maneira porque se tem julgado as nossas

---

(1) *Ein offener Brief* pags. 37 e 38.

revoluções anteriores e posteriores á Independencia. E' ou o elogio desponderado ou a detractação caprichosa a todas ellas, conforme os moveis do escriptor. E' o que acontece, verbi-gratia, com o *Primeiro Reinado* de L. F. da Veiga. O auctor amesquinha 22, Pedro I, e os Andradas, para, depois, elogiar desbragadamente, e sem medida, a 31 e a Evaristo da Veiga!... Feito o balanço, onde os motivos d'esta predilecção acintosa e anti-scientifica? De forma que não temos tido sinão pasquineiros e declamadores. E' o que se dá com os juizos sobre o nosso governo de uma parte, e o povo de outra; ou elogiam a ambos, ou a um em detrimento do outro. Precisamos de um methodo mais elevado e justo.

Passando em revista os velhos partidos, Tobias escreveu com força e verdade, e mostrando-se desligado de todos. Mas os que tambem estamos desligados de todos os bandos politicos do paiz, e que pertencemos á republica seria, não ao molde porque se nos a tem proposto, e sim como ella ha de ser preparada pela força da historia, e fundamentada pela sciencia, podemos contar com Tobias Barretto do nosso lado. Elle tem *pêjo* da republica, mas a republica dos pedantes e amaldiçoadores, dos ignorantes e malucos... D'essa livre-nos Deus.

Não quero fazer uma critica pragmatica, uma resenha detalhada de todos os livros do nosso allemanista. Levar-nos-ia muito longe e é mister resumir. Apenas direi que na qualidade de critico e ensaista as obras capitaes do auctor não são as tres que analysamos rapidamente; esse caracter pertence aos *Estudos allemães* e ás *Questões Vigentes de Philosophia e de Direito*. São dous grandes volumes modernos e onde o espirito do escriptor está representado no que elle tem de mais eminente.

O estylo perdeu um pouco do lyrismo primitivo e ganhou em troca graciosidade, singeleza e humorismo em dose elevada. Os *Estudos Allemães* são, como já dissemos, de 1883, as *Questões Vigentes* são deste anno de 1888.

Na falta de outro alimento para seu censurar desabrido e incompetente, diziam até bem pouco tempo os criticos gratuitos do escriptor brazileiro que elle não tinha livros!... Tal censura n'uma terra onde grande parte dos litteratos brilha pela falta de quaesquer productos, que lhes possam servir de salvo-conducto para o futuro, era, em verdade, bem singular atirada a esse escriptor que tem, esparsa em jornaes, materia para perto de vinte volumes.

Tobias nunca fez caso dos *paridores* de livros e preferiu sempre escrever em jornaes e revistas. Vingou-se d'elles n'estas palavras :

« Acho muitissimo rasoavel a opinião de H. von Treitschke, que ao escriptor não é permittido tornar-se estranho ao modo de vida do seu tempo, e que nos nossos dias, que elle qualifica de *büicherverschlingend*, devoradores de livros, deve escrever muito, quem muito quer influir. E' razoavel, sim ; mas ha sempre a ponderar que o illustre escriptor desligou do tempo o seu inseparavel, o espaço, não pesou devidamente a circumstancia de logar.

Assim, é certo que a época do Sr. von Treitschke, por exemplo, é justamente a minha época, porém mui diversas são as terras que pisamos ; e ahi vae quasi tudo. Não me parece bastante sensato escrever e publicar segunda, terceira, quarta e mais obras, sómente pela razão de que a primeira não foi lida, não achou quem a lesse; o que entre é o caso. Accresce que sempre tive e continuo a ter uma repugnancia invencivel contra a *bibliopéa*, de que padece por ahi muito espirito ligeiro para quem o merito dos escriptores se determina, de preferencia, pela consideração puramente arithmetica do numero dos livros fabricados, e pela geometrica da sua extensão e volume, sem falar na parte esthetica da mão de obra, no optimo do papel e no nitido da impressão.

Não sei si me engano, mas quer me parecer que, se reduzir á livros todos os meus trabalhos jornalisti-

cos, todos os meus escriptos de occasião, todas as minhas notas de carteira e até os apanhados de minhas conversações particulares, fosse cousa que não custasse dinheiro superior ás minhas forças, eu já poderia ter, em torno de mim, para proteger-me contra os inimigos, uma escolta de dez ou doze volumes, que dariam testemunho de minha constancia no trabalho, de minha sciencia precoce, e não pouco tambem de minha madura ignorancia; o que tudo bem avaliado, conferir-me-hia incontestavel direito a promover no Brazil, ou ao menos em Pernambuco, a reunião de algum congresso anthropologico, ou outro qualquer, em que eu tivesse de representar justamente a ultima figura. Felizmente porém não soffro de uma tal mania. Comprehendo a necessidade que ha para o homem de lettras, de dar constantemente ao publico uma cópia do seu estado intellectual, por assim dizer, uma historia estatistica documentada das suas idéas. Mas essa necessidade, creio eu, póde ser bem satisfeita por este modo: um jornal, uma revista, ou cousa que o valha, em que se concentrem todos os esforços de um espirito, neste ou naquelle dominio do mundo litterario, além de que, por outro lado, é este um meio suave, para quem, como eu, não tem recursos e facilidades, de que ha mister qualquer auctor, de publicar pouco a pouco e insensivelmente uma obra em grande escala, a qual possuirá a vantagem de ir traduzindo e accentuando de dias a dias as varias transformações e mudanças do tempo. » (1)

Apesar d'essa declaração, o auctor teve o bom senso de recorrer opportunamte ao livro. Tem publicado até agora uns dez ou doze que por ahi correm e podem ser examinados pela critica. (2)

---

(1) *Estudos Allemães*, pag. 3.

(2) Os seis principaes são: *Ensaios e Estudos de Philosophia*

Por fóra d'elles anda uma grande porção de sua obra esparsa nos jornaes, sendo indispensavel lembrar o *Ensaio de pré-historia da litteratura classica alleman* publicado no *Diario de Pernambuco*, e os *Traços de litteratura comparada* apparecidos no *Jornal do Recife*, que devem formar um bom volume.

Os *Estudos Allemães* contem como principaes ensaios *A alma da mulher*, *O häckelismo na zoologia*, *A organisação communal da Russia*, *A influencia do salão na litteratura*, *Ligeiros traços sobre a vida religiosa no Brazil*, *Carlos Gomes e a sua opera Salvator Rosa*, *Bellini e a Norma*. Encerram tambem alguns artigos sobre assumptos juridicos.

As *Questões Vigentes* contem como materia principal, os seguintes ensaios: *Notas a lapis sobre a evolucão emocional e mental do homem*, *Glosas heterodoxas a um dos motes do dia ou variações antisociologicas*, *Sobre uma nova intuição do direito*, *Jurisprudencia da vida diaria*, *A questão do poder moderador*.

Os *Traços de litteratura comparada desde 1830* referem-se á Italia, França e Allemanha. A Inglaterra entra em proporções menores. São precedidos de uma vista geral sobre a litteratura do seculo passado feita por mão de mestre.

A analyse detalhada d'estas tres obras é-nos interdicta, porque devemos encurtar mais e mais as proporções d'este livro.

O estudo das ideias do auctor, a apreciação de sua philosophia irá resumidamente um pouco adiante no que houvermos de dizer sobre elle na qualidade de jurista e professor. Por agora, e no que toca ao critico, limitamo-nos a transcrever um trecho seu sobre Shakespeare e a resumir sua figura e sua acção n'este genero de trabalhos.

---

e Critica, *Dias e Noites*, *Estudos Allemães*, *Menores e Loucos em Direitos Criminal*, *Discursos*, *Questões Vigentes de Philosophia e de Direito*.

Citar este escriptor é definil-o; eil-o diante de Shakespeare :

« O espirito germanico protestante não tinha chegado a expandir-se de todo na Reforma allemã; não tinha achado a palavra adaptada á exacta expressão do seu sentimento. A Allemanha cedeu, n'este ponto, sua missão historica ao povo inglez, que lhe é consanguineo. Este era o unico dos povos mixtos, em que o elemento germanico sobrepujou e absorveu o romanico. Sua lingua tivera já no seculo XV Wiclef, o precursor da Reforma, e Chaucer como dignos representantes.

Na terrivel guerra civil das *Duas Rosas* a nobreza normanda havia sido quasi extincta; uma forte burguezia tinha-se erguido na lucta. O *gothico* não recuára na Inglaterra diante da *renascença*, que só superficialmente influira no paiz. A separação de Roma não foi pesada a Henrique VIII; a Egreja por elle fundada tinha um caracter nacional e aristocratico.

Surgiu então do seio da velha Inglaterra o poeta, que devia representar a vida moderna contra a vida antiga, o Norte *vis-à-vis* do Sul, o mundo gothico em face do mundo romanico, emfim o espirito dos *Niebelungen* ante o espirito da *Iliada*, e representar tudo isto com uma força, de que a moderna historia não conhece outro exemplo.

Shakespeare (1564-1616) foi contemporaneo de Cervantes. Das suas relações com a cultura do tempo só é bem conhecido o estudo de Montaigne, cujos *Essays* appareceram em 1580. A sua technica, sobretudo nas primeiras peças, distingue-se pouco da dos dramaturgos inglezes coetaneos, que em parte eram de grande talento; e todavia, que distancia entre elles!

O verdadeiro genio é assim. Quaesquer que sejam os elementos d'onde elle sáia, entra sempre como uma maravilha no mundo dos phenomenos. Elle estava muito em contacto com os seus contemporaneos, para que estes tivessem qualquer presentimento da sua grandeza. Houve um tempo, em que até foi esquecido; depois surgiu de novo. Desde então tem ido n'um constante augmento de importancia; e os allemães se podem orgulhar de haver achado para a figura do grande inglez a justa perspectiva, como elle tambem, mais que

qualquer outro homem, tem fecundado a vida espiritual allemã.

A atmosphera em que Shakespeare nos introduz, é legitimamente britannica. As peças que se occupam com a historia patria pertencem ao numero das mais fracas, porém merecem ser estudadas, porque ellas mostram, como era disposta a vida, cuja lei o poeta revelava.

Quando Shakespeare escrevia, as guerras civis viviam ainda na lembrança publica. O velho mundo descera ao tumulo e sobre elle a herva tinha crescido, mas o avô narrava aos netos o que elle ouvira contar d'aquella terrivel geração, e os Tudors empregavam todo o cuidado para que o terror não cahisse em esquecimento: o carrasco fazia parte dos mais importantes personagens da Inglaterra. Ainda brincava-se levianamente com o sangue humano. D'um lado, crimes colossaes; d'outro lado, penas barbaras: o juiz moralmente igual ao criminoso coberto de ferros. A isto accrescia o morbido horror d'um mundo subterraneo de feiticeiros e de espectros. Tal se mostrava a vida na Inglaterra, quando a consciencia foi abalada em suas alturas e em suas profundezas pela invasão do protestantismo.

Aquella época tinha tambem o seu lado luminoso. O povo possuia ainda a velha força germanica; a lingua não tinha desaprendido a dizer as coisas pelos seus proprios nomes, e preferia os mais asperos. Os homens eram capazes de um riso cordial; ninguem se envergonhava de quaesquer emoções naturaes.

Como defensora do protestantismo contra a Hespanha, a Inglaterra tornou-se uma potencia européa. Tudo que na Europa aspirava a liberdade, celebrou em Elisabeth a vencedora da *Armada*. Grandes pensadores, como Bacon, fecundavam a cultura geral e no mais fundo das almas vivia a antithese consciente do principio catholico da santidade das obras. A palavra de Luthero penetrou na Inglaterra; sabia-se da sua briga com o rei Henrique. Nem é em vão que Shakespeare faz o seu Hamlet estudar em Wittemberg.

Os inglezes em todos os tempos levaram vantagem ás outras nações no gosto e no talento de copiar a vida real com uma fidelidade photographica. Tambem n'este realismo Shakespeare é inexcedivel: Falstaff e Shylock são typos, que

não encontram iguaes em nenhuma litteratura. Mas o realismo Shakespeare é sómente meio: seu fim é mostrar em typos a lei psychologica natural.

Entre os gregos o herói tragico era um *substratum* da força dos deuses ou do destino; no poeta inglez a culpa do heróe é o seu destino, e seu caracter é sua culpa. O fundo proprio do *tragico* repousa em que o heróe obra sob a coacção de sua natureza, e comtudo sente-se livre; sua acção é sua paixão, e esta lhe apparece como um acto. Quem pudera jámais esquecer aquelle terrivel monologo de Ricardo III? E' accusador, accusado e juiz em uma só pessoa. Nenhuma circumstancia secundaria lhe póde obscurecer o seu crime; elle julga não só de cada um dos factos, como julga tambem do caracter mesmo, d'onde os factos sahiram.

A tragedia da consciencia apresenta-se, por assim dizer, o mais palpavel que é possivel nas peças de assumpto romano. A influencia de Livio, Plutarcho e outros é muito pequena. Cesar, Coriolano, Antonio... são inglezes. Shakespeare projectou no mundo romano as impressões moraes oriundas da guerra das *Duas rosas*.

Não é meu intuito, nem aqui teria cabimento, passar em revista todas as producções do poeta. Comtudo, não posso resistir ao desejo de fazer menção especial de duas das mais importantes.

Cada peça de Shakespeare tem sua atmosphera particular, seu tom, sua côr, segundo a qual se harmonisam todos os reflexos da luz. Esta côr total da peça espalha-se tambem sobre todas as figuras d'ella.

Hamlet é uma tragedia de caracter, mas em vão tem-se buscado reduzir a uma simples formula o *schema* d'esse caracter. Em cultura e espirito, superior a todos, Hamlet sente-se enjoado pelas vistas do mundo. Seu proprio espirito é por assim dizer a sua fatalidade. Façamos em rapidos traços passar ante nós algumas scenas do drama.— E' uma fria e medonha noite de espectros; nenhum signal de verdor, nenhuma côr, que indique a vida. O logar é feito para phantasmas. Não admira que nos demoremos tanto tempo no cemiterio, a terra inteira é um cemiterio: — as caveiras são a unica realidade, que resta dos seres vivos; e n'aquelles que ainda vivem, — que é o verdadeiro?

— que é real? A morte mesma, — é uma realidade? Que é a felicidade terrena, — o amor? O que é mesmo o dever da consciencia n'este mundo de apparencias vãs e de baixezás? Vale o pena lançar mão da energia da vontade, que entretanto sempre nos foge? — Taes abysmos do penmento repousam debaixo da superficie da vida; e justamente para levar o olhar a estas profundezas, é que o poeta creou a fabula do *Hamlet*.

Em *Romeo e Julietta* parece tudo immerso na rosea flamma de terna sensibilidade. A peça pinta as doçuras e os soffrimentos d'um feliz amor. Cada palavra respira um ardente prazer da vida. Onde mesmo a paixão se agita indomavel, do olhar colerico e desesperado ainda borbulha a alma, que se sente destinada para a felicidade. E' certo que Romeo bebe o veneno e Julietta crava o punhal no peito, mas ambos morrem com o sentimento de terem vivido e haverem sido capazes e dignos de viver..

Romeo e Julietta foi n'estes ultimos tempos objecto d'um estudo á parte, d'um estudo serio de Eduard von Harttmann. O grande philosopho quiz provar que a ideia commum de vêr n'essa tragedia uma encarnáção dramatica do ideial do amor, é uma ideia falsa, ao menos para o mundo germanico. Romeo e Julietta, diz elle, correspondem bem aos ideaes romanicos, mas contrastam duramente com os ideaes allemães...

Acho rigor em tal juizo. Quero crêr que a differenciação das raças tambem se faça valer no modo de conceber e de sentir o amor; mas existe ahi alguma cousa, que nada tem que ver com as raças, que é superior a todas ellas: — é o amor-doença, o amor que invade o homem, sem pedir permissão, á semelhança de *febre* ou *cholera*, como diz Ivan Turgenieff. E não terá sido d'este que o poeta quiz dar-nos a pintura?

Shakespeare sempre passou e ainda passa por um profundo conhecedor da natureza humana; deu d'isto vivas provas em todos os seus dramas. Devo porém confessar que de tantas e tão claras attestações d'esse facto nenhuma jamais me pareceu tão evidente, como aquella que se contém em meia duzia de palavras de Julietta, na scena 5.ª do acto I. E' quando a moça, já apaixonada por um só pri-

meiro encontro, adoecida de amor, diz á sua aia, referindo-se a Romeo: — «Vae informar-te do seu nome; si elle é casado eu terei o tumulo por leito nupcial».

Que explosão! Porem tambem que verdade! Concordo que difficilmente as Julietas de hoje exprimir-se-hiam de tal modo. Na sua bocca as palavras seriam estas: — «Vae informar-te do seu nome: si é casado, — então... o *diabo que o leve*; eu estava zombando d'elle...» Mas isto não destroe a verdade do ideal shakespeareano do amor, que não conhece outra lei senão elle mesmo, do amor que esvoaça livre por cima de todas as convenções e regulamentos sociaes.

Shakespeare não era uma natureza simplesmente robusta; via ás vezes, como Hamlet, quadros negros. Mais em cheio do que elle ninguem sentio a força da vida; mas tambem ainda nenhum poeta accusou a vida mais duramente do que elle». (1)

Si eu tivesse de dar em poucas palavras uma noção synthetica do auctor dos *Estudos Allemães* e das *Questões Vigentes* na sua qualidade de escriptor, diria: é um pouco mais do que aquillo que os allemães chamam um *fragmentista* ao geito e gosto de Novalis; elle é entre nós o typo do *ensaista* á maneira dos inglezes. Assim é; os melhores escriptos de Tobias são verdadeiros ensaios no estylo de Macaulay ou Mathew Arnold.

Assim como na bella litteratura não tentou jámais o poema, o drama, o romance, ou qualquer obra de grandes proporções, tambem na sua acção de doutrinador não tentou nunca o *tratado* ou qualquer outro livro de esplanação longa e detalhada.

Em compensação de sua penna tem sahido uma serie de escriptos largos e sufficientemente desenvolvidos, que occupam aquella posição intermedia entre o artigo ligeiro e de occasião e o tratado fatigante e exhaustivo.

E' o ensaio, o genuino *ensaio* na accepção ingleza.

---

(1) *Revista dos Estudos Livres*, 2.º anno, ns. 2 e 3, abril e maio de 1884. Tinha antes sahido no *Diario de Pernambuco*.

Em todos os livros de Tobias encontram-se escriptos do genero; mas os principaes, os modelos mais citaveis são: *Menores e loucos*, *Glosas anti-sociologicas*, *Nova concepção do direito*, *Pre-historia da litteratura alleman*, *Evolução emocional e intellectual do homem* e outros assim.

N'estes ensaios elle não é propriamente um critico, isto é, um analysta que vae mostrar o lado forte e o lado fraco de um dado escriptor qualquer. E' antes um doutrinador que faz *propaganda*, ou que faz *reacção*.

Na qualidade de reactor, lido, como é, em muitos dos ramos da sciencia de hoje, investe contra o nosso atraso e assume ás vezes um certo ar de rudeza, não proposital aliás, e indispensavel ao bom exito das suas tentativas.

Sua propaganda é indirecta; não é ao gosto dos evangelisadores politicos e partidarios, que vivem a declamar as mesmas doutrinas diante do publico: elle não quer ter o espirito aberto ás grandes relações com a multidão anonyma; ama um certo aristocratismo intellectual e gosta de apparecer no singular.

Ainda assim, pela força incisiva de seu estylo, suas ideias deixam-se abraçar; mas o numero dos adeptos nunca é legião.

Quando começou suas luctas em Pernambuco era bem natural que ferisse a susceptibilidade dos preconceitos e criasse muitos inimigos. No meio da poeira do combate poude tambem avistar as mãos de grandes dedicações que se alevantavam para o amparar, ou pugnar a seu lado.

Juntae a isto um delicado senso em apoderar-se das insinuaçães mais novas da sciencia e da philosophia, uma dóse do pessimismo de Hartmann, mais forte do positivismo de Comte, mais forte ainda do darwinismo de Haeckel, sem tornar-se o escravo de nenhum d'estes systemas e ahi tendes uma idéa do seu espirito. D'elle restará, antes de tudo o exemplo.

Abandonado dos grandes letrados da patria, ousou avistar-se com os prejuizos e resistir a todas as facções, apontando essa grande patricia nossa — a ignorancia,

tendo assento em toda a parte, desde a tripeça do baixo operario até as altas poltronas da grande administração. Ousou clamar contra o ingrato exclusivismo da lingua portugueza e expandir-se n'estas fortes palavras:

« Nun aber kann es keinem Zweifel unterliegen, dass wir Brasilianer, durch die Exclusivität der portugiesischen Sprache mehr, als durch unsere geographische Stellung selbst, isolirt worden sind von den Centren der europäischen Geistesbewegung, and zwar nur zum eigenen Schaden. » (1)

E' uma forte individualidade, animada do amor do verdadeiro, cujo brilhante exemplo nos poderá levar a melhores posições no caminho das investigações desinteressadas.

N'elle estão resumidos, crystallisados os sonhos que é dado brotar n'alma brazileira no momento actual. Alli sente-se um como irradiar do futuro. O sergipano, no desenvolvimento brazileiro, na consciencia pessimistica de nosso atraso e na sêde por nosso progresso intellectual, é um ponto central, é um daquelles de que diz Alfred von Wolzogen: « Diese Individuen bilden die Centralpunkte der Entwickelung. »

Agora o jurisconsulto.

O jurista em Tobias é pura e simplesmente um prolongamento do ensaista e do litterato.

Desde os tempos academicos, quando se entregava já a fortes estudos de philosophia, dedicava-se tambem ao direito publico e ao direito criminal. Em 1868 e 69 estando eu já no Recife e elle cursando o quarto e depois o quinto anno, lembro-me perfeitamente de o chamarem a miudo os collegas afim de os preparar para os *actos* de direito publico e constitucional.

---

(1) *Teutscher Kämpfer*, n. 2, de 31 de agosto de 1875.

Em direito publico sobre-sahia especialmente sua refutação a Guizot sobre o systema de eleição directa, defendido pelo publicista na sua *Historia das Origens do Governo Representativo;* em direito penal avultava uma theoria especial do joven explicador sobre a *complicidade criminal.*

Em minha *republica* tive muitas vezes ensejo de ouvir o estudante sergipano n'estes e n'outros pontos; mas já fazem vinte annos que isto foi e não posso mais reproduzir suas idéas de então; e nem viria ao caso.

Lembra-me que fizera então grande impressão no Recife um artigo seu sobre o programma dos nossos partidos politicos publicado no *Dezesis de Julho* em 1868 á proposito da assenção dos conservadores n'esse anno.

Quero significar apenas com estes factos longinquos que o apparecimento subito em 1882 do poeta e litterato como abalisado jurista, não foi cousa para espantar a quem tinha acompanhado a evolução de seu espirito e sabia de suas luctas forenses na Escada durante dez annos. (1871-81).

A revolução que, por este lado, Tobias era destinado a fazer como professor, elle a começara muito tempo antes no terreno do Direito publido pelo orgão do jornalismo,

Occupa o primeiro logar na serie de escriptos que deviam preparar a nova intuição juridico-social entre nós—o ensaio começado a publicar em outubro de 1871 no *Americano*—sob o titulo *A questão do poder moderador.*

Era um grande trabalho apreciativo das obras do Conselheiro Zacarias, do Visconde de Uruguay e do Dr. Braz Florentino sobre aquelle assumpto, o mais importante e debatido do nosso direito constitucional.

O conhecimento das obras do celebre Rudolph Gneist, a maior auctoridade existente sobre o direito publico dos inglezes, deu ao nosso publicista uma tal superioridade sobre os seus tres adversarios, que eu ouso julgar aquelle escripto *le plus accompli* dos seus ensaios.

Ahi já elle dá entrada e capital importancia ao principio da *historicidade* nas creações politicas e sociaes, considerando o direito e seu orgão mais importante—o Essado—como funcções da vida *nacional*. D'ahi o mostrar a contradicção intrinseca em que laboram os nossos legisladores e publicistas nos seus vãos e ridiculos esforços para implantarem entre nós o regimem parlamentar *inglez*.

N'este mesmo espirito é o artigo *A provincia e o provincialismo* publicado em 1872 no *Liberal* do Recife, á proposito d'*A Provincia* de Tavares Bastos.

Igual intuição domina o escripto *O Direito publico brasileiro*, em analyse do livro do Marquez de São Vicente, estudo apparecido no *Jornal do Recife* no mesmo anno de 1872.

Seguem-se na mesma direcção os artigos — *Rudolph Gneist como publicista*, — *A Organisação communal da Russia* insertos no *Um Signal dos Tempos* em 1874.

Pouco depois, em 1878, na *Provincia* apparecia o escripto — *Jurisprudencia da vida diaria*, em apreciação da obra de igual titulo do celebre darwinista do direito Rudolph vou Ihering.

De 1879 sãs as *notas* ao *Discurso em mangas de camisa* — apparecido em folhetos.

Estas notas continuam a analyse de nosso direito publico em face do direito publico inglez no mesmo tom da que fôra feita na *Questão do poder moderador*.

Do anno de 1879 em diante o direito publico é menos cultivado; as vistas do escriptor voltam-se de preferenpara o direito criminal, o seu velho companheiro de outros tempos.

D'esse anno de 79 é aquelle ensaio sobre os *Delictos por omissão* apparecido no *Correio da Noite*.

Ainda hoje este interessante escripto, a melhor cousa que temos em tão difficil materia, serve de engasgo a mais de um doutor.

De 1880 são os tres artigos — *Um ensaio sobre a*

tentativa em materia criminal. — *Sobre a co-delinquencia e seus effeitos na praxe processual,*—*As Faculdades juristicas como factores do direito nacional,* — apparecidos nos *Estudos Allemães*, quando estes eram uma revista mensal publicada na cidade da Escada. (1)

De 1881 é aquella brochura sob o titulo — *Algumas idéas sobre o chamado fundamento do direito de punir* — no sentido do que ha de mais novo na sciencia allemã.

Ainda desse anno é o grande é notabilissimo ensaio — *Sobre uma nova intuição do direito* — começado a apparecer na *Tribuna.*

De 1882 são as *Theses e dissertação para o concurso a um logar de lente da Faculdade do Recife.* O ponto principal discutido, objecto da dissertação, foi o mandato em direito criminal.

A que vem isto? Para dois fins: documentar a marcha das idéas e mostrar a precedencia do auctor dos *Menores e Loucos* na reforma da intuição juridica entre nós.

E a cousa não é de todo inutil; porque espiritos mal intecionados, aquelles mesmos que em poesia tinham inventado ser Castro Alves mais velho que Tobias, levantaram a ballela da antecedencia do Dr. José Hygino Duarte Pereira no direito!...

E' uma gravissima injustiça.

José Hygino é conhecido em nosso mundo litterario por ter desde annos a esta parte se applicado ao estudo do hollandez e de trabalhos nessa lingua existentes sobre a dominação batava em Pernambuco. Nesse intuito já fez residencia nos Paizes-Baixos, cujos archivos pesquisou, reunindo livros e documentos. Mas é só isto.

No conhecimento do direito moderno, como elle é ensinado na Allemanha e na Italia, Tobias é-lhe anterior e superior.

---

(1) Não confundir com o livro de igual titulo publicado em 1883 no Recife.

E esta convicção origina-se do estudo das *Lições de direito natural* por José Hygino publicada em 1883, bem depois da *Nova intuição do direito* por seu illustre emulo.

Falando da publicação deste seu ensaio na *Tribuna* desde 1881, diz o escriptor com razão e com espirito o seguinte : « Foi a primeira tentativa, feita entre nós, para abrir caminho a uma nova concepção do direito, ainda que certos invejosos, para quem não ha pequeno Colombo, que não deva ter tambem o seu pequeno Vespucci, já andam por ahi chicanando a verdade e procurando ligar a importancia do facto a outro qualquer nome, com tanto que não seja o meu.

N'aquelle tempo, com excepção de alguns moços intelligentes, que se puzeram do meu lado, ninguem mais se dignou, nem sequer de lêr-me. Os homens da *sciencia immovel* riram-se do meu *germanismo.*

Actualmente, porém, que são apenas passados cinco annos, já se nota comtudo alguma mudança na intuição juridica em geral.

E' exacto que o numero dos convertidos ainda não é *legião*, mas já se fala, com tal ou qual desassombro, de *lucta pelo direito*, *evolução do direito*, e outras *geflügelte Worte* ou *phrases, aladas*, como dizem os allemães, ao passo que se contesta, a pé firme, a existenciu de um *direito natural;* cousas estas que n'aquella época não eram comprehendidas.

Deu-se portanto uma revolução, pequena sem duvida, mas sempre revolução ; e della posso dizer o que disse Eugenia de Gusman da guerra franco-prussiana, pouco depois de sua declaração :— *oui!... c'est vrai, la guerre e'est mon merite, et je n'en vante.*

Não sei si n'isto ha de minha parte demasiada pretenção ; porém creio ter o direito de assim exprimir-me, sem aliás correr o risco de perder um throno.... » (1)

Essa *mudança na intuição juridica em geral* de que

(1) *Questões Vigentes de philosophia e de direito,* pag. 125, nota.

fala o auctor e de que elle foi o principal propulsor, e que tem sido o objecto de suas prelecções na Faculdade, pode ser bem aquilatada pelos programmas de direito natural, direito publico, e economia politica, formulados pelo professor quando occupou em tempo essas cadeiras. (1)

---

(1) Aqui os inserimos pelo seu valor historico.

PROGRAMMA DE DIREITO NATURAL

« 1. Ideias propedeuticas. Posição do homem na natureza.

2. Lei geral do movimento e desenvolvimento de todos os seres.

3. A sociedade é a cathegoria do homem, como o espaço é a cathegoria dos corpos.

4. Impossibilidade de uma sociologia, como sciencia comprehensiva de todos os phenomenos da ordem social.

5. O direito é um producto da cultura humana. Conceito do direito.

6. O direito como ideia e sentimento: psychologia do direito. O direito como força; physiologia e morphologia do direito.

7. Sciencia do direito: definição e divisão.

8. Como se deve comprehender a theoria de um direito natural, que não é a mesma cousa que uma lei natural do direito.

9. Escolas do direito. Todas ellas hoje reductiveis a tres intuições precipuas: — philosophica, historica e naturalistica.

10. Antitheses inherentes á ideia do direito.

11. Direito e moral. Sua distincção.

12. O imperativo cathegorico não é de todo cabivel no dominio do direito.

13. O direito é uma funcção da vida nacional. Porque não da vida social?

14. A theoria naturalistica dos orgãos rudimentares applicada á esphera juridica.

15. Darwinismo no direito. Rudolph von Ihering.

16. Theoria das alavancas da mechanica social. O direito é uma dellas.

17. Direitos pessoaes e reaes. Propulsivos e compulsivos.

18. Primeira forma de organisação social, — a familia. Sua constituição, seu desenvolvimento historico.

19. Morphologia da sociedade conjugal. A monogamia é a forma absoluta do casamento. Indissolubilidade do matrimonio.

20. Relações oriundas da familia: poder marital; patrio poder: parentesco.

Em livros está determinadamente nas *Questões Vigentes*, nos *Menores e Loucos* e no *Commentario ao Codigo Criminal*.

---

21. Das cousas consideradas como instrumentos technicos e instrumentos juridicos da actividade humana.

22. Theoria da propriedade. Applicações e consequencias. Caracter social da propriedade.

23. Propriedade intellectual. Dupla face deste direito : real e pessoal.

24. Lei natural da hereditariedade. Suas formas. A familia e a herança. A successão.

25. A consciencia genealogica é um elemento essencial da consciencia humana. Direitos e deveres inherentes á herança.

26. A forma mais geral de direitos compulsivos é o contracto. Classificação dos contractos.

27. A força obrigatoria dos contractos. Conceito da obrigação. Seu fundamento.

28. Objecto da obrigação. Theoria do interesse. Conceito da culpa.

29. Especies de obrigações. Da condicção e do termo.

30. Dos modos porque se extinguem as obrigações. »

PROGRAMMA DE DIREITO PUBLICO UNIVERSAL

« 1. Transição do direito natural ao direito publico.

2. Conceito e definição do direito publico.

3. Elle é uma parte da politica, tomada em seu sentido mais elevado.

4. Elle tem por objecto o estudo das condições staticas e dynamicas do Estado.

5. Conceito do Estado, Impossibilidade de um Estado universal.

6. Os Estados são forças culturaes dotadas de vocações historicas particulares.

7. Opiniões divergentes: Bluntschli, Harttmann, Fröbel.

8. O Estado não é um meio technico, mas um alvo moral. Esta verdade é o fundamento de toda a politica.

9. A posição finalistica do Estado no organismo moral da humanidade é determinada pela soberania.

10. O Estado é um ser moral, para cuja vida e acções, no sentido pratico, não existe fóra delle ou acima delle legislador nem juiz.

11. Primeiras condições existenciaes do Estado — territorio e população.

Si eu tivesse de expôr e criticar todas as ideias de philosophia juridica e de direito criminal que ahi se acham

---

12. Territorialidade absoluta de toda communhão politica.

13. Estado, nação. povo, horda. Paiz, dominio do Estado e territorio,

14. População. Numero de habitantes e relação de habitabiiidade. Composição qualificativa da população.

15. Estado e sociedade. Concepções do ponto de vista do liberalismo, do socialismo, da democracia e da aristocracia.

16. O povo e a sociedade. Theorias de escolas philosophicas. Vida publica e vida privada. A Sociedade existe por meio do Estado.

17. O organismo social e a mania democratica da igualdade. Liberdade e igualdade — ideias contradictorias.

18. Estado e Governo não são synonimos. Formas de governo.

19. Conceito do chefe do Estado. Monarchia e republica. A questão de forma de governo é mais uma questão de esthetica do que de ethica politica.

20. Governo representativo. Representação. Gonverno constitucional. Constituição.

21. Constitucionalismo, parlamentarismo. Differença entre governo constitucional e governo parlamentar.

22. Organisação do Estado. Conceito do poder publico. Genesis dos poderes.

23. Poderes politicos e direitos politicos. Definições. Critica de Rossi.

24. Theoria da divisão dos poderes, — um producto do romantismo constitucional, — praticamente esteril.

25. O poder legislativo. Seus orgãos e funcções. Melhor modo de sua composição.

26. O poder executivo. Sua organisação. Orgãos indispensaveis e defeitos organicos.

27. O poder judiciario. Modo de formação. Ideia da magistratura. Perpetuidade e inamovibilidade.

28. Como e quando a nação elegente pode tambem entrar na cathegoria dos poderes. Critica da theoria de Sylvestre Pinheiro.

29. A eleição. Direito eleitoral. Systemas diversos de eleição. Qualidade e defeitos de todos elles.

30. O individuo e o Estado. Até onde é admissivel uma dupla cathegoria de direitos pertencentes a um e a outro.

31. A questão dos limites do poder publico. Guilherme de Humboldt e Stuart Mill.

expressas, não acabaria tão cêdo esta historia, que já vae, para mim, tomando proporções assustadoras. Por isso limitar-me-hei a poucas palavras e indicações capitaes.

---

32. O Estado é ao mesmo tempo um producto, um orgão e uma força de cultura; como tal, tem problemas culturaes. Questão do ensino. Questão da Religião.

33. Autoridade e liberdade. Centralisação e descentralisação. A provincia e o provincialismo. O municipio e o municipalismo.»

PROGRAMMA DE ECONOMIA POLITICA

1. « Objecto da economia politica. Como um ramo da sciencia social, ella ainda participa das incertezas e vacillações do tronco a que pertence. Necessidade de bem delimitar o seu objecto e separar o *momento* economico propriamente dito dos *momentos* ethico, politico, religioso e outros, que difficultam as questões solvendas. Distincção entre a parte critica e a parte dogmatica da sciencia.

2. A idéa de força é o conceito mais vasto que serve para designar a causa de todos os phenomenos da natureza e da sociedade. A economia politica, estudando uma ordem de phenomenos sociaes, faz tambem entrar o objecto do seu estudo na categoria da força. Ella se occupa de uma funcção da vida social, ou melhor, da vida nacional. Relatividade das suas leis, ou das generalisações á que ella chega.

3. Divisão da economia politica. Dos factores da producção. O ponto central da sciencia economica é o conceito do trabalho. Só o trabalho é propriamente productivo. Condições da sua productividade. Da divisão do trabalho e seu correlativo. Agentes naturaes. Capital.

4. A producção considerada em si mesma, limitada ao acto de produzir, que não se distingue do acto de trabalhar, é um phenomeno individual, ao passo que a riqueza é um phenomeno social. Importancia desta distincção. Dos chamados productos immateriaes. O que se deve entender por producção capitalistica. Formula geral do capital. Da hyperproducção e das crises.

5. Da circulação como processo ulterior que converte a producção em riqueza. Da troca como fórma unica a que são reductiveis todas as fórmas do movimento economico. Igualdade e diversidade de funcção. O que é valor. Triplo aspecto do valor: individual, social e ideal. Até onde este ultimo póde ser economicamente apreciado.

6. Theoria do preço. O que é moeda e quaes os seus carac

Quando se fala em intuição nova do direito alguns ignorantes e presumpçosos pensam que é uma cousa de hontem, isolada, e cahida agora mesmo do céu por descuido, justamente como o antigo direito *natural*... E eil-os a pensar que na *Origem das Especies* de Darwin, por exemplo, ha um capitulo sobre a origem e formação do direito, pela mesma fórma porque na velha phi-

---

teres. A moeda não é uma mercadoria, pois que não satisfaz directa e immediatamente nenhuma necessidade humana. Theoria da equivalencia. O destino da moeda. Si as suas funcções podem ser completamente subrogadas.

7. Do papel moeda. Suas vantagens e seus limites. Das notas de banco. Das especies de bancos. Do credito. Sua significação economica. Elle deve ser uma fórma autonoma e circulatoria do valor, que funcciona como o dinheiro. O meio para chegar-se á este *desideratum*. Do commercio. Elle envolve muito mais do que a simples mechanica do transporte.

8. A riqueza como producto de factores diversos deve ser distribuida por esses factores. Qual o modo mais regular dessa distribuição. A repartição da riqueza não é phenomeno que se abandone á acção unica da lei da coincidencia dos alvos na actividade economica. Necessidade de maior penetração do direito nesse dominio. Comprehensão e realisação que deve ter na economia politica, o principio evangelico: — *mercenarius dignus est mercede sua*. Idéas geraes sobre a população e os seus subordinados logicos.

9. Conceito e especificação do consumo. Sua significação economica. Tendencia, preparativos e meios para limital-o. Principios directores do modo de julgar o consumo, que serve a producção. Do consumo improductivo. Medida da sua razão de ser Suas relações com a producção. Consumos extraordinarios e a maneira de cobril-os, particularmente no Estado.

10. Das despezas do Estado. Como se determina a sua extensão. Si ha tambem no Estado distincção a fazer entre despezas productivas e improductivas. Regras fundamentaes que devem vigorar a respeito das despezas de côrte nas monarchias e da alta representação do poder nas republicas. Necessidade e limites da chamada lista civil. Receita do Estado. Fontes mechanicas e organicas. Vista geral da sciencia financeira.»

losophia de Barbe havia um capitulo sobre a origem e formação das *ideias*.

São desses espiritos unitarios e grosseiros para os quaes tudo na ordem do pensamento assume fórmas rudes e indistinctas, como um montão de pedras. Entretanto, são os homens que vivem a falar todos os dias e a proposito de qualquer desproposito *em evolução*...

Nos tres seculos anteriores ao nosso, periodo historico originado do famoso movimento da Renascença, corria, como verdade assentada, que as sciencias se dividiam em exactas, physicas, naturaes e *moraes* Estas eram consideradas de natureza e indole totalmente diversas das outras. Todas ellas eram feitas de cima para baixo, por via deductiva, partindo de suppostos principios *a priori*. Todas partiam de ideias geraes, verdadeiros typos racionaes, que se diziam superiores e anteriores e superiores á experiencia. Era, como se vê, o regimen da *ideologia pura*, era uma verdadeira metametaphysica.

Esta ideologia tinha um conceito absoluto para tudo que se reportava ás funcções da intelligencia humana.

O *absoluto* chamava-se ás vezes-o *natural*.

O bello absoluto, o bem absoluto, a verdade absoluta, a justiça absoluta, o direito natural, a religião natural, eram as expressões correntes para significar a ideia typica, a essencia do bello, do bem, da verdade, do direito e da religião.

Reinava ainda esta immensa dogmatica, quando o velho terreno das formações historicas começou a ser revolvido. Uma serie de esforços por lados diversos começou a desenvolver-se.

Como si houvesse uma combinação consciente, de varias bandas foram-se abrindo frestas por onde foi penetrando a luz. Aqui era um que descobria o sanscrito, alli outro que lhe notava o parentesco com um grande grupo de linguas. Aqui era um que começava

a comparar os mythos de diversos povos entre si e lhes descobria filiações; alli outro que encontrava os vestigios das primitivas industrias e estudava o berço das primeiras artes.

O movimento continuou por toda a parte e em todas as direcções.

Linguistica, mythologia, critica religiosa, pré-historia, archeologia... rejuveneceram, renovaram seus methodos, cresceram e alastraram de seus fructos o velho terreno safaro das chamadas sciencias moraes. Um principio novo tinha levado vida nova a todos os recintos do pensamento; era o principio da *historicidade*. A ideia de *fieri*, de *werden*, de *evolução*, de *progresso*, de *desenvolvimento*, de *formação* gradativa. que tudo quer dizer a mesma cousa, entrou a figurar como o principal factor das crêações humanas.

O direito não podia escapar a esse geral renovamento, e não escapou de certo. Savigny e Puchta fizeram-se os propugnadores do movimento; a *historicidade* tinha penetrado na jurisprudencia.

Desde ahi o velho *direito natural* devia ter morrido e elle falleceu de veras por toda a parte onde houve espiritos coherentes.

Mas, assim como ainda hoje, nos cursos secundarios depois de toda a enorme revolução porque passou a critica litteraria e esthetica, depois de Lessing, Winkelmann, Sainte-Beuve, Scherer, Taine, ainda nós temos professores da velha rhetorica a *beneficiarem* seus discipulos com o *bello innato* e *immutavel*, tambem nas escolas do direito ainda muitos doutores atiram em cima de seus estudantes todo o peso do direito *natural*, o afamado - direito *primigenio*, contemporaneo do sol e das estrellas... Tem sido sempre assim, e continuará a sêl-o.

Como era natural, o principio do desenvolvimento penetrou primeiro nas sciencias do homem do que nas sciencias da natureza. O chamado methodo *historico*-

comparativo tem alli o seu dominio proprio, e facilmente prosperou.

Diante da renovação prodigiosa dos estudos historicos no começo deste seculo, o estado das sciencias naturaes fazia uma figura apoucada.

Geralmente se diz que as chamadas sciencias moraes em nosso seculo tomaram grande desenvolvimento, por terem adoptado o methodo das sciencias naturaes. Isto me parece um formidavel erro.

O progresso das sciencias moraes proveio justamente de terem abondonado as estravagantes tentativas de applicar a si proprias os methodos de sciencias inferiores, ou esse methodo fosse o demonstrativo das sciencias exatas, ou o experimental das sciencias biologicas.

O alludido progesso proveio de terem aquellas sciencias achado o seu genuino methodo - o historico comparativo.

Bem longe de terem as chamadas sciencias naturaes auxiliado as denominadas do homem ou moraes, estas é que auxiliaram aquellas. Porquanto foi depois que a biologia fez ensaios de applicação do methodo historico-comparativo, pertencente ao grupo scientifico superior, que ella fez grandes progressos.

O emprego de tal methodo, que produziu a anatomia *comparada*, a embryologia *comparada*, a morphologia *comparada*, *ad instar* da *linguistica* comparada, da *mythologia* comparada, das *religiões* comparadas, etc., é que a habilitou a adoptar no seu dominio tambem o principio da historicidade e da evolução, que renovou a velha intuição scientifica.

A grande revolução, de que falei em principio, operada no terreno das scieucias moraes, pode-se dizer que foi a obra capital da primeira metade d'este seculo. Seu echo renovador na biologia, produzindo n'ella completa metamorphose, é a obra capital d'esta segunda metade do seculo.

Mas não fica ahi; a biologia, a chamada sciencia

natural, renovada veio por seu turno actuar no seio das sciencias do homem. Ella recebeu 'estas, como disse, o principio da historicidade, e agora dá-lhe em paga o que se pode chamar o principio do *naturalismo*. O direito entrou tambem n'esse novo e ultimo processo de renovação.

O principio do naturalismo é a selecção natural levada para o dominio da vida social.

Dois geniaes *juristas* allemães são os representantes dos dois grandes principios, dos dois grandes progressos na sciencia do direito: Savigny—o fundador da escola *historica*, Ihering—o fundador da escola *naturalistica*. Sem o primeiro seria impossivel o segundo.

O primeiro dizia: o direito é um producto da historia e da *evolução* humana. O segundo respondeu: muito bem, é isto mesmo; mas como se dá esta evolução?

Certamente por um principio analogo ao principio da lucta pela existencia de que nos fala Darwin, o principio da selecção que se opera por herança e adaptação. E' isto; esta é a ideia capital da reforma, como eu a pude comprehender.

Qual em tudo isto o papel de Tobias Barretto? O seguinte: profundamente conhecedor da cultura allemã, e já de ha muito filiado ao darwinismo por meio da leitura assidua das obras de Häckel, não lhe passaram despercebidos os escriptos de Ihering, especialmente a grande obra *A Finalidade no Direito* e o opusculo *O Combate pelo direito*, e em boa hora começou a propagal-os em Pernambuco, juntando-lhe vistas proprias.

E' bem claro que não me corre a obrigação de expor detalhadamente as muitas ideias que sobre esta materia se nos deparam nas obras do jurisconsulto sergipano. E' bastante dizer que para elle o direito é uma modificação da *força*, é a disciplina mesma das *forças* sociaes;—é um filho da *cultura* humana e não da *natureza* improgressiva.

N'este conceito da *cultura* que gera o direito vejo

eu, por outros termos, o principio da historicidade, e no conceito da *força* vae o principio do naturalismo darwiviano e monistico.

Mas no monismo darwiniano temos uma direita e uma esquerda. N'esta vão os mecanistas exaggerados com Häckel á sua frente. Na esquerda vão os espiritos de mais vigor philosophico, tendo na sua dianteira a cabeça genial de Ludwig Noiré. Estes dão uma certa parte á teleologia. Entre elles vae Ihering, vae Hartmann e vae Tobias Barretto.

Demos-lhe a palavra e ouçamol-o.

Desenvolvendo para os seus estudantes aquelle 2.° *ponto* de seu programma de supposto *direito natural*, — *Lei geral do movimento e desenvolvimento de todos os seres*, disse o sabio brazileiro:

« O largo e fecundo estudo das sciencias naturaes tem exercido sobre os nossos tempos uma influencia poderosa. Steffens disse :— « as ideias religiosas do homem descançam em ultima analyse sobre as suas intuições á respeito da natureza.» Elle podia ter dito :—não só as religiosas, como tambem as philosophicas, politicas, sociaes, em uma palavra, todas as que tocam, de longe ou de perto, a direcção da vida.

Com effeito, que favores não são devidos á geologia, á astronomia, á chymica e á optica, por suas imponentes e significativas conquistas !.,. Ellas ensinaram-nos á encarar de sangue frio as mais vertiginosas alturas do pensamento, e nos habituaram ás conjecturas mais ousadas. Com razão diz Emerson :— « o religionario acanhado não pode impunemente estudar astronomia, pois que o *credo* da sua egreja se desfaz como uma folha secca ante a porta do observatorio ; um ar novo e sadio refresca o espirito e eleva a sua capacidade inventiva. »

Perguntando-se agora á que se deve attribuir tamanhos progressos das sciencias naturaes, a resposta não é duvidosa :— ao rigor do seu methodo, á simplificação das suas leis.

E' possivel, é mais plausivel, mais scientifico mesmo, que o universo não tenha sido, como disse Newton, feito de um jacto ; mas o certo é que tudo parece dominado de uma só

força. A massa é como o atomo:—a mesma chymica, a mesma gravitação, as mesmas condições. Os asteroides são fragmentos de uma velha estrella, e um meteorolitho o fragmento de um asteroide. Um espirito sagaz, por uma unica observação, descobre a lei com seus limites e suas harmonias, como o pastor, por meio de um só rasto, conhece o seu rebanho. Explicando-se o sol, explicam-se os planetas, e *vice versa.*

Toda pluralidade quer resolver-se em unidade. Tudo mostra uma tendencia ascensional. A forma inferior aponta para a superior, a superior para a suprema, desde os mais exiguos portadores da vida, desde o radiolado, o mollusco, o amphibio, o vertebrado, até o homem,— como se todo o mundo animal fosse sómente um museu destinado á apresentar a genesis da humanidade.

E neste ponto de vista, unicamente nelle, é que o velho bastão do sabio, a nua realidade, o ramo secco dos factos, reverdece e deita flôres; a sciencia assume um caracter poetico. Quando ella tinha a pretenção de explicar um reptil ou um mollusco, isolando-o,— era como se pretendesse achar a vida nos cemiterios. Mollusco, reptil, homem, anjo mesmo, se quizerem, só existem no *systema*, no *parentesco.* Toda fórma animal ou vegetal, é um passo inevitavel pelo caminho da força creadora.

O attractivo da chymica repousa principalmente na convicção de ter-se da materia uma massa igual, mas sem o minimo vestigio da fórma primitiva. O mesmo succede com as transformações animaes, por exemplo, com a larva e a mosca, o ovo e a ave, o embryão e o homem. Dest'arte vemos que todas as cousas se desvestem, e da sua antiga fórma escorregam para uma nova; que nada permanece estavel, senão aquelles fios invisiveis, que chamamos leis, e á que tudo se acha ligado.

Como a lingua se encerra no alphabeto, assim a natureza, o jogo das suas forças, encerram-se no atomo. Que significação tem tudo isto? Qual a *moralidade* que transluz deste immenso apologo do universo?

E' a questão eterna da metaphysica, da poesia e da religião. Não nos incumbe resolvel-a. O unico sentido superior que se nos deprehende da observação do mundo, é que tudo parece penetrado de um pensamento homogeneo; e quasi

podiamos affirmar com o Carlyle americano, acima citado: — « Ha sómente *um* animal, *uma* planta, *uma* materia, *uma* força. Pesando esta monstruosa *unidade*, o indagador nota que todas as cousas na natureza, animaes, montanhas, rios, estações, arvores, pedras, ferro, vapor, — se acham em mysteriosa relação com o seu proprio pensamento e com a sua propria vida. »

Assim é certo que tudo se transforma, excepto a transformação mesma, que tem a constancia da lei; e como o processo transformistico se reduz, em ultima analyse, á passagem de um estado á outro estado, ha razões para dizer que tambem tudo se move. Mas o que é o *movimento?* E' a mudança original, que repousa no fundo das de mais mudanças da natureza. Todas as forças elementares são forças *moventes*, e o alvo supremo das sciencias naturaes consiste justamente em achar os movimentos ou os principios motores, que servem de base á todas as outras mudanças.

Pelo cominho da analyse, procurando-se remontar á simples causas fundamentaes, póde tudo na natureza ser induzido sob o conceito do movimento. Até hoje, é verdade, só em poucos dominios scientificos tem sido possivel reduzir os phenomenos naturaes á vibrações e abalos de um caracter determinado. Chegaram á esse ponto somente a astronomia, a acustica e a optica. Nada obsta porém que a conquista vá mais longe.

Os phenomenos do universo, ao menos os que caem sob os nossos sentidos, por mais incongruentes que pareçam entre si, são todos reductiveis, como fracções differentes, á um mesmo denominador. Este denominador é o movimento. Uma ligeira prova, — e a these será facilmente comprehendida. Eis aqui: — os astros *brilham*, as flôres *desbrocham*, o vento *silva*, o mar *estúa*, o raio *fusila*, o leão *ruge*, as aves *cantam*, o sol *abraza*, o sangue *circula*, o coração *palpita*,—tudo isto: *brilhar*, *desbrochar*, *silvar*, *fusilar*, *rugir*, *cantar*, *abrazar*, *palpitar*, e o mais que não se sujeita á uma enumeração — é um complexo de phenomenos *kineticos* ou formas de *motilidade*.

Que influencia não exercem sobre os seres telluricos a luz e o calor solar?!... Tyndall disse: — « as forças inherentes ao nosso mundo, os thesouros repletos das nossas minas de carvão, nossos ventos e nossos rios, nossas frotas, exercitos

e canhões, são produzidos por uma pequena parte da força viva do sol, que aliás não monta, nem se quer $\frac{1}{2,300,000,000}$ da força inteira.»

O que é porém essa força viva? Ou seja luz, ou calor, ou magnetismo, ou electricidade, — unicamente força *motriz*.

O conceito do movimento, considerado assim como a expressão mais simples da immensa variedade dos phenomenos naturaes, dá lugar a uma intuição scientifica do mundo, que é exacta no seu principio, no seu ponto de partida,—a existencia de uma só lei, — mas torna-se inacceitavel, quando antecipa as suas conclusões e pretende sustentar que a explicação mechanica abrange a totalidade dos factos, que não ha excepção possivel.

E' a doutrina haeckeliana, é o *monismo* naturalistico do sabio professor de Jena. Mas não podemos conformar-nos com ella. A' intuição monistica de Haeckel achamos preferivel a do philosopho Noiré, que nos parece dar melhor conta da realidade das cousas.

Com effeito. o monismo de Noiré, que pode ter o nome de monismo philosophico em opposição ao naturalistico de Haeckel, assenta em base mais larga. A sua ideia directora é que o universo compõe-se de atomos, inteiramente iguaes, que são dotados de duas propriedades, — uma interna, o *sentimento*, — e outra externa, o *movimento*. Bem como os atomos, o sentimento e o movimento, que lhes são inherentes, são tambem originariamente iguaes. Destas duas propriedades originarias, inseparaveis, resulta todo o *desenvolvimento*, ou antes, o que se chama *desenvolvimento*, é a somma ou o producto de ambas; de modo que todo e qualquer desenvolvimento é reductivel á uma modificação do *movimento*, mas tambem, e ao mesmo tempo, todo e qualquer desenvolvimento é reductivel a uma modificação do *sentimento*.

A cousa não é facil como a *taboada*; mas nem por isso deixa de ser comprehensivel e digna de acceitação. O que o monismo, em falta de expressão mais apropriada, chama *sentimento*, não é diverso do que Schopenhauer chamou *vontade*, nem mesmo estaria longe de poder substituir-se pela palavra *espirito*, se a velha philosophia não nos tivesse habituado á formar do espirito uma idéa falsa, na qual assenta o erro do *dualismo*.

As duas propriedades referidas, posto que inseparaveis, — com o andar dos tempos, isto é, dos seculos de seculos, ou millennios de millenios, — chegam ao ponto de manterem-se entre si n'uma razão inversa; — ao *maximum* de movimento corresponde o *minimum* de seniimento, e *vice-versa*. E' a differença que vai do mundo anorgano ao mundo organico superior.

O monismo philosophico é conciliavel com a *teleologia* não tem horror as *causas finaes*; ao passo que o naturalistico só admitte as *causas efficientes*, e crê poder com ellas fazer todas as despezas de explicação scientifica.

E' ahi que nos separamos do grande mestre de Jena. O *mechanismo*, já o dissera Kant, não é sufficiente para dar a razão dos productos organicos; em relação á fórma dos organismos ha sempre um resto *mechanicamente inexplicavel*. Ora, esta inexplicabilidade mechanica augmenta gradualmente, á proporção que os organismos são mais desenvolvidos e as funcções mais complicadas; por conseguinte, quando se atravessa toda a serie de seres organisados, e chega-se á formações superiores, como o homem, a familia, o Estado, a sociedade em geral, o *mechanicamente inexplicavel* já não é um resto, mas quasi tudo. O que ha de *restante*, exiguamente *restante*, é a parte do mechanismo, a parte do movimento.

Eis porque, tratando-se da lei geral do movimento, importa addicionar-lhe a do desenvolvimento. A these: — *tudo se move*, — é verdadeira, porém de uma verdade parcial, que é preciso completar e esclarecer por esta outra; — *tudo se desenvolve*. E o caminho que leva o desenvolvimento dos seres, diz Noiré, é a constante elevação do *sentimento*, da propriedade interna dos mesmos seres, Esse caminho nos conduz da primeira esphera de nevoa do nosso systema solar á formação da terra; d'ahi aos primeiros elementos de materia animal; d'ahi ao primeiro homem, para chegar em fim a humanidade hodierna, que é propriamente o que interessa ao nosso estudo, Um immenso caminho, sem duvida; mas o moderno pensamento philosophico não conhece outro.» (1)

---

(1) *Licções de Direito Natural*, reproduzidas quasi integralmente nas *Questões Vigentes*.

Por este trecho de philosophia juridica, ou antes de philosophia geral applicada ao direito, bem claramente se percebe que o jurisconsulto em Tobias não é ao gosto do velho estylo de Trigo de Loureiro e Ramalho, ou até ao geito de Ribas ou Lafayette Pereira.

A cousa aqui é diversa; o direito entra a modelar-se pelas normas e ideias do naturalismo philosophico, assume outro caracter e outro vigor.

De repugnante que era, no seu vasio molde de uma formalistica inutil, torna-se attrahente como tudo em que borbulha a vida.

Ouçamos o orador.

Já dissemos de Tobias Barreto na sua qualidade de poeta, de critico e da jurista.

Haveria bastante a dizer a seu respeito como polemista, relembrando suas longas e terriveis luctas pela imprensa.

Ninguem melhor do que elle sabe dar uma sóva, uma tremendissima surra intellectual. Que o digam os padres do Maranhão, redactores da *Civilisação*; que o diga o senador Escragnolle Taunay na questão sobre Meyerbeer e sua influencia na opera moderna.

O folhetinistico magnata tem ainda bem visiveis os signaes da violenta pancadaria. Mas deixemos isto e rapidamente falemos do orador em nosso allemanista. E'-lhe esta uma das notações mais interessantes do talento.

Deve-se até dizer que ella influiu em todas as outras manifestações e qualidades de seu espirito. A acção mais intensa de sua intelligencia tem sido especialmente directa e pessoal. Sua poesia mesma, antes de apparecer nas paginas dos jornaes, era por elle *recitada* ante o publico ou em o circulo de seus amigos.

As ideias espalhadas nos artigos criticos, nos seus

escriptos scientificos adquirem um tom mais incisivo e assimilavel, quando elle as expõe em suas longas e attrahentes conversações.

Já nem falemos nos estudos juridicos, apanhados naturaes de suas prelecções academicas.

A nota mais viva deste homem é, pois, a sua acção directa pela palavra; é o talento de *causeur*.

Imaginae um espirito desabusado, habil em fazer um singular consorcio de lyrismo, de *humour* e de erudição; um homem versado no grego, latim, allemão, russo, inglez, italiano e nas respectivas litteraturas; uma memoria assombrosa e nutrida de factos scientificos, apreciações litterarias, pilherias e anecdotas de toda a casta, e tereis uma ideia de sua conversação, de seu talento de *prosear*.

O tom é popular e a voz tem um timbre peculiarissimo. Não se furta, não se enclausura, não foge do grande mundo; ao contrario ninguem é mais accessivel, mais facil de ser encontrado; é muito amigo de sahir, de andar, de distrahir-se palestrando.

Conta-se do afamado hegeliano Vera, o celebre professor de Napoles, que elle diz gostar de residir nos hoteis para ter ensejo de relacionar-se com muita gente afim de combater os prejuizos.

Tobias gosta immenso da sociedade, dos theatros, dos hoteis, não para combater prejuizos, porque elle não assume jámais attitudes de reformador, de evangelista, mas para satisfazer seu espirito inquieto, mobil, sofrego de ruido, de mutações, de effusões novas.

E' um estudioso addiccionado a um temperamento mundano e amigo dos prazeres, equilibrados por não sei que secreta musa, que lhe dá um ar de perpetua juvenilidade.

E' o mais amavel dos *causeurs;* e quem uma vez o ouvio acuradamente fica perpetuamente *sous le charme.*

D'ahi o prestigio de seu nome na roda de seus intimos, de seus amigos, de seus discipulos. O orador é

n'elle aquelle mesmo palestrador, um pouco mais excitado, mais nervoso e mais eloquente pela commoção.

Pelo lado esthetico da forma, do estylo — as manifestações intellectuaes d'este homem na poesia, na prosa e na oratoria tem atravessado duas phases bem caracterisadas.

A primeira maneira era clara e lucida; mas um pouco solemne. Durou pouco. Seu temperamento popular, e desabusado, acabou logo com isto, e o estylo do poeta, do prosador e do orador mudou para uma maneira simples, descuidosa, unida, igual, revestindo sempre a masculinidade de um pensamento nutrido de ideias e de força autonomica.

A eloquencia de Tobias é uma das mais bellas cousas que tenho apreciado n'este paiz.

O orador assoma na tribuna ; é um pequeno homem nervoso, excessivamente nervoso ; a figura attrae pela singular expressão do rosto, pela admiravel conformação da testa.

Começa a falar ; a voz é forte, vibrante, sem asperezas ; é voz acostumada a cantar, percebe-se logo. Não esqueçamos que o orador é musico e bom barytono.

O discurso principia doce, mas não á surdina ; é doce, porém é logo claro e bem intelligivel ; o tom é simples, o estylo despretencioso.

Logo após o calor vae dominando o orador, o accionado se agita, a imaginação desprende o vôo : ouvem-se então periodos poeticos, saborosos, bellissimos.

Mas debaixo d'aquelle poeta, está um sabio ; a logica reclama os seus direitos, apparecem os raciocinios os argumentos ; ouvem-se então interesantes trechos doutrinarios.

Porém aquelle sabio é tambem um mundano, um pilherico, um satyrico ; apparece o *humour* e as gargalhadas rebentam espontaneas.... Abençoada intelligencia, admiravel Protheu !

Fiel ao meu methodo de fazer este livro representar

o duplo papel de historia e de anthologia litteraria, não posso occultar aqui um trecho do orador.

Seja um discurso academico, por occasião da collação do gráo de doutor a dois candidatos :

« Senhores Doutores. — O discurso, que nesta occasião me incumbe proferir, tem tracada nos *Estatutos* a formula do seu preparo.

E' um discurso congratulatorio, uma cousa muito simples, até onde póde chegar a simplicidade de uma combinação binaria de estereotypos profalças pelo resultado feliz dos vossos esforços, e de velhas considerações, já difficeis de classificar em uma ordem de idéas sérias, sobre a importancia do grau, que acabaes de receber, e o uso que na sociedade deveis fazer das vossas lettras.

Como vêdes, é uma questão de *ritual*, e eu tenho obrigação de cingir-me á elle.

Não seria pois de estranhar que me limitasse a dizer: — eu vos felicito, Srs. doutores ; a importancia do grau, que vos foi eonferido, medi-a pela magnitude dos esforços, que elle vos custou, e o uso que tendes á fazer das vossas lettras, determinae-o vós mesmos, segundo os impetos do vosso talento e as insprrações do vosso caracter.

Não seria de estranhar, que á isto me limitasse, e désse então por findo o meu discurso. Nem haveria razão para se me accusar de esterilmente conciso, por excesso de respeito á uma disposição de lei.

Mas, Srs. doutores, eu creio que na propria mente do legislador nunca repousou semelhante idéa, — a idéa singular de serem todos aquelles, que se acham encarregados da honrosa missão que hoje me cabe, sempre condemnados á entoar o mesmo hymno, á recitar o mesmo epithalamio, por esta especie de *noivado scientifico*, como diria um romantico de antiga data, em uma palavra, condemnados á repetir em *estilo de brinde* as mesmas phrases consagradas, para accentuar a importancia de um facto, que ninguem contesta, e o verdadeiro uso de um titulo, que todo mundo sabe qual seja.

Não, Srs. doutores, não foi, nem podia ser este o intuito do legislador.

Eu o creio firmemente.

E d'accôrdo com esta crença, arrastado pelo espirito da época, em nome das novas idéas, que vôam de outros mundos, e bom grado ou mau grado nosso, hão de encontrar agasalho em nossas cabeças, julgo tambem aqui dever exercer uma funcção superior ao modesto papel ecclesiastico de um *mestre de cerimonias.*

A occasião é solemne, sim; mas justamente por isto ella abre caminho á alguma cousa de menos vulgar do que uma felicitação, á alguma cousa de mais elevado mesmo do que o grau, que recebestes, — é a defeza da sciencia que professamos, e em que acabaes de ser doutorados, a defeza que lhe devemos, em relação ao juizo desfavoravel que della actualmente se fórma, — em relação aos ataques, de que ella é alvo, sem excluir todavia a confissão dos seus defeitos e a critica dos seus desvios.

Na presente conjunctura, bem quer me parecer que nenhum assumpto melhor prestar-se-hia a formar o conteúdo da minha allocução, nem eu poderia achar um modo mais appropriado de congratular-me comvosco.

Se porém estou enganado, antecipo-me em pedir desculpa do que possa o meu discurso conter, não por certo de anomalo e inconveniente, mas por ventura de excentrico e inadequado ás circumstancias do momento.

Entretanto, permitti-me uma ligeira observação.

Ainda hoje, Srs. doutores, nas bibliothecas de velhos claustros encontram-se palimpsestos, onde se vê, por cima, desenhada a historia de um thaumaturgo, a historia de um santo miraculoso, que morreu de penitencia e maceração, ao passo que, por baixo, sorriem serenos os bellos versos da *ars amandi* de Ovidio; onde apparece, na parte superior, um breviario, cheio de melancolia, repleto de adoração, e na parte inferior uma comedia aristophanica; em cima, depara-se com o orgão, que acompanha o *de profundis*, e logo em baixo com o velho Anacreonte, seduzindo lindas moças: em cima, traçam-se as regras da grande arte de torturar hereges, e em baixo um velho pagão explica o capitulo do amor platonico... Ora, pois, Srs. doutores: —

seria acaso para censurar que minhas palavras produzissem uma impressão semelhante?

E' um discurso de *duas vistas*, se assim posso dizer, — um palimpsesto, se quizerem: — por um lado o cumprimento exacto de um sacro programma de festa, mas tambem, por outro lado, alguma cousa de mais profano, que fica fóra do horisonte de uma solemnidade academica; por um lado, a face calma de um espirito submisso, que por amor da ordem, por amor da disciplina, não duvidaria curvar-se para reconhecer e confessar de joelhos a immobilidade da terra, ou o progresso dos nossos estudos, mas tambem, por outro lado, a feição turbolenta de um rebelde intransigente, que não hesita em proferir o seu — *eppure se muove* — e dizer ao mundo inteiro: — nós estamos atrazados.

Não vos espanteis; comecemos pelo principio.

Nos dias que atravessamos, a esta hora do nosso desenvolvimento, quem, como vós, Srs. doutores, mesmo á custa de trabalho e sacrificio, é graduado em sciencias juridicas e sociaes, vê-se assaltado, — como Dante em frente da lôba — por uma questão sombria e importuna.

E' a seguinte: — existe realmente, temos nós realmente um grupo de sciencias de tal natureza? Em face do avanço immenso, que levam todos os outros ramos de conhecimentos humanos, não sôa como uma ironia falar de uma sciencia juridica, falar de uma sciencia social, quando nem uma nem outra estão no caso de satisfazer as exigencias de um verdadeiro systema scientifico? A questão é séria, Srs. doutores, e tão séria, que a mesma consciencia, a mais lucida consciencia do proprio merecimento, deixa-se absorver e apagar pelo sentimento da dubiedade do titulo que se recebe.

Não ha nega-lo, isto é um facto incontestavel.

Mas onde buscar a causa desse facto? Quál o motivo da estreiteza e acanhamento de vistas, que ainda se nota na intuição do direito, no modo de comprehendel-o e aprecial-o? Qual a razão, em summa, porque a sciencia do direito corre o risco de ser classificada no meio dos expedientes grosseiros, de tornar-se uma sciencia puramente nominal, que póde dar o pão, porém não dá honra á ningem, ou como, diz H. Post, uma irman da theologia, que se

limita á folhear o *Corpus juris*, como esta folhêa a *Biblia?* Existe ao certo uma razão; essa razão vem de mais alto. Nós vamos vê-la.

Ha no espirito scientifico, Srs. doutores, uma tendencia irresistivel para despir os phenomenos, o que vale dizer, para despir o mundo inteiro, que é um grande phenomeno collectivo, daquella roupagem poetica, em que a imaginação costuma involve-los.

Assim ao antigo grego que ouvia gemer a dryade dos bosques, quando uma arvore tombava, a natureza devia mostrar-se incomparavelmente mais cheia de poesia, do que ao homem de hoje, que trata de cultivar e conservar as florestas, segundo as leis da economia florestal e os principios da dendrologia.

E ainda que se possa lastimar, á muitos respeitos, a *despoetisação* dos phenomenos naturaes, por meio da sciencia, comtudo não se deve esquecer que o dominio do homem sobre a mesma natureza só se tem reforçado e engrandecido na proporção, em que elle tambem tem cessado de olhar para ella com os olhos de poeta.

Bem póde muitas vezes o indagador sentir até confranger-se-lhe o coração, quando vê-se obrigado a destruir bellas illusões e contribuir com as suas ruinas para uma mais clara intuição do mundo.

Neste trabalho elle póde mesmo chegar ao ponto de arrepender-se da sua tarefa, quando applica os seus processos ao mais soberbo e grandioso espectaculo, que a natureza desenrola aos nossos olhos, o espectaculo do céo da noite, carregado de estrellas scintillantes, pois que a sciencia não tem medo de roubar ao proprio céo a sua poesia e reduzir a pasmosa belleza do universo á céga mechanica das forças naturaes.

Mas não é licito reagir contra essa tendencia, que é caracteristica do espirito scientifico, em cuja frente caminham a devastação e a morte.

Aqui está, Srs. doutores, o segredo do facto que lastimamos.

Quando o homem da sciencia actual cessou de afagar mais de uma illusão de antigos tempos; quando o homem da sciencia actual cessou de olhar, com olhos de poeta

para muita cousa do céo, e para muita cousa da terra; quando elle já não se demora nem mesmo, por exemplo, em contemplar a belleza da lua, diante da qual, com seus fulgores e seus desmaios, elle sente-se tentado a dizer: deixa-te de *coquettices*, eu te conheço *carcassa*, — e aos requebros e langores da estrella matutina, é bem capaz de redarguir sizudo: — nem tanto, como pareces, pois que ficas preta, pequenina, insignificante, passando pelo disco do sol; em uma palavra, quando o homem da sciencia actual só piza em terreno firme, e todavia póde viver, como diz Tyndall, no meio de idéas, em presença das quaes desapparece a phantasia de Milton, — o homem do direito, o homem da sciencia juridica, parece que não sabe disso.

Tudo quebrou o primitivo involucro poetico; só o direito não quer sahir da sua casca mythologica.

A despeito de todas as conquistas da observação, a despeito de todos os dementidos, que a experiencia tem dado á velhas hypotheses e conjecturas phantasticas, — para a sciencia juridica é como se nada existisse.

A concepção do direito, como entidade metaphysica, *sub specie aeterni*, anterior e superior á formação das sociedades, contemporaneo, por tanto, dos *mammouths* e *megatherios*, quando aliás a verdade é que elle não vem de tão longe, e que a historia do fogo, a historia dos vasos culinarios, a historia da ceramica em geral, é muito mais antiga do que a historia do direito; — essa concepção retrogada, que não pertence ao nosso tempo, continúa á entorpercer-nos e esterilisar-nos.

Ahi está, Srs. doutores, o segredo do descredito em que cahiu a sciencia que cultivamos.

E' preciso levar a convicção no animo dos opiniaticos.

Não se crava o ferro no amago do madeiro com uma só pancada do martello.

E' mister bater, bater cem vezes, e cem vezes repetir: — o direito não é um filho do céo, — é simplesmente um phenomeno historico, um producto cultural da humanidade. *Serpens nisi serpentem comederit, non fit draco* — a serpe que não devora a serpe, não se faz dragão; a força que não vence a força, não se faz direito; o direito é a força, que matou a propria força.

Eu bem sei, Srs. doutores, quanto esta doutrina fére ouvidos pouco abituados á uma tal ordem de idéas.

Mas o que difficulta a sua comprehensão, é justamente a mesma circumstancia que torna difficil, *exempli gratia*, comprehender o pensamento como attributo material, como funcção do cerebro. Quando se falla em materia, em vez de pensar-se nas suas mais altas phenomenisações, em vez de pensar-se, por exemplo, na materia de que o sol é feito, na materia de que é feito um lindo cravo, um rubro e fresco labio feminino, pensa-se ao contrario... n'um pedaço de pedra bruta, ou mesmo na lama, que se tem debaixo dos pés; e realmente não é possivel que a intelligencia resida em semelhantes cousas.

Da mesma fórma, quando se falla em *força*, em vez de pensar-se no conceito capital de todas as sciencias, na idéa *genetrix* de toda a philosophia, pensa-se... n'uma *força de policia*, ás ordens de um delegado, cercando egrejas para fazer eleições; e então... quem póde admittir que o direito seja isso?... Ora!... E' preciso que nos elevemos um pouco mais acima.

Assim como, de todos os modos possiveis de abreviar o caminho entre dous pontos dados, a linha recta é o melhor; assim como, de todos os modos imaginaveis de um corpo gyrar em torno de outro corpo, o circulo é o mais regular; — assim tambem, de todos os modos possiveis de coexistencia humana, o direito é o melhor modo.

Tal é a concepção que está de accordo com a intuição monistica do mundo. Perante a consciencia moderna, o direito é um *modus vivendi*; — é a pacificação do antagonismo das forças sociaes, da mesma fórma que, perante o telescopio moderno, os systemas planetarios são tratados de paz entre as estrellas.

Senhores doutores, na sua concisa e bella carta em resposta a que lhe dirigira o corpo docente desta Faculdade, o professor Holtzendorff nos disse que, se bem comprehendeu o seu amigo Bluntschli, este tivera em mente alguma cousa, que elle podia designar pelo nome de *Cosmos* do direito e da moral.

Magnifica expressão!

Ha realmente um *Cosmos* do direito; mas este, não me-

nos do que o *Cosmos* physico, é um producto da lei do *fieri*, da lei do desenvolvimento continúo; — e assim como no mundo material é presumivel que exista apenas uma pequena parte, em que a materia já chegou ao seu estado de equilibrio, assim tambem no *Cosmos* do direito só ha uma parte diminuta, em que as forças se acham equilibradas, e não tem mais necessidade de luctar.

Olhada por este lado, apreciada desse ponto de vista, a sciencia do direito remoça e torna-se digna das nossas meditações.

Nem estas idéas são de todo estranhas.

A concepção monistica do direito já existia esboçada no pensamento de Vico.

Não é que eu opine com o *chauvinista* italiano, professor Bertrando Spaventa, para quem Vico é *il vero precursore de tutta l'Allemagna*, mesmo porque poderia succeder que os allemães me provassem que tres quartos da riqueza de Vico provieram de Leibnitz; mas é certo que no autor da *scienza nuova*, que aliás já em muitos pontos se tornou *scienza vechia*, houve como que uma prefiguração do jurista moderno, do jurista, como elle deve ser, indagador e philosopho, capaz de utilisar-se de tudo que serve a sua causa, desde as observações astronomicas de um barão du Prel, até as minudencias naturalisticas de um Charles Darwin.

E' sobre isto, Senhores doutores, que ouso de preferencia chamar a vossa attenção.

Convençamo-nos da necessidade de tomar outros caminhos. Para isso é mister *estudar*, como para isso tambem é mister *ensinar*... Novo systema de estudos, novo systema de ensino.

Ernesto Renan disse uma vez que, pelos vicios do ensino superior, a França corria o perigo de tornar-se um *povo de redactores*, e quasi ao mesmo tempo Mark Pattison, chefe do partido reformista de Exford, lastimava por sua vez que as Universidades da Inglaterra parecessem só querer produzir *escriptores de artigos de fundo*.

Pois bem: é bom que confessemos: pelo systhema que nos rege, nós não corremos risco, nem de uma, de outra cousa, porém de cousa peior: — é de tornarmo-nos um povo de *advogados*, um povo de *chicanistas*, de *fazedores de petição*,

sem criterio, sem sciencia, sem idéal, pois que nos cabe em maior escala o que Rocco di Zerbi disse da sua Italia: *L'idealismo non ha presa in questo paese di avvocati.*

E aqui, Senhores doutores, não posso obstar a invasão da reminiscencia do seguinte *passus* historico.

Era no anno do 1559. Occupava a cadeira pontifical o terrivel velho, como diz um chronista da epocha, — *tutto nervo com poca carne*, o celebre e genial Paulo IV. No dia 1.º de Janeiro, tivera lugar em Roma na casa de Andrea Lanfranchi, secretario do duque de Pagliano, uma esplendida ceia, em que tomaram parte, além de outras notabilidades do tempo, o Cardeal Innocenzo del Monte, que fôra creado de Julio III, e o Cardeal Carlo Caraffa, sobrinho do pontifice.

Este ultimo commensal, que se apresentára na ceia, cingido de espada, vestido de cavalheiro, travára ahí mesme uma lucta sangrenta, por motivos do ciume, provocado pela bella romana, madonna Martuccia, com o fidalgo napolitano, Marcello Capece. O facto causára escandalo e tinha chegado até os ouvidos do papa. Cinco dias dspois, Paulo IV appareceu na sessão da inquisição, ainda mais terrivel do que de costume, e em longo, tempestuoso discurso, profligou os abusos da egreja, mas sem pronunciar o nome de seu sobrinho!

Ao Cardeal del Monte elle ameaçou de arrancar-lhe o barrete vermelho, e concluio, bradando uma e mais vezes, perante a Assembléa attonita e silenciosa: — reforma! reforma! — Santo Padre; respondeu-lhe afouta e allusivamente o Cardeal Pacheco, — reforma, sim, mas a reforma deve começar por nós mesmos.

E' assim, Senhores doutores!... E' assim quando ouço repetir, como se repete a cada instante, que o ensino academico está de todo transviado, porque de todo tambem está perdida a faculdade de estudar, e que portanto é urgente, é urgentissima uma reforma radical, eu me lembro do Cardeal Pacheco, e tenho vontade de responder com elle: reforma, sim, Santo Padre, mas nós somos os primeiros á tratar de reformar-nos; somos os primeiros que devemos munir-nos de abnegação e de coragem, tanto quanto havemos mister de coragem e abnegação, para despirmo-nos das nossas bécas. mofadas de theorias caducas, e tomarmos trajo

novo. Releva dizer á sciencia velha: retira-te; e á sciencia nava: entre, moça. Darwinista ou kaeckeliana, pouco nos importa, o que queremos é a verdade. As Faculdades não são sómente estabelecimentos de instrucção, mas inda e principalmente, como diz Henrique von Sybel, verdadeiros laboratorios, officinas de sciencia. E' preciso tambem pensar por nossa conta. Eis ahi tudo.

Agora vós, Senhores doutores, ao concluir, acceitae um concelho de amigo. Não adormeçaes sobre os louros, mas trabalhae, continuae á trabalhar, e trabalhar sómente na direcção do futuro... (1) »

Ponhamos aqui remate ao perfil da attrahente e poderosa individualidade espiritual de Tobias Barreto. Entre nós seu nome já é muito conhecido; porém não lhe têm sido ainda prestados todos os preitos a que elle tem incontestavel direito. N'isto havemos ficado bem atraz da Allemanha, que o fez membro do Club dos Cosmophilos de Leipzig, professor honorario do Instituto Livre de Frankfort e da Universidade de Heidelberg, sem falar em muitos e illustres allemães que solicitaram suas relações e com elle se correspondem. Nós não; estamos muito alto collocados, e só nos voltamos para as grandezas sobre-humanas, sobre-naturaes... Pois si temos alli em Lisboa o Ortigão para nos embasbacar, como nos havemos de lembrar do Tobias, do *teuto-sergipano*, do *pontifice da Escada?!*

Não obsta isto, que um portuguez mesmo já uma vez me escrevesse em carta estas palavras: « Admiro muito este talento superior, cujo vigor de estylo e brilho de idéa são sorprehendentes. E' um vigorosissimo e sublime derrocador de velharias de tal ordem que não conheço ninguem em Portugal que se lhe assemelhe

---

(1) *Discursos*, Recife, 1887, pag. 99.

ou iguale na sua especialidade critica. Tem uma fórma nova e bella de dizer, e sobreleva ao Ramalho Ortigão em erudição solida e auctoridade doutrinaria. Aquelle brilha pela ironia franceza; mas Tobias prende e domina pela sua logica irrefutavel. » (1) E' isto mesmo; o insuspeito portuguez tem razão.

---

(1) Carta do Sr. Carrilho Videira ao auctor a 26 de março de 1884.

E já agora não me despeço de todo do escriptor sergipano sem rectificar um engano seu a meu respeito. E' o caso que em suas *Questões Vigentes*, no artigo — *Recordação de Kant* —, falando do atraso da philosophia entre nós e reproduzindo palavras suas escriptas em 1874, diz em nota, entre outras cousas, o seguinte *sur mon compte:* « Reconhecendo a impossibilidade de uma *reacção benefica*, elle viu-se obrigado a ser *rotineiro*, a ensinar sómente pelo *esterilissimo* programma da philosophia official. » (*Quest. Vig.* pag. 238). Estas informações são inexactas.

Tenho embargos a oppôr e são estes:

1.º — *Anch'io son pittore;* eu tambem e por muitas vezes apresentei para a minha aula amplos e pomposos programmas;

2.º — O que tem sido adoptado pelo governo não é obra minha e foi por mim sempre combatido;

3.º — O falso encyclopedismo do programma dito official representa na minha aula o *momento comico* e serve-me para desopilar o baço, provocando a critica e a satyra. Por este lado é magnifico, representa justamente o papel do decantado *Direito Natural* nas Faculdades Juridicas;

4.º — Um programma é uma cousa inteiramente secundaria; não ha bons programmas para máos professores, nem os ha máos para professores bons;

5.º — Em todo caso, afim de cortar abusos e dispensar explicações, já propuz, por vezes, ao governo a reducção do curso ao estudo da *Logica*, por se tratar de ensino secundario, dado a meninos de 14 a 16 annos;

6.º — O essencial é que não lecciono o velho espiritualismo, nem o velho materialismo; mas sim a philosophia, que consta de meus escriptos, especie de *neo-kantismo*, *neo-criticismo*, alliança do naturalismo scientifico moderno e da philosophia de Kant, de que já falo na *Philosophia no Brazil* publicada em 1878.

Creio que estes embargos serão recebidos e afinal julgados provados. Justiça!

CAPITULO VII.

Ainda ultimos poetas da escola romantica.

Antonio de Castro Alves (1847-1871). E' um dos nomes mais afamados da moderna poesia brazileira. Tem sido muito lido e muito estudado, quasi sempre n'um tom dithyrambico e encomiastico. Mas ainda ha alguma cousa de proveitoso a dizer sobre elle.

Antes de tudo, umas rapidas notas biographicas. Para isto vamos cingir-nos ao que existe de mais authentico em tal assumpto, a biographia do poeta escripta por seu cunhado o Dr. Augusto Alves Guimarães, e publicada nos numeros 2 e 5, anno I, da *Gazeta Litteraria* do Rio de Janeiro.

Castro Alves nasceu na comarca da Cachoeira, perto do Curralinho, na fazenda *Cabaceiras* a 14 de março de 1847.

Seu pai era medico e mais tarde tirou uma cadeira na faculdade da Bahia. O futuro auctor do *Navio Ne-*

greiro estudou preparatorios no Gymnasio Bahiano sob a direcção do Dr. Abilio Cesar Borges, actual Barão de Macaúbas.

Em 1862 seguiu para o Recife, onde ainda foi preparatoriano durante dois annos, matriculando-se em 1864. Conservou-se em Pernambuco até fins de 1867, partindo para a Bahia, e, logo em começo do anno seguinte, para São Paulo, de passagem pelo Rio de Janeiro.

Em São Paulo continuou o curso academico, interrompendo-o logo após; porque a 11 de novembro de mesmo anno de 1868, andando á caça, disparou casualmente um tiro no calcanhar.

Gerou-se-lhe ahi longa e pertinaz enfermidade, tendo de se lhe amputar no anno seguinte no Rio de Janeiro o terço inferior da perna. Depauperado o organismo, sobreveio-lhe a molestia pulmonar. Teve de demandar de novo as plagas da provincia natal em dezembro de 1869. Seguiu para os sertões, demorando-se em Curralinho e Rozario de Orobó em 1870 até setembro, época em que voltou á capital da provincia, onde falleceu a 6 de julho de 1871.

São as principaes datas de sua vida exterior. Até aqui o trabalho dos biographos. (1)

Agora analysemos nós e reconstruamos a vida psychologica do poeta.

A carreira litteraria de Castro Alves, que abrange apenas o curto espaço de pouco mais de onze annos, pode rigorosamente ser dividida em quatro épocas:

a) phase primitiva (1860-63), tempo dos preparatorios na Bahia e no Recife, restando d'então pouquissimos documentos;

b) periodo aureo do Recife (1864-67), tempo do *Gonzaga* e de grande parte das poesias;

---

(1) Vide *Gazeta Litteraria*, ns. citados.

c) época de S. Paulo e Rio de Janeiro, menos de dois annos (1868-69);

d) ultima phase da Bahia apenas de anno e meio—(1870-71). Dos onze annos, quatro de pura meninice litteraria quasi nada avultam em sua carreira. Restam os sete ou sete e meio seguintes a contar de 1861—até a dacta do fallecimento do poeta.

D'estes sete, quatro, os mais fecundos de sua vida, foram passados no Recife com pequenas estadas na Bahia. Dos tres e meio annos restantes, sómente menos de um (1868 até novembro) passou com saúde. Os que se lhe seguiram foram preenchidos pelos acerbos soffrimentos da molestia do pé e da tuberculose.

Releva, portanto, ficar bem assentado que o nosso poeta, chegando a São Paulo em março de 1868, adoeceu, d'ahi a oito mezes, em novembro, e retirou-se definitivamente em abril do anno seguinte. Pouco, bem pouco podia ter elle escripto alli. A mór parte de suas producções ou são dos tempos aureos do norte, antes de sua vinda ao sul, ou dos melancholicos tempos da Bahia depois d'essa viagem. (1)

Pertencem á primeira cathegoria —, além do drama *Gonzaga*, as poesias — *Hebréa*, *Duas Ilhas*, *Visão dos Mortos*, *Pedro Ivo*, *O Seculo*, *Quem dá aos pobres empresta a Deus*, *Mocidade e morte*, *Ao Dois de Julho*, *Tres Amores*, *Gondoleiro de amor*, *Sub tegmine fagi*, *O vôo do genio*, *A Maciel Pinheiro*, *Dalila*, *A Boa Vista*, *O coração*, *A uma actriz*, *O Livro e a America*, e todo ou quasi todo o poema—*A Cachoeira de Paulo Affonso.*

São da segunda especie as poesias — *Dedicatoria*, *O fantasma e a canção*, *Poesia e mendicidade*, *Versos de um viajante*, *Onde estás?* *A uma estrangeira*, *Pelas sombras*, *As duas flôres*, *Os anjos da meia noite*, *O Hospede*,

---

(1) A estada do poeta no sul durou 22 mezes. que tantos vão de fevereiro de 68 a novembro inclusive de 69. Destes 22 mezes — 13 foram passados em S. Paulo.

Aves de arribação, *Os perfumes*, *A Guilherme de C. Alves*, *Uma pagina de escola realista*, *Coup d'étrier*, *Si eu te dissesse*, *Saudação a Palmares*, *Horas de saudade*, *Fé, esperança e caridade*, *Deusa incruenta* e *No meeting do Comité du pain.*

Bem se vê que ahi está a maior porção da obra do poeta e o que n'ella ha de mais selecto.

Foram escriptas no Rio de Janeiro e em São Paulo apenas — *O laço de fita*, *Ahasverus e o genio*, *O adeus de Thereza*, *A volta da primavera*, *Boa-Noite*, *Adormecida*, *Jesuitas*, *Hymno ao somno*, *No album de L. C. Amoedo*, *Murmurios da tarde*, *Ode ao dois de Julho*, *O tonel das Danaides*, *A Luiz*, *A Joaquim Augusto*, *Immensis orbibus anguis*, *Canção do bohemio*, *E' tarde*, *Quando eu morrer.* Temos assim contado e destribuido a quasi totalidade das producções do vate bahiano.

Digo quasi totalidade; porque não estão incluidas n'ellas quatro bem notaveis: *Vozes d'Africa*, *O Navio Negreiro*, *Tragedia no Lar*, e *Adeus—meu canto!*—D'estas as duas primeiras são do Recife e Bahia antes da viagem; as outras da Bahia depois d'ella.

Fica assim bem averiguado haver o poeta chegado a S. Paulo aos vinte e um annos de idade, na plenitude do talento, já feito nas letras, precedido de fama, acompanhado dos elogios que soube conquistar no Recife, na Bahia e no Rio de Janeiro. Alencar e Machado de Assis encarregaram-se de o apadrinhar contra as invectivas malevolas da inveja do anonymato litterario.

Desde 1864 Castro Alves e Tobias Barreto foram os mais notaveis talentos da faculdade de direito do Recife.

Em 1866 formaram-se os dois partidos theatraes das duas actrizes, que foram a causa do romprimento dos dois poetas. Castro decidiu-se por uma e Tobias por outra. Victoriano Palhares era do lado do poeta bahiano. As duas actrizes tinham muito talento; a diva de Castro Alves era uma livre e ousada mulher; a outra era timida e recatada.

Tobias tinha dito uma vez:

« Sou grego, pequeno e forte
Das forças do coração,
Vi de Socrates a morte,
E conversei com Platão...
Sou grego, gósto das flôres,
Dos perfumes, dos rumores;
Mas minha alma inda tem fé...
Meus instinctos não esmágo,
Não sonho, não me embriago
Nos banquetes de Phriné!... »

A invectiva era dura, e é fama que então Castro Alves lhe respondera:

« Sou hebreu; não beijo as plantas
Da mulher de Putiphar... »

Dos camarotes e platéa do theatro passou para a imprensa a malfadada lucta.

O poeta bahiano na *Luz* e o sergipano na *Revista Litteraria* aggrediram-se desapiedada e tristemente. Assim quebraram as relações e tornaram-se inconciliaveis, por futilidades, dois grandes talentos, dignos de reciprocamente se estimarem.

Entretanto, Castro continuou a produzir.

Começou e adiantou aquella serie de cantos que intitulou *O Poema dos Escravos;* escreveu o drama *Gonzaga ou a Revolucão de Minas*, além de outros trabalhos de vulto inferior. Porém elle era um moço ardente e inexperiente. O enthusiamo pela actriz passou adiante e ella encadèou-o e sugou-lhe a seiva opulenta da mocidade.

E' já tempo de escutar os lamentos do poeta e chorar com elle as suas magoas.

Já doente a 13 de outubro de 1869 em *Immensis orbibus anguis* pranteava elle:

« Assim, minh'alma, assim um dia adormeceste
Na floresta ideal da ardente mocidade...
Abria a phantasia a petala celeste...
Zumbia o sonho d'ouro em doce obscuridade...

Assim, minh'alma, déste o seio (ó dôr immensa!)
Onde a paixão corria indomita e fremente!
Assim bebeu-te a vida, a mocidade e crença
Não bocca de mulher... mas de fatal serpente!... »

A 3 de novembro do mesmo anno em *E' tarde!* fallou assim:

« Treda noite! Minh'alma era o sacrario
A lampada do amor velava emtanto,
Virgem flor enfeitava a borda virgem
Do vaso sacrosanto,

Quando Ella veio — a negra feiticeira
A libertina, lugubre bacchante,
Lascivo olhar, a trança desgrenhada,
A roupa gottejante.

Foi minha crença — o vinho dessa orgia,
Foi minha vida — a chamma que apagou-se
Foi minha mocidade — o tóro lubrico,
Minh'alma o tredo alcouce... »

Estas notas são intensas e verdadeiras; revelam alguns d'esses soffrimentos intimos, que são sempre os mais terriveis e tenazes e os que mais despercebidos são pelo mundo ignaro.

Digamos mais directamente dos livros do poeta.

Castro Alves deixou tres obras: *Espumas Fluctuantes*, *Gonzaga* e *O Poema dos Escravos*

Este ultimo não ficou acabado. Existem apenas d'elle dois fragmentos, um episodio *A Cachoeira de Paulo Affonso*, um punhado de poesias sob o titulo de *Manuscriptos de Stenio.*

O *Poema dos Escravos* não era na mente do auctor uma epopéa no velho e commum sentido, a saber, um enrêdo, uma acção especial, desenrolada por personagens typicos. Era antes uma collecção de poesias soltas, desprendidas entre si, referentes todas, porém, ao facto social da escravidão. E aqui tocamos o intimo mesmo do talento do moço bahiano. Quem o lê attentamente nota-lhe logo dois tons fundamentaes em sua lyra: — o lyrismo gracioso dos amores, das paixões, das effusões particulares, e o cantar brilhante do socialista, do democrata social. As producções em que predomina o primeiro tom são interessantes; mas contam muitas congeneres na litteratura brazileira. Aquellas em que sobresae a outra nota — possuem poucas similares entre nós.

Castro Alves em nossa historia litteraria representa um duplo papel. Por um lado, elle foi o apostolo andante, o São Paulo do condoreirismo. Não ficou parado no Recife; depois de ter alli luctado em prol da nova poesia, passou á Bahia e d'ahi ao Rio e a São Paulo. Estes são os quatro centros intellectuaes mais notaveis do Brazil; n'elles o poeta fez-se ouvir e creou adeptos.

Sua *maneira* espalhou-se então por todo o paiz. Escusado é dizer que a mediocridade dos máos discipulos foi-se tornando cada vez mais accentuada, até cahir nos mais extravagantes despropositos.

Foi um tempo de verdadeira pathologia litteraria de que o poeta bahiano não foi aliás o culpado.

Por outro lado, tomou elle muito ao serio o seu caracter de poeta, e concentrou ahi todos os esforços e energias de seu espirito. Quiz deixar obra duravel.

Para tanto deixou, por algum, por bastante tempo de parte suas preoccupações particulares, seus ephemeros amores, e lançou olhares curiosos sobre a nossa sociedade. Um facto ahi havia que o impressionou sobre todos, o facto cruel e repugnante da escravidão; e elle tentou fazer o poema dos escravos.

Ahi vae a sua verdadeira originalidade. Antes e depois d'elle, entre nós e no estrangeiro, alguns poetas tomaram como assumpto de seus cantares o phenomeno extravagante da escravidão. Mas Castro Alves tem entre todos uma nota especial. E' bem verdade que não se collocou em o ponto de vista determinado da escravidão brazileira. Por outros termos, é bem verdade que elle não fez a psychologia nem a sociologia do escravo, não se poz no meio dos captivos *nos engenhos* e nas *fazendas* para lhes photographar com nitidez naturalistica o viver pungente e as profundissimas miserias.

O poeta não architectou o romance cruel e *realista* dos escravos. Não, seu caminho foi outro, ensinado, apontado pela indole mesma de seu talento. Ao poeta, bastou-lhe para o excitar e commover o facto geral e indistincto da escravidão. Só isto foi bastante para levantar-lhe o sentimento, e este sentimento foi a indignação e a colera. O poeta não desceu a descrever scenas; alludio rapidamente a ellas e suppôl-as com razão conhecidas de todos. Elle é da familia de cantor dos *Chatiments;* indigna-se, encolerisa-se e larga o azorague nos verdugos, nos oppressores dos miseros captivos.

O espirito de Castro Alves é o de um tribuno, de um agitador; sua poesia é a expressão natural de seu caracter, de seu temperamento.

Elle é assim um dos mais nitidos exemplares entre nós do poeta socialista, quero dizer, do poeta que em sua arte preoccupa-se com certas ideias e problemas que se agitam na vida politica e social da nação. Tem-se

muito discutido o valor desta poesia. Uns a atacam, outros a defendem.

Que importa isto? Não é exactamente o que se dá com todas as cousas?

Os que lhe são adversos não se esquecem de dizer que a arte nada deve ter com theorias e systemas quaesquer, scientificos, philosophicos, politicos ou sociaes. Sua base é o sentimento, seu fim é a emoção esthetica, o bello. Nada de hybridismos n'arte. Mas será certo que a poesia deva permanecer sempre na *egoismisação* de nossos affectos, de nossas tendencias individuaes?

Não será util e salutar lançar de vez em quando as vistas sobre a vida collectiva, sobre a existencia geral?

Nosso proximo vale bem o sacrificio, si sacrificio ahi existe.

Castro Alves não perdeu seu tempo; bem ao contrario este paiz deverá sempre lêr todos os bellos versos em que elle foi o porta-voz, a expressão grandiloca da consciencia da patria. Antes da lei de 28 de setembro de 1871, que declarou livres todos os nascidos no Brazil, a poesia já se havia honrado com as *Vozes d'Africa* e *O Navio Negreiro.*

Eu bem sei que podia agora esquadrinhar os escriptos do poeta e indicar n'elles descuidos e extravagancias. Uma critica elementar irá fazel-o e com vantagem; não o farei eu. E' preferivel ouvirmos agora alguma cousa do poeta, e seja-a—*Adeus, meu canto!*— E' assim:

« Adeus, meu canto! é a hora da partida...
O oceano do povo s'encapela.
Filho da tempestade, irmão do raio,
Lança teu grito ao vento da procela.
O inverno envolto em mantos de geada
Cresta a rosa de amor que além se erguera...
Ave de arribação, vôa, annuncia
Da liberdade a santa primavera.

É preciso partir, aos horizontes
Mandar o grito errante da vedeta.
Ergue-te, ó luz! estrella para o povo,
Para os tyranos, — lugubre cometa.
Adeus, meu canto! na revolta praça
Ruge o clarim tremendo da batalha.
Aguia — talvez as azas te espedacem,
Bandeira — talvez rasgue-te a metralha.

Mas não importa a ti, que no banquete
O manto sybarita não trajaste, —
Que se os louros não tens na altiva fronte
Tambem da orgia a c'rôa renegaste.
A ti que herdeiro d'uma raça livre
Tomaste o velho arnez e a cota d'armas;
E no ginete que escarvava os valles
A corneta esperaste dos alarmas.

É tempo agora p'ra quem sonha a gloria
E a luta... e a luta! essa fatal fornalha,
Onde referve o bronze das estatuas.
Que a mão dos seculos no futuro talha...
Parte, pois, solta livre aos quatro ventos
A alma cheia das crenças do poeta!...
Ergue-te, ó luz! estrella para o povo,
Para os tyranos — lugubre cometa.

Ha muita virgem que ao patibulo impuro
A mão do algoz arrasta pela trança;
Muita cabeça d'ancião curvada,
Muito riso afogado de criança.
Dirás á virgem: — Minha irmã, espera;
Eu vejo ao longe a pomba do futuro,
Meu pai, dirás ao velho, dá-me o fardo
Que atropela-te o passo mal seguro...

A cada berço levarás a crença,
A cada campa levarás o pranto!...
Nos berços nús, nas sepulturas razas,
— Irmão do pobre — viverás meu canto.
E pendido atravez de dous abysmos,
Com os pés na terra e a fronte no infinito,
Traze a benção de Deus ao captiveiro,
Levanta a Deus do captiveiro o grito!

Eu sei que ao longe, na praça,
Ferve a onda popular,
Que ás vezes é pelourinho,
Mas poucas vezes — altar...
Que zomba do bardo attento,
Curvo aos murmurios do vento
Nas florestas do existir,
Que baba fel e ironia
Sobre o ovo da utopia,
Que guarda a ave — o porvir.

Eu sei que o odio, o egoismo,
A hypocrisia, a ambição,
Almas escuras de grutas,
Onde não desce um clarão;
Peitos surdos ás conquistas,
Olhos fechados ás vistas,
Vistas fechadas á luz;
Do poeta solitario
Lançam pedras ao calvario,
Lançam blasphemias á cruz.

Eu sei que a raça impudente
Do scriba, do phariseu,
Que ao Christo eleva o patibulo,
A' fogueira o Galileu;
É o fumo da chamma vasta,

Sombra — que o seculo — arrasta,
Negra, torcida, a seus pés:
Tronco enraigado no inferno,
Que se arquêa, escuro, eterno,
Das idades atravez.

E elles dizem reclinados
Nos festins de Balthazar:
— Que importuno é esse que canta
Lá no Euphrate a soluçar?
Prende aos ramos do salgueiro
A lyra do captiveiro,
Propheta de maldição,
Ou, cingindo a augusta fronte
Com as rosas d'Anacreonte,
Canta o amor e a creação...

Sim! cantar o campo, as selvas,
As tardes, a sombra, a luz!
Soltar su'alma com o bando
Das borboletas azues,
Ouvir o vento que geme,
Sentir a folha que treme,
Como um seio que pulou,
Das mattas entre os desvios
Passar nos antros bravios
Por onde o jaguar passou;

É bello... e já quantas vezes
Não saudei a terra — o céo,
E o universo — biblia immensa
Que Deus no espaço escreveu?...
Que vezes nas cordilheiras,
Pelas selvas brazileiras
Eu lancei minha canção,
Escutando as ventanias,
Vagas, tristes prophecias,
Gemerem na escuridão?!...

Já tambem amei as flores,
As mulheres, o arrebol,
E o sino que chora triste
Ao morno calor do sol ;
Ouvi saudoso a viola,
Que o sertanejo consola
Junto á fogueira do lar,
Amei a linda serrana
Cantando a molle *tyrana*
Pelas noites de luar !

Da infancia o tempo fugindo,
Tudo mudou-se em redor,
Um dia passa em minh'alma
Das cidades o rumor...
Sôa a ideia, sôa o malho,
O cyclope do trabalho
Prepara o raio do sol —
Tem o povo — mar violento —
Por armas o pensamento,
A verdade — por pharol !

E o homem, vaga que nasce
No oceano popular,
Tem que impellir os espiritos
Tem uma plaga a buscar.
Oh ! maldição ao poeta,
Que foge, falso propheta,
Nos dias de provação !
Que mistura o tosco iambo
Com thyrio dythirambo
Nos poemas d'afflicção !...

« Trabalhar ! » brada na sombra
A voz immensa — de Deus !
« Braços, voltai-vos p'ra terra,
Homens, voltai-vos p'ra os céos !...
Poetas, sabios, selvagens,

Sois as santas equipagens
Da nào — civilisação.
Marinheiro — sobe aos mastros,
Piloto, estuda nos astros,
Gageiro, olha a cerração! »

Uivava a negra tormenta
Na enxarcia, nos mastaréos.
Uivavam nos tombadilhos
Gritos insontes de réos.
Vi a equipagem medrosa
Da morte a vaga horrorosa
Seu proprio irmão sacudir...
E bradei: « Meu canto, vôa,
Terra ao longe, terra á prôa!...
Vejo a terra do porvir!... »

Companheiro da noite mal dormida,
Que a mocidade vela sonhadora,
Primeira folha d'arvore da vida,
Estrella que annuncia a luz á aurora!
Da harpa do meu amor nota perdida,
Orvalho que do seio se evapora,
É tempo de partir... vôa, meu canto,
Que tantas vezes orvalhei de pranto!...

Tu foste a estrella Vesper que alumia
Aos pastores d'Arcadia nos fraguedos!
Ave — que no meu peito se aquecia,
Ao murmurio talvez dos meus segredos...
Mas hoje... que sinistra venta ia
Muge nas selvas, ruge nos rochedos,
Condor sem rumo, errante, que esvoaça,
Deixo-te entregue ao vento da desgraça!

Quero-te assim; na terra o teu fadario
É ser o irmão do escravo que trabalha,
É chorar junto á cruz do seu calvario,
É bramir do senhor na bacchanalha...
Se — vivo — seguirás o itinerario,
Mas, se — morto — rolares na mortalha,
Terás, selvagem filho da floresta,
Nos raios e trovões hymnos de festa.

Quando a piedosa, errante caravana,
Se perde nos desertos, peregrina,
Buscando na cidade musulmana
Do sepulchro de Deus a vasta ruina,
Olha o sol que se esconde na savana,
Pensa em Jerusalém, sempre divina,
Morre feliz, deixando sobre a estrada
O marco miliario d'uma ossada.

E mesmo quando a turba horripilante,
Hypocrita, sem fé, bacchante impura,
Possa curvar-te a fronte de gigante,
Possa quebrar-te as malhas da armadura;
Tu deixarás na liça o ferreo guante,
Que ha de colher a geração futura...
Mas, não... crê no porvir, na mocidade,
Sol brilhante do céo da liberdade!

Canta, filho do sol da zona ardente,
Estes serros soberbos, altanados!
Emboca a tuba lugubre, estridente,
Em que aprendeste a rebramir teus brados!
Levanta — das orgias do presente,
Levanta — dos sepulchros do passado,
Voz de ferro! levanta as almas grandes
Do sul ao norte... do oceano aos Andes!... »

Ainda mais eloquentes do que esta são as *Vozes d'Africa*, a *Tragedia no Lar* e sobre todas o *Navio Negreiro.* Taes poesias foram avulsamente publicadas em folhas soltas em 1870 e 71. Espalharam-se por todo o Brazil, fizeram grande sensação em Portugal, onde tiveram muitos imitadores; foram lá decoradas e eram recitadas nas salas.

Não terão ellas influido no *condoreirismo* tardio de Guerra Junqueiro? Eu o creio bem.

Não sei qual o critico moderno que aconselhou o maior cuidado em distinguir na poesia franceza, especialmente na de Victor Hugo, a eloquencia da verdadeira e estreme poesia. Esta observação é verdadeira e não pode ser illudida.

Ha muitos trechos na poesia romantica, repletos de imagens, cheios de sonoridades, de requebros, de adjectivações, de apostrophes, que são verdadeiros typos, verdadeiros especimens de eloquencia. Entretanto, e por via de regra, nem sempre são os mais poeticos.

Este caracter pertence áquelles em que se nota mais simplicidade, mais sentimento, mais vida intima, mais sinceridade.

Os povos meridionaes, por indole exaggerados e propensos á rhetorica, quasi nunca observam a alludida distincção. Gostam das fortes imagens, dos rendilhados das phrases, do farfalhar das palavras, de toda a exterioridade bulhenta emfim.

Por isso entre nós o que mais agradou de Castro Alves, foram os palavrões, as *bombas*, toda a falsa eloquencia dos versos.

Felizmente salva-se elle na historia; porque teve o bom instincto de escrever bellos pedaços de simples poesia.

Os epigonos se apoderaram do falso estylo e o levaram ao requinte do exaggero : Foi a quarta potencia do gongorismo, verdadeira teratologia litteraria.

Na poesia a extravagancia rodopiou de todos os

lados, indo levantar seu monumento de perpetua insania no impagavel *Baile das Mumias* de não sei que obscuro pequeno auctor de provincia.

Na prosa a cousa alastrou ainda mais, e ha bem pouco tempo, em 1880, a molestia atacou o esperançoso talento do Sr. Affonso Celso Junior, no seu livrinho consagrado ao centenario de Camões.

Foi esse por muito tempo o *chic* na arte de escrever brazileira; e era a banalidade chromatisada, a tolice rythmada e faiscante.

N'esse tempo aquillo é que era ter estylo; fóra d'alli toda a gente escrevia mal, não tinha *gosto* nem *grammatica*.

Aquillo sim; era a ultima palavra.

Hoje a preoccupação, o *tic* são outros, e não vêm ao caso expôl-os agora; o que é preciso dizer é que o auctor da *Cachoeira de Paulo Affonso*, no pouco que fez em prosa não foi tão exaggerado como os seus discipulos. Na introducção da *Luz* o foi bastante por imitar Hugo e Quinet; na *Carta ás Senhoras Bahianas* foi menos; no drama *Gonzaga*, felizmente, ainda menos.

Duas palavras sobre este ensaio dramatico e finalizemos.

E' uma bella tentativa; tem vida e encerra movimento; ha alli typos bem desenhados. *Gonzaga* e *Silverio* são do numero.

O escravo *Luiz* parece-me falso, é muito eloquente e instruido para a sua condição.

A melhor qualidade do drama é o sôpro de liberalismo, o enthusiasmo patriotico por todo elle espalhado.

Si o grande ideial da arte é tirar do facto particular e isolado a nota humana e universal, que possa ser entendida por todos, Castro Alves, a despeito de alguns descuidos, foi um apreciavel, um nobilissimo poeta.

E' talvez maior que Fagundes Varella, maior que o bom Casimiro de Abreu, maior que Bernardo Guimarães, que a mór parte de nossos romanticos.

Transporta-nos para horisontes mais amplos; faz-nos assistir a lutas mais fortes, a paixões mais intensas; mostra-nos almas mais activas e mais ousadas. Seu nome não poderá ser esquecido.

VICTORIANO J. MARINHO PALHARES — foi amigo intimo de Castro Alves e seu companheiro nas luctas theatraes. Não chegou a acabar o curso de preparatorios.

Pobre e desprotegido, procurou ganhar a vida e deixou-se por isso de estudos. Teve sempre um talento muito natural e expontaneo, não perdendo jamais o gosto das lettras; cultivou sempre a poesia com distincção e amor.

Publicou trez volumes de versos — *Mocidade e Tristeza* em 1866, *Centelhas* em 1870. *Peregrinas* n'este ultimo anno. O estylo é o mesmo do condoreirismo.

Em *Mocidade e Tristeza* predomina o lyrismo pessoal, intimo, subjectivo.

Nas *Centelhas* encontram-se os cantos patrioticos do poeta inspirados pela guerra do Paraguay.

Nas *Peregrinas* avultam poesias de intenção doutrinaria e philosophica.

No lyrismo pessoal esta pequena canção define o estylo do poeta:

« Adeus! Já nada tenho que dizer-te;
Minhas horas finaes trémulas correm.
Dá-me o ultimo riso p'ra que eu possa
Morrer cantando, como as aves morrem.

Ai d'aquelle que fez do amor seu mundo!
Nem deuses, nem demonios o soccorrem.
Dá-me o ultimo olhar para que eu possa
Morrer sorrindo, como os anjos morrem.

Foste a serpente, e eu inda te adoro!
Que vertigens meu cerebro percorrem!
Mente a ultima vez para que eu possa
Morrer onhando, como os doidos morrem. » (1)

Como esta, ha outras muitas em suas obras. Acho inutil abrir discussão n'este terreno, mostrando a natureza intima do lyrismo pessoal do autor.

Julgo-o de mais valor nas poesias patrioticas. Estes versos *Ao Brazil* difinem-lhe bem a *maneira* n'este genero de composições:

« E' hora de acordar. Rebrame na floresta
O furacão do sul, terrivel, infernal;
Embocca o teu boré, a rubra massa apresta;
Sê outra vez caboclo, oh! filho de Cabral!

E' duro despertar do somno da ventura
Sentindo arder no rosto a nodoa do baldão,
E eu vejo em tua face alguma cousa escura!
Oh! filho de Cabral, sê outra vez leão!

A trahição rapace esbulha o teu direito;
Retalham tuas leis á ponta de punhal;
Empenna a tua setta, amarra a aljava ao peito:
Sê outra vez Tupan, oh! filho de Cabral.

Ha muito que teu sangue ondeia na campina;
Não mostres tua chaga ao dia de amanhan,
Empunha pressuroso o raio, que fulmina;
Oh! filho de Cabral, sê outra vez Tupan!

---

(1) *Peregrinas*, pag. 33.

E' nada o desamor de corações corruptos,
Que impellem-te, sem dó, aos turbilhões do mal,
Sem seres Roma, tens Tiberios, Gracchos, Brutos,
Serás sempre o Brazil, oh! filho de Cabral!

Nas garras do tufão, que zune pelos pampas,
Desfraldas orgulhoso o pavilhão gentil.
Esculpirás teu busto em cima de mil campas;
E, filho de Cabral, serás sempre — o Brazil!

Creára Deus em ti um outro mundo á parte,
Qual o segundo Adão, que te perdeu tambem?
O monstro da ambição consegue desvairar-te,
E n'ara da vaidade immolas o teu bem.

Fugiste, ingenuo, á selva, e á beira mar sentado
Sorriste ao viajôr que ao longe appareceu.
Em troca de europeis de um mundo refalsado,
Leão, deixaste a juba ás plantas do europeu.

O que ganhaste? Um rei! O que perdeste? Tudo!
E a America rugiu fitando o teu senhor.
Bem tarde conheceste o quanto fôras rudo;
Já tinhas sobre o peito o pé do domador.

Agora... é caminhar com os olhos no horisonte,
Um dia o Pharaó vacilla ante José!
Não ha martyr algum sem resplendor na fronte,
Não ha diluvio algum sem barca de Noé. » (1)

O poeta foi sempre um espirito liberal, progressivo, avido de luz e de gloria.

---

(1) *Centelhas*, pag. 11.

Collocado entre dois rivaes potentissimos Tobias e Castro Alves, teve força bastante para fazer um nome cercado de nomeada e sympathia.

Nem se pense que, por menos culto do que os dois, tivesse sido um sectario sem autonomia. Não; teve notas suas, originaes; na poesia marcial especialmente possuia um forte vigor de colorido na descripção.

Nada poderia fazer melhor ao leitor do que dar-lhe aqui a vêr o quadro em que nos pinta a batalha de *Riachuelo* :

« Foi prodigio! Riachuelo assombra.
E' custoso pensar n'essa batalha:
Deus alli trabalhou.
Alli da morte diffundiu-se a sombra,
Em manto, que era purpura e mortalha,
E que ao mundo espantou.

O direito de um lado, d'outro a raiva,
Rancor de abutre, o odio sem motivo;
Um capricho do mal.
Fecha-se o tempo, e a morte, qual saraiva,
Fulmina o homem livre e o captivo
Em combate infernal.

A peleja rompeu como um incendio;
Um diluvio de fogo innunda o rio,
Que referve em cachão,
E róla e sóbe e engole o vilipendio
De mistura co'a legião sem brio,
Que defende o falcão.

Foi hora de explosão e de loucura;
Hora sem luz, sem vida, hora de morte;
Uma hora, que é um fim.
Hora que aterra o anjo da bravura,
Hora em que tudo oscilla, até a sorte,
Hora sem outra assim!

Transformou-se em catastrophe a coragem ;
Surgiu de unhas de tigre o heroismo ;
Foi tudo combustão!
Rasgou-se o rio em horrida voragem,
E sedentos travaram-se no abysmo
A hyena e o leão.

Tudo range, vacilla, chia, estala ;
O machado, o vapor, o arpéo, a espada,
Homerico fragor!
Os navios varados pela bala ;
A bandeira voando esfarrapada,
E os Brázidas ser côr!...

Luctam, morrem, ou matam nos seus postos,
Os sabres nús faiscam mil centelhas:
Duello de volcões!
Corusca o desespero pelos rostos
Onde as almas reflectem-se vermelhas
Já do céu aos clarões!

Barroso empolga o genio do perigo ;
Quasi estatua de chofre se electrisa,
E embocca o porta-voz.
E parte e vôa e cáe sobre o inimigo
Em quem, já fundo, o medo paralysa
O delirio feroz.

A victoria scintilla de repente
Como luz de relampago ; a esquadra,
Como um orgão, soou
Nas mil notas do hymno refulgente
Que a epopéa brazileira enquadra,
E que o mundo saudou!...» (1)

---

(1) *Centelhas*, pag. 36.

São vigorosos e potentes versos, dignos do glorioso feito que descrevem. A este poeta não tem sido feita a justiça que lhe é devida. Seu nome deve ser lembrado como um exemplo de trabalho, de esforço, de coragem, de dignidade, excelsos predicados que secundaram sempre o seu talento.

ALEXANDRE JOSÉ DE MELLO MORAES FILHO (1844...) E' um dos auctores mais conhecidos da litteratura comtemporanea brazileira. E' filho do historiador de igual nome.

Por ter sido este a principio um homem de bons haveres, não se julgue ter o filho gozado de larguezas e facilidades para educar-se. Bem pelo contrario.

O velho Mello Moraes decahiu rapidamente de fortuna, por motivos que não vêm ao caso aqui expôr e o filho teve de luctar com immensos embaraços para instruir-se e abrir caminho na sociedade. Sua juventude foi dura e acabrunhada.

Feitos alguns estudos preliminares, matriculou-se no Seminario de São José n'esta côrte. (1) Chegou a receber todas as ordens menores e a pregar sermões em algumas de nossas igrejas. Justamente como Laurindo Rabello.

Em 1867 obteve cartas demissorias para se ir ordenar na Bahia. Por esse tempo já cultivava a poesia em que tinha sido iniciado por Laurindo, Constantino de Souza e, acima de todos, Bittencourt Sampaio.

Na velha S. Salvador o nosso quasi padre travou relações com Lapa Pinto, Castro Alves, Pedro Moreira e Carvalhal; metteu-se nas *republicas* d'estudantes, na litteratura, e deixou de tomar as ordens de presbytero. Tinha renunciado á sua carreira. Mas era só externamente; elle illudiu-se a si proprio; no fundo, intima-

(1) Mello Moraes Filho é natural da Bahia e nasceu em 1844.

mente, continuou a ser, o que ainda hoje é, um verdadeiro padre, mais padre do que muitos dos que ahi andam de batina e dizem missas.

Desfeito o designio de ordenar-se, voltou para o Rio, onde começou esse viver difficultoso, impertinente, nullificante da litteratura e do jornalismo em uma terra onde essas cousas existem desorganisadas, nullificadas quasi, pela insidiosa concurrencia estrangeira.

Mais tarde foi contractado para ir em Londres redigir o *Echo Americano*. A residencia na Europa foi-lhe util; extincto o periodico londrino, o poeta passou-se á Belgica, onde fez o curso medico. As difficuldades vencidas então foram muitas, voltando ao Brazil, onde a litteratura ha sido a sua embriaguez.

A principio limitou-se ao puro jornalismo; no decennio agora corrente tem attirado ao publico livros sobre livros. Todos elles se referem ao Brazil sob qualquer de seus aspectos, porque, como havemos brevemente de vêr, em tudo que este homem tem escripto ha uma determinada intuição de nacionalismo.

Todos os seus livros podem-se reduzir a tres classes: poesias, contribuições ethnographicas collectaneas para servirem á historia litteraria. Veremos tudo isto rapidamente.

Comecemos pelas collectaneas, que se reduzem a tres: *Curso de Litteratura Brazileira*, *Parnaso Brazileiro*, o *Dr Mello Moraes — homenagens e juizos posthumos*. Sobre este ultimo nada ha a dizer; é uma simples obra de piedade filial.

O *Parnaso Brazileiro* tem defeitos de gosto e de ordem chronologica; mas é livro util, porque dá uma ideia bem regular da poesia brazileira nos quatro seculos.

O *Curso de Litteratura Brazileira* é obra ao geito do *Cours de Litterature Française* de Charles André, é proprio para as classes de lingua nacional. O auctor teve o bom senso de excluir completamente os escriptores portuguezes.

A este livro faço duas objecções: — a falta de uma classificação scientifica das materias e a ausencia de um resumo historico de nossa litteratura, ou pelo menos notas bio-bibliographicas dos auctores contemplados. A primeira objecção refere-se aos fragmentos em prosa.

Mello Moraes Filho devia aceitar uma boa classificação das sciencias, a de Spencer, por exemplo, e em todos os ramos escolher um fragmento adequado sobre cada uma. Depois passar á parte puramente litteraria e descriptiva, tudo em ordem chronologica.

Na parte poetica devia inserir os representantes de todas as nossas escolas nos quatro seculos. O seculo XVIII, por exemplo, está mal representado; não se vê acolá o nome de Gonzaga. Não se diga que elle é portuguez; então Anchieta tambem o é.

O nome do missionario leva-me a falar da grande novidade do livro, as poesias do padre, traduzidas do tupy e do hespanhol. Ahi mesmo noto uma lacuna.

Mello Moraes deveria inserir os textos originaes ao lado da traducção do padre Cunha. Ha todos os indicios de que este não interpretou bem o pensamento de Anchieta. Pelo menos lembro-me de ter isto ouvido da boca do mais abalisado conhecedor do tupy, que possuimos, o Dr. Baptista Caetano.

Em todo o caso, Mello Moraes é benemerito das letras em ter contribuido para uma melhor comprehensão do typo do jesuita canarim. Anchieta não é de certo o creador de nossa litteratura, como pensa o poeta, é o precursor della.

Uma litteratura em massa não tem nunca um creador; tem elementos e tem orgãos. Os *elementos* da nossa são todas as tradições populares provindas das tres raças que constituiram nossa actual população, tradições modificadas pelo meio e pela mestiçagem.

Os *orgãos* são os espiritos autonomicos que hão contribuido para a nossa differenciação nacional.

O Dr. Araripe Junior adduziu algures uma consi-

deração para o estudo do caracter do padre José, e vem a ser uma certa tendencia *jogralesca* de seu espirito.

O achado não será, talvez, de todo infundado; mas n'este ponto, devemos desconfiar de duas cousas. Primeiramente é sabido que no tempo de Anchieta a *farça*, a *chacota*, a *satyra* erão generos litterarios em moda, impunham-se até aos espiritos mais serios, ainda que não estivessem em harmonia directa com o caracter do poeta. Era pouco mais ou menos o mesmo que em sentido opposto vimos no tempo do romantismo decadente quando a *lamuria affectada* fez-se moda.

Rapazes nedios, sanguineos, sadios, folgazões, desses que, segundo o adagio, *não mandam seu quinhão ao vigario*, choramingavam p'ra ahi, que era uma verdadeira calamidade. Entretanto, tudo falso! Quem nos dirá que as *jogralices* do padre não estejam n'esse caso, não exprimam antes um resultado do systema litterario do tempo do que um temperamento verdadeiramente *terenciano?* Demais, o Dr. Araripe abusa muito d'este genero de explicações. Quasi em tudo elle descobre o *humour*, a *facecia*; os termos *jogral*, *jogralices* vem a miudo ao pico de sua penna. Quando tratou dos nossos romances *sertanejos anonymos*, elle fundou sua theoria na *jogralidade.*

Agora com Anchieta o mesmo; ainda ha pouco o mesmissimo, explicando a *Guerra dos Mascates* de Alencar. E' uma preoccupação evidente do critico.

É bem certo que o *Curso de Litteratura* tem lacunas; mas, em compensação, tem grandes meritos; é o transumpto de uma bibliotheca inteira. Especialmente a litteratura do segundo reinado está bem representada. Estão ali excerptos de mais de cem escriptores. O *prefacio* é bem escripto e alentado de bôas idéas em sua quasi generalidade.

Tanto o *Parnaso* como o *Curso*, especialmente este, soffreram grandes censuras, por não terem contemplado ou contemplarem em pequena escala a *nova geração.*

N'este ponto ouso aventurar algumas observações que me não parecem despidas de interesse e de actualidade.

Ha uma preoccupação hoje muito arraigada em nossa critica: a de saber si os escriptores que analysa, pertencem ou não, pelo espirito, ao nosso tempo.

Tal preoccupação é o *pendant* indispensavel a uma outra, que tem, mais ou menos, desapparecido da scena: a de saber si os autores se prendiam ou não ao genio, ao caracter de nosso paiz. Hontem a *toeza* da critica denominava-se *nacionalismo*, hoje chama-se *cosmopolitismo*.

Os romanticos abusaram do primeiro e os realistas do ultimo processo.

Ora, não ha duvida, que é uma cousa excellente ser um homem considerado um dos representantes do momento historico que atravessa, qual é igualmente ser a gente apontada como uma das incarnações do espirito de sua patria. Mas esses dous anhelos offerecem uma grande difficuldade e podem expôr-nos a um abuso bem serio. Este é que, levados de parte á parte ao exagero, aniquilam-se mutuamente, o que é um mal; porquanto essas duas forças devem equilibrar-se na historia. Aquella consiste justamente em se dar como solvidos dous problemas complexos, o espirito do tempo e o caracter do povo. Qual é o espirito de nosso tempo, qual o genio de nosso povo?

Eu desafio a quem quer que seja, para dar-me uma resposta definitiva. Accresce que estes dous grandes desideratos da arte e da litteratura, desde que deixam de ser uns productos espontaneos das forças da historia no genio do escriptor, que é assim inconscientemente transformado em agente do tempo e do paiz; desde que deixam de ser espontaneos, digo, transformam-se em preoccupações forçadas, e já por ahi falsificam-se pela base. Tem-se notado sempre, que os melhores nacionalistas vem a ser aquelles que o são sem o saberem,

inconscientemente, e não aquelles outros que tinham a monomania de sê-lo á força, agarrando-se a um ponto de vista exclusivo, que julgavam a suprema expressão do caracter nacional.

E' o caso de alguns com o seu *indianismo*, que não foi, que não é a synthese do genio brazileiro. Mas deixemos de parte o que se refere ao nacionalismo, que tenho discutido, já não sei mais quantas vezes, e vejamos a questão do tempo, da *actualidade*. Os melhores representantes do tempo entre nós não são aquelles que imitam, plagiam, copiam e depois escarram, vomitam algumas paginas de máos criticos e poetas europeus... Não são, de certo.

E qual é o espirito da época em litteratura, de que lado sopra a aragem matinal, de que banda é que vai amanhecendo, de onde é que vem rompendo o sol Será da França? Mas onde ficam a Inglaterra com seu Swimburne, a Allemanha com seu Gottschall? Qual a nota predominante hoje? E' o realismo? Mas o que é um realismo que no Brazil vive de *imitações?* Porventura não é da sua indole o ser local? O realismo francez será o mesmo realismo do Brazil?

E onde fica o positivismo, que formulou uma concepção da arte muito mais vasta do que a de Zola, concepção, que, ao meu vêr, é um dos bons titulos daquelle systema? Onde ficam o spencerismo, o criticismo naturalista allemão com as suas altas intuições da arte?

Onde fica mesmo o lyrismo hodierno, que tinha ha pouco ainda representantes como Victor Hugo, Geibel, Dranmor, Guilherme Herz e tantos outros? O seculo será puramente burguez e mercantil?

Mas que significam então tantos congressos scientificos e litterarios, tanto prurido de alto e salutar idealismo?

Sejamos mais sobrios e commedidos; um tempo nunca é o mais apto para se caracterisar a si mesmo,

e s éi certo que os genuinos operarios de nossa época, aquelles que mais brilho lhe communicam, ainda não a definiram na Europa, não hão de ser uns imitadores fatuos e mediocres que a definirão aqui.

Mello Moraes não tinha o direito de excluir os nomes dos mais notaveis moços; não tinha razões para isto, foi uma falta de largueza de vistas.

Não é que aquelles ultimos sejam tudo quanto elles proprios ingenuamente acreditam, quando lhes vem o capricho de elogiarem-se mutuamente. Falemos com toda a franqueza: a geração brazileira, que entrou na liça ahi por 1878 não tem o direito de esticar o pescoço, inchar as bochechas e arrotar grandezas e maravilhas sobre a nação absorta!...

O ultimo decennio tem sido em extremo pobre de pruductos litterarios no Brazil.

Em um escriptor, como se sabe, ha sempre a distinguir entre aquillo que é seu merecimento proprio, individual, e aquillo que é o merito de doutrinas estranhas de que elle se apropria. Esta distincção é capital e não deve ser esquecida na apreciação dos pretenciosos de agora.

A mór parte do seu merecimento pertence aos systemas estrangeiros que elles copiam. A cada época a sua doutrina.

Si fizermos o confronto da evolução romantica entre nós e o da pretensa intuição nova, não resta a menor duvida que o momento romantico foi muito mais abundante em grandes talentos. Dentro das forças de sua doutrina, fizeram muito mais do que os galvanisadores de hoje.

Onde estão os successores de Magalhães, Gonçalves Dias, Porto-Alegre, Alvares de Azevedo, José de Alencar, Penna, Agrario e outros? Isto na poesia, no romance e no drama.

Não falemos no mais.

« Não sigo o exemplo, escrevi eu algures, não sigo

o exemplo dos que despresam os moços; leio os novos poetas, saboreando-lhes as estrophes e applaudindo-lhes os triumphos.» E certamente; agora mesmo reproduzo convicto essas palavras. Aquillo se refere aos moços que têm talento e que estudam. No troço enorme, porém, que ahi se agita, ha muitos a quem não exorna o menor merecimento. A estes é mister abrir os olhos para que se não illudam desastradamente.

Desde a creação de nossos cursos scientificos, todos os periodos de cinco ou seis annos hão sido outros tantos momentos de incubação e efflorescencia de algumas duzias ou centenas de suppostos *genios*, prestes a atirarem-se sobre o paiz como hordas conquistadoras... E, todavia, não sabemos o que fizeram, nem onde param tantas cabeças maravilhosas. O que sabemos, por amarga experiencia, é que alguns que hão passado pelos ministerios e pela administração deixaram o paiz na stagnação profunda em que se debate.

Quanto á litteratura e ao jornalismo, é escusado indicar ainda uma vez, em que pé da parte de alguns tem sempre se achado.

Uma das causas deste mal é o nosso séstro de, na falta de trabalhadores fortes nas letras, obscurecermos a atmosphera dos principiantes com admirações estapafurdias, elogios emphaticos, encomios prejudiciaes. Colhidos de chofre pelo exaltamento immerecido, os estreantes, julgando-se dispensados de estudar e trabalhar, entram a brunir phrases e a sazonar vulgaridades...

Mais tarde a bagagem escasseia na vida pratica, e ei-los reduzidos ao silencio, o que é util; ou a representar comedias até no parlamento... o que é detestavel.

Tudo isto é certo, tanto é verdade que das muitas duzias de *genios* e grandes *talentos* que atordoam as academias, raro é aquelle que perdura no caminho das letras. Desilludidos e inutilisados, ficam por ahi a escarvar em silencio umas lembranças tristes, ou a debater-se no vacuo de uma politica nefanda.

Durante os nove annos que residi no Recife, vi deslisarem pela academia, ebrios de elogios, tontos de lisonja, muitos e muitos desses apregoados devoradores do mundo, que tinham de mudar a face das cousas... Onde param elles? Dous ou tres ainda pensam um pouco; os mais abysmaram-se nas sombras, ou perderam o geito de raciocinar na politica governamental ou naquillo que com ella se parece... O mesmo em S. Paulo.

Nos ultimos dez annos, por exemplo, propalou-se haver ali uma vasta *pepinière* de assombrosos talentos, que haviam por força de torcer o curso de nossa historia para um futuro de maravilhas, para a região encantada das idéas novas, novissimas, nunca presentidas ou sequer sonhadas...

Acredito ainda hoje nisso. Noto apenas que o enthusiasmo já vai arrefecendo. Alguns moços, que receberam o gráo academico, vão perdendo já o uso da fala; mais de uma lyra já está por ahi desmontada; mais de um propheta deixou de amaldiçoar; mais de un *enfant terrible* perdeu o sabre do combate; e teremos, talvez mui breve, de vêr grande parte dessa apregoada geração de tantas esperanças tomar passagem para as presidencias de provincia, os cargos diplomaticos, as secretarias de estado, ou o parlamento, sobraçando um passaporte fornecido por um dos dous ou por ambos os nossos pestilentos partidos constitucionaes...

E então cada um verá por si, que não foi quem descobrio a bussola... De quem a culpa? De todos, de todos nós de alto a baixo; de todos aquelles que fazem o vacuo em torno dos verdadeiros talentos, por um lado; e, por outro, de todos aquelles que asphyxiam com seu incenso reles os parvos e as mediocridades felizes. A' força de orgulho insensato, a expressão *nova geração*, em vez de uma realidade — póde tornar-se uma especie de mytho, de metaphora empolvilhada e futil, especialmente si della fizerem um *mot d'ordre*, com que

se distingam e congreguem alguns presumpçosos, com prejuizos daquelles que são os genuinos representantes da mocidade.

Que de realmente notavel, repito, hão produzido os novos litteratos, alguns dos quaes já tem seus bons trinta annos e mais?... Si o momento romantico se distinguio pelas affectações sentimentaes e aereas, o hybrido momento que atravessamos se distingue por um não menor numero de affectações ridiculas.

Agora não se ouve falar senão em *parias*, *emoções sadias*, *as cousas sans*, *as carnações opulentas*... tudo isto de mistura com os *esgotos latrinarios*, *as ébrias cortezãs*, *os pacatos burguezes*..., e tantas outras phrasesinhas consagradas e reles, que um pedantismo mendigo toma de emprestimo a Ortigão e a Junqueiro... E são esses os grandes feitos da nova geração?... Não, digamos antes: são estas as macaqueações pifias de um rebutalho amorpho, que ahi anda a comprometter a mocidade nacional. Não envolvem, por certo, estas palavras uma formal reprovação a todos os actuaes escriptores novos do paiz.

Abro espaço para algumas excepções que, por infelicidade, não são muito avultadas. Alguns tem, ainda que mui relativo, um certo merecimento. Não é o talento que lhes falta, é o estudo; não é a coragem, é a seriedade; não é o desejo de brilhar, é a convicção inabalavel de uma bôa causa, é a consciencia de um patriotismo justo e elevado. Depois dos classicos e seus *deuses*, dos romanticos e seus *anjos*, dos charlatães e seus *pariás e prostitutas*, tenhamos uma pleiada de espiritos pensadores, autonomicos, disciplinados pelo estudo e pela critica. A critica applicada, como methodo, a todas as manifestações da intelligencia, a critica, sobretudo, applicada á nossa propria historia patria, cuja ignorancia é proverbial entre os litteratos velhos e *novos*, doentes ou *sadios*... Sem o conhecimento do passado nacional torna-se impossivel a todo e qualquer

parlapatão dos cafés da rua do Ouvidor — comprehender o nosso estado presente, por mais que tenha pilhado no ar, por entre as fumaças dos cigarros do Pomba e a espuma da cerveja de Petropolis, algumas dessas phrases soltas e desconnexas, com que adubam seus lastimaveis aranzeis.

Por mais que abusem dos adverbios e das palavras campanudas sobre assumptos de que não entendem, serão, para falar como elles, *constantemente*, *inabalavelmente*, *imperturbavelmente*, isto mesmo, a saber: a mais detestavel casta de arlequins, os arlequins que falam em nome da mocidade, do porvir, da sciencia, do methodo; mocidade que elles ultrajam, porvir por elles compromettido, sciencia que elles não cultivam em nenhum de seus ramos, methodo que elles não possuem em nenhuma de suas applicações.

Não se chama isto atacar os moços... Chama-se conhece-los, e com rudeza aconselha-los, não por amor dos incorrigiveis, mas por amor á verdade e ao paiz.

Sei que em seus arraiaes de *elogio mutuo*, onde fazem entre si os alistamentos de suas cohortes e de seus centuriões, julgam-se os collaboradores dos mais illustres espiritos do seculo e os genuinos representantes do progresso intellectual contemporaneo!!...

Deixa-los...

Mas, afinal, qual é o signal que constitue entre nós a *nova geração*, que é que a define? E' o *tempo*? Qual é então a data que a separa da antiga?

Será o anno de 1862-63, o anno da erupção do darwinismo na Allemanha, da escola de Coimbra em Portugal? Não; que esse tempo entre nós apenas distinguio-se na politica pela formação anomala da *liga* e nas letras pelo inicio no Recife do *ultra-romantismo hugoano*, que propagou-se por todo o paiz. Hoje esse movimento está ultimado, e os que então estreiaram, já attingiram aos cincoenta annos, e nessa idade no Brazil não se é mais da pleiada. Será o de 1870—71, o anno

de Sédan, que trouxe um certo movimento germanico em todo o mundo, até no Japão e no Brazil? Não; porque os *jovens* são *gaulezes* desde a medula até as pontas dos cabellos, e, demais, os que em 1870 começaram a escrever — já vão tocando aos quarenta annos e sahindo do gremio; vão sendo excluidos.

Será o anno de 1878, o da ascenção dos liberaes, ou o de 1879, o da conversão de alguns moços ao positivismo religioso? Mas com que direito se excluem os escriptores que appareceram alguns annos antes?

Não é, pois, a data que decide só por si da cousa; são as idéas. Bem; e quaes são as doutrinas officiaes da seita? E por que della se excluem os velhos que compartilham dessas opiniões? E, sobretudo, quaes são as idéas do programma? E' o *darwinismo* que tem revolucionado o velho mundo? Não; porque os *rapazes* nada sabem deste systema, que em sua ignorancia desdenham.

Será o *spencerismo?* Ainda menos, que é ainda mais profundamente ignorado.

Será a philosophia de Hartmann, o seu *inconsciente?* Não; que este demonio é allemão e é *metaphysico.* Ha de ser o *materialismo* puro de Büchner, Molleschot, Letourneau... Não; que são *metaphysicos.* Ha de ser *certa corrente* de idéas iniciadas por Lange, Zeller, Wundt e outros, e a que adheriram sabios como Helmholtz, Du Bois-Reymond, Naegeli, Virchow... Não; que estes *barbaros teutões* são atrazados, são *metaphysicos*, estão eivados de *anarchia mental*, são *revolucionarios*...

Que inferno! Então é o chamado *realismo idealista* de Fouillé e companheiros...

Com mil griphos! Uns pobres *metaphysicos!*... Com certeza ha de ser o *littréismo* defendido por dous bravos slavos, M. Wirouboff e Mr. Roberty; é elle, é o *littréismo.*

Isto é ignorancia!... Ora, ainda falar em um pobre transfuga, um infiel á memoria do mestre, um

auxiliar nefando de Mme. Comte, um academico, um traidor, um *mediocre lexicographo...*

Não: não ha mais positivistas dessa tempera.

O verdadeiro positivismo, o positivismo logico, é o inteiro positivismo, o filho da profunda unidade espiritual do mestre, que resume em si o philosopho, o apostolo e o politico: Aristoteles, S. Paulo e Cesar; é aquelle que reconhece por seu chefe o venerando director actual do systema, M. Pierre Laffitte.

Muito bem; mas, neste caso os *rapazes* ficam pela mór parte excluidos; porque o grosso delles é incapaz de fazer a distincção entre o *abstracto* e o *concreto*, entre o *espiritual* e o *temporal*, ou por exemplo, entre o methodo de uma sciencia particular e o da immediatamente superior, ou qualquer outra idéa simples e fundamental da doutrina.

O numero dos *rapazes* fica assim muito reduzido, e, demais, todos sabemos que a *Religião da Humanidade* não admitte em seu seio os elementos anarchicos, transitorios, *metaphysicos*, *lachons le mot*, que constitue o nosso pequeno jornalismo de moços.

O mestre tinha um *profundo desdem* pelo jornalismo opposicionista, *soi disant* liberal e progressista.

E, além de tudo, com que direito os *rapazes* fazem mão leve sobre os sectarios das outras doutrinas comtemporaneas, tambem *rapazes* como elles? Quem lhes conferio este poder discricionario e despotico? Dir-me-hão: não é pelas idéas philosophicas que nos distinguimos, é pelas litterarias; nada temos que vêr com os philosophos, nosso pastor é o patriarcha de Médan.

Que litteratura, porém, é essa, que *achou o methodo*, segundo a phrase predilecta do chefe, e que não se preoccupa com a sciencia? Não, isto é um erro, *realismo* sem sciencia é como *paulinismo* sem Paulo, *systema representativo* sem camaras, ou *positivismo* sem o culto da humanidade.

Isto posto, uma outra difficuldade apparece: o *zolaismo* é condemnado pelo *laffittismo*, e com toda a razão.

Vejam bem em que ficam...

Estas considerações, aqui reproduzidas, já tinham sido publicadas em fevereiro de 1882 á proposito justamente do *Curso de Litteratura Brazileira* de Mello Moraes Filho. (1)

Já passam de seis annos que isto foi; os que então julgaram-se atacados, os que viram bem que o barrete lhes cahia até aos hombros, sahiram á rua, pozeram as mãos ás ilhargas e descompozeram-me a valer. Entretanto, o tempo veio justificar-me.

E' claro que não me referia á geração que fez as suas primeiras armas nos fins do romantismo, pelos annos de 1869 e 70. E' tambem evidente que não me podia reportar aos moços que agora mesmo começam a apparecer, que formam o que se deve chamar a *novissima geração*, e entre os quaes dispontam alguns de alto merecimento.

Escrevendo em principios de 1882, dirigia-me a um certo grupo de frivolas e perniciosas mediocridades, que, em vez de talento, possuiam audacia, em lugar de instrucção, bastante desfaçatez para se congregarem e pretender impôr-se pelo desaforo.

Este grupo começou a emporcalhar os prélos alli pelos annos de 78 e 79; hoje está dissolvido, tendo deixado de si apenas a recordação da fatuidade e da inepcia retumbante.

Cousa singular, em toda a historia da litteratura brazileira, foi a gente unica a decorar-se com o nome de *nova geração*, como si pretendesse impôr um paradeiro ao tempo! E justamente um punhado de ignorantes, que, interrompendo a marcha ascendente do pensamento brazileiro, voltaram atraz a imitar auctores por-

---

(1) Cf. *Estudos de Litteratura Contemporanea* — do auctor, artigo sobre o *Curso de Litteratura Brazileira* de Mello Moraes Filho.

tuguezes, typos de terceira e quarta ordem na litteratura européa, quaes são certamente — Ramalho, Eça e Junqueiro.

Deixemos, porem, tal ordem de ideias e falemos das melhores obras de Mello Moraes Filho. São as de contribuição ethnographica e, acima de todas, as de poesia. Os livros de ethnographia são — *Cancioneiro dos Ciganos*, *Os Ciganos no Brazil*, *Festas Populares do Brazil*. Digamos d'elles rapidamente.

Todo e qualquer estudo que contribúa para o esclarecimento das populações nacionaes, todo e qualquer esforço para fazer a luz sobre as origens, os costumes, a psychologia de nossas classes populares, deve ser bem recebido e encorajado.

A despeito de alguns trabalhos emprehendidos por geographos, geologos, ethnologos e linguistas nacionaes, o Brazil ainda não conhece bem o seu territorio, nem sabe as filiações das tribus indias e africanas, que lhe constituiram grandissima parte da população.

As observações e pesquizas directas são entre nós bem parcas, ainda metendo em conta as levadas a effeito por europeus e anglo-americanos, longa ou limitadamente residentes no paiz.

Tomada a ethnographia como base para os estudos historicos e sociaes, quantos problemas não estão ahi a tentar-nos!

O povo brazileiro é o resultado de muitos factores physica e moralmente.

Que devemos aos portuguezes, aos negros, aos indios?

Seria necessario responder a estas questões, e elucidal-as a fundo, sob todos os aspectos. Seria até preciso subdividir cada um d'aquelles problemas capitaes.

Entre os portuguezes vêr a acção dos ilhéos, dos minhôtos e transmontanos, dos alemtejanos, dos algarvios, suas migrações para o Brazil, as direcções de suas correntes, suas preferencias para estabelecerem-se

n'esta ou n'aquella provincia, nos tempos da colonia e ainda hoje.

Praticar o mesmo para com os negros; verificar a acção das diversas tribus africanas, suas modificações no meio americano, suas linguas, sua aptidão intellectual, etc.

Qual a contribuição dos negros da costa oriental e qual a dos negros das costas do occidente? Dos negros do grupo *bantú*, do grupo *felupo*, do grupo *mandé*, etc.? Dever-se-hia responder.

Identico processo para os indigenas. Quaes as raças prehistoricas, e os seus representantes actuaes? E qúaes os povos invasores em suas diversas raças, e a contribuição de cada uma d'ellas?

Feito isto, estariamos muito longe de ter esgotado o assumpto. Restaria ainda e sempre investigar o que devemos aos hollandezes, que senhorearam durante annos quasi todo o norte do Brazil. A estada dos francezes no Maranhão não deixou alli vestigios de qualquer ordem, não modificou de qualquer fórma as populações d'aquella provincia?

Quanto a francezes, que lhes devemos pela acção intellectual de seus livros, de sua litteratura, que imitamos, de seus costumes, de suas modas, que macaqueamos?

A vizinhança dos hespanhóes nas provincias das fronteiras não actúa em qualquer gráo sobre os povos proximos?

Quanto a hespanhóes, a imitação de sua poesia pelos auctores nacionaes no seculo XVII nada influiu? E o tempo em que pertencemos á Hespanha nada produziu?

As colonias allemãs do Rio Grande, de Santa Catharina, Paraná e S. Paulo não exercem acção alguma E o contingente italiano, que tende a crescer?

E' mister determinar tudo isto, e ainda assim não ficarão exhauridos os nossos problemas ethnographico-historicos.

Faltaria, por outro lado, determinar a indole, o caracter, o impulso das populações mestiçadas, ponto capital da nossa vida de nação.

Todas estas questões constituem um trabalho colossal, que só poderá ser feito aos fragmentos e no decurso de varias gerações.

E' o grande estudo da demographia apenas iniciado no Brazil.

Mello Moraes Filho, poeta cultor do nacionalismo patrio, tem-se dedicado a estes assumptos.

Tomou para objecto de suas pesquizas a raça mais ou menos nomada dos *ciganos*, que são mais abundantes no Brazil do que geralmente se pensa.

Por pouco que tenham os *ciganos* contribuido para o conjuncto da intuição intellectual das classes mais baixas de nosso povo, ainda assim apresenta um grande interesse o estudo d'essa raça, que constitue no velho mundo um dos problemas mais intrincados da ethnographia.

Especialmente na Hespanha e nos paizes slavos os *tziganos* existiram desde os mais antigos tempos em numero consideravel. Mais ou menos mesclados, ou mais ou menos puros, no exercicio de certas industrias, na originalidade de seu viver, na singularidade de sua musica, de suas danças, de sua poesia, elles não deixaram de influir sobre o espirito popular dos slavos e hespanhóes, para não falar de outras nações.

Têm sido o objecto de uma litteratura inteira; sua lingua, seus costumes, crenças, festas, danças, musica, hão sido o assumpto de muitas publicações interessantes. O ponto mais obscuro é o de sua origem e filiação ethnographica, de suas migrações primitivas.

O Cancioneiro dos Ciganos é uma porção de quadrinhas divididas em tres series—*Lyricas*, *elegiacas*, *funerarias*. E' bem verdade que o collector é amigo de alguns ciganos existentes n'esta cidade e por intermedio

d'elles poude relacionar-se com os restos da população d'essa raça existentes aqui na côrte.

O livro offerece, pois, as garantias de uma pesquiza directa e pessoal. As quadrinhas reproduzidas foram ouvidas e collegidas pelo proprio auctor. Aquillo tudo é sincero e de primeira mão. E, todavia, tenho duas objecções a oppôr.

A pequena população cigana aqui da *cidade nova*, já mestiçada, sedentaria, desviada de seus habitos primitivos, será um exemplar ethnologico digno de confiança?

As quadrinhas que repete, feitas em lingua portugueza, serão todas produzidas por ciganos? Não serão muitas aprendidas das populações que os cercam? Limito-me a perguntar.

O livro *Os Ciganos no Brazil* constitue a parte critica da obra do auctor por este lado. Acha-se dividido em quatro partes: — *Actualidade e tradições*, *Trovas ciganas*, *Novo cancioneiro*, *Vocabulario*. A primeira e a ultima são as mais apreciaveis.

O alvo do auctor n'estes estudos foi provar que no corpo da poesia, contos, lendas e tradições populares do Brazil não devemos contar, como eu proprio havia feito, sómente com portuguezes, africanos, indios, e mestiços d'estas tres raças. Devemos contar tambem com um factor geralmente esquecido, o cigano.

Elle tem razão; creio, porém, que exaggerou algum tanto as cousas em certos pontos.

Podemol-o bem apreciar no capitulo consagrado ao estudo das superstições. O auctor dá ahi uma importancia por demais saliente ao contigente *calon*.

Ouçamol-o:

« Entre as raças existentes no Brazil e as colonisadoras as relações religiosas são tão disparatadas como a approximação dos dous typos zoologicos. completamente extremes —o branco e o negro.

O caboclo bravo, sem a menor idéa de Deus, como attestam os chronistas: o negro idolatra no periodo mais atrazado da escala dos cultos, protestam contra um ideal definido no regimem espiritual. Os deuses tupy-guaranys, comprehendendo mythos homeomorphos e anthropomorphos nem mesmo pertenciam aos nossos indios, segundo investigacões de recentes americanistas, mas eram acommodações; as tribus africanas, que para aqui vieram, não iam mais longe nas suas adorações, do que á transmissão que faziam das faculdades rudimentares do seu cerebro pouco denso aos *manipanços*, elevados á categoria de divindades nos candomblés convulsionarios.

Para os negros nunca foram as conjurações as fórmulas do commercio com os fetiches.

Nos *serviços* que conhecemos, ás uncções narcoticas, ás macerações, ás excitações das dansas, ao *pango* e às beberagens tetanisantes, attribuimos as acções pretendidamente magicas.

O indio e o negro, no nosso modo de entender, contribuiram apenas para a nossa mythologia popular, o que se verifica com a crença da *Caipora*, das *Uyàras*, do *Sacy-serêrê* e dos *Dongás*.

Emquanto a superstições propriamente ditas, augurios, encantamentos e rezas, a collaboração portugueza é evidente, apezar de pouco avultada.

Um factor, porém, com o qual nunca contamos—o cigano— parece-nos ahi representar o principal papel, mais de accôrdo com a indole e tradições da raça, com seu caracter mysterioso e remoto.

O portuguez, como espirito mais pratico, mais preoccupado, por conseguinte menos impressionavel, aceitava o milagre como uma imposição, sem indagar, sem mutilal-o para crear outros deuses.

Na sua fatuidade genealogica, estava engrandecer o culto externo, humanisando a divindade. Dahi o alistamento dos santos no exercito com soldo e patente; a Virgem servindo de madrinha às crianças; os santos padroeiros de cidades, protectores de namoros e casamentos; a intervenção directa das entidades celestes na vida publica e privada.

Remontando-nos á linguagem dos oraculos, aos exorcis-

mos, a concepções claramente supersticiosas, não deve ser muito o que de Portugal recebemos, explicando-se o facto pelo seu genio nacional.

Navegadores audazes, entregues ás conquistas de terras para o rei, os portuguezes constituiam uma nação maritima. E o terror e o medo. que geram o maravilhoso, seriam para elles elementos perturbadores, incompativeis com o successo de suas temerarias emprezas.

Os homens do mar não sonham ou sonham pouco; a tempestade os desafia, a fadiga os prosta, o occeano canta-lhes ao ouvido uma canção monotona que os adormece.

Sem a floresta, onde em cada arvore se enrosca um fantasma, em cada montanha se asyla um monstro; sem os sonhos que dão corpo e movimento ás creações bizarras, as superstições são pouco provaveis ou quasi impossiveis.

O que adiantamos não é negar em absoluto o quinhão que da metropole nos coube de crendices populares; mas é, fazendo o inventario da herança psychica das raças colonisadoras, marcar ao cigano o logar que lhe é indisputavel na formação desse genero de poesia, que tem doutrinado as nossas classes baixas.

Antes de tudo, devemos lembrar-nos que não ha uma abusão, um encantamento, uma oração, que não seja um echo partido das nossas mattas virgens... E as *partidas* ciganas errantes, pelos sertões, ahi vivem ha seculos; e o nacionalismo brazileiro, refractario ás grandes cidades, dellas repercute como uma correnteza á distancia.

Estudando a psychologia dos grupos coloniaes, embora se reconheça a actual mestiçagem do pensamento supersticioso, não é de boa critica attribuir sómente ao portuguez e ao negro o que, pelos habitos e tendencias naturaes, mais pertence ao cigano, natureza credula, fantasiosa, visionaria.

O fetichismo das nações da Africa occidental é o lado bruto do naturalismo; e os contos das fadas, a reza de Santa Helena, legendas cavalheirescas e asceticas da idade média.

Ao portuguez devemos o *Lobis-homem*, a *Mula-sem-cabeça*, o *Pesadello* e algumas rezas, não persistindo o mais. Assim, o systema de *enguiços*, a lenda de *D. Branca*, prognosticos por meio de espelhos, dados, amoras....

Póde-se observar o que é commum nas crenças dos *calons*, reminiscencias do fetichismo dos africanos, o que comprova as influencias pre-historicas da mythologia destes na doutrina sacerdotal daquelles.

Em todo o caso, o que cumpre estabelecer é que na creação informe de nossa theogonia nacional destacam-se quatro individualidades: — o caboclo, o portuguez e o negro, dominando no degrào mais elevado a cigana que lê a sina, que possue um ritual completo de oraculos, de pragas e de exorcismos » (1)

Depois d'estas theses, passa Mello Moraes a citar uma boa porção de superstições que suppõe produzidas pelos ciganos.

Não sei, nem é possivel saber, si elle tem razão n'este ponto; porquanto eu faço esta observação: as referidas superstições nos vieram de Portugal, d'onde tambem vieram os ciganos, de forma que a questão reduz-se a estes termos — as superstições, pragas, orações e parlendas, vindas da metropole, foram alli uma obra dos ciganos?

Esta pergunta não poderá ter jámais uma resposta scientifica; porque presuppõe uma questão ainda mais geral, que é esta: a que povo ou a que raça deve-se attribuir a origem das superstições, ainda hoje existentes no meio das populações da Europa? E' de boa critica attribuil-as a uma raça primitiva especial? Não serão antes uma collaboração de muitos e variados factores? Mello Moraes levantou, pois, no Brazil uma questão insoluvel.

Tudo que em nosso paiz se refere a negros só poderá ser proficuamente estudado n'Africa; tudo que se reporta a portuguezes só pode ser bem pesquizado em Portugal.

---

(1) *Os Ciganos no Brazil*, pag. 52 e seguintes.

Ora, os ciganos, que se transportaram para o Brazil, eram portuguezes, o que importa dizer que já vinham desfigurados, complicados ethnographicamente, cheios de ideias e sentimentos extranhos.

A despeito d'estas reducções que faço, a contribuição ethnographica — *Os Ciganos no Brazil* — é livro que merece ser lido; porque encerra bellas paginas e interessantes informações. Como exemplificação do estylo do escriptor transcrevo aqui um trecho do capitulo que trata da familia cigana e do ceremonial dos casamentos n'ella.

E' assim:

O lar cigano teve os seus estylos particulares, coloridos dos reflexos dos dias antigos.

As leis de evolução, que annullaram os factos isolados, encontram esses pariás na eminencia de uma civilisação no apogeu, de onde, impellidos por forças inconscientes, desceram como homens e ainda rodeam como phantasmas.

Em sua vida, fertil de riscos e aventuras, no templo ou na praça, na cidade ou nos desertos, o habito das outras sociedades jàmais marcou-lhes as tradições e os preceitos de uma moral sem quebra.

Surgindo dos nevoeiros pre-historicos ou não, o certo ê que elles altearam-se á perfectibilidade sociologica, no tocante à instituição da familia.

Pelo viço de suas legendas, pelo symbolismo das suas manifestações sensiveis, pela inviolabilidade de seu regimen privativo, póde excluir-se de seus costumes a polygamia, a promiscuidade, o incesto, etc., sendo unicamente adoptada entre elles a monogamia como união sexual, estado que assignala o supremo desenvolvimento das collectividades humanas.

Como conjuncto ethnico, o casamento dos ciganos da Cidade Nova abrangia toda uma série de particularidades typicas da raça, dissemelhantes a mais não serem das que se notam nas outras, que mais têm influido no nosso meio.

A intervenção paterna como medianeira dos contractos, os usos excentricos entre os noivos e parentes, a lealdade

de revelação que infamava, a prova sacramental do *Gade*, que assentava sobre a virgindade as bases da familia nascente, —imprimiam nesses pactos uma caracteristica sem analogias nas nossas camadas populares.

Na sua convivencia, o escrupulo de *corpo estranho* determina allianças entre parentes proximos e — cousa extraordinaria! — a infecundidade não os fere, observando nós por excepção, entre essa gente, casos pathologicos, o que tambem se póde explicar pela embriaguez no acto da copula, as privações, as tristezas prolongadas, a miseria, etc...

Em nossas visitas medicas à casa de muitos delles, o que nos fez especie foi a quantidade de surdos-mudos que existe na casta. Attestamos ter prestado os nossos serviços profissionaes a familias, nas quaes dous ou mais de seus membros soffrem deste mal.

Do concurso dos sexos não só transmittem aos descendentes heranças physiologicas e pathologicas, caracteres reductiveis e irreductiveis como tambem a individualidade moral, que varia como aspecto, mas que não se evapora como essencia.

Referindo-nos aos casamentos, os ciganos do Rio de Janeiro, até 1850, não tinham passado da phase primitiva, assim como ainda hoje as *partidas* de Minas, Bahia e Maranhão, no dizer insuspeito do Sr. Pinto Noites, o mais alto representante dos instinctos nomadas de seu povo.

Delle, que arma a sua barraca ao vento lugubre das nossas florestas e das velhas *ruinas* com quem privamos, passemos às informações, que são tanto mais exactas, quanto são elles personagens authenticos.

Em geral o amor não tomava parte nesses actos. Não era necessario, para que as allianças se realisassem, sympathia commum, estremecimento, affecto...

Dahi insuccessos frequentes, que se manifestavam pelo enfado e desprazer de uma vida inteira, da mulher ou do homem, constrangidos pelo dever a risos fingidos, e a sorverem resignados a ultima gotta de amargura que lhes envenenava os dias.

Essas nupcias realisavam-se fatalmente, como por desfastio dos pais, que se lembravam de que um filho estava

em idade de tomar estado, não assistindo aos da noiva o direito de recusa.

Entre *calons* o dominio da igualdade é absoluto. Negar uma moça pedida a casamento, implica estabelecer uma lucta de preconceitos, em que o provocador terá de ser vencido pelas acusações, expondo a murmurios malevolos e à calumnia uma reputação às vezes immaculada.

Conhecido o dilema, o *sim* constituia a regra, a menos que a rapariga não houvesse tropeçado na deshonra.

Os tramites a seguir eram vulgares e as scenas desdobravam-se naturalmente.

Assim, quando um *bato* (pai) tinha um filho, maior de 17 annos, official de justiça ou com um emprego qualquer, dirigia-se com elle à casa de um outro *bato* que tivesse uma filha nubil.

A' distancia, percebidas as intenções, aquelle os recebia favoravelmente, com agrados declamatorios, modos expansivos, ditos chistosos....

Os dous conferenciavam em segredo, por algum tempo.

O rapaz, desconfiado e timido, de pé e afastado, escorando uma portada, alongava o olhar de soslaio, estirava o pescoço, suspendia a respiração, apanhando no ar palavras desconnexas.

Se a filha não estava pura, o pai, que por instantes acariciara uma illusão, cobria o rosto de vergonha, lamentava-se e, soluçando, desvendava o mysterio da dor que o pungia.

E esta lealdadde não o aviltava diante dos seus, mais tarde sobedores do occorrido, nem no animo do progenitor do malogrado noivo, que o aconselhava de casal-a com um *quièrdapanin*, alvitre aceito sem exame e posto em pratica de seguida.

O consorsio com estrangeiro importava exclusão ignominiosa da tribu e pela tribu.

O contrario, porém, dava-se quando a mãi de amanhã fosse a virgem de hoje.

O avelhantado *bato*, radiante de jubilo e felicidade, vendo afundar-se no tumulo, mas resurgir no futuro, chamava a filha e, tremulo de contentamento, arrebatado de enthusiasmo, entregava ao homem de sua casta um thesouro de virtudes para riqueza de sua prole.

Então o pai do pretendente dirigia-se a este:

— Aproxima-te; chega-te, meu filho. Olha que teu tio aceita a tua mão e se compraz de que faças parte de sua familia.

O filho, obedecendo:

— Agradeço, meu tio, a honra que me dá, certo de que, emquanto eu tiver um *prato de feijão e uma pitanga*, saberei repartir com sua filha e minha futura consorte.

Nesta occasião apparecia a sogra, com a chusma de filhos, parentes e escravos, endireitando o chale vermelho, pulando de satisfeita, rindo e gritando.

O primo, pai do noivo, enfiava as mãos nas algibeiras do colete, empertigava-se, e depois, com o abraço aberto, corria para ella, tocando-se protestos cordiaes e amistosos.

O noivo beijava-lhe respeitosamente a dextra, tomava a benção ao sogro, inclinava-se diante de sua noiva e um pequeno dialogo se entabolava:

— Só lhe posso garantir, meu primo, que sua filha nunca se arrependerá. Meu filho — não é porque o seja — é muito ganhador da vida: tem quéda para as barganhas, não tem vicios, é humilde e emfim — é bom á boca cheia! Quanto ao ser pobre, todos o são.

— Sim, meu primo, eu sei o quanto elle é bom, e foram sempre esses os meus desejos; o que se quer é fortuna.

— E' verdade, interrompe a reflectida sogra, a sorte é que é tudo.

— Dizes bem, minha filha, accrescenta a avó, é só della que carecemos.

— Quanto á menina, prosegue o pai orgulhoso — é o que se vê: muito *laxinzinha*; é mesmo uma alma de Deus. Dê-lhe seu filho um vestidinho de chita, uns tamancos e banha para os cabellos, quando ella precisar, e é bastante para sermos todos felizes.

— Isso, responde o pai do noivo, terá ella, graças a Deus, porque o menino tem *baque* para o dinheiro e não é *cocanão*.

Terminados os incidentes da negociação, a que os ciganos chamam *dar a barroada*, começavam logo a entrar os tios, compadres, primos e mais parentela, que vinham dar os parabens.

A casa era lavada de ponta a ponta, o soalho coberto de areia, e enfeitavam a talha de ramagens floridas.

Duas ou tres violas, encordoadas de novo, deviam ficar á espera dos tocadores dos *brodios*, que principiavam na noite immediata á do pedido e se prolongavam até á do noivado.

Em todas as direcções partiam emissarios, portadores de participações e convites.

Esta formalidade era de rigor, não se excluindo mesmo os inimigos; porquanto, o casamento e a morte são para os *calons* os acontecimentos mais solemnes da vida.

Na manhã seguinte, ao levantar do sol, o noivo, pressuroso, mimoseava a noiva com um enorme ramalhete de cravos brancos e encarnados, e consecutivamente com outras dadivas esponsaes, bem como sabonetes finos, vidros de cheiros, peças de fita côr de rosa, amarella, escarlate, córtes de vestido encarnado, côr de cravo, amarello e azul, lenços bordados de varios matizes, tudo isto acompanhado de jasmins do Cabo, alecrim, cravinas, etc.

Diariamente, para quantos chegavam, estendiam-se esteiras repletas de iguarias exquisitas, ensopados, abundancia de assados e grandes lombos de carne de porco, vianda sobremodo estimada pelos ciganos.

Erguiam-se brindes, rasgavam-se comprimentos, bebia-se com enthusiasmo á saude do ditoso par.

Ao anoitecer, dansas, os *chorados* na viola, os descantes especiaes e os *brodios*...

No dia do noivado, que cahia sempre n'um sabbado, enfeitavam a casa com apparato e gosto. Na porta fincavam bellos troncos de mangueira e a atmosphera que se respirava lá dentro trescalava de odores indistinctos, pela mistura das essencias acres com o fumo do benjoim e alfazema que ardiam.

A's tres para as quatro horas da tarde a habitação fervia de gente, os vizinhos abelhudos estavam attentos e os transeuntes paravam na rua.

No meio da lufa-lufa, as matronas que acompanhavam os noivos, os padrinhos, a familia, encaminhavam-se á freguezia.

Para os actos a que nos referimos, havia quatro madrinhas: duas iam á igreja e duas ficavam.

Recebidos em matrimonio, de volta do templo, atacavam-se girandolas, e, apenas os esposos transpunham o lar, cascatas de flôres cahiam-lhes em ondas sobre a fronte, irisadas e odoriferas.

Os menestreis preludiavam nas violas as suas toadas, os cantadores improvisavam os seus epithalamios inspirados e os convidados, de tochas accesas, formavam alas por onde passavam os recem-casados.

A' meia noite retiravam-se todos para um lado da sala, adiantando-se os noivos e as duas madrinhas.

As violas e as canções vibravam mais fortes.

Sobre um movel, cinco lençóes, alvos como uma hostia, aromátisados com alfazema e salpicados de flores, achavam-se superpostos.

Quatro tochas accesas, encostadas a uma meza, derramavam sobre o linho uma luz de ambar e ouro. As janellas fechavam-se, a inquietação transparecia em todos os semblantes: o rito sagrado do *Gade* ia cumprir-se.

E os padrinhos, que tambem eram quatro, desdobravam os lençóes, os suspendiam acima da cabeça, juntando as extremidades, passando um ao outro os cirios que sustinham, alongando o braço opposto e formavam o quarto onde o sacrificio incruento deveria celebrar-se.

Então nelle entravam os desposados e as duas secerdotizas.

Os instrumentos tangiam mais vigorosos, como que para suffocar algum gemido de dor...

Uma das matronas despia a noiva, deitava-a sobre um leito, introduzia-lhe o dedo indicador no vestibulo da vagina, despedaçava a membrana hymem, enxugando na *camisa de cambraia* as gottas de sangue da virgindade.

Vestida novamente, a um signal ajustado, os padrinhos largavam os lençóes e o marido mostrava no *Gade* as *rozas da pureza* aos alaridos do festim.

Depois da musica, dos cantos, das palmas e das flores, o noivo recitava um discurso.

Bravos, trovas, felicitações...

O *Gade*, solemnemente acondicionado n'uma caixinha de preço, embebido de aromas suaves, coberto de folhas de ale-

crim, ficava pertencendo ao esposo, que o guardava para sempre como penhor de sua alliança.

E o *brodio* recomeçava... (1)

Ainda no terreno da ethnographia falta-nos dar uma rapidissima ideia do livro — *Festas Populares do Brazil.*

Trese são as festas descriptas: *A noite de Natal*, *A vespera de Reis*, *São Sebastião*, *O entrudo*, *O carnaval*, *Quinta-feira santa*, *Sexta-feira da Paixão*, *A festa do Divino*, *A procissão de S. Jorge*, *A vespera de S. João*, *O dous de julho*, *O sete de setembro*, *O dia de finados.*

Por este quadro do indice bem claro se vê que d'estas treze festas apenas em cinco *(Natal*, *Reis*, *São João*, *Espirito-Santo* e *Entrudo)* ha folganças de cunho verdadeiramente popular.

As outras são festas de Igreja e festas patrioticas, queridas do povo é certo; mas onde elle é simples espectador.

Mello Moraes tem em alta escala o sentimento nacional; porém nunca sahiu da cidade da Bahia, onde passou a infancia, e da cidade do Rio de Janeiro, onde reside hoje, dois centros quasi inteiramente improprios para o estudo de tudo quanto se refere ao nosso povo.

Este só pode ser com proveito inquirido e investigado nas villas e aldeias do interior, nas fazendas, nos engenhos, nos *sitios* agricolas, nos sertões, nas praias de pescadores, etc. Mello Moraes tem andado fóra de taes recursos e meios de analyse.

Tudo quanto é possivel colher aqui na côrte entre as classes proletarias, ciganos, negros, velhas pedintes... elle tem procurado enthesourar. Isto não basta. Elle não viu nunca o povo no seu trabalho, nem no seu folgar no interior do Brazil.

---

(1) *Os Ciganos no Brazil*, pag. 71 e seguintes.

Nunca viu um *potirão* para fiagem de algodão, uma *botada* de engenho, umas *partilhas* de rezes em fazendas de criar, um *campear* de vaqueiros, uma *derrubada* de mattas, uma *emenda* de pescaria, uma viagem em *canôas* ao longo de estensos rios, um *safrear* de farinha ou de assucar, um *plantio* e *colhêta* de legumes, emfim um qualquer d'esses muitos afazeres do nosso povo em seus trabalhos, em suas industrias locaes.

Tambem não viu ainda o povo divertir-se; não viu um *samba* com as suas mil cantigas e suas vinte danças diversas, uma festa de casamento na roça, um bando de *Congos* em dia de Reis, um bando de *Tayêras* em dia de Natal e Anno-Bom, um *Bumba-meu-boi* feito em regra, uma festança de *Mouros*, de *Marujos*, um auto do *Cavallo-marinho*, do *Zé-do-Valle*, do *Antonio Geraldo*, do *Cégo*, da *Cabrinha*, etc., etc., ainda hoje representados no norte, e em menor escala no sul do Brazil. (1)

E' pena que o nosso poeta e imaginoso escriptor, com a perspicacia de observação de que é dotado, não haja tido amplos ensejos de estudar o povo, onde elle se apresenta estreme, puro, original, não mesclado ás classes alheiatorias da côrte.

Dispondo apenas dos recursos que pode aqui encontrar, é admiravel que haja conseguido tantas informações, como aquellas que se nos deparam nas *Festas Populares* e nos *Ciganos no Brazil*.

O auctor tem recorrido a velhos do norte, actualmente residentes n'esta cidade, e por via tradicional construiu alguns artigos de seu livro das festas. Por esta

---

(1) Em 1878 em Paraty, na provincia do Rio de Janeiro, e em principios d'este anno na fazenda da *Aratingaúba* (municipio da Laguna), na provincia de Santa Catharina, vi algumas d'estas folganças populares.

fórma descreveu muito bem, por exemplo, o brinquedo dos *Congos*, tambem chamados—*Cucumbys*. (1)

Pelo que temos dito até aqui d'este escriptor, deixa-se ver bem claro a direcção geral de seu espirito litterario. Emquanto os actuaes auctores patrios quasi todos se atiram esfaimados a busca de um ideial, ou de uma norma no estrangeiro, Mello Moraes entesou seu arco e arrojou a setta n'uma só direcção, e esta direcção é o corpo d'este imperio, a alma d'este povo, o coração d'esta patria. Amar, estudar, descrever este paiz é o seu ideial de artista. E n'este afan, n'este luctar pelo brazileirismo, o passado, as tradições, o viver extincto das gerações que foram, prendem-se-lhe mais ao coração do que o espectaculo da vida presente. Vamos ainda mais apreciaI-o, estudando o poeta.

Por esta face estudado, o auctor dos *Cantos do Equador* e dos *Mythos e Poemas* é de ordinario collocado no grupo dos condoreiristas, como sectario de Castro Alves. Isto não é exacto, ou só é admissivel em diminuta parte.

Quando em 1867 os dois poetas se encontraram na Bahia, já Mello possuia fundamentalmente o systema poetico que até hoje tem conservado.

Este systema encerra dois elementos principaes: certa disposição phantasista dos quadros e scenas, determinado afferro a assumptos nacionaes. Aquelle foi aprendido dos romanticos em geral e este em particular de Bittencourt Sampaio.

Segundo confissões do proprio poeta, tal foi o auctor que mais influiu na sua technica artistica.

A acção de Castro Alves, si existiu, é quasi inapreciavel. Admittida, confessada aquella outra influencia estranha, na obra poetica de Mello Moraes, ainda lhe ficam elementos proprios, de caracter autonomico e original.

---

(1) Não vem no livro; sahiu na *Gazeta de Noticias* em principio d'este anno.

Tem mais força do que Bittencourt Sampaio e mais graciosidade e intuição brazileira do que Castro Alves.

A tendencia para os assumptos nacionaes, a disposição do espirito para reflectir os sentimentos, os affectos, as effusões d'alma nacional, era em nosso poeta uma predisposição nativa.

Foi talvez reforçada com a leitura das *Flores Sylvestres* do lyrista sergipano; mas o que acabou por aferral-o completa e definitivamente ao nacionalismo patrio foi a leitura dos *Estudos sobre a Poesia e os Contos Populares do Brazil* do auctor d'este livro, publicados na *Revista Brazileira* no correr do anno de 1879.

Estes impulsos externos não crêaram no espirito do poeta, repito, inclinações e attitudes novas; reforçaram apenas tendencias originaes e instinctivas.

De 1880 em diante a producção litteraria de Mello Moraes triplicou e tudo trouxe a côr de suas affeições intimas, que era a côr do céu de sua patria.

Seus dois livros de poesias são os *Cantos do Equador* de 1881 e os *Mythos e Poemas* de 1884.

A critica de taes livros já está implicitamente feita, no que até aqui temos dito do auctor; mas é preciso insistir, porque a cousa vale bem a pena.

O talento principal de Mello Moraes é o talento de poeta; a nota fundamental de sua arte é o lyrismo nacionalista. Dizer isto é dizer muito; mas este muito é ainda bem pouco para definir a indole d'essa poesia.

Ser *nacionalista* é cousa que se tem dito de muito poeta e litterato, e muitas vezes sem razão. Em nosso auctor o nacionalismo exhibe qualidades especiaes.

Primeiramente, elle é um nativista n'uma época em que esta qualidade, para muitos, parece ser um crime, n'uma época de alheiação quasi completa do caracter nacional, prostituido, aviltado por um sem numero de imitações e de bajulações a estrangeiros. Litteratos e politicos têm perdido a cabeça atraz do sonho pernicioso do estrangeirismo.

A mania do povoamento a todo trance nos politicos, a molestia de plagiar nos litteratos têm abastardado completamente certa parte de nossos homens publicos n'uma e n'outra esphera. Felizmente ha hoje, como sempre, o grupo dos que protestam e o nosso poeta é d'este numero.

Outra qualidade, e essa fundamental do nacionalismo do auctor, é ser elle consciente, assegurado por um plano perfeitamente organisado e seguido á risca.

D'antes os nossos nacionalistas eram duplamente lacunosos: não abrangiam todos os factores da alma brazileira, e, d'aquelles de que tratavam, não passavam das manifestações exteriores.

Em Mello Moraes a critica intelligente vae mostrar que elle escapou a esse duplo motivo de inferioridade.

Antes de tudo, ella notará a existencia completa do quadro dos agentes que constituiram, differenciaram, integraram o nosso povo.

Natureza exterior, indios, negros, colonos e mestiços lá estão. Depois, notará que dos indios, por exemplo, não se poz a descrever usanças meramente secundarias. Reproduziu suas lendas, penetrando-lhes assim na psychologia; quanto aos negros, não declamou sobre o facto da escravidão; observou a vida do captivo e reproduziu-lhe as peripecias principaes.

Entre as poesias que dão conta de scênas de nossa natureza tropical destacam-se: — *Ponte de lianas*, *A sucurinha*, *Tarde tropical*, *Floresta submergida*, *Noites do equador*, *Tempestade dos tropicos*.

Dentre as que se referem a assumptos indianos avultam: — *O sangue do jaguar*, *No ceu e na terra*, *A lenda do algodão*, *A tapéra da lua*, *A lenda das pedras verdes*, *A lenda da abobora*.

Nas que têm por assumpto o negro escravo destinguem-se: — *A rêde*, *A novena*, *A ama de leite*, *Partida de escravos*, *Verba testamentaria*, *O legado da morta*, *Mãi*

de criação, *A feiticeira*, *Ingenuos*, *Escravo fugido*, *A reza*, *Cantiga no eito*.

Os assumptos portuguezes apparecem em *Alma penada*, *Saudação dos mortos*, *Os Immortaes*. Estes ultimos são dedicados ao centenario de Camões.

Os assumptos de intuição braziliana particular, intuição mestiça, são os mais abundantes. E' bastante referir —*A mulata*, *A tabarôa*, *A caipora*, *No pouso*,- *O palacio da mãi d'agua*, *Bem-te-vi*, *Trovador do sertão*, *A sereia do Jaburú*, *A luz dos afogados*, *A endemoninhada*, *A romaria do Bom-Despacho*, *A vespera de Reis*.

Todos estes assumptos foram tratados com graciosidades e mimos de lyrista.

A forma é facil e natural: o metro sempre correcto, excepto n'alguns alexandrinos dos muitos que se lêem nos *Cantos do Equador*. Os dos *Mythos e Poemas* são todos correctos.

Falo n'isto porque o poeta foi alvo de violentas criticas, por aquelle motivo, da parte dos nossos *parnasianos*. Para mostrar o exaggerado da censura, basta mostrar que a poesia *Ave-Cesar!* tem noventa e quatro alexandrinos e só um errado! Veja-se, pois, qual a proporção dos erros nas obras do poeta. (1)

E' já tempo de cital-o sob as suas differentes faces.

Comecemos de mais longe, a natureza; eis a *Tarde Tropical*:

« É a hora do dia em que das mattas
Desce a sombra da basta gameleira,
E saltando das lapas as cascatas
Espadanam das aguas a poeira...
Em que a onça lambendo as ruivas patas,
Rente o peito com o chão da cordilheira,
Encurva o dorso e cerra, ao abandono,
Os olhos d'ouro, de fadiga e somno...

---

(1) Mello Moraes prepara uma edição completa de suas poesias, que apparecerão devidamente emendadas

Em que o indio perdido na savana
Conta a Tupan seus barbaros segredos...
E a tarde, bella moça americana,
Côa a luz do crepusc'lo em bronzeos dedos!
Em que as flores vermelhas da liana,
Da ponte de cipós dos arvoredos,
Cahindo ao sopro da macia aragem
S'estendem sob as redes do selvagem!...

Hora de amor, de prece, hora de encanto!
Tu murmuras nos rios transparentes;
E tens por voz da guaraponga o canto
E o ronco das giboias nas vertentes!
Quando tinges no occaso o claro manto
E além descambas d'esses céus ardentes,
Mão de mysterio por velar-te a urna
Ergue no espaço a lampada nocturna!

É já quasi ao sol posto, quando a terra
Trescala de selvatica harmonia...
Que á cascavel que dorme pela serra
Espanta o silvo da cauau bravia!
E si ruge o jaguár que o fogo aterra,
Aceso á porta da cabana esguia,
Retumbam echos nos rochedos fundos,
— Titans rolando do Equador nos mundos!...

Os cactus em flôr pela clareira
S'illuminam de insectos scintillantes;
E a velha da tribu, a feiticeira,
Evoca os genios da floresta errantes!
E si os lumes sinistros da fogueira
Aos sortilegios lustram mais fumantes,
As corujas nos ares ululando
A' face do crescente vão voando!

Hora de amor, de adoração, de crença,
Ave-Maria! — Estrella dos palmares!
Tu mitigas do escravo a dôr intensa,
A' santa uncção dos mysticos cantares!
Quando baixas do céu, a selva immensa
Manda esperar-te os largos nenuphares...
E o oceano, na vaga que fluctua,
Reflecte de teus pés a meia lua!

Nos braços do lethargo, á frouxa luz
Do sol que morre, — dorme a natureza!
E as rolas pelas moitas dos bambús
Arrulam doces cantos de tristeza!
E o caboclo que leva os filhos nús,
Do Amazonas á rija correnteza,
Penetrando a floresta, em mudo assombro,
A um tem pela mão, — traz outro ao hombro!...

Tardes de minha terra! ó prado! ó flôres!
Bosques cheios de sombra e de harmonias!
Valles e serras, magicos vapores,
Ninho das garças nas lagôas frias!
Vós recordais-me a trilha dos amores,
O colmo das deixadas phantasias,
Por onde essa illusão que a alma nos cança
Pendura as rêdes d'ouro da esperança!

Adeus, ó tarde, adeus! que os horizontes
Cobrem do dia morto o corpo algente...
Turva neblina róla pelos montes,
— Cinzas das azas d'esse sol poente!
Ave-Maria! ao céu quando remontes,
Da natureza eterna ao hymno ardente,
Que a ti subam d'est'harpa os sons finaes
Aos enlevos das tardes tropicaes!» (1)

---

(1) *Cantos do Equador*, pag. 28.

Depois da natureza vem o selvagem e é bom que ouçamos a *Lenda da Abobora:*

« De assalto as sombras, quaes piratas negros,
Tomam as matas asperas, bravias...
O jaguar como um arco empola o dorso,
Se estirando das patas luzidias.

Luzes de estrellas, de macias flammas,
Silenciosas brilham pallecentes;
Gemem ventos vezanos que aos tapuyos
São oraculos dos magicos parentes...

Aos fogos canibaes de cem fogueiras
Pendem ramas de trevas cavalgadas;
E os caboclos soturnos, nos espetos
Viram do morto as regiões tostadas.

Um rugido no ar... Jacaré torvo
Da onça o flanco fulvo chicotêa!...
Partio-lhe a cauda a féra... elle sumio-se,
Deixando um rastro de sangrenta arêa.

Aos bailos do terreiro, as feiticeiras
Se encolhem tremulas, atiçando as brazas;
E grita a *alma perdida* e as aves tontas...
Abrem no espaço rubro as curvas azas.

Em alarido enorme as tribus pavidas
Enchem de espanto as naturaes paragens;
Mutilações de dó... soluços... prantos...
Nos corpos nús funereas tatuagens!

De Yáia o chefe poderoso, a rêde
Na cabana lá está — selvagem horto !
As carpideiras lanham-se, e agachado
Contempla o chefe Yáia o filho morto.

Não quer vasos de terra! — as igaçabas
São a seus olhos miseros sarcophagos ;
E rincha o *marabá*, e os ritos cumprem-se
A's dansas funeraes dos anthropophagos.

Guarnecendo a maloca, em altos postes
As cabeças das victimas fincadas;
Os pregoeiros sopram nas buzinas
P'ra traz vergando as frontes gateadas.

De quando em quando, em contracções atleticas,
Um braço armado gira subitaneo;
O captivo resiste, e ao resistil-o
A massa tomba e se estilhaça um craneo !...

Em confusa algazarra os povos incolas
Na cordilheira buscam tredo acoite ;
E em torno do defunto os fachos ardem
De genios máos esvasiando a noite.

N'uma abobora desforme
Abriu-lhe o sepulchro Yáia :
Foi pertinho da cabana
Por baixo da sapucaia.

Sentou-o no seu jazigo,
Uniu-lhe ao peito os joelhos,
Com seus colares de dentes,
Seus diademas vermelhos.

Um bando de pombas bravas
Mortas ficaram-lhe aos pés,
A cauan que espanta as cobras,
Que lucta com as cascaveis.

De flecha e clava e membys
Cercou a mumia querida :
Para os combates da morte
Levava as armas da vida.

E de vêl-o triste, triste,
Chorando seu filho ahi,
A rola... as rolas gemiam
Nas palmas do licury.

Desce o chefe a montanha : a visital-o
Segue á luz da manhã que além domina;
Aqui e alli, mil troncos suarentos
E o insecto que zumbe da matina !

Do rochedo aos degraos sobem vapores,
— Erma, vasta e fumante escadaria !...
E o abutre pellado a testa esconde
Debaixo d'aza voadora e fria !

Yáia proseguio... mas avistando
A abobora tumular d'esses caminhos,
Notou que enormes peixes se escapavam
Da planta cheia de algaçaes marinhos.

No terror que o agita, o caso infausto
Leva á óca dos seus, á tribu inteira !...
E as trompas soam nas quebradas longas
Suppondo auguros a nação guerreira !

Quatro meninos gemeos que attentavam
O chefe — partem, sem demora, inquietos,
Famintos, nús, zebrados, offegantes,
A' grande pescaria em seus desertos.

Reunem-se os pagés, velhos, mulheres,
De labio roto e faces taciturnas;
E emquanto uns trepam no arvoredo excelso,
Outros se escapam das baixinhas furnas.

Os caboclinhos viram
A abobora — e sem assombro
Ergueram-n'a contentes
Ao pequenino hombro;

Porem do centro o liquido
Pingando cahe, gotteja,
E dos milhões de póros
Mareja, sim, mareja!

E n'isso assoma Yáia
Grave, sombrio, quedo;
Elles disparam rapidos
Com indizivel medo,

No chão se abrira o fructo
Que inunda extremos lares...
D'est'agua — o mytho barbaro
Do Genesis dos mares! » (1)

Depois dos indigenas, os escravos negros em seus soffrimentos.

---

(1) *Mythos* e *Poemas*, pag. 33.

São d'elles uma copia a *Mãe de criação*; vejamol-a:

« Era já velha a misera pretinha;
Tão extremosa como as mães que o são:
Era escrava... porem que amor que tinha
A'quelle a quem foi mãe de criação!

Cuidava tanto delle... Quando o via
Dos estudos chegar, chegar-se a ella,
Parece que a ventura se embebia,
Como um raio de luz, nos seios della.

Seu filho lhe morrera em tenra infancia...
A sorte do captivo é a dos revezes;
Ella o criára, e d'alma n'abundancia
O consagrára filho duas vezes.

Quizeram libertal-a; a liberdade
Tomou como uma offensa e não cedeu;
Depois... « Minha senhora, é caridade
Não me apartar do filho que me deu »

Scismava alegre tanta scisma vaga,
Pedia a Deus por elle tanto, tanto,
Que só de crêl-o auzente era aziaga
A hora que o furtava ao seu encanto...

Mas os tempos passaram; tudo acaba;
Nem no sonho feliz o foi siquer!
Ha filhos-reptis que cospem baba,
Lethal veneno a um seio de mulher.

Elle o fizera. A'quella que os vagidos
De seu berço acudiu, ó mães bondosas,
Que velára, acalmando os seus gemidos
De criança, nas noites dolorosas,

Levou-lhe ao rosto a mão de matricida !...
A pobre velha lá mordêra o chão :
— « Com meu sangue de escrava dei-lhe a vida...
A' seus pés, meu senhor... perdão ! perdão ! » (1)

Alem de todos esses, os mestiços occupam largo espaço nas obras do poeta. Não podemos ouvir nada mais alem d'*A Mulata* :

« Eu sou mulata vaidosa,
Linda, faceira, mimosa,
Quaes muitas brancas não são !
Tenho requebros mais bellos ;
Si a noite são meus cabellos,
O dia é meu coração.

Sob a camisa bordada,
Fina, tão alva, arrendada,
Treme-me o seio moreno :
E' como o jambo cheiroso,
Que pende ao galho frondoso
Coberto pelo sereno !

Nos bicos da chinellinha,
Quem vôa mais levesinha,
Mais levesinha do que eu ?...
Eu sou mulata tafula ;
No samba, rompendo a chula,
Jámais ninguem me venceu.

---

(1) *Cantos do Equador*, pag. 125.

Ao afinar da viola,
Quando estalo a castanhola,
Ferve a dansa e o desafio;
Peneiro n'um molle anceio,
Vou mansa n'um bambaleio,
Qual vai a garça no rio.

Aos moços todos esquiva,
Sendo de todos captiva,
Demoro os olhares meus ;
« Que tentação... que maldicta...
Bravo! mulata bonita! »
— Adeus, meu yôyô, adeus...

Minhas yáyás da janella
Me atiram cada olhadella...
Ai! dá-se? mortas assim!
E eu sigo mais orgulhosa,
Como si a cara raivosa
Não fosse feita p'ra mim.

Na fronte, ainda que baça,
Me assenta o troço de cassa
Melhor que c'rôa gentil;
E éu posso dizer ufana
Que, qual mulata bahiana,
Outra não ha no Brazil.

Nos meus pulsos delicados
Trago coraes engrazados,
Contas d'ouro e coralinas;
Prendo meu panno á cintura,
Que mais realça á brancura
Das saias de rendas finas.

Si tenho um desejo agora.
De meus affectos senhora,
Sei encontral-o no amor.
— Ai! muluta! ai! borboleta!
E' tua sina inquieta,
Tu pousas de flor em flor.

Meus brincos de pedraria
Tocam, fazendo harmonia
Com meu cordão reluzente;
Na correntinha de prata
Tem sempre e sempre a mulata
Figuinhas de boa gente.

Eu gosto bem d'esta vida,
Qne assim se passa esquecida
De tudo que é triste e vão!
Um *dito* bem requebrado,
Um mimo, um riso, um agrado,
Captivam meu coração.

Nos presepes da Lapinha
Só a mulata é rainha,
Meiga a mostrar-se de novo;
De sua face ao encanto
Vai-se o fervor pelo santo,
Pr'a o santo não olha o povo!

Minha existencia é de flores,
De sonhos, de luz, de amores,
Alegre como um festim!
Escrava, na terra um dono,
Outro no céu sobre um throno,
Que é meu Senhor do Bomfim!

Na fronte ainda que baça,
Me assenta o troço de cassa,
Melhor que c'rôa gentil;
E eu posso dizer ufana
Que qual mulata bahiana,
Outra não ha no Brazil. » (1)

A parte portugueza é a mais exigua, sem ser a menos elevada. Por brevidade deixo de citar algum trecho comprobativo, o que tambem faço em relação aos *Nocturnos e Phantasias* que se lêem nos *Cantos do Equador*.

De tudo o que ahi fica expendido é facil concluir que a poesia de Mello Moraes Filho possue uma das qualidades mais preconisadas da poesia contemporanea, a objectividade. E assim é; em nenhum de seus livros deu elle entrada a producções puramente pessoaes e subjectivas. Mas essa objectividade é ideialisada; d'ella o poeta extrae aquellas tintas, aquelles tons, que mais se coadunam com a indole de sua intelligencia. Em quanto os outros mudaram de rumo em busca do parnasianismo comtemporaneo, elle deixou-se ficar no tradicionalismo, embeber de nacionalismo, como um adorador consciente do passado, do que não faz segredo nenhum e deseja antes que todos o saibam.

Ao passo que os nossos escriptores hodiernos atiram-se quasi todos á imitação da Europa, o Dr. Mello Moraes vai imperturbavel o seu caminho, e, por isso, neste sentido, como nacionalista, elle é actualmente o primeiro, talvez, de nossos poetas. Tem imaginação, delicadezas de sentimento, variedade de tintas, subtilezas de forma, em summa, aquelle vago, « aquelle ponto imponderavel, impalpavel, aquelle atomo irreductivel, aquelle nada que em todos as cousas deste mundo intitula-se a *in-*

(1) *Cantos do Equador*, pag. 53.

spiração, a *graça*, ou o *dom*, e que é tudo », repetindo a phrase justa do pintor Fromentim. Sei bem que alguns jovens poetas nossos, que se agremiam em torno de certas pretenções e de certos pretenciosos, não pronunciam o nome do auctor dos *Cantos do Equador* e laboram na doce illusão de o terem feito esquecer como lyrista.... Deixal-os em sua fatuidade.

LUIZ CAETANO P. GUIMARÃES JUNIOR (1845...) Na seriação dos poetas hugonianos, depois d'aquelles que deixamos analysados, e antes de Luiz Guimarães Junior, deveriamos ver desfilar as figuras de *José Jorge de Siqueira Filho*, *Pedro Ribeiro Moreira*, *Plinio Xavier de Lima* e *Antonio Alves de Carvalhal.*

A falta de documentos, adequados a nosso fim, priva-nos d'esse prazer.

Surge-nos tambem agora de frente o vulto de *Gonçalves Crespo*. Deve ser elle incluido n'uma historia da litteratura brazileira?

No começo d'este livro eu disse que deveriamos nos *tempos coloniaes* reclamar como *brazileiros* todos os nascidos n'este paiz, ainda que se tivessem na juventude retirado para Portugal e de lá não houvessem mais voltado á patria. (1)

E' de facil intuição este pensar. Então não existia a nacionalidade brazileira, toda a cultura era, alem d'isso, bebida em Portugal, e o facto do nascimento era o criterio unico para uma separação que se quizesse estabelecer entre os escriptores. Hoje, porém, já não é assim.

Um brazileiro que deixa a sua patria, carecedora de seus esforços, e onde se lhe abre grande arena para a actividade, e vae residir, em plena juventude, definiti-

(1) Vide pag. 9.

vamente na antiga metropole, alli educa-se, faz-se intellectualmente, envolve-se na vida publica, esquecendo-se de todo das velhas relações e tradições que lhe cercaram a infancia, não temos mais o direito de reclamal-o, de chamal-o um dos nossos. E' o caso exactamente do auctor das *Miniaturas* e dos *Nocturnos*.

Em compensação para substituil-o temos em seu tempo alguem mais illustre do que elle e este alguem é *Antonio de Souza Pinto*, auctor das *Idéas e Sonhos*, do *Estudo sobre Pombal*, e d'outros livros d'igual interesse.

Pinto é um producto espiritual do Brazil; veio de sua terra menino, fez aqui toda a sua educação, formando-se n'uma academia nacional. Volvamo-nos, porém, para Luiz Guimarães Junior.

E' um filho da escola do Recife; não foi jámais um condoreirista extremado; era já um elo natural entre o romantismo brazileiro e o nosso parnasianismo.

N'arte mostrou sempre tendencias, que lhe outorgam este caracter.

Luiz Guimarães é natural do Rio de Janeiro, filho de familia abastada; passou a infancia e a primeira mocidade na patria e em Petropolis, como alumno do Collegio Calogeras.

Inclinando desde então aos prazeres e passa-tempos dos salões, ainda mais se lhe apurou essa tendencia em São Paulo e no Recife, cujas academias cursou com a doce fama de estudante rico.

Depois de formado em fins de 1869 passou rapidamente pelo jornalismo e pelos salões fluminenses, sendo attrahido logo á carreira diplomatica, o mais falso de todos os modos de vida que póde um homem occupar sobre a terra.

Ahi ainda mais se apurou o scepticismo elegante, o dandysmo artistico de nosso compatriota. Hoje elle é quasi um estrangeiro para nós. E aqui releva apontar

desde já, o especial genero de contradicção de nosso publico lettrado á conta de Guimarães Junior.

E é este: quasi todos os que se suppoem com direito a votar no assumpto consideram os seus primeiros livros do Recife e do Rio essencialmente detestaveis, e quanto ao ultimo — *Sonetos e Rimas* — prodigiosamente admiravel. Comprehendo bem a revira-volta. Podem lá ser bons uns livros feios, publicados em papel commum, em typos secundarios? Não é possivel.

Agora, aquelle livrinho gentil, vindo do *estrangeiro*, da patria das artes, de Roma, em edição *chic*, e logo após em segunda tiragem de Lisboa em *reliure* elegante, aquillo sim, é que são versos bellos...

Que coisa bonita! Que *bibelots!* E o prologo do Fialho d'Almeida! Aquillo é que é saber falar d'arte e d'artistas!... Confesso que não vou por este caminho.

Nunca havia lido nada de Luiz Guimarães. Em 1868 e 69 — conheci-o no Recife e não sei que especie de indifferença afastou-me d'elle e privou-me em absoluto de lêl-o. Então já o moço fluminense tinha levado á scena o drama *As Quedas Fataes* e publicado na imprensa pernambucana bom numero de poesias e folhetins. Seu nome era cercado de ruido; fui surdo a tudo e ficou-me inteiramente alheia a fama do litterato.

Faço esta confissão, que poderia calar e que a muitos parecerá extravagante, porque d'ella vou tirar uma conclusão favoraval ao nosso poeta e folhetinista.

Li agora, por obrigação do officio, seus livros e declaro que me deixaram agradavel impressão. Não desgostei d'elles; mas justamente na ordem inversa á estabelecida pelo geral dos leitores.

Acho que em sua phase brazileira, entre 1862 e 72 o poeta foi mais espontaneo, mais sincero, sua arte mais sentida, mais humana; então o contista e o folhetinista era mais despreoccupado, mais vivaz, mais lucido do que hoje parece ser.

Ouso dizer, pois, que, assim considerados, os *Corim-*

bos são superiores aos *Sonetos e Rimas*. Estes revelam mais apuros e requintes de *forma*; aquelles simplesmente mais *alma* e esta é tudo em poesia.

A razão parece militar de meu lado. A poesia é uma d'essas intuições e effusões intimas que só têm vida quando partem do coração, bem acalentado e aquecido pelo bafejo da patria.

Assim como a prece e os monologos intimos nós só os fazemos na lingua materna, ainda que vivamos em terra estrangeira e falemos a linguagem alheia, tambem a poesia só pode ser verdadeiramente *vivida* na lingua patria e quando esta nos é transmittida directamente no paiz natal.

Em nossos dias em que se fala tanto de *hypnotismo* e *suggestão*, e mui acertadamente, porque ha muita verdade n'esses phenomenos, é bem possivel fazer d'elles uma applicação á critica litteraria.

A intitulada *lei dos meios* com toda a sua influencia não será um caso de suggestão espontanea da natureza e da sociedade?

Ninguem se pode furtar á acção de seu tempo e de seu ambiente physico e social; todas as nossas ideias são oriundas das impressões que d'ali nos vêm; o *meio* é, pois, o grande *suggestor* de todos os nossos pensamentos. Taes verdades são ainda mais instantes e inilludiveis n'alma sensivel e facilmente agitavel dos poetas.

Estes, como os insectos que tomam a côr das folhas em que se occultam e repousam, tomam a côr e a fórma da sociedade que os acolhe, e a mais propicia para lhes desenvolver o genio é incontestavelmente a da patria, a da terra natal.

Os *Corymbos* são o repositorio dos cantos do poeta dos dezoito aos vinte e cinco annos, quando elle não tinha ainda sahido de seu paiz e aprendido na diplomacia a arte das *fórmas* polidas e aptas a esconderem e refolharem o pensamento e o sentir.

Como factura, como mão d'obra, como producto de

ourivesaria, os *Sonetos e Rimas* deixam os *Corymbos* muito a perder de vista; como expressões francas de uma alma de rapaz, estes, repito, ganham a palma.

Mais tudo isto é ainda muito generico; aproximemo-nos mais do auctor; qual o valor e o alcance de seu talento? E' o que é preciso ser dito em poucas palavras.

Luiz Guimarães Junior não é uma intelligencia apta para a sciencia, a critica, a philosophia, as especulações que exigem profunda tensão de espirito. Na bella litteratura mesma—o romance e o drama lhe são interdictos, ainda que os tenha tentado por vezes.

Os generos que lhe ficam de molde são a poesia ligeira, o conto rapido e o folhetim minusculo. A primeira é que lhe assenta melhor.

Em seus livros de poesias não encontrei uma só producção que me parecesse de todo má; tambem não se me deparou nenhuma verdadeiramente superior e imponente.

O poeta não ultrapassa certa distancia em seu vôo; vae a certa altura, é verdade, e deixa-se lá pairar graciosamente; mas não se perde nas nuvens.

Não produz brilhantes raros engastados em finissimo ouro; espalha rubis, turquezas, saphyras e topazios em graciosas joias de ouro medio e faz deliciosas filagranas de bôa prata. Tambem não desce ao estanho e ao cobre.

Não é poeta para nos alentar nos momentos das grandes dôres, das grandes crises do espirito; é um diligente e prazenteiro camarada para certas horas de descuido ou de enfado.

No conto e no folhetim, no meio de paginas desgeitosas e banaes, contam-se algumas bem nutridas e gostosamente legiveis.

Por este lado sua obra acha-se encerrada nas *Historias para gente alegre*, nos *Contos sem pretenção*, nas *Filagranas*, e nas *Curvas e Zig-zags*.

Sinto pressa de concluir, e quero logo mostrar ao

leitor as provas do que lhe tenho affirmado. Vae vêr por si mesmo alguma cousa do poeta e do prosaista.

Dos *Corymbos* leiamos *Recuerdo:*

« Nós estavamos sós. Trite e saudosa
Surgia a lua no elevado monte:
Cheia de orvalho suspirava a rosa,
Cheia de rosas suspirava a fonte.

Ao pé de nós a aragem murmurava
Nos curvos ramos da mangueira em flor;
Nos nossos labios a illusão cantava,
Nos nossos olhos despontava o amor.

Nós estavamos sós. Ella tremia
Cravando o olhar nos mudos olhos meus:
O que eu lhe disse, o que ella me dizia
Foi um mysterio que sumio-se em Deus...

A natureza festival sorrindo
Nos attrahia e nos forçava a amar:
Dizia o céo: — como este par é lindo!
Dizia a noite: e como é bom sonhar!

Todo o mysterio que seduz e encanta,
Tudo o que corta a solidão baixinho:
O som d'um beijo, o estremecer da planta,
O vôo das aves procurando o ninho;

A folha secca que resvala e freme,
Da lua o raio solitario e vago,
O molle orvalho que nas urzes treme,
A sombra inquieta que perturba o lago;

Tudo assistio ao virginal encanto
Das nossas crenças para sempre unidas:
Viram dois rostos confundindo o pranto,
E duas almas confundindo as vidas!

As doidas phrases que a chorar dissemos
D'aquella noite na eternal mudez,
O louco abraço, as juras que fizemos:
— Não se repetem: fazem-se uma vez! » (1)

Dos *Sonetos e Rimas* leiamos *A morte da aguia*:

A bordo vinha uma aguia. Era um presente
Que um potentado, — um certo rei do Oriente,
Mandava a outro: — um mimo soberano.
Era uma aguia real. Entre a sombria
Grade da jaula o seu olhar luzia,
Profundo e triste como o olhar humano.

Aos balanços do barco ella curvava
Ao niveo collo a fronte que scismava. «.
E emquanto as ondas turbidas gemiam
Ao som do vento — em funebres lamentos,
Ella pensava nos longinquos ventos
Que do Hymalaia os pincaros varriam.

Fôra uma infame e traiçoeira bala,
Que do regio fusil negra vassalla,
Invisivel — uma aza lhe partira:
Cheia de luz, tranquilla, magestosa,
Dobrando a fronte branca e poderosa,
Aos pés de um rei a aguia real cahira.

(1) *Corymbos.* pag. 27.

Os bonzos vis, propheticos doutores,
Sondando-lhe a ferida e as cruas dores,
Que em venenoso balsamo tentava
Apaziguar em vão, — diziam rindo:
« Não ha no mundo um exemplar mais lindo:
Vale um imperio. » — E a aguia agonisava.

Um dia, emfim, o animal valente
Resistindo aos martyrios, — largamente
Respirou a amplidão. A aza possante
Abrir tentou de novo. Aberta estava
A jaula colossal que o esperava:
Forçoso era partir. Desde esse instante

A aguia sombria e muda e pensativa,
Solemne martyr, victima captiva,
Terror dos vis, e symbolo dos bravos,
Pedio a morte a Deus, — Pedio-a anciosa,
Longe, porem, da côrte vergonhosa
D'esse covarde e baixo rei de escravos.

Pedio o morte a Deus, o cataclismo,
As convulsões electricas do abysmo,
As batalhas do ar! Morrer n'um grito
Vibrante, immenso, heroico, soberano,
E fremente rolar no azul do Oceano
Como um titão cahido do infinito.

Morrer livre, cercada de victorias,
Com suas azas — pavilhão de glorias —
Inundadas da luz que o sol espalha:
Ter o fundo do mar por catacumba,
As orações do vento que retumba,
E as cambraias da espuma por mortalha.

Emtanto, melancolica, tristonha,
Como um gigante morbido que sonha,
Fitava, às vezes, o revolto Oceano
Com esse olhar nublado e delirante,
Com que saudava a Cesar triumphante
O moribundo gladiador romano.

O commandante — urso do mar bondoso —
Disse um dia ao escravo rancoroso,
Ao carcereiro estupido e inclemente:
« Leve-a ao convez. Verá que esse desmaio
Basta para apagal-o um brando raio
Do largo sol no rubido oriente ».

Subio então a jaula ao tombadilho:
Do nato dia o purpurino brilho
Salpicava de luz o céo nevado...
E a aguia elevando a palpebra dormente,
Abrio as azas ao clarão nascente
Como as hastes de um leque illuminado.

O mar gemia, lobrego e espumante,
Açoitando o navio; — alem — distante,
Nas vaporosas bordas do horisonte,
As matutinas nevoas que ondulavam,
Em suas varias curvas figuravam
Os largos flancos triumphaes de um monte.

« Abra-lhe a porta da prisão », (ridente
O commandante disse): « Esta corrente
Para conter-lhe o vôo é mais que forte:
Voar! pobre infeliz! causa piedade!
Dê-lhe um momento de ar e liberdade,
Unico meio de a salvar da morte »

Quando a porta se abrio, — como uma tromba,
Como o invencivel furacão que arromba
Da tempestade as negras barricadas,
A aguia lançou por terra o escravo pasmo,
E, desprendendo um grito de sarcasmo,
Moveu as azas soltas e espalmadas.

Pairou sobre o navio — immensa e bella —
Como uma branca, uma isolada vela
A demandar um livre e novo mundo;
Crescia o sol nas nuvens refulgentes,
E como um turbilhão de aguias frementes,
Zunia o vento na amplidão, — profundo.

Ella lutou, anciosa! Atra agonia
Suffocava-a. O escravo lhe estendia
Os miseroveis e covardes braços;
Nú o Oceano ao longe scintillava,
E'a rainha do ar, em vão, buscava
Onde pousar os grandes membros lassos.

Sobre o barco pairou ainda, — e alçando,
Alçando mais os vôos e afogando
Na luz do sol a fronte alvinitente,
Ebria de espaço, ebria de liberdade,
Como um astro que cai da immensidade,
Afundou-se nas ondas de repente. » (1)

Nas poesias de Luiz Guimarães predominam as impressões pessoaes, subjectivas. Os quadros da natureza exterior são em pequeno numero e de merito secundario.

Tem poucas, quasi raras, paginas de caractér

(1) *Sonetos e Rimas.* 2.ª edição, pag. 13.

nacional. Os *Sonetos e Rimas* trazem no genero apenas *A Sertaneja*; os *Corymbos* apenas *A Choça do Lenhador*.

Nos contos e folhetins o auctor é mais abundante em notas locaes, algumas bem apanhadas e descriptas com habilidade e agudeza.

D'este genero se me antolha ser *A Mucama*, que vou pôr sob as vistas de quem me lê.

«É o mimo da casa; as meninas contam-lhe todos os segredos; os escravos a respeitam; as visitas reconhecem n'ella a herdeira presumptiva das malicias e indiscrições da familia; e sua vida resume-se em ser a companheira da senhora moça em solteira, e a criada particular da senhora moça quando se casa!

É a favorita do lar domestico; uma especie de Montespan retinta, azougada, de cabello aprumado, por cujas mãos teem de passar todos os requerimentos que se dirijam á alta sabedoria do conciliabulo familiar. Em Inglaterra chama-se Betty; em França Marton; em Portugal Maria; no Brasil perde o nome de baptismo para grangear o honroso qualificativo de *mucama*.

Contam as chronicas antigas que o melhor meio de se attrahir a confiança dos monarchas, era em primeiro logar angariar a sympathia das favoritas. Ninguem levará a mal essa observação, desde que se lembrar da Pompadour, da La Vallière, da duqueza de Berry, da duqueza de Chevreuse, da Maitenon, da Parabère e de outras estrellas galantes do escandaloso horisonte do seculo XVIII.

Pois no Brasil, e especialmente no Rio de Janeiro, essa pleiade de figuras gentis, essas duquezas, princezas, marquezas, loiras, morenas, infieis, ousadas, encantadoras, resumem-se n'um simples perfil, cujo maior luxo é o de trazer o cabello aspero repartido e empinado, os olhos vivos, o dente claro, o motejo e o *muxoxo* promptos, o vestidinho engommado, a côr envernisadamente negra e uma insolencia á prova dos mais rispidos preconceitos sociaes.

Será preciso nomear a mucama? Quem não a reconheceu já nos rapidos traços, que ahi deixamos, embora toscos e incolores?

Um espirito superior na nossa litteratura, desenhou em quadro de mestre a physionomia garrida, impertinente, cruel, engraçada e arisca do *moleque*, o demonio familiar, o secretario do *senhor moço*, o terror das visitas, e o cofre indiscreto de todos os mysterios da casa e da visinhança!

Só a mesma penna seria capaz de pôr em relevo o typo da mucama brasileira. Devo-lhe esta venia, antes de metter a mão na custosa seára.

A mucama é uma confidente,—que digo? é uma pessoa da familia, uma parenta e quasi sempre uma filha. Identifica-se com os gostos, os defeitos, os cacoetes dos senhores, a tal ponto que eu ouvi um sujeito perguntar, ha tempos, á minha vista, á mucama, durante o jantar:

—Oh! pequena! devo principiar pelo frango ou pelo carneiro?

Ella respondeu não sei o que. e curvou-se immediatamente, para dizer qualquer cousa ao ouvido da menina.

O sujeito, respeitando o meu honésto pasmo, disse-me rindo:

—E' a mucama de minha filha.

E ao meu ouvido:

—É' um azougue!

A mucama é quem veste a nossa noiva, quem a pentêa, quem lhe ensina o meio de nos fazer ciumes no ar, quem vê primeiro os figurinos da ama e os escolhe, quem nota os defeitos e as belezas das visitas da casa, quem as despede á porta da rua, quando lhe apraz, quem acompanha a menina á chacara, ao quarto, á cama, e é quem, na hora do noivado, lhe prega o ultimo alfinete, murmurando seja o que fôr que obriga a noiva a corar e a rir diabolicamente.

—E vai se casar sempre com o Santos, nhanhã? perguntou uma á senhora moça, no dia em que esta acceitara o pedido do pretendente.

—Vou. O que é que tem?

—Não era eu! Olhe, d'isso estava elle livre!

—Porque?

—E a verruga do pescoço?

—A verruga?

Os olhos da noiva brilharam, e suas faces tingiram-se de um purpurino arrebol.

—Só hoje foi que eu dei pela cousa! proseguio o demonio negro. E matisava as palavras de gargalhadas intermittentes. Hoje á hora do chá!

— Mas...

— Ora, tinha que vêr! uma moça do Cassino, uma moça fregueza da *Notre Dame* e que anda no *coupé* do papai!

— Explica-te! explicate!

— Eu lhe conto. Quando a gente veio tomar chá, eu dei para ficar por traz d'elle. Meu dito, meu feito, Não tirei mais os olhos de cima do homem. Conversa pucha conversa; e abaixa aqui, e abaixa acolá, o certo é que d'uma vez que elle se debruçava para um lado, o collarinho affastou-se, e eu vi com estes olhos mesmo, uma verruga do tamanho d'um : ento com que meu senhor joga o solo!

— Feissima, hein?

— Deus me defenda! parecia um besouro... Então, com pena de nhanhã...

— Está bom. Vai te deitar.

— Não quer nada mais?

— Não, acudio a menina um pouco febril. Vai-te deitar.

No dia seguinte, desmanchava-se o casamento. D'esta vez, a fatalidade rebentou no seio de uma familia sob o aspecto d'uma... verruga? Qual! sob o aspecto d'uma mucama!

A mesma menina, atenasada pelo demonio negro, cazou com um biltre que a injuriava dia e noite, para dar razão á mucama. Isso é vulgar!

A mucama consegue dominar todos os representantes da familia, desde o chefe até o ultimo parente. É muitas vezes o pomo da discordia. Uns defendem-na, outros censuram-na; outros nem a censuram nem a defendem; ficando ella na posição altamente historica de Helena, pela qual brigaram os valentes heróes de Homero!

A educação brasileira, que não é por fim de contas o ideal das educações racionaes, deve banir de seu gremio essa figura ironica, traidora e graciosa da mucama.

A mucama é um perigo; um perigo que se insinúa, quasi imperceptivelmente, á maneira do arranhão do gato

ou das febres intermittentes. Depende muitas vezes d'ella o socego do lar domestico, e não é para admirar que o seu espirito infernal sirva de peso na balança das nossas contribuições sociaes e politicas,

Em tempo de eleições :

— Rapariga, vai vêr quando passa o Cunha e entrega-lhe isto. São as chapas da nossa freguezia !

Pouco depois pára junto á janella um Cupido, que costuma cortejar a menina da casa.

— Então, pequena, o que ha de novo ?

— Nada. Só eu que aqui estou á espera do sr. Cunha, para lhe dar as chapas.

— Que chapas ?

— Eu sei ?! Da freguezia do meu senhor! Olhe!

E mostra o embrulho.

O Cupido tem uma subita inspiração.

— Oh, pequena, dá cá isso !

— Para que ?

— Ora vamos! Dá cá, e toma estas!

— Hein ?

— Se me queres bem!... Não sejas má... então ?

E trocam-se os embrulhos.

O certo é que, na apuração das cedulas, o homem entra em casa desorientado :

— Isto só por artes do diabo! vocifera elle. Rapariga!

Vem a mucama; olhos serenos, peito tranquillo, e com um sorriso apenas malicioso no canto da boca.

— Entregaste as chapas ao Cunha ?

— Sim, Sr.! Elle que diga !

— Diabo, diabo !...

E emquanto o derrotado herói da freguezia arranca os cabellos e as barbas a mãos juntas, a mucama estala de riso, por traz do bastidor da senhora moça!

A mucama está collocada entre o escravo e a familia; nem é propriamente filha, nem é propriamente escrava.

Para ella se inventou um meio termo de censura e de caricia; um *quasi* beliscão e um *quasi* beijo.

Ella nasceu no mesmo dia em que a menina veio ao mundo; os gostos, os dissabores, as malicias, as ingenuidades, os caprichos da menina refletem-se n'ella.

Se está pezarosa a senhora, a mucama pezarosa está; se a senhora vive alegre, o mundo descobre esse lisongeiro estado no nariz esperto, no cabello relusente e nos labios perigosos do travesso demonio.

A menina esconde um segredo, dous segredos, o maior segredo de sua alma a sua mãe; á mucama, não. E tente-o!

Ella vem surrateiramente como a cobra, como a pulga, como a traição. Olha para a senhora moça; tosse de manso; demora-se em arrumar alguma cousa na *toillete*; estaca a examinar um vidro de perfume; pergunta mil vezes se não ha necessidade de cousa alguma, e por fim exhala um retumbante suspiro, com os olhos piedosamente erguidos ao tecto.

— O que tens tu?

E palavra depois de palavra, phrase em seguida a phrase, questões, reticencias, armadilhas, maliciosas perfidias, até que emfim...

Até que emfim, a mucama ao romper do dia, vai contar á dona da casa, com certo aprumo, tudo quanto a menina occultou ás lagrimas e supplicas maternas.

E' uma raça damninha realmente, mas é o lado espirituoso, é o lado galante, é o lado anedoctico e gentil da escravidão brasileira. De todos os escravos, o mais perigoso, terrivel, invencivel e fatal, é a mucama. Terrivel, por ser justamente o mais seductor.

Ha pais que dizem, apresentando a filha ao noivo, como o seu melhor elogio:

— Não tem parentes!

Se elles dissessem: — Não tem mucama! seria cousa de lisongear, com mais vantagem, o espirito e o socego d'um noivo consciencioso.

A proposito de noivo... Um janota fluminense, rapaz esbelto, atoleimado, rico, socio do Jockey-Club, e talento capaz de, no peior brilhar, levar a cabo uma duzia de carambolas em dez minutos, — um moço perfeito emfim! — estava a pular de cobiça pelo dote de uma herdeira riquissima, cento e cincoenta apolices, dous predios magnificos, madrinha millionaria etc., etc!

A menina era galante, mas ingenua, de forma que o sujeito tinha quasi por ganha a partida. Havia, porém, uma

barreira no meio da aventura; e que barreira, Virgem purissima! — havia uma mucama!

Pai, mãi, irmão, amigos, todos amaldiçoavam o dia em que o janota pôz os olhos... nas apolices da donzella. A mãe, em varías conferencias intimas tratára de aconselhar a filha.

— Eu tenho mais de vinte annos, mamãe,. Ou me caso com elle, ou então a lei....

A lei era um dos recursos a que se prendia a logica do namorado. Em todas as suas cartas elle fallava na lei!....

A menina sentia-se vencida e fascinada.

A mucama, por capricho ou por commiseração de familia, dicidio-se a cortar a crise.

No momento de se deitar, disse-lhe a senhora moça, com a face incendiada e o seio convulsivo;

— Se papai não consentir, eu heide ser tirada por justiça ; Verás !

A mucama deixou de desacolchetar o vestido da menina, olhando-a com certa penetração.

— Nunca me viste?

— Estou admirada!

— Oh! oh! porque?

— Porque esse moço lhe quer tanto bem como a mim!

— Hein!

— Vamos apostar!

— Estás doida?

— Vamos apostar, sinhá! Em sendo horas amanhã eu vou para o portão, e o que se passar, vosmicê verá da janella do jardim.

— Que vaes tu fazer, rapariga?

— Verá!

Os olhos da mucama fulguravam como duas brazas infernaes. A menina sorrio desdenhosa e entregou-se toda aos ineffaveis arroubos de sua poetica aventura.

Na tarde do seguinte dia, a mucama approximou-se á senhora moça. Estava luzidia, viçosa, enfeitada, rutillante de perversidade e malicia.

— Espere um pouco, sinhá!

— Esperar porque, maluca?

— Pela prova que eu lhe disse hontem. Elle ha de vir buscar a resposta da carta...

— Se tu fizeres alguma cousa...

— Esconda-se vosmicê por traz da persiana e conhecerá quem é o sujeitinho. Tambem póde acreditar, se elle não fôr como os outros, eu mesma lhe direi: — caze-se jà, já sem perda de tempo!

— Tola!

A's dez horas da noute, o silencio cercava toda a sumptuosa habitação. A menina, entre a curiosidade e o enleio, acondicionou-se á sombra da persiana. Era a hora em que o janota vinha regularmente trocar entre as mãos da mucama as epistolas amatorias.

Tic, tac, tic, tic, tac, tac...

Là vinha elle! Chegou emfim! Examinou se alguem o seguia, se alguem o via, se o espreitava alguem... Adiantou-se até o portão, A mucama sahio lhe ao encontro.

— Então? indagou o janota, estendendo a mão, á espera da carta habitual.

— Hoje não ha, meu senhor!... acudio ella, desfazendo-se em meneios e momos graciosos.

— Tua senhora?

— Não está em casa.

— Como?!

— E' verdade... eu estou só.

— A familia toda sahio?

— Todinha.

E momentos depois, ouvio-se no silencio da noute, o ruido sonóro d'um beijo.

Immediatamente, porém, estalou uma gargalhada vibrante, acerada, estridente, e o portão fechou-se com estrondo nas barbas do novo D. Juan.

A gargalhada crescia de furia, de expansão e de sonoridade.

Ao mesmo tempo descerrava-se a persiana e surgia o rosto colerico e pallido da illudida enamorada.

— Então, sinhá? Ganhei ou perdi a aposta?

O janota enfurecido tentou abrir o portão. Acordou o feitor, apenas. Ia despertando o alarma na casa. Achou

mais commodo retirar-se. Fel-o com a maior prudencia e... presteza.

Quando a mucama approximou-se á senhora moça, mal podia comprimir as risadas que a suffocavam.

A menina olhava-a pasma e muda, sem saber se devia repellil-a ou acarinhal-a.

— Olhe, sinhá — observou o demonio com um ar genuinamente infernal — d'esses homens ha por ahi aos centos, como as moscas. Não vale a pena! Nem para mim!

E enxugou desdenhosamente a face.

Nunca mais se fallou no namoro da moça, nem se vio a cara atoleimada do janota. A familia mal sabia a que attribuir tão feliz metamorphose.

Um dia, em segredo, a menina narrou a scena do rompimento á mãe, a mãe ao pai, o pai ao filho; e de commum accordo, decidiram alforriar a crioula, conservando-a, porém, no posto de mucama predilecta.

Ella preferio ser ainda, ser sempre, ser toda a vida, mucama; mas... escrava.

Metternich não seria mais diplomata, nem Machiavel mais astuto. » (1)

Luiz Guimarães Junior, por mais que se o queira proteger, é impossivel collocal-o na primeira ordem dos escriptores brazileiros. Vae para a segunda, ou quiçá, a terceira categoria.

Ausente da patria, vae ja para dezeseis annos, não tem sido e nunca foi um combatente activo em nossas luctas pela verdade e pelo progresso. Faltou-lhe sempre para tanto a paixão e com ella o ideial. Ninguem sabe como elle pensa sobre o Brazil.

Tenha cuidado com esta *estrangeiração* crescente, cuja influencia ja se lhe nota bem clara; veja que não venha a ficar um puro *flaneur* do Chiado, tão caracterisco apenas pelo amaneirado intragravel do estylo e pela vacuidade radical do espirito!...

---

(1) *Filagranas*, pag. 203 e seguintes.

O Sr. Fialho d'Almeida, que lhe prefaciou a 2.ª edição dos *Sonetos e Rimas*, fala d'elle como d'um dos de lá...

Terá suas razões para isto, ainda que nem sempre se mostre movido por fortes razões um homem que em tão poucas paginas accumula tantos despropositos sobre o germanico *lied*, cujo plural escreve errado; sobre alterações e transformações da lingua portugueza na America, de que não sabe nada; sobre poesia e arte moderna, tudo n'um estylo palavroso, alambicado, emphatico, cheio de denguices e arrebiques de ordem.. duvidosa.—(1)

Luiz Delfino dos Santos (1834...) Quem tiver de escrever a historia da poesia brazileira, ao findar a phase do romantismo, antes de passar aos *scientificistas e parnasianos*, successores do antigo systema, ha de encontrar-se com diversos romanticos, que, presentindo a dissolução das velhas doutrinas, tiveram bastante senso e bastante ductilidade de espirito para ir tomar assento entre os grupos novos que se iam formando.

D'esse numero é, como vimos, Luiz Guimarães Junior; d'esse numero é tambem Luiz Delfino dos Santos, antigo condoreiro. Ambos vieram abrigar-se aos arraiaes parnasianos.

D'esse numero tambem foram *Celso de Magalhães*, *Antonio de Souza Pinto* e *Generino dos Santos*. Ha apenas uma differença e esta é de importancia capital: estes não se alistaram entre os d'aquelle grupo, collocaram-se n'um ponto de vista especial, alguma cousa, que não é parnasianismo, nem scientificismo, nem o

(1) Porque motivo o Sr. Fialho d'Almeida, tão zelador da lingua, escreve sempre *tradicção* em vez de *tradição*? Pensará acaso que para esta palavra concorreu o verbo *dicere* ou o substantivo *dictio*? O homem é dos gaiatos que escrevem *tradicção*, *erudicção*, *edicção*, pensando terem andado alli as citadas palavras latinas... E são os grandes sabichões da lingua!....

realismo ou o naturalismo, como vulgarmente são interpretados.

E' alguma cousa que não sei que nome possa ou deva ter, que a mim se me afigura uma especie de *conceptualismo* semi-philosophico e semi-poetico, bem equilibrado; porém de pequeno alcance

Celso de Magalhães, fallecido em 1879, e *Sousa Pinto*, ainda existente em Pernambuco, são mais dois temperamentos de criticos do que de poetas.

Em terceiro e ultimo volume d'esta obra, destinado ao estudo da prosa entre nós na época romantica, estudo do theatro, do romance, do conto, da historia, da philosophia, das sciencias, da critica, do jornalismo, encontraremos estas duas figuras e nos havemos de deter ante ellas.

Quanto a *Generino dos Santos*, sua passagem entre os romanticos foi demasiado rapida e não deixou vestigios duradouros; sua melhor florescencia, sob o influxo do positivismo e de novos ideiaes, é phenomeno recente, que fica além do termino que pretendo impor a este livro.

Dos velhos romanticos, que passaram a novas doutrinas, só dous devem aqui ser contemplados, por terem outr'ora muito batalhado sob a antiga bandeira. Um, Guimarães Junior, já o foi; o outro, Luiz Delfino dos Santos, vae sêl-o agora.

Não conheço ninguem mais difficil de ser estudado conscienciosamente em nossa litteratura que este poeta.

Dar d'elle uma simples noticia, após a leitura de quinze ou vinte peças publicadas avulsamente nos jornaes, seria por certo facil. Porem não se trata d'isto; a cousa é mais seria.

E' um homem que deve ser biographado e cuja vida não se encontra escripta. Não se ha-de ir indagal-a d'elle mesmo. E' um homem que deve ser estudado em seus livros e não os possúe.

Não se ha-de andar por ahi a pescar uma ou outra poesia pelos jornaes.

Pensa-se que elle tem escripto pouco, os seus intimos acham logo meio facil de desmentir a gente, affirmando esbaforidos que o homem possue material para vinte ou trinta volumes. Só em sonetos tem cerca de dous mil especimens.

Como vêr tudo isto para não se asseverarem erros, que podem ser outras tantas injustiças? Hão de confessar que a cousa é mais difficil do que se pode suppôr.

Vou dizer d'elle o que sei *sine ira et studio.*

O que penso a seu respeito é ainda hoje fundamentalmente o mesmo que publiquei em 1882 no opusculo —*O naturalismo em litteratura*, e que hei-de aqui reproduzir nos topicos principaes. Apenas lhe juntarei um appendice mais brando; porque esta é uma obra de historia e aquelle folheto era um simples artigo de polemica.

Fica assim, desde já, prevenida a objecção, que me hão de fazer todos os que se encommodam, quando attenúo um pouco o excessivo rigor d'alguns antigos juizos meus á conta de certos escriptores. (1)

Luiz Delfino dos Santos é filho de Santa Catharina, onde nasceu em 1834. Estudou alli alguns preparatorios, ultimando os outros no Rio de Janeiro. Cursou aqui a faculdade medica, doutorando se em 1857 ou 58, ao que supponho.

Desde tres ou quatro annos antes cultivava a poesia. Fez algumas publicações isoladas, especialmente na *Revista Popular* e no *Jornal das Familias*, pelos annos de 1860 a 64. Depois emudeceu quasi de todo.

O medico absorveu quasi inteiramente o poeta; não digo bem, porque o poeta continuou a vibrar as cordas de seu instrumento em segredo, a ancia de fazer carreira clinica e juntar fortuna retirou-o da arena da lit-

(1) E' ponto que já deixei esclarecido em nota á pag. 1233.

teratura activa e confinou-o no mundo dos doentes e dos negocios.

Agora está elle rico, e de certo tempo a esta parte começou a ter saudades do mundo litterario, do ruido da imprensa, por onde havia passado mais de vinte annos antes como relampago.

As luctas litterarias, porém, têm as suas leis que não são, que não podem ser impunemente violadas.

De seu menospreço provem todos os defeitos, todas as maculas da obra do poeta. Ser escriptor, especialmente em nosso seculo de lucta e movimento, não é garatujar em segredo tiras de papel e as ir accumulando nas gavetas, nas pastas ou aos cantos da casa; ser escriptor é perseguir um ideial, é traçar um plano de jornada e ir por elle em fóra, é defender uma causa, é ter o instincto da combatividade litteraria e scientifica sempre alerta; ser escriptor é essencialmente ser um luctador sempre na brecha no meio de seu grupo, de seus camaradas, dando a mão aos que desfallecem, sem arredar a arma da face do inimigo.

Cada livro, cada opusculo, cada brochura, que se publicam são outros tantos actos, outras tantas acções da grande peleja.

Cada livro tem a sua historia; e qual é a historia dos quarenta volumes incumbados do Dr. Luiz Delfino dos Santos?

Ninguem sabe. O poeta não tinha, não teve jamais o espirito, o temperamento litterario. O senso do combate pelas letras lhe faltou sempre.

D'ahi quatro falhas impreenchiveis na sua vida de auctor: scindiu sua carreira, o que é sempre um mal; perdeu o melhor tempo, a phase da mocidade para apparecer e luctar; abandonou os seus coevos, os seus companheiros naturaes, que cresceram a seu lado sem o conhecer; apparece agora, depois dos cincoenta annos, no meio de uma geração de estranhos, que não o podem estimar como camarada ou como irmão. A

cada um o seu dia. Não se joga impunemente com o tempo.

Segue-se d'ahi que o poeta catharinense não tenha merecimento? Absolutamente não.

Pelo que tenho lido d'elle cheguei a esta conclusão que me parece verdadeira: em sua esthesia poetica predomina a imaginação e faz quasi completa ausencia o sentimento.

Ora, a imaginação só por si, sem a fonte caudal do sentir, só intermittentemente pode fazer obra boa. D'ahi a desigualdade tão manifesta que salta logo diante de quem lê as producções do auctor. Por uma ou duas poesias boas, deparam-se-nos depois seis e oito aleijadas, extravagantes, dansando e resoando no ar como bexigas cheias de vento.

Os principaes defeitos de Luiz Delfino, falta de livros apparecidos a proposito e que fossem outros tantos actos e outras tantas phases de sua evolução, falta de interesse por nossas questões nacionaes, falta de sentimento, e o estylo palavroso e affectado, já foram por mim apontados em 1882 n'estes termos:

« E' um escriptor sem livros!... Bello chefe, grande general sem batalhas!... Sua posição é commoda; mas seu merito, como agente, como factor nas lutas nacionaes, é nenhum. Outra lacuna que lhe noto é esta: — nunca se decidio, nunca tomou um partido em nossas lutas. Este signal é tambem caracteristico e eu chamo a attenção do leitor para elle.

Ninguem conhece as suas opiniões scientificas, politicas, ou litterarias. Sabe-se apenas que tem publicado no decorrer dos ultimos vinte annos, e a largos intervallos, algumas poesias bombasticas pelos jornaes da côrte.

E' pouco, é muito pouco. Ter a cabeça erguida, querer intimidar os outros com chefias, e não ter escripto, discutido, lutado; conservar-se como um incognito, e, emquanto os outros batiam se peito a peito, emquanto

a sua geração que já vai passando, sustentava nos hombros os encargos intellectuaes da patria, ficar ahi para um canto, como um burguez, a enriquecer, é prova de grande tino pratico, é prova de uma grande força de vontade para libertar-se das necessidades da vida, mas não é prova de um temperamento litterario, de uma organização de poeta.

Nada seria si a sua fortuna lhe tivesse vindo pelas letras, como a de Victor Hugo ou a de Zola, por exemplo. O Dr. Luiz Delfino será tudo; mas não é, não foi jamais um factor intellectual no Brazil. Através do poeta eu quero vêr o homem; quero vêr o patriota, quero vêr o espirito imbuido de uma idéa, tendo a seu cargo a defesa de uma causa.

Onde, em que tempo o Dr. Delfino ha combatido em prol de qualquer causa? Desafio-o a que m'o aponte. Elle não tem, pois, o direito de carregar o sobrolho e olhar de soslaio para aquelles, que o não enxergam no caminho. Sim; neste paiz nos ultimos vinte annos, poetas e romancistas, criticos e jornalistas, medicos, legistas, engenheiros têm escripto folhetos e livros; têm travado na imprensa cem batalhas. Em qual d'ellas foi visto o Dr. Luiz Delfino? Como pensa elle em politica, em philosophia, em critica litteraria, em sciencia? Qual é a sua opinião sobre o indianismo, o nacionalismo litterario, a poesia popular, o romantismo, a reacção naturalista, a philosophia da arte, a historia litteraria do paiz? O que pensa elle sobre todas estas questões que todo poeta de hoje deve conhecer e responder com segurança e vistas proprias? Nada, absolutamente nada. Vive a sonhar com o *Levante* por imitação e porque elle é um desterrado no meio das nossas letras.

Não conhece o paiz e por isso nossos problemas não o tocam.

Vejamo-lo em suas producções.

Neste ponto seja minha primeira affirmação a se-

guinte: é um poeta palavroso, emphatico, desigual, incorrecto, obscuro e aspero. Não tem sentimento, não tem idéas, nem originalidade. E' o mais acabado exemplo que conheço da *mecanica versejadora* nos tempos modernos. E' um diletante que faz versos por luxo; a poesia é para elle um traste de salão, ou um bom coupé para sahir á rua.

O estylo é bombastico e martelante; é imitado de Victor Hugo deturpadamente. Não tem uma só peça lyrica, espontanea, singela e natural. Atordôa os ouvidos e o bom senso; mas não commove. Não tem graça, nem delicadezas de expressão e sentimento. O fundo é mesquinho. Sua esthetica litteraria é a de um romantismo turbido, furioso. Si não tem delicadezas, si não tem o sentimento natural e simples, tambem não tem força. Amontôa palavras mal ligadas á mór parte das vezes e raramente produz cousa sensata.

Quando o verso lhe sae corrente é mais pelo habito, por uma adaptação mecanica, do que por ser sentido. Os seus versos novos publicados na *Gazetinha* mostram essa dextreza do habito; os mais antigos da *Revista Popular* são insupportaveis.

E' um espirito que tem pretenções á amplitude; mas é arido e desconnexo. E' o romantismo na phase esteril da nullidade latente.

Tem um lexicon poetico escolhido a dedo. As palavras: *sandalo*, *ebriez*, *ebrioso*, *lubrico*, *leão*, *colossal*, *enorme*, *curva*, *curvatura*, *ebriado*, e outras apparecem obrigatoriamente em seus versos. Mecanisação da memoria.

Temperamento de burguez, educado litterariamente no tempo do romantismo palavroso, sem larga intuição, sem grande talento e sem instrucção, o Dr. Luiz Delfino da arte só possue as exterioridades. Alma placida e enfastiada, procura illudir-se a si e aos outros com o retintim das phrases.

Não existe um só pensamento, uma só tendencia na litteratura brazileira de que elle fôsse o autor.

Tem vivido de concessões. Julgando que o Brazil é o circulo de seus amigos, elle tem tambem o seu *Parnaso*. E' uma especie de *kiosque oriental*, onde faz de grande magico. Apresenta-se cercado de camellos, de dromedarios, de eunuchos, de pachás e mais caterva do *Levante*. Incha as bochechas e deita pela boca fóra umas cobrinhas de fogo de artificio, umas cobrinhas de Pharaó... A's vezes suppõe-se cercado de *sultanas*. Ferve a *ebriez* no *kiosque;* é o *sol* que apparece, — *mostrando a cicatriz enorme do gozo e trajando largas vestiduras!!...*

Então surge todo o diluvio de palavras encaixadas para atordoar e enganar os espectadores. São as phrases cabalisticas... « *O cravo, a myrrha, o alóes, a canella, o sandalo, a baunilha, azas de aroma, alegria do sol, o canto dos cheiros, do céo a transparente umbella, a milagrosa estrella, escravos de albornozes e turbantes, palanquins de ouro em dorso de elephantes, as servas, os thalamos reaes, larga fila de enormes dromedarios, com eunuchos de alfanges legendarios... Passem e contrapassem, e levem sua senhora aos areaes!* »

Note bem o leitor: toda esta chiromancia, todo este funambulismo poetico é de um soneto só — *Marcha!* Não conheço em litteratura nenhuma cousa tão extravagante. *Marcha*, *Nascer do Sol*, *Trote de Camellos*, *Capricho de Sardanapalo*, *Universo de Alin*, e todas as mais são allucinações de um espirito desconcertado por uma pessima educação litteraria.

Dos poetas que pediram inspirações ao Oriente, Byron, Victor Hugo, Leconte de Lisle, Gœthe, Ruckert, Bodenstedt, Leopold Schefer, Daumer, Stieglitz, e o conde Alexandre de Wurtemberg, de todos estes e outros, o Dr. Luiz Delfino é o mais pretencioso, inchado, falso, e radicalmente banal.

Não comprehendendo o vago, a serenidade, o pantheismo vívido e limpido da intuição oriental, atira para

o verso sómente os trotes dos camellos... Não tem uma só peça que de longe lembre : *Sara la baigneuse*, *Marche turque*, *Les adieux de l'hôtesse arabe*, de Victor Hugo; ou *Amru Ben Madikarb*, de Ruckert; ou *Des Knaben Traum*, de Heinrich Stieglitz; ou *Sadi und der Schah*, de Bodenstedt.

Especialmente a escola oriental de poesia na Allemanha é toda viçosa de doce lyrismo, e é toda inspirada na verdade. Aquelles poetas sabiam o que diziam. E' o que não acontece ao Dr Delfino, que não conhece o Oriente, senão através dos máos romances...

As outras poesias das encantadas *Algas e Musgos*, as *Intimas*, as *Aspazias*, as *Marinhas* não são mais supportaveis do que as *Levantinas*.

São palavrosas, não tem ideal; repisam velhas metaphoras de terceira mão, e não são melhores.

O Dr. Luiz Delfino charlataneia até nos titulos que lembram letreiros e taboletas de armarinho: *O Leão Alado*, *Come In*, *Trote de Camellos*, *Longing*, *Admoestação do Mar*, *O Não da Historia*. *Farwell*, *A Cidade da Luz*, *Solemnia Verba*, etc., etc. São titulos em latim, em inglez, em francez, e dizem que em tupi... Tudo, até os frontespicios, tudo indica a tentação do effeito, o esforço para offuscar e illudir.

São estas as linhas geraes de sua caracteristica litteraria. E é quanto basta para mostrar ao vivo toda a inanidade palavrosa do poeta das promettidas *Algas e Musgos*. Não se deve esperar de mim, que desça a um cotejamento de verso a verso. Seria uma ampla messe em que as provas do que deixo avançado encher-me-hiam as mãos.

Não posso, entretanto, deixar de dar uma amostra ao meu leitor da pantomima poetica do Dr. Luiz. Seja por acaso o soneto — *Nascer do Sol*. Leiamos

« Acorda, como emir voluptuoso,
Na calida ebriez de essencias puras :
E traz a enorme cicatriz do gozo
O sol, trajando as largas vestiduras. »

E' a primeira quadra do soneto. O que temos ahi? Uma velha e myrrada personificação do grande astro, sua transformação em um emir orgiaco, mettido em largas calças ou colossaes ceroulas, si é que por aquellas bandas ha d'esses trajos... Mas, apezar de tudo, o pobre do sol mostra a enorme ferida *do gozo!...* Não é possivel ir mais longe com os disparates...

> « A' noite, que de esplendidas loucuras,
> Beijando huris em raivas de amoroso:
> E o divan—entre nitidas brancuras—
> Guarda mal o segredo duvidoso. »

E' o segundo quarteto. Qual é o sentido d'isto? Ha ali duas orações grammaticaes.

A primeira está suspensa; não tem verbo, a não ser o participio do presente *beijando...* Mas quem é que beija ou está *beijando?* E' o sol? Parece que não; porque elle não apparece na quadra, e a pontuação da estrophe anterior a isto se oppõe. E' a *noite?* Tambem não; porque ella não dorme com as *huris;* a noite é feminina... Mas *A' noite?!* Que é que ha *á noite?* Que indica ali a proposição *a* contracta no artigo *a?* Aquelle *que* a quem se refere? Si, porém, toda a phrase é uma exclamação, a pontuação devia ser outra.

A segunda oração tem agente e verbo: *o divan guarda o segredo duvidoso...* Monstruoso *divan*, onde se acoitam o *sol* e umas quinhentas *huris;* grande *segredo duvidoso*, presenciado por tanta gente e até pelo poeta!...

Mas, afinal, onde a poesia em tudo isto? Não passa de uma orgia carnavalesca, uma parodia sediça da sublime scena do amanhecer. E é este o poeta naturalista?! E' soberbo!... Vamos adiante:

> « Vêm-se amarellos sandalos na cama,
> Lençoes esparsos, véos da côr da chamma,
> Laca vermelha, cintas e coraes;

« Sandalias de esmeralda, ramalhetes,
Argollas d'oiro, fulvos braceletes,
E o acre rubor das carnes idéaes! »

Apre! E' demais. Como poderia o pobre do sol dormir em cima de tanta traquinada? Pedaços de sandalo, lençoes, véos, laca vermelha, cintas, coraes, sandalias, ramalhetes, argollas, braceletes... Ah! Sr. Dr. Delfino, vós sois prodigiosamente estrambolico! E o *rubor acre?* Isto fica lá para os olhos e para a lingua do sol... Vê bem o meu leitor que tenho razão quando affirmo que o homem não passa de um funambulo arrumador de palavras a esmo. E dizem que esta balburdia é ter lexicon abundante... Extravagancia.

Temos ainda cousa peior. Não é só o Oriente que o poeta esbandalha; o grande magico salta da Palestina para os Alpes.

Eil-o que nos descreve uma noite lá no cimo da cordilheira, que elle nunca viu. E' um soneto dos de fancaria que atira á *Gazetinha*, atraz de uma popularidade fallaciosa. E' uma *gravura*, lá no seu entender d'elle, e intitula-se — *Paisagem nos Alpes:*

« E' noite. Invade a terra uma luz azinhavrada.
Agua larga, folheada em mica iriante, e em aço.
Vem de longe: após lambe os astragaes da arcada,
Que uma ponte romana ergue aos hombros no espaço. »

Que diabo de bruxaria é esta? Já é noite e vem uma *luz azinhavrada*. Que especie de luz será? Vem tambem a *agua larga*; é com certeza a *agua larga*, não é a *estreita*, pois que só aquella é que anda *folheada em mica iriante* e ao mesmo tempo *em aço*... Quanto esforço inutil para pintar o espectaculo da noite sobre os montes! Um poeta de talento em quatro versos simples diria mil vezes melhor do que o Dr. Luiz. O homem não tem o sentimento da paisagem e das scenas naturaes; desequilibra-se e entra a personalisar desnecessariamente. Eis:

« Como a Ophelia no lago, a lua desmaiada
Tem um nimbo de luz de um scintillante baço :
Fica a prumo á corrente : a agua espuma entalada
No monte, que lhe entorna a sombra do espinhaço. »

Este ultimo verso é o que os francezes chamam *une chéville;* apparece sem razão de ser, por necessidade de arranjar uma rima para *baço.* Para isto o poeta forjou o *espinhaço* do monte, que se *entalou* com a agua, ou a agua com elle... A agua *entalar-se* é maravilhoso. Mas que ella sinta-se *entalada* em um valle, em uma grota estreita, vá que seja; sobre o *espinhaço de um monte*... só lembraria ao homem da *laca vermelha.*

Os dous tercetos acabam coxos e eriçados de versos asperos, como espinhos de *caititú:*

« O córte é abrupto, vasto : os angulos cozidos
De rachitica relva, e o vento que murmura
Anda no pinheiral, vê-se aos ramos torcidos. »

« Sobre a ponte um chalet das rochas se pendura...
E ouve-se um grande cão enchendo o ar de ladridos
E um lobo a uivar, que surge a meio da espessura. »

Versos quasi todos errados e todos sem belleza. São versos em que os *cães* e os *lobos* andam de parceria... Bastam estes dous exemplos. Deixemos o poeta, e concluamos em synthese :

O Dr. Luiz Delfino ignora profundamente as correntes geraes do espirito contemporaneo. E' ainda hoje um velho romantico pantafaçudo e esteril. Alheio á vida do paiz, que não conhece, tem-se abandonado a umas scismas volantes de hystericas visões litterarias; nunca foi um lutador; não é um escriptor. Não tem obras; nunca influiu no pensamento nacional. Não é conhecido nas provincias, senão vagamente. E' menos que um *virtuose* litterario; é um esfastiado que faz versos; é o mais acabado typo do volantim nas letras.

No meio de todos que lutam, trabalham, esforçam-se

por uma causa, em prol da patria, elle toma tambem de um instrumento.

Não é uma arma de combate; é um bandolim de cordas de arame em que o nosso medico, esquecido de tudo que o rodêa, canta umas trovas tontas do Levante, para distrahir os caminheiros... E' um *gipsy* litterario. »

Esta violenta pagina de reacção, contra exaggeros que se começavam a espalhar em torno de Luiz Delfino, é verdadeira em sentido geral; porem é incompleta. Eu então só quiz vêr os defeitos do poeta, deixando totalmente de lado o merito qualquer merito que elle por ventura possuisse.

Como resenha da face esdruxula e extravagante do talento do cantor catharinense, parece me perfeito o quadro transcripto.

Mas não basta; a historia precisa de alguma cousa mais.

Não se trata só de apontar os defeitos; porque si um typo litterario não tem merito algum, então deve ser excluido dos livros de analyse.

Si é incluido é porque tem alguns titulos, que o amparem e esses titulos devem ser francamente apresentados á apreciação da posteridade.

Eu disse em principio que o Dr. Luiz Delfino é um talento muito desigual em suas producções: grandes defeitos no meio de bellezas.

Si pois mostra bellezas é que seu espirito possue qualidades bastantes para as produzir. Indicar essas qualidades é o que nos falta e é o que vamos praticar agora em nome da imparcialidade historica.

São estas: o poeta possue vigor de imaginação, facilidade e abundancia no escrever, elevação de tom, brilho de tintas.

Creio que está dito tudo. As ideialisações, os quadros, as creações do auctor podem não ser placidos, bem eqnilibrados, de desenho correcto, de contextura segura, bem delineada e logica.

Nunca se mostram em compensação rachiticos, enfezados, nullos. Ha sempre n'elles, pelo menos, certa grandeza de intuitos, certo vigor descriptivo e pitoresco de fórma, certa *aisence* que indica o artista de pulso forte.

Estou bem certo de que, si o poeta publicar agora e de pancada tudo o que tem escripto, o bom e o ruim, não fará grande favor a sua fama. Si praticar uma selecção e publicar uns dous ou tres volumes do que possuir de mais perfeito e acabado, muito fará por sua gloria e poderá occupar um bom logar entre os mais valentes lyristas de nosso paiz.

Devo cital-o, e, na difficuldade de fazer uma escolha inteiramente acertada, limito-me a mostrar as primeiras estrophes das — *Solemnia Verba :*

« Revôlta a entranha, gottejando sangue,
Polluta a carne, rôta e palpitante,
Olhos sem lume, o corpo inerte e exangue,
Lecerada, qual tronco de gigante,
Que o raio lasca, e que do vento a sanha
D'alto a baixo derróca da montanha...

Nas vascas d'agonia a Hespanha estava !...
Embalde a liberdade austera e honesta
Mascula força e um novo ardor lhe dava...
Quer erguel-a... bradaram-lhe : — não presta.—
Mas... vem um rei ; abate-a ; e (cousa estranha !)
Bastou : — 'stá viva : resurgiu a Hespanha !...—

E' ella !... Vede-a... é ella !... Embraça o manto,
Que pela espalda cáe-lhe longamente ;
No olhar... prazer, enleio, orgulho, espanto :
A regia corôa lhe illumina a frente ;
E por meio do povo, que é-lhe espolio,
Rasga a estrada de Apio ao Capitolio.

Para saudar o imperio, que surgia,
Dentre as brumas da asperrima tormenta,
Que inda montes e valles envolvia,
A primavera festival rebenta,
E, espedaçando o manto das neblinas,
Ergue a fronte enrolada de boninas.

Iris de paz atou o céu á terra,
Chiou no campo o hymno da charrua,
E o clangoroso som da voz da guerra
Por valles, montes, serras, não estua :
Riem-se as esperanças e os desejos,
Musicas brincam pelo ar e harpejos.

Ha como o esvoaçar do anjo da gloria
Desde os seus Piryneos ao Guadarrama !...
Que pagina voltou-se á sua historia ?
E esse heróe, que a voltou, como se chama ?
Que Odysséa essa mão recem-chegada
Vae escrever na pagina voltada ?

Das velhas cathedraes nos campanarios
Uns gigantes molossos bronzeados,
Negros espectros, feios, legendarios,
Ladraram de alegria, ou de assustados,
Interrompendo o seu profundo somno,
Porque subia Affonso XII ao throno.

Longos réptis de bronze ajoelhados,
Como leões a um domador de féras,
Nos seus moitões de ferro acorrentados,
Com carcereiros de feições severas,
Saudam roucos, como a populaça,
Ao ultimo que os doma, e os vence e passa.

Em Madrid os altissimos senhores
Pompeiavam librés de varias côres :
Como um riso de Deus o sol brilhava ;
Forrava o ceu um céu de galhardetes,
E entre gritos, repiques e foguetes,
Ria-se austeramente a Calatrava !!...

Os cantores de todas as victorias
Os servos vís de todos os traidores,
Thuriferarios de ficticias glorias,
Beijando o pó dos pés aos seus senhores,
So estes veem a vida, a paz e flores
Onde os mais veem grilhões, miseria, horrores.

Mas onde andavas tu, ó linda escrava ?
Por onde, e em que dourados devaneios
Por um momento rugidora e brava
Ensanguentavas teus formosos seios ?
Qual era a tua idéa e o teu caminho,
Nua, descalça, rôta, em desalinho ?

Descabellada, em lubrica loucura,
Grande, como uma estranha divindade,
Palpando as trevas de uma noite escura,
O que buscavas tu na liberdade ?
Por onde, escrava de cem reis, tu vôas,
Sceptros partindo, e espedaçando corôas ?...

E tropeçou nas corôas dos senhores !...
E tropeçou na espada dos bandidos ;
Tropeçou nas bandeiras multicôres,
Nos punhaes dos seus principes vencidos !...
Em cada passo um abysmo escancarado,
E em cada abysmo um grito do passado !

Como em hartos rochedos seculares,
Tropeçavam seus pés nas cathedraes !...
E amoedando os vasos dos altares,
Moldando em arma os bronzes colossaes,
E os bureis, como labaros, brandindo,
Ant'ella os monges foram-se reunindo...

Foi-lhe barreira a igreja, o padre, o monge,
Os escribas da lei degenerada ;
E a pobre liberdade ia de longe
Vendo a cruz do Calvario alevantada...
E á louca multidão, que além se espraia,
Ella ouvia bradar :—crucificai-a.

Um povo repassado da ferrugem
Das cadeias, e tendo a alma vincada
Dos velhos élos, como as vagas mugem
Quando se alteiam na procella irada,
Ergueu-se ; e as roucas vozes ecoaram ;
—Que é dos nossos grilhões, que nos roubaram ?...—

Surgiu embalde a voz omnipotente
Sobre o murmurio desse ingente mar ;
Como o rugido do leão fremente,
Passou a voz de Emilio Castellar.
—Vae com teus sonhos, lhe gritava o povo,
Nossos grilhões... nossos grilhões de novo.—

Armada sentinella do futuro,
Immovel, como estatua num rochedo,
Via sem odio, sem paixão, sem medo,
Em convulsões do povo o mar impuro,
E na tremenda agitação que lavra
Da boca sáe-lhe um sol :—era a palavra.

Aquelle mar que cresce, ferve, estúa,
Como leão nas jaulas indomado,
Elle arremessa a voz candente sua,
Como um Cyclope um monte derrancado;
E monte a monte—Encelado moderno—
Cáe dentro desse mar seu verbo eterno.

—Vós, que vendeis a vossa liberdade,
O que sereis na historia? O que ser ha de
Quem sem pejo alma vende, um monstro enorme.
Cabeças a milhões, e um só molosso,
Que embriagado sobre o sangue dorme,
Inda a rugir famelico de um osso.

Erguei-vos povos, ergue-te nação;
Crava os olhos no espaço luminoso;
Tu és a força, o indomito leão,
Porém na jaula e em somno vergonhoso:
Falta-te a idea, falta-te a vontade...
Tens a força e não tens a liberdade!

Só darás uma prole corrompida,
Terra da Hespanha? terra grande outr'ora,
Quando pugnava independencia e vida,
E enchia a historia de clarões de aurora,
E enchia o mundo de fulgentes brilhos!...
Oh! Hespanha, onde estão teus grandes filhos?

Evoca. Rasga as pedras tumulares,
Quebra o ossario dos teus velhos soldados,
Ergue o lençol dos annos seculares,
Enche as cryptas poentas dos teus brados,
Chama. evoca outra vez, ó povo ingrato...
Responde o Cid?... Acode o Viriato??...

Os grandes capitães não vem. Passaram.
Não tens direito mais ao teu reclamo ;
Dormem. Podem dormir que trabalharam ;
Patria, que, ainda assim mesmo, eu tanto amo,
Porque emfim mesmo assim envilecida.
E's minha patria, oh ! eu te devo a vida.

Porque não fundaremos na justiça
Um grande imperio, Castellar bradava.
Temos sido o repasto da cobiça,
Hespanha, deixa emfim de ser escrava,
Oh ! patria de minha alma, Hespanha minha,
De ti mesma levanta-te rainha.

Acabemos de vez a vil tutela,
Dos que se creem legitimos senhores
De vós, soberbos filhos de Castella ;
Fujam de vez os velhos oppressores,
A lei por vós formada e vós aceite,
Seja o unico rei que se respeite.

Bella esperança que o porvir nos doura,
Berço, ninho de amor, que nos embala,
Mimosa e doce como a moça loura,
Que aos tenros filhos com carinho falla,
Ama te o velho, adora-te a criança,
Bello sol de alegria e de esperança.

Não temais, reis do mundo, o gladio della :
Não é a liberdade algoz tremendo ;
Como o sol passa em horas de procella
A face d'ouro em nuvens escondendo.
Mas sempre sol e rei da immensidade...
Assim é elle... o sol da liberdade....

Vejo-te Hespanha, soberana e bella,
Ao banquete da paz chamando os povos,
Firmando emfim galhardamente nella
A conquista dos teus direitos novos...
Viva a paz, que engrandece e que consola...
E' a paz a — Republica hespanhola. —

E o que é a paz? Sabei, ó hespanhóes;
E' o vosso salario ao lar fruido,
O campo roteado, o filho instruido.....
São estes os pacificos heróes,
Que hão de renhir batalhas á miseria,
E a luz plantar nos coruchéus da Iberia...» (1)

E' impossivel continuar a citação, por demasiado longa. O que ahi fica é mais que sufficiente para representar o estylo do poeta, quando elle era um sectario do condoreirismo.

Hoje sua maneira tem-se modificado no sentido do puro parnasianismo. Victor Hugo deixou de ser seu mestre; Leconte de Lisle exerce hoje esta funcção.

Creio poder concluir com segurança: O Dr. Luiz Delfino dos Santos não está destinado a representar na historia, como por ahi apregoaram em certa época admiradores seus, o primeiro papel, a primeira figura de nossa poesia. Bem longe d'isso. Tambem não ficará na posição inferior que ja um dia, em utilissima reacção, lhe assignalei. Na segunda fileira é talvez um dos primeiros.

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME.

---

(1) *Revista Brazileira*, Tomo 1.º, pag. 290 e seguintes.

INDICE

LIVRO IV.

Terceira epoca, ou periodo de transformação romantica (1830-1870 e annos proximos).

OBSERVAÇÃO

N'este livro escaparam á revisão bastantes erros que deixamos de indicar, pedindo d'esta falta desculpas ao leitor. Apenas notaremos á pag. 859, 1.ª linha ...*não esquecei os quadros*... por — *não esqueçais os quadros*... Assim tão grave, cremos que não existem outros.